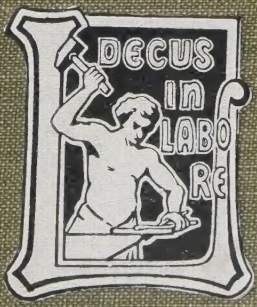
OBRAS PRIMAS da LITTERATURA PORTUGUEZA

SERMÕES

DO

Padre ANTONIO VIEIRA



OBRAS COMPLETAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

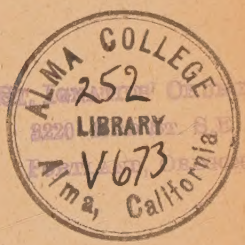
Obras completas do Padre ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME X

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
R. DAS CARMELITAS, 144

1908

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Composto em machina americana
((MERGENTHALER))

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA GRAÇA*

Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus. [1]

I

Este é o Evangelho que hoje nos propõe a Igreja: mas se eu houvera de fazer eleição, não havia de ser este o Evangelho. Se a festa é da graça, porque não seria o Evangelho tambem da graça? Que no dia da Conceição, no do Nascimento, no da Assumpção da Senhora nos não dê a Igreja Evangelho proprio, e que tenhamos os prégadores o trabalho de acommodar o Texto á festa, ou de desacommodar a festa por amôr do Texto, terrivel pensão é, mas forçosa, porque passaram os Evangelistas em silencio aquelles mysterios. Mas na festa da graça, que tão expressa e tão encarecida está no Evangelho? Verdadeiramente, que se a acommodação não fôra tão antiga, poderamos cuidar, que tambem aos Evangelhos abrangia a fortuna dos tempos: os que mais serviam, deixados: os que menos servem, acommodados. Não estava ahi graça e mais graça no Cap. II de S. Lucas? Não ouviriamos da bocca de Gabriel em termos claros: *Ave gratia plena?* Não ouviriamos da mesma bocca angelica: *Invenisti*

---

* Foi prégado este Sermão em Lisboa, na igreja de Nossa Senhora dos Martyres, no anno de 1651. E' um doutissimo panegyrico cujo exordio e toda a segunda parte fornece materia para muitos Sermões não menos praticos que instructivos, commenta Honorati. O estylo d'este Sermão é purissimo e toda a sua argumentação é cheia de novidade.

[1] *Joan*, XIX.

gratiam apud Deum? [1] Que melhores duas bazes e mais capazes para levantar sobre ellas o *non plus ultra* da graça de Maria, que estes dois grandes testemunhos do Anjo, um de cheia, outro de inventora da graça? E comtudo, que nos negue, ou nos dissimule a Igreja neste dia tão claras e tão duplicadas luzes da graça da Senhora, e quando vimos a ouvir e admirar as excellencias della, nos metta entre as sombras e eclipses do Calvario, e nos ponha diante dos olhos a cruz arvorada: *Stabat juxta crucem?!* [2]

Ora eu buscando a causa desta mysteriosa impropriedade (que não póde ser sem mysterio) e reparando com attenção na cruz levantada, e na Senhora em pé junto a ella, representou-se-me a cruz naquellas figuras em que tantas vezes a vemos significada no Testamento Velho: em figura de vara, e em figura de balança. Figura da cruz foi a vara de José adorada de Jacob; [3] porque já então o sagrado madeiro começava a ser venerado com adoração de latria. Figura da cruz foi a vara de Arão florescente; [4] porque havia de ter a cruz por remate o titulo de Nazareno, que quer dizer floridó. Figura da cruz foi a vara que tocou e accendeu o sacrificio de Gedeão; [5] porque com o seu contacto santificou o Redemptor a cruz, e nella consummou o maior sacrificio. Figura da cruz foi a vara de Assuero, [6] que estendida sobre Esther a livrou a ella e a todo seu povo da tyrannia de Aman, como a cruz a nós todos da sentença geral da morte. Figura da cruz foi a vara que sahiu de Sion, [7] para dominar todas as gentes e as pôr (como as tem posto a Cruz) sujeitas e rendidas aos pés de Christo. Figura foi, emfim, da cruz a vara de Moysés prodigiosa, a vara de Jonathas, que vertia mel, e, sobre todas, a vara de Jessé, de cujas raizes nasceu o fructo coroado e bemdito do ventre sacratissimo de Maria. [8]

---

1 *Luc.*, I, 30.
2 *Joan.*, XIX, 25.
3 *Gen.*, 47 e 31. *Hebr.* XI, 21.
4 *Num.*, XVII, 8.
5 *Juizes*, VI, 21.
6 *Esther*, V, 2.
7 *Psalm.* CIX, 8.
8 *Exod.*, IV, 2. *1.º Livr. dos Reis*, XIV, 27. *Isai.*, XI, 1.

E se a cruz erguida no Calvario foi figurada na vara; estendida, e com os braços abertos, não com menor propriedade, é figurada tambem na balança. Figura foi da cruz a balança de Job, em que elle symbolisando o Redemptor, de uma parte quiz se puzessem os nossos peccados, e da outra os seus tormentos. [1] Figura foi da cruz a balança de Jeremias, na qual o Propheta pezou authenticamente o preço da terra, em fé de que Deus a havia de restaurar do captiveiro dos Assyrios. [2] Figura foi da cruz a balança de Babylonia, em que Balthazar perdeu em uma hora a monarchia, e se passou toda a Cyro, chamado por antonomasia o Christo do Senhor. [3] Figura foi da cruz a balança de Isaias (como libra do firmamento) na qual, suspendida por tres dedos de Deus, toda a redondeza da terra peza um só atomo. [4] Figura foi em fim da cruz a balança de Ezechiel, em que elle pezou os seus cabellos, não juntos, mas divididos; [5] porque a cruz ha de ser no dia do Juizo aquella fiel balança, em que se hão de pezar os merecimentos bons ou máus, de todos os homens, sem que fique sem ser pezado nem um só cabello. E para que tudo nos estabeleça e confirme a mesma auctoridade que nos deu o Texto: a da Igreja, que é a mais qualificada de todas, assim o canta: *Adsunt prodigia divina in virga Moysis primitus figurata:* eis ahi a cruz figurada na vara. *Statera facta corporis, tulitque prædam Tartari:* eis ahi a mesma cruz figurada na balança.

Sendo pois a cruz vara, e sendo balança, já se descobre o grande mysterio, que ao principio nos parecia impropriedade, e já se vê com quanta elegancia e energia se nos mostra a Virgem Santissima junto á cruz, quando buscamos motivos sobre que celebrar sua graça. Como se a mesma Igreja, que applicou o Evangelho, o explicara e nos dissera: Quereis conhecer a grandeza, quereis comprehender a immensidade da graça de Maria: eis ahi a vara por onde a haveis de medir, eis ahi a balança com que a haveis

---

1 *Job.*, VI, 2.
2 *Jerem.*, XXXII, 11.
3 *Dan.*, V, 27.
4 *Isai.*, XL, 13.
5 *Ezech.*, V, 1.

de pezar: *Stabat juxta crucem.* Medir e pezar a graça de Maria será hoje o meu assumpto. Mas quem poderá medir o immenso, quem poderá pezar o incomprehensivel? Só na hastea da cruz, onde Deus esteve estêndido, se póde medir: só nos braços da cruz, onde Deus esteve pendente, se póde pezar. Ao medir sei de certo que haveis de ficar admirados; ao pezar desejara eu muito que ficaramos confundidos. Para tudo nos é necessaria a mesma graça. *Ave Maria.*

II

Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus

Estava junto da cruz de Jesus, sua Mãe. Não temos dito nada. Eis aqui por onde se havia de medir a graça da Senhora. Havia-se de medir pela Maternidade, e não pela cruz: pelo *Mater ejus*, e não pelo *juxta crucem;* porque o ser mãe de Deus é a medida mais cabal da graça de Maria. S. João Damasceno, S. Epifanio, S. Agostinho, S. Bernardo, S. Boaventura... mas para que é nomeal-os? Todos os Padres, todos os Doutores, quanto mais ponderam, quanto mais encarecem; e quanto mais querem dar a conhecer a graça da Senhora, medem-na pela Maternidade de Deus. Teve tambem graça Maria, quanta era bem que tivesse a que era digna Mãe de Deus. Isto dizem todos os Doutores, e aqui param todos os encarecimentos. Mas com licença de todos, ajudado com o favor da mesma Senhora, para maior gloria de sua graça, determino dizer della hoje o que atégora se não disse. Digo que o ser Maria Mãe de Deus, não é bastante medida para nos dar a conhecer a grandeza da sua graça, porque a graça de Maria foi maior graça que graça de Mãe de Deus. Torno a dizer e explico-me mais. Podéra a Senhora ser Mãe de Deus com toda a graça necessaria e proporcionada áquella dignidade, e não ter tanta graça quanta teve: logo a graça de Maria é maior graça que graça de Mãe de Deus: logo a Maternidade de Deus, absolutamente considerada, não é bastante medida da graça de Maria. Como este modo de dizer é tão novo, e hoje a primeira vez que sáe a publico,

para que vá assentado sobre os fundamentos mais solidos, haveis-me de dar licença que discorra um pouco ao escolastico. Uma vez na vida bem se soffre.

Argumento assim. Quando a Virgem Maria concebeu em suas entranhas o Verbo Eterno, encheu Deus a Senhora de tanta abundancia de graça, quanta era bem que tivesse a que desde aquelle ponto era digna e verdadeira Mãe sua. Isto quiz significar o Anjo quando disse: *Ave gratia plena:* e assim o declara S. Thomaz: *Dicitur gratia plena, quia, scilicet, habuit sufficientem gratiam ad statum illum, ad quem electa est à Deo, scilicet, ut esset Mater Unigeniti ejus. Sed sic est*, que a Senhora, depois do mysterio da Encarnação, e principalmente ao pé da cruz, mereceu e cresceu incomparavelmente na graça: logo a graça da Senhora foi maior graça, que graça de Mãe de Deus absolutamente considerada. E' tão evidente a força deste argumento, que movidos sem duvida delle o subtilissimo Escoto, S. João Damasceno, Guerrico Abbade, e alguns outros Padres e Theologos, vieram a ter opinião, que a Senhora, desde o ponto em que concebeu o Verbo Divino, não crescera mais em graça. A sua consequencia era boa, se a supposição fôra verdadeira. Suppunham que a Senhora não tivera mais graça, que a graça proporcionada á de Mãe de Deus: logo, se a Senhora, no instante da Encarnação, teve toda a graça que era proporcionada áquella dignidade, bem se seguia que não podia crescer mais na graça. Sendo porém certo (como é sentença commum dos Theologos, e o prova larga e doutamente o Padre Soares) que a Senhora cresceu sempre na graça; segue-se logo que teve maior graça, que graça de Mãe de Deus.

Mais. Em caso que Adão não peccara, como podia não peccar, perguntam os Theologos, se havia Deus de fazer-se homem? E resolvem mais commummente, que sim. Neste caso a Virgem Senhora nossa havia de ter graça proporcionada á dignidade de Mãe de Deus, e comtudo não havia de ter muita parte da graça que hoje tem. Provo. Porque naquelle estado não havia de haver os desamparados do Prezepio, nem as perseguições de Herodes, nem os desterros do Egypto, nem a espada de Simeão, nem as peregrinações da Judea: não havia de haver pretorio de Pilatos, nem Calvario, nem cruz, nem espinhos, nem lança, nem soledades, nem outras tantas occasiões de padecer e

merecer, que foram consequencias do peccado de Adão. E' verdade que em logar destes actos sempre a Virgem havia de fazer outros muito dignos de graça, mas não haviam de ser tão meritorios como estes, como tambem o não foram outros que a mesma Senhora fez em sua vida. Bem se infere logo, que a Senhora teve maior graça do que houvera de ter se Adão não peccara. E comtudo, se Adão não peccara, havia a Senhora de ser verdadeira Mãe de Deus com a graça proporcionada áquella dignidade. Teve logo maior graça, que graça de Mãe de Deus. Toda esta doutrina é mais conforme á de S. Paulo, o qual diz que o peccado de Adão foi occasião de maior graça: *Ubi abundavit delictum, superabundavit et gratia.* [1] Se Adão não peccara, fôra a Senhora Mãe de Deus com graça abundante, e porque peccou, foi Mãe de Deus com graça superabundante: *Superabundavit et gratia.*

Mais. Assim como encarnou a segunda Pessoa da Santissima Trindade, assim pudéra tambem encarnar a terceira. Supponhamos, pois, que o Espirito Santo se fez homem: neste caso havia de haver duas Mães de Deus: uma a Virgem Maria, e outra, a Mãe do Espirito Santo; e comtudo a Mãe do Espirito Santo não havia de ter tanta graça como teve a Virgem Maria: logo a Virgem Maria tem mais graça que a de Mãe de Deus absolutamente. E que a Mãe do Espirito Santo não houvesse de ter tanta graça, prova-se: (porque, como ensina a Theologia, os Santos Padres, e a razão da Providencia Divina) Deus dá a graça conforme os officios para que elege: e a Mãe do Espirito Santo, ainda que havia de ser rainha dos homens e dos Anjos, soberana Senhora de todo o creado, não havia porém de ter outros officios de grande dignidade e merecimento que teve a Virgem Maria; porque como o mundo estava já remido, não havia de ser reparadora dos erros de Eva; não havia de ser Co-Redemptora, ou quando menos, coadjuctora da Redempção; não havia de ser successora de Christo na propagação da fé, Mestra dos Apostolos, e primeira e suprema Luz da Igreja, e outros titulos similhantes, de cujos exercicios resultavam grandes augmentos de graça. Nem é in-

[1] *Ad Rom.*, v, 20.

conveniente considerar que haveria uma Mãe de Deus, que tivesse menos graça que outra; porque tambem a humanidade do Verbo tem hoje alguma prerogativa de gloria, que não havia de ter no tal caso a humanidade do Espirito Santo; porque quando menos havia Christo de ser singular naquella gloria incomparavel de Redemptor, de que falla S. Paulo: *Factus obediens usque ad mortem: mortem autem crucis. Propter quod et Deus exaltavit illum: et donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* [1] Pois se havendo dois Homens Deus, um delles havia de ter maiores prerogativas de gloria; que muito é, que havendo duas Mães de Deus, uma dellas tivesse maiores prerogativas de graça?

Mais. Dizem graves Auctores, que quando Christo ia subindo o monte Calvario com a cruz ás costas, viu-o a Senhora, e no mesmo ponto cahiu desmaiada e amortecida: e dizem que ainda hoje se vêem vestigios de um templo edificado naquelle logar com o nome de Espasmo. Não me metto a averiguar verdades desta historia. Mas supponhamos que foi assim, e que a Senhora, ou neste passo, ou no de vêr pregar, ou levantar, ou espirar na cruz ao Filho que amava intimamente mais que a si mesma, não só ficou amortecida, senão totalmente morta de dôr. Pergunto: Morrendo a Senhora naquelle estado, havia de ter graça e gloria de Mãe de Deus? Claro está que sim: e comtudo não tinha ainda a graça que havia de merecer ao pé da cruz, nem a que mereceu depois por todo o espaço de sua vida, enriquecida de admiraveis actos de intensissimo amôr de Deus, e de todas as virtudes: logo na cruz, e nas consequencias da cruz (que tudo foram consequencias suas, como logo veremos) cresceu a Senhora a maior graça, que graça de Mãe de Deus.

Parece que temos provado com razões; mas que é dos Auctores? E que culpa lhe tenho eu, se elles não trataram este ponto? Mas já que não temos auctores homens, teremos auctores Anjos: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol?* [2] Quem é esta, dizem os Anjos nos Can-

[1] *Ad Philip.*, II, 8 e 9.
[2] *Cant.*, VI, 9.

ticos, fallando com a Senhora, que se vem levantando como aurora, formosa como a lua, e escolhida como o sol? A tres luzes comparam aqui os Anjos a Senhora; á luz da aurora, á luz da lua, á luz do sol. Destas tres luzes, uma entendo, duas não entendo. Que se compare a Senhora á luz da aurora, grande propriedade tem, porque assim como da aurora nasce o sol, assim da Virgem Maria nasceu o Sol de Justiça, Christo. Mas que depois de comparada á aurora a Senhora, a comparem tambem á lua e ao sol? Isto não entendo. O sol tem maior luz que a aurora, a lua tem menos luz que a aurora: pois se a Virgem está comparada á aurora, que é luz propria da Mãe do sol, porque a comparam tambem ao sol que tem mais luz, e á lua que tem menos luz? Por isso mesmo. Porque a Senhora, comparada em differentes estados de sua vida, em um teve graça egual á graça de Mãe de Deus; em outro teve menor graça, que graça de Mãe de Deus; em outro teve maior graça, que graça de Mãe de Deus. Na Encarnação teve graça egual á de Mãe de Deus, por isso aurora; antes da Encarnação teve graça menor, que graça de Mãe de Deus, por isso lua; depois da Encarnação teve graça maior, que graça de Mãe de Deus, por isso sol: *Quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol.*

E porque totalmente entre as vozes angelicas não falte alguma humana, porei aqui as palavras de um dos maiores Mestres da escóla de S. Thomaz (posto que tambem é angelica) o doutissimo Scotto: *Fuit quidem gratia plena ante conceptionem Filii, quantum par erat, ut fieret Christi Mater: attamen gratia illa non fuit eo modo summa, ut non posset deinceps meritis augeri.* Tinha dito S. Thomaz, que a graça da Senhora na Conceição e Encarnação do Verbo fôra consummada. E explica este grande Theologo o modo com que foi consummada ou summa. Foi consummada e summa, porque recebeu na Conceição do Verbo toda aquella enchente de graça que era necessaria para ser digna Mãe de Deus; mas não foi de tal maneira summa e consummada, que d'ahi por diante não podesse crescer em maior merecimento e graça, como verdadeiramente cresceu. Poz as premissas Scotto, e só lhe faltou tirar a consequencia: logo a graça de Maria foi maior graça que de Mãe de Deus, precisa e absolutamente considerada. Mas respondendo a uma só objecção que tem esta

theologia (e á primeira vista não facil de desatar) ficará mais conhecida a verdade gloriosa della.

III

A Senhora não teve mais graça, que a graça para que foi predestinada: foi predestinada para Mãe de Deus, com a graça competente áquella soberana dignidade: logo não teve mais graça, que graça de Mãe de Deus. Que a Senhora não tenha mais graça, que a graça para que foi predestinada, é certo; mas por isso mesmo teve mais graça, que a de Mãe de Deus precisamente. Porque? Porque foi predestinada para mais que Mãe, e para mais que de Deus. Ora vêde. Foi predestinada para mais que Mãe; porque foi predestinada para Mãe atormentada, para Mãe affligida, para Mãe mortificada, e para Mãe crucificada, como o foi com seu Filho: *Juxta crucem:* E tormentos, afflicções, angustias, martyrios, cruzes, não entram no conceito preciso de Mãe: são de mais a mais: foi logo a Virgem predestinada para mais que Mãe. E foi tambem predestinada para Mãe mais que de Deus: porque Deus de que foi Mãe a Virgem Maria, foi Deus Redemptor, Deus passivel, Deus crucificado, Deus morto, Deus sepultado. E redempção, passibilidade, cruz, morte, sepultura, não entram no conceito preciso de Deus homem: são outros excessos muito maiores: logo foi a Senhora predestinada para Mãe mais que de Deus. E como a Senhora foi predestinada para mais que Mãe, e para Mãe mais que de Deus, por isso a graça, para que foi predestinada foi, tambem, maior graça, que graça de Mãe de Deus.

Declaremos bem este ponto em todo o rigor da theologia. O mysterio da Encarnação do Verbo foi determinado *ab æterno* por dois decretos, um antes, outro depois da previsão do peccado de Adão. Antes da previsão do peccado foi decretado que o Filho de Deus se fizesse homem, sem outro fim por então mais que o da gloria divina, e para que fosse suprema cabeça do genero humano, e causa final e exemplar de todos os predestinados, como diz S. Paulo: *Quos præscivit, et prædestinavit conformes fieri imaginis Filii sui: ut sit ipse prmogenitus in multis fratribus: ut sit*

in omnibus ipse primatum tenens. [1] Depois da previsão do peccado estendeu-se o decreto divino, a que o Filho de Deus se fizesse não só homem absolutamente, senão homem em carne passivel, para que pudesse padecer e morrer, e para que por meio da morte de cruz, e do preço de seu sangue, fosse glorioso Redemptor do mesmo genero humano, de que já era Senhor. como diz tambem S. Paulo: *Decebat enim eum, propter quem omnia, et per quem omnia, qui multos filios in gloriam adduxerat, auctorem salutis eorum per passionem consummare.* [2]

Estes dois decretos com propriedade atégora não advertida, declarou admiravelmente o Propheta Micheas. Tinha prophetisado Micheas, que o Messias havia de nascer em Belem, e accrescenta logo, que assim como havia de sahir em tempo ao mundo, assim tinha sahido *ab æterno* da mente divina: *Egressus ejus ab initio à diebus æternitatis.* [3] Mas o que atégora fazia a difficuldade, era que a palavra *egressus* não é do singular, senão do plural, e não quer dizer *sahida*, senão *sahidas: Egressus, idest, egressiones.* Assim se lê no Texto hebreu, e no grego. Pois se o Verbo em tempo sahiu uma só vez ao mundo; ao sahir da eternidade, em que foi decretada e predestinada esta mesma sahida, porque lhe não chama o Propheta *sahida*, senão *sahidas: Egressiones ejus?* Porque propriamente assim foi, e assim o havia de dizer o Propheta. Christo sahiu da mente de Deus *ab æterno*, não só uma, senão duas vezes predestinado: a primeira vez antes do peccado de Adão, predestinado para homem; a segunda vez depois do peccado, predestinado para homem mortal e passivel. E como os decretos da predestinação foram dois, um posterior ao outro, por isso as sahidas foram tambem duas, e por conseguinte *sahidas*, e não *sahida: Egressiones ejus ab initio.*

As palavras que se seguem, accrescentam e declaram maravilhosamente o mysterio: *Ab initio à diebus æternitatis.* Estas duas sahidas, diz o Propheta, que foram lá no principio desde os dias da eternidade. Pois lá nesse principio sem principio da eterni-

---

[1] *Rom.*, VIII, 29. *Colos.*, I, 18.
[2] *Ad Heb.*, II, 10.
[3] *Mich.*, V, 2.

dade houve dias? Ha se de entender e suppôr que sim, pois o Propheta o diz. E se houve dias, que dias foram estes? Foram as duas luzes da sciencia, ou presciencia divina, que segundo a ordem dos decretos se distinguem em Deus, as quaes necessariamente haviam de preceder aos mesmos decretos. Notae agora, ainda os que não sois theologos. Para haver dias, ao menos hão de ser dois: e para haver dois dias, regularmente ha de haver uma noite entre elles. E tudo isto houve no caso em que estamos; porque entre o dia do primeiro decreto da Encarnação, e o dia do segundo decreto, houve a noite do peccado de Adão em meio. No primeiro dia antes da previsão do peccado, em que só tinha amanhecido a luz da sciencia condicionata, foi predestinado Christo para homem: no segundo dia depois de previsão do peccado, em que já havia a luz da sciencia de visão, foi predestinado para homem passivel. E estes foram os dois dias, e as predestinações, com que não uma, senão duas vezes sahiu Christo *ab æterno* da mente de Deus: *Egressiones ejus ab initio à diebus æternitatis.*

Ao nosso intento agora. No primeiro decreto em que Christo foi predestinado sómente para homem, foi tambem predestinado para a graça e gloria competente a um Homem, que juntamente era Filho Unigenito de Deus: *Gloriam quasi unigeniti à Patre plenum gratiæ.* [1] No segundo decreto em que foi predestinado para Homem mortal e passivel, não foi predestinado para maior graça, nem para gloria essencial; porque era comprehensor; mas para maior gloria, e maior corôa accidental, merecida pela morte: *Videmus Jesum propter Passionem, mortis gloria, et honore coronatum.* [2] E isto que passou *ab æterno* na predestinação do Filho, é o que havemos de philosophar pelos mesmos passos na predestinação da Mãe. No primeiro decreto antes da previsão do peccado, foi a Virgem Maria predestinada absolutamente para Mãe de Deus Homem, e para toda aquella eminencia de graça e gloria não egual, mas proporcionada, que a tão altissima dignidade era devida, a qual na execução lhe havia de ser dada pelos merecimentos do seu mesmo Filho. No segundo de-

[1] *Joan.*, I, 14.
[2] *Ad Heb.*, II, 9.

creto depois da previsão do peccado, foi predestinada, não para Mãe de Deus Homem (que essa dignidade já a tinha pelo primeiro decreto) senão para Mãe e companheira desse Deus Homem mortal e passivel: e aqui lhe foram accrescentados todos aquelles excessos de graça e gloria que a Senhora mereceu por todos os actos de sua vida, que se seguiram á passibilidade e mortalidade de Christo, e á redempção custosissima do genero humano por meio da morte de cruz. Tornem os Anjos, que são hoje os nossos doutores.

Viam os Anjos admirados subir a sua Rainha e Mãe de Deus para o céu, e diziam assim: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum, sicut virgula fumi ex aromatibus mirrhæ, et thuris?* [1] Quem é esta que vae subindo da terra, como sobe direito o fumo aromatico, composto de incenso e mirrha? Angelica comparação! O incenso significa em Christo o divino, e a myrrha o mortal: e esse foi o mysterio com que os Magos, quando entrou neste mundo, lhe offereceram incenso e myrrha: o incenso como a Deus, a myrrha como a mortal e passivel: *Quia Deum, et passibilem credebant*, diz S. Anselmo. Sobe, pois, a alma da Virgem, como composição abrazada de incenso e myrrha, que deixando as cinzas na terra, sobe em fumo direita ao céu; porque a graça com que a Senhora subiu a ser exaltada na gloria, parte lhe foi concedida por Christo, em quanto Deus humanado, como a Mãe, e parte em quanto mortal e passivel, como a companheira de todos seus trabalhos. A primeira foi a graça da maternidade, e essa merecida por obsequios ou sacrificios de incenso: a segunda foi a graça da cruz, e essa merecida por tormentos ou sacrificios de myrrha. Mas em qual destas duas graças esteve a Senhora mais crescida em graça? Na da maternidade, ou na da cruz? Na do incenso, ou na da myrrha? No mesmo Texto dos Cantares o temos: *Vadam ad montem myrrhæ, et ad collem thuris:* [2] Irei ao monte da myrrha, e ao oiteiro do incenso. A graça da myrrha é da cruz, chama-se monte; a graça do incenso é da maternidade, chama-se oiteiro: porque ainda que a Senhora por Mãe de Deus precisamente alcançou toda a graça que era pro-

[1] *Cant.*, III, 6.
[2] *Ibid.*, IV, 6.

porcionada áquella altissima dignidade; comtudo pela assistencia e companhia que fez a esse mesmo Deus passivel na cruz, e pelos immensos trabalhos que padeceu com elle e depois delle na obra da Redempção, foi tanta a graça que lhe accresceu a Maria sobre essa graça, que a primeira por si só parecia um oiteiro, e a segunda sobre a primeira um monte: *Vadam ad montem myrrhæ, et ad collem thuris.* Não quero dizer, que consideradas separadamente estas duas graças, fosse maior a da cruz, que a da maternidade; mas quero dizer, que posta a da cruz sobre a da maternidade, ficou grandemente maior a graça da Senhora do que d'antes era; e que esta ha de ser a medida de sua graça: não medida pelo *Mater ejus* precisamente, senão sobre o *Mater ejus* pelo *juxta Crucem. Stabat juxta Crucem Jesu Mater ejus.*

IV

Já vejo que me concedem todos, que a graça da Senhora se não mede pelo *Mater ejus* bastantemente; mas pelas mesmas razões me podem dizer tambem, que se não mede cabalmente pelo *juxta crucem;* porque a graça da Senhora não só cresceu no dia da Paixão, em que a Virgem esteve ao pé da cruz, mas por todo o tempo de sua vida. Assim é verdade que cresceu a graça da Senhora em todo o tempo de sua vida: mas os augmentos da graça que a fizeram maior que de Mãe de Deus, só foram os da cruz. A graça que a Senhora mereceu pelos outros actos de toda sua vida, pertencem á graça da maternidade, porque o conceito de Mãe de Deus precisamente inclue vida perfeitissima e santissima: mas a graça que a Senhora mereceu pelo mysterio da cruz, e pelos actos pertencentes á Redempção, são excessos que accresceram sobre a graça da maternidade; porque no conceito de Mãe de Deus precisamente não se inclue Redempção, nem cruz: logo só pela cruz, e não pela maternidade, se ha de tomar a medida á graça da Senhora, ou só pela cruz, e não pela maternidade, se póde comprehender o immenso de sua graça.

A graça da Senhora é comparada ao elemento da agua, por sua immensidade. Este foi o mysterio do nome que Deus deu ao elemento da agua no principio

do mundo: *Congregationes aquarum vocavit Deus maria. Locus autem omnium gratiarum vocabitur Maria:* diz S. Alberto Magno: á congregação das aguas chamou-lhe Deus *maria*, e ao logar onde se ajuntaram todas as graças, chamou-lhe *Maria*. Em seguimento desta mesma metaphora é muito de reparar os dois termos com que no Testamento Velho se figuram a maternidade da Senhora e a cruz de Christo. A' maternidade da Senhora chama-se náu, á cruz de Christo chama-se arca de Noé. A' maternidade da Senhora chama-se náu, porque nella se embarcou desde o outro mundo o pão que nos trouxe a vida á terra: *Facta est quasi navis institoris de longe portans panem suum.* [1] A' cruz chama-se arca de Noé, porque nella, como em outra arca de Noé, se salvou o genero humano do naufragio universal do mundo: *Sola digna tu fuisti ferre mundi victimam, atque portum præparare arca mundo naufrago.* De maneira que a graça da Senhora é o elemento da agua; a maternidade é a nau; a cruz é a arca de Noé. E que differença tem sobre o elemento da agua a náu e a arca? A differença é que a náu navega pelo mar, e a arca navegou pelo diluvio. Tal foi a graça da Senhora comparada com a maternidade e com a cruz: debaixo da maternidade foi mar, debaixo da cruz foi diluvio. Debaixo da maternidade foi mar, que tem por limite as praias; debaixo da cruz foi diluvio, que tem por balizas os horizontes.

Assim foi, e assim havia de ser necessariamente, porque a graça que a Senhora mereceu ao pé da cruz, foi egual á sua dôr: a dôr foi tão grande como o mar: *Magna est velut mare contritio tua.* [2] E um mar sobre outro mar já não é mar, é diluvio. Ao mar só o póde fazer crescer outro mar: os rios estão continuamente correndo ao mar, e elle não cresce: *Omnia flumina intrant in mare, et mare non redundat.* [3] Tal foi a graça da maternidade da Senhora, diz S. Boaventura: *Maria dicitur mare propter fluentiam, et copiam gratiarum; unde dictum est, omnia flumina intrant in mare, dum omnia charismata Sanctorum intrant in Ma-*

---

[1] *Prov.*, XXXI, 14.
[2] *Thren.*, II 13.
[3] *Eccles.*, I, 7.

riam. A graça da Senhora na maternidade foi um mar a que correram e concorreram todas as graças que Deus repartiu por todos os Santos; mas como todas estas graças não eram mais que rios, ainda o mar ficou mar, e não passou a graça da Senhora os limites da graça de Mãe de Deus: porém ao pé da cruz, como se abriram as fontes dos abysmos, como se rasgaram as cataractas do céu, como choveu um mar sobre outro mar; cresceu tanto a graça da Senhora sobre si mesma, que sahiu o mar da madre, e sobrepujando a graça os limites da maternidade, foi maior que graça de Mãe de Deus.

Verdadeiamente que todos estes excessos de graça os mereceu bem a Senhora ao pé da cruz; porque justo era que fosse ao pé da cruz mais que Mãe na graça, a que foi ao pé da cruz mais que Mãe na fortaleza. O mais ordinario deste Evangelho, e ainda o maior escrupulo, ou a maior lastima delle, são aquellas palavras de Christo, mais seccas do que parece as dictava a occasião: *Mulier, ecce Filius tuus.* [1] Mulher, eis ahi teu Filho. Duro caso, que um tal Filho a tal Mãe, em tal occasião lhe negue o nome de Mãe! Noto eu, que nas poucas palavras deste Evangelho, chamou S. João quatro vezes á Senhora Mãe de Christo: *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus:* uma; *et soror Matris ejus;* duas: *cum vidisset Matrem;* tres: *dixit Matri suæ;* quatro. Pois se o Discipulo chama á Senhora quatro vezes Mãe de Christo em quatro palavras; o mesmo Christo, em uma só que lhe fallou, porque lhe não chamou Mãe? Antes que respondamos a esta duvida da Mãe, temos a mesma demanda no Pae. Pouco havia que tinha acabado Christo de dizer: *Mulier, ecce Filius tuus:* Levanta os olhos ao céu, e diz: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* [2] Deus meu, Deus meu, porque me desamparastes? No *desamparastes* reparam todos: eu não reparo senão no *Deus meu.* Não fôra mais razão que dissera Christo: Pae meu, Pae meu? Parece, que sim; ao menos assim o fez o Senhor nos outros actos da Paixão: quando orou no Horto, Pae: *Pater, si possibile est:* [3] quando rogou pe-

---

[1] *Joan.*, XIX, 26.
[2] *Math.*, XXVII, 46.
[3] *Ibid.*, XXVI, 36.

los inimigos, Pae: *Pater, ignosce illis:* quando encommendou o espirito, Pae: *Pater, in manus tuas.* [1] Pois se em todas as outras occasiões chama Christo Pae a seu Padre, agora porque lhe nega o nome de Pae? Seria por ventura por dar satisfações á Mãe? Não eram necessarias satisfações, onde não havia queixas: mas foi porque no Pae e na Mãe havia as mesmas causas. Dae attenção a este parallelo.

Pregado Christo na cruz, olhava para o céu, e via que o Pae o entregára á morte tão despegadamente, como se não fôra Pae: virava os olhos para a terra, via a Mãe, que o offerecia a Deus tão generosamente, como se não fôra Mãe: tanto assim (diz Ruperto) que se fôra vontade de Deus, a mesma Senhora por suas proprias mãos crucificára a seu Filho. E como estas finezas de constancia, assim de Pae como de Mãe, eram occultas aos homens, para as manifestar, o Filho que só as via, que fez? Callou os nomes do affecto, e publicou os nomes da natureza: e para mostrar que o Pae se portava como se não fôra Pae, chamou-lhe Deus; e para mostrar que a Mãe se portava como se não fôra Mãe, chamou-lhe mulher. O que disse ao Pae, parecia queixa, e foi elogio: o que disse á Mãe, parecia sequidão, e foi panegyrico. Como se dissesse o Filho de Deus e da Virgem: saiba o mundo que é tanta a inteireza de meu Pae, que sendo Pae e Deus, me deixou, como se não fôra Pae: saiba o mundo que é tanta a fortaleza de minha Mãe, que sendo Mãe e mulher, me sacrifica, como se não fosse Mãe. Ambos foram louvores grandes; mas, com licença do Padre, o da Senhora foi maior. O Pae portou-se como se não fôra Pae, mas era Deus: *Deus meus:* a Mãe portou-se como se não fôra Mãe, e era mulher: *mulier.* O Pae tinha contra si o affecto, mas tinha por si a natureza: a Mãe tinha contra si a natureza, e mais o affecto; porque sobre a ternura de mulher, tinha a piedade de Mãe. Oh que armas tão desegnaes! Mas que victoria? Estava a humanidade da Senhora ao pé da cruz, feita um espelho da divindade do Padre, retratando em si tudo o que lá passava: o Padre como quem não tinha nada de humano; a Mãe como se fôra toda divina: o Pae immovel, a Mãe immovel: o Pae firme, a

[1] *Luc.*, XXIII, 46.

Mãe constante: o Pae insensivel, a Mãe como se não sentira: o Pae impassivel, a Mãe como se o não fôra: e elle porque o era, ella porque o parecia. Oh Deus! Oh mulher! que chegasse uma Mulher pela paciencia aonde chegou Deus pela impassibilidade! *Per patientiam impassibilis*, diz S. Boaventura. Chame-se pois Mulher, e não se chame Mãe, a que se portou como se não fosse Mãe, e já que é mais que Mãe na constancia, seja mais que Mãe na graça.

A Abrahão porque sacrificou seu filho, como se não fosse Pae, deu-se-lhe por premio que fosse Pae de Deus: *In semine tuo benedicentur omnes gentes:* [1] á Senhora que sacrificou seu Filho, como se não fosse Mãe, que premio se lhe havia de dar? Se não fôra Mãe de Deus dera-se-lhe de premio, que o fosse. Mas como já era Mãe de Deus, não lhe ficou a Deus outro premio que lhe dar, senão que tivesse mais graça, que graça de Mãe de Deus. A maternidade lhe deu graça de Mãe de Deus; a cruz lhe deu maior graça, que de Mãe de Deus: não se mede logo bem a sua graça pela maternidade, senão pela cruz; não pelo *Mater ejus*, senão pelo *juxta crucem*.

V

Parece-me que temos medido: segue-se agora que pezemos. Ha coisas que avultam muito e pezam pouco. Já temos visto quão grande é a graça da Senhora; importa agora vêr quanto peza. Somos entrados na mais grave e importante materia que se póde tratar neste logar — pezar a graça de Deus. Todas as vezes que considero a facilidade com que os homens perdem a graça de Deus, o esquecimento della com que vivem, e ainda o descuido com que morrem, não acho outra causa a esta cegueira senão a falta do verdadeiro conhecimento, e não chegarem os homens a pezar que coisa é graça de Deus. A graça de Deus é espiritual, nós somos carne: a graça é sobrenatural, nós em tudo seguimos a natureza: a graça não se vê, não se ouve, não se apalpa; nós não sabemos perceber senão o que

[1] *Gen.*, XXVIII, 14.

entra pelos sentidos. D'aqui vem, que não pezamos a graça, nem a conhecemos, nem a percebemos, nem ainda a podemos nem sabemos pezar como convem. Isto quizera eu que fizeramos hoje. Mas que coisa ha no mundo de tanto pezo, que se possa pôr em balança com a graça de Deus? Se discorreramos por todos os estados do mundo, fôra materia muito proveitosa, mas infinita. Para a comprehendermos toda em termos breves, reduzil-a-hei aos quatro estados que hoje se acham ao pé da cruz com Christo: a Virgem Maria: *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus:* Maria Cleophas; *et soror Matris ejus Maria Cleophæ:* Maria Magdalena; *et Maria Magdalene:* e o Discipulo amado; *et Discipulum stantem, quem diligebat.* Nestas quatro notaveis pessoas se acham as quatro coisas que na opinião dos homens costumam ser de mais pezo. Cada um irá pondo em balança o que lhe couber. Comecemos por S. João.

O titulo porque se nos dá a conhecer S. João neste Evangelho, é pelo seu valimento: *Quem diligebat Jesus.* Valido do maior Principe do mundo, valido do Rei dos Reis. Posto pois em balança o valimento do maior Principe, posta em balança de uma parte a graça dos reis, e da outra a graça de Deus, qual peza mais? Se houvermos de estar pelo juizo commum dos homens, mais peza a graça dos reis. Digam-no aquelles que tantas vezes por contentar aos principes, atropelam a graça de Deus! Moysés deixou a graça d'El-rei Pharaõ, por servir a Deus: mas vêde o que diz S. Paulo desta acção: *Magis eligens affligi cum populo Dei, quam temporalis peccati habere jucunditatem:* [1] que Moysés, por amôr de Deus, desprezou o contentamento do peccado temporal. Notavel dizer! Chamá o Apostolo á graça d'El-rei Pharaõ peccado temportal. E é curiosidade digna de se averiguar a razão porque um espirito tão bem entendido como o de S. Paulo, deu á graça dos reis este nome e este sobrenome. Peccado, e temporal, a graça dos reis? Sim: Chama-se temporal, porque a graça dos reis nunca dura muito tempo; e chama-se peccado, porque assim como o peccado lança fóra da alma a graça de Deus, assim a graça dos reis e a de Deus, difficulto-

[1] *Hebr.*, XI, 25.

samente podem andar juntas. Quaes são as artes commummente dos que andam junto dos reis? A lisonja, a ambição, a calumnia, a inveja, o chegar um e desviar outro, o levantar estes e derrubar aquelles, o tratar da conservação propria, sem reparar na vida, na honra, no estado, na successão, na ruina alheia. E com isto póde-se conservar a graça de Deus? Claro está que não. Pois por isso a graça de Deus e a dos reis, ou não andam, ou difficultosamente podem andar juntas. Esta é, a meu juizo, a maior desgraça dos reis: que os que andam na sua graça, andam ordinariamente fóra da graça de Deus. O que se trata por mãos de quem anda fóra da graça de Deus, como o póde ajudar Deus? Dir-me-heis que sim, que a graça dos reis é peccado, e temporal, pois lh'o chama S. Paulo; mas que esse tempo que dura não se póde negar que é peccado doce, e da casta daquelles que trazem grande gosto comsigo. O mesmo S. Paulo o disse: *Temporalis peccati habere jucunditatem:* não quiz ter o gosto do peccado temporal. Ora com todo esse gosto, olhemos bem para o fiel da balança, e veremos qual das duas graças peza mais.

A graça dos principes não vos prégarei eu, que não é muito pezada e muito contrapezada; mas é de muito pouco pezo. Seja esta a primeira differença entre a graça de Deus e a graça dos reis. A graça de Deus é a coisa de maior pezo, e não é pezada: a graça dos reis é uma coisa que peza muito pouco, e é pezadissima. A graça dos reis para se conservar, quantos cuidados custa? a graça de Deus é um descuido de tudo o mais, e só a podem offender outros cuidados. A graça dos reis é um alvo a que se tiram todas as settas: a graça de Deus é um escudo que nos repara de todas. A graça dos reis muitas vezes é conveniencia, outras necessidade, algumas gosto, e sempre tem poucos quilates de vontade: a graça de Deus, como Deus, não depende, nem ha mister, toda é amôr. A graça dos reis, por muito que levante ao valido, sempre o deixa na esphera de vassallo: a graça de Deus sobe o homem á familiaridade de amigo, á dignidade de filho, e á similhança de si mesmo. A graça dos reis não vos dá parte da corôa: a graça de Deus é participação de sua divindade. A graça dos reis, ainda que deis o sangue por elles, não basta para a alcançardes: a graça de Deus, deu Deus o sangue por

vós, só para vol-a dar. A graça dos reis, se é grande, é de um só; se é de mais que de um, é pouca e de poucos: a graça de Deus é de todos os que a querem, põe-lhe a medida o amôr, e não a diminue a companhia. A graça dos reis nem é para perto nem para longe, porque de perto enfastiaes, de longe esqueceis: a graça de Deus nunca tem longes, e quanto estaes mais perto de Deus, tanto estaes mais seguro na sua graça. A graça dos reis é data da fortuna; a graça de Deus é premio do merecimento; e esta só propriedade, quando não houvera outra, bastava para a fazer de summa estima. A graça dos reis, ainda que façaes pela merecer, nem por isso a conseguis; antes muitas vezes a logram mais os que a merecem menos: a graça de Deus, se fizerdes pela merecer, não vol-a póde Deus negar. A graça dos reis, para ser mudavel, bastava fundar-se em vontade humana; mas funda-se em vontades coroadas, que, como são as mais livres, são tambem as mais indifferentes, por não dizer as mais inconstantes: a graça de Deus, funda-se em vontade divina, que, como não póde errar a eleição, não póde mudar o affecto. A graça dos reis poucas vezes dura tanto como a vida do valido, e quando dura quanto póde, acaba com a vida do rei: a graça de Deus cresce na vida, e confirma-se na morte; da parte do homem é immortal, porque se funda na alma; da parte de Deus é eterna, porque é graça de Deus. A graça dos reis, dizem que é uma grande altura: a graça de Deus é certo que é posto muito mais alto; e ainda que ambas estão juntas aos precipicios, da graça de Deus podeis cahir, da graça dos reis podem-vos derrubar. A graça dos reis póde vol-a tirar a calumnia; a graça de Deus só vol-a póde tirar a culpa. Da graça e da privança do rei póde-vos tirar o rei todas as vezes que quizer: a graça e a privança de Deus, nem o mesmo Deus vol-a póde tirar, sem vós quererdes: e se quizerdes, será muito a seu desprazer. A graça dos reis, depois de perdida, não se recupera com rogos: a graça de Deus, se a perdeis, o mesmo Deus vos roga que torneis a ella. Depois de perdida a graça dos reis, fica o pezar sem remedio: depois de perdida a graça de Deus, não é necessario outro remedio mais que o pezar: pezou-vos, estaes outra vez na graça. A graça dos reis dá-se aos ditosos, de que depois se hão de fazer os arrependidos: a graça de Deus dá-se aos arrependi-

didos, que desde logo começam a ser ditosos; a ambas as graças anda junto o arrependimento; mas a dos reis tem-no depois; a de Deus antes. A graça dos reis é graça sem Sacramentos: a graça de Deus tem sete: tem Baptismo para o innocente, e tem Penitencia para o culpado; tem Confirmação para a vida, e tem Extrema Uncção para a morte; tem Ordem para o ecclesiastico, e tem Matrimonio para o leigo; e finalmente tem Communhão para todos. Sete portas nos deixou abertas Deus para entrarmos á sua graça, e nenhum dos que entram por ellas as póde fechar ao outro. Só em uma coisa se parece a graça de Deus com a dos reis, e é, que ambas mudam os homens: uns e outros não são os que dantes eram; mas com esta differença: os que se vêem na graça dos reis, esquecem-se do que foram, e tambem se esquecem do que podem vir a ser; e os que andam na graça de Deus, de nenhuma coisa se lembram, senão do que hão de vir a ser, e nenhuma coisa lhes dá pena, senão a lembrança do que foram. Finalmente a graça dos reis não póde dar Paraizo; tiral-o sim: a graça de Deus é a que só dá o Paraizo, e só a falta della o inferno.

Basta isto para provar que a graça de Deus peza mais que a graça dos reis? Se ainda não basta, ajuntemos o fim com o principio. Se nos não basta como christãos saber que a graça dos reis é o maior risco da graça de Deus, baste-nos como politicos saber, que a graça de Deus é a maior segurança da graça dos reis. Não ha graça dos reis segura, senão fundada na graça de Deus. José foi valido d'El-rei Pharaö, Daniel foi valido d'El-rei Dario, Aman foi valido d'El-rei Assuero: e que lhes aconteceu a estes validos? José e Daniel conservaram-se na graça; Aman não se conservou: porque? Porque a graça de Aman fundava-se na vontade do rei: a graça de José e Daniel, fundaram-se na graça de Deus. Quando a graça dos reis se funda na graça de Deus, nem ella póde cahir, nem outrem a póde derrubar. Tanto peza a graça de Deus, que até a dos reis leva apoz si!

VI

Tem pezado S. João: segue-se a Magdalena; mas que ha ella de pezar, que lhe não dá nada o Evangelho? S. João pezou o *quem diligebat*, Maria Cleo-

phas ha de pezar o *soror Matris*, a Senhora ha de pezar o *Mater ejus*, que é o que lhes dá o Evangelho: o Evangelho não dá nada a Magdalena; que ha de pezar? Isto mesmo ha de pezar — os seus nadas. Aquelles nadas, que tantas vezes pezaram mais para com ella, que a graça de Deus, esses hão de vir á balança. Vós os que tão seguidores sois da primeira vida da Magdalena, e tão pouco importadores da segunda, pezae, pezae aqui os vossos nadas, pezae bem os nadas de vossas vaidades, os nadas de vossos gostos, os nadas de vossos appetites, os nadas desse amôr e engano cego, pelo qual tão facilmente desprezaes a graça de Deus. Pôr-me eu agora a provar, que a graça de Deus é coisa de maior pezo que os gostos do appetite corrupto e depravado, seria aggravo de nossa fé, e de vosso entendimento: só vos hei de provar o que vós não crêdes, e é, que o gosto que causa a graça de Deus, ainda naturalmente, é maior sem comparação, que o gosto desses mesmos appetites, e não comparando graça com appetite, senão gosto com gosto.

O caso parece difficultoso. Tomemos juizes. Eu tomo por minha parte a S. Agostinho, bem experimentado em uns e outros gostos. Pela vossa parte concedo-vos que tomeis a Epicuro, que é o mais apaixonado e subornado juiz que podeis ter. E que é o que diz, ou que sentencea cada um destes dois juizes? S. Agostinho logo no principio da sua conversão, quando começou a experimentar a differença dos gostos da graça aos dos seus antigos divertimentos, dizia assim: *Et quod admittere gaudium fuerat, jam dimittere gaudium erat.* Sabeis como me vae de gostos depois que me vejo nesta nova vida? Comparando os gostos da passada com os da presente, vae-me tão bem, que experimento hoje muito maior gosto em deixar e carecer dos mesmos gostos, do que experimentava antigamente em os gosar. Grande dito! O carecer não é nada, e comtudo Agostinho só no carecer dos gostos tinha maior gosto do que nunca experimentára quando mais os gosava; porque os nadas dos gostos da graça, são maiores gostos que o tudo dos gostos do mundo.

Tem que dizer contra isto a seita de Epicuro? Ouvi a Lucrecio seu discipulo: *Persuasio infernum esse in vindicem Deum, nullam voluptatem puram,*

liquidamque relinquit. Para que os gostos sejam puros, e sem mistura de pena e de desgosto, é necessario que os homens se presuadam primeiro, que Deus não tem justiça, nem castigo, nem ha inferno. Estae no caso. Os philosophos Epicuros punham a bemaventurança nos gostos desta vida; este era o primeiro principio de sua seita: e o segundo qual era? Que havia Deus, mas que não tinha providencia; e como não tinha providencia, que não tinha justiça; como não tinha justiça, que não havia de haver inferno. O' que discurso tão discreto! O fundamento era errado, sim; mas o discurso discretissimo. Fizeram conselho ou concilio os philosophos Epicuros sobre os fundamentos e principios em que haviam de estabelecer a sua seita, e disseram assim: Nós pômos a bemaventurança nos gostos desta vida: gostos gosados com temor do inferno, não podem ser gostos, nem podem dar gosto: logo importa-nos que na nossa seita neguemos o inferno: e assim o fizeram. Ah, sim! E gostos gosados com fé e temor do inferno, não são gostos, nem dão gosto: logo só na graça de Deus ha os verdadeiros gostos, porque só a graça de Deus nos póde segurar o temor do inteiro.

Se não crêdes que ha inferno, bem podeis chamar gostos aos vossos gostos; mas se tendes fé que ha Deus, que tem justiça, e que ha de haver inferno, e tendes comtudo gosto nos vossos gostos, sois peores que Epicuro. Por honra de Deus, que mediteis um pouco nesta doutrina, e considereis se é bem que um christão seja peor nas obras, do que foi Epicuro nos dictames. A Magdalena tambem seguia esta seita: galas, vaidades, delicias, appetites, passatempos, gostos. E porque cuidaes que deu tão grande volta á vida? Porque pezou, e poz em balança os gostos do mundo, e a graça de Deus, que dava por elles; e conheceu quão pouco pezavam os gostos, e de quanto pezo é a graça. Não vos peço que não vendaes a graça de Deus, como cada hora fazeis pelos nadas de vossos appetites; só vos peço que a não vendaes senão a pezo. Pezae primeiro o que daes, e o que recebeis. Esaü vendeu o morgado por uma escudella de lentilhas; e vêde o que condemna em Esaü a Escriptura: *Abiit parvi pendens, quod primogenita vendidisset.* [1] Vendeu um morgado

[1] *Gen.*, XXV, 34.

tão grande, por um appetite tão vil e tão breve, e foi-se sem pezar o que fizera. Não lhe condemnou o vender, senão o não pezar, porque se elle pezára, elle não vendera. Pezae, pezae, e se não quereis pezar vossos gostos com a graça de Deus, ao menos pezae os vossos gostos com os seus pezares. Assim o fez a Magdalena, e por isso se achou hoje ao pé da cruz: *Et Maria Magdalene.*

VII

Maria Cleophas já sabeis que ha de pesar o *soror Matris ejus.* Nenhuma coisa ha no mundo que tanto peze com os homens, e de que elles tanto se prezem e desvaneçam, como da nobreza do sangue. Se a nobreza e a graça, se as manchas do sangue, e as manchas da consciencia andaram na mesma reputação, estivera reformado o mundo. Chama o Evangelho a Maria Cleophas, irmã da Virgem Maria: *Soror Matris ejus:* não porque fosse filha dos mesmos Paes da Senhora, mas porque os hebreus chamavam irmãos aos primos. Este parentesco que Maria Cleophas tinha com Maria Mãe de Deus, era a mais qualificada nobreza que nunca houve no mundo, não por ser sangue legitimo de David, e reis de Israël, de quem a Senhora descendia por linha direita; mas por ser sangue de Deus. E é de notar que a nobreza deste parentesco com Deus era dobrada; porque como Christo não teve Pae na terra, não tinha outra baronia senão a de sua Mãe. Por isso graves Theologos quizeram chamar á Virgem Maria, não simplesmente *Mater*, como as outras Mães; mas *Matri-Pater*, que quer dizer Mãe-Pae: para significar com a singularidade e novidade deste nome a união soberana deste dobrado parentesco de Pae e Mãe, que naquelle novo e inaudito mysterio contrahira com seu Filho a Mãe de Deus Homem. Tal era a nobreza de Cleophas. Mas posta em balança, de uma parte toda esta nobreza, e da outra a graça de Deus, qual pezará mais? Foi ventura que houvesse no Evangelho outro principe de sangue, para que nos fizesse exemplo nesta duvida, porque a faltar elle, ainda que na balança se puzessem todos os quatro metaes da estatua de Nabuco, que era de sangue imperial de todos os quatro costados dos imperadores

assyrios, dos imperadores persas, dos imperadores gregos, dos imperadores romanos, comparada toda esta nobreza de sangue com a de Cleophas, não pezaria um atomo.

O principe de sangue, que digo, era S. João, que tinha o mesmo parentesco com Christo, que Cleophas com a Senhora. Notae agora a differença com que S. João fallou de Cleophas e de si. A Cleophas chama-lhe prima da Senhora: *Soror Matris ejus:* a si chama-se discipulo amado de Christo: *Discipulus quem diligebat Jesus.* Pois se S. João era primo do Filho, assim como Cleophas era prima da Mãe; porque lhe chama a ella prima, e a si não se chama primo, senão amado? Porque estimou e se prezou mais S. João do titulo de amado, que do titulo de primo. O titulo de primo diz parentesco, o titulo de amado diz graça: e em um juizo tão claro e tão allumiado como o de S. João, peza muito mais o estar em graça de Deus, que o ser parente de Deus. Ainda tomando a graça em razão de parentesco (oiçam isto os que por um ponto de vaidade, a que chamam nobreza, não duvidam arriscar tantas vezes e perder a graça de Deus) ainda tomando a graça em razão de parentesco, teve muita razão S. João para estimar mais o parentesco da graça, que o parentesco do sangue. Porque? Porque pelo parentesco do sangue era primo de Deus, em quanto Homem, e pelo parentesco da graça era filho de Deus, em quanto Deus. Assim o disse o mesmo S. João em dois logares: *Dedit eis potestatem Filios Dei fieri. Ut Filii Dei nominemur, et simus.* [1] E' a graça essencialmente uma participação tão alta, tão sublime, e tão intima da mesma natureza divina, que não só se nos communica por ella o nome, senão o verdadeiro ser de filhos de Deus: *Ut Filii Dei nominemur, et simus.* E que nobreza de sangue ha no mundo, que se possa comparar com esta?

Profundamente o ponderou o mesmo Discipulo amado, não só por allusão, senão por irrisão aos vossos sangues, de que tanto vos prezaes: *Qui non ex sanguinibus, sed ex Deo nati sunt.* [2] Os regenerados pela graça que receberam de Christo, de quem cuidaes que descendem? *Non ex sanguinibus:* não descendem

---

[1] *Joan.*, I, 13 e III, 1.
[2] *Ibidem.*

lá dos vossos sangues, em que o que se desvanece de mais vermelho, se não sabe já de que côr é: não dos vossos sangues, em que se um fio foi pintado de purpura, os quatro são tingidos em almagra: não dos vossos sangues, que quando sejam tão limpos como o de Abel, pelo mesmo lado teem mistura de lodo, e dois quartos de Caïn. Pois de quem descendem os que estão em graça? *Non ex sanguinibus, sed ex Deo.* Descendem por antiguidade do Eterno, por grandeza do Omnipotente, por alteza do Incomprehensivel, e por toda a nobreza e ser d'Aquelle que só tem o ser de si mesmo, e dá o ser a todas as coisas: *Sed ex Deo nati sunt.* Peza bem esta balança? O' quanto nella se póde subir, e quanto se póde descer! Vós, os que tanto vos prezaes dos altos nascimentos, se não estaes em graça de Deus, descei, descei, e abatei os fumos, que o vosso escravo, se está em graça, é mais honrado que vós. E vós, a quem por ventura Deus, por vos fazer maior favor, quiz que nascesseis humilde, não vos desconsoleis, levantae o animo, que, se estaes em graça de Deus, sois da mais illustre nobreza, e da mais alta geração de quantas ha no mundo, e fóra do mundo; porque só o Filho de Deus se póde gabar de ter tão bom Pae, como vós. Sangue real era Cleophas, porque era sangue de David e de Salomão: sangue era com esmaltes de divino, porque era sangue do sangue da Mãe de Deus; mas todo esse sangue e sua nobreza, posto em balança com a graça: *Inventus est minus habens:* peza menos, e tanto menos que quasi não tem pezo.

VIII

Ha mais que pezar com a graça? Tudo o que ha no céu e na terra: *Mater ejus:* a dignidade de Mãe de Deus. A graça de Mãe de Deus já a medimos; agora havemos de pezar, não a graça, senão a dignidade. Os que tantas vezes pizaes a graça de Deus, os que tantas vezes fazeis degráu da graça de Deus, para subir ás dignidades do mundo, estae attentos, e ouvi agora. A dignidade mais soberana, mais sobrenatural, e mais divina que cabe em pura creatura, é a dignidade de Mãe de Deus. Os Theologos lhe chamam dignidade em seu genero infinita, porque todo o outro nome é

menor que sua grandeza. Posta pois em balança esta dignidade assim infinita, qual pezará mais, a dignidade de Mãe de Deus, ou a graça? A dignidade de Mãe de Deus sempre anda junta com a graça, e muita graça; mas separada a graça da dignidade, e a dignidade da graça, digo que muito mais peza a graça que a dignidade. Ainda disse pouco. Muito mais peza um só gráu de graça em qualquer homem, que toda a dignidade de Mãe de Deus. Não me atrevêra a dizer tanto, se não tivera por fiador desta portentosa verdade o mesmo Filho de Deus, que fez a Virgem Mãe sua. Exclamou a mulher das turbas: *Beatus venter, qui te portavit.* [1] Bemaventurada a Mãe que trouxe nas entranhas tal Filho: Respondeu o Senhor: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.* Antes te digo que mais bemaventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam. S. Agostinho comparou a maternidade da Virgem com a graça da mesma Virgem; e diz que foi mais bemaventurada pela graça, que pela maternidade: *Beatior fuit Maria concipiendo mente, quam ventre; felicius gestavit corde, quam carne.* Mas Christo não faz a comparação entre a dignidade da Mãe e a graça da Mãe, senão entre a dignidade da Mãe e a graça de qualquer homem que guarda seus mandamentos: *Quinimo beati, qui audiunt Verbum Dei, et custodiunt illud.* Pois, Filho de Deus e da Virgem Maria, a graça de qualquer homem, é maior felicidade, é maior dita, é maior bem, que a felicidade e a dignidade infinita de ser Mãe vossa? Separada essa dignidade da graça (como a mulher das turbas a considerava) sim. E senão, vêde-o nos effeitos da mesma dignidade e da mesma graça na mesma Senhora. A dignidade fel-a Mãe; mas a graça fel-a digna: a dignidade fel-a rainha; mas a graça fel-a santa: a dignidade levantou-a sobre todas as creaturas; mas a graça uniu-a ao mesmo Creador: a dignidade fez que ella communicasse a Deus o que Deus tem de homem; a graça fez que Deus lhe communicasse a ella o que Deus tem de Deus: *Communicasti mihi, quod homo sum; communicabo tibi, quod Deus sum*, diz Guerrico Abbade.

---

[1] *Luc.*, XI, 28.

Quereis agora vêr esta mesma soberania na graça de cada um de vós? Ouvi com assombro ao grande Agostinho, não já comparando a dignidade de Mãe de Deus com a sua graça, senão a graça de qualquer homem com a dignidade de Mãe de Deus: *Maternum nomen etiam in Virgine est terrenum in comparatione cœlestis propinquitatis, quam illi contrahunt, qui voluntatem Dei faciunt.* O nome e dignidade de Mãe de Deus, ainda posto na Virgem Maria, é um nome e titulo terreno, em comparação da alteza celestial e divina a que se levantam por meio da graça e união com Deus os que fazem sua vontade. Notae muito esta universal: *Qui voluntatem Dei faciunt.* De maneira que a graça de qualquer creatura humana que faz a vontade de Deus, por vilissima que seja em tudo o mais, é maior bem, e maior felicidade e de maior pezo e preço, que a mesma dignidade de Mãe de Deus; e não em outrem, senão na mesma Virgem Maria: *Etiam in Virgine.* Póde haver coisa de maior admiração e de maior consolação para os que estão em graça de Deus, e de maior confusão para os que a perdem, e de maior desesperação para os que estão no inferno, e já a não podem recobrar? Entendamos bem este ponto, Christãos. Estae commigo. A dignidade de Mãe de Deus é um poder tão soberano e supremo, que domina a todos os homens, a todos os reis e monarchas do mundo, que domina a todos os Anjos e a todas as Gerarchias, e que até ao mesmo Deus, em quanto Filho, tem obediente e sujeito: *Et erat subditus illis.* [1] A dignidade de Mãe de Deus, é uma alteza tão sublime, tão remontada, e tão incomprehensivel, que nem a podem conceber os entendimentos humanos, nem a podem alcançar os entendimentos angelicos e seraficos, nem o entendimento da mesma Virgem Maria a póde comprehender, porque só Deus, que se comprehende a si mesmo, póde comprehender e conhecer cabalmente o que é ser Mãe de Deus. Finalmente, a dignidade de Mãe de Deus, é de tal maneira a ultima raia da Omnipotencia Divina, que não havendo coisa no mundo que não possa Deus fazer outras sempre maiores e melhores em infinito; maior e melhor Mãe não a póde Deus fazer. E sendo tão infinitamente

[1] *Luc.*, II, 51.

grande, e tão impossivelmente maior e melhor que todas esta dignidade de Mãe de Deus, posto em balança da outra parte um só gráu de graça de Deus, peza mais esta pequena graça, que toda aquella immensa dignidade.

Quem me dera agora uma voz que se ouvira em todas as côrtes do mundo, com que confundira não já a ambição, senão a pouca fé dos que louca e cegamente traz fóra de si a pertenção daquelles nomes vazios a que o mundo bruto e vil chama dignidades! Tantos trabalhos, tantos cuidados, tantos desvellos, tantas diligencias, tantas negociações, tantos subornos, tantas lisonjas, tantas adorações, tantas indignidades, tanto atropellar a razão, a justiça, a verdade, a consciencia, a honra e a vida! E porque? Por alcançar a vaidade de um posto, de um logar, de um titulo, de um nome, de uma apparencia: e no mesmo tempo entra a velhinha por aquella igreja, toma agua benta com piedade christã, e por aquelle acto de religião tão leve adquire um gráu de graça, que peza mais que todos os logares, que todas as honras, que todos os titulos, que todas as dignidades do mundo, ainda que seja a dignidade de Mãe de Deus: *Mater ejus*. Crêdes isto, Christãos, ou não o crêdes? O certo é, que, ou não temos fé, ou muito fraca.

IX

Mas que hemos de fazer para acabar de pezar, como convem, a graça de Deus? S. João pezou o valimento, a Magdalena as delicias; Maria Cleophas a nobreza, a Mãe de Deus as dignidades; e nada disto faz pendor á balança; que hemos de fazer? Ainda temos no Evangelho uma quinta pessoa, que só lhe soube e lhe póde dar á graça o pezo que ella tem: *Stabat juxta crucem Jesu:* Jesus é o que soube e póde pezar a graça de Deus. Sabeis quanto peza a graça de Deus? Peza a Deus posto em uma cruz. Deus posto em uma cruz, é o preço e o pezo justo da graça de Deus, e não ha outro. O fim para que Deus se poz em uma cruz, não ha duvida que foi para nos merecer a graça. Assim o ensina a Fé e a Theologia, a qual tambem ensina que podia Deus dar-nos a graça,

por outros modos. Pois se Deus nos podia dar graça por outros modos, porque nol-a quiz dar, pondo-se em uma cruz? Ouvi a Eusebio Emisseno: *In trutina crucis se ipsum auctor salutis passus est appendi, ut homini, qui ab statu gratiæ degeneraverat, dignitatem suam ostenderet pretii magnitudo.* Sabeis, diz Emisseno, para que se quiz pôr Deus na balança da cruz: *In trutina crucis?* Para que posta de uma parte a graça que o homem perdêra e d'outra todo Deus que com o preço da sua vida e do seu sangue lh'a comprava, entendesse o homem de quanto pezo é a sua graça. E' de tanto pezo, que só com Deus se póde contrapezar. Ponde naquella balança reinos, ponde corôas, ponde sceptros, ponde imperios, ponde monarchias, ponde tudo o que póde dar a natureza, e tudo o que póde dar a fortuna, ponde o mundo, ponde mil mundos, ponde o mesmo céu com sua gloria, nada disto faz pendor em comparação da graça que tão facilmente perdemos. Posta em balança a graça, só Deus póde eguallar as balanças. E senão veja-se em tudo o mais pela differença do que lhe custa.

Os bens deste mundo, ou são bens da natureza, ou bens da fortuna, ou bens da gloria, ou bens da graça. Os bens da natureza, custaram-lhe a Deus uma palavra de sua omnipotencia, com que os creou: os bens da fortuna custaram-lhe um aceno de sua providencia, com que os reparte: os bens da gloria custam-lhe uma vista de sua essencia, com que se communica: e os bens da graça, que lhe custaram? Diga-o a cruz: custaram a vida de Deus, custaram o sangue de Deus, custaram a alma de Deus, custaram a divindade de Deus, custaram a honra de Deus. Peza muito a graça de Deus? Pois ainda ha outra coisa no mundo, que peza mais que ella. E qual é? Qualquer dos vossos appetites. Nas balanças da cruz peza tanto a graça como Deus: nas balanças do juizo humano, qualquer appetite peza mais que Deus, e que a sua graça. Dizei-o vós: quantas vezes daes a Deus e a graça por um appetite: *O mendaces filii hominum in stateris?* [1] Oh homens, diz o Propheta, como sois falsos nas vossas balanças! As balanças não são as falsas, porque a fé e o entendimento bem sabe conhecer quanto peza

[1] *Psalm.* LXI, 10.

mais que tudo a graça de Deus; mas os homens são os falsos ás balanças, mentindo-se e enganando-se a si mesmos com a verdade á vista: *Mendaces filii hominum in stateris.* E' possivel que Deus se ha de dar a si mesmo pela graça, para nos levar ao céu, e que nós havemos de dar a Deus e a graça pelo peccado que nos leva ao inferno? Já que não amamos a graça pela graça, já que não tememos o peccado pelo peccado, não amaremos a graça pela gloria, não temeremos o peccado pelo inferno?

Bem sei que estaes dizendo dentro em vós mesmos, que ainda que agora estaes em peccado, nem por isso ireis ao inferno, porque depois vos haveis de pôr em graça. Ah cegueira, ah miseria, ah tentação infernal! Todos os christãos que estão no inferno, fizeram essa mesma consideração, todos tiveram essa mesma esperança, e com ella se condemnaram. E quem vos disse a vós que vos não succederá o mesmo? Muitos estão no inferno, que fizeram menos peccados que vós, e comtudo não se restituiram á graça. Pois se os peccados são maiores, como esperaes que haveis de alcançar tão facilmente o que elles não alcançaram? Christãos da minha alma; almas remidas com o sangue de Christo, não persistamos nesta cegueira um momento, que vejo que nos imos ao inferno sem remedio. Se a Senhora da Graça, como Mãe de graça e de misericordia, vos dá nesta hora uma boa inspiração, lançae mão della, não a dilateis. Se estaes escravo do demonio pelo peccado, fazei-vos filhos da Mãe de Deus pela graça, e seja nesta mesma hora, como fez o Evangelista: *Et ex illa hora accepit eam Discipulus in suam.* Nesta mesma hora fazei uma resolução muito animosa, nesta mesma hora detestae vossos peccados, nesta mesma hora deliberae de deixar, e deixae com effeito todas as occasiões delles. E torno a dizer que seja nesta hora; porque a graça de Deus tem horas, e a morte tambem tem hora, e não sabemos quando será. Mova-nos a formosura da mesma graça. mova-nos a bemaventurança da gloria, que se nos promette por ella, mova-nos a eternidade do inferno, onde havemos de ir arder se a desprezamos, e mova-nos, emfim, o preço que Christo Jesus deu por ella, o sangue de Jesus, a vida de Jesus, a morte e a cruz de Jesus: *Stabat juxta crucem Jesu.*

SERMÃO

DE

Nossa Senhora de Penha de França*

Liber generationis Jesu Christi, filii David, filiii Abraham. [1]

I

Com digno pensamento, Senhor, de vossa divina sabedoria, e com bem merecida correspondencia de vosso amôr, vêmos juntos hoje (como antigamente os ajuntou Salomão) os dois thronos de ambas as Magestades: [2] o de vossa santissima Mãe, subido a essa penha, e o vosso descido a ella. Sobre uma penha diz Job, que havia de fabricar seu ninho a aguia; que moraria nas rochas mais altas, e inaccessiveis; e que d'alli contemplaria o corpo morto, para voar e se pôr com elle: *In arduis ponet nidum suum: in petris manet, et in accessis rupibus; inde contemplatur escam, et ubicumque fuerit cadaver, statim adest.* [3] Que aguia, que penha, e que corpo morto é este, senão tudo o que estamos vendo? A aguia, Maria Santissima: a penha, Penha de França: o corpo morto, vosso Corpo sacramentado, vivo, mas em fórma de morto.

---

* Foi pregado este Sermão em Lisboa, na igreja e convento da sagrada Religião de Santo Agostinho, no primeiro dia do Triduo de sua festa, com o S S. Sacramento exposto, no anno de 1652. E' um Sermão rigorosamente encomiastico, commenta Honorati. Nobilissimo é o exordio, mui engenhoso o assumpto, claros os argumentos, muito pratica a conclusão. O estylo é d'uma elegante popularidade, como convem a festas populares.

1 *Math.*, I.

2 *3.º Livr. dos Reis*, II, 19.

3 *Job.*, XXXIII, 38.

Esta aguia, como a viu Ezechiel, é a que vos tirou das entranhas do Eterno Padre e vos trasladou ás suas. [1] Ella é a que vestiu vossa divindade desse mesmo corpo: e elle o que reciprocamente com sua real presença vem honrar hoje, e divinisar a celebridade de sua Mãe, e fazer maior este grande dia.

Para que eu nos arcanos secretissimos desse mysterio, e nos que com egual secreto encerra o Evangelho, possa descobrir os motivos de nossa obrigação e agradecimento, e para que de algum modo alcance a ponderar as mercês tão prodigiosas, e tão continuas, que em todas as partes da terra, do mar, e do mundo, deve Portugal a esse soberano Propiciatorio debaixo do glorioso nome de Penha de França; por intercessão da mesma Senhora peço, e da mesma presença de vossa divina e humana Magestade espero aquellas assistencias de graça que para tão immenso assumpto me é necessario: *Ave Maria.*

II

Liber generationis Jesu Christi, Filii David, Filii Abraham. [2] A primeira palavra que diz o Evangelista, e a primeira coisa que me offerece o thema, é a primeira e a unica que me falta neste dia: *Liber*, o livro. Quando esta sagrada Religião me fez a honra de que subisse hoje a este logar; quando me encommendou ou mandou que tomasse por minha conta este sermão; como a materia para todos é tão grande, e para mim sobre tão grande, era tão nova; para ter mais que por fama as noticias e documentos do que havia de dizer deste famosissimo sanctuario, pedi o livro da sua historia, e dos seus milagres. E que vos parece que me responderiam? Esperava eu que me dissessem que eram tantos os volumes, que faziam uma livraria inteira. Responderam-me que não havia livro. Não ha livro da historia e milagres de Nossa Senhora de Penha de França? Pois seja essa a materia do sermão, já que me não dão outra. Assim o disse, assim o

---

[1] Ezech., XVII, 3. Prado. Corn. et alii ibi.
[2] *Math.*, I, 1.

venho cumprir. Os outros sermões estudam-se pelos livros: este será sermão sem livro, mas não sem estudo.

Se este caso succedêra em outra parte, pudéra parecer descuido. Mas na Religião do Pae dos Patriarchas, Santo Agostinho, tão pontual, tão advertida, tão observante, tão ordenada que ella foi a que deu ordem e regras a todas, ou quasi todas as Religiões do mundo, claro está que não foi descuido. Se succedêra em outra parte, pudéra parecer menos devoção. Mas na Religião do Seraſim da terra, Agostinho, que deixou por herança a seus filhos o coração abrazado que traz na mão, e entre o amôr de Jesus e Maria, aquella piedosa indifferença: *Quo me vertam, nescio;* claro está que não foi falta de devoção. Se succedêra em outra parte pudéra parecer menos sufficiencia. Mas na Religião da Aguia dos Doutores, Agostinho, de cujas azas tirou a Igreja em todas as edades as mais bem cortadas pennas com que se illustra, as mais delgadas, com que se apura, e as mais doutas e copiosas, com que se dilata, claro está que não é insufficiencia. Pois se não é insufficiencia, se não é indevoção, se não é descuido; porque razão não ha livro da historia e milagres de Penha de França, deste nome, deste templo, desta imagem, deste assombro do mundo, a que justamente podemos chamar o maior e mais publico theatro da Omnipotencia? Sabeis porque? Porque do que não cabe em livros, não ha livro.

Toma por empreza S. Matheus escrever a vida e acções de Christo, e escreve o seu Evangelho: segue o mesmo exemplo de S. Marcos, e escreve o seu. Chegaram ás mãos de S. Lucas estes dois Evangelhos, e outros que naquelle tempo sahiram, que a Igreja não admittiu; e parecendo-lhe a S. Lucas que todos diziam pouco, resolve-se a fazer terceiro Evangelho: e começa assim, fallando com Theophilo, a quem o dedicou: *Quoniam multi conati sunt ordinare narrationem, quæ in nobis completæ sunt, rerum.* [1] Como se disssera: não vos espanteis, ó Theophilo, de que eu escreva Evangelho, de que eu escreva a historia e maravilhas de Christo, depois de o haverem feito quantos sabeis e tendes lido; porque todos esses que escreveram, ain-

[1] *Luc*, I, 1.

da que tantos e tanto; não chegaram mais que a intentar: *Quoniam multi conati sunt.* Escreveu em fim o seu Evangelho S. Lucas. Chegam todos os tres Evangelhos ás mãos de S. João; e parecendo-lhe, como verdadeiramente era, que lhes faltava muito por dizer, resolve o Discipulo amado a escrever quarto Evangelho. Assim o fez, e assentou a penna S. João: porque esta foi a ultima obra sua ainda depois do Apocalypse. Mas que vos parece que lhe succederia a S. João, com o seu Evangelho? Leu-o depois de o haver escripto: e succedeu-lhe com o seu, o que lhe tinha succedido com os outros: pareceu-lhe que era muito pouco o que tinha dito, em comparação do infinito que lhe ficára por dizer. Torna a tomar a penna, e accrescenta no fim do seu Evangelho estas duas regras: *Sunt et alia multa, quæ fecit Jesus, quæ si scribantur per singula, nec ipsum arbitror mundum capere posse eos, qui scribendi sunt libros:* [1] Saibam todos os que lerem este livro, que nelle não estão escriptas todas as obras e maravilhas de Christo, nem a menor parte dellas: porque se todas se houveram de escrever, nem em todo o mundo couberam os livros. Pergunto agora: Em que disse mais S. João, nestas duas ultimas regras, ou em todo o seu Evangelho? Parece a pergunta temeraria. Ao menos nenhum Expositor levantou atégora tal questão. Mas responde tacita e admiravelmente a ella, aquelle que entre todos os Expositores, na minha opinião, é singular, o doutissimo Maldonado: *Quod dum dicit, et se excusat, et res Christi magis quodammodo, quam si eas perscripsisset, amplificat.* Muito mais disse S. João só nestas duas regras ultimas, do que disse em todo o livro do seu Evangelho, e do que disséra em muitos outros seus, se os escrevêra. Notavel resolução! E' possivel que disse mais S. João nestas duas regras, que em todo o seu Evangelho, e em um mundo inteiro de livros, quando os tivera escripto? Sim. Porque em todo esse Evangelho, e em todos esses livros, escrevêra S. João as maravilhas de Christo: nestas duas regras confessou que se não podiam escrever. E muito maior louvor e encarecimento é das coisas grandes confessar que se não podem escrever.

[1] *Joan.*, XXI, 25.

que escrevel-as. O que se escreve, ainda que seja muito, cabe na penna; o que se não póde escrever, é maior que tudo o que cabe nella. O que se escreve, tem numero e fim; o que se não póde escrever, confessa-se por innumeravel e infinito. Muito mais disse logo S. João no que não escreveu, que no que escreveu. No que escreveu disse muitas maravilhas de Christo, mas não disse todas; no que não escreveu, disse todas, porque mostrou que eram tantas, que se não podiam escrever. No que escreveu venceu aos tres Evangelistas, porque disse muito mais que todos elles; no que não escreveu, venceu-se a si mesmo, porque disse muito mais do que tinha escripto.

D'aqui se entenderá uma duvida do Texto de Ezechiel, em que muitos teem reparado; mas a meu vêr, ainda não está entendida. Viu Ezechiel aquelle mysterioso carro, por que tiravam quatro animaes: um homem, um leão, uma aguia, e um boi. Todos estes quatro animaes tinham azas; mas a aguia, diz o Texto, que voava sobre todos quatro: *Desuper ipsorum quatuor.* [1] Difficultosa proposição! Se dissera que a aguia voava sobre todos os outros tres animaes, claro estava, e assim havia de ser naturalmente; porque as azas nos outros eram postiças, e a aguia nascêra com ellas. Vêde vós agora um boi com azas, como havia de voar? Mas porque muitas vezes a aguia e o boi andam no mesmo jugo, por isso o carro faz tão pouco caminho. As azas no leão e no homem (ainda que vêmos voar tanto a tantos homens) veem a ser quasi o mesmo. De maneira que voar a aguia sobre os outros tres animaes não é maravilha. Mas dizer o Propheta que voava sobre todos quatro, sendo a aguia um delles, como póde ser? A nossa razão nos descobriu este grande mysterio. Estes animaes (como dizem conformemente todos os Doutores) eram os quatro Evangelistas: as azas eram as pennas com que escreveram: a aguia era S. João. E diz o Propheta, que a aguia voava, não só sobre os outros tres, senão sobre todos quatro: *Desuper ipsorum quatuor*, porque assim foi. Quando S. João escreveu o seu Evangelho, voou sobre os tres Evangelistas, porque disse muito mais que elles; mas quando no fim do seu Evangelho ac-

[1] *Ezech.*, I, 6.

crescentou aquellas duas regras, em que disse que as maravilhas de Christo não se podiam escrever, voou sobre todos quatro, porque voou sobre si mesmo, e disse muito mais do que tinha dito. De maneira que muito mais voou aquella aguia, quando encolheu as pennas, que quando as estendeu. Quando estendeu as pennas para escrever as coisas de Christo, voou sobre os tres Evangelistas: quando encolheu as pennas, confessando que se não podiam escrever, voou sobre todos quatro, porque voou sobre si mesmo: *Desuper ipsorum quatuor.* Passemos agora de uma aguia a outra aguia, em sentido tambem litteral, porque assim como S. João é a aguia entre os Evangelistas, assim Santo Agostinho é a aguia entre os Doutores.

Se as pennas de Santo Agostinho se estenderam, se as pennas de Santo Agostinho se applicaram a escrever a historia e milagres de Penha de França; muito disseram como ellas costumam. Mas encolhendo-se essas pennas, e confessando que as maravilhas deste prodigio do mundo são tão grandes, que se não podem escrever, não ha duvida que dizem muito mais: *Dum se excusat, magis res Mariæ, quam si eas perscripsisset, amplificat.* Nas materias grandes, o atrever-se a escrever, é engrandecer a penna: não se atrever a escrever, é engrandecer a materia. Se as pennas da aguia Agostinho se atreveram a uma empreza tão grande, como reduzir a escriptura o numero sem numero das maravilhas desta Senhora, ficaram mui engrandecidas as pennas; mas não se atrevendo a emprehender tal assumpto, e confessando-se deseguaes para tão grande empreza, fica mais engrandecida a Senhora. Aquella mulher vestida do sol, e coroada de estrellas, que viu S. João no Apocalypse, diz o Texto, que lhe deram as azas de uma aguia grande para voar: *Datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ ut volaret.* [1] Que mulher é a vestida de sol, e coroada de estrellas, senão a Virgem Santissima? E que azas são as da grande aguia, senão as pennas, os escriptores de Santo Agostinho? Nas outras occasiões dão-se a esta Senhora as pennas daquella aguia, para voar muito; nesta occasião negam-se-lhe as pennas, para voar mais. E assim é: muito mais voa a grandeza desta Senhora,

[1] *Apoc.*, XII, 14.

encolhendo-se estas pennas, e não se atrevendo a escrever suas maravilhas, que se todas se empregaram a escrever: *Quam si eas perscripsisset.* Este foi o generoso pensamento, e a discretissima advertencia, com que se não escreveu livro da historia e milagres de Penha de França, sendo mais eloquente, e mais elegante o silencio, do que a escriptura em muitos livros.

III

A razão porque não é necessario que haja livro, direi agora; e é tão clara e manifesta que ella por si mesma se está inculcando. O fim para que os homens inventaram os livros, foi para conservar a memoria das coisas passadas contra a tyrannia do tempo, e contra o esquecimento dos homens, que ainda é maior tyrannia. Por isso Gilberto chamou aos livros, reparadores da memoria; e S. Maximo, medicina do esquecimento: *Scriptura memoria reparatrix est, oblivionis medicamentum.* [1] E como os livros foram inventados para conservadores das coisas passadas, por isso os milagres de Penha de França não hão mister livros, porque são milagres que não passam. Esta é uma excellencia com que a Virgem Maria quiz singularisar os privilegios desta sua casa, sobre todas as que tem milagrosas no mundo, e sobre todas as que tem nesta cidade. Deixemos as do mundo, porque fôra discurso mui dilatado: vamos ás de Lisboa. Foi milagrosa em Lisboa a casa de Nossa Senhora da Natividade; mas passaram os milagres da Natividade: foi milagrosa a casa de Nossa Senhora do Amparo; mas passaram os milagres do Amparo. Foi milagrosa a casa de Nossa Senhora do Desterro, mas passaram os milagres do Desterro. Foi milagrosa a casa da Senhora da Luz; mas passaram os milagres da Luz. Só a casa de Nossa Senhora de Penha de França foi milagrosa, e é milagrosa, e ha de ser milagrosa, porque os seus milagres nunca passam; e as coisas que não passam, nem acabam; as coisas que

[1] Gilb. serm. 47 in Cant. S. Maxim. in præf. ad Mistagog Ecclesiat.

permanecem sempre, não hão mister livros. Duas Leis fez Deus neste mundo; uma foi a Lei de Moysés, outra a de Christo. A Lei de Moysés escreveu-se, que por isso se chama a Lei escripta: a Lei de Christo não se escreveu. E porque não? A Lei de Christo não é lei mais pura, não é lei mais santa, não é lei mais estimada e amada de Deus, que a Lei de Moysés? Sim. Pois se se escreve a Lei de Moysés, a Lei de Christo porque se não escreve? Porque a Lei de Moysés, era lei que havia de passar; a Lei de Christo, era lei que havia de permanecer para sempre: e as coisas que passam, essas são as que se escrevem; as que permanecem não hão mister que se escrevam. Escrevam-se os milagres da Natividade, escrevam-se os da Luz, escrevam-se os do Amparo e do Desterro, para que lhes não acabe o tempo as memorias, assim como os acabou a elles. Os milagres de Penha de França não hão mister a fé das Escripturas, porque elles são a fé de si mesmos. Quem quizer saber os milagres de Penha de França, não é necessario que os vá lêr no papel, venha-os vêr com os olhos. Esta casa não é milagrosa por papeis; não é necessario que se passem certidões, onde os milagres não passam. Os rios sempre estão a passar, e nunca passam. Assim são os milagres de Penha de França: um rio de milagres.

Quereis vêr este rio, e esta penha? Ponde-vos nos desertos do Egypto com os filhos de Israël caminhando para a Terra de Promissão. Perecendo alli de sede aquelle numeroso exercito, mandou Deus a Moysés que dissesse a uma penha que désse agua: *Loquimini ad petram.* [1] Excedeu Moysés o mandamento; deu com a vara na penha: mas pagou o excesso tão rigorosamente, que o castigou Deus com que não entrasse na Terra de Promissão. Para a penha soccorrer milagrosasamente a necessidade do povo, basta dizer-lh'o: *Loquere.* Não quer Deus que se cuide que o milagre é da vara; quer que se saiba que o milagre e o beneficio é da penha. E assim foi. Sahiu a agua milagrosa com tanta abundancia, e com tal continuação, que diz S. Paulo: *Bibebant de consequente eos petra:* [2] que bebiam da penha que os ia seguindo. E como os

[1] *Num.*, xx, 8.
[2] *1.ª ad Corint.*, x, 4.

ia seguindo a penha? Não os seguia movendo-se do logar onde estava; mas seguia-os com um rio milagroso, que della manava, e ia acompanhando o povo e o sarava de todas as enfermidades: *Non erat infirmus in tribubus eorum.* [1] Na penha brotava a fonte perenne, e da fonte manava perennemente o rio que corria e soccorria a todos. E accrescentou logo S. Paulo, que tudo isto era figura do que depois havia de succeder: e bem o vêmos. Naquelle altar está a penha transplantada de França a Castella, e de Castella a Portugal: daquella penha sáe a fonte, que é a imagem milagrosa da Virgem Maria, e daquella fonte nasce o rio de seus milagres e beneficios, que não parando, nem podendo parar, corre perennemente, e accode a todas as necessidades do mundo. Assim o disse S. João Damasceno fallando desta Senhora: *Petra, quæ sitientibus vitam tribuit:* Penha que a todos os que teem sede, dá vida: *Fons universo orbi medicinam offerens:* Fonte que é medicina universal para todas as enfermidades do mundo. A mesma Senhora o tinha já dito e promettido de si no Capitulo oitavo dos Proverbios: *Qui me invenerit, inveniet vitam, et hauriet salutem à Domino:* [2] Aquelle que me buscar, achar-me-ha, e aquelle que me achar, achará a vida e beberá a saude. Não diz que receberá a saude, senão que a beberá, porque beberá do rio dos milagres, e da fonte da saude, que sáe desta penha.

Mas vejo que me dizem os mais versados nas Escripturas, que os milagres daquella antiga penha não só se escreveram em um Livro, senão em muitos, e pelas tres pennas mais illustres de ambos os Testamentos, Moysés, David, S. Paulo. Pois assim como a historia e milagres da penha de Israël se escreveram em tão multiplicados livros, não seria justo tambem que se escrevesse a historia e milagres da Penha de França? Porque vae muito de penha a penha, de rio a rio, e de milagres a milagres. Alli a penha desfez-se, o rio seccou-se e os milagres cessaram; e onde o tempo acaba as coisas, é bem que as perpetue a memoria dos livros. Na nossa Penha de França não passa assim. A Penha é sempre a mesma, o rio sempre corre,

---

1 *Psalm.* CIV, 37.
2 *Prov.*, VIII, 36.

os milagres nunca param. E milagres sobre que não tem jurisdição o tempo, não hão mister remedios contra o tempo, elles são a sua propria escriptura, elles os annaes, elles os diarios de si mesmos.

Creou Deus, distinguiu e ornou esta formosa machina do universo em espaço de sete dias. E é admiravel a pontualidade e exacção com que Moysés, dia por dia, escreveu as creaturas e obras de cada um: *Divisit lucem à tenebris: et factum est dies unus. Fiat firmamentum in medio aquarum: et factum est dies secundus. Germinet terra herbam virentem: et factum est dies tertius*: [1] E assim dos mais. De maneira que fez Moysés um diario exactissimo de todas as obras da creação. As obras de conservação, isto é, da providencia com que Deus conserva e governa o universo, em nada são inferiores ás da creação, nem no poder, nem na sabedoria, nem na magestade e grandeza. Pois se Moysés escreveu as obras da creação, e compoz um diario tão diligente de todas ellas: porque razão, nem elle, nem outro Escriptor sagrado escreveu as obras da conservação, havendo nestas tanto concurso de causas, e tanta variedade de effeitos, tanta contrariedade com tanta harmonia, tanta mudança com tanta estabilidade, tanta confusão com tanta ordem, e tantas outras circumstancias de sabedoria, de poder, de providencia, tão novas e tão admiraveis? A razão é, porque as obras da creação pararam e cessaram ao setimo dia: *Requievit die septimo, et cessavit ab universo opere quod patrarat.* [2] Pelo contrario, as obras da conservação continuaram sempre desde o principio, continuam e hão de continuar até ao fim do mundo: *Pater meus usque modo operatur, et ego operor.* [3] E as obras que passaram e pararam, era bem que se escrevesse historia e ainda diario dellas: porém as obras que não acabam, que perseveram, que continuam, e se vão succedendo sempre, não necessitam de historia, nem de memoria, nem de escriptura, porque ellas são uma perpetua historia, e um continuado diario de si mesmas. Que bem o disse David! *Cœli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus an-*

---

[1] *Gen.*, I, 4 e seg.
[2] *Ibid.*, II, 3.
[3] *Joan.*, V, 17.

nuntiat firmamentum. Dies diei eructat verbum: [1] Esta revolução dos céus, esse curso dos planetas, essa ordem do firmamento, que outra coisa fazem continuamente, senão annunciar ao mundo as obras maravilhosas de Deus? E que coisa são os mesmos dias, que se vão succedendo, senão uns historiadores mudos, e uns chronistas diligentissimos dessas mesmas obras, que por annaes, senão por diarios perpetuos as estão publicando: *Dies diei eructat verbum?* Taes são as maravilhas de Penha de França. Se passaram e cessaram, e houvera algum sabbado, como aquelle da creação, em que constasse que tinham parado, então seria bem que se escrevessem; mas como não param, nem cessam (como aqui se vê, e consta todos os sabbados, em que se resumem os milagres daquella semana) não é necessario que se escrevam, nem se historiem, porque a sua historia é a mesma continuação, e os seus diarios os mesmos dias: *Dies diei eructat verbum:* os milagres de hoje são o instrumento authentico dos milagres de hontem, e os milagres de ámanhã dos milagres de hoje; e assim como se vão succedendo os dias, se vão tambem testemunhando uns aos outros, lendo a vista sem escriptura, o que na escriptura havia de crêr a memoria. Os Gregos, em um dos seus hymnos, com elogio singular, chamaram á Virgem Maria, diario da divina Omnipotencia: *Diarium unicum Domini creaturæ:* [2] Diario unico do Senhor das creaturas. Mas em nenhum logar, em nenhum throno de quantos esta Senhora tem no mundo, se póde insculpir com mais razão este titulo, que no pé daquella Penha. Diario, porque as suas maravilhas são de cada dia: unico, porque só nellas não tem jurisdição o tempo.

Qual vos parece que é o maior milagre de Penha de França? E' não ter jurisdição o tempo sobre os seus milagres. Não ha poder maior no mundo, que o do tempo: tudo sujeita, tudo muda, tudo acaba. Não só tem poder o tempo sobre a natureza; mas até sobre as coisas sobrenaturaes tem poder, que é o que mais me admira. Os milagres são coisas sobrenaturaes, e não lhes vale o ser superiores á natureza, para

---

[1] *Psalm* XVIII. 2.
[2] Apud Theophilum Rayn.

não serem sujeitos ao tempo. Grandes milagres foram os da serpente do deserto; todos os enfermos de qualquer enfermidade que olhavam para ella, saravam logo. Andou o tempo, e acabaram os milagres e mais a serpente. Grandes milagres foram os da vara de Moysés: elle foi o instrumento com que se obraram todos os prodigios do Egypto contra Pharaö. Andou o tempo, e acabaram os milagres e mais a vara. Grandes foram os milagres da capa de Elias: em virtude della sustentava Eliseu os vivos, sarava os enfermos e resuscitava os mortos. Andou o tempo, e acabaram os milagres e mais a capa. Grandes milagres foram os da Arca do Testamento: diante della tornavam atraz os rios, cahiam os muros, despedaçavam-se os idolos, e morriam subitamente os que se lhe atreviam. Andou o tempo, e acabaram os milagres e mais a Arca. Finalmente, foram grandes, e maiores que grandes, os milagres da primitiva Igreja, em que todos os que se baptisavam, fallavam todas as linguas, curavam de todas as enfermidades, lançavam os demonios, domavam as serpentes, e bebiam sem lesão os venenos. Passou o tempo, cresceu a Igreja, e como já não eram necessarios para fundar a fé, cessaram aquelles milagres. De sorte que sobre todos os milagres teve jurisdição o tempo. E que só sobre os milagres de Penha de França não tenha jurisdição? Grande milagre! Os outros acabam com o tempo: os milagres de Penha de França crescem com o tempo. O maior encarecimento do tempo, é que tem poder até sobre as penhas: o maior louvor daquella Penha, é que tem poder até sobre o tempo. E se os livros são remedio contra o tempo, quem não é sujeito ás leis do tempo, não ha mister livros.

IV

Estas são as razões que se me offereceram de não haver livro da historia e milagres de Nossa Senhora de Penha de França, e de não ser necessario que o houvesse, supposta a resposta que me deram, de que o não havia. Mas, com licença vossa e de todos, eu não o supponho, nem o entendo assim, senão muito pelo contrario. Digo que não só ha livro, senão li-

vros da historia e milagres desta casa. E qual é o livro, e quaes são os livros? Agora o ouvireis: dae-me attenção. O primeiro livro de Penha de França é o Evangelho que alli se leu: *Liber generationis Jesu Christi, Filii David, Filii Abraham.* [1] Pois o livro da geração de Jesus Christo, Filho de David e Filho de Abrahão, é o livro da historia e milagres de Penha de França? Sim. Todo este Evangelho de S. Matheus desde a primeira até á ultima palavra está cheio daquella variedade e multidão de nomes que ouvistes — Abrahão, Isaac, Jacob, Jessé, David, Salomão, etc. Commentando estes nomes, diz S. João Chrysostomo estas palavras: *Causa quidem, et ratione, providentiaque Dei, posita sunt hæc nomina: qua autem causa, et ratione posita sint, verè ipsi scierunt qui posuerunt, et Deus cujus providentia ponebantur. Nos verò, quid intelligere possumus in nominibus ipsis, hoc loquimur:* Todos aquelle nomes foram escriptos neste Evangelho com grande causa e grande mysterio; mas qual seja a causa, e qual o mysterio, só o sabem aquelles que os escreveram, e Deus por cuja providencia foram mandados escrever. Nós os interpretamos conforme o que podemos entender. Isto diz S. João Chrysostomo, e o mesmo diz Santo Anselmo, e outros Padres. De maneira que cāda nome deste Evangelho tem duas significações, uma historial, e outra mystica. A significação historial significa pessoas: a significação mystica significa coisas. As pessoas que se significam na significação historial são os progenitores da Virgem Maria: as coisas que se significam na significação mystica, são as graças da mesma Senhora. Os progenitores dizem o que a Senhora recebeu dos homens, que é o sangue e nobreza dos Patriarchas: as graças dizem o que os homens recebem da Senhora, que são os favores e beneficios com que enche todo o genero humano. De sorte que ditou o Espirito Santo este primeiro Capitulo de S. Matheus com tal mysterio e artificio, que, lido por fóra, quanto aos nomes, é livro de gerações de paes e avós: *Liber generationis;* construido por dentro, quanto ás significações, é livro de graças, de favores, de beneficios, de remedios.

[1] *Math.*, I, 1.

Admiravelmente o disse a mesma Senhora naquellas palavras do Ecclesiastico, que a Igreja lhe applica: *In me est omnis gratia viæ, et virtutis; transite ad me omnes, qui concupiscitis me, et à generationibus meis implemini:* [1] Em mim ha todas as graças e todas as virtudes; vinde a mim todos os que as desejaes, e encher-vos-hei de minhas gerações. Notaveis palavras, e muito mais notavel consequencia dellas! Em mim ha todas as graças; vinde a mim, e encher-vos-hei de minhas gerações! Que consequencia é esta? Muito grande á vista deste livro. Diz que se encham de suas gerações todos os que desejam suas graças, porque as suas graças estão depositadas dentro das suas gerações. As gerações da Senhora são todos os seus progenitores, que se contam neste livro: *Liber generationis.* [2] Abrahão é uma geração: *Abraham genuit Isaac.* Isaac é outra geração: *Isaac genuit Jacob.* E assim dos mais. E como debaixo de cada geração destas, e de cada nome destes progenitores se contém uma particular graça, e uma particular virtude com que a mesma Senhora nos soccorre e remedeia; por isso diz altissimamente, que todos os que desejam suas graças, se venham encher de suas gerações: *In me est omnis gratia; venite ad me, et à generationibus meis implemini.* A Glossa interlineal explicou o modo como isto é, com uma comparação de grande propriedade: *Hic liber est apotheca gratiarum, in quo omnis anima, quidquid necesse habet, inveniet:* Sabeis como é este livro (diz a Glossa) é como uma botica de remedios sobrenaturaes, onde todos os homens acham tudo o de que teem necessidade para seus males. A comparação pudéra ser mais levantada, mas não póde ser mais propria. Que é o que tem uma botica por fóra e por dentro? Por fóra não apparecem mais que uns titulos de nomes gregos e arabicos; e por dentro debaixo delles estão os remedios com que se curam todas as enfermidades. O mesmo passa neste *Liber generationis* de S. Matheus. Por fóra não se vê mais que estes nomes de Patriarchas, uns hebraicos, outros syriacos; mas por dentro debaixo delles está a sua significação, que contém os remedios

[1] *Eccles.*, XXIV, 26.
[2] *Math.*, I, 2.

miraculosos com que a Senhora acode a todos os males do genero humano. Ora ide commigo, e vereis toda a historia e milagres de Penha de França, escriptos n'este livro.

Cahistes enfermo em uma cama; experimentastes os remedios da arte sem proveito; soccorrestes-vos á Virgem de Penha de França: fizestes-lhe um voto; e no mesmo ponto vos achastes com perfeita saude? Que foi isto? Foi milagre daquella Senhora; lêde-o no livro de seus milagres: *Genuit Josiam. Josias, id est, salus Domini:* [1] Saude dada por Deus foi a enfermidade que padecestes mortal: desconfiaram-vos os medicos; recebestes os ultimos Sacramentos; não fizestes vós oração á Virgem de Penha de França, porque já não podieis, mas fizeram-na os que vos assistiam, e vos sustentavam a candeia na mão: subitamente melhorastes, tornastes da morte á vida, e pendurastes alli a vossa mortalha. Que foi isto? Foi milagre daquella Senhora; lêde-o escripto no livro dos seus milagres: *Genuit Eliacim, Eliacim, id est, resurrectio:* [2] Resurreição obrada por Deus. Estaveis todo entrevado, com os membros tolhidos e entorpecidos; não vos podieis mover, nem dar um passo: mandastes-vos trazer em hombros alheios a esta casa: pedistes com grande confiança á Virgem de Penha de França, que usasse comvosco de suas misericordias: no mesmo ponto tornastes para vossa casa por vossos pés, e pendurastes em memoria as vossas moletas. Que foi isto? Foi milagre daquella Senhora; lêde-o escripto no livro: *Genuit Ezechiam. Ezechias, id est, confortatio Domini:* [3] Confortação do Senhor. Fez-vos Deus mercê de vos dar abundancia de bens com que sustentar uma casa muito honrada; mas não vos deu filhos com que a perpetuar. Viestes a Nossa Senhora de Penha de França, fizestes uma novena, e acabados os nove dias de vossa devoção, não tardaram os nove mezes que não tivesseis successor para vossa casa. Que foi isto? Foi milagre daquella Senhora: lêde-o escripto no livro: *Filii Abraham: Abraham, id est, pater multarum gentium:* [4] Pae de muita descendencia. Havendo muitos

---

[1] *Math.*, I, 10.
[2] *Ibid.*, 13.
[3] *Ibid.*, 9.
[4] *Ibid.*, 1.

annos que sendo casada, vivieis como viuva, e vossos filhos como orphãos, porque o pae fez uma viagem para as Conquistas, e nunca mais houve novas delle: tomastes por devoção vir os sabbados á Penha de França, ou rezar o Rosario em vossa casa (que ás vezes é a devoção mais segura), e quando menos o esperaveis, vêdes entrar o pae dos vossos orphãos pela porta dentro. Que foi isto? Milagre daquella Senhora; lêde-o escripto no livro: *Genuit Abiam. Abias, id est, pater veniens hic:* [1] este é o pae que veiu. Cahistes em pobreza, vistes-vos com trabalhos e miserias, e com a casa cheia de obrigações, e de boccas a que matar a fome: não houve diligencia que não fizesseis: não houve industria que não experimentasseis, todas sem proveito. Acolhestes-vos por ultima esperança á sombra desta casa, que cobre e sustenta a tantos pobres; e sem saber d'onde, nem por onde achastes-vos com remedio, e com descanço. Que foi isto? Milagre daquella Senhora; lêde-o escripto no livro: *Genuit Naasson. Naasson, refectio et requies Domini:* [2] Refeição e descanço dado por Deus, Fostes tão desgraçado, que vos foi necessario pleitear para viver: quizeram-vos tirar a vossa fazenda, com demandas, com calumnias, com falsos testemunhos e violencias: andastes tantos annos arrastado por tribunaes, cada vez a vossa justiça mais escura, e vós mais desesperado: appellastes finalmente para o tribunal de Penha de França, e fez-vos Deus a justiça que nos homens não achaveis. Que foi isto? Foi milagre daquella Senhora: lêde-o escripto no livro: *Genuit Josaphat. Josaphat, id est, Deus judex:* [3] Deus feito juiz por vós. Ereis um moço louco e cego: andaveis enredado nos labyrinthos do amôr profano, que vos prendiam o alvedrio, que vos destruiam a vida, e vos levavam ao inferno: vivieis sem lembrança da morte, nem da honra, nem da salvação: oh, valha-me Deus, quantos milagres eram necessarios para vos arrancar daquelle miseravel estado? Era necessario apartar, porque a occasião era proxima; era necessario esquecer, porque a lembrança era continua; era necessario

---

[1] *Math.*, I, 7.
[2] *Ibid.*, 4.
[3] *Ibid.*, 8.

vêr, porque os olhos estavam cegos; era necessario confessar, porque a consciencia estava perdida; era necessario perseverar, porque a recahida não fosse mais arriscada. Todos estes milagres havieis mister, que são todos necessarios a quem vive em similhante estado, e por isso sáem delle tão poucos. Em fim, fizestes-vos devoto da Virgem de Penha de França, offerecestes-lhe um coração todo de cera, e todo de marmore, que tal era o vosso: de marmore para com Deus, de cera para com o mundo. E quando vós mesmo cuidaveis que seria impossivel haver nunca mudança em vós, achastes que o marmore se abrandou, que a cera se endureceu, e que o vosso coração se trocou totalmente. Que foi isto? Foram milagres daquella Senhora; lêde-os todos no livro de seus milagres. Era necessario apartar? *Genuit Phares. Phares, id est, divisio:* Apartamento. Era necessario esquecer? *Genuit Manassen. Manasses, id est, oblivio:* Esquecimento. Era necessario vêr? *Genuit Obed ex Ruth. Ruth, id est, videns:* O que vê. Era necessario aborrecer? *Genuit Zaram de Thamar. Thamar, id est, Amaritudo:* Aborrecimento. Era necessario confessar? *Genuit Judam, Judas, id est, confessio:* Confissão. Era necessario perseverar? *.Genuit Achas. Achas, id est, firmamentum Domini:* Firmeza dada por Deus.

Finalmente, todos os milagres que a Senhora faz (que são todos os que pede a necessidade e o desejo) todos estão escriptos naquelle seu livro. Andaveis affligido e angustiado: accudistes á Virgem de Penha de França, e achastes refrigerio e allivio: *Jessé: Refrigerium.* Andaveis triste e desconsolado; puzestes o vosso coração nas mãos da Virgem de Penha de França, e tornastes com consolação e alegria? *Isaac: Risus.* Andaveis confuso, sem vos saber resolver; recorrestes á Virgem de Penha de França; e livrou-nos da confusão? *Zorobabel: Alienus à confusione.* Andaveis em guerra e dissensões; tomastes por medianeira a Virgem de Penha de França, e poz-vos em paz? *Salomon: Pacificus.* Tinheis inimigos, e não sabieis de quem vos havieis de guardar: tomastes uma carta de seguro da devoção da Virgem de Penha de França, e prevenistes todos os perigos? *Hesron: Jaculum videns.* Sois tentado, chamastes pela Virgem de Penha de França em vossas tentações, e deu-vos

fortaleza para luctar animosamente contra o demonio? *Jacob: Luctator.* Sois soldado, pedistes soccorro á Virgem de Penha de França no conflicto; e deu-vos valor com que vencer ao inimigo? *Booz: Prævalens.* Sois conselheiro: recorrestes á Virgem de Penha de França, e deu-vos luz e prudencia para acertar? *Salmon: Omnia discernens.* Sois mercador, encommendastes as vossas encommendas á Virgem de Penha de França, e recebestes o retorno com grandes augmentos? *Joseph: Augmentum.* Sois mareante, chamastes pela Virgem de Penha de França nas tempestades, e reconheceram as ondas a virtude daquelle sagrado nome? *Maria: Domina maris.* Em fim, que o primeiro livro da historia e milagres de Nossa Senhora de Penha de França é o nosso Evangelho: *Liber generationis.*

V

O segundo livro desta historia e milagres, qual vos parece que será? Tambem o não havemos de ir buscar fóra de casa. E' o Santissimo Sacramento do altar. Bem dizia eu logo, que os milagres desta casa não só teem livro, senão livros. Appareceu ao Propheta Ezechiel um braço com um livro na mão, e disse-lhe uma voz: *Comede volumen istud:* [1] Ezechiel, come este livro. Abriu a bocca Ezechiel, comeu o livro, e succedeu-lhe uma coisa notavel. Porque quando o tomou na bocca, sentiu um sabor, depois que o levou para baixo experimentou outro. Admiravel livro! Admiravel manjar, que nem parece manjar, nem livro! Livro não; porque os livros não se comem, e este comia-se. Manjar não; porque o manjar tem um só sabor, e esse na bocca: e este tinha dois sabores; um exterior, quando se tomou na bocca; e outro interior, quando se passou ao peito. Pois manjar que tem dois sabores; manjar que se come com a bocca, e com o coração; manjar que sabe de uma maneira aos sentidos, e de outra ao interior da alma; que manjar é, nem póde ser este, senão o Santissimo Sacramento? Por isso o Propheta quando lhe disseram que o co-

[1] *Ezech.*, III, 1.

messe, não o comeu, commungou-o: não o tomou primeiro com a mão, como se faz ao que se come; mas abriu a bocca com grande reverencia, e recebeu-o. A cerimonia, o modo, os effeitos, tudo é de Sacramento, não se póde negar. Mas a figura não o parece: *Comede volumen istud.* Que tem que vêr o livro com o Sacramento? Agora o vereis. O livro é a mais perfeita imagem de seu auctor; tão perfeita que não se distingue delle, nem tem outro nome: o livro, visto por fóra, não mostra nada; por dentro está cheio de mysterios: o livro, se se imprimem muitos volumes, tanto tem um, como todos, e não teem mais todos que um: o livro está juntamente em Roma, na India, e em Lisboa, e é o mesmo: o livro, sendo o mesmo para todos, uns percebem delle muito, outros pouco, outros nada; cada um conforme a sua capacidade: o livro é um mudo que falla; um surdo que responde; um cego que guia; um morto que vive; e não tendo acção em si mesmo, move os animos, e causa grandes effeitos. Quem ha que não reconheça em todas estas propriedades o Santissimo Sacramento do altar? Livro é, e livro com grande propriedade: *Comede volumen istud.*

Mas de que materia trata este livro? Disse o Propheta David bem claramente: *Memoriam fecit mirabilium suorum, misericors, et miserator Dominus: escam dedit timentibus se.* [1] Sabeis que livro é este soberano manjar, que Deus dá aos que o temem? E' o livro das memorias dos milagres da misericordia de Deus. E quaes são os milagres da misericordia de Deus, pergunto eu agora, senão os que se obram nesta casa? Que logar ha no mundo, onde Deus se mostre mais misericordioso, e onde sua misericordia seja mais milagrosa que neste? Alli estão os milagres e as misericordias fechadas: aqui estão os milagres e as misericordias patentes. Que cuidaes que é a casa de Penha de França com as suas maravilhas? E' o Sacramento com as cortinas corridas. Se Deus correra as cortinas áquelle mysterio, e nos abrira aquelle livro divino, haviamos de lêr alli o que aqui vêmos. Alli estão os milagres de Penha de França encobertos: aqui estão os milagres do Sacramento desencer-

[1] *Psalm.* CX, 4 e 5.

rados. Alli as paredes cobrem os milagres; aqui os milagres cobrem as paredes. Os milagres e inscripções de que estas paredes ordinariamente estão armadas, que imaginaes que são? São as folhas daquelle livro desencadernadas. Viu S. João no Apocalypse um livro, que não se achou nunca quem o pudesse abrir no mundo, até que o abriu Christo. [1] Assim esteve fechado tantos centos de annos aquelle livro do Divinissimo Sacramento, até que o abriu a Virgem de Penha de França. O que alli se lê, é o que aqui se vê: o que alli crêmos, é o que aqui experimentamos. Nas outras Igrejas é o Sacramento mysterio da fé: aqui é desengano dos sentidos. Se os sentidos aqui vêem tantos milagres; que muito é que a fé crêa alli tantos milagres? Cante-se nas outras Igrejas: *Præstet fides supplementum sensuum defectui.* Suppra a fé o defeito dos sentidos. Em Penha de França cante-se ao contrario: *Præstet sensus supplementum Fidei defectui.* Suppram os sentidos o defeito da fé, se por ventura houvesse. Se os sentidos vêem os milagres; porque os ha de duvidar a fé, e ainda a infidelidade?

O milagre em que mais tropeça e se embaraça a infidelidade no divino Sacramento é, sendo Christo um, estar em tão differentes logares. E quantos olhos ha no mundo, que podem testemunhar de vista este milagre na Senhora de Penha de França! Vêdes entrar por aquella porta um homem carregado de grilhões e de cadeias, e leval-as ao pé daquelle altar; e se lhe perguntaes a causa, diz que estando nas masmorras de Argel, ou Tetuan, lhe appareceu aquella mesma Senhora de Penha de França, a que se encommendava, e que em signal da liberdade que lhe deu, lhe vem offerecer as mesmas cadeias. Vereis entrar por aquella porta o indiatico, e offerecer ricos ornamentos a este templo, porque pelejando na India contra os Achens, ou contra os Rumes, invocou a Virgem de Penha de França, que sendo vista diante do nosso exercito pelos mesmos inimigos, as suas balas nos cahiam aos pés, e as suas settas se convertiam contra elles. Vereis entrar por aquella porta uma procissão de homens descalços, com aspecto mais de resuscitados, que de vivos, e dir-vos-hão, que se veem pros-

[1] *Apoc.*, v, 1.

trar por terra diante daquella Senhora, porque vendo-se comidos do mar, chamaram pela Virgem de Penha de França, e logo a viram no ar entre as suas antennas, e cessou n'um momento a tempestade. De maneira que a Senhora de Penha de França, como se debaixo dos accidentes deste glorioso nome se sacramentára tambem por amôr de nós, sendo uma só, está em Lisboa, está em Argel, está na India, está em todas as partes do mar e da terra, onde a invocamos. Vem-me ao pensamento neste passo, que as palavras da invocação, ou teem, ou participam a mesma virtude das palavras da consagração. A virtude das palavras da consagração é tão poderosa, que em se se pronunciando as palavras, logo Christo alli está presente. Tal é a virtude das palavras da invocação. Ouvi a Isaias: *Invocabis, et Dominus exaudiet: clamabis, et dicet: Ecce adsum:* [1] Invocar-me-heis, e chamareis por mim, e no mesmo ponto serei presente. Assim o faz a Virgem piedosissima a todos os que a invocam em todas as partes do mundo. Christo presente em toda a parte pelas palavras com que o sacerdote consagra a hostia: Maria presente em toda a parte pelas palavras, com que o necessitado a invoca. S. Gregorio Thaumaturgo, chamou a esta Senhora, *Omnium miraculorum officina:* Officina de todos os milagres. E como estes dois livros de milagres foram impressos na mesma officina, não é muito que sejam similhantes nos mesmos caracteres. Só com esta differença, por não dizer vantagem, que no Sacramento está a officina e o livro cerrado; em Penha de França está a officina e o livro aberto: excedendo nesta parte ao livro gerado o livro da geração: *Liber generationis.*

VI

Ora, Senhores, já que estamos na casa dos milagres, e no dia em que a Senhora de Penha de França deve estar mais liberal que nunca de seus favores e misericordias, o que importa e o que Deus e a mesma Senhora quer, é que nenhum de nós hoje se vá

[1] *Isai.*, LVIII, 9.

desta Igreja sem o seu milagre. Nenhum de nós ha tão perfeitamente são, que não tenha alguma enfermidade, e muitas, de que sarar. Quantos estão hoje nesta Igreja, mancos e aleijados? Quantos cegos, quantos surdos, quantos entrevados, e, o peor de tudo, quantos mortos? Quereis saber quem são os mancos? Ouvi a Elias: *Usquequò claudicatis in duas partes?* [1] Até quando, povo errado, has de manquejar para duas partes, adorando juntamente a Deus e mais a Baal? Quantos ha debaixo do nome de christãos, que dobram um joelho a Deus, e outro ao idolo? Perguntae-o a vossas torpes adorações. Os que fazem isto são os mancos. Quereis saber quaes são os cegos? Não são aquelles que não vêem: são aquelles que vendo e tendo o olhos abertos, obram como se não viram: *Excæca cor populi hujus* (diz Isaias) *ut videntes non videant.* [2] Vêmos que todo este mundo é vaidade; que a vida é um sonho; que tudo passa, que tudo acaba, e que nós havemos de acabar primeiro que tudo, e vivemos como se foramos immortaes, ou não houvera eternidade. Quereis saber quem são os surdos? São aquelles de quem disse David: *Aures habent, et non audient:* [3] Terão ouvidos, e não ouvirão. Não ouvir por não ter ouvidos, não é grande miseria; mas ter ouvidos para não ouvir, é a maior enfermidade de todas. Nenhuma coisa me desconsola e está desconsolando tanto, como vêr-me ouvir. O que vae ao entendimento, ouvil-o com grande attenção e satisfação, e com maior applauso do que merece: o que vae á vontade e mais importa, ou não lhe daes ouvidos, ou vos não sôa bem nelles. Quanto temo que é evidente signal da reprovação! *Propterea vos non auditis, quia ex Deo non estis.* [4] Estes são os surdos. Quereis finalmente saber quem são os mortos? São aquelles de quem disse S. João: *Nomen habes, quòd vivus, et mortuus es:* [5] e aquelles de quem disse Christo: *Sinite mortuos sepelire mortuos suos.* [6] Os mortos são to-

---

1 *3.º Livr. dos Reis,* XVIII, 21.
2 *Isai.,* VI, 10.
3 *Psalm.* CXIII, 6.
4 *Joan.,* VIII, 47.
5 *Apoc,* III, 1.
6 *Math.,* VIII, 22.

dos aquelles que estão em peccado mortal. Haverá algum morto, ou alguma morta nesta igreja? Ainda mal, porque tantos e tantas. Vêde quanto peor morte é o peccado, que a mesma morte. Os homens temos tres vidas: vida corporal, vida espiritual, vida eterna. A morte tira sómente a vida corporal: o peccado tira a vida espiritual, tira a vida eterna, e tambem tira a corporal, porque do peccado nasceu a morte: *Per peccatum mors.* [1] Todas as mortes quantas ha, quantas houve, e quantas ha de haver, foram causadas de um só peccado de Adão: e não bastando todas para o pagar, foi necessario que o mesmo Deus morresse para satisfazer por elle. A morte mata o corpo, que é mortal: o peccado mata a alma, que é immortal, e morte que mata o immortal vêde que morte será! Os estragos que faz a morte no corpo, consome-os em poucos dias a terra: os estragos que faz o peccado na alma, não basta uma eternidade para os consumir o fogo. E sendo sobre todo o excesso de comparação, tanto mais para temer a morte da alma, que a morte do corpo, e tanto mais para amar e para estimar a vida espiritual e eterna, que a vida temporal, em que fé e em que juizo cabe, que pela vida e saude do corpo se façam tão extraordinarios extremos, e que da vida e saude da alma se faça tão pouco caso?

Verdadeiramente, senhores, que quando considero no que aqui estamos vendo, não ha coisa para mim no mundo tão temerosa, como o mesmo concurso e devoção desta casa, e ainda os mesmos milagres della. Oh se ouviramos os brados que nos estão dando á consciencia estas paredes! Queixam-se de nós com Deus, e queixam-se de nós comnosco: e cada voto, cada milagre dos que aqui se vêem pendurados, é um brado, é um pregão do céu contra o nosso descuido. E' possivel (estão bradando estas paredes) é possivel que faz tantos milagres Deus por nos dar a saude e vida temporal, e que os homens não queiram fazer o que Deus lhes manda, sendo tão facil, para alcançar a saude espiritual e a vida eterna? E' possivel que esteja Deus empenhando toda a sua omnipotencia em vos dar a vida do corpo, e vós que estejaes empregando todas as vossas potencias em per-

[1] *Rom.*, v, 12.

der a vida da alma? Dizei-me, em que empregaes a vossa memoria? Em que empregaes o vosso entendimento? Em que empregaes a vossa vontade, e todos os vossos sentidos, senão em coisas que vos apartam da salvação? E 'possivel (tornam a bradar contra nós estas paredes, e a argumentar-nos a nós comnosco mesmos) é possivel que havemos de fazer tanto pela saude e pela vida temporal, e que pela saude da alma e pela vida eterna não queremos fazer coisa alguma? Se adoeceis, se estaes em perigo, tanto accudir áquelles altares, tantos votos, tantas Missas, tantas romarias, tantas novenas, tantas promessas, tantas offertas: gaste-se o que se gastar, perca-se o que se perder, empenhe-se o que se empenhar; e pela saude da alma, pela vida eterna, como se tal coisa não houvera, nem se crêra? Vêde o que diz Santo Agostinho: *Si tantum, ut aliquanto plus vivatur, quantò magis, ut semper vivatur?* Se tanto se faz para viver um pouco mais, quanto mais se deve fazer para viver sempre? Pois desenganae-vos, que por mais que não façaes caso da outra vida, ella ha de durar eternamente, e por mais que façaes tanto caso desta vida, ella ha de acabar, e em mui poucos dias. Uma vez escapareis da morte, e pendurareis a mortalha em Penha de França, mas alfim ha de vir em que a morte vos não ha de perdoar, e em que vós não pendurareis a mortalha, mas ella vos leve á sepultura. Lazaro resuscitou uma vez, valeu-lhe Maria, mas depois morreu alfim como os demais.

O que importa é tratar daquella vida que ha de durar para sempre, e procurar sarar a alma, se está enferma, e sobre tudo resuscital-a, se está morta. Christo, para resuscitar, escolheu uma sepultura aberta em uma penha: *In monumento, quod erat excisum in petra:* [1] e resuscitou ao terceiro dia. Tudo aqui temos: a penha, os tres dias, e o Resuscitador: *Ego sum resurrectio, et vita.* [2] Já que a alma está morta, sepulte-se naquella penha, para que resuscite. O' alma infelizmente morta, e felizmente sepultada: se alli sepultares de uma vez, e para sempre, tudo o que te mata, tu resuscitarás, e resuscitarás se quizeres neste

[1] *Marc.*, XV, 46.
[2] *Joan.*, XI, 25.

mesmo momento. Que felicidade a nossa, e que gloria daquella Senhora, e de seu sacramentado Filho, se todos os que hoje entraram em Penha de França mortos, sahissem resuscitados! Não ama ao Filho, nem é verdadeiro devoto da Mãe, quem assim o não fizer. Não guardemos o resuscitar para o terceiro dia, nem para o segundo, que não sabemos o dia, nem a hora. Christo resuscitou ao terceiro dia para provar a verdade da sua morte: os mortos que então resuscitaram, resuscitaram logo, e no primeiro dos tres dias, para provar a efficacia da virtude de Christo. Não é esta a materia em que se hajam de perder momentos, porque póde ser que seja esta a ultima inspiração, e este aquelle ultimo momento de que pende a eternidade. Oiçam estas vozes do céu, os que hoje aqui vieram surdos: abram os olhos, e vejam seu perigo, os que vieram cegos: tornem por outro caminho, e com outros passos, os que vieram mancos: e todos levem vivas e resuscitadas as almas que trouxeram mortas, deixando em Penha de França por memoria deste dia cada um a sua mortalha. Estes são os mais gloriosos tropheus com que se podem ornar estas miraculosas paredes. E' este o FINIS de maior louvor de Deus, e de sua Mãe, com que devemos cerrar um e outro livro, pois é o fim que só nos ha de levar á vida sem fim.

SERMÃO

DO

SANTISSIMO NOME DE MARIA *

Et nomen Virginis Maria. [1]

I

Se o sermão desta nova solemnidade se prégara no céu, todas as gerarchias dos espiritos bemaventurados, e todos os nove côros dos Anjos se haviam de achar neste auditorio. A materia tão immensa como breve se resume toda a uma só palavra. Isto é o que refere o Evangelista S. Lucas no Texto, tambem breve, que propuz, dizendo que a Virgem escolhida para Mãe de Deus, tem por nome Maria: *Et nomen Virginis Maria.* [2] Um Anjo trouxe a embaixada á Virgem Maria, o mesmo Anjo foi o primeiro que pronunciou o nome de Maria; e todos os Anjos haviam de concorrer, como dizia, a ouvir o panegyrico do mesmo nome: mas porque ou para que? Por ventura para saberem alguma coisa de novo? Não; porque muito mais sabem e penetram deste altissimo argumento os Anjos, do que podem discorrer e alcançar todos os entendimentos humanos. Por ventura para se aproveitarem dos maravilhosos effeitos, que em seus ve-

---

* Foi prégado este Sermão, na occasião em que Sua Santidade instituiu a festa universal do mesmo Santissimo Nome. Honorati considera este Sermão um preambulo das grandezas de Maria tractadas nos outros Sermões da Senhora. Diz e com razão que elle é um alfobre, uma floresta densa de pensamentos e assumptos em todos os estylos para a confecção de panegyricos em honra de Maria.

1 *Luc.*, I, 27.
2 *Ibid.*, I, 27.

neradores causa o mesmo nome? Tambem não; porque os Anjos nem teem que emendar, nem podem crescer. Não teem que emendar, porque no céu não ha peccado: nem podem crescer, porque no céu não se augmenta a graça. A que fim logo se haviam de achar neste auditorio hoje, desde o infimo ao supremo, todos os estados dos Anjos? Digo, que só para ouvir o nome de Maria. E vêde se fallo com fundamento.

Tres vezes na Historia dos Cantares viram os Anjos a Esposa Divina, que é a mesma Virgem; e notam os mais advertidos Expositores, que outras tantas vezes perguntaram quem era: *Quæ est ista? quæ est ista? quæ est ista?* [1] Os Anjos bem sabiam, que a cheia de todas as virtudes e graças, como a composição cheirosa composta de todas as especies aromaticas, era unicamente a bemdita entre todas as mulheres: pois porque perguntam quem é? *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum, sicut virgula fumi ex aromatibus mhyrræ, et thuris, et universi pulveris pigmentarii?* [2] Os Anjos bem sabiam que a que amanheceu neste mundo desfazendo as trevas da noite, e abrindo as portas aos primeiros resplandores da luz, como formosa e alegre aurora, era a Mãe do verdadeiro Sol; pois porque perguntam quem é: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens?* [3] Os Anjos bem sabiam que a que subiu da terra ao céu com a mão sobre o braço do seu amado, e não indo buscar as delicias, senão levando-as já comsigo, era a mesma Senhora no triumpho de sua gloriosa Assumpção; pois perguntam quem é: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto, deliciis affluens, innixa super dilectum suum?* [4] Perguntar a primeira vez, tinha desculpa, se foram homens; mas não só uma, senão tantas vezes, sendo Anjos? Sim, e por isso mesmo. Quem não pergunta por ignorancia, pergunta por gosto: e é tanto o gosto que todos os espiritos angelicos recebem em ouvir pronunciar o nome de Maria, que só porque lhe respondam que é Maria, perguntam tantas vezes quem é: *Quia Mariæ dulce nomen desiderant sibi responderi*, diz Ricardo Laurentino.

---

1 *Cant.*, III, 6.
2 *Ibid.*
3 *Ibid.*, VI, 9.
4 *Ibid.*, VIII, 5.

Eu não posso negar que o pensamento é exquisito, e parece remontado: mas porque se não attribua só á agudeza e devoção deste Auctor, oiçamos a outro não menos devoto, nem menos sabio: *Tantæ virtutis* (são palavras daquelle espirito extatico, que, sendo mestre e doutissimo, por humildade se chamou Idiota) *Tantæ virtutis, et excellentiæ est tuum sanctissimum nomen, ó beatissima Virgo, ut ad invocationem ipsius cœlum rideat, et Angeli congaudeant:* [1] E' tão grande (diz) a virtude e excellencia de vossa santissimo nome, ó Virgem beatissima, que quando se pronuncía e invoca, todo o céu ri, e todos os Anjos se alegram. Admiravel coisa por certo, que os espiritos celestes os quaes estão com os olhos cheios da vista de Deus, tenham outro desejo, e outro gosto! Mas ainda é mais admiravel, que este desejo seja de ouvirem o nome de Maria, e este gosto, quando o ouvem.

E por que ninguem cuide que estes dois testemunhos recebidos, e approvados de toda a escola da Theologia, fallaram com as affectações do encarecimento, a mesma Virgem Maria como Oraculo superior a todo o creado, nos ensinará sinceramente a verdade do que havemos de crèr. Fallando a Senhora com Santa Brigida nas suas revelações, diz assim: *Filius meus quantum honoravit etiam nomen meum, audi:* Ouve, Brigida, quanto meu Filho não só me honrou a mim, senão tambem o meu nome. *Nomen meum est Maria; hoc nomen cùm Angeli audiunt, gaudent in conscientia sua, et regratiantur Deo:* [2] O meu nome é Maria; e este nome, quando o ouvem os Anjos, se alegram interiormente, e dão graças a Deus por elle: não porque oiçam alguma coisa de novo; mas porque se lhes renova a memoria, e o gosto do que já sabem, que isso quer dizer, *in conscientia sua.* E não só os Anjos do céu, senão os que neste mundo guardam os homens, quando algum nomeia e invoca o nome de Maria, logo se chegam mais a elle para o ouvir de mais perto, e lhe assistem com maior cuidado: *Angeli etiam boni audito hoc nomine statim appropinquant magis justis.* De sorte, que para fazermos mais nossos os nossos Anjos da guarda, e sermos mais benevola-

1 Idiota. Livr. de Contempl. Deiparæ.
2 Santa Brigida in Revel. Livr. 1, Cap. 19.

mente assistidos delles, a melhor oração, e o maior obsequio que lhes podemos fazer, é nomear muitas vezes o nome de Maria.

Sendo pois os Anjos tão devotos, ou, para o dizer com phrase de S. Hylario, tão ambiciosos ouvintes do nome de Maria; de que outro exordio podia eu usar neste seu dia, nem mais nobre, nem mais bem fundado: ou que exemplo podia propôr mais efficaz e mais digno de imitação aos que com entendimento e curiosidade humana esperam as primeiras noticias deste novo assumpto? Das que eu trago para publicar (que são as mais importantes ao inteiro conceito do mesmo nome) só posso affirmar, que me não poupei ao estudo. E posto que a materia é tão alta e incomprehensivel, que ainda onde os ouvintes são homens, devêra o prégador ser Anjo; se ouvirmos comtudo o pouco que se póde dizer, com a attenção e estimação que a mesma materia merece; não só prometto que imitaremos os Anjos, mas que em parte não pequena os excederá a nossa sorte mortal. Os Anjos ouvem o nome de Maria com tanto desejo e tanto gosto, como vimos; nós não só o podemos ouvir com desejo e com gosto, mas com grande utilidade e augmento de graça, dos quaes o seu estado não é capaz. Para que assim seja (que é o fim que pretendeu a Igreja nesta nova celebridade) valhamonos do favor, auxilio, e virtude do mesmo nome, dizendo: *Ave Maria.*

II

Et nomen Virginis Maria.

Para fallar do nome ineffavel de Maria, e para se entender com distinção e clareza o pouco que se póde dizer de materia tão immensa, primeiro que tudo devemos suppor, que coisa é isto a que chamamos nome. O nome, diz Aristoteles, é uma voz significativa, cujo significado lhe dá a instituição de quem o fez. Diz mais, que os fins para que se inventaram os nomes, é a declaração dos conceitos por elles significados; porque como os conceitos não se vêem, e as vozes não se ouvem, pelas vozes ouvidas, vimos em conhecimento dos conceitos que não vêmos. Isto supposto, o instituidor do nome de Maria foi Deus, o qual o

revelou primeiro a S. Anna, e depois a S. Joaquim, assim como o nome de Jesus, primeiro foi revelado á mesma Virgem, e depois a S. José. O tempo desta instituição foi antes de todo o tempo, no principio da eternidade. Então, como diz a mesma Senhora, foi concebida na mente divina: *Nondum erant abyssi, et ego jam concepta eram:* [1] e então sahiu da bocca do mesmo Deus o nome com que foi significado este eterno conceito do Altissimo: *Ego ex ore Altissimi prodivi primogenita ante omnem creaturam.* [2] A primeira conclusão, pois, que d'aqui se segue, é, que nós não podemos conhecer, senão muito imperfeitamente, as divinas perfeições que se encerram no nome de Maria; porque o conceito do que significa este soberano nome, foi parto do entendimento divino, que é infinito; e o significado pela voz do mesmo nome é o que nós só podemos perceber com o entendimento humano, que é tão fraco e limitado. Para dizer, porém, alguma coisa do que fôra mais facil calar e venerar com o silencio, se dividirá o meu discurso em tres partes. Na primeira veremos quão alta dignidade é a do nome de Maria, por ser o seu instituidor Deus. Na segunda, quão immenso é o significado que na breve e doce voz deste sacratissimo nome se encerra. Na terceira, como nos havemos de aproveitar e valer dos maravilhosos effeitos do mesmo significado, pela invocação frequente do mesmo nome. A mesma Senhora se digne de favorecer a tenção com que para gloria sua, e egual bem de nossas almas, fiz eleição deste assumpto.

III

O cardeal S. Pedro Damião escrevendo a origem do nome de Maria, diz que o tirou e desenvolveu Deus dos thesouros de sua divindade: *De thesauro divinitatis Mariæ nomen evolvitur.* [3] Não encommendou Deus a instituição deste soberano nome, nem a Adão, nem a Noé, ou a algum dos maiores Patriarchas, nem a

---

1 *Prov.*, VIII, 24.
2 *Eccles.*, XXIV, 5.
3 Petr. Dam. Serm. 9.º de Annunt.

Michael, nem a Gabriel, ou a algum dos mais sabios Cherubins, ou Serafins do Empireo; mas assim como o conceito e a idéa deste grande nome foi o entendimento divino; assim o som e a voz quiz que fosse pronunciado de sua propria bocca. E quem duvida, que a mais alta e excellente dignidade a que póde subir em sua origem uma creatura, é ter por seu immediato e total auctor o mesmo Deus? Ao terceiro dia da creação do mundo disse Deus á terra, que produzisse as hervas e as plantas: *Germinet terra herbam virentem, et lignum pomiferum.* [1] Ao quinto disse á agua, que produzisse os peixes e as aves: *Producant aquæ reptile animæ viventis, et volatile super terram.* [2] Ao sexto dia tornou a fallar com a terra, e disse-lhe, que produzisse todo o genero de animaes: *Producat terra animam viventem in genere suo, jumenta et reptilia, et bestias.* Porém no quarto dia, em que houve de ornar o firmamento, e allumiar o mundo com o sol, lua e estrellas, não disse Deus ao céu que as produzisse, senão que elle por si mesmo fabricou, e accendeu aquelles luminosos do universo, e por si mesmo as collocou no firmamento: *Fecit Deus duo luminaria magna, luminare majus, ut præesset diei, luminare minus, ut præesset nocti, et stellas: et posuit eas in firmamento.* [3] Pois se Deus mandou á terra, que produzisse as plantas e animaes: se mandou á agua, que produzisse os peixes e as aves; porque não mandou tambem ao céu que produzisse o sol, e a lua, e os outros planetas? E se a terra produziu as flôres, que são as suas estrellas, o céu porque não produziu as estrellas, que são as suas flôres? Porque essa é a differença que Deus costuma observar na producção de suas creaturas, conforme a dignidade dellas. As plantas e os animaes produza-os a terra: os peixes e as aves produza-os a agua; porém o sol, a lua e as estrellas, que na alteza do logar, nos resplandôres da luz, e na virtude das influencias excedem, com tanta eminencia, a tudo quanto lhes fica abaixo neste mundo elementar, nem ao mesmo céu commette Deus a sua producção, senão que elle por si mesmo as produziu:

---

[1] *Gen.*, I, 11.
[2] *Ibid.*, 20.
[3] *Ibid.*, 16 e 17.

Fecit luminaria magna, et stellas: e elle mesmo lhes dividiu e distribuiu os postos: *Et posuit eas in firmamento.*

Tal foi o respeito e auctoridade, com que foram creados, e postos no firmamento o sol, a lua e as estrellas, para que nesta mesma excepção se esteja lendo no céu escripto com lettras de oiro o singular privilegio e dignidade, com que Deus não communicou a outrem, mas reservou para si a formação e instituição do nome de Maria, isto é, daquella mesma Senhora, a quem no mesmo céu veste o sol, calça a lua, e coroam as estrellas. Um homem escreveu, e um Anjo pronunciou no nosso Evangelho o nome de Maria. Quem o escreveu, foi S. Lucas: *Et nomen Virginis Maria:* [1] quem o pronunciou foi S. Gabriel: *Ne timeas Maria:* [2] mas a formação e instituição do mesmo nome, nem a homens, nem a Anjos o communicou Deus; mas elle mesmo o formou *ab æterno*, e o manifestou em tempo, quando o tirou dos thesouros de sua divindade: *A thesauro divinitatis nomen Mariæ evolvitur.* E para que vejamos quão alta dignidade e soberania encerra a singularidade desta excepção: oiçamos a primeira réplica daquelles a quem póde não parecer singular. No Testamento Velho a irmã de Moysés e Arão chamou-se Maria; no Testamento Novo, ainda antes de sua promulgação, as Magdalenas, as Salomés, as Jacobes tambem se chamavam Marias; como foi logo tão singular um nome que já era tão commum? Porque este ou o deram, ou o tomaram os homens: aquelle só o formou e instituiu Deus. Vêde agora quanta differença vae de ser chamado por Deus, ou por outrem, um nome ainda que seja ou pareça o mesmo.

No Capitulo 48 de Isaías fallando Deus com os Israelitas, diz assim: *Audite hæc domus Jacob, qui vocamini nomine Israël:* [3] Ouvi-me, filhos de Jacob, que sois chamados com o nome de Israël. E mais abaixo no mesmo Capitulo, fallando com os mesmos, diz o mesmo Deus: *Audi me Jacob, et Israel, quem ego voco:* [4] Ouvi-me, filhos de Jacob, a quem eu chamo

---

1 *Luc.*, I, 27.
2 *Ibid.*
3 *Isai.*, XLVIII, 1.
4 *Ibid.*, 12.

Israël. Não sei se notaes no mesmo nome de Israël a grande differença com que diz Deus aos mesmos homens, que elles são chamados, ou elle os chama: *Qui vocamini Israel et Israel quem ego voco.* O *qui vocamini*, pertence ao nome com que elles eram chamados: o *quem ego voco*, pertence ao nome com que Deus os chama. Mas se o nome com que eram chamados, e o nome com que Deus os chama é o mesmo nome de Israël; que differença é esta no mesmo nome? E' tão grande differença, que só o mesmo Deus, que a fez, a podia bastantemente conhecer. O nome parecia o mesmo; mas vae tanto de nome a nome, e de chamar a ser chamados, quanto vae de ser a não ser: e isto não por outra razão, nem por outra differença, senão porque o mesmo nome de Israël d'antes era pronunciado por bocca dos homens: *Qui vocamini Israel*, e agora era pronunciado por bocca de Deus: *Israel quem ego voco.* E se tão notavel differença foi a do nome de Israël na bocca dos homens á do mesmo nome de Israël na bocca de Deus; qual seria, ou qual será a do singularissimo nome de Maria em comparação da irmã de Moysés e das outras, posto que Santas, que tiveram ou parece que tiveram o mesmo nome? O som da voz, ou a voz do nome é a mesma; mas o nome em si, nessas chamadas Marias, foi *qui vocamini;* na verdadeira e unica Maria, é, *quem ego voco.* E tanto vae de nome a nomes, e de chamar a chamar-se, quanto vae de Deus a não Deus.

Declaremos a verdade deste pensamento divino com um exemplo humano. Encarece Plinio naquelle seu tão celebrado panegyrico o nome de Optimo, que o Senado deu ao imperador Trajano. E como no mesmo auditorio assistiam os Romanos todos, os quaes sabiam que outros imperadores foram tambem chamados Optimos; como responderia o famoso orador a esta objecção, que tacitamente estava dando brados contra o que elle dizia? As palavras de Plinio são estas: *Justis de causis senatus, populusque romanus Optimi cognomen tibi addicit. Parum id quidem, et in medio positum, novum tamen:* [1] Ainda que este nome de Optimo, ó Trajano, parece antigo, não é senão novo, e ainda que parece commum a outros impe-

[1] Plinius, in Paneg. Traj.

radores, em vós é singular. E porque? Porque aos outros, ou o tomou a ambição, ou o deu a lisonja, ou o introduziu e permittiu o costume; porém a vós, depois de muito consultadas as justas causas de tão superlativo nome, vol-o decretou e consagrou o Senado romano: *Optimi cognomen senatus, populusque romanus tibi addicit.* E se o nome de Optimo consultado e decretado pelo Senado romano é tão differente de si mesmo, ou dado, ou tomado por outros; quão eminente dignidade será, e quão incomparavel a do nome de Maria em Maria, consultado e decretado no consistorio da Santissima Trindade, e instituido e nomeado *ab æterno*, e guardado só para ella nos thesouros da divindade pelo mesmo Deus?

IV

Assim foi, e assim havia de ser, e tão forçosa e necessariamente assim, que não podia ser de outro modo. Grande gloria é do nome de Maria, que tivesse a Deus por auctor; mas muito maior gloria e soberania é do mesmo nome, que não podesse ter outro auctor senão a Deus. As razões naturaes desta singularissima excellencia são duas, as quaes deixaram fundadas e estabelecidas, sem saberem o nome a que serviam, os dois maiores philosophos, Platão, e Aristoteles: *Ratio quam significat nomen, est definitio, quæ designat propriam rei naturam.* A razão e propriedade do nome, diz Aristoteles, consiste em ser uma definição da natureza, e essencia do seu significado, isto é, daquillo que significa. De sorte, que assim como a definição declara a natureza e essencia do definido por muitas palavras; assim o nome é uma definição breve, que o declara em uma só palavra. E como o ser e grandeza de Maria Mãe de Deus, é tão sublime e immensa, que só o entendimento divino a póde comprehender, e só elle declarar a dignidade e perfeições superiores a todo o creado que em si encerra; d'aqui se segue, que assim como só Deus lhe póde compôr a definição, assim só o mesmo Deus lhe póde dar o nome. Celebra o Divino Esposo as perfeições da Virgem Senhora nossa, debaixo da metaphora de todos aquelles primores e graças da natu-

reza, que fazem admiravel uma estremada formosura: *Quam pulchra es amica mea, quam pulchra es!* [1] E é coisa muito digna de reparo, que em todas estas perfeições, que são manifestadas á vista, accrescenta uma clausula, em que exceptua as que debaixo della estão encobertas e escondidas. Fallando dos olhos, diz: *Oculi tui columbarum:* e logo ajunta: *Absque eo quod intrinsecus latet.* Passa a descrever os cabellos, as faces, a bocca, os dentes, a falla, tudo com similhanças pastoris: *Capilli tui sicut greges caprarum, quæ ascenderunt de monte Galaad: dentes tui sicut greges tonsarum, quæ ascenderunt de lavacro: sicut vitta coccinea labia tua, et eloquium tuum dulce: sicut fragmen mali punici genæ tuæ:* e accrescenta do mesmo modo: *Absque eo quod intrinsecus latet.* De maneira, que não se contenta o divino Pastor com os encarecimentos do que diz, senão que em todos toma a salva, remettendo-se aos silencios do que juntamente calla. Mas se esses excessos, ou mysterios de formosura interior os calla, porque são occultos e encobertos, e os não podem vèr os olhos; porque os não declara ao menos, para que os creia a Fé? Porque são tão profundos e impenetraveis a todo o entendimento creado, que nenhum os póde alcançar, e só Deus os póde conhecer: *Absque eo quod intrinsecus latet, hoc est, soli Deo cognitum, et nemini manifestum*, commenta Ricardo de Santo Laurencio. E porque debaixo das perfeições e graças da Mãe de Deus, manifestas aos homens e Anjos, e admiradas e celebradas por elles, estão occultas e encobertas outras maiores reservadas só ao conhecimento e comprehensão divina; por isso assim como só Deus lhe póde formar a definição, assim só Deus lhe póde pôr o nome. Este é o solido fundamento assentado sobre a definição de Aristoteles, porque do nome de Maria não só foi Deus o auctor, mas porque só Deus o podia ser.

Platão ainda disse mais: *Dei appellatio est, cum Deus facit inesse rei nominatæ id quod nomen significat.* Quando Deus faz que a coisa nomeada tenha todo o significado do nome, então é signal certo e infallivel (diz Platão) que a nomeação foi divina. Para

[1] *Cant.*, IV, 1.

intelligencia desta philosophia é necessario que nos ponhamos no Paraiso Terreal, quando nelle não havia mais que Deus e Adão. Fez Deus que viessem diante de Adão todos os animaes, para que elle lhes puzesse o nome: e dá testemunho a Escriptura Sagrada, que todos os nomes que Adão poz aos animaes, foram tão proporcionados e proprios, como convinha á natureza de cada um: *Omne enim quod vocavit Adam animæ viventis, ipsum est nomen ejus.* [1] Agora oiçamos quão sabia e elegantemente discorre sobre esta acção S. Basilio de Seleucia, e como tambem dá a Deus e ao homem nella o que toca a cada um: *Esto, Adam, nominum artifex, quando rerum esse non potes; formentur à te, nominentur à te; partiamur hujus fictricis solertiæ gloriam: me agnoscant artificem naturæ lege, te Dominum intelligant appellationis nomine: inde nomen, quibus ego essentiam:* Sê tu, Adão, diz Deus, artifice dos nomes, já que o não pódes ser das coisas. Foram formadas por mim, sejam nomeadas por ti. Partamos entre ambos a gloria desta grande obra: a mim reconheçamme por seu Auctor pelo direito da natureza, e a ti por seu senhor, pela imposição dos nomes: dá tu o nome aos que eu dei a essencia. Não podia o homem subir a maior dignidade, que a partir Deus com elle a gloria da creação do mundo. Mas nesta partição, ou partilha, que parecia tão egual, ainda houve uma forçosa desegualdade, e differença grande. O homem póde dar o nome, mas não póde dar a essencia: só Deus póde dar as essencias, ainda que não dê os nomes. Mas quando Deus dá o nome, é tal a efficacia da palavra e nomeação divina, que pelo mesmo nome fica obrigado Deus a dar tambem o significado, e a essencia. Isto é o que disse Platão, e esta a segunda e maior gloria do nome de Maria. Se Deus antes de escolher e predestinar aquella humilde donzella de Nazareth, lhe déra o nome de Maria, era Deus obrigado por força deste nome a dar á mesma Virgem a dignidade de Mãe, e todas as outras excellencias e graças para que foi predestinada; porque faltando ao nome o seu significado, e á pessoa nomeada a sua dignidade, e á dignidade as suas pregorativas, faltaria tambem Deus (o que é impossivel) á verdade da

[1] *Gen.*, II, 19.

sua palavra, e não seria a nomeação divina, nem ainda humana, como as de Adão no Paraiso.

Adão no Paraiso, como dissemos, posto que não póde dar as essencias ás creaturas, póde-lhe comtudo dar os nomes convenientes, e proporcionados ás mesmas essencias. E se d'aqui inferir alguem, que os nomes das outras chamadas Marias, os quaes receberam por imposição humana, terão ao menos esta propriedade e proporção com o seu significado; digo, que de nenhum modo. A razão é, porque a sciencia com que Adão no Paraiso conheceu as essencias dos animaes, e lhe pôde dar os nomes proporcionados, e proprios, não era como a que hoje teem os homens natural e imperfeita, senão outra muito mais alta, sobrenatural, e infusa, de que elle e todos seus descendentes ficaram privados pela culpa. E este é o defeito por que os nomes que hoje poem os homens, ou são contrarios, ou improprios, e muito alheios do que querem significar. No mesmo Adão temos a experiencia. Poz Adão o nome a sua mulher, e chamou-lhe Eva, que quer dizer vida: e dando a razão do nome, accrescentou um erro sobre outro, declarando que lhe chamára vida, por ser Mãe de todos os viventes: *Eo quod mater esset cunctorum viventium.* [1] Ha tal segueira? Ha tal loucura? Ha tal ignorancia e desconhecimento proprio? Quem foi a que introduziu a morte no mundo senão Eva? Quem fez a todos os homens de immortaes mortaes, senão o serem filhos daquella mãe? Devêra pois Adão chamar-lhe morte, e não vida, e mãe dos mortaes, ou dos mortos, e não dos viventes, como bem o argue e convence S. Cypriano. Pois se Adão se mostrou tão sabio e tão acertado nos nomes dos animaes, como agora o vemos tão ignorante e tão errado no nome de sua propria mulher? Prque aos animaes poz-lhe os nomes com a luz, e sciencia sobrenatural do estado da innocencia, e a Eva com a cegueira e ignorancia natural do estado da culpa. Que muito logo que os herdeiros desta mesma ignorancia puzessem o nome de Maria a sugeitos tão improprios e tão deseguaes da grandeza e magestade deste soberano nome? Succedeu-lhe á Mãe o mesmo que ao Filho, e ao nome de Maria com as

[1] *Gen.*, III, 20.

outras Marias, o que ao nome de Jesus com outros Jesus.

Considera S. Bernardo como houve um Josuë successor de Moysés, e um Jesus Sirac, e outro Jesus filho de Josedech, que se chamaram Jesus. Mas como desaffronta o Santo a soberania do nome de Jesus da baixeza de est'outros synonimos? Excellentemente: *Non enim ad instar priorum meus iste Jesus nomen vacuum, et inane portat. Non est in eo magni nominis umbra, sed veritas.* [1] Sabeis quanta differença vae desses Jesus ao nosso Jesus? Quanta vae da sombra á verdade. Os nomes de ess'outros chamados Jesus eram nomes vazios, porque sómente tinham o som e a voz, e lhes faltava o significado. Só o nosso Jesus foi nome cheio, porque a verdade da significação enchia os vazios, e as medidas do nome. E' o que disse o poeta com discreta lisonja escrevendo a Maximo: *Maxime, qui tanti mensuram nominis imples.* E assim como entre todos os que se chamaram Jesus, só o Filho de Maria encheu as medidas do nome de Jesus; assim entre todas as que se chamaram Marias, só a Mãe de Jesus encheu as medidas do nome de Maria. E quaes são as medidas do nome de Maria? A mesma Senhora o disse: *Quia fecit mihi magna qui potens est.* [2] Quem quizer tomar a medida certa ao nome de Maria, tome-a primeiro á Omnipotencia Divina; porque tudo o que Deus podia e póde, é o que enthesourou neste immenso nome. E se todos os poderes da Omnipotencia são os que só enchem as medidas do nome de Maria, vêde como o podia comprehender outra idéa, nem pronunciar outra voz, senão a da mesma divindade: *De thesauro divinitatis nomen Mariæ evolvitur.*

V

Depois de declarado quem foi, e quem só podia ser o Auctor do nome de Maria, que foi Deus; segue-se, como prometti, examinar a significação ou signi-

---

[1] Bernard. Serm. 1.º de Circumc.
[2] *Luc.*, I, 49.

ficações do mesmo nome. A lingua hebréa, a chaldaica, a syriaca, a arabica, a grega, a latina, todas conspiraram em o derivar de diversas raizes e origens, por onde não é uma só, senão muitas as etymologias deste profundissimo e fecundissimo nome, e o mesmo nome, segundo a propriedade de suas significações, não um só nome, senão muitos nomes.

A primeira etymologia, e sabida de todos é, que o nome de Maria significa, *stella maris*, estrella do mar. O mar é este mundo, cheio de tantos perigos, combatido de todos os ventos, exposto a tão frequentes tempestades; e em uma tão larga, temerosa, e escura navegação, quem poderia chegar ao porto do céu, se não fosse guiado de lá por aquella benignissima estrella? *Quibus auxiliis possunt naves inter tot pericula pertransire usque ad littus patriæ?* Por que meio poderão os navegantes entre tantos perigos chegar ás praias da patria? — pergunta o Papa Innocencio III: e responde, que só por meio de duas coisas, nau, e estrella. A nau é o lenho da Cruz; a estrella é Maria: *Certe per duo, videlicet, per lignum, et stellam, id est, per fidem crucis, et virtutem lucis, quam peperit nobis Maria maris stella.*

A segunda significação e etymologia do nome de Maria, é *Domina*, Senhora por antonomasia, porque do seu dominio e imperio nenhuma coisa se exclue; Senhora do céu, e Senhora da terra; Senhora dos homens e Senhora dos Anjos; e até Senhora por modo ineffavel do mesmo Creador do céu e da terra, o qual lhe quiz ser, e foi sujeito. Oiçamos o altissimo pensamento de S. Bernardino, e tão verdadeiro como alto: *Ille qui Filius Dei est, et Virginis Benedictæ, volens paterno principatui quodammodo principatum æquiparare, ut sic dicam, maternum in se qui Deus erat, matri famulabatur in terra:* [1] Aquelle Senhor que é Filho de Deus, e da Virgem, querendo em certo modo egualar o senhorio de sua Mãe ao senhorio de seu Pae, se sujeitou e fez subdito da mesma Mãe na terra. E isto com tanta verdade, conclue o Santo, que assim como verdadeiramente dizemos que todas as coisas obedecem a Deus, até Maria; assim é verdadeiro dizer que todas as coisas obedecem a Maria, até Deus: *Sicut*

[1] Bern. Tom. 4.º, Serm. 5. Cap. 6.

verum est, divino imperio omnia famulantur, et Virgo; ita quoque verum est, Virginis imperio omnia famulantur et Deus.

A terceira etymologia e interpretação do nome de Maria é: *Illuminatrix*, ou *illuminans eos*, isto é, a que allumia a todos os homens. Por isso é comparada a Senhora áquella columna de fogo que de noite allumiava todo o exercito e povo de Israël no deserto, em quanto caminhavam peregrinos para a Terra de Promissão: *Tolle corpus hoc solare, qui illuminat mundum: ubi dies? Tolle Mariam, quid nisi caligo involvens, et umbra mortis, et densissimæ tenebræ relinquuntur?* Tirae do mundo este corpo solar, esta tocha universal, que o allumia (diz S. Bernardo), e onde estará então o dia, ou quem o fará? Do mesmo modo se tirardes do mundo a Maria, tudo ficará ás escuras, tudo trevas, tudo sombras mortaes, tudo uma noite perpetua, sem que jámais amanheça. E que muito é (diz o mesmo Santo) que Maria allumie a terra e os homens, se depois que entrou no céu, a mesma patria dos bemaventurados, e a mesma Côrte do Empyreo ficou muito mais allumiada e illustrada com os resplandôres de sua presença? *Mariæ præsentia totus illustratur orbis, et ipsa jam cœlestis patria clarior rutilat virgineæ lampadis irradiata fulgore.* [1]

A quarta interpretação, e que parece menos alegre, do docissimo nome de Maria, é, *Amarum mare*, mar amargoso. Mas como podem caber as amarguras do mar, ou um mar inteiro de amargura no nome daquella Senhora, a quem nós saudamos e invocamos com o de doçura nossa? Já se vê que alludem estas amarguras ás dôres do pé da Cruz, das quaes estava prophetisado com o mesmo nome de mar: *Magna est velut mare contritio tua.* [2] Mas posto que as aguas daquelle turbulento mar foram tão amargosas para a Mãe angustiada que as padeceu; para nós, que logramos os effeitos dellas, são muito doces. Porque ainda que a misericordia da Senhora foi sempre grande, as dôres que então experimentou, fez a mesma misericordia mais prompta para soccorrer e remediar as nossas. Não tem menos auctor este reparo daquel-

[1] Ber. Serm. de Annunt.
[2] *Thren.*, II, 13.

las amarguras, que o angelico Santo Thomaz. Diz S. Paulo, que Christo quiz padecer, para se poder compadecer de nós: *Non habemus pontificem, qui non possit compati infirmitatibus nostris, tentatum per omnia.* Pois Christo ainda que não fosse passivel, nem padecesse, não se podia compadecer de nós e remediarnos? Sim, podia, diz Santo Thomaz; mas não com tanta presteza e promptidão, porque em quanto Deus só conhecia as miserias por simples noticia, e depois que padeceu, conheceu-as por experiencia: *Sciendum quod ly posse aliquando importat non nudam potentiam, sed promptitudinem et aptitudinem Christi ad subveniendum: et hoc quia scit per experientiam miseriam nostram, quam ut Deus ab æterno scivit per simplicem notitiam.* [1] Necessario foi logo na Mãe (assim como no Filho) que a experiencia das dôres e amarguras proprias lhe accrescentasse a compaixão das alheias, e excitasse e estimulasse nas suas a promptidão de remediar as nossas.

A quinta etymologia, e tambem a ultima, como a maior e mais excellente de todas, é singularmente do gande Doutor da Igreja, Santo Ambrosio, o qual diz que o nome de Maria significa, *Deus ex genere meo*, Deus da minha geração. *Speciale Maria Domini hoc nomen invenit quod significat, Deus ex genere meo.* Não declarou o Santo a origem de tal nome, mas depois lhe descobriram as raizes outros auctores na derivação de duas palavras hebraicas. E que significação pôde haver nem mais alta, nem tão immensa? S. Paulo em Athenas, ensinando aos Areopagitas a grande dignidade do homem, e parentesco que tem com a Divindade, diz que somos geração de Deus: e para isso lhes allegou como coisa conhecida até dos mais sabios gentios, o verso de Arato, poeta da sua mesma nação: *Ipsius enim et genus sumus.* [2] De sorte que os homens somos geração de Deus, e Deus é geração de Maria: os homens geração de Deus; porque Deus nos deu o ser: Deus geração de Maria; porque Maria deu o ser a Deus. E isto é o que significa o nome de Maria: *Deus ex genere meo.* Vêde se tive razão de lhe chamar immenso, como agora lhe cha-

---

[1] D. Thom. Comment. in eumdem locum.
[2] *Act.*, XVII, 28.

mo, sobre immenso: e porque? Porque sendo Deus immenso e infinito, uma parte de que se compõe o nome de Maria, é todo Deus. Quiz Deus accrescentar o nome de Abram, e a significação delle, que era grande; e que fez? Tirou uma lettra do seu nome, e accrescentou-a ao nome de Abram. Isso quer dizer: *Nec ultra vocabitur nomen tuum Abram, sed appellaberis Abraham.* [1] Este foi o accrescentamento do nome; e o do significado foi tal, que declarando-o o mesmo Deus, disse: *Faciam te crescere vehementissime:* [2] Far-te-hei crescer vehementissimamente. Inventa a grammatica outros termos maiores de se explicar, porque os superlativos já são curtos. Se os augmentos que uma só lettra do nome de Deus causou no nome de Abrahão foram vehementissimos; aquelles com que todo o nome de Deus entrou no nome de Maria, e o encheu, Maria, *Deus ex genero meo*, quaes seriam? Reserve-o para si o mesmo Deus, que só elle o póde comprehender.

VI

Estas são as interpretações, ou synonimos do nome de Maria, e seu copiosissimo significado: e estes são, não todos, senão os principaes nomes, que no mesmo nome se encerram. Mas se o Evangelista nomeia a mesma Senhora por um só nome, e esse o seu proprio; porque lhe damos nós tantos outros e tão diversos? Tantos nomes, e um só nome no mesmo sugeito? Sim. E este é o mais excellente, e o mais encarecido louvor, que se póde dizer do nome de Maria. A multidão dos nomes varios mostram a immensidade incomprehensivel do significado: e a singularidade do nome unico mostra a comprehensão immensa do nome. A Deus não só nas Escripturas Sagradas, mas fóra dellas, sempre nomearam os homens, e invocaram com diversos nomes. Este foi o grande e antiquissimo assumpto da sublime penna de Dyonisio Areopagita nos livros de *Divinis Nominibus*. E dando

[1] *Gen.*, XVII, 5.
[2] *Ibid.*, 6.

a razão Santo Thomaz, porque sendo Deus um só, sem offensa da sua unidade, ou admitte, ou necessita de muitos nomes; parte diz que é fundada na incomprehensibilidade da sua grandeza, e parte na incapacidade do nosso conhecimento. Porque como naturalmente não conhecemos a Deus como é em si mesmo, senão por seus effeitos; assim como delles colligimos diversas perfeições divinas, assim as não podemos declarar, senão por diversos nomes. *Quia enim Deum non possumus cognoscere naturaliter nisi ex effectibus deveniendo in ipsum, oportet quod nomina quibus perfectionem ejus significamus, diversa sint, sicut perfectiones in eo inveniuntur diversæ.* Assim philosopha altamente o Doutor Angelico sobre os muitos nomes de Deus. E dos muitos nomes da Mãe de Deus, que diremos? O mesmo proporcionalmente, diz S. Bernardino: *Sicut Deum ipsum non uno tantum nomine nominamus, sed multis, ut sic ejus incomprehensibilitatem enuntiemus: sic et gloriosam Virginem multis nominibus designamus, ut sic ad sublimitatem ejus cognoscendam aliquantulum pertingamus:* Assim como (diz o Santo) não nomeamos a Deus com um só nome, senão com muitos, para que declarando cada uma das suas perfeições por partes, venhamos de algum modo em conhecimento de seu infinito ser, que é incomprehensivel; assim dividimos tambem as prerogativas da gloriosa Virgem, declarando-as por muitos nomes, para que a sua immensa grandeza, que junta se não póde comprehender, dividida, de algum modo a percebamos. E esta é a razão dos muitos nomes, tantos e tão diversos, com que os Santos Padres ou celebram, ou invocam a mesma Senhora.

Mas ainda não está satisfeita a segunda parte da nossa duvida. Se nós temos uma tão bem fundada razão para dar á Virgem tantos nomes, todos devidos á sua grandeza: que razão teve o Evangelista, para lhe dar o nome de Maria sómente, e dizer que esse é o seu nome: *Et nomen Virginis Maria?* Assim como a nossa duvida só achou a razão da primeira parte em Deus; assim não póde achar a razão da segunda senão em Christo. Tão parecida é a Mãe sómente com o Filho, e delle abaixo com nenhuma creatura! Uma das coisas muito notaveis nos Prophetas é a multidão e variedade de nomes, com que dizem se havia de chamar Christo. Baste por prova ou exemplo a pro-

phecia de Isaias. No Capitulo setimo: *Vocabitur nomen ejus Emmanuel:* [1] No Capitulo oitavo: *Voca nomen ejus; Accelera spolia detrahere: Festina prædari:* [2] No Capitulo nono: *Vocabitur nomen ejus Admirabilis, consiliarius, Deus fortis, Pater futuri sæculi, Princeps pacis.* [3] De sorte que um só Propheta em tres versos refere onze nomes com que diz havia de ser chamado Christo: e comtudo o mesmo Evangelista S. Lucas referindo o nome que foi posto na Circumcisão ao mesmo Senhor, diz que foi chamado Jesus: *Et vocatum est nomen ejus Jesus.* [4] Pois se os Prophetas annunciaram que havia de ser chamado com tantos outros nomes, como se chamou sómente Jesus; e este nome foi o que conservou sempre desde a Circumcisão até á cruz? O mesmo Doutor Angelico que nos deu a primeira solução, nos ha de dar a segunda. Argue S. Thomaz sobre o mesmo Texto de Isaias, e aperta mais o argumento com aquelle principio, que os ditos dos Evangelistas hão de responder aos dos Prophetas; porque sendo Deus o auctor de uma e outra verdade, não póde faltar nella esta consonancia e harmonia. Pois se os Prophetas dão tantos nomes a Christo; como teve o mesmo Christo um só nome, que foi o de Jesus, que refere o Evangelista? Responde o mesmo Santo Thomaz em duas palavras: *Dicendum quòd in omnibus illis nominibus quodammodo significatur hoc nomen Jesus.* Concorda a historia com a prophecia, e o testemunho de S. Lucas com o de Isaias; porque todos aquelles nomes eram significados no nome de Jesus, e o nome de Jesus comprehendia a todos. E esta mesma razão é a que teve o mesmo Evangelista para dizer, *Et nomen Virginis Maria*, não porque negasse, ou duvidasse a verdade de todos os outros nomes que as Escripturas e os Santos Padres dão á mesma Virgem; mas porque todos elles estão significados no nome de Maria, e o nome de Maria comprehende a todos.

---

[1] *Isai.*, VII, 14.
[2] *Ibid.*, VIII, 3.
[3] *Ibid.*, IX, 6.
[4] *Luc.*, II, 21.

VII

Até aqui temos declarado as significações de todo este sacratissimo nome, e dado os fundamentos altissimos de serem tantas. Mas ainda nos resta a especulação deste grande todo, parte por parte, ou a anatomia deste grande corpo, membro por membro. Assim deve fazer, diz sabiamente Phylo Hebreu, quem exactamente quizer conhecer a essencia das coisas pela propriedade e significação de seus nomes: *Qui res velut per anatomiam considerant, facile assequuntur appellationes earum proprias.* [1] Passando pois a fazer esta exacta anatomia, membro por membro, e parte por parte, que vem a ser, examinar o significado e mysterios do mesmo nome, lettra por lettra; vejamos em cada uma por si, o que significam as cinco lettras do nome de Maria. S. Antonino, como tão douto e devotissimo deste santissimo nome, tirou das cinco lettras delle cinco prerogativas universaes, em que parece comprehendeu os poderes e mysterios de seu amplissimo significado: e são os seguintes: M, *Mater universorum:* A, *Arca thesaurorum:* R, *Regina Coelorum:* I, *Jaculum inimicorum:* A, *Advocata peccatorum.* E' porém o mesmo significado do nome de Maria tão immenso, e a energia de cada uma de suas lettras tão fecunda, que para eu fazer alguma demonstração desta admiravel fecundidade, não quero tirar cinco prerogativas das suas cinco lettras, mas de cada uma dellas tirarei dobrado numero: e isto não repetindo ou resumindo tudo, senão alguma parte sómente do que do mesmo nome e seu significado disseram os Santos e Escriptores sagrados. Vamos lettra por lettra.

M, Mãe de Deus, digna do digno, formosa do formoso, pura do incorrupto, excelsa do altissimo, diz Ricardo Victorino: *Mater Dei, digna digni, formosa pulchri, munda incorrupti, excelsa altissimi.* [2] M, Maria que desceu do céu, e com um manjar mais suave que o mel sustenta a todo o mundo, diz S. Maximo:

---

[1] Philo Hebreu, *Libr. de Agric.*
[2] Ricard. de S. Victor, *Serm. de Assumpt.*

Maria quæ cœlitus veniens cunctis populis cibum suaviorem melle defluxit. [1] M, Mão direita de Christo, a qual elle estende para levantar á sua graça todos os cahidos, diz o Meneo Grego: *Dextera Christi ad omnes erigendos extensa.* M, Mestra dos mestres, porque Maria o foi dos Apostolos, diz Ruperto: *Magistra magistrorum.* [2] M, Mar Vermelho, que afogou o mystico Pharaö, isto é o demonio, diz S. João Geometra: *Mare divulsum confluens ad mergendum mysticum Pharaonem.* [3] M, Medicamento universal para todas nossas enfermidades, diz o mesmo Geometra: *Medicina ægritudinum nostrarum.* M, Meza espiritual, em que se nos dá vivo o pão da vida eterna, diz S. Isaacio: *Mensa spiritualis vivifico animarum pane Christo instructa.* [4] M, Mediadora para o mediador, que é Christo para com o Padre, e Maria para com Christo, diz S. Bernardo: *Opus est mediatore ad mediatorem, nec alter nobis utilior quàm Maria.* [5] M, Monte levantado sobre o cume de todos os montes, diz S. Gregorio: *Mons in vertice montium exaltatus super colles.* [6] M, Morte dos peccados, e vida dos justos, diz S. Agostinho: *Facta est Maria mors criminum, vita justorum.* [7] M, Mina, da qual se arrancou sem mãos a pedra que encheu e cobriu o mundo, diz Hesichio: *Fodina unde prodiit lapis totam terram tegens à nullo incisus.* [8] M, Milagre dos milagres, e o maior de todos os milagres, diz S. João Damasceno: *Miraculum omnium miraculorum maximum.* [9] M, Muro inexpugnavel, e fortaleza segura da salvação, diz Theosterícto: *Murus inexpugnabilis et munimentum salutis.* M, Mulher admiravelmente singular e singularmente admiravel, pela qual se salvam os homens, e se restauram os Anjos, diz S. Anselmo: *Fœmina mirabiliter singularis et singulariter admirabilis, per quam salvantur homines, Angeli redintegrantur.* [10]

---

1 D. Max. *Serm. in Ramis Palm.*
2 Rup. in Cap. 5.°, *Cant.*
3 Joan. Geom in *Caten. Corder.*
4 Isaac, in *Mœneis Græc.*
5 Bern. Serm. in *Signum Magnum.*
6 Greg. Libr. 1.° in *1.° Reg.*
7 Aug. *De Nat. V.*
8 Hesich. *Orat. 2.° de Deipara.*
9 Damasc. *Tract. 2.° De Nativit. V.*
10 Ansel. *Alloq. cœlest.* 27.

Bem vejo que nesta primeira lettra excedi não menos que em ametade o numero promettido; mas nas seguintes a observarei pontualmente sem sahir delle, porque o não permitte o tempo. A, Arvore da vida, que só foi digna de dar o fructo da saude eterna, diz S. Boaventura: *Lignum vitæ, quod solum fuit dignum portare fructum salutis.* [1] A, Adjutorio do Altissimo, porque Maria ajudou e ajuda a Christo a salvar o genero humano, como Eva foi dada a Adão com o mesmo nome, por ser similhante a elle, diz Hugo Cardeal: *Maria est adjutorium Altissimi, quia juvat eum ad salvandum genus humanum, unde de ipsa verè dicitur: Faciamus ei adjutorium simile sibi.* [2] A Abysmo, isto é, pego sem fundo da graça, diz S. João Damasceno: *Abyssus gratiæ.* [3] A, Altar animado, no qual o Cordeiro Christo se offerece espiritualmente em sacrificio vivo, diz André Cretense: *Maria est altare animatum, in quo Agnus Christus vivum sacrificium spiritualiter offertur.* [4] A, Arca do Testamento, na qual estiveram encerrados todos os mysterios e arcanos da divindade, diz S. Ildefonso: *Per Arcam uterus Virginis figuratur, quæ cuncta Sacramentorum arcana in se habuit.* [5] A, Aurora do céu na terra, porque assim como a aurora é fim da noite, e principio do dia, assim Maria foi o fim de todas as dôres, e o principio de toda a consolação, diz Ruperto: *Sicut aurora finis præteritæ noctis est, et initium diei sequentis; sic nativitas tua, ó Virgo, finis dolorum, et consolationis fuit initium.* [6] A, Alabastro do unguento de nossa santificação, diz S. Amphilochio: *Alabastrum unguenti sanctificationis.* [7] A, Aqueducto da fonte da graça, cujas enchentes sahindo do peito do Eterno Padre, se communicaram ao homem, diz S. Bernardo: *Aquæductus, qui plenitudinem fontis ipsius de corde Patris excipiens nobis edidit.* [8] A, Abelha Virgem, que nos

---

1 Bonav. *in Laud. V.* n. 2.º
2 Hug. Card. *in Psalm.* 90.
3 Damasc. *Oratio* 2.º *de Assumpt.*
4 And. Cret *Orat. de Nat. V.*
5 Ildeph., *Serm. 1.º de Assumpt.*
6 Rupert. *Cant.*, Cap. 5.
7 Amphil., *Orat. in S. Deiparam.*
8 Bern. *Serm. de Nativit. V.*

fabricou na terra o favo de que o mel é Christo, diz S. Ambrosio: *Sicut apis rore cœlesti, idest, gratia Spiritus Sancti pasta virgo permansit, et paradisi dulcedinem generavit.* [1] A, Aula da universal propiciação, em que se concedem os perdões a todos os peccadores, diz S. Anselmo: *Aula universalis propitiationis.*

Ao A, segue-se o R: R, Rainha, cujo reino fundadado na terra, e consummado no céu, é de potencia inexpugnavel, diz André Cretense: *Cujus regnum è terrenis sumptum, sed ex superna gloria potentiam habet inexpugnabilem.* R, Razão unica e total de todas nossas esperanças, diz S. Bernardo: *Ratio tota spei nostræ.* R, Raiz não só da gloria, mas de todos os bens ainda desta vida, diz Chrysippo: *Radix omnium bonarum.* [2] R, Recreação e allivio potentissimo de todos os affligidos, diz S. Germano: *Recreatio potentissima omnium qui afflguntur.* [3] R, Resurreição, de Adão, morto elle, e homicida de todos, pelo peccado, diz S. Efrem: *Resurrecio Adami.* [4] R, Reclinatorio de oiro, no qual, depois da rebellião dos Anjos, reclinando-se Deus, só achou descanço, diz S. Pedro Damião: *Reclinatorium aureum, in quo Deus post tumultum Angelorum requiem invenit.* [5] R, Refrigerio, e orvalho da graça contra o ardor e incentivo de todos os vicios, diz Ricardo de S. Laurentio: *Refrigerium, et ros gratiæ contra incentiva vitiorum.* R, Refugio de todos os que se acolhem ao seu amparo, e os faz cidadãos de uma e outra Jérusalem, diz Georgio Nicomediense: *Civitas, quæ confugientes ad se cives facit utriusque Jérusalem.* R, Reparadora das ruinas de Eva, para que assim como por ella entrou no mundo a morte, por Maria se restituisse a vida, diz S. Pedro Chrysologo: *Ut sicut per Evam venit ad omnes mors, ita per Mariam venerit omnibus vita.* R, Rosa do paraiso do céu, diz Santa Getrudes: e accrescenta que a mesma Senhora lhe ensinou que a invocasse com este nome: *Rosa cœlice amœnitatis.* [6]

---

1 Ambr., *Livr. de Virg.*
2 Chrysip. *Orat. de Deip.*
3 D. Germ. *Orat. de fasciis Salvat.*
4 Ephrem., *de Laud. V.*
5 P. Dam. *Serm. de Annunt.*
6 Getr. Livr. 3.º *Divin. Insinuat.*, Cap. 19.

A quarta lettra do nome de Maria é o I: I, Idéa digna da divindade, diz Santo Agostinho: *Si formam Dei te appellem, digna existis.* [1] I, Imagem do divino Archetypo propriamente delineada, diz André Cretense: *Imago divini Archetypi recte descripta.* I, Iris signal de paz e clemencia; porque pondo Deus os olhos em Maria, como prometteu do antigo arco celeste, desiste dos castigos que merecem os peccados do mundo, diz S. Antonino: *Arcus cœlestis est Maria, qua apparente subtrahit se Deus à flagellis intentis in peccatores.* [2] I, Jardim de delicias, no qual estão plantadas todas as flôres, e se exhalam os cheiros de todas as virtudes, diz Sophronio: *Hortus deliciarum, in quo sunt consita universa florum genera, et odoramenta virtutum.* [3] I, Jordão da Igreja, em cujas purissimas correntes se restitue á primeira limpeza a carne de Naamam leproso, isto é, a lepra da natureza corrupta, diz Ricardo Laurentino: *Maria fluvius Jordanis, in qua restituitur caro Naaman leprosi, sicut caro parvuli pueri.* I, Inventora magnifica da graça, diz S. Bernardo: *Inventrix gratiæ magnifica.* [4] I, Jubilo perpetuo do céu e da terra, diz S. Methodio: *Lætitia cœli, et terra indesinens.* [5] I, Intercessora imperial que não rogando como serva, mas mandando como Senhora, impetra do Tribunal Divino quanto procura, diz S. Pedro Damião: *Accedis ad aureum humanæ reconciliationis altare, non solum rogans, sed etiam imperans Domina, non ancilla.* [6] I, Jus e direito particular, pelo qual Deus decide todas as causas e demandas do genero humano, diz S. João Geometra: *Jus dirimens lites.* I, Iman, ou magnete efficacissima, a qual, como aquella pedra attrahe o ferro, assim Maria attrahe, e traz a Deus os duros corações dos peccadores, disse e revelou a Santa Brigida a mesma Senhora: *Sicut magnes trahit ferrum, ita ego traho Deo dura corda.* [7]

---

1 August. Serm. 35 *de Sanctis.*
2 Anton. *Opusc. de B. M.* Cap. 38.
3 Sophron. *Hom. de Assumpt.*
4 Bern. *Epist.* 149.
5 Meth. *Orat. in Hipap.*
6 Pedr. Dam. Serm. 2.º de *Nativit. V.*
7 S. Brig. *Revel.* Livr. 3.º Cap. 32.

Só nos resta a ultima lettra, que é o segundo A. E posto que do primeiro dissemos tão excellentes prerogativas, ainda são maiores as que agora ouvireis. A, Arca de Noé, porque assim como aquella Arca era composta de tres estancias, em que recolheu todas as creaturas viventes, assim Maria, sendo morada do Creador, recolheu e teve dentro em si o complemento de toda a Trindade, isto é, as tres Pessoas Divinas, diz Chrysippo: *Illa tres contignationes, nationes, et mansiones habebat, hæc autem universum Trinitatis complementum.* A, Harpa de David, cuja harmonia fazia fugir o demonio do corpo de Saül: e do mesmo modo o põe em fugida a consonancia do nome de Maria, diz S. Gregorio Nazianzeno: *Qui ad Virginem, quemadmodum Saul ad Davidis citharam, fidiumque pulsus confugit, à malo spiritu purgatur.* [1] A, Aguia de Ezechiel, a qual voando ao monte Libano do céu, tirou de lá a medulla do cedro sublime, que é o Filho, sabedoria do Padre, diz S. Thomaz: *Medulla cedri, sublimis est æterna sapientia.* [2] A, Aljava de Deus, dentro da qual teve escondida nove mezes aquella setta escolhida, com que havia de ferir e derrubar de um tiro o mundo, a morte, e o peccado, diz Isaias: *Posuit me sicut sagittam electam, in pharetra sua abscondit me.* [3] A, Antidoto da vida contra o veneno de Eva, diz S. Bernardo: *Crudelis Eva, per quam serpens etiam ipsi viro venenum infudit; fidelis Maria, quæ salutis antidotum, et viris, et fœminis præparavit.* A, Armazem fortissimo, no qual Deus se vestiu das armas de nossa humanidade para vencer o demonio, diz Guillielmo, Parisiense: *In utero Virginis Deus tanquam miles in tabernaculo armaturam nostræ humanitatis accepit contra diabolum pugnaturus.* [4] A, Asylo do mesmo Deus, porque só em Maria esteve Deus seguro de o offenderem peccados, diz Andreas Jerosolimitano: *Maria Dei tutissimum ad habitandum asylum.* A, Ancora firmissima de todas nossas esperanças no mar tempestuoso deste mundo, diz Theodoro Studita: *Tu enim sola te nobis securam ac stabilem*

---

1 Nazianz. orat. 18. *in Laud. S. Cyprian.*
2 D. Thom., *Opusc.* 58. Cap. 25.
3 *Isai.*, XLIX, 2.
4 Guilliel. Parisien. *in Fest. Assumpt.* Relat. 3.ª

anchoram præstas. A, Atlante do céu e da terra, os quaes já se tiveram arruinado, se Maria com o poder de sua intercessão os não sustentára, diz S. Fulgencio: *Cœlum, et terra jam diu ruissent, si non Mariæ precibus sustentarentur.* [1] A, Argos vigilantissima, com muitos olhos para vêr e accudir a nossas miserias, diz S. Epiphanio: *Virgo plurium nominum, et multocula effecta est.* [2] Em fim, A, Aggregado de todas as graças em si mesma, e para comnosco; porque ao aggregado de todas as aguas chamou Deus mária, e ao aggregado de todas as graças chamou Maria, diz S. Antonino: *Congregationes aquarum appellavit mária, congregationes gratiarum appellavit Mariam.* [3]

VIII

Feita assim, lettra por lettra, a gloriosa anatomia do nome admirabilissimo de Maria, não é justo que passemos em silencio os poderosos effeitos e virtude de cada uma, considerando primeiro o mysterio do numero de todas cinco. Havendo acceitado David o desafio com o Gigante, a munição que preveniu para a sua funda, foram cinco pedras. E porque razão este numero, e não outro? Para o tiro bastava uma, como bastou. E se para o segurar se não contentou com duas, nem tres, nem quatro; porque não levou seis ou sete, senão cinco? Todos os que consideram este numero, mais reconhecem nelle o superfluo, que o necessario; e menos o natural, que o mysterioso. Qual foi logo o mysterio, porque se armou David de cinco pedras, nem mais, nem menos? Philo, o auctor das Antiguidades Biblicas e o Chaldeo, dizem que escreveu David naquellas pedras o nome de Deus e dos Patriarchas. Eu bem creio que David no seu surrão não traria penna e tinta; mas posto que para riscar o que dizem que escreveu, bem podia haver no mesmo surrão algum instrumento pastoril, bastava que esta devota applicação a fizesse em voz ou mentalmente. E

[1] S. Fulg. *in Mitholog.*
[2] S. Epiph. *de Laud Mariæ.*
[3] S. Anton. 4.° p. Tit. 15, Cap. 4.°

quanto aos que teem por fabula dos Rabbinos este genero de lettras escriptas nas pedras dos que atiravam com fundas, é pouca noticia da milicia antiga, na qual o usavam assim os fundibularios, que eram os mosqueteiros daquelle tempo, para que no golpe da pedra se soubesse a mão de que tinha sahido. E ainda hoje se acham nas campanhas daquellas batalhas algumas pedras com as mesmas inscripções, que em Lypsio se podem vêr estampadas. [1] Isto posto, não é só verosimil, mas muito conforme ao Texto sagrado, que David escrevesse nas suas pedras, ou as dedicasse ao nome de Deus, porque quando o Gigante zombou das suas armas, lhe respondeu elle: *Tu venis ad me cum gladio, et hasta, et clypeo: ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum Dei Israel:* [2] Tu vens contra mim armado de espada, lança e escudo; e eu venho contra ti sem outras armas mais que o nome do Senhor dos exercitos, o Deus de Israël.

O que agora resta saber, é que nome de Deus fosse este, porque Deus então tinha muitos nomes, e ainda havia de ter mais, o que David não ignorava, como Propheta. Respondem e suppõem commummente os Interpretes, que o nome que invocou David, foi o nome ineffavel, que o mesmo Deus não quiz revelar a Jacob, e depois revelou a Moysés, nome de tanta veneração, que a ninguem era licito pronuncial-o. Mas o numero das pedras não concorda com as lettras deste nome, o qual constava sómente de quatro, e por isso se chamava quadrado, ou quadrilatero; e no tal caso haviam de ser as pedras quatro, e não cinco. Segue-se logo que para o numero das lettras concordar com o numero das pedras, assim como as pedras eram cinco, assim haviam de ser cinco as lettras do nome: e que nome é ou foi este de cinco lettras, senão o nome santissimo de Jesus? Assim o entendem, e com razão todos aquelles auctores, que teem para si, que o nome de Deus, de que David disse que ia armado, não podia, nem devia ser outro, senão daquelle mesmo Deus, que juntamente era Deus e Filho do mesmo David. A pedra, em que se fundou a casa de David, foi a que derrubou ao

[1] Lypsius, *in Poliocertic.* Libr. 4.º
[2] *1.º Livr. dos Reis,* XVII, 45.

Gigante: e como David sahiu armado não só della, senão de todas cinco, em que ia escripto o nome de Deus, justo era que esse Deus fosse o que nasceu da mesma casa, e esse nome, o de Jesus, de tantas lettras quantas eram as pedras. Sendo pois o nome escripto nas cinco pedras o nome de Jesus, bem se deixa entender, que o outro nome com que David o acompanhou, não havia de ser o dos Patriarchas tão remotos, senão o da Mãe do mesmo Jesus, que egualmente é nome de cinco lettras, Maria.

Para prova desta que só parece conjectura, posto que tão adequada, temos o oraculo da mesma Senhora nas palavras do seu Cantico: *Quia fecit mihi magna qui potens est, et sanctum nomen ejus.* [1] A dois principios ou causas attribue a soberana Virgem as grandezas que recebeu de Deus: *Quia fecit mihi magna:* á sua omnipotencia, *qui potens est:* e ao seu santo nome, *et sanctum nomen ejus.* E porque não só á omnipotencia, senão tambem ao nome? Porque este nome de Deus, por antonomasia santo, é o nome de Jesus que quer dizer Salvador, e como santo nos santificou e deu graça, sem a qual nos não podiamos salvar. Repartiram pois entre si as grandezas que deram á Mãe de Deus a omnipotencia do mesmo Deus e o nome de Jesus. A omnipotencia dando á Pessoa o ser e as mesmas grandezas; e o nome de Jesus dando-lhe um tal nome, que as declarasse todas, que foi o nome de Maria. Vêde como em uma e outra coisa se corresponderam admiravelmente o Filho com a Mãe e a Mãe com o Filho. O Filho Deus, como vimos, concebeu na mente divina o ser da Mãe: *Nondum erant abyssi, et ego jam concepta eram;* [2] e depois deu-lhe por sua propria bocca o nome de Maria: *Ego ex ore Altissimi prodivi.* [3] E do mesmo modo a Mãe primeiro deu o ser ao Filho concebendo-o em suas entranhas: *Ecce concipies, et paries Filium;* [4] e depois lhe deu o nome de Jesus: *Et vocabis nomen ejus Jesum.* E como estas correspondencias foram tão eguaes, que o Filho deu o ser e o nome á Mãe, e a

---

1 *Luc.*, I, 49.
2 *Prov.*, VIII, 24.
3 *Eccl.*, XXIV, 5.
4 *Luc*, I, 31.

Mãe deu o ser e o nome ao Filho; assim pedia a razão, que os nomes fossem cortados pela mesma medida até ao numero das lettras: e assim como o nome de Jesus se compõe de cinco lettras, assim o nome de Maria se formasse de outras cinco.

Nem é muito que estes dois santissimos nomes sejam tão parecidos no som das vozes, quando o são nos respeitos da dignidade, e nos effeitos da virtude. Em que se vê e conhece o respeito devido ao nome de Jesus? S. Paulo o disse: *Donavit illi nomen, quod est super omne nomen, ut in nomine Jesu omne genu flectatur cœlestium, terrestrium, et infernorum:* [1] Deu-lhe Deus o nome sobre todo o nome, que é o nome de Jesus, diante do qual pronunciado, se ajoelhem e o adorem todos os da terra, todos os do céu, e todos os do inferno. E este mesmo respeito proporcionadamente, é o que se deve ao nome venerabilissimo de Maria. *Dedit tibi tota supersancta Trinitas nomen, quod post nomen superbenedicti Filii tui est super omne nomen, ut in nomine tuo omne genu flectatur cœlestium, terrestrium, et infernorum:* [2] diz, fallando com a mesma Senhora o doutissimo e devotissimo Idiota. Deu-vos a Santissima Trindade, ó Virgem Maria, um nome, o qual abaixo do de vosso Filho é o nome sobre todo o nome, ao qual reverenceem e adorem, prostrados de joelhos, os do céu, os da terra, e os do inferno. Esta sentença daquelle tanto mais sabio, quanto menos affectou o nome de douto, seguem hoje, louvam e allegam todos os Doutores catholicos. Mas isto é o menos. Pedro Blesense, aquelle famoso varão em lettras e piedade, que floresceu ha mais de quinhentos annos, escreve que em seu tempo era uso e cerimonia universal da Igreja, que quando se ouvia o nome de Maria, todos se prostrassem por terra: *Illico omnes audientes in genua procumberent.* E S. Pedro Damião, cem annos mais antigo, nomeando em um sermão o nome de Maria; «esta é (disse aos seus ouvintes) aquella Senhora, a cujo nome vos inclinaes com tão profunda reverencia»: *Hæc est ad cujus nomen corpus humiliter inclinatis.* E se hoje não fazemos todos o mesmo, não é porque o mesmo nome

---

[1] *Phil*, II, 9 e 10.
[2] Idiota, *de Contempl.*

seja menos digno desta adoração; mas porque nós somos indignos de o venerar como elle merece. Em todas as dioceses era bem que ordenassem os Prelados, o que refere Surio instituiu na sua S. Gerardo, Bispo das Panonnias: *Ut si quando Mariæ nomen edicerent, confestim se ad terram omnes prosternerent.*

E quanto á virtude e aos effeitos do nome de Maria, similhantes aos do nome de Jesus; porque seria materia infinita se houvessemos de discorrer por todas as suas lettras, comparemos só uma do nome de Jesus com outra do nome de Maria, e seja em um e outro nome a primeira. Das cinco pedras de David aquella que levava escripta a primeira lettra do nome de Jesus, foi a primeira, que elle metteu na funda. E que fez aquella primeira pedra em virtude daquella primeira lettra? Fez tiro ao Gigante e derrubou-o. Diremos pois, que o mesmo faria, ou fará a primeira lettra do nome de Maria? Digo seguramente que sim. A primeira lettra do nome de Jesus é o J; a primeira lettra do nome de Maria é o M. e tanto fará o M. do nome de Maria, como o J. do nome de Jesus. E digo segura e constantemente que fará outro tanto, porque já o fez. Ouvi um caso verdadeiramente estupendo. Junto aos muros da cidade de Nimega se achava de noite uma donzella de outro povo visinho, a qual não quiz recolher em sua casa outra mulher, que, não só por piedade christã, mas por estreito parentesco, tinha depois da mãe as segundas obrigações de o fazer. Neste desamparo, só, triste, desesperada, e perdido totalmente o juizo, em vez de invocar a miseravel o soccorro do céu, chamou o do inferno: e no mesmo ponto lhe appareceu o demonio em habito de medico forasteiro que por alli passava. Informou-se das causas de sua afflicção, e não só lhe prometteu remedio para o trabalho presente, mas muito melhorada fortuna para o resto da vida, só com condição, que quizesse ser sua. Acceitou a pobre donzella o miseravel contracto, contra o qual porém se offereceu uma nova difficuldade; porque sabendo o demonio que ella se chamava Maria, instou que havia de deixar aquelle nome, que elle sobre todos aborrecia. Tinha Maria grande affecto ao mesmo nome, posto que já tão indigna delle: em fim vieram os dois a partido, que deixando o nome inteiro de Maria, ao menos lhe ficasse a primeira lettra; e assim se cha-

mou dalli por diante Eme. Continuou Eme no serviço e amisade do demonio, e já se vê qual seria a sua vida. Não era de christã, nem de creatura racional, mas de um tição do inferno, tão condemnada, e sem esperança de salvação, como o mesmo a quem servia. Comtudo, eu ainda não desespero.

Passou um, passaram dois, passaram seis annos, em que supportou Eme o durissimo captiveiro, e jugo cruel do infernal tyranno: mas como sempre conservou aquella meia syllaba do nome de Maria; posto que era uma só lettra, ella bastou finalmente para o despojar da preza, e derrubar e vencer. Assim como a primeira lettra do nome de Jesus lançou por terra ao soberbissimo Gigante, assim a lettra tambem primeira do nome de Maria venceu e derrubou o demonio, o qual, como diz Santo Agostinho, no mesmo Gigante se representava. Era o dia da Santissima Trindade, quando succedeu esta victoria, e com grande mysterio; porque o melhor geroglifico da mesma Trindade é o M, um e trino. O sceptro com que ostenta seu poder, e se arma o demonio quando apparece visivel, é o seu tridente de fogo: o M, entre todas as lettras, tambem é tridente; e competindo o tridente do nome de Maria com o tridente infernal do demonio, bem viu e experimentou elle nesta primeira lettra do mesmo nome, com quanta razão se temia de todo. Ah! Mesquinho e infame enganador, quanto mais abatido ficou agora o teu orgulho, que quando cahiste do céu! Do céu derrubou-te Michael com todo o nome de Deus: *Quis sicut Deus?* E agora derruba-te uma mulher fraca e escrava tua, não com todo o nome de Maria, nem com uma syllaba delle, senão com uma só lettra do mesmo nome.

Libertada e convertida Eme, já não Eme, senão Maria com toda a inteireza do seu antigo nome, que tanto amava; para satisfazer por seus peccados, não se contentou com menos que ir a Roma pedir ao Summo Pontifice, que elle lhe assignalasse a condigna penitencia de tão enormes e continuadas maldades. Fez assim o Pontifice. Mandou-lhe lançar ao pescoço tres argolas de ferro, e outras tantas tambem de ferro nos braços, e que com estes não ferretes do seu captiveiro, senão ferros duros e pezados, fizesse penitencia das prisões diabolicas em que tantos annos vivera, até que os mesmos ferros, ou o tempo os desfizesse e consumisse,

ou Deus os quebrasse. Assim viveu penitente em um convento de Santa Maria Magdalena, preza sempre, e carregada dos seus ferros, até que passados quatorze annos a libertou delles, e lh'os quebrou um Anjo. Pois tão tarde, e depois de tantos annos? Sim: para que se veja quanto mais poderosas são as indulgencias do nome de Maria, que as satisfações da penitencia, por asperas e duras que sejam. O nome de Maria, e uma só lettra do nome, bastou para livrar a peccadora do poder do demonio em um dia: e rigores, e ferros da penitencia para satisfazer pelos mesmos peccados houveram mister quatorze annos. Mas a penitencia peleja contra o demonio com armas de ferro, o nome de Maria com armas de oiro. Oiçamos ao grande mestre de espirito o devotissimo Kempis sobre a differença destes mesmos ferros á virtude daquelle nome. O demonio (diz elle), ou se vence com armas de ferro, ou com armas de oiro: as de ferro são os jejuns, os cilicios, as disciplinas, e outras penitencias e asperezas: as de oiro são os dois santissimos e poderosissimos nomes de Jesus e de Maria: *Arma ferrea sunt cilicia, jejunia, et pœnitentium dura opera: arma aurea sunt sanctissima nomina Jesus, et Maria devote invocata.* E paremos aqui com o segundo ponto, largo quanto á brevidade do tempo, mas quanto á grandeza da materia muito breve.

IX

Para o terceiro e ultimo prometti reservar o modo com que pela frequente invocação do mesmo nome nos devemos aproveitar dos maravilhosos effeitos de tudo o que elle significa: materia que pedia mais largo tempo do que já nos falta. O nosso portuguez Santo Antonio, diz que o nome de Maria é jubilo no coração, mel na bocca, e musica nos ouvidos: *Nomen Mariæ jubilus in corde, melos in aure, mel in ore:* e quando não fôra mais que pelo gosto de lograr esta doçura, suavidade e harmonia, se devêra repetir e dearticular continuamente este saborosissimo nome Mas ajuntemos ao doce o util, em que consiste todo o ponto. S. Bernardo, depois de uma larga e triste representação dos trabalhos e miserias desta vida, pa-

ra remedio de todos nos exhorta a que invoquemos o nome de Maria, applicando a cada um como uma receita universal: *Mariam invoca, Mariam invoca.* E verdadeiramente se nós mesmos nos não quizermos enganar, ou cegar, que outra coisa é este mundo, senão um hospital commum da natureza humana, em que todos padecem, todos gemem, e como nelle não ha estado, ou fortuna isenta de miserias e dôres, nenhuma ha tambem enxuta de lagrimas. Mas que maravilha seria tão grande, tão facil, e tão util, se todos estes males se curassem, não digo com palavras, senão com uma só palavra! Pois esta palavra é o nome de Maria: e senão, discorramos um pouco por este hospital, e perguntemos a alguns doentes qual é a sua queixa.

Tristatur aliquis? São o mal de que vos queixaes tristezas que não admittem consolação? Diz Ricardo de Santo Laurentio: pois invocae o nome de Maria, e vereis como essa nuvem que tendes sobre o coração se desfaz, e em logar da tormenta vem a serenidade: *Continuo ad nomen Mariæ cedit nubilum, et serenum redit.* Quem mais penetrada da tristeza que a Magdalena, a quem nem a vista, nem as palavras dos Anjos poderam consolar? Que nuvem era tão espessa a que tinha sobre os olhos, e lhe carregava e opprimia o coração, pois tendo presente a causa e o remedio de suas lagrimas, e vendo vivo o que chorava morto, o não conhecia? Mas que faria o Divino Mestre para que toda aquella tristeza se serenasse, e convertesse em alegria? Coisa maravilhosa! Disse-lhe o Senhor, Maria: *Dicit ei Jesus: Maria;* [1] e tanto que o Filho pronunciou o nome da Mãe, no mesmo ponto a Magdalena conheceu a quem não conhecia, e se lançou aos pés de seu Mestre tão mudada, e tão outra, que já não cabia em si de alegria, a que pouco antes estava fóra de si de tristeza. E digo, tanto que o Filho pronunciou o nome da Mãe; porque ainda que a Magdalena tambem se chamava Maria, o nome de Maria, que de desconsolada a consolou, e de triste a fez alegre, não foi o seu senão o da Mãe de seu Mestre. *Maria vocatur, hoc est, nomen ejus accipit quæ parturivit Christum,* diz com o mesmo pensamento S. Ambrosio.

---

[1] *Joan.*, xx, 16.

Entre todas as paixões humanas, a que mais affligе, e tem mais modos de affligir, é o temôr. As outras atormentam com o que é, o temor com tudo o que póde ser, e não só com os males, senão com os mesmos bens. E que remedio tão certo para curar este mal sempre incerto, como o nome de Maria? Esta foi a primeira virtude em que se mostrou sua efficacia. As duas maiores propostas, que nunca se fizeram neste mundo, foi a do demonio a Eva, e a do Anjo a Maria: aquella, que seria como Deus; esta, que seria Mãe de Deus. E como foram acceitas uma e outra? Eva não temeu, porque não considerou; Maria considerou e temeu: *Turbata est, et cogitabat qualis esset ista salutatio.* [1] Com alto juizo disse S. Bernardo neste logar: *Vis esse à dæmone liber? Angelos de cœlo time:* Quereis estar seguro do demonio? Temei até os Anjos do céu. Eva creu as palavras do demonio como se fôra anjo, e Maria temeu as do Anjo, porque considerou que podia ser demonio. O mesmo Anjo, porém, para segurar a Senhora deste temor, o que lhe disse, foi: *Ne timeas Maria:* [2] Maria não temas. Quando Gabriel saudou a Virgem, não disse, *Ave Maria*, *senão Ave gratia plena.* Pois se então calou o nome de Maria, porque agora o nomea expressamente? Porque então o calar o nome, foi cortezia e reverencia, agora o nomeal-o era obrigação e necessidade. Excellentemente S. Bernardo. *Angelus intuitus Virginem, et varia eam secum volvere cogitatione facilime deprehendens, pavidam consolatur, confirmat dubiam, ac familiariter vocans ex nomine, benigne, ne timeat, persuadet. Ne timeas, inquit, Maria.* Vendo o Anjo que a Virgem não respondia, antes revolvia no pensamento as causas que tinha para duvidar e temer o que ouvia, conhecendo facilmente que estava perplexa e temerosa, para lhe socegar a perplexidade e tirar o temor, nomeou-a por seu proprio nome, porque para confortar receios, e dissipar temores, não ha remedio tão efficaz como o nome de Maria. Assim o fez agora, e tambem depois o mesmo Anjo: quando para animar o Sagrado Esposo, e o livrar da perplexidade, e temor com que se achava,

[1] *Luc.*, I, 29.
[2] *Ibid.*, 30.

lhe advertiu tambem com a mesma expressão, que a Esposa que temia receber, se chamava Maria: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam.* [1]

Mas se os receios e temores forem taes, que tenham chegado á desesperação da mesma vida? Tambem estes não remedeia o mesmo Deus senão por meio do nome de Maria. Avisaram as duas irmãs a Christo da enfermidade de Lazaro, e havendo-se o Senhor dilatado até o quarto dia depois de sua morte, antes de entrar em Bethania, onde estava sepultado, mandou a Martha, a qual sahira a o receber, que chamasse a Maria: *Abiit, et vocavit Mariam sororem suam, dicens: Magister, adest et vocat te.* [2] A razão por que Christo dilatou tanto a sua vinda foi porque não só quiz sarar, senão resuscitar a Lazaro morto de tantos dias, para maior gloria de Deus, maior honra do mesmo defunto, e maior demonstração do particular affecto com que o amava. Mas a razão ou mysterio por que não quiz obrar aquella prodigiosa resurreição sem primeiro vir Maria, assim como foi singular reparo de S. Pedro Chrysologo, assim é admiravel prova de quão poderoso é o nome de Maria, ainda nos casos mais desesperados, para dar vida. Oiçamos ao Santo cujas palavras nunca melhor mereceram o nome de aureas: *Mittitur Martha ad Mariam, quia sine Maria nec fugari mors poterat, nec vita poterat reparari.* Mandou o Senhor [3] chamar a Maria, porque havia de lançar fóra da sepultura a morte, e restituir ao morto a vida, e nenhuma destas coisas se podia fazer sem o nome de Maria. Mas de qual Maria? Não de Maria irmã de Martha; senão da Maria Mãe de Christo. *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula, ut videat homo Christum virginalis uteri habitasse secretum, quatenus prodeant ab inferis mortui, mortui exeant de sepulchris.* Venha Maria, mas não em quanto o nome de Maria é seu, senão em quanto representa o nome de Maria Mãe de Christo: *Veniat materni nominis bajula:* para que quando Lazaro sahir vivo da sepultura, conheça o mundo que é em virtude do nome daquella Maria, de cujas entranhas tam-

[1] *Math.*, I, 20.
[2] *Joan.*, XI, 28.
[3] *Chrys. Ser.*, 64.

bem, sahiu vivo o Auctor do mesmo milagre. E haverá ainda algum enfermo tão desconfiado da vida, que não espere a vida e a saude, invocando o nome de Maria?

Passemos á vida e saude da alma, que é a que mais importa. Esta é a enfermidade geral de que está mais cheio o hospital do mundo, e tanto mais perigosa, quanto os mesmos enfermos a padecem sem dôr. Os que escapam e saram, são poucos; os que cahem de novo, e recahem, são muitos; porque as tentações assopradas pelo demonio não cessam, e o remedio, que está na invocação do nome de Maria, ou não se applica totalmente, ou se erra o modo com que se deve applicar. Uma e outra coisa ensinou a mesma Senhora a S. Brigida, e depois de dizer quanto veneram o seu nome os Anjos, tambem disse quanto o temem os demonios: *Omnes etiam dæmones verentur hoc nomen, et timent, qui audientes nomen Mariæ, statim relinquunt animam ex unguibus, quibus tenebant eam.* Tambem todos os demonios, diz a Virgem Maria, temem muito o meu nome; e tanto que ouvem este nome Maria, logo largam a alma das unhas com que a tinham preza. Tenho notado em todas as revelações da Virgem Senhora nossa, que o seu estylo é dar os documentos, e logo declaral-os com alguma comparação, e assim o fez neste caso. *Sicut enim avis quæ in prædam ungues, et rostrum habet, si audierit sonum aliquem, reliquit prædam; sic dæmones audito nomine Mariæ, statim relinquunt animam territi.* Assim como a ave de rapina, que tem a preza nas unhas, se a espantam com alguma voz, larga a preza; assim os demonios ouvindo o nome de Maria, com medo delle largam a alma, e fogem. Desta maneira se declarou a Senhora com aquella similhança, a qual n'outra occasião fez evidente com o effeito. Perto de S. Lucar ha um convento chamado Nossa Senhora da Regra, cujos Religiosos, que são de Santo Agostinho, ensinaram uma pêga a dizer, Santa Maria da Regra, o que ella repetia muitas vezes. Succedeu, pois, que levando um gavião nas unhas esta pêga, ella pelo costume que tinha, a voz com que naturalmente brotou na sua afflicção, foi, Santa Maria da Regra: e no mesmo ponto ella, e o gavião vieram a terra; o gavião morto, e ella victoriosa e livre. Mas assim como (continúa a Senhora a ensinar o que deve con-

correr de nossa parte para que o effeito da invocação do seu nome permaneça), assim como a ave de rapina, que espantada da voz fugiu e largou a preza, se o effeito do temor não continua, torna logo a ella; assim o faz tambem o demonio tão veloz como uma setta, se á invocação do meu nome se não segue a emenda da alma, que escapou das suas unhas. *Iterum advolat, et revertitur ad eam quasi sagitta velocissima, nisi aliqua emendatio subsequatur.* Finalmente, conclue a Senhora com esta admiravel sentença. *Nullus etiam tam frigidus ab amore Dei est, nisi sit damnatus, si invocaverit hoc nomen cum hac intentione, ut nunquam revertere velit ad opus solitum, quod non discedat ab eo statim diabolus:* Nenhum homem ha tão frio no amôr de Deus, se não fôr já condemnado, que se invocar o nome de Maria com proposito de emenda, não se aparte logo delle, e fuja o demonio.

Depois das tentações do demonio só resta o de que ellas são incentivo, que é o peccado, o maior mal de todos os males, e não só enfermidade mortal, mas verdadeiramente morte das almas. E que remedio terá um christão grande peccador, e pouco menos ou muito mais que gentio, carregado, opprimido, e afogado de um abysmo sem fundo de infinitos peccados, aos quaes não sabe o numero, porque nunca fez conta da conta que Deus lhe ha de pedir delles? Bom remedio e facil, diz Alberto Magno: Este tal peccador baptize-se no nome de Maria. Notae as palavras, que são tão admiraveis, como de grande consolação para todos os tentados, e quasi cahidos. *Si illecebræ carnis te trahant, et superantes jam ad illicitas delectationes te propellant, baptiza te in amaritudine maris, et nomina Mariam, et sic pro certo in te experieris, quod juste vocatum est nomen Virginis Maria.* [1] Maria quer dizer mar amargoso, e tu, ó christão, quando te vires tão apertadamente tentado, que já te dês por vencido, baptisa-te na amargura deste mar, nomeando a Maria, e experimentarás em ti sem duvida, e com toda a certeza, a virtude deste nome, e a efficacia deste baptismo. O' admiravel e nunca imaginado privilegio do nome de Maria! Nos

[1] Albert. Mag. in Cap. 1.º, *Luc.*

Actos dos Apostolos lemos, que os christãos no tempo da primitiva Igreja se baptisavam no nome de Christo. *Cùm verò credidissent Philippo evangelizanti de regno Dei, in nomine Christi baptisabantur viri ac mulieres.* [1] Mas como podia isto ser, se a fórma do Baptismo instituido pelo mesmo Christo, e dada aos Apostolos, é que baptisassem a todos em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo: *Baptisantes eos in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti?* [2] Responde Santo Thomaz, [3] que foi privilegio particular revelado aos Apostolos, para que o nome de Christo, que era odioso aos Judeus e Gentios, fosse mais honrado e estimado, vendo todos, que pela invocação de seu nome se communicava no Baptismo o Espirito Santo. *Ex speciali Christi revelatione Apostoli in primitiva Ecclesia, ut nomen Christi (quod erat odiosum Judæis, et Gentilibus) honorabile redderetur, per hoc quod ad ejus invocationem Spiritus Sanctus dabatur in baptismo.* Pois assim como Deus para honrar o nome de seu Filho dispensou que os homens se baptisassem em nome de Christo, e pela invocação do mesmo nome se lhe communicasse o Espirito Santo, assim suppõe o grande mestre do mesmo Santo Thomaz, que para honrar o Filho o nome de sua Mãe, lhe concedeu que nos podessemos baptisar no nome de Maria, e pela invocação do mesmo nome recebessemos a graça do Espirito Santo: não por modo de Sacramento, o que se não póde dizer, mas por outro privilegio digno de tal Mãe e tal nome. S. Bernardino de Sena lhe chama privilegio de auctoridade e jurisdição, a qual diz que recebeu a Senhora desde o dia da Encarnação do Verbo, sobre todas as missões temporaes do Espirito Santo, porque o mesmo Espirito Santo se não quer communicar, senão por meio de Maria: *A tempore quo virgo benedicta concepit Verbum Dei in utero, jurisdictionem, et auctoritatem habuit super omni missione temporali Spiritus Sancti, quia non vult Spiritus Sanctus nisi per eam communicari.* [4]

---

[1] *Act.*, VIII, 12.
[2] *Math.*, XXVIII, 19.
[3] D. Thom. 3.ª Part. q. 66. art. 6.
[4] S. Bern. Serm. 2.º de *Assumpt.*

X

Este é o modo, ou estes são os modos, com que por meio da frequente invocação do nome de Maria podemos conseguir os altos e maravilhosos effeitos, que no mesmo nome se significam. E se me perguntardes qual deve ser a frequencia desta invocação; que esperaes que vos responda? Bastará por ventura (ou por desgraça) que nos lembremos tantas vezes do nome de Maria, quantas são as lettras do mesmo nome? Ainda mal, porque haverá homem com nome de christão, que nem cinco vezes no dia se lembre daquella insigne bemfeitora, de quem Christo recebeu o ser, e a quem devemos o mesmo Christo. Na lingua grega, em que as lettras juntamente são numeros, o numero que vem a fazer as lettras do nome de Maria, é novecentos e noventa e nove, como bem notou Georgio Veneto. [1] E seria muito, que novecentas e noventa e nove vezes cada dia invocassemos o nome de Maria? Se assim o fizessemos, é tão superior ao Manná este saborosissimo nome, que mil vezes tomado na bocca nos não havia de enfastiar mas sempre haviamos de achar nelle novo sabor e doçura: *Mirum illud est de nomine Mariæ, et valde mirum, ut millies auditum semper audiatur quasi novum*, diz Franco Abbade. [2]

E para que a frequencia desta repetição nos não pareça demasiada, oiçamos a S. Germano. Fallando com a Senhora, diz assim: *Non tantum cœli haustu animæ nostræ respirant, quantum nominis tua protectione confirmamur:* [3] Não é tão necessaria a respiração do ar para viverem os nossos corpos, como é necessaria a invocação do vosso nome, ó Virgem Maria, para viverem as nossas almas. N'outra parte: *Sicut continua respiratio non solum est signum vitæ, sed etiam causa: sic Sanctæ Mariæ nomen, quod in Dei servorum ore assidue versatur, simul argumentum est quod vivant, simul etiam hanc vitam efficit et conservat.* [4] Assim como a continua respiração não só é

---

1 Georg. *Venet. in Arm. mundi.* Cant. 1.º tit. 5.º
2 Franco Abbas, de *Gratia Novi Test.*
3 S. Germ. de *Dormit. V.*
4 S. Germ. *Orat. de Deipara.*

signal da vida, senão tambem causa della, assim a continua invocação do nome de Maria na nossa bocca, não só é argumento certo de que vivemos, senão a que causa em nós, e conserva a mesma vida. Dizeime agora quantas vezes respira cada um de nós em um dia, para viver. Conte bem cada um as respirações com que vive, e sem as quaes não póde conservar a vida, e então saberá quantas vezes deve invocar o nome de Maria. Confesso que parece encarecimento; mas já eu vos repeti deste logar o exemplo de um homem leigo nesta mesma America, o qual a todas as respirações dizia a Deus: *Fiat voluntas tua.* Mas na Asia, e em uma gentia temos outro maior exemplo, e que mais nos deve confundir. E' caso, que se o não escreveram auctores dignos de toda a fé, parecêra incrivel. Uma gentia japoneza era tão devota do seu falso Deus Amida, que todos os dias, furtando para isso muitas horas ao somno, invocava o nome de Amida cento e quarenta mil vezes. Mas não é coisa nova em Deus abrir os olhos com a luz da verdade, e trazer a seu serviço os que vê applicados com extraordinario zelo ao culto de seus erros. Assim o fez com Saulo, e assim com esta idolatra, a qual no anno de mil e seiscentos e vinte e dois se fez christã, sendo já de maior edade, e trocando um amôr por outro amôr como a Magdalena, foi continuando a sua devoção com o mesmo fervor até á morte, sem outra differença mais, que mudar o abominavel nome de Amida no nome santissimo de Maria. Cento e quarenta mil vezes cada dia invocava o nome da Mãe do verdadeiro Deus no mais remoto da Asia, para exemplo e confusão da christandade de Europa.

Eu fiz a experiencia, e achei que nem era impossivel, nem muito difficultoso aquelle que parece innumeravel numero. Mas não é esta a frequencia que eu vos pretendo persuadir. Só vos digo, que invoqueis o nome de Maria, quando tiverdes necessidade delle: quando vos sobrevier algum desgosto, alguma pena, alguma tristeza: quando vos molestarem os achaques do corpo, ou vos não molestarem os da alma: quando vos fallar o necessario para a vida, ou desejardes o superfluo para a vaidade: quando os paes, os filhos, os irmãos, os parentes se esquecerem das obrigações do sangue: quando vol-o desejarem beber a vingança, o odio, a emulação, a inveja: quan-

do os inimigos vos perseguirem, os amigos vos desampararem, e d'onde semeastes beneficios, colherdes ingratidões e aggravos: quando os maiores vos faltarem com a justiça, os menores com o respeito, e todos com a proximidade: quando vos inchar o mundo, vos lisongear a carne, e vos tentar o demonio, que será sempre e em tudo: quando vos virdes em alguma duvida, ou perplexidade, em que vos não saibaes resolver, nem tomar conselho: quando vos não desenganar a morte alheia, e vos enganar a propria, sem vos lembrar a conta de quanto e como tendes vivido, e ainda esperaes viver: quando amanhecer o dia, sem saberdes se haveis de anoitecer, e quando vos recolherdes á noite, sem saber se haveis de chegar a manhã: finalmente, em todos os trabalhos, em todas as afflicções, em todos os perigos, em todos os temores, e em todos os desejos e pretenções, porque nenhum de nós conhece o que lhe convem; em todos os successos prosperos ou adversos, e muito mais nos prosperos, que são os mais falsos e inconstantes: e em todos os casos e accidentes subitos da vida, da honra, da fazenda e principalmente nos da consciencia, que em todos anda arriscada, e com ella a salvação. E como em todas estas coisas, e cada uma dellas necessitamos de luz, alento, e remedio mais que humano; se em todas e cada uma recorrermos á protecção e amparo da Mãe das misericordias, não ha duvida, que, obrigados da mesma necessidade, não haverá dia, nem hora, nem momento, em que não invoquemos o nome de Maria.

Ainda resta outra razão mais nobre, e mais fina que estas da nossa necessidade e conveniencias: e é o muito que a mesma Virgem Maria se serve e agrada desta continua memoria, e invocação do seu nome. Assim o tem manifestado a mesma Senhora a todo o mundo com admiraveis e prodigiosos exemplos. E porque são os que mais podem animar a nossa devoção, quero acabar, referindo alguns brevissimamente. S. Eustachio, e o Beato Guilhelmo, sempre traziam na bocca o nome de Maria, e depois da morte se achou escripto na lingua de um e outro o mesmo santissimo nome com lettras de oiro. [1] Tão facilmente faz Chry-

[1] Hist. Cisterc. Quintaduenas, Libr. de Nom. Mariæ. Belvasc. in Speculo Histor. Libr. 64, Cap. 116.

sostomos, e Chrysologos este nome, e com tão poucas lettras! Um monge chamado Lozio, faltou uma noite ás Matinas, depois das quaes em honra do nome de Maria, resava sempre devotamente cinco Psalmos, que começam pelas cinco lettras do mesmo nome. O primeiro é *Magnificat:* o segundo: *Ad Dominum cum tribularer:* o terceiro *Retribue servo tuo:* o quarto *In convertendo:* o quinto *Ad te levavi oculos meos.* Sabida a causa porque Lozio tinha faltado ás Matinas, foi achado morto, com o horror de todo o convento, que ainda nos timoratos costumam causar as mortes repentinas. Mas quem se tinha preparado com a invocação do nome de Maria em toda a vida, ainda que morreu sem enfermidade, não morreu de repente. Assim o mostrou logo publicamente a mesma Senhora; porque em signal de que aquella alma estava no paraiso da Gloria, brotaram no corpo defunto cinco rosas do mesmo paraiso, duas que sahiam dos olhos, duas dos ouvidos, e uma da bocca. Nesta estava escripto com lettras tambem de oiro o nome de Maria, e em todas cinco as de que elle se fórma, e canta no principio dos cinco Psalmos.

E porque estes exemplos são para nossa doutrina, o que agora direi nos ensina um estylo, com que estas cinco lettras do nome de Maria se podem pronunciar não só com a bocca, senão tambem com a bolsa. Dois mezes havia que um soldado hespanhol no Perú não podia pronunciar o nome de Maria, porque quando o intentava, lhe apertavam com grande força, e cerravam totalmente a garganta, signal certo da mão invisivel, que tanto odio tem, e tanto se teme deste sacratissimo nome. Fazia mais admiravel o caso, que não sentindo impedimento para dizer, Virgem Mãe de Deus, só pronunciar, Maria, lhe não era possivel. Varios remedios applicaram os Confessores doutos e espirituaes, sem que tivessem effeito algum contra aquelle garrote infernal; até que mandaram ao soldado, que em honra das cinco lettras do nome de Maria désse uma esmola aos primeiros cinco pobres que encontrasse, e elle o fez assim. Em reverencia do M, deu ao primeiro pobre uma das maiores moedas de prata, que naquellas terras se lavram: outra ao segundo em reverencia do A: em reverencia do R outra ao terceiro, e outra em reverencia do I ao quarto; porém o impedimento como d'antes. Deu finalmente

a quinta moeda ao quinto pobre em reverencia do ultimo A: e no mesmo ponto (coisa maravilhosa!) se lhe soltou a prizão da lingua, e nomeou uma e mil vezes o nome de Maria, sem haver d'alli por diante poder, ou força alguma, que lh'o impedisse. Assim pôde Zacharias nomear o nome de João, depois que o escreveu: porque quer Deus que as nossas linguas se ajudem tambem das mãos, e a Virgem Maria, cuja magnificencia escreve em nós o seu nome de lettras de oiro, não estima menos que a nossa caridade distribua as lettras delle aos pobres em moedas de prata.

Nem só obra maravilhas a Mãe de Deus em confirmação do agrado com que acceita a honra que fazemos ao nome de Maria em si mesma, mas tambem em qualquer sugeito fóra da mesma Senhora, por vil e indigno que seja. Ia disfarçado a umas festas de justas um cavalleiro de grande fama, insigne valor, e destreza daquelles temerarios jogos; quando no mesmo caminho se affeiçoou a uma donzella de estremada formosura, filha de paes honrados, mas muito pobres, aos quaes elle a comprou com ricas joias para victima innocente de seu depravado appetite. Tambem aqui concorreu o medo, porque era homem poderoso e soberbo, e o que não obrassem as dadivas, acabaria a violencia e a força. Sabendo, porém, que a donzella já vendida se chamava Maria, em reverencia daquelle soberano nome se absteve de lhe fazer aggravo: antes porque tinha desejo e voto de servir a Deus em habito religioso, a levou a um convento de monjas, promettendo que de volta pagaria o dote. Que errados são os pensamentos, e que enganosas as esperanças dos homens! Esperava o cavalleiro de voltar carregado de fama e premios, como outras vezes; mas na primeira justa lhe atravessaram o peito com uma lança, de que cahiu morto. Cahiu o corpo em terra, e a alma tambem cahiria no inferno, se a Virgem Maria, lembrada da reverencia com que honrára o seu nome, naquelle ultimo momento de que pende a eternidade, e em tão difficultoso trance com um acto de verdadeira contrição lhe não alcançára a graça final. Tudo isto estava occulto, e no convento tardava o cavalleiro, e a promessa do dote; mas a mesma Senhora, como fiadora de sua palavra, a desempenhou, e revelando em testemunho do que tinha succedido que desenterrado o corpo defunto do cemite-

rio commum, lhe achariam na bocca uma rosa, cujas raizes sahiam do coração; que foi maior o triumpho que alcançou por devoto do nome de Maria que a victoria que esperava conseguir pelas armas. Desta maneira o cavalleiro e a donzella, ambos se salvaram, onde ambos se haviam de perder: ella pelo nome que tinha de Maria, e elle pela reverencia do mesmo nome.

XI

E se tanto se deve reverenciar este sagrado nome, ainda em sugeitos alheios; que devem fazer as que o trazem em si mesmas e se chamam Marias? Seja este o ultimo documento. O' se souberam as que se chamam Marias, quão grande é o peso que tomaram e trazem sobre si nas obrigações de tão santo e soberano nome! Quando Christo mandou chamar a Magdalena para a resurreição de Lazaro, já ouvimos o que disse S. Pedro Chrysologo (e então não ponderamos): *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula.* Que quer dizer *bajula?* Bajulos se chamam aquelles homens que levam aos hombros gravissimos pezos; e a nossa lingua parece que de Maria lhe derivou o nome. Neste sentido disseram os Evangelistas de Christo carregado com o pezo da cruz: *Bajulans sibi crucem exivit.* [1] Pois á Magdalena chama a eloquencia de Chrysologo bajula do nome de Maria: *Materni nominis bajula?* Sim. Porque chamando-se Maria, trazia sobre si o pezo immenso do nome da Mãe de Deus, e das obrigações e encargos do mesmo nome. Quem se chama Maria, ha de imitar as virtudes e pureza da primeira e unica Maria. Na mesma Magdalena o temos. Quando a mesma Magdalena veiu aos pés de Christo, diz o Evangelista S. Lucas, que era uma mulher peccadora: *Et ecce mulier, quæ erat in civitate peccatrix:* e pouco depois fazendo menção das mulheres que seguiam e serviam a Christo e seus Discipulos, pelas cidades e logares onde prégavam o Evangelho, diz que uma dellas era Maria Magdalena:

[1] *Joan.*, XIX, 17.

Maria, quæ vocatur Magdalene. [1] Pois se agora lhe chama o mesmo Evangelista Maria, porque d'antes lhe não chamou Maria? excellentemente o veneravel Beda. *Maria Magdalene ipsa est, cujus tacito nomine proxima lectio pœnitentiam nominat: nam pulchre Evangelista ubi eam cum Domino iter facere commemorat, proprio hanc vocabulo manifestat.* Esta Maria Magdalena de que falla o Evangelista em um e outro logar, não eram duas, como alguns falsamente cuidaram, senão a mesma. Mas o Evangelista com grande propriedade e advertencia, agora chamou-lhe manifestamente Maria, e d'antes calou-lhe o nome, porque d'antes disse, que era peccadora e agora diz, que seguia a Christo. Se as que se chamam Marias seguem a Christo, são Marias: mas se são peccadoras e o não seguem, não são Marias, porque são indigna de tão santo e tão soberano nome. O mesmo S. Pedro Chrysologo em mais berve e aguda sentença. Diz o Evangelista S. Mattheus, que veiu ao sepulchro de Christo Maria Magdalena, e outra Maria: *Venit Maria Magdalene, et altera Maria.* [2] Esta Maria Magdalena e outra Maria, eram duas, ou uma? Uma, responde o Santo; mas já muito outra do que tinha sido: *Venit mulier, et rediit Maria:* Veiu mulher, e tornou Maria. Eis-aqui como as que se chamam Marias devem tornar deste sermão. Se vieram mulheres, tornem Marias.

Finalmente, assim mulheres, como homens, se até-gora não eram devotos do nome de Maria, de hoje por diante o levem escripto nos corações e o tragam continuamente na bocca, presentando a Deus este breve e efficacissimo memorial, seguros de sua intercessão e valia, que nenhuma coisa pedirão a sua divina misericordia e bondade, que lhes seja negada. A mãe de São João e São Thiago chamava-se Maria Salomé, e quando elles pretenderam as duas cadeiras do lado de Christo por meio della, diz o Evangelista, que fez a petição a Christo a mãe dos filhos de Zebedeu: *Accessit ad Jesum mater filiorum Zebedæi.* [3] Pois porque a não nomeou o Evangelista por seu nome, e usou deste rodeio de locução tão extraordinario? Ou-

---

[1] *Luc.*, VIII, 2.
[2] *Math.*, XXVIII, 1.
[3] *Ibid.*, XX,20.

tros darão melhor razão. Mas o certo é que Christo nesta occasião negou aos dois irmãos o que pretendiam; e com grande fundamento se póde crêr que o Espirito Santo, que governava a penna dos Evangelistas, o dispoz assim, para que na Sagrada Escriptura não houvesse um Texto, em que juntamente se nomeasse o nome de Maria, e se lesse que Christo negára o que lhe pediam. Diz o mesmo Christo, que tudo o que pedirmos em seu nome nos concederá seu Eterno Padre: e se o Pae concede tudo o que se lhe pede em nome do Filho, como não concederá o Filho tudo o que se lhe pede em nome da Mãe? Peçamos confiadamente debaixo do seguro deste poderosissimo nome, e não peçamos pouco. Peçamos muito, ou peçamos tudo, que é a graça, penhor da gloria: *Quam mihi, etc.*

SERMÃO

DA

CONCEIÇÃO IMMACULADA

DA VIRGEM MARIA S. N. *

Maria, de qua natus est Jesus. [1]

I

Como em todas as materias controversas dizer o já dito é superfluo, assim na de que hoje sou obrigado a fallar, dizer o que ainda não esteja dito, é difficultoso. Entre os mysterios, todos soberanos, de Maria Mãe de Deus, o que hoje celebra a egreja, e todos desejam ouvir estabelecido com alguma novidade, é o de sua Conceição immaculada. Mas todas aquellas estradas por onde se póde caminhar seguramente ou ao templo desta adoração, ou ao castello desta defeza, estão tão batidas e debatidas, que, como bem dizia ha muitos annos um dos maiores oradores de Hespanha, ninguem póde pôr o pé, senão sobre pegada alheia. Boa satisfação para a desculpa, mas muito desconsolada para o desejo. Desta mesma se valeu Terencio, aquelle tão celebrado comico, o qual pedia perdão ao theatro romano de lhe representar o que já tinha ouvido, e alle-

---

* As novas interpretações de varios Textos da Escriptura dadas n'este Sermão têm hoje mais pezo que no tempo de Vieira; porque com a definição do mysterio apparece melhor o seu fundamento, commenta Honorati.

[1] *Math.*, I.

gava em seu abono, que o mesmo tinham feito os velhos, e assim o faziam os modernos:

Nullum est jam dictum, quod non dictum sit prius.
Quare æquum est vos cognoscere, et ignoscere:
Quod veteres factitatunt, sic faciunt novi. [1]

E se isto se usava na cabeça do mundo ha mais de mil annos, que será hoje entre nós, onde não é tão facil inventar novos argumentos, como novos trajos?

Eu porém não me acabo de sugeitar a este dictame; porque ainda que os Antigos beberam primeiro nas fontes, nem por isso as esgotaram: *Multum egerunt qui ante nos fuerunt, sed non peregerunt*, diz Seneca. [2] Muito fizeram os que vieram antes de nós, mas não perfizeram. Entre o fazer e o perfazer ha grandes intervallos: *Multum autem restat operis, multumque restabit.* Assim como elles accrescentaram sobre o que tinham dito os mais antigos, assim nós podemos accrescentar e descobrir de novo o que elles não acharam, como tambem sobre nós os que depois vierem. Isto escreveu animosamente o maior espirito dos Estoicos. E nem a mim me mette medo dizer a Salomão, que não ha coisa nova debaixo do sol: *Nihil sub sole novum;* [3] porque a materia de que hoje hei de tratar, não é de debaixo do sol, senão do mesmo sol, e acima delle.

Duvidoso pois entre o que tem de verdadeiro uma destas sentenças, e o que oppõe de difficultoso a outra; o meio que determino e devo tomar, é o que ensinou o Mestre divino, em que ambas se conciliam e se concordam: *Ideo omnis scriba doctus similis est patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova, et vetera.* [4] Por isso todo o estudioso douto nas Escripturas é similhante (diz Christo) ao pae de familias rico, o qual tira do seu thesouro o novo e mais o velho. Assim o farei eu hoje, posto que reconheço a minha pobreza: *Ego vir videns paupertatem meam.* [5] Dos thesouros da

---

1 Terentius in Eun.
2 *Seneca*, ep. 64.
3 *Eccles.*, I, 10.
4 *Math.*, XIII, 52.
5 *Thren.*, III. 1.

Theologia e da Escriptura supporei na materia presente o velho, e verei se posso dizer o novo. A Virgem immaculada, cuja graça sempre foi antiga e sempre nova, me assista com a sua. *Ave Maria.*

II

Maria, de qua natus est Jesus. [1]

Prometti suppor o velho para dizer o novo. E posto que esta proposta na materia da Conceição immaculada seja mais facil de prometter, que de desempenhar, comecemos brevissimamente pelas supposições. Supponho como certas tres coisas geralmente recebidas, cada qual porém dentro do seu gráu de certeza: a primeira scientifica, a segunda mais que provavel, a terceira expressamente de fé. A primira e scientifica é, que ha dois modos de remir, ou de redempção: uma que tarda e remedeia o captiveiro, outra que se antecipa, e perserva delle. A segunda e tão provavel, que já se não póde affirmar em publico o contrario, é, que pela redempção que remedeia, remiu Christo a todo o genero humano, e pela que se antecipa e preserva, remiu a sua Santissima Mãe. A terceira e expressamente de fé, é, que o preço de uma e outra redempção foi o merecimento e valor infinito do sangue do Filho de Deus, offerecido e derramado por todos. Este sangue, pois, e o modo com que Christo o derramou singularmente por sua Mãe, com muitos primores de redempção atégora não ponderados, será a novidade que para maior gloria da Mãe e do Filho desejo provar. A tudo me dão fundamento as palavras do Evangelho, que tomei por thema: *Maria, de qua natus est Jesus.* Em Maria temos a remida e preservada: no nome de Jesus que quer dizer Redemptor, temos a redempção: e nas duas palavras *de qua natus est*, temos o preço, que foi o sangue; porque encarnando e nascendo Jesus de Maria, della o recebeu para o dar universalmente por nós, e muito particularmente pela mesma Mãe.

[1] *Math.*, I, 16.

III

Entrando pois nas consíderações e modos particulares com que o bemdito Filho da Virgem Maria em quanto Jesus, e em quanto Redemptor, em obsequio e beneficio singular da mesma Senhora deu o sangue que de suas purissimas entranhas tinha recebido: *de qua natus est;* seja o primeiro e mais geral, como fundamento de todos, ser a mesma Senhora preservada do captiveiro do peccado de Adão por valor e virtude do mesmo sangue.

Mandando Deus a Moysés, que dos desertos de Madian, onde vivia, fosse ao Egypto resgatar o seu povo, que lá estava captivo, levou Moysés em sua companhia a Sephora, sua esposa. E foi esta acção do seu enviado tão estranhada e abominada do mesmo Deus, que antes de chegar ao Egypto, lhe tornou a apparecer tão indignado contra elle, que queria não menos que tirar-lhe a vida: *Cùmque esset in itinere, in diversorio, occurrit ei Dominus, et volebat occidere eum.* [1] Paremos, e reparemos aqui com S. Agostinho, Theodoreto, Eusebio Cesariense, Emisseno e outros, os quaes colhem do mesmo Texto, que esta e não outra foi a causa de uma tão notavel e impensada demonstração. Pois, Senhor, a Moysés, a quem acabaes de eleger por redemptor do captiveiro do vosso povo, tão de repente quereis privar, não só do officio, senão da vida? Tão grande culpa, e tão mal soffrida de vós, foi querer levar sua esposa comsigo? Sim. Porque quando eu mando a Moysés que vá libertar aos que estão captivos no Egypto, que queira elle metter no mesmo captiveiro a sua esposa, que tão livre estava delle, quanto vae do Egypto a Madian, não soffro eu tal deslumbramento, e tal erro em um homem que fiz redemptor universal do meu povo, e por isso representador de meu Filho. Reparem neste juizo de Deus os que interiormente se não acabam de conformar com o que hoje prégamos, se por ventura ha ainda algum. Se Deus quiz matar a Moysés, porque não soffreu que elle mettesse no captiveiro do Egypto com os outros captivos a esposa

[1] *Exod.*, IV, 24.

que era de Moysés; se a esposa fosse do mesmo Deus, como o soffrera? Sendo pois verdadeiramente esposa sua a Virgem Maria, como soffrerá aos que lh'a querem captivar, e metter com os demais no mesmo captiveiro? Mas advertido isto de passagem, vamos por diante com a historia ao nosso ponto.

Postos Moysés e Sephora em termos tão apertados e perigosos como vimos; elle debaixo da espada de Deus condemnado á morte, e ella caminhando para o Egypto, onde todos eram captivos; que succedeu? Levavam ambos um filhinho comsigo, ao qual naquelle estado circumcidou a mãe, dizendo ao pae, que elle era a causa de lhe derramar o sangue: *Sponsus sanguinum tu mihi es:* [1] e no mesmo ponto, aplacado Deus, a Moysés lhe foi perdoada a culpa, e Sephora ficou livre de ir ao Egypto, apartando-se delle: *Et dimisit eum.* [2] Quem se não admira neste caso do modo tão facil e breve com que dois nós tão fortemente apertados se desataram, e dois perigos tão grandes se resolveram? De sorte, que em se derramando o sangue do filho, o pae ficou absolto da culpa, e a mãe livre do captiveiro? Com razão disse S. Paulo, que tudo o que naquelle tempo succedia, eram figuras e uma como comedia do que depois havia de ser: *Omnia in figura contingebant illis.* [3] O filho innocente era figura de Christo: o pae era figura de Adão, de quem tomou a natureza: a mãe era figura da Virgem Maria, de quem nasceu. E tanto que o sangue do filho se derramou, o pae ficou livre da culpa, pela qual estava condemnado á morte; e a mãe ficou livre do captiveiro para onde a levava o mesmo pae. Póde haver representação por todas suas circumstancias mais propria? Mas ainda faltam por advertir duas, para maior gala do mysterio. A primeira, que a mãe foi livre do captiveiro não depois de ir ao Egypto, e estar captiva, senão antes e preservada, para que o não fosse. A segunda, que o mesmo captiveiro do Egpyto naquella occasião já estava acabando, e havia de durar muito pouco: mas como o filho de Sephora representava o Filho de Maria,

---

1 *Exod.*, IV, 25.
2 *Exod.*, IV, 26. Idest. Sephora Moysen ita Lyran.
3 *1.ª ad Corinth.*, X, 11.

não permittiu o seu sangue, que sua Mãe estivesse captiva, nem por um só instante.

Parece que depois de tal figura não póde haver prova real, que a eguale: mas será tanto maior e melhor, quanto vae da luz á sombra. Quando o mesmo Christo, na ultima Cêa, consagrou o seu preciosissimo sangue no calix, foi com estas palavras: *Hic est calix sanguinis mei, qui pro vobis, et pro multis effundetur:* Este é o calix de meu sangue, o qual se derramará por vós e por muitos. Terrivel palavra foi esta ultima! O sangue de Christo é de fé, que se derramou por todos, porque por todos morreu, de que temos contra o herege moderno o Texto expresso de S. Paulo: *Pro omnibus mortuus est Christus.* [1] Pois se o mesmo Christo havia de derramar e derramou o sangue por todos, porque não diz, este é o calix do meu sangue, o qual se derramará por vós e por todos, senão por vós e por muitos: *pro vobis, et pro multis?* Lêde as palavras seguintes, e vereis quão admiravelmente resolvem a duvida. *Qui pro vobis, et pro multis effundetur in remissionem peccatorum:* Será derramado, diz o Senhor, o meu sangue por vós, e por muitos: mas como? *In remissionem peccatorum*, em remissão de peccados. Aqui está a differença. O sangue de Christo absolutamente derramou-se não só por muitos, senão por todos: mas em remissão de peccados, não se derramou por todos, senão por muitos; porque do numero dos todos foi exceptuada a Mãe que lhe deu o mesmo sangue. Por todos os mais foi derramado o sangue de Christo, e em remissão de peccados: só por sua Mãe foi tambem derramado, sim, mas sem remissão de peccados, não, porque não teve peccado. Oh bemdito Filho de Maria, que bem mostrastes ser juntamente Filho de Deus, pois tão altamente acudistes pela honra de vossa Mãe! Havia de dizer S. Paulo, que todos peccaram em Adão: e que o sangue de Christo se derramou por todos. Mas para que o mundo se não enganasse, e soubesse que no contrahir o peccado houve excepção, e no derramar o sangue, differença; por isso declarou o Senhor com duas limitações tão expressas, que o seu sangue se derramaria por muitos, e em remissão

[1] *2.ª ad Corinth.*, v, 15.

de peccados. Por muitos e não por todos, para excluir a sua Mãe: e em remissão de peccados, e não por outro modo, para a eximir de toda a culpa, da qual não foi perdoada por remissão, senão prevenida e preservada por graça. Assim o disse e protestou em tal hora, em tal acto, e com o calix do sangue que havia de derramar nas mãos, como Filho, emfim, e Redemptor que era da Mãe de quem recebêra o mesmo sangue: *De qua natus est Jesus.*

IV

Estabelecido este fundamento geral, em que ficam tambem provadas (e não sei se com alguma novidade) as supposições do que chamei velho; para entrarmos no que mais propriamente é novo, e tudo sobre o sangue que Christo derramou, para remir singularmente a sua Mãe, e a preservar do peccado; saibamos quando, onde, e como obrou o bemdito Filho este grande e occulto mysterio, e nunca atégora distinctamente examinado.

S. Bernardino Senense diz que remiu Christo a sua Mãe com o primeiro sangue que derramou na cruz, e com grande preferencia a todos os que nella foram remidos. [1] Funda-se naquellas palavras dos Canticos: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum*, [2] nas quaes reconhece o Santo primeiras e segundas feridas, e diz que as primeiras offereceu Christo na cruz pela redempção de sua Mãe, para que a mesma Senhora sendo remida primeiro que todos, fosse a primogenita do Redemptor. As palavras do devotissimo e doutissimo Padre, são estas: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum: pro tuo amore carnem sumpsi, et vulneribus primis in cruce vulnerasti cor meum; nam Primogenita Redemptoris Filii sui Jesu est Virgo beata.* Alto sentir, e digno de seu auctor. De sorte, que assim como o Filho foi o primogenito da Mãe em quanto Homem: *Peperit Filium suum primogenitum;* assim a Mãe, foi a primogenita do Filho, em quanto Redemptor: *Primogenita Redemptoris Filii sui* E esta foi a primeira fineza, ou primorosa corresponden-

---

[1] 1.º Bernard. *Serm. de Conception.*
[2] *Cant.*, IV, 9.

cia com que o Filho Jesus, em quanto Jesus e Redemptor da Mãe, de quem nasceu, lhe pagou o beneficio do ser, não que della tivesse já recebido, senão que havia de receber. O Filho primogenito da Mãe, e a Mãe primogenita do Filho: o Filho primogenito da Mãe no nascimento, a Mãe primogenita do Filho na conceição.

Até aqui S. Bernardino, declarada a sua sentença quanto ella o permitte. E verdadeiramente, que quando o Santo disse, *vulneribus primis*, se não accrescentára *in cruce*, na cruz, não tinha eu mais que desejar, e dera o parabem ao meu pensamento de se encontrar com o de tão allumiado e sublime espirito. Mas porque tenho outras Escripturas mais claras, que citarei, conformando-me em que o sangue que o Redemptor derramou por sua Mãe, foi o primeiro, digo que não foi na cruz, senão no horto. Abra-nos o caminho á prova desta novidade o grande Doutor da Igreja S. Ambrosio, o qual florescendo mil annos antes, já então deixou escripto, que dando o Filho de Deus principio á obra da universal Redempção, começou por sua Mãe: *Nec mirum si Dominus redempturus mundum, operationem suam inchoavit à Matre, ut per quam salus omnibus parabatur, eadem prima fructum salutis hauriret ex pignore.* [1] Elegante e eloquentemente, como sempre, Ambrosio. Quer dizer, que ninguem se deve maravilhar de que havendo de dar principio o Redemptor á obra da redempção do mundo, começasse por sua Mãe, para que ella, que o havia de ajudar na redempção de todos, fosse a primeira que na mesma redempção colhesse os fructos do fructo do seu ventre.

Isto posto, se alguem perguntasse ao mesmo Filho e á mesma Mãe, onde colheram estes primeiros fructos da redempção, não ha duvida que ambos haviam de responder, que no horto; e assim o dizem expressamente a Mãe e mais o Filho. E' passo que se não podia desejar, nem inventar melhor: e foi um dialogo que tiveram entre si o Esposo, que é Christo, e a Esposa, que é a Virgem, no mesmo Livro dos Canticos: *Veniat dilectus meus in hortum suum*, (diz alli a Senhora) *et comedat fructum pomorum suorum:* [2]

[1] D. Ambros. *in Luc.*, Cap. 2.
[2] *Cant.*, v, 1.

Venha o meu Amado ao seu horto, e colha o fructo dos seus fructos, isto é, os primeiros e as primicias delles. Isto disse a Esposa e logo tendo satisfeito o Filho ao desejo da Mãe, diz assim: *Veni in hortum meum, soror mea sponsa, et messui myrrham meam:* [1] Vim ao meu horto, Irmã e Esposa minha, e o que alli colhi foi a minha myrrha. A myrrha propriamente não é fructo, senão um licôr que se sua e estyla das arvores do mesmo nome. Pois se a Esposa tinha convidado o Esposo para que fosse ao seu horto colher os primeiros fructos: *Veniat in hortum suum, et comedat fructum pomorum suorum;* como indo o Esposo ao mesmo horto, em vez de colher fructos, colheu myrrha: *Veni in hortum meum, et messui myrrham meam?* Assim o disse, porque assim foi, nem se podia declarar melhor. Como a myrrha é aquelle licôr aromatico que suam as arvores, o fructo que Christo colheu no Horto, satisfazendo ao desejo de sua Mãe, foi o sangue que por amôr della suou na oração do mesmo Horto. Expressa e concordemente S. Cyrillo Jerosolymitano, Philo Carpacio, e Ruperto: *Christus enim in horto orans, myrrham messuit, cum sanguinem sudavit.* Póde haver coisa mais clara, mais breve e mais exacta em que se exprima, como desejavamos, o onde, o como, e o quando? O onde, no horto: *In horto;* o como, orando: *Orans;* o quando, quando suou o sangue: *Cum sanguinem sudavit?*

A' vista pois desta primeira conclusão, tão nova e tão provada, que diremos? Diremos por ventura que andou tão finamente primoroso o soberano Redemptor na redempção de sua Mãe, que não só quiz que fosse immaculada a Remida, senão tambem immaculada a mesma redempção? E porque a redempção que obrou no Calvario, era redempção de peccado e de peccadores; para que a de sua Mãe de nenhum modo se envolvesse e misturasse com ella, a dividiu e separou no tempo, no logar, no sangue, e no modo de o derramar, fazendo no Horto um novo Calvario sem monte, e no suor uma nova cruz sem cravos? Assim o cantou elegantemente Hildeberto Turonense: *Sanguineus sudor Crux fuit ante crucem.* Mas oiçamos a S. Paulo. S. Paulo parece que faz distincção entre um

[1] *Cant.*, v, 1.

e outro sangue, attribuindo a redempção universal só ao sangue da Cruz: *Pacificans per sanguinem crucis ejus sive quæ in terris, sive quæ in cœlis:* [1] e estes são os termos geraes com que commummente fallam os Santos Padres. D'onde se segue, que se o sangue da Cruz foi só o preço da redempção universal, no tal caso todo o sangue do Horto foi unicamente applicado pelo Filho á redempção da Mãe, e por isso propriamente não só primogenita, como queria S. Bernardino, mas unigenita; porque a primogenita tem segundos, e a unigenita é singular e unica. Mas esta fineza de nenhum modo se deve nem póde entender com exclusão do sangue da Cruz, porque é certo que o Filho da Virgem tambem morreu pela Mãe, de quem nasceu; que foi nova correspondencia de reconhecimento e gratidão pagando-lhe o nascimento com a morte. Que diremos logo á vista destes dois theatros, ou amphitheatros, ambos sanguinolentos, um do Horto, outro do Calvario? Digo que em um e outro obrou o Filho de Maria como Jesus, e como Redemptor a sua redempção; mas no Calvario como universalmente remida; no Horto, como singularmente preservada, e em um e outro como purissima, e sem macula. Em tudo quanto digo fallo pela bocca da mesma Mãe e do mesmo Filho; e neste ponto com Texto milagrosamente feito só para elle.

Um dos mais notaveis Textos da Escriptura, no que diz, e na ordem e consequencia com que o diz, são aquellas palavras do Esposo divino, fallando primeiro comsigo, e depois com a Esposa: *Vadam ad montem myrrhæ, et ad collem thuris: tota pulchra es amica mea, et macula non est in te.* [2] Eu (diz o Esposo) irei ao monte da myrrha, e ao oiteiro do incenso: e vós, Esposa e Amiga minha, toda sois formosa, e toda pura sem macula. Superfluo é repetir que a Esposa é a Virgem Maria, e o Esposo, Christo seu Filho. Mas que correspondencia tem dizer o Filho, que ha de ir ao monte da myrrha, e ao oiteiro do incenso; e logo inferir e concluir que a Mãe toda é formosa, e toda pura sem macula? *Vadam ad montem myrrhæ, et ad collem thuris:* e logo de repente

[1] *Colos.*, I, 20.
[2] *Cant.*, IV, 6 e 7.

sem outro motivo: *Tota pulchra es amica mea, et macula non est in te?* Para entendimento desta notavel consequencia em que se infere com tanta clareza e expressão a pureza immaculada da Virgem, é necessario saber que monte e que oiteiro, que myrrha e que incenso é este? A myrrha significa a morte, o incenso significa a oração: e neste sentido, que é de todos os Santos Padres, o monte da myrrha é o Calvario, onde Christo morreu, e o oiteiro do incenso é o horto de Gethsémani, onde orou: (porque Gethsémani estava situado em um tezo sobre o valle de Cedron) e de Christo morrer na cruz, e orar no Horto, tira por consequencia, e conclue o mesmo Senhor, que sua Mãe toda é pura, e sem macula: com razão e consequencia torno a dizer milagrosa; porque para Christo remir o genero humano depois do peccado, bastava o sangue que derramou na cruz: mas para remir e preservar a sua Mãe sem macula de peccado, quiz elle, por ãneza particular, accrescentar ao sangue da cruz, o sangue que derramou na oração do Horto. Isto é ir ao monte da myrrha: *Vadam ad montem myrrhæ*, e juntamente ao oiteiro do incenso, *et ad collem thuris*. E tanto que se uniram os effeitos destas duas jornadas, e se ajuntou um sangue com outro sangue, então exclamou e declarou a vozes o Filho, que sua Mãe era toda pura, e sem macula: *Tota pulchra es, amica mea, macula non est in te;* porque o effeito geral do sangue da Cruz, foi remir, e o particular do sangue do Horto, remir preservando.

Comparemos um sangue com outro, o da cruz com o do horto, e veremos com os olhos esta mesma differença. Quando na cruz deram a lançada a Christo, sahiu sangue e agua: *Exivit sanguis, et aqua:* [1] mas quando o Senhor suou no Horto, sómente sahiu sangue: *Factus est sudor ejus, sicut guttæ sanguinis.* [2] Parece que não havia de ser assim. Mais proprio era do sangue do horto, que do sangue da cruz, sahir juntamente com agua. Porque depois de exhausto o suor natural, que é humor aqueo, então se seguia o preternatural e prodigioso, que é o de sangue. Qual

[1] *Joan.*, XIX, 34.
[2] *Luc.*, XXII, 44.

foi logo o mysterio, porque o sangue da cruz sahiu juntamente com agua, e o do horto não? Todos os Padres uniformemente dizem que o sangue da Cruz significava a Redempção, e a agua o Baptismo, primariamente instituido para lavar o peccado original. S. Athanásio: *Exivit sanguis, et aqua, ut ita redemptio et immundatio prioris Adæ dimanaret.* [1] E S. Ambrosio: *Exivit aqua, et sanguis: aqua, ut mundaret, sanguis, ut redimeret.* Assim os demais. E como o sangue da cruz era para remir, e a agua para lavar as manchas do peccado de Adão, por isso sahiu na cruz o sangue juntamente com agua: *Exivit sanguis, et aqua.* Porém no horto, como o sangue era para remir não lavando, senão preservando da mesma mancha; porque só havia de remir, e não tinha que lavar; por isso o suor não foi de sangue junto com agua, senão de sangue sómente: *Sicut guttæ sanguinis.* Esta é a razão e propriedade porque o Senhor, quando disse que havia de ir ao Calvario: *Vadam ad montem myrrhæ*, não fallou palavra na pureza da Mãe; mas tanto que ajuntou que havia de ir tambem ao horto: *Et ad collem thuris*, logo a publicou e canonisou por immaculada: *Et macula non est in te.* Bem pudéra o sangue da Cruz, como de infinita virtude, produzir por si só este effeito; mas como a redempção da Mãe era tanto mais nobre, tanto mais alta, e tanto mais preciosa que a de todos, tambem era credito da mesma redempção, que fosse maior e mais subido o preço que se désse por ella. Por isso os empenhos sempre mais e mais primorosos do Filho, não se contentam com menos, que com dobrar a paga, accrescentando um preço sobre outro preço, e um sangue sobre outro sangue, como Redemptor, em fim, e Jesus da Mãe de quem o tomou e nasceu: *De qua natus est Jesus.*

V

Temos provado a prerogativa do sangue que Christo suou no horto, em respeito do que derramou na cruz e como foi particularmente applicado pelo mes-

[1] Ath. Serm. de Passion. Amb. lib. de Sacram. cap. 1.

mo Filho á redempção immaculada de sua Mãe: mas ainda não temos dado nem inquirido a razão. No sangue de Christo tanto valor tem uma gotta como todo: e se no todo se quizesse especular alguma consideração de excesso ou vantagem, o todo foi o da cruz, e as gottas o do horto: *Sicut guttæ sanguinis*. Que razão de prerogativa teve logo o sangue do horto, para ser elle o preferido neste mysterio ao da cruz? Respondo que a razão, conveniencia, e primor desta preferencia, foi, para que não só o Redemptor e a redempção, senão tambem o preço della, que foi o sangue, se unissem no mesmo modo singular e extraordinario de remir, com que o Filho remiu a Mãe, e ella foi remida. Como foi remida a Virgem Maria? Não depois, senão anticipadamente, que isso é ser remida por preservação. Pois essa foi a razão, o primor e a fineza, porque não só o Redemptor e a redempção, senão tambem o preço della se anticipou. O Redemptor apressou-se e adiantou-se á redempção: a redempção apressou-se e adiantou-se ao peccado: e para que o preço, que era o sangue, se apressasse e adiantasse tambem, anticipou-se o sangue do horto ao da cruz.

Caminhando o pae e mãe de Samsão por uma estrada deserta cerrada de bosques, adiantou-se o filho que os acompanhava, e sahindo-lhe ao encontro um leão tão feroz na catadura, como soberbo nos bramidos, arremetteu a elle o valente moço, sem mais armas que as proprias mãos, e afogando-o entre ellas, o lançou morto no bosque. Gram façanha, e mais que humana! Assim o nota a Sagrada Escriptura, dizendo que isto fez Samsão movido do espirito divino. Mas o primeiro movimento com que se adiantou, deixando atraz seu pae e sua mãe, parece que nem foi necessario nem conveniente. Necessario não; porque as suas forças eram as mesmas, e tanto podia matar o leão adiantando-se, como indo ao lado dos paes: conveniente tambem não, e muito menos; porque acompanhando os mesmos paes, os assegurava melhor do perigo daquella ou de outra fera do bosque. Qual foi logo o fim (que não podia deixar de ser grande e mysterioso) porque o moveu o mesmo espirito a que se adiantasse? O fim grande e mysterioso, foi, como já notaram alguns escriptores modernos; porque nesta historia de Samsão se representava mara-

vilhosamente, e com todas suas circumstancias, o mysterio da Conceição immaculada. A estrada por onde caminhava o pae e a mãe, é aquella por onde descendemos de Adão todos os que recebemos o ser por geração natural: o leão feroz e soberbo é o peccado original, que naquella passagem espera a todos os homens, e antes de nascidos lhes não perdôa, e os mata: o Samsão que o matou a elle é Christo, por natureza isento de peccado, e que só tem poder e forças para vencer e destruir, não só o original, mas todos. Assim, pois, como Samsão se adiantou e anticipou para livrar do leão a seu pae e sua mãe, antes que elle os encontrasse; assim Christo se adiantou e anticipou a preservar do peccado original a sua Mãe, antes que ella o incorresse.

Até aqui os Doutores allegados, não reparando nenhum delles, nem acudindo a uma circumstancia e impropriedade, que sendo esta figura tão natural do mysterio, não só a deslustra e afêa, mas a nega, ou põe em duvida. Samsão livrou das garras do leão a seu pae e a sua mãe: Christo não preservou do peccado original a homem algum, senão a uma mulher sómente, que foi a Virgem immaculada: logo a historia não diz com o mysterio, nem a figura com o figurado, antes desfaz e descompõe toda a gloria e privilegio da Conceição, que consiste em ser a Senhora unicamente preservada? Mas que seria se eu dissesse que nesta que parece impropriedade da historia consistiu a maior energia e gala do mysterio? Assim o digo. Porque Samsão livrou daquella fera que representava o peccado original, não só a sua Mãe, senão tambem a seu pae; por isso mesmo foi perfeitissima figura de Christo no mysterio da Conceição. Mas de que modo? Por isso mesmo. Porque Christo foi Filho da Virgem Maria; e a Mãe que é Virgem, não só é Mãe, senão Mãe e Pae de seu Filho, porque não tem outro Pae. Logo, para Samsão ser perfeitissima figura de Christo no mysterio da Conceição, não só havia de livrar do leão a sua mãe, senão a sua mãe e a seu pae juntamente. Este é o fundamento porque graves Theologos tiveram para si que a Virgem Maria, em respeito de seu Filho, se havia ou podia chamar não só *Mater*, como as outras mães, senão *Matripater*, que quer dizer Mãe e Pae. E pela mesma razão lemos em muitos Santos Padres, que o

amôr da Virgem em respeito do mesmo Christo foi dobrado; porque o amôr dos outros filhos naturalmente gerados, divide-se entre o pae e a mãe; porém na Mãe Virgem, como em Mãe e Pae, estava todo unido.

Ainda tem a mesma historia de Samsão outra admiravel propriedade em confirmação do mesmo mysterio. Já vimos como Samsão, quando matou o leão, o lançou e escondeu no bosque. E declara a Escriptura, que nem a seu pae, nem a sua mãe, nem a outrem, descobriu aquella façanha, sendo de tanta honra sua, e tão bizarra. Assim esteve occulto o mysterio deste silencio e segredo, até que depois de muitos dias se manifestou que o intento de Samsão fôra formar, da sua mesma historia, aquelle famoso enigma que propoz e expoz ao juizo dos homens, com nome de problema: *Proponam vobis problema.* [1] Já estou vendo que nenhum entendimento haverá tão rude, que nesta singular circumstancia não reconheça mais e melhor a historia da Conceição de Maria, que a do mesmo Samsão. Adiantou-se Christo a vencer e matar o peccado original antes da Conceição de sua Mãe: e estando por muito tempo occulta aquella singular façanha do Filho, que fez o mesmo Filho? Da mesma façanha occulta e do mesmo segredo só a elle manifesto fez o mais celebre e mais altercado problema que nunca houve no mundo, disputando as mais doutas escólas da Theologia, se Maria fôra concebida em peccado original ou não. Que Escripturas se não teem desenterrado e desentranhado? Que livros se não teem mandado á estampa? Que discursos e argumentos se não teem inventado? E em quantas disputas publicas e secretas se não tem controvertido este mesmo ponto, seguindo uns Doutores a parte affirmativa, e outros, com maior applauso, a negativa? Mas todos atégora problematicamente; porque assim o quiz para maior celebridade e gloria do mesmo mysterio, o soberano Auctor do mesmo problema: *Proponam vobis problema.* E será sempre problema? Não. Porque da mesma historia consta que Samsão revelou o enigma a sua esposa. E assim como Samsão o revelou a sua esposa, e por meio della o entenderam todos, assim Christo finalmente aca-

[1] *Judic.*, XIIIV, .

bará de o revelar a sua Esposa, a Igreja, como já tem começado; e como fôr definida por ella a verdade, cessará a controversia, e será conhecida e festejada de todos.

Tornando ao fio do nosso discurso, assim como o Filho se adiantou e anticipou á redempção da Mãe, assim a mesma redempção se adiantou, e anticipou ao peccado, e com nova e admiravel correspondencia. Foi tão admiravel a pressa com que o peccado original se adiantou e anticipou a matar os homens, que sendo todos filhos de Adão, primeiro os matou seu Pae com o peccado, do que elles nascessem. E para que se veja que a redempção da Virgem Maria não foi menos apressada, nem seu Filho se adiantou e anticipou menos em preservar a Mãe, do que Adão se tinha adiantado e anticipado em matar os filhos; pergunto: qual foi primeiro, o nascimento do Filho, ou a Conceição da Mãe? Não ha duvida que a Conceição da Mãe foi muito primeiro que o nascimento do Filho. Pois se o Filho ainda não era nascido, como preservou do peccado a Mãe antes de nascer? Respondo, tornando a perguntar. E quando Adão peccou, eram já nascidos seus filhos? Não: e comtudo pôde-os Adão matar com o peccado antes de nascerem. Pois seria bem que os filhos de Adão os matasse seu pae com o peccado antes de nascerem; e o Filho de Maria não preservasse do mesmo peccado a sua Mãe antes de nascer? E' verdade que esta redempção tão anticipada foi effeito do sangue da Mãe, que elle ainda não tinha recebido. Mas essa é a virtude do sangue de Christo, como agora veremos.

Quando houveram de nascer Zarão, e Phares, dois filhos gemeos de Thamar; Zarão lançou primeiro fóra um braço, no qual a que assistia ao parto lhe atou um fio de purpura, entendendo que elle seria o primogenito; mas enganou-se, porque Phares se adiantou e nasceu primeiro. Todos os Santos Padres reconhecem neste caso grande mysterio, e concordam em que aquelle fio de purpura foi signal do sangue de Christo. S. Cyrillo, commentando as palavras do Texto: [1] *Unus protulit manum, in qua obstetrix ligavit coccinum*, diz, *coccinum sanctissimum Christi sanguinem*

[1] Cyrillum apud Lipomanum. Ambros. Bernard.

signat. [1] E o mesmo dizem S. Ambrosio, S. Bernardo e outros Padres. Foi pois o caso, que os dois gemeos Zarão e Phares cada um procurava nascer primeiro, e ser o primogenito, para que do seu sangue nascesse o Messias, que era toda a ambição e emulação daquelle tempo. E que fez o mesmo Messias? A Phares concedeu, que receberia delle o sangue, e a Zarão, que com o mesmo sangue o assignalaria: e assim foi. Mas a Zarão deu-lhe logo a purpura e o signal do sangue, e de Phares não o recebeu senão muito tempo depois. E porque? Porque é virtude propria do sangue de Christo poder-se dar antes de se receber. O sangue de Phares não o recebeu Christo senão quando nasceu o mesmo Christo, e o signal e effeito do seu sangue recebeu-o Zarão antes de nascer o mesmo Zarão: e isto foi, nem mais nem menos, o que se verificou na Conceição de Maria, e no nascimento de seu Filho. O Filho recebeu o sangue da Mãe quando della nasceu, que foi no dia do seu nascimento; e a Mãe recebeu o effeito do sangue, que deu ao Filho antes de nascer a mesma Mãe, que foi no dia da sua Conceição. De sorte, que o Filho foi redemptor da Mãe por meio do sangue que della recebeu, antes de o receber; e a Mãe foi remida, e preservada por meio do sangue que deu ao Filho, antes de lh'o dar. E temos fundada e declarada a razão porque este sangue foi o do horto.

Assim como o Redemptor foi Redemptor anticipado, porque se adiantou e anticipou á redempção; e assim como a redempção foi anticipada, porque se adiantou e anticipou ao peccado; assim foi conveniente, para maior lustre e gloria do mysterio, que o preço da mesma redempção, que era o sangue, fosse tambem anticipado, e por isso o sangue do horto se adiantou e anticipou ao sangue da cruz. Assim o notou e celebrou com admiraveis propriedades a mesma Virgem tão primorosamente remida. Depois de dizer seu bemdito Filho, que o fructo que colheu no horto foi a sua myrrha: *Veni in hortum meum, messui myrrham meam:* [2] a qual myrrha, como vimos, é o sangue que no mesmo horto suou; diz logo a Senhora, fallando com o mesmo Filho, que essa myr-

---

[1] *Gen.*, XXXVIII, 27.
[2] *Cant.*, V, 1.

rha a que chama primeira, foi o estillado de sua sagrada bocca: *Labia ejus distillantia myrrham primam.* [1] Mas se aquelle sangue que o Senhor suou, sahiu e brotou por todos os poros do sagrado corpo; como diz a Senhora que foi estillado de sua bocca? Agora se verá com quanta propriedade interpretamos do horto, e da oração do mesmo horto, o nome de *collem thuris.* Chama-se o sangue do horto estillado da bocca de Christo; porque a força e efficacia da oração do mesmo Senhor no horto, como tão fervorosa e ardente, foi a que accendeu e subtilizou o sangue nas veas, e o fez manar em suor. Assim o diz com a mesma consequencia o Evangelista S. Lucas: *Prolixius orabat, et factus est sudor ejus, sicut guttæ sanguinis:* [2] E Elias Cretense, commentando o mesmo Texto: *Ardenter orat, ac sudor guttarum sanguinearum ab ipso fluit.* [3] E como ao passo que da bocca sahia a oração, das veas rebentava e corria o sangue, esta foi a propriedade com que disse a Senhora, que da mesma bocca se estillava a myrrha primeira: *Labia ejus distillantia myrrham primam.*

A palavra *distillantia* é a mesma com que o Texto arabico explica o suor do horto: *Et factus est sudor ejus velut sanguis distillans.* Mas porque razão chama a Senhora nas mesmas palavras ao sangue do suor do horto não só myrrha, senão myrrha primeira: *myrrham primam*, nome tão singular, que só neste Texto se acha em toda a Escriptura Sagrada? Toda a myrrha não é aquelle licôr ou humor precioso e aromatico, que se estilla da arvore onde nasce? Sim. Pois porque se chama particular e singularmente o sangue, e suor do horto, não myrrha de qualquer modo, senão myrrha primeira: *Distillantia myrrham primam?* Não se poderá mais propria e eruditamente declarar o mysterio de ser sangue anticipado. A myrrha, como descreve Plinio, colhe-se da arvore onde se cria, por dois modos. O primeiro é, suando a arvore por si mesma aquelle licôr mais subtil, estillado naturalmente e sem violencia: e esta se chama myrrha primeira. O segundo é, picando a arvore e

---

1 *Cant.*, v, 13.
2 *Luc.*, xxii, 43 e 44.
3 *Elias Cret. ib.*

dando-lhe golpes pelos quaes sae, e se descarrega o licor mais grosso: e esta se chama myrrha segunda. E quem não vê que tal foi, com admiravel propriedade, a myrrha e sangue do horto, comparado com a myrrha e sangue da cruz? O sangue da cruz não sahiu senão depois de ferido e aberto o corpo do Redemptor com os cravos e com a lança: o do horto porém anticipando-se a todos os instrumentos da violencia, elle sahiu e se estillou por si mesmo das veas em suor, e espontaneamente. O sangue da cruz tirado á força do ferro como myrrha segunda: o sangue do horto suado sem força mais que a do amôr, como myrrha primeira: *Myrrham primam.* E faz tanto caso a Virgem purissima desta circumstancia, e celebra e louva tanto a seu Filho por ella; porque consistindo não só a prerogativa maior, senão a mesma essencia da sua preservação em ser redempção anticipada; que mais primorosa e elegante fineza se podia esperar ou imaginar do mesmo Redemptor, do que querer seu amôr, e inventar sua sabedoria, que assim como a redempção de sua Mãe foi anticipada, assim fossse anticipado o preço da mesma redempção, e o sangue com que a remiu, tambem anticipado? Assim provou finalmente ser sangue daquelle Jesus, e daquelle Redemptor: daquelle Redemptor, que o foi de sua Mãe antes de ser homem; e daquelle Jesus, que o foi de Maria antes de ser Filho: *De qua natus est Jesus.*

VI

Já parece que as obrigações de Redemptor, juntas com as de Filho, se deveram dar por satisfeitas nos primores e finezas tão repetidas com que singularisaram a redempção da purissima Mãe; mas ainda resta a mais primorosa e a mais fina de todas. Foi sentença de alguns Padres antigos, como hoje é commum entre os Theologos, que o sangue que o Verbo encarnado tomou da Virgem Santissima, sempre o conservou unido á divindade, sem permittir ao calor natural que o alterasse, mudasse ou diminuisse. O mesmo conserva hoje glorioso no céu, como diz S. Agostinho: [1] e o mesmo commungamos no Sacramen-

[1] Aug. *Serm. de Assumpt. Virg.*

to, como diz S. Pedro Damião. [1] Isto supposto, não me julgará por temerario a piedade christã, se eu disser que o sangue que Christo suou no horto, foi o mesmo que na Encarnação tinha recebido de sua santissima Mãe.

A primeira e natural razão em que me fundo, é tirada do peito do mesmo Verbo encarnado, e dos archivos de seu entendimento e vontade, e não em correspondencia de outro mysterio, senão do mesmo da Encarnação. Duas coisas recebeu de nós o mesmo Verbo naquelle mysterio, que foram, a carne e o sangue. E que é o que fez dellas, e porque razão? De ambas instituiu o Santissimo Sacramento da Eucharistia; e a razão foi, diz S. Thomaz, para que tudo o que tinha recebido dos homens, o empregasse em saude dos mesmos homens: *Totum quod de nostro accepit, totum nobis contulit ad salutem.* [2] Lembremo-nos agora, que do Cenaculo onde o Senhor tinha instituido o Sacramento, se partiu immediatamente para o horto, onde a mesma carne que tinha sacramentado, suou parte não de outros, senão do mesmo sangue. E haverá quem se persuada, que em tão pouco espaço de tempo e de logar mudasse de pensamento e affecto o mesmo entendimento e a mesma vontade de Christo, e se tivesse esquecido daquelle mesmo dictame da sua bondade, e daquella mesma correspondencia de seu amôr? Claro está que quem tal imaginasse seria com manifesta injuria, tanto do Filho, como da Mãe. Logo se a bondade e amôr de Christo tinha julgado que devia empregar em saude dos homens tudo o que tinha recebido dos homens: havendo de applicar alguma parte de seu sangue para a anticipada redempção de sua Mãe; porque não seria aquella mesma parte que de suas entranhas tinha recebido? Quem tão inteiramente o tinha conservado e guardado trinta e tres annos, sem duvida que não seria senão para o empregar em tão devida e primorosa occasião.

Isto é o que digo, e não só e sem auctor. Eusebio Emisseno (que alguns querem fosse Eucherio, ambos antigos Padres da Igreja e de grande auctoridade), ou

---

1 P. Dam. *Serm.* 45.
2 D. Th. *Opusc.* 57.

ambos, ou qualquer delles dizem estas notaveis palavras: *De carne Mariæ coagulatus, de ejus formatus visceribus, de ejus substantia consummatus, sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.* [1] Querem dizer: Christo gerado da carne de Maria, formado das entranhas de Maria, e da substancia de Maria, feito homem consummado, o sangue que tambem offereceu por redempção de sua Mãe, foi o que do sangue da mesma Mãe tinha recebido: *Sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.* Notem-se muito nestas admiraveis palavras aquelle *sanguinem de sanguine Matris*, e aquelle *etiam*. De sorte que o sangue de que se falla não é todo o sangue de Christo, senão parte delle, e essa parte não outra, senão aquella mesma parte que recebeu do sangue de sua Mãe: *Sanguinem quem de sanguine Matris accepit.* E aquelle *etiam, etiam pro Matre obtulit*, denota que foi paga e preço particular, offerecido particularmente só pela redempção da Mãe, além do preço geral offerecido por todos, o qual não foi só parte do sangue de Christo, senão todo o sangue, e não só a parte que tinha recebido do sangue da Mãe na Encarnação, senão todo o que adquiriu em todo o tempo da vida. Este sangue todo foi o preço da redempção universal do genero humano; mas aquella parte recebida do sangue da Mãe, posto que foi parte deste todo tambem em quanto parte separada, *etiam;* tambem e por modo particular, *etiam;* tambem e sobre o preço geral, *etiam;* foi especialmente applicada, como diziamos, á redempção da mesma Mãe: *Quem etiam pro Matre obtulit.*

E para que o mesmo sangue nos confirme altamente este pensamento, vamos ao mesmo horto, e ao mesmo passo e modo com que se derramou. Quando Christo Senhor nosso entrou e perseverou na oração do horto, tantas vezes repetida, as ancias da mesma oração eram fundadas no temôr natural da morte e dos tormentos, tendo dado licença o Senhor á parte sensitiva da sagrada humanidade (assim para prova da verdade della, como para mais padecer por nós) a que se sujeitasse a todos os effeitos da natureza, ainda com signaes de temerosa e fraca. Neste sentido dis-

[1] Euseb. Emiss. homil. de Nativit. Domin.

se S. Marcos: *Cœpit pavere, et tædere:* [1] o que entendem todos os Padres de proprio, verdadeiro, e natural temor. Mas este mesmo temor parece que faz difficultoso o suor de sangue; porque não só a philosophia, senão a experiencia, nos ensina que com o temor se recolhe o sangue, e accode ao coração: e por isso ficam pallidos os que temem. Pois se Christo verdadeiramente temia, e assim o temôr como o suor de sangue, posto que extraordinario, foi natural; como em vez de se recolher o sangue para dentro, sahiu e brotou para fóra? A razão tambem natural é, porque no mesmo sangue havia os impulsos e causas destes differentes effeitos, assim como eram differentes os affectos que então combatiam o coração do mesmo Senhor. Uma parte do sangue, seguindo o affecto do temôr, era timido; outra parte do sangue, seguindo o affecto contrario, era animoso: o timido accudiu ao coração, o animoso saltou, e sahiu fóra: e esta parte do sangue animoso, que saltou, e sahiu fóra, foi o sangue que o Verbo encarnado conservava, e tinha recebido do sangue de sua Mãe. Provo. Quando o Anjo deu a embaixada á Senhora, turbou-se um pouco o animo humilissimo e modestissimo da Virgem, como tão alheio do que ouvia: *Turbata est in sermone ejus.* [2] Então o mesmo Anjo lhe socegou o cuidado, e lhe tirou o temôr, dizendo: *Ne timeas, Maria:* Maria, não temas. [3] Socegado pois o temôr, então acceitou a Senhora animosamente a embaixada, e dizendo: *Fiat mihi secundum verbum tuum.* [4] então encarnou o Verbo em suas entranhas. E como o sangue que o Verbo tomou do sangue de sua Mãe, era sangue actualmente animoso: *Ne timeas Maria,* este foi o sangue que no horto não acudiu ao coração, como timido; mas como animoso, sahiu e saltou fóra das veias: *Factus est sudor ejus sicut gutta sanguinis.* Assim se portou galhardo e generoso o sangue do horto, como lembrando-se não só de quem era, mas de quem tinha sido, para acudir na causa original pela honra de sua propria origem: *Sanguinem*

---

[1] *Marc.*, XIV, 33.
[2] *Luc.*, I, 29.
[3] *Ibid.*, 30.
[4] *Ibid.*, 38.

quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.

Em fim, e em summa, que Jesus que nasceu de Maria para se mostrar perfeito e perfeitissimo Jesus, e perfeito e perfeitissimo Redemptor de sua Mãe, não só a preservou sem macula em sua purissima Conceição, que é o mais perfeito modo de remir; mas para que ella fosse a primeira entre todos os remidos, e a primogenita ou unigenita da redempção do mesmo Filho, antes de elle derramar todo o sangue por todos na cruz, o começou a derramar no horto, ou unica, ou particularmente por ella, anticipando o preço da sua redempção, assim como a mesma redempção foi anticipada; mas quiz tambem por ultimo excesso de amòr, gratidão, e primorosissima correspondencia, que a parte anticipada do sangue, que especialmente applicou e dedicou á sua preservação, fosse aquella mesma que de suas purissimas entranhas tinha recebido e guardado. Eu não sei ponderar nem admirar este extremo de finezas; mas darei por mim outros admiradores de mais alta esphera que todos os humanos.

Quando Christo, como Redemptor universal nosso, e como Redemptor particular de sua Mãe, subiu triumphante ao céu, admirados perguntavam todos os espiritos angelicos: *Quis est iste, qui venit de Edom, tinctis vestibus?* [1] Quem é este que vem da terra de Edom, com as vestiduras tintas em sangue? *Iste formosus in stola sua, gradiens in multitudine fortitudinis suæ.* Vem acompanhado da multidão dos que libertou com a fortaleza de seu braço: e quão formoso elle, e quão gentil homem no seu vestido! Ninguem haverá que não repare muito nestas ultimas palavras: e ser o vestido do triumphador o principal motivo da admiração dos Anjos, e fundarem no mesmo vestido todos os encarecimentos de sua formosura: *Iste formosus in stola sua?* Se era pela tintura do sangue, *tinctis vestibus*, não levava o Senhor no mesmo triumpho as suas chagas abertas? Pois porque passam em silencio as feridas do corpo, e só admiram o sangue do vestido? O que manou das chagas, e na côr viva e brilhante com que nellas se via, não

[1] *Isai.*, LXIII, 1.

era o mesmo? Pois porque se celebra tanto o do vestido, e não o das chagas? Porque as chagas eram recebidas na cruz pela redempção universal de todos, e o sangue do vestido era o suado no horto pela redempção particular, e preservação de sua Mãe. Notae bem toda a historia da Paixão, e achareis que o sangue de que se tingiu o vestido proprio de Christo, foi só o do horto. Nos açoites estava o Senhor totalmente despido, e o sangue que delles correu ficou no pavimento do Pretorio. Na coroação de espinhos, o sangue que elles tiraram da sagrada cabeça, tambem cahiu e se recebeu na purpura de que lhe fingiu a opa real a jocosa impiedade dos soldados. Na cruz tambem estava despido, e o sangue das quatro chagas, e da quinta, todo regou a terra do Calvario. Assim que o sangue de que se tingiu a tunica e vestiduras proprias do Senhor, foi o sangue que por todos os poros suou no horto. E como este sangue se singularisou nos extremos tantos e tão admiraveis que vimos na preservação de sua Mãe; por isso o soberano Redemptor o vestiu pela melhor e mais rica gala de seu triumpho, e por isso como tal a admiraram os Anjos, e a celebraram pela maior gentileza do mesmo Redemptor: *Iste formosus in stola sua.*

Tudo o mais que succedeu no mesmo triumpho, confirma ser este sangue tão admirado, o que particularmente se applicou á Conceição immaculada da Virgem Santissima. Perguntaram os Anjos quem era o soberano Triumphador: *Quis est iste?* [1] E elle mesmo respondeu: *Ego, qui loquor justitiam, et propugnator sum ad salvandum:* Eu sou o que faço justiça e sou defensor para salvar. A todos salvou Christo; mas só a sua Mãe propriamente como defensor, *propugnator;* porque aos outros salvou, livrando-os do peccado; porém a sua Mãe, defendendo-a que o não incorresse. E essa é a distincção da justiça, de que falla: *Ego, qui loquor justitiam;* porque aos outros depois do peccado salvou-os, satisfazendo de justiça á lesa magestade do Pae; porém a Senhora preservando-a e defendendo-a do peccado, salvou-a, satisfazendo tambem de justiça ás obrigações que como Filho devia a sua Mãe. Instaram mais os Anjos: *Quare ergo ru-*

[1] *Isaias*, LXIII, 1.

brum est indumentum tuum, et vestimenta tua sicut calcantium in torculari? [1] E que côr vermelha é a desse vestido similhante á dos que pizam no lagar? Com a mesma comparação tinham já dito acima, *tinctis vestibus de Bosra;* porque Bosra quer dizer *vindemia*, vindima. Respondeu o Senhor: *Torcular calcavi solus, et de gentibus non est vir mecum:* [2] porque o lagar em que se me tingiram os vestidos, eu só o pizei, sem estar ninguem commigo. Donde se vê a differença do sangue derramado na cruz, em que a mesma Mãe o acompanhou como co-Redemptora, e esteve cercado de tantos, assim seus como estranhos, á do sangue suado no horto, em que esteve só e solitario, e até os que tinha deixado mais perto, dormindo. E porque este sangue do horto na metaphora de lagar foi o applicado particularmente á redempção da Virgem; aqui vem cahindo, quando menos, o som das palavras de Jeremias: *Torcular calcavit Dominus Virgini Filiæ Juda:* [3] que o mesmo Senhor foi o que pizou o lagar para a Virgem filha de Juda. Finalmente conclue o Divino triumphador com umas palavras que parece desfazem quanto temos dito: porque diz que aquelle sangue de que estavam tintas as suas vestiduras, era dos que na sua batalha tinha vencido: *Aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea:* [4] logo se o sangue era dos vencidos, não era seu, como suppomos? Antes por isso seu, porque dos vencidos. Deus não tinha sangue, e para ter sangue com que remir os homens, tomou o sangue dos mesmos homens, e por isso diz que o sangue que derramou era delles: *Sanguis eorum.* Mas se Christo remiu os homens com o sangue que tinha recebido dos mesmos homens, aqui se confirma mais o que diziamos, que o sangue com que remiu a Mãe, foi o que tinha recebido da mesma Mãe. E para que acabemos com as primeiras palavras: *Quis est iste, qui venit de Edom;* [5] Edom, e Adão, é o mesmo, porque um e outro nome têm o mesmo significado. E diz a admiração dos Anjos em figura de Edom que o soberano triumphador

---

1 *Isaias*, LXIII, 2.
2 *Ibid.*, 3.
3 *Thren.*, I, 15.
4 *Isai.*, LXIII, 3.
5 *Cornel. ibid.*

vinha de Adão, porque a gloria deste triumpho, ou a parte mais gloriosa delle toda pertencia á Virgem immaculada. O resto do genero humano remiu Christo não só do peccado de Adão que é o original, senão dos peccados actuaes de todos, e de cada um: porém a Virgem Maria, que não teve peccado actual, só a remiu e preservou do original de Adão; e porque de lá começou o triumpho, de lá veiu o triumphante: *Quis est iste, qui venit de Edom?*

VII

Este foi o famosissimo triumpho de Jesus em quanto Redemptor, primeiro de sua Mãe, e depois do mundo, mais admirado dos Anjos pela gala do vestido, que pela propria Pessoa; e mais galhardo pelas gottas de sangue do horto, de que vinha matizado, que pelos rios que derramou na cruz, e regaram o Calvario. Para os devotos da Conceição immaculada não nos fica mais que desejar, nem que fazer, senão acompanhar com as vozes, affectos e jubilos do coração as admirações, e applausos dos Anjos, e dar mil parabens e mil vivas a tal Filho, e a tal Mãe. E posto que todos pela graça do Baptismo estamos livres do peccado original; como ficamos sujeitos á corrupção e fraqueza, que com elle herdamos, e ás tentações e perigo dos peccados actuaes; o que muito nos convem, e de que muito necessitamos, é, que por meio da intercessão poderosissima da mesma Mãe nos valhamos da efficacia do mesmo sangue do Filho. Alleguemos a ambos, que a virtude daquelle preciosissimo sangue, não só é remir e livrar dos peccados já commettidos, senão preservar anticipadamente delles; e digamos ao misericordioso Redemptor o que tantas vezes repete a Igreja: *Citò anticipent nos misericordiæ tuæ:* que não só nos livre sua infinita misericordia dos peccados com que o temos offendido, mas se anticipe a nos preservar dos futuros, para que nunca mais o offendamos. Naquella noite fatal em que Deus tinha decretado matar os primogenitos do Egypto, mandou aos filhos de Israël, que anticipadamente sacrificassem um cordeiro, e que com o sangue delle tingissem e rubricassem todas as portas de suas casas, para

que o Anjo a quem estava encommendada aquella execução, onde visse o sangue, passasse e deixasse livres os que estavam dentro, e onde o não visse entrasse e matasse a todos os primogenitos. Este Anjo é mais provavel que não era Anjo bom, senão demonio, e assim diz a Igreja, que por medo do mesmo sangue não se atrevia nem a olhar para as casas, que elle defendia: *Sparsum cruorem postibus vastator horret angelus.* Se as portas exteriores de nossa alma, que são os sentidos; e as interiores, que são a nossa memoria, entendimento e vontade, estiverem signaladas com o caracter, e armadas com a protecção daquelle sangue tão anticipado destruidor do peccado, não só desconfiará o demonio de nos vencer, mas ainda terá medo de nos tentar. E finalmente, para que ninguem duvide que o mesmo sangue anticipado foi figura do sangue do horto, e não do da cruz; o da cruz derramou-se doze horas depois, ao meio dia: e o do horto já se tinha derramado doze horas antes, á meia noite: e esta foi a hora em que o sangue triumphador obrou aquelles prodigiosos effeitos: *Factum est autem, in noctis medio percussit Dominus omne primogenitum in terra Ægypti.* [1] Assim livrou Deus aos Filhos de Israël do captiveiro do Egypto por meio do sangue do Cordeiro, e assim nos livrará do captiveiro do peccado por virtude do seu sangue o Cordeiro que tira os peccados do mundo, preservando-nos anticipadamente dos actuaes, como anticipadamente preservou do original a Mãe de quem nasceu: ***De qua natus est Jesus.***

[1] *Exod.*, XII, 29.

SERMÃO

DA

Conceição da Virgem Senhora Nossa *

David autem rex genuit Salomonem ex ea quæ fuit Uriæ. [1]

I

Começar pelos fins e acabar pelos principios, são primores da omnipotencia de Deus, e subtilezas de sua divina sabedoria. Edificou o Creador esta grandiosa fabrica do mundo, e diz o Texto sagrado, que primeiro fez o céu, e depois a terra: *In principio creavit Deus cœlum, et terram.* [2] E' explicação e admiração juntamente de S. João Chrysostomo, o qual diz assim: *Deus præter humanum morem, suum perficiens ædificium, prius cœlum extendit, posteà et terram substernit: prius culmen, et posteà fundamentum. Quis tale vidit? Quis tale audivit?* Quem viu nunca tal architectura? Quem viu nunca tal traça, diz Chrysostomo, que para fazer um edificio, primeiro se arme o tecto, do que se levantem as paredes; primeiro se fechem as abobadas, do que se abram os alicerces? Pois isto é o que obrou na creação e fabrica do mundo o supremo Architecto delle: *Creavit cœlum, et terram.*

---

* Foi prégado este Sermão por Vieira, antes de ser sacerdote, na Bahia e na igreja da mesma invocação, no anno de 1635. E' um Sermão affectuoso e tem caprichosa novidade na forma de argumentar, commenta Honorati.

1 *Math.*, I.

2 *Gen.*, I, 1.

Primeiro fez o céu, e depois a terra: primeiro levantou o tecto, e depois armou as paredes: primeiro correu essas abobadas, e depois fundou estes alicerces: *Sed ex ipso opificii modo divinæ naturæ dignitas innotescit*, conclue o Santo: mas nestes avessos do fraco poder humano consiste o direito, o sublime, o maravilhoso da omnipotencia divina: em começar por onde os homens acabam; em acabar por onde elles começam.

Toda esta traça tão milagrosa da creação do mundo, nenhuma outra coisa foi, senão uma planta ou debuxo da Conceição purissima de Maria, mundo segundo, que para o segundo Adão, Christo, singular e milagrosamente foi edificado. Toda a architectura andou trocada neste soberano edificio, toda andou ás avessas. Nos outros edificios espirituaes, nas outras puras creaturas, por mais santas e santificadas que sejam, a primeira pedra é da natureza, e a segunda da graça. Primeiro se edificam pela parte da terra, e depois pela parte do céu. Primeiro nascem tributarias ao peccado de Adão, e depois renascem justificadas pelos merecimentos de Christo. Não assim na Conceição de Maria. Começou-se este milagroso edificio pelo muito que tinha do céu, e acabou-se pelo pouco que participava da terra. Primeiro se fecharam as abobadas do espirito, e depois se lançaram os fundamentos do corpo. Primeiro (ou quasi primeiro) a santificou a graça, e depois a produziu á natureza. Que elegante e que expressamente o disse S. João Damasceno: *Natura voluit in conceptione Virginis gratiæ cedere, ut Virginis conceptio gratiæ Dei, non viribus naturæ tribueretur*. A natureza, que em todas as outras conceições costuma ser a primeira, cedeu de seu direito nesta obra, e concedeu-o á graça. As prevenções da graça puzeram a primeira pedra no edificio; e as excepções da natureza a segunda. Primeiro foi em Maria, o ser santa, que o ser mulher. Começou Deus na Virgem Santissima, por onde acaba nos outros Santos, e acabou por onde começa. Lá começa pela natureza, e acaba pela graça: cá começou pela graça, e acabou pela natureza: manifestando as delicadezas de sua sabedoria nestes trocados de sua omnipotencia: *Ut Virginis conceptio gratiæ Dei, non viribus naturæ tribueretur.*

Ora em dia, e em obra em que o mesmo Deus

andou ás avessas, tambem eu não quero prégar ás direitas. Havemos de começar hoje pelo fim, e acabar pelo principio. Havemos de acabar por onde os outros começam, e começar por onde acabam. Os outros sermões começam pela explicação do thema, e acabam pela prova do assumpto: este hoje ha de começar pela prova do assumpto, e acabar pela explicação do thema. Isto posto, não resta mais que pedir a graça á cheia de graça: *Ave Maria.*

II

David autem rex genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ.

Pois havemos de prégar hoje ás avessas; pois se ha de começar este edificio pelo ar, seja pelo ar e graça da mais formosa de todas as mulheres. O Esposo sagrado, nos Cantares, fallando da formosura de sua Mãe e Esposa, a Virgem purissima, diz assim no Cap. 6.º: *Pulchra es amica mea, suavis, et decora sicut Hierusalem:* [1] Sois formosa e suave amiga minha, tão formosa como a cidade de Jérusalem. Galante comparação por certo! Já que o Esposo se não fizesse astrologo, como se fazem commummente todos os amantes; já que não comparasse a formosura que adorava, ao sol, á lua, ás estrellas, porque a não compara, como pastor, ás flôres do campo, ás rosas, aos cravos, aos jasmins, ás açucenas? Comparar a formosura de um rosto a uma cidade: *Decora sicut Hierusalem?* Quem viu nunca tal comparação? Seguem varios pensamentos os Expositores: melhor que todos o Legionense: *Ea erat sponsæ pulchritudinis magnitudo, ea oris et corporis totius majestas, ut non posse declarari putaret, nisi similitudine earum rerum, quæ non solum pulchræ, sed amplæ etiam, et multa rerum varietate præditæ sunt, quales sunt urbes regiæ.* Era tão grande a formosura daquelle rosto; era tão grande a magestade daquella formosura; havia tanto que vêr

[1] *Cant.*, VI, 3.

naquelle pequeno espaço; havia tanto que admirar naquella breve esphera, que não achou o Esposo coisa alguma tão formosa e grande a que a comparar senão ao emporio de muitas grandezas, quaes são as cidades reaes e metropoles do mundo.

Entra um peregrino em uma cidade metropole, qual naquelle tempo era Jérusalem, e hoje é Roma; vê torres, vê templos, vê palacios, vê jardins artificiosos, em que vence a arte a natureza, e por mais que veja, sempre lhe fica mais que vêr; por mais que admire, sempre lhe fica mais que admirar; não lhe basta um dia, nem muitos dias: quando cuida que acabou de notar tudo, ainda lhe fica muito que observar de novo. Tal diz o Verbo Encarnado é a formosura da sua Esposa: *Decora sicut Hierusalem.* Depois de visto uma vez, e outra vez, sempre ha que vêr nesse rosto: depois de admirada um dia, e outro dia, sempre ha que admirar nessa formosura. Chamou Santo Agostinho á formosura de Deus: *Pulchritudo nova, et antiqua*, formosura antiga, mas sempre nova. As formosuras mortaes, no primeiro dia agradam, no segundo enfastiam; são livros, que uma vez lidos, não teem mais que lêr: não assim a formosura divina. Mil e seiscentos annos ha, que o Baptista está vendo o rosto de Deus: mil e seiscentos annos ha, que está lendo por aquelle livro eterno, e sempre acha de novo que vêr, sempre acha de novo que contemplar naquelle mar de formosura, naquelle abysmo de perfeições. Taes attributos reconhecia o Esposo na formosura infinita de Maria; por isso a compara a uma cidade real, em que sempre ha que vêr de novo: *Decora sicut Hierusalem.*

Com algum escrupulo levantei a comparação de Jérusalem, e a da formosura da Virgem Maria á do rosto de Deus na Jérusalem do céu; mas deste escrupulo me livrou S. Gregorio Nazianzeno (por antonomasia, entre todos os Doutores da Igreja, o Theologo) o qual commentando as mesmas palavras do Esposo: *Decora sicut Hierusalem*, as não entende da Jérusalem da terra, senão da do céu: *Decora sicut cœlestis Hierusalem.* Ao mesmo Nazianzeno seguem, e o mesmo sentido approvam Theodoreto, Ruperto, Pselo, Beda, Apponio, e é o commum dos Doutores. Quer pois dizer este notavel elogio da Esposa, segundo o juizo de tão grandes entendimentos, que ha tanto

que vêr na formosura da Virgem, quanto ha que vêr na formosura da gloria. Se na gloria não houvera formosura mais que a dos espiritos angelicos, nenhuma difficuldade tinha a exposição, porque o mais gentil-homem Serafim do céu se préza muito de servir de chapins a esta soberana Rainha. O ponto da difficuldade está em que na Jérusalem celestial mostra-se o rosto de Deus aos bemaventurados de cara a cara; e sendo isto de fé, *Tunc autem facie ad faciem*, [1] como é possivel que haja tanta formosura na Virgem, como na Jérusalem do céu: *Decora sicut cœlestis Hierusalem?* Para a solução não temos menos que o testemunho de vista do insigne Dyonisio Areopagita, chamado, como o Platão da Igreja, o Divino. Foi este Santo tão venturoso, que mereceu vêr com seus olhos a Virgem sacratissima, quando ainda vivia em carne mortal: e o que lhe succedeu nesta vista, escreveu o mesmo Santo, fallando com Deus, por estas admiraveis palavras: *Nisi tua divina doctrina me docuisset, ó Deus, hanc verum Deum credidissem; quoniam nulla videri posset maior gloria beatorum, quam felicitas illa, quam ego tunc felicissimus degustavi:* Quando cheguei a vêr o rosto de vossa Mãe Santissima, ó Deus eterno, se a doutrina de vossa fé me não tivera de sua mão, sem duvida se prostrára de joelhos, e a adorára por Deus. Representava tão grande magestade aquelle rosto imperial: sahiam raios tão divinos daquella soberana presença, que me pareceu que já gosava o estado felicissimo da bemaventurança, e que não tinha mais quilates de gloria aquella sobrenatural visão, que faz aos Anjos bemaventurados: *Quoniam nulla videri posset maior gloria beatorum, quam felicitas illa, quam ego tunc felicissimus degustavi.* Os bemaventurados, quando entram a vêr a Deus, perdem a fé; porque vêr e crêr não se compadecem. Se entrára S. Dionysio sem fé a vêr Maria, a adorara com adoração de latria por Deus verdadeiro, ficando idolatra daquella imaginada divindade: *Nisi tua divina doctrina me docuisset, ó Deus, hanc verum Deum credidissem.* Tanta razão como esta teve o Esposo de comparar a formosura da sua Esposa á formosura da Jérusalem do céu: *Decora sicut cœlestis Hierusalem.*

---

[1] *1.ª ad Corinth.*, XIII, 12.

III

Assás ponderada ficava a formosura de Maria, se parára aqui o divino Esposo: mas não parou aqui: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me avolare fecerunt.* [1] Teem tanta reputação commigo estas palavras, que ainda que descesse um Serafim do céu a ponderal-as, não lhes ha de dar o pezo que ellas merecem. Apartae de mim vossos olhos, Senhora, diz Christo a sua Mãe: *quia ipsi me avolare fecerunt;* porque fico arrebatado, quando os vejo, fico em extasi. *Vult avertere illam oculos*, diz S. Ambrosio, *ne eam considerans elevetur, et cæteras animas derelinquat.* Pede Christo a sua Santissima Mãe, que ponha tregoas á vista, que aparte delle seus formosos olhos; porque se o não fizer assim, ficará tão absorto, tão enlevado na consideração de sua formosura, que não poderá tratar da salvação das outras almas; e ficará totalmente suspenso o mysterio a que veiu, da Redempção. Espantoso dizer! Queira Deus que acerte a o ponderar.

E bem, Christo Redemptor nosso não gosa a visão clara de Deus, com o mais perfeito lume de gloria, que de lei ordinaria é possivel? Pois se a vista perfeitissima daquelle abysmo de formosura não embargava as attenções a Christo, e se occupava com tanto cuidado na salvação do mundo; como diz o mesmo Senhor á Virgem, que eclipse um pouco o resplandor de seus olhos, para que não fique suspensa a salvação das almas: *Ne eam considerans elevetur, et cæteras animas derelinquat?* Mais ainda. Christo em quanto Deus não se comprehende a si mesmo? Não abraça dentro da infinidade da sua vista aquelle mar immenso da divindade? Pois se a visão comprehensiva de Deus lhe não suspende o attributo da providencia: se comprehendendo-se a si, lhe ficam bastantes advertencias para governar o mundo: como agora o mesmo Deus, pedindo a Maria que aparte delle os olhos, dá por razão, que se cuidar em suas graças e perfeições, não lhe ficarão cuidados para tratar de outras almas: *Ne eam considerans, cæteras animas*

[1] *Cant.*, VI, 4.

derelinquat? Aqui não ha senão ou dizer uma heresia, ou não responder nada. Mas este mesmo não saber responder, este mesmo encolher os hombros, este mesmo pasmar, é o maior encarecimento que se póde dizer nesta materia. Que veja Christo, em quanto homem, a formosura de Deus, e nem por isso perca a attenção de outros cuidados! Que comprehenda Christo em quanto Deus toda a essencia divina, e nem por isso perca o uso de sua providencia; e que chegando a contemplar a formosura daquella Virgem purissima, fique tão arrebatado, fique tão suspenso, em tal calma de sentidos, em tal extasi de potencias, que para poder advertir a outra coisa, seja necessario divertir-se daquelles olhos: *Averte oculos tuos à me, ipsi me avolare fecerunt!*

Já agora me não espanto de uma coisa que estranhei sempre muito na cortezia de Santa Martha. Estava a Magdalena aos pés de Christo seu divino Mestre; e Martha, que andava mui sollicita no adereço da meza, chega, e diz: *Domine, non est tibi curæ, quod soror mea reliquit me solam ministrare?* [1] E bem, Senhor, não tendes cuidado? Parae ahi, divertida Martha: vós sabeis com quem fallaes? Esse a quem chamaes Senhor, não é aquelle cuja providencia cuidadosa alcança até ás avesinhas do ar, e aos bichinhos da terra? Pois como vos atreveis a pôr descuido no mesmo Deus: *Domine, non est tibi curæ?* Andou muito delgado neste logar um Doutor grave da nossa Companhia: *Umbra erat Mariæ Deiparæ, cujus gratiæ præ omnibus aliis creaturis sic Deum capiebant, ut posset fieri quod habens Deus secum Mariam, non multum curaret cæteras creaturas.* Quando Martha fez aquella queixa a Christo, estava o Senhor fallando com Maria Magdalena, figura de Maria Mãe de Deus; e como tinha diante dos olhos este formoso retrato, não é muito que Martha chamasse a Christo descuidado: *Domine, non est tibi curæ;* porque quando se põe este Senhor a contemplar as perfeições e graças de Maria, tanto o captivam, tanto o enlevam, tanto lhe roubam os pensamentos, e embargam os cuidados, que parece lhe não deixam attenção para cuidar de outra coisa: *Domine, non est tibi curæ.*

---

[1] *Luc.*, x, 40.

E como o Verbo encarnado viera ao mundo com um cuidado de tanta importancia como a redempção e remedio delle, por isso pede á Senhora, que ponha tregoas á vista, que aparte um pouco os olhos, que lhe descaptive os pensamentos, que lhe liberte os sentidos, e lhe desembargue os cuidados: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me avolare fecerunt.*

Estas ultimas palavras, *Ipsi me avolare fecerunt*, conforme a versão hebrea ainda teem mais alma. Diz o Texto hebreu: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me superbire fecerunt.* Tirae de mim vossos olhos, Virgem Mãe minha, diz Deus; porque sua formosura me faz ensoberbecer. Ensoberbecer? Que quer dizer isto? Na fonte de toda a santidade póde caber soberba? Na pureza da verdade eterna póde ter logar a vaidade? Claro está que nem vaidade, nem soberba póde caber em Deus; mas foi a mais encarecida hyperbole, com que se podia subir de ponto a formosura da Virgem Maria. Como se dissera Deus: A gloria que recebo da vista de vossos olhos é tanta, que se em mim coubera vangloria, sem duvida que me ensoberbecera. De Lucifer diz o Propheta Ezechiel, que considerando a formosura de sua natureza, se ensoberbeceu: *Elevatum est cor tuum in decore tuo.* [1] De Adonias se diz tambem no Livro dos Reis, que se ensoberbeceu, e se dá por causa, sua grande formosura: *Erat autem pulcher valde.* [2] Só de Deus não ha Escriptura alguma que diga (não digo por verdade, que não póde ser: mas nem por figura, ou similhança), que contemplando-se a si, que contemplando aquella formosura immensa de seu ser, se ensoberbecesse. Pois, Senhor e Deus meu, se essa formosura eterna, immensa, infinita, incomprehensivel: se essa formosura, de que são umas participações mui escaças tudo o que é formosura no céu e na terra, tudo o que é formosura nos homens e nos Anjos: se não chega essa formosura a vos ensoberbecer por metaphoras: se não chegaes a dizer della que vos ensoberbeceu contemplando-a; como dizeis por vossa boca, que a formosura dos olhos de Maria foi poderosa a vos ensoberbecer: *Ipsi me superbire fecerunt?*

---

[1] *Ezech.*, XXVIII, 17.
[2] *3.º Livr. dos Reis*, I, 6.

Tudo são exaggerações, tudo são hyperboles, tudo são encarecimentos da formosura daquella soberana Virgem; mas exaggerações as mais levantadas, hyperboles as mais subidas, encarecimentos os mais sobrelevados. A formosura de Eva chegaria a ensoberbecer a Adão; a formosura de Rachel chegaria a ensoberbecer a Jacob; a formosura de Esther chegaria a ensoberbecer a Assuero; mas a formosura de Maria chegou a ensoberbecer, do modo que se póde dizer, ao mesmo Deus. Chegou a confessar o mesmo Deus, que a formosura de seus olhos o ensoberbecia: *Ipsi me superbire fecerunt.*

IV

Ora vamos ao ponto. Vejo está dizendo o auditorio todo: Este prégador, como novo, e como moço, não sabe o que prega: hoje é dia de Nossa Senhora da Conceição, havia-nos o prégador de provar como a Virgem purissima foi concebida sem peccado original; que quanto é retratar-nos as formosuras de Nossa Senhora, a que proposito? O proposito eu o direi agora. Conta Plutarcho, que em Athenas impondo-se um grave crime a uma donzella formosissima chamada Frenes, para se sentenciar a sua causa appareceu em juizo com o rosto coberto, como era costume apparecerem as accusadas. Começou logo a allegar por sua parte um orador com grande copia de palavras, com grande numero de Textos, com grande força de razões. Mas as presumpções eram tão forçosas, e os indicios tão efficazes, que já nos rostos dos juizes se estava lendo sentença contra Frenes. Levanta-se neste passo Pericles, outro orador famosissimo, lança mão ao manto da quasi convencida donzella, e o mesmo foi apparecer a formosura de seu rosto, que trocarem-se subitamente os pareceres de todos. Acclama todo o Senado: Victor, victor, pela parte de Frenes. Em tanta formosura, dizem, não póde haver culpas: em tanta formosura não póde haver culpas.

Eis aqui a traça, senhores, eis aqui o pensamento, que me levou apoz si neste sermão. A questão mais altercada, ou das mais altercadas, que houve na Igreja Catholica, é esta em que estamos: Se foi ou

não concebida com culpa original a Virgem purissima Mãe de Deus? Na especulação deste ponto teem suado os mais insignes Theologos de toda a Igreja: na confirmação desta verdade teem corrido felizmente as pennas mais engenhosas de todo o mundo. Mas ainda está a questão indecisa, ainda está a verdade em opiniões. Pois que remedio para sahir com victoria? Que remedio para tapar a bocca de uma vez a todas as razões contrarias? O remedio é, Virgem purissima, já que não posso ser digno orador de vossa pureza, fazer-me Sumilher de cortina de vossa formosura. Appareça esse rosto mais formoso que a Jérusalem da terra, mais formoso que a Jérusalem do céu: appareçam esses olhos bastantes a enlevar a Deus, bastantes a o ensoberbecer; e á vista de tanto extremo de formosura, todos acclamarão a uma voz, que sois concebida, Senhora, sem culpa original: que em tanta formosura não póde haver culpa.

Prégando em tal dia como hoje um prégador de contraria opinião, não duvidou dizer publica e declaradamente que a Virgem Maria fôra concebida em peccado original. Estava na mesma igreja uma imagem da mesma Senhora de vulto, e vestida como então se costumava mais; e em se ouvindo no auditorio aquella proposição, que faria? (Escreve o caso Bernardino de Bustes.) Estendeu o braço direito a imagem, pegou no manto, e cobriu o rosto. Qual seria o espanto e assombro, e tambem o applauso de todos, bem se deixa vêr. A mim me está lembrando neste passo, o que aconteceu a Sara com El-rei Abimelech. Partiu-se Abrahão de sua patria, e fez concerto com Sara, que d'alli por diante se chamasse irmão e irmã, e não mulher e marido: porque assim levava a vida mais segura. Chamados ao Egypto, onde Abimelech reinava, levaram logo o alvitre ao rei os ministros de seus appetites, dizendo, que era chegada á côrte uma mulher de estranha formosura. Informou-se o rei se era casada, e dizendo-se-lhe que não, mandou que lh'a levassem a palacio. Que boa occasião tinhamos aqui para uma pequena de doutrina! Era rei Abimelech, era gentio, era poderoso, e não tinha fé, nem tinha um mandamento da Lei de Deus, que lhe dissesse: *Non concupisces uxorem proximi*

tui: [1] Não desejarás a mulher de teu proximo: e comtudo foi tão comedido, que não tratou de Sara, senão depois que soube primeiro que era mulher sem marido. E andou muito acertada Sara em se desterrar para o Egypto, e não para outra de muitas terras, onde póde ser que não achasse tanto comedimento nos homens.

Emfim, não chegou Abimelech a affrontar a Sara, porque Deus, que zelava a honra de Abrahão mais que elle mesmo, appareceu a Abimelech em sonhos, mui severo, mandando-lhe que restituisse logo a mulher a seu marido, sob pena de lhe tirar a vida a elle, e lhe abrazar o reino. Executou-o assim o rei no mesmo ponto; e mandando dar a Abrahão quatrocentos cruzados, disse assim a Sara: *Ecce mille argenteos dedi fratri tuo: hoc erit tibi in velamen oculorum ad omnes, qui tecum sunt:* [2] Sara, aquelle dinheiro que mandei a vosso irmão, é para comprares um manto, ou véo, com que cobrir os olhos diante daquelles que vos conhecem. Cobrir os olhos de Sara; porque razão? Não consta da Escriptura, que Abimelech não tocou a Sara no fio da roupa: *Abimelech verò non tetigerat eam?* [3] Não consta que o rei declarou logo o caso, como passára, aos da sua côrte: *Locutus est universa verba hæc in auribus eorum?* [4] Pois se Sara estava tão innocente, tão livre da culpa; porque havia de cobrir o rosto? Porque havia de tapar os olhos: *Hoc erit tibi in velamen oculorum?* Apenas ha logar na Escriptura, que tenha tantas exposições dos Doutores; cada um diz o que lhe parece, o mesmo hei de fazer eu.

Diz Abimelech com muita razão a Sara, que compre um manto, com que cobrir os olhos; porque para uma mulher da auctoridade de Sara, não são necessarias culpas verdadeiras, bastam culpas imaginadas, para não ter olhos, com que apparecer diante de gente. Ainda que o rei sabia a innocencia de Sara, e a publicára; como o mundo é tão mau, muitos imaginariam o que quizessem: e basta que se imagine uma

---

1 *Deut.*, v, 21.
2 *Genes.*, xx, 26.
3 *Ibid.*, 4.
4 *Ibid.*, 8.

culpa em uma mulher tão santa, para que não tenha rosto com que apparecer, para que tape os olhos: *In velamen oculorum.* De Sara podéra a Virgem Maria herdar este pundonor, como neta sua que era; mas em si tinha maiores obrigações, que as herdadas. Corre o manto, tapa os olhos, quando ouve dizer de si, que foi concebida em peccado original: não porque esta culpa fosse verdadeira, não; mas porque para a pureza da Mãe de Deus, bastam culpas imaginadas, para cobrir o rosto; basta uma suspeita, ainda que falsa, de culpa, para não ter olhos para apparecer: *In velamen oculorum.*

Assim é, Senhora minha, assim é: mas neste mesmo manto temos o remedio. Se por que vos condemnam de culpa original, cobris o rosto, descobri-o, e todos vos absolverão dessa culpa. A formosura desse rosto é a executoria de vossa pureza. Não sou eu o que vol-o digo, Senhora; nos Cantares vol-o disse vosso Filho e Esposo sagrado, quando o consultastes neste caso: *Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie.* [1] Declarae-me, Esposo querido meu, diz a Senhora, onde repousaes descançando ás horas do meio dia. Ide notando as propriedades do Texto, que são admiraveis. O peccado de Adão, que é, ou donde nasceu o original, foi commettido ao meio dia. Assim se colhe do mesmo Texto, em que Deus arguiu a Adão, e elle se escondeu logo depois do meio dia: *Et cùm audisset vocem Dei deambulantis ad auram post meridiem, abscondit se.* [2] E esta é a razão, porque disse Rabano, e bem, que quiz subir o Redemptor á cruz no pino do meio dia: *Hora sexta;* para que o peccado fosse pago na mesma hora em que fôra commettido: *Crucem meridie ascendit, ut qua hora primus homo lignum prævaricationis tetigerat, secundus homo lignum redemptionis ascenderet.* Vem pois a ser a pergunta da Senhora, que lhe declare o Esposo divino onde descançava por graça no tempo em que Adão peccára, e accrescenta maravilhosamente a nosso intento: *Ne efficiar sicut adoperta.* [3] Porque em quanto vós, Senhor, não declarardes isto, estarei eu com

---

1 *Cant.*, I, 6.
2 *Genes.*, III, 8.
3 Apud. Septuaginta.

o rosto coberto, como costumam estar as accusadas da culpa: *Ne efficiar sicut adoperta.*

Ouvi agora o que respondeu o Esposo, que é milagrosa prova do nosso assumpto: *Si ignoras te, ó pulcherrima inter mulieres.* [1] Perguntar isso, Esposa e Mãe minha, perguntar se estava eu em vós por graça no tempo em que peccou Adão, é ignorardes vós que sois a mais formosa de todas as mulheres. Argumenta o Esposo pelas mesmas consequencias em que o nosso discurso se funda. Diz que duvidar da graça original da Virgem, é ignorar que é a mais formosa de todas as mulheres; porque quem conhecer sua formosura, impossivel é que crêa que foi concebida em peccado; que em tanta formosura não póde haver culpa. Divinamente o Abbade Ruperto: *O' pulcherrima mulierum! Talis, ac tanta causa tua est, ut si te ipsam non ignores, statim scias illud, quod quæris.* Dessa causa que perguntaes, ó formosissima entre todas as mulheres: dessa questão que moveis, comvosco trazeis a resposta, comvosco trazeis a solução. Vossa formosura é a prova de vossa immaculada Conceição. Só poderá duvidar della quem ignora as excellencias de vossa formosura: *Si ignoras te, ó pulcherrima inter mulieres.*

V

Entra agora o nosso thema, e, segundo o que prometti, é bom signal: acaba-se o sermão. *David autem genuit Salomonem, ex ea quæ fuit Uriæ.* David gerou a Salomão da mulher que foi de Urias. Altercam muito os Doutores, por que se põe esta mulher no catalogo da geração da Senhora. E tem muito logar a duvida no dia de sua purissima Conceição. Se se passa em silencio Sara, Rebecca, Rachel, e outras mulheres santissimas primogenitoras da Virgem; por que se faz menção desta, que foi muito menos casta, e menos santa? E já que se houvesse de fallar nella, porque se não nomea por seu nome de Bersabé, senão por mulher que foi de Urias? Porque nomear a Urias, é trazer á memoria o aleivoso homicidio, com que lhe mandou tirar a vida David: e dizer que fôra sua mulher, é lembrar o adulterio, que com tanto

[1] *Cant.*, I, 7.

escandalo do mundo commetteu. Por todas estas razões entra no Evangelho de hoje Bersabé; por isso mesmo a põe Deus no catalogo da geração da Virgem. Assim como para fazer rainha a Bersabé, e para a fazer mãe de Salomão, quebrou David todas as leis divinas e humanas, matando a Urias, tirando-lhe a mulher, sem reparar em homicidios, nem adulterios: assim Deus para fazer a Maria Rainha dos Anjos, e para a fazer Mãe do verdadeiro Salomão Christo, em nenhuma lei reparou; todas as leis quebrou, a quantas estavam sujeitos os filhos de Adão.

Por filhos de Adão, nascemos filhos da ira; por filhos de Adão, nascemos escravos do demonio; por filhos de Adão, nascemos desherdados da gloria; por filhos de Adão, nascemos sujeitos áquella inclinação má, a que chamam *Fomes peccati*. Por todas estas leis cortou Deus no dia da Conceição de Maria, e a creou tão pura, tão immaculada, tão santa, quanto era bem que o fosse a que havia de ser Mãe do verdadeiro Salomão Christo: *Genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ*. Bem está até aqui: mas d'onde havemos de colligir esses privilegios, d'onde havemos de colligir essas leis quebradas? Não nol-o hão de dizer doutores, senão o mesmo Texto. Havemos de colligir estas leis quebradas, do mesmo fundamento, por que David as quebrou. O fundamento, por que David quebrou todas aquellas leis, não foi outro, como diz o Texto, senão a formosura de Bersabé: *Vidit mulierem se lavantem; erat autem mulier pulchra valde.* [1] Pois deste mesmo fundamento havemos de colligir tambem que quebrou Deus todas as leis de Adão na Conceição de Maria: *Erat enim mulier pulchra valde;* antes, *Pulcherrima inter mulieres*. Porque é, como tão largamente temos visto, a mais formosa de todas as mulheres. Digamos logo com o Esposo: *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te:* [2] Toda sois formosa, Senhora, e Mãe minha; e d'ahi se collige, que não contrahistes macula de peccado original. Digamos tambem com os Anjos: *Pulchra, ut luna, electa, ut sol:* [3] Sois formosa, Senhora, como a lua; e

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, II, 2.
[2] *Cant.*, IV, 7.
[3] *Ibid.*, VI, 9.

d'ahi se collige bem, que fostes escolhida como o sol. O Sol de justiça Christo, é de fé que foi escolhido e predestinado sem peccado original: o mesmo confessa de vós, Virgem purissima, a nossa devoção, e o fundamos em vossa formosura: *Pulchra, ut Luna, electa, ut Sol;* que onde a formosura é total, não póde haver mancha alguma: *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te.* Assim o cremos, assim o confessamos. Cremol-o com o coração, confessamol-o com a bocca, e o defenderemos sempre com o sangue, e com a vida, se fôr necessario.

VI

Fixemos bem, christãos, nesta protecção e devoção da Conceição da purissima Senhora, e estejamos muito certos, que nenhuma outra lhe agrada tanto á mesma Senhora, e que com nenhuma outra a havemos de obrigar tanto, como com esta. Duvidam os Santos, porque se mostrou Christo tão liberal com o Bom Ladrão, que lhe promettesse tão effectivamente o reino do céu: *Hodie mecum eris in paradiso?* [1] coisa que se não lê haver o Senhor feito outra vez. A razão dizem que foi a que antecedentemente propõe o Texto. Quando crucificaram a Christo entre dois ladrões, o mau Ladrão, como diz S. Lucas: *Blasphemabat eum:* [2] blasphemava ao Senhor, dizendo que não era Filho de Deus, nem Messias, pois se não salvava a si, nem a elles, como tambem o diziam os outros ouvintes: *Prætereuntes blasphemabant.* [3] Accudiu o Bom Ladrão reprehendendo-o, dizendo: *Nos quidem justè, nam digna factis recipimus, hic verò nihil mali gessit.* [4] Os maus e os culpados somos nós, e assim justamente estamos aqui crucificados; que quanto é este Senhor, *Nihil mali gessit*, nenhum mal fez; é justo, é santo, é innocente. E dizendo isto, vira-se para Christo: *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum.* [5]

---

1 *Luc.*, XXIII, 43.
2 *Ibid.*, 39.
3 *Math.*, XXVII, 39.
4 *Luc.*, XXIII, 41.
5 *Ibid.*, 42.

Pois homem, que quando me estão blasphemando, impugna aos que me blasphemam; homem, que quando todos me teem por malfeitor, elle me confessa por innocente: homem, que quando a minha honra está em opiniões, com tão ruim opinião, accode por mim, e diz que não tenho culpa: este homem, ainda que seja um ladrão, ha de entrar commigo hoje no Paraiso: *Hodie mecum eris in Paradiso.* O mesmo digo eu da Virgem purissima. Todas as outras devoções que fazemos; todos os outros titulos que damos a esta Senhora, lhe agradam muito: mas nenhum a obriga e rende tanto, como este de sua purissima Conceição. Dizer da Senhora, que é Mãe de Deus; dizer que foi Virgem antes do parto, no parto e depois do parto; dizer que é Filha do Padre, Mãe do Filho, e Esposa do Espirito Santo; todos estes titulos agradam muito á Senhora: mas não a obrigam tanto, como dizer que foi concebida sem peccado original; porque aquelles titulos, ainda que grandes, todos os creem, todos os confessam, ninguem já duvida delles. Porém o titulo da Conceição immaculada, como anda em questão, como está em opiniões, como ha quem o duvida; que nos ponhamos nós da parte da Senhora, que impugnemos os que sentem o contrario, que a confessemos, apesar de todos, por concebida sem peccado original; isto obriga tanto á Senhora, que sem duvida, como Mãe de tal Filho, dirá a cada um destes seus devotos: *Mecum eris in paradiso.* Bem cabia aqui o *quam mihi, et vobis;* mas ainda digo mais uma palavrinha.

Quando os filhos de Israël iam caminhando para a Terra de Promissão, adoeceu de lepra Maria, irmã de Moysés. Parou logo o exercito, e não deu mais passo adiante. Sara Maria outra vez, e fica purificada da lepra, e logo no mesmo ponto começou o exercito outra vez a marchar: *Et populus non est motus de loco illo, donec revocata est Maria.* [1] Porque não marcha o exercito, em quanto Maria está coberta de lepra: e tanto que sara da lepra, por que marcha logo? Origenes responde a esta duvida: Porque era figura de Maria Mãe de Deus. Onde Maria está coberta da lepra do peccado original; onde ha uns que teem para

[1] *Num.*, XII, 15.

si, que foi a Senhora concebida em peccado, entendam e cuidem os que isso imaginam, que não hão de ir por diante no caminho da Terra de Promissão; não hão de fazer jornada no caminho do céu. Porém onde Maria está pura da lepra original; onde ha almas, que teem para si, confessam, e protestam, que foi a Senhora concebida em graça: assim como lá os filhos de Israël logo marcharam para a Terra de Promissão, assim caminharão logo felizmente pelo caminho do céu, alcançando-lhes a mesma Senhora tantos auxilios, e impetrando-lhes tantas graças, quantas lhes segurem e façam certos os premios da gloria: *Ad quam nos, etc.*

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA GRAÇA*

Maria optimam partem elegit. [1]

I

Grande dia, grande festa, grande Evangelho, e grande difficuldade tambem a de concordar com a propriedade e verdade o concurso destas tres obrigações. O dia é grande; porque é aquelle formoso dia, em que a Virgem Maria, depois de pagar o tributo á morte, como verdadeira filha de Adão, resuscitando logo como verdadeira Mãe de Deus, subiu ao céu a gosar para sempre a gloria de sua vista. A festa é grande; porque é da Senhora da Graça, titulo desta Igreja matriz, a primeira e maior de uma tão dilatada provincia, e cabeça de todas. O Evangelho é grande; porque nelle, debaixo dos mysteriosos nomes de Martha e Maria, se representam as duas vidas, activa e contemplativa, em cujo complexo se contém, e comprehende toda a perfeição evangelica. E é finalmente grande a difficuldade de concordar o concurso destas tres obrigações; porque sendo a gloria o fim, e a graça o meio de a conseguir, antepôr a graça á gloria, e o meio ao fim, não só parece dissonancia, senão desordem manifesta: e porque applicando o Evangelho a

* Foi prégado este Sermão na igreja matriz da cidade do Pará, cuja festa se celebra no dia da Assumpção da mesma Senhora. Este largo Sermão, commenta Honorati, combinando admiravelmente o titulo de Senhora da Graça com a festa da Assumpção, é rico em doutrina theologica e documentos moraes. Seu estylo, por se accomodar á festa e aos ouvintes, nem é rasteiro, nem muito elevado, mas digno d'um orador que é ao mesmo tempo panegyrista, mestre e missionario.

[1] *Luc.*, x.

melhor eleição, e a melhor parte á gloria da Senhora, em vez de celebrar a mesma gloria no dia de sua Assumpção, trocal-a pelo titulo da Graça, tambem parece impropriedade, por lhe não dar o nome de injustiça.

O motivo que tiveram os antigos fundadores, para que havendo levantado este templo debaixo do titulo da Senhora da Graça, unissem a celebridade do mesmo titulo ao dia da gloriosa Assumpção da mesma Senhora, não consta, nem ficou em memoria. Mas nesta que parece sem razão e impropriedade, acho eu tres grandes propriedades, e adequadas razões. A primeira, porque a graça é o direito por onde se deve aos justos a gloria: a segunda, porque a gloria se distribue a cada medida da graça: a terceira, porque quando acaba de se aperfeiçoar a graça, então se começa a possuir a gloria. E como o dia em que se cerrou o direito, em que se egualou a medida, e em que se consummou a perfeição da graça immensa da Mãe de Deus, foi o mesmo dia da sua gloriosa Assumpção; e não em differentes horas, ou momentos daquelle dia, senão na mesma hora e no mesmo momento em que acabou de consummar a immensidade da graça, começou a Senhora a gosar a immensidade da gloria; não só foi piedade, e devoção particular, senão justiça, que neste dia fosse celebrada, como é, com titulo de Senhora da Graça. Tanto assim, que em nenhum outro dia, ou festa da Virgem Senhora nossa se lhe póde dar propria e cabalmente o titulo da Graça, senão neste. E porque? Porque em todos os outros dias sempre a sua graça ia crescendo, neste só chegou ao summo gráu de sua grandeza, e se viu toda junta e consummada. No dia da Conceição foi a Senhora concebida em graça, mas essa graça cresceu desde a Conceição até o nascimento, desde o nascimento até á apresentação no Templo, e desde a Apresentação no Templo até á encarnação. No dia da encarnação esteve a Senhora cheia de graça, mas essa graça foi crescendo até á visitação, da visitação até o parto, do parto até á purificação, da purificação até á morte e resurreição e ascenção de seu Filho, e por tantos annos depois, em que viveu neste mundo, sempre cresceu mais e mais até o ultimo instante da vida. Logo em nenhum outro dia, senão no ultimo da mesma vida, que foi o mesmo dia da Assumpção da Senhora, se podia e de-

via celebrar propria e cabalmente a sua graça; porque só naquelle dia se acabou de consummar a mesma graça em toda sua perfeição e grandeza. E isto é o que faz esta nossa Igreja.

Mas porque a graça da Virgem Maria foi consummada no dia em que acabou a vida temporal, e a gloria da mesma Senhora tambem foi consummada no dia em que começou a eterna; para entrar na altissima questão, que se não póde evitar nestes termos e neste dia, entre a graça e gloria da mesma Senhora, ambas consummadas; e para resolver a qual pertence, conforme o nosso thema, a eleição da melhor parte, *Maria optimam partem elegit;* peçamos á mesma Senhora da Gloria e da Graça, nos assista de tal modo com sua graça, que a mereçamos vêr na sua gloria. *Ave Maria.*

II

Maria optimam partem elegit

Occupada Maria com toda a sua attenção em ouvir as palavras de seu e nosso divino Mestre, assentada a seus sagrados pés; e occupada tambem Martha com todo o seu cuidado nas prevenções e policias da meza, em que havia de servir e regalar a tão soberano Hospede; Maria entendendo que ainda em lei de cortezia era maior obrigação a da sua assistencia; e Martha queixosa de que sua irmã a deixasse só; respondeu o Senhor á queixa de uma, e accudiu pelo silencio de outra, pronunciando, como Oraculo divino, que Maria escolhera a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.* Esta historia, tomada em allegoria, por não ter Evangelho proprio, applica a Igreja Catholica á presente solemnidade da gloriosa Assumpção da Virgem Senhora nossa. Não comparando Maria (a Magdalena) a Martha, mas preferindo Maria (a Mãe de Deus) a toda a côrte celestial, Anjos e homens. Divide a gloria do céu em duas partes, uma que comprehende todos os bemaventurados, outra que unicamente pertence a Maria, e esta canta e apregoa, que não só é melhor de qualquer modo, senão em gráu superlativo, optima: *Optimam partem elegit.*

Por este modo se concorda muito acommodadamente o Evangelho com a gloria da Virgem Senhora nossa; mas a segunda difficuldade que reservamos para este logar, não consiste em concordar o Evangelho com a sua gloria, senão com a sua graça. E que seria se eu dissesse que muito mais propriamente se concordam o mesmo Evangelho e as mesmas palavras com o titulo da Graça, que com o da Gloria da mesma Senhora? Assim o digo, e assim o provo. Porque tudo o que Maria adquiria aos pés de Christo, e as melhoras em que foi preferida a sua irmã, historial, litteral e propriamente eram da graça e não da gloria. Confirma-se do mesmo Texto, o qual diz, que Maria estava ouvindo ao Senhor: [1] *Audiebat verbum illius.* Não diz que via, senão que ouvia, e o ouvir, que é o sentido da fé, pertence a esta vida, onde a alma se melhora pela graça, e não á outra, em que se beatifica pela vista. Logo quanto á concordia do Evangelho com o titulo, muito melhor concordado o temos com o titulo da Graça, que com o da Gloria. Porque á gloria só se attribue em parabola, e por acommodação, e da graça falla historial, propria, e naturalmente.

Só resta a comparação de uma parte boa, e outra melhor, e a vantagem de quem conseguiu a optima: *Optimam partem elegit.* Na comparação litteral, Maria Magdalena foi preferida a Martha na melhoria da graça; na comparação allegorica, Maria, Mãe de Deus, foi preferida a todos os bemaventurados na melhoria da gloria. Porém na comparação nossa e desta Igreja particular, em que a festejamos debaixo do titulo da Graça, no mesmo dia em que a Igreja universal a celebra debaixo do titulo da Gloria; quando a comparada não póde ser senão a mesma Senhora comsigo, nem a comparação póde ser outra, senão entre a mesma graça, e a mesma gloria; a qual destes dois titulos havemos de dar a preferencia, e de qual havemos de dizer: *Maria optimam partem elegit:* de Maria em quanto Senhora da Graça, ou de Maria em quanto Senhora da Gloria? Este será o altissimo ponto do nosso discurso. E posto que ambos os titulos na Mãe de Deus sejam immensos; para maior gloria da mesma Senhora, daremos a preferencia ao titulo da

[1] *Luc.*, x, 39.

sua Graça. . O' se a mesma Senhora da Graça nos assistisse com a sua para penetrarmos, ou nos deixarmos bem penetrar desta verdade!

III

Para demonstração e intelligencia della (que não é facil ainda aos maiores entendimentos) havemos de suppor, que assim a graça como a gloria, são bens sobrenaturaes. E se me perguntardes (como deveis perguntar, ou todos, ou quasi todos) que coisa é bem sobrenatural? Haveis de saber, que é um bem, o qual na nobreza, no preço, e na dignidade, excede a todos os bens da natureza, assim visiveis, como invisiveis. E para que declaremos este excesso com algum exemplo: Será como um diamante comparado com as pedras da rua? Será como o sol comparado com a sombra? Será como um homem comparado com uma formiga? Será como um Serafim comparado com uma borboleta? Não. Porque a pedra e o diamante, o sol e a sombra, o homem e a formiga, o Serafim e a borboleta, tudo são coisas naturaes e creadas por Deus em quanto Auctor da natureza: e como são naturaes, nenhuma dellas tem comparação com o que é sobrenatural. Tanto assim, que se Deus creasse, como póde, outros mil mundos mais perfeitos que este, e povoados de creaturas muito mais nobres e excellentes, sempre o sobrenatural as excederia incomparavelmente. Porque é gráu muito superior a tudo o que comprehende em si a esphera da natureza. E taes são a graça e a gloria, que só se podem comparar entre si, como nós as comparamos nesta nossa questão.

Digo, pois, ou torno a dizer, que havendo de fazer escolha entre a gloria e a graça, conforme o nosso thema: *Maria optimam partem elegit*, antes devemos escolher a graça, que a gloria. E isto não por uma razão, senão por muitas. Seja a primeira, porque a graça envolve comsigo a gloria: e ainda que possa haver graça sem gloria, não póde haver gloria sem graça. A graça é fundamento da gloria, e a gloria é consequencia da graça: a graça a ninguem é devida, e a gloria é devida a todo o que está em graça. Diz

o Apostolo S. Pedro, que na graça, que é a fórma com que Deus nos faz participantes da natureza divina, nos deu as maiores e mais preciosas promessas. Este é o sentido daquellas palavras: *Per quem maxima, et pretiosa nobis promissa donavit, ut per hæc efficiamini divinæ consortes naturæ.* [1] De sorte que na dadiva nos deu Deus a dadiva e mais as promessas. Mas se as promessas são de futuro, e a dadiva de presente, como nos deu as promessas na dadiva? Porque as promessas futuras são a gloria e bemaventurança, que havemos de gosar no céu: a dadiva presente é a graça de que já gosamos na terra: e porque na graça se envolve a gloria e bemaventurança, que lhe é devida, por isso quando nos deu a dadiva, nos deu juntamente as promessas: *Maxima, et pretiosa nobis promissa donavit.*

Assim declaram este famoso logar de S. Pedro os mais doutos e mais litteraes Expositores; mas eu tenho outro melhor expositor que todos elles, o Real Propheta: *Quia misericordiam, et veritatem diligit Deus, gratiam, et gloriam dabit Dominus.* [2] Porque Deus ama a misericordia e a verdade, por isso dará a graça e mais a gloria. Reparemos muito naquelle *Quia:* Pois porque Deus ama a misericordia e a verdade: porque Deus é misericordioso, e verdadeiro, essa é a razão ou essas as razões porque ha de dar a graça e mais a gloria? Sim. A graça, porque é misericordioso, e a gloria, porque é verdadeiro. Como a graça com que Deus nos perdôa os peccados e nos reconcilia comsigo, a ninguem é devida, toda é liberalidade e dadiva de sua misericordia: porém a gloria, como Deus a tem promettida a todo o que estiver em graça, toda pertence á sua verdade, porque como verdadeiro não póde faltar ao que tem promettido. Excellentemente S. Agostinho: *Ille qui tribuit misericordiam servat veritatem, indulgentiam donavit, coronam reddet. Donator est indulgentiæ, debitor coronæ.* O mesmo Deus (diz Agostinho) que na graça nos mostrou a misericordia, na gloria nos mostrará a sua verdade. Na graça a sua misericordia porque nos deu a indulgencia que não devia; e na gloria a sua ver-

[1] *2. Petr.*, I, 4.
[2] *Psal.*, LXXXIII, 12.

dade, porque nos dará a corôa de que se fez devedor. *Donator indulgentiæ, debitor coronæ:* e o modo com que se fez devedor não é porque recebesse de nós alguma coisa, que nos haja de pagar, mas porque elle nos prometteu o que não póde deixar de cumprir: *Debitorem Dominus ipse fecit se, non accipiendo, sed promittendo. Non ei dicitur, redde quod accepisti, sed redde quod promisisti.* E como nos archivos da graça estão depositados os creditos da gloria, vêde se se deve antes escolher a graça, que a gloria, pois a graça, e a gloria tudo pertence á graça.

Por esta connexão infallivel da graça com a gloria chamou S. Paulo bemaventurada á esperança com que nesta vida esperamos a mesma gloria: *Expectantes beatam spem, et adventum gloriæ magni Dei.* [1] Mas para que nos não enganemos com esta esperança, como com as demais, que tanto costumam enganar, é necessario advertir, que ha uma grande differença entre os fundamentos della. O logar da esperança é entre a fé e a caridade; se a esperança se funda sómente na fé, não é verdadeiramente bemaventurada, porque tem a bemaventurança duvidosa: mas se se funda na caridade, que é a graça, então é certamente bemaventurada e sem nenhuma duvida; porque lhe não póde Deus negar a bemaventurança e gloria que espera: *Expectantes beatam spem, et adventum gloriæ magni Dei.*

IV

A segunda razão porque mais se deve escolher a graça, que a gloria, é tirada da definição e essencia de uma e outra. A graça consiste em amar e ser amado de Deus, a gloria em vêr ao mesmo Deus; e posto que o vêr a Deus seja a maior felicidade; quem negará a vantagem á correspondencia do amôr infinitamente desegual, mas reciproca do homem para com Deus, e de Deus para com o homem? A verdade desta soberanissima correspondencia o mesmo Deus a fez de fé quando disse: *Ego diligentes me diligo.* Mas ainda comparado o vêr a Deus só com o amar a Deus de nos-

[1] *Ad Tit.*, II, 13.

sa parte, nenhum entendimento haverá justo e desinteressado, que não escolha antes o amar. E senão tomemos por juizes aos que mais vêem, e mais amam a Deus, que são os Serafins. Ao lado do throno de Deus no céu viu o Propheta Isaias dois Serafins, os quaes com duas azas cobriam os olhos, e com outras duas abriam o peito: *Duabus alis velabant faciem ejus, et duabus volabant.* [1] Todos os Anjos vêem e amam a Deus, e quanto mais vêem, mais amam; e quanto mais vêem, e mais amam, mais alto e mais eminente logar tem cada um na sua gerarchia. Pois se os Serafins, segundo esta ordem, assim como teem o supremo logar na suprema gerarchia, assim são os que mais vêem, e mais amam a Deus, como se mostraram ao Propheta com os olhos cobertos para não vêr, e só com o peito aberto para amar? Para amar, digo, e para mais amar; porque o movimento das azas (não sendo para voar, porque estavam firmes) mais era para tolerar o incendio do amôr, como dizem uns Interpretes, ou para mais o exercitar e accender, como dizem outros. [2] Pois se tanto amam, e tanto e tão ardentemente estão amando; como parece que apagam com umas azas o mesmo que accendem com outras, e como negam ao mesmo amôr a vista do objecto amado?

Duas respostas tem esta bem fundada duvida. A primeira, que cobriam os olhos para não vêr quando abriam o peito para amar, sendo o objecto da vista e do amôr o mesmo Deus: porque mais se prezam os Serafins, e mais estimam na felicidade suprema do seu estado a singularidade do amôr, que a preeminencia do vêr. Por isso, como nota S. Dionysio Areopagita, a denominação do entendimento, que são os olhos com que se vê a Deus, a deixaram aos Cherubins, que estão um gráu mais abaixo, e tomaram para si a antonomasia do incendio com que se abrazam no amôr do mesmo Deus, chamando-se Serafins, que quer dizer os ardentes. A segunda razão, e muito mais alta, é, que fecham os olhos, quando abrem o peito, porque teem por maior fineza e mais digna do mais perfeito amôr o amar sem vêr, do que amar vendo. E' o que en-

[1] *Isai.*, VI, 2.
[2] *Sanch. Corn. hic.*

careceu S. Pedro nos primeiros professores do Christianismo, dizendo, que sem vèr a Deus o amavam: *Quem cum non videritis diligitis.* [1] E é a differença verdadeiramente serafica, com que amam na terra os bemaventurados da graça, e no céu os da gloria. Os da gloria amam a Deus, mas vendo-o; os da graça tambem o amam, mas sem o vèr.

E se esta vantagem teem em quanto sómente amam a Deus, que é uma parte da graça; que será em quanto amam a Deus e são amados de Deus, em que consiste toda? Esta reciproca correspondencia de amôr entre Deus e o homem que está em graça, declarou a alma dos Cantares, quando disse: *Dilectus meus mihi, et ego illi:* [2] Deus é o meu amado, e eu sou a amada de Deus. E sendo Deus quem é por sua infinita grandeza e soberania; e sendo o homem quem é (ou quem não é) por sua vileza e baixeza, em respeito de Deus tambem infinita; quem haverá que não estranhe, e se assombre desta confiança e egualdade de fallar: *Ille mihi, et ego illi:* Elle o seu amado, e eu a sua amada? S. Bernardo, commentando estas duas palavras, não duvidou de chamar a cada uma dellas insolente, e a ambas insolentissimas: *Insolens verbum, et ego illi: nec minus insolens dilectus meus mihi: nisi quod utroque insolentius utrumque simul.* [3] Mas a alma que isto disse, era uma alma que estava em graça, e é tanta a alteza a que a mesma graça levanta a alma, não só em quanto ama, senão em quanto ama e juntamente é amada de Deus, que o que podia parecer insolencia da parte do homem, da parte de Deus é justa condescendencia, tratando-se com tal familiaridade Deus com o homem, e o homem com Deus, como se foram eguaes: *Quasi ex æquo morem gerere, et respondere vicem*, como nota o mesmo S. Bernardo. Comparae-me agora o amar a Deus no céu por razão da vista, com este ser amado de Deus na terra por razão da graça. Os bemaventurados no céu dirão, que porque vêem a Deus, amam necessariamente a Deus; e nós diremos na terra, que porque estamos em graça de Deus, somos amados necessaria-

---

[1] *1. Petr.* 1, 8.
[2] *Cant.*, 1, 16.
[3] *D. Bern. Serm.* 88.

mente de Deus. Sobre esta minha proposição, cabia melhor ainda a censura de insolente, senão fôra de fé como é. Se a vista de Deus necessita aos bemaventurados a amar a Deus, tambem a graça necessita a Deus a amar ao homem. A vista necessita aos bemaventurados a amar a Deus, porque não podem deixar, nem cessar de amar a Deus visto: e a graça necessita a Deus a amar ao homem, porque não póde Deus deixar, nem cessar de amar ao homem, que está em graça.

V

A terceira razão, ou vantagem, porque prescindindo a graça da gloria (que é o sentido em que fallamos) se deve antes escolher a graça, é, porque a graça faz ao homem filho de Deus; a gloria herdeiro. Se os homens conheceram o que encerra este nome, filho de Deus, e como a graça não só nos dá o nome, senão o ser do que o nome significa, que differentemente estimariam em si, e reverenciariam nos outros este nascimento infinitamente mais que real! Se nascer de Filippe em Hespanha, ou de Luiz em França, ou de Fernando em Allemanha, se tem com razão pela maior fortuna; qual será a daquelles, dos quaes se diz com verdade: *Non ex sanguinibus, sed ex Deo nati sunt?* [1] Os outros nascimentos estimam-se pelo sangue, o dos filhos de Deus por não sangue. Mas a causa de os homens não fazerem deste altissimo nascimento a estimação que merece, é porque não conhecem a Deus. Se não conhecem o pae, como hão de estimar os filhos? Assim o ponderou com profundissimo pensamento o Evangelista S. João: *Videte qualem charitatem dedit nobis Pater, ut filii Dei nominemur et simus: Propter hoc mundus non novit nos, quia non novit eum.* [2] Vêde o que chegou a nos dar a immensa caridade do Eterno Padre, um dom tão excellente e sobrehumano, e um fôro tão chegado á sua propria divindade, que não só nos chamemos filhos de Deus, mas que verdadeiramente o se-

[1] *Joan.*, I, 13.
[2] *1.ª Epist. Joan.*, I, 31.

jamos. E se o mundo não estima como devia aos que somos filhos deste Pae, é porque o não conhece a elle: *Propter hoc mundus non novit nos, quia non novit eum.* Como se dissera a Aguia dos Evangelistas: Eu sou desprezado, porque o mundo conhece o Zebedeu de quem sou filho por natureza, e não me estima como devêra, porque não conhece a Deus, de quem sou filho por graça.

Notae o que diz e não diz S. João. Parece que havia de dizer, que o mundo não nos estima, porque não conhece que somos filhos de Deus; mas não assim, senão que o mundo não nos estima, porque não conhece a Deus, de quem somos filhos: *Propter hoc mundus non novit nos, quia non novit eum.* De sorte, que porque o mundo nos não conhece por filhos de Deus, se segue que não conhece a Deus? Sim. E a razão é, porque presume e faz conceito de Deus, não como de Deus, senão como de homem. O homem só prefilha e faz herdeiro ao servo, quando não tem filho proprio. Assim disse Abrahão a Deus, que supposto não ter filho, seria seu herdeiro, Eliezer seu servo: *Ego vadam absque liberis et Eliezer vernaculus meus, hæres meus erit.* [1] E depois que Deus deu a Abrahão um filho, que foi Isaac, disse Sara sua mulher, que lançasse fóra a Ismaël, filho da escrava, porque não havia de ser herdeiro com seu filho: *Ejice ancillam, et filium ejus, non enim erit hæres filius ancillæ cum filio meo Isaac.* [2] Isto é o que fazem os homens, e o mesmo presume e cuida de Deus quem o não conhece: *Quia non novit eum.* Como Deus tem filho proprio e natural, egual em tudo a si mesmo, e nós os homens somos servos, cuida o mundo ignorante, que não havia de fazer Deus aos servos herdeiros com o filho. Mas é tanto pelo contrario, que para que os servos fossem herdeiros com o filho, sendo servos por natureza os fez primeiro filhos por graça. Expressamente S. Paulo: *Ipse enim spiritus testimonium reddit spiritui nostro, quòd sumus filii Dei. Si autem filii, et hæredes: hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi: si tamen compatimur, ut et conglorificemur.* [3]

---

[1] *Gen.*, XV, 2 e 3.
[2] *Ibid.*, XX, 10.
[3] *Rom.*, VIII, 6.

Nesta ultima palavra *conglorificemur*, e na palavra *cohæredes* declara o Apostolo, que assim como a graça nos faz filhos, assim a gloria nos faz herdeiros; para que nós agora vejamos se nos havemos de prezar mais de herdeiros, que de filhos, e se havemos de estimar mais a herança, ou o nascimento. Cá onde os paes são homens, póde succeder, e succede muitas vezes ser o nascimento tão baixo e tão vil, e a herança tão copiosa e tão rica, que se despreze o nascimento e se estime a herança; mas onde o pae é Deus, tão infinito na nobreza, como na essencia, ainda que seja a gloria a que nos faz herdeiros, claro está que sempre havemos de estimar, não só mais, senão infinitamente mais, a graça, que nos faz filhos. Esse foi o erro e o acerto daquelles dois filhos do pae que representava a Deus, um louco, outro sizudo. O louco, que era o Prodigo, em vida do pae pediu que lhe désse a sua herança, porque estimava mais o ser herdeiro, que filho: porém o sizudo, que era o irmão mais velho, deixou-se ficar sempre na casa do pae, sem fallar, nem se lembrar da herança, porque tanto menos estimava a herança, que o nascimento, como se fôra só filho e não herdeiro. E isto é o que deve fazer todo aquelle que com juizo maduro e inteiro comparar a graça e a gloria.

VI

A quarta razão desta preferencia, é tão subtil e bem arguida como seu auctor. Aquillo é melhor (diz Scoto) cujo opposto é peor: o opposto da gloria, que consiste em vêr a Deus, é não vêr a Deus: o opposto da graça, que consiste em amar a Deus, é não amar a Deus: logo melhor é a graça, que a gloria, porque peor é não amar a Deus, que é o opposto da graça, que não vêr a Deus, que é o opposto da gloria. E que seja peor não amar a Deus, que não vêr a Deus, é manifesto; porque não querer vêr a Deus, não só póde ser licito, senão meritorio; e querer não amar a Deus, não só é sempre peccado, e gravissimo peccado, mas não é possivel motivo que o faça toleravel ou licito.

No Testamento Velho e Novo, temos dois famosos

exemplos desta theologia nos dois maiores heroes da caridade, Moysés e Paulo. Determinado Deus a acabar de uma vez com o povo de Israël pela idolatria do bezerro: oppoz-se Moysés a esta determinação que Deus lhe revelára, dizendo: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut si non facis, dele me de libro tuo, quem scripsisti.* [1] Ou vós, Senhor, haveis de perdoar ao povo este peccado, ou senão fazei o que vos peço, riscae-me do vosso livro. Este livro, como consta de muitos logares da Escriptura, é o livro em que estão escriptos os que são predestinados para a gloria. Mas paremos aqui, e vamos a S. Paulo. S. Paulo, declarando o grande sentimento que tinha de vêr como os da sua nação não queriam crêr em Christo, e se precipitavam obstinadamente á perpetua condemnação, diz que por elles desejava fazer um tal sacrificio de si mesmo a Deus, que Deus o privasse eternamente da gloria, que consiste na sua vista, com tanto que a mesma gloria de que elle se privava, a houvessem elles de gosar crêndo em Christo. Isto é o que querem dizer aquellas animosas palavras: *Optabam ego ipse anathema esse à Christo pro fratribus meis, qui sunt cognati mei secundum carnem.* [2] E assim entendem este Texto e o de Moysés, S. João Chrysostomo, Theofilato, Ecumenio, Ruperto, Cassiano, Origenes, S. Bernardo, e entre Theologos e Interpretes, é a sentença mais litteral e commum.

Antes porém que cerremos este ponto, não quero passar em silencio uma advertencia muito necessaria a esta nossa terra. Os que só estimam o que se vê com os olhos, quando vêem que se embarcam para estas partes, ou outras povoadas de gentios, os ministros Evangelicos, não se podem persuadir senão que os traz ou leva a ellas algum motivo de interesses temporaes. E certo que para desfazer este engano, bastava a consideração que fazia um homem muito bem entendido, quando se embarcava de Roma para os desterros do ponto Euxino: *Vel quò festinas ire, vel unde, vide:* Olha d'onde vás, e para onde. Esses, cujos intentos tão grosseiramente julgaes, vêde d'onde vêm, e para onde: e considerae (ainda temporalmente) o que

[1] *Exod.*, XXXII, 31 e 32.
[2] *Rom.*, VI, 3.

lá deixam, e o que cá acham. Mas a razão porque avaliaes tão baixamente os riscos dos mares, as incommodidades das terras, e a estranheza dos climas a que expoem a vida, é porque não conheceis como elles o valor das almas. Parece-vos que fazia bem Moysés, e que fazia bem S. Paulo em quererem trocar a gloria e bemaventurança do céu, pela salvação das almas de seus proximos? Não creio que seja tão rude a vossa fé, que digaes que faziam mal. Pois muito menos é trocar Portugal, que o céu, e querer salvar as almas proprias e mais as alheias, que levar a vêr a Deus as alheias, á custa de o não vêr por toda a eternidade. E isto é o que fazia não só depois de Christo S. Paulo, senão antes de Christo Moysés.

Agora pergunto: Estes dois homens tão valentes, e tão deliberados, que assim se resolviam a não vêr a Deus, suppunham tambem com o impeto e fervor da mesma resolução, que o não haviam de amar? *Absit:* De nenhum modo. Porque assim como por um motivo tão pio, e de tanta caridade, seria acção não só licita, mais heroica, offerecer-se a não vêr a Deus, assim seria não só illicita, mas impia, querer-se expôr a o não amar. Antes é certo, que quanto mais renunciavam a vista de Deus pelo amôr do proximo, tanto mais fortes raizes lançavam no amôr do mesmo Deus. Oiçamos a eloquencia de Chrysostomo, arguindo neste caso a S. Paulo: *Quid ais, Paule, nonne jam dixisti: Quis nos separabit à charitate Christi?* [1] E bem, Paulo, não sois vós aquelle que já dissestes, que nenhuma coisa vos separaria do amôr de Christo? Não sois aquelle que quereis que a vossa alma se desatasse do vosso corpo, para estar sempre com elle? Pois como agora quereis carecer de o gosar e vêr por toda a eternidade? Antes por isso mesmo, responde em nome de S. Paulo o mesmo Chrysostomo. Porque eu amo muito a Christo, por isso me quero privar de o vêr e gosar, para que em logar de mim, que sou um só, o vejam e gosem muitos, e segundo o meu desejo, o amem e louvem todos: *Imò quia amo Christum, cupio separari à fruitione Christi, ut plures, imò omnes eum ament, et laudent.* E quanto fosse agradavel a Deus este excesso de caridade, assim em S. Paulo,

[1] *Rom.*, VIII, 35.

como em Moysés, posto que a nenhum delles acceitou o offerecimento, se viu bem nas mercês com que depois honrou a um e a outro; fazendo geralmente, e para com todos, tal differença entre a sua graça e a sua gloria, que a quem não quer a sua graça, castiga-o com o privar da gloria, e a quem por similhante motivo não quizer a sua gloria, premia-o com lhe augmentar a graça.

VII

Mui dilatada consa seria, se houvessemos de ponderar como atégora as outras razões desta differença: mas porque não é bem que totalmente fiquem em silencio, de corrida as irei apontando. Seja a quinta, que por conservar a graça, não só é licito e louvavel renunciar a gloria do céu, senão tambem querer antes padecer as penas do inferno. Isto não pretendeu Moysés, nem S. Paulo, mas é resolução famosa de S. Anselmo, e á qual no mesmo caso está obrigado todo o christão: *Si hinc peccati pudorem, et illinc cernerem inferni horrorem, et necessario uni illorum haberem immergi, prius me in infernum immergerem, quàm peccatum in me admitterem.* [1] Se de uma parte, diz Anselmo, se me puzesse o peccado, e da outra o inferno com todo o seu horror, e me fosse necessario escolher um dos dois, antes me havia de lançar logo no inferno, que admittir em mim o peccado. Mais: e se fosse possivel (como de potencia absoluta não repugna) vêr um homem a Deus no céu estando em peccado; qual seria no tal caso mais ditoso, este homem, ou Anselmo? Não ha duvida que Anselmo. [2] Porque Anselmo no inferno conservava a graça, ainda que padecia as penas dos condemnados, e o outro no céu, posto que via a Deus, em que consiste a gloria dos bemaventurados, não estava em graça.

Mais ainda; e não suppondo casos extraordinarios, senão o que de facto está sempre obrando Deus no céu e na terra: no céu sempre Deus está communicando a sua vista aos que depois da morte são dignos

[1] Anselm. Lib. de Similit. Cap. 190.
[2] Salas. Taner. Lorca. Oviged. Arria.

da gloria; e na terra sempre está communicando a sua graça aos vivos que se dispõem para ella. E porque modo, ou com que differença de auctoridade e honra communica Deus a uns e outros a sua vista e a sua graça? Bemdita seja a divina bondade, nunca nas demonstrações mais divina! Aquelles a quem communica a sua gloria, leva-os ao céu, e dá-lhes logar na sua côrte; porém áquelles a quem communica a sua graça, vem elle em Pessoa a dar-lh'a, e fal-os morada sua. Se imos ao céu, moramos com Deus, mas se estamos em graça, não só mora Deus comnosco, senão em nós. E para que em nada seja menor esta assistencia pessoal de Deus em nós, que a vista do mesmo Deus nos que estão na gloria, concordam os Theologos, que para ser verdadeiramente bemaventurado o que vê a Deus, não basta só vêr ao Padre, ou ao Filho, ou ao Espirito Santo; mas é necessario vêr todas as tres Pessoas divinas; porque só deste modo é vêr a Deus como é: *Tunc videbimus eum sicuti est.* [1] Pois assim como no céu os bemaventurados da vista, não só vêem uma Pessoa da Trindade, senão todas tres; assim na terra os bemaventurados da graça não só teem dentro em si o Padre, ou o Filho, ou o Espirito Santo, senão todo Deus trino, e um em todas as Pessoas. E isto com tanta differença e vantagem, quanta vae de objecto a morador. E' Texto expresso do mesmo Christo: *Si quis diligit me, sermonem meum servabit, et ad eum veniemus, et mansionem apud ipsum faciemus. Qui diligit me,* [2] eis ahi a graça: *Et ad eum veniemus,* eis ahi as tres Pessoas divinas: *Et mansionem apud ipsum faciemus,* eis ahi a morada perpetua, e assistencia permanente.

Mais outra vez, posto que depois do que acabamos de dizer, pareça que não póde haver mais. E a razão desta nova differença ou vantagem, é que a gloria que havemos de gosar no céu pela vista, já a possuimos pela graça. Escrevendo o Apostolo S. Pedro aos novos christãos do Ponto, Galacia, Capadocia, Asia, e Bithinia, onde sendo Summo Pontifice, e Vigario de Christo, tinha ido prégar a fé (para que vejaes outra vez quão alto ministerio, é o da conver-

[1] *1. Joan.*, III, 2.
[2] *Joan.*, XIV, 23.

são dos Gentios, tão pouco conhecido da gente rude) diz estas notaveis palavras: *Benedictus Deus Pater Domini nostri Jesu Christi, qui secundum misericordiam suam magnam regeneravit nos in hæreditatem incorruptibilem, et incontaminatam, et immarcescibilem, conservatam in cœlis et in vobis.* [1] Quer dizer: Bemdito seja Deus, Pae de nosso Senhor Jesus Christo, o qual pela graça do Baptismo nos gerou segunda vez para a gloria incorruptivel e perpetua, que está guardada no céu e em nós. Nestas duas ultimas palavras — no céu, e em nós — *in cœlis, et in vobis*, está o maravilhoso desta sentença. Que a gloria esteja guardada no céu, bem se entende; porque o céu é o logar da gloria, e no céu é que a havemos de gosar; mas se aquelles com quem fallava S. Pedro estavam na terra, como nós estamos; porque lhes diz que essa mesma gloria não só está guardada no céu, senão nelles mesmos e em nós: *Servatam in cœlis, et in vobis?* Porque acabava de lhes lembrar que estavam gerados segunda vez pela graça do Baptismo, como nós estamos; e essa mesma gloria, que depois havemos de gosar no céu pela vista, já agora a possuimos na terra pela graça. De sorte que o christão que está em graça, quando vae ao céu, não só leva o direito para a gloria comsigo, senão a posse da mesma gloria em si. Por isso não diz, que está guardada para nós, senão em nós, *in cœlis, et in vobis.* Veja agora cada um se escolheria antes a posse do bem, ou presente ou futura, ou dentro em si ou fóra.

VIII

Mais ainda. Diz S. João Chrysostomo, que assim como não havemos de temer o inferno por horror das penas, senão por ter offendido a Deus, e perdido sua graça, assim não havemos de desejar o céu, principalmente por amôr da gloria, senão por gosar da mesma graça, e amar ao mesmo Deus eternamente: *Ut gehennam timere non debemus propter ignem, sed quia offendimus tam bonum Dominum, et ab illius*

[1] *1. Petr.*, I, 3 e 4.

gratia sumus alieni: ita ad regnum nobis festinandum propter amorem in illum, ut ejus gratia fruamur. [1] De maneira que o amôr e desejo bem ordenado da gloria, não ha de ser por amôr da gloria, senão por amôr da graça. E' erro em que cahiu Moysés, mas de que logo se emendou no mesmo acto com admiravel retractação de palavras. Tinha Deus dito a Moysés, que estava em sua graça: *Invenisti gratiam coram me.* [2] E sobre esta supposição de estar em sua graça, instou Moysés, dizendo: *Si ergo inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam, ut sciam te, et inveniam gratiam ante oculos tuos.* Pois, Senhor, se já estou em vossa graça, concedei-me a vista de vosso rosto, para que esteja em vossa graça. Quem haverá que não veja e note nestas palavras, como Moysés, no mesmo acto de as pronunciar, trocou a ordem com que as começou a dizer, e com que acabou. Quando começou, ordenou a graça de Deus para a vista de Deus: *Si inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam;* e quando acabou, ordenou a mesma vista de Deus, para a mesma graça de Deus: *Ostende mihi faciem tuam, ut inveniam gratiam ante oculos tuos.* Pois a mesma graça nas primeiras palavras é meio para alcançar a vista de Deus, e logo a mesma vista de Deus nas segundas palavras é meio para alcançar a mesma graça? Sim; porque assim emendou Moysés e melhorou o seu desejo. Ordenar a graça para a gloria, e fazer a gloria fim da graça, bom desejo é; mas ordenar a gloria para a graça, e fazer a graça fim da gloria, é muito melhor desejo. Porque? Porque a graça antes da gloria está perigosa, e depois da gloria está segura. E posto que é bom desejo querer a graça para gosar a gloria; muito melhor desejo, e muito mais alto pensamento é desejar a gloria, por segurar a graça. O primeiro fez Moysés com menos consideração, quando disse: *Si inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam:* e o segundo com muito mais fino e prudente juizo, dizendo: *Ostende mihi faciem tuam, ut inveniam gratiam ante oculos tuos.*

Finalmente, seja a ultima razão de escolher antes a

---

[2] Chrysost. Homil. 23 in Gen.
[1] *Exod.*, XXXIII, 12 e 13.

graça que a gloria, a esterilidade da mesma gloria, e a fecundidade da mesma graça. A gloria no céu é uma felicidade grande, mas felicidade que não cresce, porque uma gloria não causa outra gloria; porém a graça na terra é uma felicidade, ou uma bemaventurança, que sempre cresce, porque sempre uma graça está produzindo outra graça. Depois que o Evangelista S. João declarou a gloria de Christo pela superabundancia de graça de que estava cheio: *Vidimus gloriam ejus quasi unigeniti à Patre, plenum gratiæ, et veritatis*, [1] diz que desta enchente, como de fonte perenne, recebemos todos a graça, e não uma só graça, senão uma sobre outra, sempre mais, e mais: que isso quer dizer: *De plenitudine ejus omnes accipimus gratiam pro gratia.* [2] Onde se deve muito notar, que tendo fallado na gloria e graça de Christo, só da graça diz que recebemos graça por graça, e graça sobre graça, e da gloria não; porque no céu não dá Deus gloria por gloria, ou uma gloria sobre outra. Este privilegio, e esta prerogativa, é só da graça. E quão superior seja por isso mesmo á gloria do céu, em nenhum outro dos que muito cresceram na graça, o podemos vêr melhor que no mesmo S. João. Viu S. João no seu Apocalypse a Deus assentado em throno de magestade, e que o assistiam em roda do throno quatro animaes mysteriosos, todos cheios de olhos, o primeiro similhante a leão, o segundo a bezerro, o terceiro a homem, o quarto a aguia. Ninguem ignora que nestes quatro animaes eram representados os quatro Evangelistas, S. Marcos no leão, S. Lucas no bezerro, S. Matheus no homem, S. João na aguia; e todos cheios de olhos, *ante, et rètro*, porque todos na parte posterior tinham as noticias da divindade, e na anterior as da humanidade de Christo, de quem escreveram. Vindo pois a S. João, dá-lhe o Texto o quarto logar, e diz que só elle voava: *Et quartum animal simile aquilæ volanti.* Pois se S. João entre todos os Evangelistas foi o que mais altamente escreveu, porque se lhe dá o ultimo logar; e se todos os outros animaes tinham azas se diz que só elle voava? Primeira-

[1] *Joan.*, I, 14.
[2] *Ibid.*, 16.

mente dá-se a S. João o ultimo logar, porque elle escreveu depois dos outros Evangelistas, e não menos que trinta annos depois, havendo outros tantos que S. Matheus, S. Marcos, e S. Lucas, eram já mortos. Mas d'aqui mesmo se accrescenta mais a segunda duvida; porque se os outros tres Evangelistas estavam já no céu vendo a Deus, como voava elle só estando na terra? Por isso mesmo. Porque os outros estavam seguros na gloria, d'onde se não sobe, e S. João estava merecendo na graça, onde sempre se cresce. Eu vos prometto, diz S. Bernardo, que se Deus désse licença aos bemaventurados que o estão vendo no céu, para virem á terra a merecer e crescer a maior graça, que todos acceitariam este partido deixando a gloria, para depois voarem á mesma gloria mais cheios de graça: logo, se a escolha se faria no céu, onde se não póde fazer, porque se não fará na terra? Em S. João não foi eleição sua; mas é certo que elle foi o mais amado, e quando os menos amados viam, elle voava.

IX

Atéqui temos visto as razões porque comparada a gloria com a graça, se deve escolher antes a graça que a gloria. E se alguem cuidar que não fallamos atégora no que principalmente deviamos fallar, que é a Virgem Senhora nossa da Graça, cuja festa celebramos, digo que o que atégora disse, assim como foram prerogativas da graça assim foram excellencias da Senhora debaixo do mesmo titulo. S. Thomaz com seu mestre Alberto Magno, distinguem na graça da Virgem Maria tres estados de perfeição: o primeiro desde o principio de sua Conceição, a que chamam de sufficiencia: o segundo desde o ponto em que concebeu o Verbo Eterno, a que chamam de abundancia: o terceiro por todo o tempo da vida até á morte, a que chamam de excellencia singular. Por todas as razões, pois, que referimos, muito melhor e mais altamente entendidas, comparando-se a Senhora comsigo mesma, como aquella singularissima alma que sobre todas as creaturas amou, e foi amada de Deus, tambem não póde deixar de estimar mais a graça que a gloria, pois no mesmo amôr reciproco consiste a graça. Esti-

mou mais a graça que a gloria, não por assegurar no céu a mesma graça, em que fôra confirmada desde o instante de sua Conceição, mas por augmentar mais e mais o amôr que lá se eguala com a vista por toda a eternidade. Batalhava no coração da Mãe de Deus o mesmo amôr, por uma parte com o desejo de mais depressa o vêr, e por outra com a razão de mais o amar eternamente; e porque este motivo foi o vencedor, por isso escolheu como melhor parte a da graça: *Maria optimam partem elegit.*

Naquellas palavras, *Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie*, [1] manifestou o amôr da Senhora quanto desejava vêr a Deus no meio dia da gloria: e a resposta foi, que mais convinha por então, que na ausencia de seu Filho ficasse apascentando o seu rebanho: *Abi post vestigia gregum tuorum, et pasce hædos tuos juxta tabernacula pastorum.* [2] Assim o fez a Senhora, sendo d'alli por diante o Oraculo de toda a Igreja, e Mestra dos mesmos Apostolos, não só em Jérusalem e na Judéa, mas peregrinando a outras partes do mundo. Durou, não digo este desterro da gloria, mas esta ausencia de seu Filho, não menos que vinte e quatro annos depois que elle tinha subido ao céu, como prova o cardeal Baronio, fundado no testemunho irrefragavel de S. Dyonisio Areopagita: até que finalmente em tal dia, como hoje, foi chamada a bemditissima Mãe a receber da mão de seu Filho, e gosar por toda a eternidade, a corôa immensa da gloria que tinha merecido a sua graça. E digo que foi chamada, porque assim o declaram as vozes de toda a Santissima Trindade, não em commum, mas distinctamente repetidas por cada uma das divinas Pessoas: *Veni Sponsa mea, veni de Libano, veni coronaberis.* [3] O Padre disse, *Veni*, chamando-a como Filha, o Filho disse, *Veni*, chamando-a como Mãe, o Espirito Santo disse, *Veni*, chamando-a como Esposa. Mas se toda a Santissima Trindade, e cada uma das divinas Pessoas por si, e por tão particulares motivos desejava vêr a Virgem Maria no throno da gloria, onde tambem como Filha visse o Padre, como

[1] *Cant.*, I, 6.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Ibid.*, IV, 8.

Mãe o Filho, e como Esposa o Espirito Santo; e a mesma Senhora suspirava por este dia com tão ardentes desejos, e violentissimas saudades, que ellas e o amôr lhe romperam os laços da vida, e lhe desataram a alma; como as mesmas Pessoas divinas, que podem quanto querem, não só permittiram, mas quizeram que a mesma alma santissima continuasse neste mundo privada do céu e da gloria, e padecesse seu amôr este largo martyrio por tantos annos? Aqui vereis quão verdadeira é a doutrina de todo o nosso discurso, e as razões delle. Assentou no Consistorio da Santissima Trindade o Padre, que a sua Filha, o Filho que a sua Mãe, e o Espirito Santo que a sua Esposa se lhe dilatasse a vista de Deus e a gloria, por espaço de vinte e quatro annos, para que em todo este tempo merecesse mais e mais, e crescesse na graça; porque computados tantos annos de gloria com outros tantos de graça, não só por eleição da mesma Senhora, senão por decreto de todas as Pessoas divinas lhe convinha e importava mais o crescer na graça, que o gosar a gloria: *Ut cumulares merita, ejus assumptionem ad gloriam tamdiu distulisti*, diz S. Pedro Damião. [1]

X

Mas quem poderá declarar quaes foram os augmentos de graça com que a Virgem Maria (em todo este tempo mais propriamente Senhora da Graça,) accumulou uma sobre outra, as immensidades da sua? S. Epiphanio disse: *Gratia Sanctæ Virginis est immensa:* S. Boaventura: *Immensa certè fuit gratia qua ipsa fuit plena:* e S. Anselmo: *Quid amplius dicere possum, Domina, immensitatem quippe gratiæ, et gloriæ, et felicitatis tuæ considerare incipienti et sensus deficit, et lingua fatiscit.* [2] Estes Santos, com palavras claras e expressas, apregoam por immensa a graça da Virgem Maria: e S. João Damasceno, S. Jeronymo, S.

[1] Pet. Damian. Serm. de Assumpt. Virg.

[2] Epiph. Orat. de Laudib. Virg. Bonav. in Spec. Cap. 5. Ansel. De Excellent. Virg. Cap. 3.º

Efrem, S. Bernardo, S. Ignacio Martyr, S. Pedro Veronense, e quasi todos os santos dizem o mesmo com termos não de menor expressão, mas de mais profunda intelligencia, que por isso não repito. Só quizera que todos os que me ouvis fosseis theologos, para a demonstração dos augmentos de graça, a que a Senhora cresceu nestes ultimos annos de sua santissima vida. Procurarei porém de os reduzir ás regras de outra sciencia mais vulgar e mais pratica, pela qual já que nenhum entendimento humano póde comprehender esta immensidade, ao menos de algum modo a possamos todos conjecturar.

Todos sabeis aquelle modo de conta, que vulgarmente se chama *ao galarim*, em que tudo o que se possue, e precede em um numero, se dobra no seguinte. Suppondo pois com a mais assentada Theologia (em que ella não está pouco obrigada ao doutissimo Soares de nossa Companhia [1]) que os actos do amôr e caridade da Virgem Santissima, os quaes todos eram perfeitissimos, condignamente mereciam outro tanto augmento de graça, qual era o que tinham em si, e por isso uns sobre outros sempre mais e mais iam dobrando a mesma graça: façamos agora a conta aos gráus de graça que a Senhora podia adquirir em um só dia, e para que a conta proceda com toda a clareza, não presupponhamos na alma da mesma Virgem mais que um gráu de graça, nem consideremos que fazia em cada quarto de hora mais que um acto de caridade. Isto posto, no primeiro quarto de hora, e pelo primeiro acto de caridade, dobrou a Senhora o merecimento, e mereceu dois gráus de graça: no segundo quarto mereceu quatro: no terceiro, oito: no quarto, dezeseis: no quinto, trinta e dois: no sexto, sessenta e quatro: no setimo, cento e vinte oito: no oitavo, duzentos e cincoenta e seis: no nono, quinhentos e doze: no decimo, mil e vinte e quatro. De sorte, que em dez quartos de hora, e com dez actos de caridade, mereceu a Senhora, e cresceu a mil e vinte quatro gráus de graça. Agora faça cada um de vagar em sua casa a conta que resta em todos os quartos de hora de um dia, que são noventa e seis, porque ainda que segundo a forçosa lei da humanidade alguns quartos da

[1] Suar. Tom. 2. in 3. p. disp. 18. sect. 4.

noite occupasse o brevissimo somno os sentidos exteriores da Virgem, esse somno não interrompia as acções da alma, que sempre vigiava, amava e merecia: *Ego dormio, et cor meum vigilat.* [1] Mas porque entre tanto não fique cortado o fio, e suspensa a demonstração da nossa conta, eu a resumirei brevissimamente, repetindo só as sommas de dez em dez quartos.

Nos vinte quartos de hora daquelle dia tinham crescido os graus da graça da Senhora a numero de quinhentos e vinte e quatro mil e duzentos e oitenta e oito. Em trinta, a quinhentos e trinta e sete contos quinhentos e quatro mil novecentos e doze. Em quarenta a mil e trezentos e setenta e seis milhões, setenta e seis contos, setecentos e trinta e cinco mil quatrocentos e oitenta e oito. Em cincoenta, a um conto quatrocentos e nove mil duzentos e vinte milhões, cento e setenta e sete contos, setecentos e setenta e nove mil setecentos e doze. Em sessenta, a tres milhões de milhões, duzentos e onze contos quarenta e um mil setecentos e trinta e cinco milhões e quarenta e seis contos quatrocentos e trinta e sete mil e oitocentos e oitenta e oito. Em setenta, a sete mil e duzentos e vinte e quatro milhões de milhões, duzentos e treze contos, quatrocentos setenta e tres mil quinhentos e dezasete milhões e trezentos e quatro contos setecentos e noventa e quatro mil seiscentos e vinte e quatro. Em oitenta, a seis contos trezentos e oitenta e cinco mil quatrocentos e vinte e dois milhões de milhões e cento e noventa e seis contos oitocentos e oitenta e dois mil e cento e oitenta e oito milhões cento e sete contos e cento trinta e quatro mil e novecentos e setenta e seis. Em noventa e seis, finalmente, faz a somma dos quatrocentos e treze mil, quatrocentos e setenta e cinco contos quarenta e oito mil quatrocentos e quarenta e nove milhões de milhões, seiscentos e setenta e um contos, noventa mil milhões e trezentos e noventa e sete contos setecentos e oitenta e sete mil cento e trinta e seis, que é o ultimo quarto de hora de um dia natural.

Demonstrada esta immensidade de graça adquirida pela Virgem Senhora nossa em um só dia, cuidareis sem duvida todos, e estareis esperando, que eu tire por consequencia as immensidades da mesma graça,

---

[1] *Cant.*, v, 2.

a que a mesma Senhora cresceria no compridissimo espaço de tantos dias, mezes e annos, quantos se contaram desde a Ascenção de seu Filho até á sua gloriosa Assumpção. Mas não digo, nem direi tal coisa; porque seria diminuir e apoucar muito e fazer grande aggravo á mesma graça. As duas supposições que fiz na conta deste dia, foram só ordenadas á clareza e evidencia da mesma conta, e fingidas como por exemplo com dois effeitos contrarios á manifesta evidencia da verdadeira supposição. Suppuz que a Senhora no primeiro quarto daquelle dia tivesse um só gráu de graça, e esta supposição foi fingida, porque no dia da Ancenção de Christo tinha a Senhora tão innumeraveis gráus de graça, quanta desde o instante de sua purissima Conceição tinha adquirido em trinta e quatro annos da vida de seu Filho, e quarenta e oito da sua. Suppuz em segundo logar, que em cada quarto de hora fazia a Senhora sómente um acto de caridade e amôr de Deus, sendo estes actos tantos, quantas eram as respirações da mesma Senhora, cuja memoria, entendimento e vontade, nem por um momento se divertia da attentissima contemplação do divino objecto, com que sua alma inseparavelmente estava sempre unida, amando-o de dia e de noite sem cessar com mais intensos e efficazes affectos, que os Serafins da Gloria. Isto é o que então não suppuz para a clareza da conta, e o que agora supponho para a consequencia e conjectura da graça, na qual como em um pégo ou abysmo sem fundo, afogados e perdidos todos os numeros da arithmetica, só resta ao discurso e entendimento humano o pasmo, e á lingua o silencio e confissão de que a graça de Maria é incomprehensivel.

Quem sómente soube achar parallelo á graça da Mãe de Deus, foi o antiquissimo Andrés Cretense, o qual a comparou com o ineffavel mysterio da humanidade do Filho, a que chama infinitas vezes infinitamente infinito. As suas palavras são estas: *Siquid, quod nos superat, in ea divina operata est gratia, nemo miretur intuens ad novum, et ineffabile quod in ea peractum est mysterium, ab omni infinitate infinities infinitè exemptum.* [1] Notem-se muito estes novos e ultimos termos, *ab omni infinitate infinities infinitè.*

[1] Andreas Creten. *Sermon. de Dormitione Virg.*

Foi o mysterio de Deus feito homem infinito sobre toda a infinidade, *exemptum ab omni infinitate*, porque foi infinito infinitas vezes, *infinities*, e infinito infinitamente, *infinitè*. E nesta infinidade, ou infinidades só se pareceu com elle a graça da Mãe infinitamente infinita, *quod in ea divina operata est gratia infinities infinitè*. E como a immensa grandeza do infinito só a póde comprehender entendimento infinito, qual é unicamente o de Deus, por isso conclue S. Bernardino, fallando da perfeição da graça da Senhora neste mesmo dia, que o conhecimento della só está reservado para Deus: *Ut soli Deo cognoscenda reservetur.* [1]

No dia da Assumpção desceu o mesmo Filho de Deus a honrar o triumpho de sua Mãe, acompanhado de toda a côrte do céu, Anjos e Santos, os quaes admirados diziam: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto, deliciis affluens, innixa super dilectum suum?* [2] Quem é esta, que sobe do deserto, não só cheia, mas inundando delicias, sustentada do seu Amado? O seu Amado é o bemdito Filho, primeiro motivo daquella admiração, o qual para maior magestade do triumpho, quiz elle ser em pessoa o que levasse de braço a sua Mãe. As delicias ou inundação de delicias, que juntamente admiravam, e das quaes não só ia cheia, mas como de fonte redundante manavam e enchiam tudo, não podendo ser as da gloria para onde começava a subir, eram sem duvida as da graça, que na terra e na vida tão immensamente tinha adquirido. Assim commenta este logar o doutissimo Cardeal Hailgrino: *Affluere autem dicitur gratiarum deliciis, et virtutum: et innixa super dilectum, cujus innitebatur gratiæ.* Mas o que eu sobre tudo admiro nos mesmos admiradores, é, que em tal dia e em tal concurso chamem á terra deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto?* [3] Se toda a côrte do céu tinha descido com o seu Principe á terra: se despovoado o mesmo céu, todo naquelle dia estava junto na terra donde começava a marchar o triumpho, como se chama deserto? Porque tanto que appareceu a gloriosa triumphante revestida das immensidades de sua graça,

[1] D. Bernard. *Sermon. 4. de Assump. Virg.*
[2] *Cant.*, VIII, 5.
[3] *Ibid.*

maiores na grandeza, que todas as delicias que até então se tinham gosado na gloria, tudo quanto tinha descido do céu á terra desappareceu á sua vista. Excellentemente S. Pedro Damião: *In illa inaccessibili luce perlucens, sic utrorumque spirituum hebetabat dignitatem, ut sint quasi non sint et comparatione illius, nec possint, nec debeant apparere.* [1] Que região mais povoada (é comparação do mesmo Santo), que região mais povoada que o céu de noite? Tantos planetas, tantas constellações, tanta multidão de estrellas maiores e menores sem numero; mas em apparecendo o sol, o mesmo céu subitamente ficou um deserto, porque tudo á vista delle se sumiu e desappareceu, e só elle apparece. O mesmo succedeu a todas as Gerarchias do céu neste dia. Por grandes e innumeraveis não cabiam na terra, mas tanto que abalou o triumpho e appareceram os soberanos resplandores da graça ou da Senhora da Graça, tudo o mais desappareceu e ficou um deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto;* porque todas essas Gerarchias em sua presença eram como se não foram, *ut sint tanquam non sint;* e porque todas em sua comparação, nem podiam, nem deviam apparecer, *et comparatione illius, nec possint, nec debeant apparere*, só appareceu e só se fez menção do seu amado, *innixa super dilectum suum*, [2] que é nova confirmação desta mesma verdade; porque junta com a graça de Maria só a de seu Filho avulta e apparece, por ser graça de Homem-Deus, abaixo do qual, como diz S. Anselmo, nenhuma se póde considerar, nem entender maior que a de sua Mãe: *Qua maior sub Deo nequeat intelligi.* E isto baste, finalmente, para que todos celebremos e confessemos com os applausos das vozes, com os affectos dos corações, e com os jubilos e parabens de toda a alma, que Maria em quanto Senhora da Graça, ainda em comparação da sua mesma gloria, escolheu a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

XI

Isto posto (para que nos não falte o fim de tão largo discurso, quando o temos acabado) perguntára

---

[1] P. Dam. *Serm. de Assump. Virg.*
[2] *Cant.*, VIII, 5.

eu a todos os que me ouviram, se fariam esta mesma eleição; se a têm feito até agora, ou se a determinam fazer? De ninguem creio, se é christão e tem fé, que não faria a mesma eleição, estimando mais a graça de Deus, que a mesma gloria, como fez, com a maior luz de todas as luzes do Espirito Santo, sua soberana Esposa Maria Senhora nossa, bastando para isso, quando não houvera tantas razões, como vimos, ser eleição e resolução sua. E digo, se é christão, e tem fé; porque o contrario seria não dar credito ás Escripturas Sagradas, que allegamos, não imitar, nem venerar os exemplos dos maiores Santos de um e outro Testamento Moysés e S. Paulo, e cerrar as portas da propria casa a toda a Santissima Trindade, que em todas as tres Pessoas, como ouvistes da bocca do mesmo Christo, vem fazer morada na alma, que está em graça. Se quando tres Anjos em figura das tres Pessoas divinas foram ser hospedes de Abrahão, elle os não recebera e agasalhara com tantas demonstrações de cortezia e amôr, antes os lançara de sua casa, quem se não assombraria de tal descomedimento? Pois o mesmo e muito maior é o que fazem a Deus os que não acceitam a sua graça, ou se despedem della, não dando com as portas na cara a tres Anjos, senão verdadeiramente ás tres Pessoas da Santissima Trindade, ao Padre, ao Filho e ao Espirito Santo. Só quem não tem fé, como dizia, não tremerá de ouvir e imaginar um tão horrendo sacrilegio. Então prezem-se os que isto fazem de ser devotos da Senhora da Graça, e de ter dedicado a sua Igreja, e posto a sua patria debaixo do titulo e protecção da mesma Graça. Como a graça consiste em amar e ser amado de Deus, só quem de todo o coração estima mais a sua amizade, que a sua mesma vista, póde affirmar com verdade, que faria a mesma eleição que fez a Senhora da Graça.

Mas passando á segunda pergunta, respondei-me, se fizestes esta eleição atégora? Oh, valha-me Deus, que confusão e que angustias serão as vossas, quando no dia do Juizo se vos fizer esta mesma pergunta! O lume da razão natural, sem chegar aos preceitos da lei de Deus, está dictando a todo homem, que entre o bem e o mal, deve eleger o bem, e entre o bom e o melhor, eleger o melhor. Vejamos agora nos vossos pensamentos, nas vossas palavras e nas vossas obras, que todas alli hão de apparecer publicamente,

que é o que escolhestes: a graça ou o peccado? Nos pensamentos o peccado, nas palavras o peccado, nas obras o peccado, e sempre e em tudo, ou quasi tudo o peccado, com perpetuo esquecimento, e não só esquecimento, mas desprezo da graça. E porque? Nas obras por um appetite irracional, ou por um vilissimo interesse: nas palavras por uma murmuração da vida alheia, ou por um impeto da ira: nos pensamentos por uma representação do desejo vão, e talvez por uma chimera não só fingida, mas impossivel. E é possivel, que por isso se troque, se renda e se perca a graça de Deus; e sobre tudo, que sentindo-se tanto outras, que não merecem nome de perdas, só as da graça se não sintam! Verdadeiramente que não sei onde está a nossa fé, nem o nosso entendimento! O que só sei é, que similhante insensibilidade só se acha em almas que estão destinadas para o inferno, e já nesta vida merecem o odio de Deus, como Esaü: *Esau autem odio habui.* [1] Vendeu Esaü o seu morgado a Jacob por um appetite tão vil, e um gosto tão grosseiro, e tão breve como sabemos, e pondera a Escriptura Sagrada, que depois de fazer esta venda se apartou d'alli: *Parvi pendens, quòd primogenita vendidisset,* [2] sem fazer caso do que tinha feito, nem pesar o que tinha vendido. Assim acontece aos que perdem a graça de Deus, e muito mais se a vendem por alguma coisa de seu gosto. Por qualquer outra perda se entristecem, e por esta e com esta tão fóra estão de se entristecer, que antes se alegram: *Lætantur cum malè fecerint.* Aos que atégora fizeram tão má e tão errada eleição como esta, só peço que tomem a balança na mão, e pezem o que Esaü não pezou. Dizei-me: Quaes são as coisas neste mundo pelas quaes os homens costumam perder ou vender a graça de Deus? Geralmente, diz S. João Evangelista, são, ou desejo de riquezas, ou desejo de honras, ou desejo de gostos e deleites dos sentidos. Ponde-me agora tudo isto em uma parte da balança, e da outra um só gráu de graça, e vêde qual peza mais. Ponde todo o oiro, toda a prata, todas as perolas e pedras preciosas que gera o mar e a terra, e um gráu de graça, não só peza mais sem nenhuma comparação, mas o mesmo seria se toda

[1] *Malach.*, I, 3.
[2] *Genes.*, XXV, 34.

a terra fosse oiro, e todas as pedras diamantes. Accrescentae mais á balança todas as honras, todas as dignidades, todos os sceptros e corôas, todas as mitras e tiaras, e tudo quanto estima a ambição humana, e nenhum pendor faz em respeito de um só gráu de graça, como tambem o não faria, ainda que Deus levantasse um novo imperio, no qual um homem dominasse a todos os homens e a todos os Anjos. Finalmente, sobre as riquezas e honras accumulem-se todos os gostos, todas as delicias, todos os prazeres, não só quantos se gosaram e podem gosar neste mundo, senão tambem os que se perderam no Paraiso Terreal; e para que vos não admireis de que peze muito mais um gráu de graça, sabei que ainda é mais digno de se appetecer, que tudo quanto gosam e quanto hão de gosar por toda a eternidade com a vista clara de Deus todos os bemaventurados do céu: e sendo isto assim póde haver maior loucura, que por uma onça de interesse, por um pontinho de honra, e por um instante de gosto, perder, não um só gráu de graça de Deus, senão toda a sua graça?

Mas para que acabemos de pezar o que ainda não está pezado, tornemos ao morgado de Esaü. O morgado que Esaü vendeu, era o temporal, que elle herdou de seu pae Isaac, o qual indo a ser sacrificado, não chegou a derramar o sangue: o morgado que nós vendemos, é o sobrenatural e da graça, do qual o Filho de Deus nos fez herdeiros, tendo-o comprado com todo o sangue que derramou na cruz. E este preço infinito é o que nós tão vil, tão impia, e tão sacrilegamente desprezamos. Dizei-me, se quando na Missa se levanta o sangue de Christo no calix, houvesse algum, que em vez de o adorar e bater nos peitos, lhe voltasse o rosto, lhe fechasse os olhos, e com o gesto de ambas as mãos o regeitasse e lançasse de si, quem haveria que não abominasse tal homem, e, se podesse, o queimasse logo? Pois isto é o que fazeis, sem o entender, todas as vezes que desprezaes a graça de Deus. Ouvi ao mesmo Christo como já se queixava deste desprezo por bocca do Prophela: *Pretium meum cogitaverunt repellere:* [1] Chegaram os homens a tal extremo de cegueira e maldade, diz Christo, que en-

[1] *Psal.*, LXI, 5.

traram em pensamento de regeitar, e desprezar o meu preço. Ah, Senhor, que os mesmos que crêem em vós, e se chamam christãos, não só chegaram a entrar em tão abominavel pensamento, mas com os pensamentos, com as palavras, com as obras, e com tudo o que cuidam e fazem, desprezam e dão por nada este vosso preço! Nota aqui Hugo Cardeal, que em tudo o que se vende ou compra não ha um só preço senão dois. Um o preço da coisa comprada, outro o preço d'aquillo com que se compra: *Quod emitur, et quo emitur.* Estes são os dois preços que despreza todo aquelle que pecca, e vende ou troca pelo peccado a graça de Deus. Um o preço da graça, que Christo nos comprou com seu sangue, e outro o preço do mesmo sangue, com que nos comprou a graça. E se me perguntaes até onde chega este desprezo? Tremo de o dizer, mas é bem que o oiçaes e saibaes. Chega este desprezo não só a desprezar de qualquer modo a graça de Deus e o sangue de Christo, mas a metter debaixo dos pés, e pizar a mesma graça e o mesmo sangue e o mesmo Filho de Deus. São palavras expressas e tremendas do Apostolo S. Paulo: *Qui filium Dei conculcaverit, et sanguinem testamenti pollutum duxerit, in quo sanctificatus est, et spiritui gratiæ contumeliam fecerit;* [1] vêde se falla nomeadamente da graça, nomeadamente do sangue, e nomeadamente de Christo. Da graça a que faz tão grande injuria: *Spiritui gratiæ contumeliam fecerit:* do sangue, que reputa por digno de ser abominado: *Et sanguinem testamenti pollutum duxerit:* e do mesmo Christo, com expressão e reflexão de ser Filho de Deus, o qual piza e mette debaixo dos pés: *Qui Filium conculcaverit.*

Chegada a verdade e evidencia do nosso discurso a este extremo de impiedade e horror, que se não poderá crêr, nem imaginar, senão fóra de fé: bem creio que não haverá alma tão perdida, nem consciencia tão desesperada, que conhecendo o erro e cegueira em que atégora a soffreu a paciencia e misericordia divina, sem a deitar mil vezes no inferno, como pondera o mesmo S. Paulo, e como um tal desprezo do sangue de Christo e do preço do mesmo sangue merecia; bem creio, digo, que ninguem haverá, que não tenha mudado de

---

[1] *Hebr.*, x, 29.

resolução, e com verdadeiro arrependimento e dôr do passado, a não tenha feito muito firme de antepôr a graça de Deus a tudo quanto póde ter ou desejar neste mundo, em quanto no mesmo mundo, excepta só a sua graça, lhe póde dar o mesmo Deus. E para que isto não fique só em bons propositos, que podem esquecer, e tornar a ser vencidos do máu costume, acabo com declarar a todos, e lhe protestar da parte do mesmo Deus, sob pena de salvar ou não salvar, o que devem fazer.

Tudo se reduz a tres pontos, e muito breves, para que vos fiquem na memoria. O primeiro, que logo e sem dilação o que estiver em peccado se ponha em graça de Deus por meio do Sacramento da Penitencia, fazendo tão exacto e tão fiel exame, e confissão de toda a vida passada, como se aquella fosse a ultima para ir dar conta á Divina Justiça. O segundo, um total e firmissimo proposito de conservar a mesma graça e preservar nella, sem fazer caso de fazenda, honra, ou qualquer outro interesse e conveniencia humana, e com resolução de antes padecer mil mortes, que commetter um peccado mortal. Terceiro, não só conservar a mesma graça, mas procurar com todo o cuidado de a augmentar com o exercicio contrario de virtudes e obras christãs: com observancia dos preceitos divinos, com a frequencia dos Sacramentos, com a oração, com a esmola, com o jejum, e mortificação de todas as paixões da carne, com amôr dos inimigos, com o perdão das injurias, com a paciencia dos trabalhos, e conformidade com a vontade de Deus em todas as coisas que nesta miseravel vida ordinariamente são adversas: e como d'antes com os pensamentos, palavras e obras offendia ao mesmo Deus, assim d'aqui por diante as ordene todas com recta intenção a seu divino serviço e augmento de sua graça, na qual, tão brevemente como vimos, póde adquirir e multiplicar muito grandes thesouros, e recuperar em poucos dias de verdadeira contrição e amôr de Deus tudo o que esperdiçou e perdeu em toda a vida passada.

E porque deliberada e reduzida a alma a este segundo e felicissimo estado, é certo que não se descuidará o demonio em procurar de a derrubar delle com tentações; aqui entra o patrocinio e amparo da Senhora da Graça e seu santissimo nome, terrivel sobre todos ao mesmo demonio, nomeando-a, e invocando-a muitas

vezes no mesmo conflicto e dizendo: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege:* Maria Mãe da graça, Maria Mãe da misericordia, vós que só podeis fortalecer a nossa fraqueza, nos defendei deste cruel inimigo.

Assim prostrados diante de vosso soberano acatamento, como Throno da Graça vos pedimos unicamente esta, que vós estimastes sobre todas. E confiadamente, Senhora, vos fazemos esta petição debaixo da promessa do vosso Apostolo: *Adeamus ergo cum fiducia ad thronum gratiæ, ut misericordiam consequamur, et gratiam inveniamus in auxilio oportuna.* [1] Graça e misericordia nos promette debaixo do vosso amparo. E como nos póde faltar a graça, ou a misericordia, sendo vós, Maria, Mãe da graça, e Mãe da misericordia: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ:* Como Mãe da graça não só tendes abundantissima graça para vós, senão para vossos filhos, que somos os peccadores. O mesmo Anjo, que vos saudou dizendo: *Gratia plena*, accrescentou logo: *Spiritus Sanctus superveniet in te*: porque não só fostes cheia de graça, senão sobre cheia: *Plena sibi, superplena nobis*, como diz vosso devoto S. Bernardo: Cheia para vós, e para nós sobre cheia; com que destas superabundancias de graça não podeis deixar de partir liberalmente comnosco como Mãe de graça: *Mater gratiæ.* E muito menos o devemos desconfiar de vossa misericordia, como Mãe de misericordia, pois temos razão de vos pedir, ou demandar a mesma graça, não só de misericordia, senão de justiça. O mesmo Anjo vos disse: *Invenisti gratiam apud Deum:* Que vós achastes a graça. Quem acha o perdido, tem obrigação de o restituir a quem o perdeu, e se Eva nos perdeu a graça, vós como reparadora de todas as suas perdas, a deveis não só por misericordia, senão por justiça e por restituição a seus filhos. O mesmo inimigo que a ella tentou e venceu, nos tenta tambem a nós, e nos pertende vencer: pelo que, Senhora da Graça, a vós vos pertence defender-nos de suas tentações e astucias: *Tu nos ab hoste protege.* E não só vos dizemos, *Tu nos ab hoste protege*, mas para que esta protecção seja perpetua e segura até á morte, accrescentamos: *Et hora mortis*

[1] *Hebr.*, IV, 16.

suscipe. Este ditoso dia, Senhora, foi aquelle em que pagando como filha de Adão o tributo á morte, na mesma hora em que começou a vossa gloria, se consummou a vossa graça: pelo que, Senhora da Gloria, e da Graça, por vossa santissima morte nos concedei para a nossa uma tal hora, em que acabando esta miseravel vida em graça, na eterna e felicissima possamos acompanhar vossa Gloria.

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DO Ó *

Ecce concipies in utero, et paries Filium. [1]

I

A figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza, e conhece a geometria, é o circulo. Circular é o globo da terra, circulares as espheras celestes, circular toda esta machina do universo, que por isso se chama orbe, e até o mesmo Deus, se, sendo espirito, pudéra ter figura, não havia de ter outra, senão a circular. O certo é, que as obras sempre se parecem com seu auctor: e fechando Deus todas as suas dentro em um circulo, não seria esta idéa natural, se não fôra parecida á sua natureza. D'aqui é que o mais allumiado de todos os Theologos, S. Dyonisio Areopagita, não podendo definir exactamente a summa perfeição de Deus, a declarou com a figura do circulo: *Velut circulus quidam sempiternus propter bonum, ex bono, in bono, et ad bonum certa, et nusquam oberrante glomeratione circumiens.* Estes são os dois maiores circulos que até o dia da Encarnação do Verbo se conheceram; mas hoje nos descreve o Evangelho outro circulo em seu modo maior. O primeiro circulo,

---

* Foi prégado este Sermão na igreja de Nossa Senhora da Ajuda, na Bahia, no anno de 1640, com o SS. exposto. E' um Sermão rigorosamente encomiastico, rico em pensamentos e imagens sublimes e tem muita graça e novidade na conclusão. No original estas boas qualidades são flores perdidas entre a espessura de muitas hervas damninhas, commenta Honorati, que n'este Sermão cortou e ceifou impiedosamente.

[1] *Luc.*, I.

que é o mundo, contém dentro em si todas as coisas creadas: o segundo, increado e infinito, que é Deus, contém dentro em si o mundo, e este terceiro, que hoje nos revela a Fé, contém dentro em si ao mesmo Deus: *Ecce concipies in utero, et paries Filium: hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur.* [1] Nove mezes teve dentro em si este circulo a Deus; e quem pudéra imaginar, que estando cheio de todo Deus, ainda alli achasse o desejo capacidade e logar para formar outro circulo? Assim foi; e este novo circulo formado pelo desejo, debaixo da figura e nome do *O*, é o que hoje particularmente celebramos na Expectação do parto já concebido: *Ecce concipies, et paries.* De um e outro circulo, travados entre si, se comporá o nosso discurso, concordando (que é a maior difficuldade deste dia) o Evangelho com o titulo da festa, e o titulo com o Evangelho. O mysterio do Evangelho é a Conceição do Verbo no ventre virginal de Maria Santissima: o titulo da festa é a Expectação do parto, e desejos da mesma Senhora debaixo do nome do *O*. E porque o *O* é um circulo, e o ventre virginal outro circulo: o que pertendo mostrar em um e outro, é que assim como o circulo do ventre virginal na Conceição do Verbo foi um *O* que comprehendeu o immenso, assim o *O* dos desejos da Senhora na Expectação do parto foi outro circulo que comprehendeu o Eterno. Tudo nos dirão, com a graça do céu, as palavras que tomei por thema: *Ave Maria.*

II

Ecce concipies in utero, et paries.

Uma das maiores excellencias das Escripturas Divinas, é não haver nellas nem palavra, nem syllaba, nem ainda uma só lettra, que seja superflua, ou careça de mysterio. Tal é o mysterioso *O* que hoje começa a celebrar, e todos estes dias repete a Igreja, breve na voz, grande na significação, e nos mysterios profundissimo. Mas contra este mesmo principio, pa-

[1] *Luc.*, I, 31 e 32.

rece que no nosso Texto, com ser tão breve, não só temos uma lettra, senão uma syllaba, e uma palavra superflua. E que syllaba, e que palavra? *In utero:* dizendo o Anjo á Senhora: *Ecce concipies, et paries:* que conceberia, e pariria o Filho de Deus, bem claramente se entendia não só a substancia do mysterio, senão o modo e o logar; e que este havia de ser o sacramento virginal do ventre santissimo. Superfluo parece logo, sobre a palavra *concipies*, accrescentar, *In utero.* Mas esta embaixada deu-a o Anjo, mandou-a Deus, e refere-a o Evangelista: e nem Deus, nem o Anjo, nem o Evangelista, haviam de dizer palavras superfluas. A que fim, pois, quando se annuncia este oraculo (que foi o maior que veiu, nem virá jámais do céu á terra) se diz, e se repete por tres boccas, uma divina, outra angelica, e outra mais que humana, que o mysterio da Conceição do Verbo se ha de obrar signaladamente no utero ou ventre da Mãe: *Ecce concipies in utero?* Sem duvida, porque era tão grande a novidade, e tão estupenda a maravilha, que necessitava a fé de toda esta expressão. Haver-se Deus de fazer homem, novidade foi que assombrou aos Prophetas quando a ouviram. Porém que esse mesmo Deus, sendo immenso, se houvesse ou podesse encerrar em um circulo tão breve, como o ventre de uma Virgem: *In utero?* Esta foi a maravilha que excede as medidas de toda a capacidade creada.

Considerae a immensidade de Deus, e vereis até onde chega e se estende o significado desta pequena, ou desta grande palavra: *In utero.* Immensidade é uma extensão sem limite, cujo centro está em toda a parte, e a circumferencia em nenhuma parte: *Cujus centrum est ubique, circumferentia nusquam.* Ponde o centro da immensidade na terra, ponde-o no sol, ponde-o no céu empyreo, está bem posto. Buscae agora a circumferencia deste centro, e em nenhuma parte a achareis. Porque? A razão é porque sendo a terra tão grande, e o sol cento e sessenta vezes maior que a terra, e sendo o céu muitos milhões de vezes maior que o sol, e o empyreo, com excesso incomparavel maior que os outros céus, todas essas grandezas teem medida e limite, a immensidade não. Deus, por sua immensidade, como bem declarou S. Gregorio Nazianzeno, está dentro no mundo e fóra do mundo: *Deus in universo est, et extra universum.* Mas se fóra do mun-

do não ha logar, porque não ha nada, onde está Deus fóra do mundo? Está onde estava antes de crear este mundo. Se Deus não estivera neste espaço onde hoje está o mundo, não o pudéra crear: e como Deus fóra do mundo póde crear infinitos mundos, tambem está em todos esses espaços infinitos, a que chamamos imaginarios. E porque outrosim os espaços imaginarios que nós podemos imaginar, mas não podemos comprehender, não teem limite, por isso o centro da immensidade, que se póde pôr dentro ou fóra do mundo, nem dentro, nem fóra do mundo póde ter circumferencia. Comparae-me o mar com o diluvio. O mar tem praias, porque tem limite: o diluvio, porque era mar sem limite, não tinha praias: *Omnia pontus erat, deerant quoque littora ponto.* Assim a immensidade de Deus (quanto a comparação o soffre). Está a immensidade de Deus no mundo, e fóra do mundo, está em todo o logar, e onde não ha logar: está dentro, sem se encerrar, e está fóra, sem sahir, porque sempre está em si mesmo: o sensivel e o imaginario, o existente e o possivel, o finito e o infinito, tudo enche, tudo inunda, por tudo se estende: e até onde? Até onde não ha *onde:* sem termo, sem limite, sem horisonte, sem fim, e por isso incapaz de circumferencia: *Circumferentia nusquam.*

III

Mas, ó grandeza sobre todas as grandezas, ó milagre sobre todos os milagres, o do ventre virginal de Maria! Não se diga já que a immensidade de Deus não tem circumferencia, pois o ventre de Maria assim como Deus é immenso, o concebe todo dentro em si, assim como é immenso, o comprehende; assim como é immenso, o cerca. Aquella mesma immensidade de Deus, a que não podem fazer circumferencia os orbes celestes, nem o globo inteiro do universo, nem os espaços imaginarios sempre mais e mais infinitos, essa mesma immensidade, e não outra, é a que abraça, encerra, e contém dentro em si o circulo daquelle ventre purissimo. E se aquelle sagrado circulo verdadeiramente cerca ao mesmo Deus, quão grande elle é em toda sua immensidade; diga-se, sim, que o centro da

immensidade divina está em toda a parte: *Cujus centrum ubique:* mas não se diga já, que em nenhuma parte tem a circumferencia: *Circumferentia nusquam:* porque o circulo do ventre virginal é a parte onde tem uma circumferencia tão capaz, e tão cabal, que a todo Deus immenso, como é, abraça e cerca. Não é pensamento meu, senão do Propheta Jeremias, ou do mesmo Deus por sua bocca.

Creavit Dominus novum super terram: diz o Propheta Jeremias: [1] Creou Deus uma coisa nova sobre a terra, e tão nova, que nem na terra se viu, nem no céu se imaginou similhante. E que coisa nova e tão nova é esta? *Fœmina circumdabit virum:* [2] uma mulher, a qual ha de cercar o varão. O varão por antonomasia neste caso é o Verbo Eterno encarnado. Todos os outros homens, quando se geram e concebem no ventre da mãe, não são homens, nem ainda meninos: porque só teem a vida vegetativa, ou sensitiva, e ainda não estão informados com a alma racional: porém o Verbo encarnado, Christo, desde o primeiro instante de sua Conceição foi varão perfeito e perfeitissimo, não só com todas as potencias da alma e do corpo, senão tambem com o uso dellas. Assim como o primeiro Adão nunca foi menino, senão homem, e varão perfeito desde o instante de sua creação, assim tambem o segundo Adão, e com maior maravilha, porque foi varão perfeito, não em corpo e estatura varonil, como o primeiro: mas naquella quantidade minima, em que são concebidos os outros homens. Essa é a razão porque o mesmo Christo, a differença de todos os que nasceram de mulher, se chama em phrase da Escriptura, aquelle que foi gerado varão: *Vir oriens nomen ejus.* [3] Deste Varão pois, nunca minimo, e sempre homem, porque sempre Homem e Deus, deste é que falla Jeremias, quando diz que uma mulher o havia de cercar: *Fœmina circumdabit virum.*

Mas porque se declara este Propheta pela palavra cercar, termo tambem novo e inaudito? Isaias prophetisando o mesmo mysterio, disse: *Ecce Virgo concipiet, et pariet Filium, et vocabitur nomen ejus Em-*

---

[1] *Jer.*, XXXI, 22.
[2] *Ibid.*
[3] *Zach.*, VI, 12.

manuel: [1] que uma virgem conceberia, e pariria a Deus. Pois se Jeremias se tinha empenhado em dizer uma coisa nova, e nunca ouvida: *Creavit Dominus novum super terram;* porque a não pondera tambem pela maravilha da conceição e parto virginal: e em logar de dizer que a mulher de que falla conceberá e parirá a Deus feito homem, não diz que o conceberá e parirá, senão que o cercará: *Fœmina circumdabit virum?* Sem duvida, porque a maior maravilha do mysterio da Encarnação, é chegar nelle Deus a estar cercado. Estar Deus cercado dentro do ventre virginal, sendo immenso, foi fazer que a immensidade tivesse circumferencia e ajuntar a circumferencia com a immensidade, foi mais que ajuntar a virgindade com o parto. Ajuntar a virgindade com o parto, foi inventar Deus um nascimento digno da sua divindade; porque, como diz S. Bernardo, havendo Deus de ter Mãe, não podia ser senão virgem; e havendo uma virgem de ter um Filho, não podia ser senão Deus. Mas cercando a mesma Virgem dentro do claustro materno a todo Deus, e ajuntando a circumferencia com a immensidade, foi maior maravilha, e maior obra. Porque? Porque foi fazer outro immenso, maior que o immenso. Valha-me S. Boaventura: *Immensum vas non potest esse plenum, nisi immensum sit illud, quo est plenum: Maria autem vas immensissimum fuit, ex quo illum, qui cœlo major est, continère potuit.* [2] Suppõe, e prova juntamente o Doutor Serafico, que o ventre virginal foi immenso; porque a capacidade que recebe e contém dentro em si o immenso, não póde ser senão immensa. Deus é immenso; logo o ventre virginal que concebeu e teve dentro em si a Deus, tambem é immenso. E basta isto? Não: *Maria autem vas immensissimum fuit, ex quo illum, qui cœlo major est, continére potuit.* Não só diz que o ventre de Maria foi immenso, senão immensissimo. E porque, Theologo divino? Porque cercou a Deus. Quando um immenso cerca outro immenso, ambos são immensos; mas o que cerca, maior immenso que o cercado; e por isso, se Deus, que foi o cercado, é immenso, o ventre que o cercou, não só ha de ser immenso, senão im-

[1] *Isai.*, VII, 14.
[2] Div. Bonavent. in Speculo.

mensissimo. A boa philosophia admitte que póde haver um infinito maior que outro infinito; porque se houver infinitos homens, tambem os cabellos hão de ser infinitos; porém o infinito dos cabellos maior que o infinito dos homens. Pois assim como póde haver um infinito maior que outro infinito, assim póde haver um immenso maior que outro immenso. E tal foi o claustro virginal do utero de Maria: *Ecce concipies in utero.* Deus, que foi o concebido, immenso; e o utero, que o concebeu, porque o creou, immensissimo: *Maria autem vas immensissimum fuit.*

Ainda temos melhor auctor que S. Boaventura, com ser tão grande Doutor, que a Igreja o fez supernumerario aos quatro Doutores da Grega, e aos quatro da Latina. E que auctor é este? A mesma Virgem Senhora nossa. Fallando a Senhora de si no Cap. 24 do Ecclesiastico, diz estas palavras: *Gyrum cœli circuivi sola.* [1] O circuio que cerca o céu, eu só o cerquei. Admiravelmente dito. O circulo creado, que cerca o mundo, é o céu; o circulo increado e immenso, que cerca o céu, é Deus; e o circulo immensissimo que cercou a esse Deus immenso, é Maria: *Gyrum cœli circuivi sola.* Demos o seu a seu dono. O commento e o pensamento é de Richardo de Santo Laurentio: *Gyrum cœli, id est, illum, qui claudit omnia, Christum scilicet, qui est gyrus ingyrabilis, circuivi gremio uteri mei.* [2] O circulo que cerca o céu é aquelle que cerca e encerra em si todas as coisas, que é Deus. Este circulo, porém, por sua essencia e grandeza, é tal, que se não póde cerrar: *Gyrus ingyrabilis.* Não se podia declarar uma coisa tão nova, sem se fazer tambem uma palavra nova: *Gyrus;* porque Deus por sua immensidade cerca tudo: e juntamente *ingyrabilis;* porque essa mesma immensidade, como diziamos, o faz incapaz de circumferencia, e de poder ser cercado. Mas esse impossivel, que a essencia e definição da immensidade não permittia, venceu a capacidade, não só immensa, mas immensissima do utero e gremio virginal de Maria: *Illum, qui claudit omnia, qui est gyrus, ingyrabilis, circuivi gremio uteri*

---

[1] *Eccles.*, XXIV, 8

[2] Rich. a S. Laur. lib. 7.

mei. Isto é o que disse o Ecclesiastico, quando pronunciou em nome da Senhora: *Gyrum cœli circuivi sola.* Isto o que tinha prophetisado Jeremias, quando disse: *Fœmina circumdabit virum;* e isto o que lhe annunciou o Anjo, quando disse: *Ecce concipies in utero.*

IV

Já o dito atéqui bastava para que eu désse por desempenhada a promessa, de que o circulo do utero virginal foi um *O*, que comprehendeu dentro em si o immenso. Mas será bem que o mesmo immenso o diga, resumindo tambem a um *O* a sua immensidade. Appareceu Christo Senhor nosso ao Evangelista S. João na primeira visão do seu Apocalypse, e disse-lhe: *Ego sum alpha et omega, principium et finis:* [1] Eu sou o alpha, e o omega; porque sou o principio e o fim de tudo: o principio, em quanto Creador do mundo, e o fim, em quanto Reparador delle. Alpha e omega, são a primeira e ultima lettra do alphabeto grego, o qual começa em *A* e acaba em *O;* e esta foi a razão e o mysterio porque sendo Christo hebreu, e S. João tambem hebreu, não lhe fallou o Senhor em hebraico, senão em grego; porque o alphabeto grego acaba em *O*, e o hebraico não. O alphabeto hebraico tambem começa em *A*, que é o seu Aleph; e para significar na primeira lettra as obras da creação, em quanto Christo é principio, tanto servia o alphabeto hebraico, como o grego. Porém o Senhor usou do grego, sendo estranho, e deixou o hebraico, sendo natural e da propria lingua; porque para significar na ultima lettra o mysterio da reparação, em quanto o mesmo Christo é fim, só o *O* tinha propriedade e similhança. E esta similhança em que consiste? Consiste em que a figura do *O* é circular; e assim como o *O* é um circulo, assim o mysterio da Encarnação foi outro circulo: *Deus humanatus dicitur esse circulus, ut circumferentia dicatur humanitas, centrum autem divinitas.* [2] O mysterio da Encarnação do Verbo, diz

[1] *Apoc.*, I, 8.

[2] D. Bonavent. in Ps. 11, ad illud: In circuitu impii ambulant.

S. Boaventura, foi um circulo, porque vestindo-se Deus de nossa carne, a humanidade de Christo cercou e encerrou em si a divindade; e por este modo ineffavel ficou sendo a mesma divindade o centro, e a humanidade a circumferencia. Sendo pois o mysterio da Encarnação, que foi o fim e ultima perfeição de todas as obras de Deus, este perfeitissimo circulo; por isso Christo disse a S. João, que assim como elle, em quanto primeiro principio, é a primeira lettra *A;* assim em quanto ultimo fim, é a lettra *O: Ego sum alpha, et omega.*

Mas todos os que tiverem qualquer noticia dos elementos da lingua grega, porão aqui uma duvida, que está muito á flôr da terra, fundada no mesmo *O;* e no mesmo alphabeto. No alphabeto grego não ha um só *O*, senão dois: um que se chama omega, que quer dizer *O* grande, e outro que se chama omicron, que quer dizer *O* pequeno. Logo fallando Christo, como fallava, do mysterio de sua Encarnação, parece que se havia de comparar ao *O* pequeno e não ao *O* grande. O nome de grande não só em comparação do homem, mas absolutamente, e fóra de toda a comparação, compete á divindade. Pelo contrario a humanidade ainda comparada com outras creaturas, é pequena e menor que ellas: *Minuisti eum paulò minus ab Angelis.* [1] Pois se Christo fallava de si em quanto homem, porque se não compara ao *O* pequeno, senão ao *O* grande; e porque não diz: *Ego sum omicron*, senão *omega?* A razão é, porque fallando Christo da sua humanidade na metaphora de *O* e de circulo, não devia considerar nella o que era, senão o que cercava. Cercava a divindade do Verbo, cercava toda a immensidade divina; e um circulo de tão infinita capacidade, que fazia circumferencia á mesma immensidade, não podia formar um *O* que não fosse o maior de todos: *Ego sum alpha, et omega, principium, et finis.* Em quanto Deus, que é o principio, era alpha; em quanto homem, que é o fim, era omega. Mas sendo tão grande o omega, que encerrou dentro em si o alpha; sendo tão grande e tão immenso o *O*, que encerrou dentro em si o *A*, como podia ser *O* pequeno?

Para bem vos seja, Virgem purissima, esta gran-

[1] *Psal.* VIII, 6.

deza da humanidade de vosso Filho; e para bem outra vez, porque não seria tão grande a capacidade daquelle *O*, se do circulo onde foi concebido, a não participara. Manilio, no livro quarto da sua Astronomia, diz uma coisa admiravel, e é, que os que nascem debaixo do signo de Virgem, recebem desta influencia tal graça no escrever, que uma lettra sua contém uma palavra: *Hic et scriptor erit, felix cui littera verbum est.* Eu não direi o fundamento que teve Manilio para sahir com este exioma, nem os outros astronomos o commentam facilmente. Mas o certo é, que Christo nasceu debaixo do Signo da Virgem; o certo é, que Christo nesse mesmo mysterio diz de si que é um *O;* e o certo é, que esta lettra e este *O* contém a primeira e maior palavra, que é o Verbo Eterno: *Cui littera Verbum est.* Grande, singular, immensa capacidade do Filho, mas participada do utero virginal da Mãe, em que foi concebido, em quanto homem: *Ecce concipies in utero.* Em quanto Deus tambem Christo foi concebido no utero do Pae: *Ex utero ante luciferum genui te.* [1] Notae porém a differença, mais com pasmo que com admiração. O Pae Deus de tal maneira concebeu o Filho de Deus, que encerrou nelle toda a sua essencia em uma palavra; e a Mãe Virgem de tal maneira concebeu ao Filho Homem, que encerrou nelle a mesma essencia em uma lettra: a palavra é o Verbo, a lettra é o *O: Cui littera Verbum est.*

V

Assentado, como temos visto, que o circulo do ventre virginal na Conceição do Verbo foi um *O* que comprehendeu o immenso; segue-se agora mostrar como o *O* dos desejos da mesma Senhora na Expectação do parto, foi um circulo que comprehendeu o eterno. A eternidade e o desejo, são duas coisas tão parecidas, que ambas se retratam com a mesma figura. Os Egypcios nos seus geroglificos, e antes delles os Chaldeus, para representar a eternidade pintaram um *O;* porque a figura circular não tem principio, nem fim;

[1] *Psal.* CIX, 3.

e isto é ser eterno. O desejo ainda teve melhor pintor, que é a natureza. Todos os que desejam, se o affecto rompeu o silencio e do coração passou á bocca, o que pronunciam naturalmente é *O*. Desejou David a agua da cisterna de Belem, e antes de declarar aos soldados qual era o seu desejo, adiantou-se um *O* a dizer que desejava: *Desideravit ergo David, et ait: O' si quis mihi daret potum aquæ de cisterna quæ est in Bethlehem!* [1] O *O* foi a voz do desejo, as demais a declaração. E como a natureza em um *O* deu ao desejo a figura da eternidade, e a arte em outro *O* deu á eternidade a figura do desejo; se não ha desejo, se é grande, que na tardança e duração não tenha muito de eterno.

Os desejos da Virgem Santissima, que todos eram: *O'* quando chegará aquelle dia? *O'* quando chegará aquella ditosa hora, em que veja com meus olhos, e em meus braços ao Filho de Deus e meu? *O'* quando? *O'* quando? *O'* quando? Estes desejos da Senhora começaram na conceição, e acabaram no parto. Mas desejos que começaram e acabaram; desejos que tiveram principio e fim; como podiam ser eternos? Como podia egualar a duração de uma eternidade o espaço que foi sómente de nove mezes? Entre a Conceição e o parto não metteu o Anjo mais que um *Et: Ecce concipies, et paries.* Mas não é coisa nova nesta mesma embaixada trocar a Senhora alguma palavra do Anjo em outra. Assim como trocou o Eva em Ave, assim trocou o *Et* em *O*. E reduzidos os nove mezes ao circulo perfeito deste *O*, não é muito que fossem eternos. O mesmo *Et*, sem mudança, se não diz toda a eternidade, diz parte della, e na eternidade não ha parte que não seja eterna. No *Et* do Anjo começaram a ser eternos os desejos, que tambem então começaram a ser: e no *O* tão continuado e repetido da Senhora acabaram de cerrar o circulo da sua eternidade. Nem é contra a extensão natural da eternidade a limitação do tempo de nove mezes; porque não devemos conceder menos á capacidade do coração da Senhora, do que á do ventre santissimo. A maior capacidade que creou a natureza, é a do coração humano: e se o ventre de Maria foi capaz de encerrar o immenso, porque não seria capaz seu coração de estrei-

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XXIII, 15.

tar o eterno? O eterno e o temporal são tão oppostos como a eternidade e o tempo. A eternidade não conta dias, nem mezes, o tempo sim; que por isso contou nove desde a conceição até o parto da Virgem, a quem S. João Damasceno chamou: *Officina miraculorum*. E se nesta officina miraculosa o eterno se póde fazer temporal, o tempo porque se não poderia fazer eterno?

Naquella famosa carroça que descreve o Propheta Ezechiel, na qual ia ou era levado Deus, o artificio das rodas era admiravel; porque dentro de uma roda estava, ou se revolvia outra roda: *Rota in medio rotæ*. [1] E que duas rodas eram estas? Uma era a roda do tempo, e outra a roda da eternidade, diz Santo Ambrosio: *Rota in medio rotæ, veluti vita intra vitam, quod in hac vita corporis, vitæ volvatur usus æternæ*. A roda do tempo é pequena e breve, a roda da eternidade é grandissima e amplissima: e comtudo a roda do tempo encerra e revolve dentro em si a roda da eternidade; porque qual fôr a vida temporal de cada um, tal será a eterna, diz o Santo. De maneira, que a maravilha destas duas rodas era, que sendo a eternidade tão grande e tão immensa, a roda da eternidade se encerrava dentro da roda do tempo. Agora pergunto eu: E qual era a carroça de Deus, que sobre estas rodas se movia? Não só era a Virgem Santissima, como allegorisam os Santos Padres, mas era a mesma Virgem signaladamente no espaço dos nove mezes, que teve a Deus em suas entranhas. Assim como o que vae, ou é levado em uma carroça, não dá passo, nem tem outro movimento senão o da carroça; assim o Filho, em quanto está nas entranhas da mãe, não se move, ou muda de logar, senão quando se move a mesma mãe: e deste modo se houve ou andou Christo em todos os nove mezes que se contaram desde a sua conceição até o seu nascimento. Depois de concebido partiu logo ás montanhas de Judéa a santificar o seu Precursor; das montanhas tornou para Nazareth; de Nazareth foi a Belem; e não só nestas jornadas mais largas, mas em todos seus movimentos, nenhum passo deu a Magestade humanada, que não fosse na mesma carroça real, que por isso se chamava sua, como propria da Pessoa do Verbo. E como

[1] *Ezec.*, I, 16.

esta carroça de Deus representava a Mãe do mesmo Deus, em todo aquelle tempo que o trouxe dentro em si; por isso as rodas, sobre que se movia, eram fabricadas e travadas com tal artificio, que dentro da roda do tempo se revolvia a roda da eternidade; para significar, que os dias e mezes que passaram desde a conceição até o parto, posto que parecessem breves na duração, eram no desejo eternos.

VI

E se me perguntarem os philosophos, como podia o desejo fazer eternos aquelles dias, sendo de tão poucos mezes? Respondo, que o modo foi, e a razão é, porque os desejos da Senhora, e os *OO* dos mesmos desejos (que são tambem rodas) unidos e accrescentados á roda do tempo, posto que o tempo fosse finito, elles o multiplicavam infinitamente. Assim o disse David, fallando da mesma carroça de Deus: *Currus Dei decem millibus multiplex.* [1] O Chaldeu lê: *Centum millibus:* Santo Agostinho: *Millies millibus:* S. Jeronymo: *Innumerabilis:* Novatiano: *Infinitus, immensus.* Quer dizer, que o numero na carroça de Deus se multiplica a milhares, a dezenas de milhares, a centenas de milhares, a contos e milhões de milhares; em summa, que chega a ser innumeravel, infinito, immenso. Não se podéra declarar o que digo, nem com melhor comparação nem com mais apropriado exemplo que este da multiplicação da arithmetica: *Decem, centum, millies millibus, multiplex.* Sabeis como eram os *OO* dos desejos da Senhora, nos dias, nas horas, nos momentos de todos aquelles mezes da Expectação do sagrado parto, em que depois de concebido o Filho de Deus em suas entranhas suspirava pelo vêr nascido? Eram os *OO* dos desejos da Senhora na multiplicação do tempo como as cifras da arithmetica, que tambem são *OO*. Ajunta-se a cifra ao numero, e que faz? A primeira cifra multiplica dez, a segunda cento, a terceira mil, e se chegarem a vinte e quatro cifras, quantas são as horas do dia, multiplicam tantos milhares sobre milhares, e milhões sobre milhões,

[1] *Psal.*, LXVII, 18.

que excedem a capacidade de toda a comprehensão humana. Perguntam curiosamente os mathematicos, se desde o centro da terra até o céu estivesse todo este mundo cheio de area miudissima, quanto seria o numero daquelles grãos de area? Esta questão excitou já antigamente Archimedes, ainda mais estendida, e não é difficultosa de resolver; porque medida primeiro geometricamente a capacidade ou concavo do céu da lua, logo por demonstração arithmetica se colhe com certeza quanto seria o numero das arêas que o podem encher. Mas reduzido este mesmo numero innumeravel a figuras arithmeticas, parece coisa digna de admiração, que todo elle sommado se venha a resumir em uma unidade, e trinta e duas cifras sómente. Passemos agora dos *OO* destas cifras aos *OO* dos desejos da Senhora.

Os *OO* dos desejos da Virgem Santissima no espaço daquelles nove mezes, não se hão de contar por dias, nem por horas, nem por minutos, senão por instantes; porque não houve instante em todo este tempo, nem de dia, nem de noite, em que no coração da Senhora se não estivessem multiplicando os mesmos *OO*, suspirando e anhelando sempre por aquella hora que tanto mais tardava e se alongava, quanto era mais desejada. E digo nem de dia, nem de noite; porque ainda que o brevissimo somno dava suas tréguas aos sentidos, o coração, que não se podia apartar d'onde tinha o seu thesouro, como vela que sempre ardia, sempre vigiava: *Ego dormio, et cor meum vigilat.* [1] Pois se os *OO* de trinta e tres cifras multiplicavam ou multiplicariam aquelle numero sem conto; os de tantos e tão continuados instantes, que em cada parte de tempo são infinitos, vêde se o fariam eterno? A multiplicação artificial das cifras (sem mudarem a figura, que sempre é o mesmo *O*) consiste em que a segunda cifra excede proporcionalmente á primeira, a terceira á segunda, a quarta á terceira, e assim as demais. E a este mesmo modo se excederam, e iam excedendo tambem os *OO* dos desejos da Senhora, sendo sempre os seguintes maiores e mais intensos que os que tinham precedido. A razão theologica e connatural deste argumento, era porque a cada desejo da Mãe de Deus, cor-

[1] *Cant.*, v, 2.

respondia novo augmento de graça; a cada augmento de graça, maior amôr do mesmo Filho; e ao maior amôr, maior e mais intenso desejo. Assim que, sendo os circulos dos primeiros *O O* grandes, os que lhes iam succedendo mais e mais, sempre eram maiores. Dê-nos aqui o exemplo a natureza, assim como até-gora nol-o deu a arte.

Se acaso, ou de industria, lançastes uma pedra ao mar sereno e quieto, ao primeiro toque da agua vistes alguma perturbação nella; mas tanto que esta perturbação se socegou, e a pedra ficou dentro no mar, no mesmo ponto se formou nelle um circulo perfeito, e logo outro circulo maior, e apoz este outro, e outros, todos com a mesma proporção successiva, e todos mais estendidos sempre, e de mais dilatada esphera. Este effeito maravilhoso celebra muito Seneca no primeiro livro das suas Questões Naturaes, e delle aprenderam os philosophos o modo com que a voz e a luz se multiplicam e dilatam por todo o ar. Mas se a natureza na multiplicação e extensão destes circulos teve outro intento mais alto, sem duvida foi para nos declarar com a propriedade desta comparação o modo com que os *O O* dos desejos da Senhora, ao passo com que se multiplicavam, juntamente se estendiam. A Virgem Maria era o mar, que isso quer dizer Maria, a pedra era o Verbo encarnado, Christo: *Petra autem erat Christus:* [1] o primeiro toque da pedra no mar foi quando o Anjo na embaixada á Virgem lhe tocou em que havia de ser Mãe, com benção sobre todas as mulheres: *Benedicta tu inter mulieres.* [2] E que succedeu então? Duas coisas notaveis. A primeira, que a serenidade daquelle mar purissimo se turbou um pouco: *Turbata est in sermone ejus:* a segunda, que socegada esta perturbação: *Ne timeas Maria:* [3] no mesmo ponto em que a Senhora disse: *Fiat mihi secundum Verbum tuum;* e a pedra desceu a seu centro, logo os circulos que eram os *O O* dos desejos da Senhora, se começaram a formar e crescer no seu coração de tal sorte, que sempre os que se iam succedendo e multiplicando, á medida do amôr, que tambem

[1] *1. ad Cor.*, x, 4.
[2] *Luc.*, i, 28.
[3] *Ibid.*, 38.

crescia, eram mais crescidos tambem, e de maior e mais estendida esphera.

VII

Agora vejamos estes circulos, ou estes *O O* do desejo unidos ao circulo, ou á roda do tempo, que effeitos causaram nelle. Os effeitos foram, que sendo o periodo da Expectação do parto tão breve como de nove mezes, o fizeram eterno. E porque, ou como? Porque cresceu o desejo á proporção do amôr, e o tempo á proporção do desejo. Não me creaes a mim, senão aos dois maiores Doutores da Igreja, Nazianzeno entre os Gregos, e Agostinho entre os Latinos. S. Gregorio Nazianzeno com prefação de que affirma uma grande verdade, diz que um só dia de ardente e ancioso desejo, é egual a todo o tempo a que se póde estender a vida humana: *Profectò vel unicus dies totius vitæ humanæ instar est desiderio laborantibus.* A duração que as Escripturas dão commummente á vida humana, são cem annos; e se cada dia de desejos intensos se mede por cem annos de duração, e a cada dez dias respondem dez seculos, que são mil annos: vêde quantos milhares sobre milhares se podiam encerrar no circulo de nove mezes? E se isto affirma com tanta asseveração Nazianzeno, por antonomasia o Theologo, sem determinar objecto, nem sugeito, que seria se suppozesse que o objecto desejado era Deus, e o sugeito que desejava, o coração da Mãe de Deus? Por isso Santo Agostinho remetteu toda a questão a Deus, como Senhor dos tempos, e Auctor dos desejos. E diz que travou Deus o tempo com o desejo reciprocamente de tal sorte, que dilatando o tempo, estende o desejo, e estendendo o desejo, dilata o tempo: *Deus dilatando extendit desiderium.* Sendo pois os *O O* dos desejos da Senhora uns circulos tão estendidos, como vimos, bem se infere quão dilatados seriam nelles os circulos do tempo. Tão dilatados, que a roda do tempo póde comprehender em si a roda da eternidade: *Et rota in medio rotæ.* Mas para que é recorrer a argumentos de Doutores, se temos no proprio caso o testemunho expresso da mesma Senhora do *O*? E quando deu a Senhora este seu testemunho, e com que palavras? Com as mais adequadas ao seu pensamento, e as mais

bem medidas com os seus desejos. Disse que os seus desejos eram como o seu desejado: *Dilectus meus totus desiderabilis: dilectus meus totus desideria:* [1] O meu amado é todo para desejar, e os meus desejos são como todo elle. Assim o traslada e interpreta a versão chaldaica. E se os desejos da Senhora se mediam totalmente com o seu desejado, e o desejado era immenso, infinito, eterno; vêde se seriam tambem eternos os seus desejos!

Finalmente, para que não pareça encarecimento o que digo, deixae-me abater o discurso, para melhor o provar; e ouvi como os desejos de quem desejava muito menos, só por serem do mesmo desejado, foram tambem eternos. Quando Jacob despedindo-se de seus filhos na hora da morte lhes lançou a benção (a qual juntamente era benção e prophecia) o ultimo termo que signalou a todas as felicidades que lhes promettia, foi a vinda do Messias, a quem chama o desejo dos montes eternos: *Donec veniret desiderium collium æternorum.* [2] Grandes e mysteriosas palavras! Chama Jacob ao Messias, não o desejado, senão o desejo, porque havia de ser desejado tão singular e unicamente, que os desejos de todas as outras coisas em comparação deste desejo, nem eram, nem mereciam nome de desejos. Mas porque lhe não chama desejo dos homens, senão desejo dos montes e dos oiteiros: *Desiderium collium?* Por ventura porque até as creaturas insensiveis sem uso de razão, nem conhecimento de tanto bem o haviam de desejar a seu modo, e suspirar por elle? Assim explicam alguns este logar com a energia daquella mesma figura, com que disse o Poeta: *Ipsæ te Tityre pinus, ipsi te fontes, ipsa hæc arbusta vocabant.* Porém Jacob no verdadeiro sentido em que fallava, entendeu por montes e oiteiros, os Patriarchas e Prophetas, assim passados, como futuros, nos quaes só se conservava a fé explicita, de que o Messias havia de ser Filho de Deus. E por isso a Esposa, fallando da mesma vinda do Messias, dizia: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles.* [3] E chamam-se os Patriarchas e Prophetas,

---

[1] *Cant.*, v, 10.
[2] *Gen.*, XLIX, 26.
[3] *Cant.*, II, 8.

montes e oiteiros, porque assim como os montes e oiteiros se levantam sobre os valles, e estremando-se da outra terra, se avisinham mais ao céu, assim os Patriarchas e Prophetas, pela eminencia da dignidade, da santidade, e do conhecimento de Deus, em respeito do outro povo mal disciplinado e rude, e incapaz de tão altos mysterios, eram os montes e oiteiros do mundo. Mas agora entra a duvida, em que todos, creio, tendes já reparado, e é, porque lhes chama eternos: *Desiderium collium æternorum?* Os Patriarchas e Prophetas ainda que lhes demos a antiguidade desde o primeiro de todos, que foi Adão; de Adão até á morte de Jacob se passaram dois mil annos: e se a continuarmos depois de Jacob, desde a morte de Jacob, até á vinda do Messias, passaram outros dois mil. Quanto mais que nesta segunda edade as vidas dos homens, por mais Patriarchas e Prophetas que fossem, eram tão breves como as nossas. Pois se estes montes e oiteiros cahiam e se sepultavam e se desfaziam em cinzas em tão breve tempo; como lhes chama Jacob eternos: *Desiderium collium æternorum?* Na palavra *desiderium* disse Jacob o porquê. Não vêdes que o desejo desses Patriarchas e Prophetas em que viveram, todo era suspirar pela vinda do Messias, todo era clamar ao céu e a Deus, que acabasse já de vir: *Donec veniret?* O mesmo Jacob dizia: *Salutare tuum expectabo:* Moysés: *Mitte quem missurus es:* David: *Ostende nobis Domine misericordiam tuam, et salutare tuum da nobis:* Isaias: *Rorate cœli desuper, et nubes pluant justum: aperiatur terra, et germinet Salvatorem.* [1] E como os desejos dos Patriarchas eram tão intensos, e a tardança do bem desejado tão dilatada, ainda que o tempo das vidas fosse tão breve, a dilação dos desejos o fazia eterno. Eram grandes, eram santos, eram eminentissimos nas pessoas; mas muito mais se estendia nelles o tempo, do que os levantava a dignidade: a dignidade os fazia montes, e o desejo, eternos: *Desiderium collium æternorum.*

Nem mais nem menos tomou estas medidas David, a quem os desejos, e o desejado tocavam de mais perto: *Cogitavi dies antiquos, et annos æternos in mente ha-*

---

[1] *Gen.*, XLIX, 18. *Exod.*, IV, 13. *Psalm.* LXXXIV, 8. *Isai.*, XLV, 8.

bui. [1] Quando considero a antiguidade dos Patriarchas e Prophetas (assim entendem este logar os mais graves Expositores) quando considero os tempos antigos, a tradição dos Patriarchas, e a fé dos Prophetas, aquelles homens tão allumiados de Deus, que desde então esperavam e desejavam, o que eu hoje só desejo e espero; os dias no meu ententendimento são annos, e os annos eternidades: *Cogitavi dies antiquos, et annos æternos in mente habui.* Ainda tem maior mysterio a distinção e repartição destes tempos. A Adão revelou-lhe Deus, que se havia de fazer homem; mas não disse como, nem de quem; a Abrahão revelou-lhe que havia de ser da sua descendencia, e da sua nação: a David, que havia de ser da sua casa e da sua familia. E quanto mais de perto tocava este bem aos homens, tanto mais se excitava nelles o desejo, e tanto mais crescia com o desejo a dilação. Na antiguidade remotissima de Adão os momentos eram dias; na menos remota de Abrahão os dias eram annos; mas na mais proxima, e já visinha de David, os annos eram eternidades: *Et annos æternos in mente habui.* Tudo isto succedia segundo aquella regra natural, que quando o bem desejado está mais visinho, tanto é maior o desejo. Bem assim como a pedra no ar, que quanto mais se chega ao centro, tanto com maior velocidade se move: *Desiderium acuit absentis vicinitas*, disse com verdadeira sentença o Comico. E se esta visinhança já em David fazia do tempo eternidades, só porque sabia David que havia de nascer em sua casa; que seria no coração da Virgem Santissima, que já o tinha concebido em suas entranhas? Os dois que avaliaram estes desejos por eternos, foram nomeadamente David e Jacob, os mesmos dois de que o Anjo annunciou havia Christo de ser herdeiro: *Dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus, et regnabit in domo Jacob in æternum.* [2] E se Jacob e David, de tão longe reconheciam esta eternidade, como a não comprehenderia o coração da Senhora dentro nos *O O* dos seus desejos, tanto mais intensos, quanto mais visinhos; e tanto mais dilatados, quanto mais intensos? Um Patriarcha dizia: *O' Sapientia!* Outro suspirava: *O' Adonay!*

---

[1] *Psalm.* LXXVI, 6.
[2] *Luc.*, I, 32.

Outro clamava: *O' Radix Jesse!* Os demais: *O' Clavis David! O' Oriens! O' Rex gentium! O' Emmanuel!* Mas nenhum disse, nem podia fazer: *O' Filho!* E se os *O O* daquelles desejos faziam uns circulos tão dilatados, que eram eternos: *Desiderium collium æternorum: et annos æternos in mente habui;* que seriam os *O O* daquelle coração, e daquella Mãe, que o tinha concebido em suas entranhas, e o havia de vêr nascido em seus braços: *Ecce concipies in utero, et paries Filium?*

VIII

Certo estou já, que não haverá quem duvide que os desejos da Senhora foram eternos. O que só receio, pelo contrario, é que não falte quem ponha duvida a serem desejos. O bem (replicará algum philosopho) o bem, que é o objecto da vontade, assim como tem differentes tempos assim causa na mesma vontade differentes affectos. Porque o bem, ou é presente, ou passado, ou futuro: se é presente, causa gosto: se é passado, causa saudade, se é futuro, causa desejo. E como o bem, e summo bem, objecto dos affectos da Senhora, que era o Filho unico de Deus, e seu, não só o tinha presente, senão mais que presente, porque o tinha dentro em si mesma; parece que antes havia de causar em seu coração jubilos de gosto, e não ancias, nem desejos? Quem discorre desta sorte, ainda não tem entendido que a presença para ser presença, ha de ter alguma coisa de ausencia. O objecto da vista, para se poder vêr, ha de ser presente; mas se está pegado e unido á mesma potencia, é como se estivera ausente: ha de estar apartado dos olhos, para se poder vêr. Assim a presença para ser presença, não ha de passar a ser intima, nem ha de estar totalmente unida, senão de algum modo distante. E' a queixa de Narcizo, com verdadeira razão em historia fabulosa: *Quod cupio mecum est; inopem me copia fecit:* o que desejo, tenho-o em mim; e porque o tenho em mim, careço do que tenho. Pois que remedio: *Votum in amante novum:* o remedio é um desejo novo, qual nunca desejou quem amasse. E que desejo é este? *Vellem quod amamus abesse:* desejar que o que amo se ausente, e se aparte de mim. Tal era o desejo da Se-

nhora, e tal a razão do seu desejo. Carecia do mesmo bem que tinha, porque o tinha dentro em si. Por isso suspirava e desejava com ancia vêl-o já fóra: e esta era a causa dos seus *OO: Quis mihi det te fratrem meum, ut inveniam te foris:* [1] O' quem me dera Irmão, e Filho meu (Irmão, porque tomastes de mim a natureza humana, e Filho porque eu vol-a dei;) ó quem me dera vêr-vos já fóra de minhas entranhas; porque dentro nellas, posto que vos tenho e possuo, não vos posso gosar: *Ut inveniam te*, diz ainda com maior energia: O' quem me déra achar-vos! Como se dissera a anciosa Mãe, fallando com o mesmo Filho: No dia em que vos concebi, foi como se vos perdêra e vos escondesseis de mim, porque vos não posso vêr. Se me pergunta a fé onde estaes: *Ubi est Deus tuus?* [2] Respondo com toda a certeza, que dentro em mim. Mas se m'o perguntam os olhos, só lhes posso responder, que ainda vos busco, e suspiro por vos achar: *Ut inveniam te.* E sendo esta a presença do seu bem (ausente por muito presente) vêde se tinha razão a Senhora de o desejar còm ancias, e suspirar mais e mais por elle?

Deseja a Virgem Santissima gosar a seu Filho, ao modo com que o Padre Eterno o gosa, pois era Filho commum de ambos. Voae agora, se poderdes tanto, os que puzestes a duvida. Descreve o Evangelista S. João a geração eterna do Verbo, e diz que o Filho estava junto ao Padre, ou perto delle: *Et Verbum erat apud Deum.* [3] Aquelle *apud* assim como foi escandalo aos Arianos, assim tem sido reparo altissimo a todos os maiores Theologos. Não diz Christo fallando da mesma geração sua, em quanto Deus, que elle está no Padre, e o Padre nelle: *Ego in Patre, et Pater in me est?* [4] Pois porque não diz tambem S. João, que o Verbo estava no Padre, senão junto a elle: *Et Verbum erat apud Deum?* E se estava junto a elle, onde estava, e qual era o seu logar: *Ubi erat hoc Verbum? Quis erat locus ejus?* Pergunta Ruperto. E responde, que o logar onde estava o Verbo, era a distincção real, com

[1] *Cant.*, VIII, 1.
[2] *Psal.* XLI, 11.
[3] *Joan.*, I, 1.
[4] *Ibid.*, XIV, 10.

que a Pessoa do Padre se distingue do Filho, e a Pessoa do Filho se distingue do Padre: *Verbum erat apud Deum, ut de Personis non dubites, dum alteram audis esse, vel fuisse ad alteram.* O mesmo tinha dito antes delle S. Basilio, e depois de ambos o diz Santo Thomaz. Mas oiçamos discorrer altamente na materia altissima a Richardo Victorino. Deus é summamente bom, e summamente beato: em quanto summamente bom, é summa e infinitamente communicavel: logo não se podia communicar infinitamente, senão a quem tambem fosse Deus, e este é o Filho. Em quanto summamente beato, não podia ser, ou estar só; porque não ha felicidade sem companhia: logo quem lhe fizesse companhia nessa summa felicidade, havia de ser distincto delle; e esta é a distincção real, que ha entre o Filho e o Padre.

Neste segundo ponto, que é o nosso, as palavras de Richardo são: *Felicitas summa non potest esse unius solitarii sine consortio, Deus autem est summe felix, quare consortium debet habere.* E se alguem replicar, que antes de haver mundo, Deus estava só, porque sómente havia Deus? Responde Tertulliano contra Praxéas, distinguindo uma soledade da outra, tão profundamente como costuma: *Deus ante omnia solus erat, ipse sibi, et mundus, et locus, et omnia: solus autem, quia nihil extrinsecus præter illum. Cæterum nec tum quidem solus, habebat enim secum rationem suam, hanc Græci Logon dicunt.* Deus, antes do mundo, estava só, porque fóra de si não tinha produzido coisa alguma. Porém ainda então não estava só, porque estava acompanhado do Verbo, o qual tinha comsigo. Notae muito a palavra *Habebat secum.* De maneira, que na natureza divina summamente communicavel, não bastou que o Padre tivesse o Filho em si: *Ego in Patre:* mas para que o mesmo Padre não estivesse só, e para que fosse summamente beato, foi necessario que tivesse o Filho tambem comsigo: *Habebat secum.* E porque o não podia ter comsigo senão distinguindo-se realmente uma pessoa da outra, por isso foi juntamente necessario, que o Filho se distinguisse realmente do Padre, para que deste modo não só estivesse nelle, senão junto a elle: *Et Verbum erat apud Deum.* Estava o Filho no Padre pela identidade da natureza, e estava com o Padre pela distincção das Pessoas. E esta mesma differença, que fazia no Pae a

identidade e a distincção, fazia na Mãe a conceição, e havia de fazer o parto; porque depois da conceição tinha o Filho em si, e depois do parto havia-o de ter comsigo. E se na differença daquelle *in*, e daquelle *apud: Ego in Patre, et Verbum apud Deum*, consistia a razão da summa felicidade em Deus: *Deus autem est summè felix, quare consortium debet habere;* vêde se era bastante motivo na Mãe do mesmo Deus, ainda que o tivesse em si, desejar, e desejar summamente, tel-o junto a si!

Esta é a verdadeira philosophia, porque o bem presente póde causar desejos, e porque a presença para se lograr ha de ter alguma coisa de ausencia. O bem e summo bem da Senhora em quanto o tinha dentro em si, por muito presente fazia-o a presença invisivel; porém depois que o teve fóra de si e em seus braços, esta mesma distancia, que era parte de ausencia, fez que o podesse vêr e gosar. E se é propriedade do summo bem visto fazer as eternidades breves, que muito é que não visto, nem se podendo vêr, fizesse os dias eternos? Não acabava de entender S. Gregorio Nazianzeno, como podesse ser, que os annos que serviu Jacob por Rachel, lhe parecessem poucos dias; e no cabo achou e deu a verdadeira razão, a qual não era, nem podia ser outra, senão porque em todo aquelle tempo gozava Jacob a vista da mesma Rachel: *Cujus rei hæc fortasse causa erat, quia rei expetitæ conspectu fruebatur.* Se em quanto a Senhora tinha o bemdito fructo de seu ventre dentro em si, o pudéra vêr, então os nove mezes lhe pareceriam breves dias; mas como era bem e summo bem, por muito presente invisivel, todo o tempo em que o não via, nem podia vêr, se lhe fazia eterno; e por isso os seus desejos, como vimos, mudaram o *Et* do Anjo em *O*, consummando a eternidade, que no mesmo *Et* teve seu principio: *Ecce concipies, et paries.*

IX

Tenho acabado o sermão, e mais depressa por ventura, ou mais de repente do que imaginaveis. Todos esperavam que eu me lembrasse de duas obrigações mui precisas, das quaes parece me esqueci totalmente; porque tendo presente a Magestade Sacrosanta do divi-

nissimo Sacramento, e fallando a um auditorio tão grave e tão numeroso; como se não olhasse para o altar, nem para a Igreja, nem do Sacramento disse uma só palavra, nem ao auditorio dei um só documento. Este é sem duvida o reparo que todos fizestes nos dois discursos que préguei. E eu agora acabo de entender, que nem percebestes bem o primeiro, nem applicastes como devieis, o segundo; porque o primeiro todo foi do Sacramento, encarecendo a sua maior excellencia, e o segundo todo foi ao auditorio, dando-lhe a mais importante doutrina.

No primeiro discurso sobre as palavras: *Ecce concipies in utero:* não provei eu que o ventre virginal da Senhora pela conceição do Verbo encarnado fôra a circumferencia da immensidade, e um circulo que comprehendeu o immenso? Pois isso mesmo é o que a Omnipotencia divina tornou a obrar por nosso amôr no mysterio altissimo do Sacramento, encerrando naquelle circulo breve de pão toda a immensidade de seu ser divino e humano. Porque cuidaes que instituiu a Igreja, que a fórma da hostia consagrada fosse de figura circular, como foi desde seu principio, e se continuou sempre? Alguns quizeram na Grecia, que a figura da hostia fosse quadrada, para significar os quatro elementos de que é composto o corpo de Christo, e as quatro partes do mundo, sobre que tem absoluto e supremo dominio: mas prevaleceu a figura circular, não só porque no circulo se representa tambem a redondeza do mundo; mas, como diz S. Gregorio Papa, porque sendo figura que não tem principio, nem fim, em nenhuma outra se exprime mais claramente a eternidade, a infinidade, e a immensidade divina que naquelle milagroso circulo está encerrada. Assim se fez e assim se havia de fazer; porque muitos seculos antes da Encarnação do Filho de Deus, já era tradição dos Doutores hebraicos na exposição do Psalmo setenta e um, que o sacrificio do Messias, como sacerdote, segundo a ordem de Melchisedech, havia de ser em pão, e esse pão, formado em figura circular do tamanho da palma de uma mão: *Sacrificium Messiæ fore placentam rotundam, sicut est vola manus.* [1]

Mas para que são tradições, onde temos o ritual de

[1] *Psalm.* XXVI, 6.

David? *Circuivi, et immolavi hostiam vociferationis.* [1] Falla David de um sacrificio que offereceu a Deus em acção de graças (como consta de todo o Psalmo) e tal é o nosso sacrificio. Quando Christo o instituiu deu primeiro graças: *Gratias agens, fregit:* [2] e por isso se chama Sacramento da Eucharistia, que quer dizer acção de graças. E quaes foram os ritos ou cerimonias deste sacrificio? Tres coisas, diz o Propheta, que só como Propheta as podia antever e imitar. Diz, que fez um circulo á roda: *Circuivi:* diz que offereceu a hostia: *Immolavi hostiam:* e diz que a acompanhou, não com preces e orações, senão com brados e vozes: *Vociferationis.* No sacrificio com nome de hostia antevia e significava a que temos e adoramos presente: no circulo que fez em roda, a figura circular de que havia de ser formada, em representação da immensidade divina, que encerra dentro em si: e nas vozes não dearticuladas, senão a gritos, que queria significar David? Parece que tinha diante dos olhos a solemnidade deste dia. Desde o dia de hoje por diante até o do Nascimento do Senhor na cathedral de Toledo, onde começou esta instituição e em outras muitas Igrejas da christandade, a ultima clausula dos Officios Divinos são vozes sem concerto, nem harmonia, clamando todo o povo a gritos: *ó, ó, ó.* Isto é o quer dizer propriamente *Vociferationis.* E como o Divinissimo Sacramento é a segunda parte do mysterio da Encarnação (por onde S. João Chrysostomo lhe chamou Encarnação mais estendida), não é coisa alheia do espirito de David, antes mui propria dos seus fervorosos e arrebatados affectos, que á vista daquella sagrada hostia quando a sacrificava em figura, acompanhasse o mesmo circulo que fazia, exclamando elle, e fazendo exclamar a todos, com *O O* de jubilos, com *O O* de applausos, com *O O* de admirações. O' hostia, em que o sacrificado é Deus! O' circulo, que cercas e comprehendes o incomprehensivel! O' invento maior da sabedoria! O' milagre sem egual da omnipotencia! O' firmeza! O' excesso! O' extremo do amôr infinito para com os homens! Em fim todos aquelles *O O* que a Igreja resumiu em um só *O: O' sacrum convivium, in quo Christus sumitur!*

---

[1] *Psal.* XXIV, 6.
[2] *1.ª Epist. ad Cor.* XI, 24.

Esta foi a allegoria do meu primeiro discurso, toda dirigida, Senhor, á vossa divina e humana Magestade sacramentada. E a doutrina do segundo, em affectos tão sobrehumanos do primeiro exemplar das virtudes, tambem foi encaminhada toda á imitação dos ouvintes. Que ouvistes sobre as segundas palavras do thema: *Et paries Filium?* Ouvistes, que estando a Virgem Santissima toda cheia de Deus, ainda se não satisfizeram seus desejos, desejando ter comsigo ao que tinha em si, e acabar de vêr com seus olhos ao que estava escondido em suas entranhas. Ora applicae isto mesmo a vós. Nada menos do que a Virgem concebeu dentro em si, é o que nós recebemos dentro em nós, quando commungamos: ella ao Verbo, a quem deu carne; e nós ao Verbo encarnado: ella a todo Deus, tão immenso como é; e nós a todo Deus com toda sua immensidade. E d'aqui se colhe quão grande injuria fará ao mesmo Deus, quem, depois de o ter todo em si, ainda deseja outra coisa. Qualquer outro desejo do mundo neste caso, ou é declarada herezia, ou rematada loucura: ou herezia, porque é não ter fé; ou loucura, porque é não ter juizo. Condemnando Seneca a ambição monstruosa de Alexandre, disse com profunda sentença: *Inventus est qui aliquid concupisceret post omnia.* Basta que se achou no mundo um homem, que depois de ter tudo, ainda desejou mais alguma coisa? O tudo que possuia e dominava Alexandre, era nada; só Deus verdadeiramente é tudo. E que tendo um christão a Deus, e a todo Deus em si, ainda haja de desejar os nadas do mundo? O' cegos, ó enganados, ó perdidos, ó infieis desejos! Uma só coisa póde desejar licita e christâmente quem chegou a ter a Deus em si. E qual é? Chegar tambem a o ter comsigo, que é o que desejava a Senhora.

Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo: [1] uma só coisa desejo, diz S. Paulo, que é desatar a minha alma das cadêas do corpo, para estar com Christo. Tornae a dizer, Apostolo sagrado, que vos não entendo. Vós não dizieis que nesta mesma vida está Christo em vós: *Vivit verò in me Christus?* [2] Pois se Christo está em vós nesta vida, para que quereis deixar a vida, para estar com Christo? Porque vae muita

---

[1] *Philip.*, I, 23.
[2] *Galat.*, II, 20.

differença de estar Christo em mim, ou estar eu com elle. Estar Christo em mim, é possuil-o sem o vêr; estar eu com elle, é vêl-o e gosal-o. Esta é a mesma razão porque a Virgem tendo a seu Filho, e a seu Deus dentro em si, ainda desejava e suspirava; porque o desejava ter de modo, que o podesse vêr e gosar. E esta é tambem a razão (se temos uso de razão) porque tendo a Christo dentro em nós sacramentado e invisivel, esta mesma felicidade nos deve excitar o desejo da outra maior e felicissima,, que é chegar a estar com elle, onde o vejamos e gozemos por toda a eternidade. Para fartar a fome de todos os outros desejos, basta termos a todo Deus em nós: mas desta mesma fome já satisfeita, ha de nascer uma sède insaciavel de se romperem aquellas nuvens, e o vêrmos descobertamente na Gloria: *Sitivit anima mea ad Deum fortem vivum: satiabor cum apparuerit gloria tua.* [1] Estes hão de ser os *O O* dos nossos desejos, como eram os do mesmo Propheta: *Quando veniam, et apparebo ante faciem Dei.* [2] O' quando virá aquelle ditoso dia, em que appareça, meu Deus, diante de vós? O' quando chegará aquella hora em que vos veja face a face? O' quando se verá livre a minha alma do carcere deste corpo mortal, que lhe impede a vossa vista: *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?* [3] *O' Domine, libera animam meam?* [4] *O' Domine, salvum me fac? O' Domine, benè prosperare?* [5] Estes hão de ser os *O O* dos nossos desejos, e não os do mundo, os da cubiça, os da ambição, os do falso amôr, que não são *O O* senão *Ais: Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est.* [6] Virgem Senhora do *O*, esta é a graça que hoje vos devemos pedir todos, e a que eu em nome de todos vos peço de todo coração. Que reformeis todos nossos desencaminhados desejos; que os aparteis de todas as coisas temporaes e da terra; que os levanteis ao céu, e os encaminheis á eternidade; para que nella por vossa intercessão, e pelos merecimentos infinitos de vosso santissimo Filho, consigamos com a sua vista sem fim, o fim para que somos creados. Amen.

---

[1] *Psal.* XLI, 3, XVI, 15.
[2] *Ibid.*, XLI, 31.
[3] *Rom.*, VII, 24.
[4] *Psal.* CXIV, 4.
[5] *Ibid.*, CXVII, 25.
[6] *Ibid.*, CXIX, 5.

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇAO *

De qua natus est Jesus. [1]

I

Logar, pessoa, e tempo são aquellas tres circumstancias geraes, com que todo o orador se deve medir, se não quer faltar, nem exceder as leis desta nobilissima arte, que na natureza racional é a primogenita. Assim o desejei fazer hoje. E posto que a pessoa, ou pessoas, se concordam facilmente com o logar e com o tempo, nem o tempo com o logar, nem o logar com o tempo entre si, parece que têm possivel accommodação. As pessoas são as que se nomeiam nas palavras que propuz, Jesus e Maria: o logar é esta nossa Igreja da Senhora do Desterro; e o tempo é o dia de sua purissima Conceição. As pessoas se concordam facilmente com o logar do Desterro, porque a Mãe e o Filho ambos foram desterrados: e com a mesma propriedade se concordam com o dia da Conceição, porque a Mãe foi a concebida sem peccado original, e o Filho o que a remiu e preservou delle: mas o desterro e a conceição são dois extremos tão remotos e tão

---

* Foi prégado este Sermão na igreja de Nossa Senhora do Desterro, na Bahia, no Anno de 1639. E' um bello e engenhoso Sermão, commenta Honorati, o qual faz vêr que a combinação das circumstancias de alguma festa é para um valente orador fonte de pensamentos nobres e originaes e para os ouvintes materia d'instrucção tão agradavel como inesperada.

[1] *Math.*, I.

distantes, que muito menor distancia é a de Nazareth, onde a Senhora foi concebida, ao Egypto, para onde foi desterrada. Na consideração desta grande difficuldade quasi estive deliberado a me deixar vencer della: não me faltando exemplos muito auctorisados dos que não só com perdão, mas com applauso, o deixam, reputando esta circumstancia, ou por superflua e alheia do mysterio, ou por menos necessaria aos ouvintes. Mas porque os que veem de tão longe a este deserto trazidos só da nova devoção da Senhora do Desterro, se não ouvem fallar do mesmo desterro em qualquer dia que seja, tornam desconsolados; para satisfazer á piedade do seu affecto, e lhes compensar gostosamente o trabalho das passadas, não pude deixar de insistir outra vez no intento começado. Invocando pois o favor da Santissima Virgem, debaixo de ambos os nomes, e tornando a considerar com maiores impulsos, se entre o mysterio da sua Conceição e do seu desterro podia descobrir alguma razão de correspondencia; a que se me offereceu foi tão alta, tão propria, e tão cabal, que ella será a materia do sermão, e o emprego de todo o meu discurso. Para que eu possa dizer qual é, e provar o que disser de tal modo que fique persuadido, peçamos á mesma Esposa do Espirito Santo, que, como Senhora do Desterro, e Senhora da Conceição, nos assista com sua graça. *Ave Maria.*

II

Depois que propuz a materia deste sermão, e sem a declarar, encareci tanto a alteza e propriedade della, razão tenho para me parecer que estou vendo a todos os que me ouvem, tão suspensos, como alvoroçados, no desejo e curiosidade de saber qual seja. E bem creio que a nenhum tenha vindo ao pensamento qual possa ser a correspondencia entre dois mysterios tão diversos, e em todas suas circumstancias tão encontrados. A conceição se obrou no primeiro instante da vida da Senhora, o desterro na edade em que já era Mãe: a conceição em Galiléa, terra de fieis; o desterro no Egypto, região de gentios: a conceição a livrou do peccado original, e o desterro a sujeitou a todos os trabalhos de que foi causa o mesmo pec-

cado. Como se podem logo corresponder, e com grande propriedade, dois mysterios tão oppostos? Já o digo em duas palavras, para depois o demonstrar em muitas. Digo que os mysterios do desterro e conceição da Mãe de Deus, se correspondem não só altissima, mas tambem propriissimamente, porque o desterro da Senhora foi o desempenho da sua conceição: porque tudo o que deveu a seu Filho na conceição, lhe pagou no seu desterro. Dae-me agora attenção.

O maior e mais excellente beneficio de que a Mãe de Deus é devedora a seu Filho, não é a dignidade de a fazer sua Mãe, senão o privilegio de ser concebida sem peccado. Ambos foram beneficios singulares, que nem se concederam, nem se hão de conceder a outrem: *Nec similem visa est, nec habere sequentem;* mas a singularidade de ser concebida sem peccado, maior e muito mais excellente que a de ser Mãe de Deus. Não tenho menos legitima prova, nem menos qualificado Auctor desta que póde parecer duvidosa supposição, que a mesma Mãe que concebeu ao Filho de Deus, e foi concebida em sua graça. Concluido o mysterio da Encarnação do Verbo, e despedido o Anjo embaixador, partiu logo a Virgem, já Mãe de Deus, a visitar Santa Isabel, a qual a recebeu não nos braços, como faz crêr ao vulgo a phantasia dos pintores, mas prostrada a seus sacratissimos pés, como se deve ter por certo; e as palavras que disse foram estas: *Unde hoc mihi, ut veniat Mater Domini mei ad me?* [1]

De d'onde a mim tanto bem, que veja eu em minha casa a Mãe de meu Senhor? Assim fallou a Mãe, que havia seis mezes o era do Baptista, informada já por espirito prophetico da fé do mysterio, e confirmando o que dizia com os saltos e alvoroços do maior dos Prophetas, que tinha em suas entranhas. Mas que responderia a tudo isto a Virgem Maria? *Magnificat anima mea Dominum, et exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.* A minha alma louva e glorifica ao Senhor, e o meu espirito (que é a parte superior da mesma alma) se alegrou em Deus meu Redemptor. Notae, e reparae muito nestas ultimas palavras. Em Deus *meu Redemptor*, diz, e não em Deus *meu Filho*. Pois se o parabem que dá Isabel á Senhora, é de ser Mãe de Deus: *Ut veniat Mater Domini mei ad*

[1] *Luc.*, I, 43.

me; por que não diz que se alegrou seu espirito em Deus *seu Filho*, senão em Deus *seu Redemptor?* Por que muito mais estimou a Virgem immaculada, e muito mais alto logar teve em seu espirito a immunidade com que o Filho a preservou em quanto Redemptor, que a dignidade a que a sublimou em quanto Filho. Em quanto Redemptor remiu-a do peccado original na conceição; em quanto Filho fel-a Mãe de Deus no parto: e no juizo da mesma Senhora, em que não podia haver erro, mais digno de estimação foi o privilegio de ser concebida sem peccado, que a dignidade de ser Mãe de Deus. A razão para os Theologos é, por que a dignidade de Mãe de Deus pertence ás graças *gratis datas*, e a de ser concebida sem peccado, á santificante. E como o privilegio singular da conceição sem peccado, ainda comparado com a ineffavel dignidade de Mãe de Deus, é maior e mais excellente beneficio; muito mais obrigada e devedora ficou a Mãe de Deus a seu Filho, pela isentar e remir do peccado original, que pela fazer Mãe sua.

III,

Assentada a verdade desta gloriosa supposição, segue-se agora vêr como a Senhora podia satisfazer a esta grandissima divida, e como com effeito se desempenhou della, e a pagou. Para intelligencia deste ponto, que é o fundamento do nosso discurso, hão de saber os que ainda o não teem advertido, que neste mundo não houve um só Herodes, senão dois, e o primeiro muito peor e mais cruel que o segundo. Este segundo foi o que reinava em Jérusalem quando Christo nasceu: o primeiro foi o que deu occasião a que o mesmo Christo nascesse, e Deus se fizesse homem, o qual se chamou Adão: e foi Adão peor, e mais cruel Herodes que o de Jérusalem; porque Herodes matou os innocentes de dois annos para baixo, e Adão mata a todos seus descendentes no mesmo instante em que são concebidos. Os que matou Herodes, fel-os martyres; os que mata Adão, fal-os peccadores. E como Christo na conceição de sua Mãe a livrou da morte, em que, como filha de Adão, havia de ser concebida, e a mesma Mãe desterrando-se livrou ao mesmo Christo da morte, em

que, como innocente de Belem, havia de padecer a mãos de Herodes; esta foi a egual correspondencia, e o beneficio e preço tambem egual, com que a Senhora, por meio do seu desterro, pagou ao Filho tudo o que lhe devia na conceição: e por este modo, assim como o Filho foi especial Redemptor da Mãe, porque a livrou da morte, a que estava sentenciada, por haver de nascer de Adão; assim a Mãe, foi especial Redemptora do Filho, porque o livrou da morte, a que estava sentenciado, por ter nascido em Belem. Ninguem ignora que Christo Senhor nosso é Redemptor universal de todos os homens, porque a todos remiu do captiveiro e da morte, a que todos ficámos sujeitos por filhos de Adão: e se a Virgem Santissima tambem é filha de Adão, em que consistiu a especialidade com que seu Filho a remiu a ella, e não aos demais? Consistiu em que aos demais remiu-os do captiveiro depois de captivos, e da morte depois de mortos; porém a sua Mãe antes de morta, nem captiva, a remiu anticipadamente, para que o não fosse. E tal foi o nobilissimo modo de redempção, com que a mesma Mãe remiu tambem a seu Filho; porque o remiu das mãos de Herodes, antes de cahir nellas, e da morte que lhe queria dar, antes que lh'a désse: *Futurum est enim ut Herodes quærat puerum ad perdendum eum.*

E que este modo de livrar anticipadamente da morte seja verdadeiro remir, ouvi a prova que em materia tão debatida por ventura nunca ouvistes, nem se póde desejar mais adequada. Depois da famosa victoria contra o Gigante, David, que não só era valente, mas poeta e musico, compoz e cantou a Deus em acção de graças um Psalmo, no qual diz com termos exquisitos, não que o Senhor o livrára, mas que o remira da espada maligna: *Redemisti servum tuum à gladio maligno.* Por ventura o Gigante matou, feriu ou tocou a David com a sua espada? Tão longe esteve disso que nem a tirou da bainha. Pois se a espada do Golias não partiu a David desde a cabeça até os peitos, como costumam ser os golpes dos gigantes: se lhe não despedaçou membro por membro o corpo em tão miudos retalhos que os désse a comer, como elle dizia, ás aves: e finalmente se não chegou a executar em David nenhuma daquellas furias e crueldades, pelas quaes lhe chamou espada maligna; porque diz que Deus o remiu della: *Redemisti servum tuum à gladio*

maligno? Por que para Deus remir a David das mãos e da espada do Gigante, não era necessario que David cahisse nas suas mãos, nem que elle o ferisse com a espada. Antes por isso o remiu com redempção mais nobre e mais perfeita; por que antes de poder lançar mão á espada, já estava livre da sua espada e das suas mãos, e vencedor do mesmo Gigante. Se Deus depois de ferido David o sarára, ou depois de morto o resuscitára, seria um modo de o livrar muito milagroso, mas não seria o mais nobre, nem o mais honrado, assim para Deus, como para David: mas por que Deus o preservou da morte e das feridas, e do menor toque da espada do Gigante, não lhe permittindo que a arrancasse contra elle, por isso diz não simplesmente, que o livrou, senão propria e nomeadamente, que o remiu: *Redemisti servum tuum;* por que este modo anticipado não só é o mais nobre e o mais perfeito, senão o nobilissimo e perfeitissimo de remir.

Este foi o successo da batalha de David. Mudemos agora a campanha. Temos nella não um gigante, senão dois gigantes, nem um David, senão dois filhos de David. Os dois gigantes são o peccado original, e Herodes. Os dois filhos de David são Maria e Jesus. Ambos os gigantes estão poderosamente armados, e ambos com espadas, que por isso se chamam malignas, porque a ninguem pérdoam, a todos matam. A espada do original mata a alma, a espada de Herodes mata o corpo: e entre o perigo quasi inevitavel destas duas mortes se empenharam reciprocamente a Mãe e o Filho: o Filho a remir anticipadamente a Mãe da espada do original, e a Mãe a remir tambem anticipadamente o Filho da espada de Herodes. Difficultoso empenho por certo, mas venturosamente executado; porque matando e manchando a espada do original a todos os filhos de Adão, só Maria ficou isenta do golpe e da mancha; e matando a espada de Herodes a todos os innocentes de Belém, sem nenhum se lhe poder occultar, só Jesus escapou della livre e vivo! Vêde agora se se correspondem bem o mysterio da Conceição com o do desterro. O Filho na conceição Redemptor da Mãe, porque a remiu da espada do original: a Mãe no desterro Redemptora do Filho, porque o remiu da espada de Herodes: o Filho na Conceição empenhando a Mãe na maior divida: a Mãe no desterro desempenhando-se della, e pagando-a não só com egual, mas com maior preço.

IV

Bem estou vendo, que tambem o meu discurso se tem empenhado e individado com os doutos em algumas supposições que elle foi envolvendo na paridade que sigo entre um e outro mysterio; mas respondendo, como agora farei, á difficuldade de todas, dellas ficará mais provado e manifesto quão adequadamente pagou a Mãe no seu desterro o que devia ao Filho na sua conceição. Primeiramente a vida de que priva o peccado original, como dissemos, é a vida da alma: e a vida de que Herodes privou aos innocentes, e quiz tambem tirar a Christo, era a vida do corpo: logo se eu digo que a Senhora pagou com uma vida a divida da outra, parece que a paga de nenhum modo póde ser egual á divida: porque a vida da Mãe, que o Filho preservou, e remiu na conceição, foi a vida espiritual; e a vida do Filho, que a Mãe preservou e remiu no desterro, é a vida corporal: e a vida espiritual é tanto mais nobre, e de tanto maior preço que a corporal, quanto vae da alma ao corpo. Absolutamente, e fallando de sugeitos eguaes, assim é, que a vida espiritual é muito mais nobre, e de muito mais excellente valor, que a vida corporal: mas no nosso caso a vida corporal, que a Senhora remiu e salvou das mãos de Herodes, foi a vida corporal de Christo, a qual vida, posto que corporal, por ser vida de Deus, excede infinitamente a vida espiritual não só da mesma Virgem Maria, senão de todas as puras creaturas possiveis.

Notavel coisa é que no dia de Juizo, havendo de dar Christo Senhor nosso a bemaventurança em premio das obras de misericordia, só nomeie as corporaes, e das espirituaes nenhuma menção faça. Vinde, benditos de meu Padre, a gosar a gloria do céu: *Esurivi enim, et dedistis mihi manducare, sitivi, et dedistis mihi bibere;* porque tive fome e me déstes de comer, tive sede e me déstes de beber. E' certo que o premio deve ser proporcionado ao merecimento; o premio da bemaventurança, que consiste na vista clara de Deus, é espiritual e eterno; o merecimento, que consiste na esmola com que se dá de comer e beber ao pobre, é corporal e temporal no effeito, porque a vida

do pobre que com ella se sustenta, tambem é corporal e temporal. Que proporção tem logo, nem a esmola que se dá ao pobre, nem a vida do pobre que se sustenta com a esmola, para Deus a pagar com a bemaventurança, pois vem a ser pagar a vida corporal e temporal com a vida espiritual e eterna? Não ha duvida, que, absolutamente fallando, nenhuma proporção tem a esmola com a bemaventurança, nem a vida corporal e temporal do pobre, que della se sustenta na terra, com a vida espiritual e eterna, que ha de gosar no céu. Mas vêde o que diz o Senhor. Não diz, *porque déstes de comer e beber ao pobre*, senão, *porque me déstes de comer e beber a mim: Quia dedistis mihi manducare, et dedistis mihi bibere:* e como a vida corporal e temporal, que se sustenta e conserva no pobre, por privilegio e excesso da divina misericordia, passa a ser vida de Christo, essa vida de Christo sustentada pela esmola, posto que seja vida corporal e temporal, não só é egual no preço á vida espiritual e eterna da bemaventurança, mas como vida de Deus a excede infinitamente. O mesmo digo, e muito mais e melhor no nosso caso; porque a vida corporal do pobre, que sustentou a esmola, era vida de Christo só por acceitação e privilegio; porém a vida corporal, que a Senhora conservou e salvou, era propria, natural e realmente vida do Filho de Deus e seu. E como a soberana Virgem com a anticipada preservação desta vida corporal de seu Filho pagou a preservação tambem anticipada da vida espiritual sua, d'aqui se segue, que a paga com que satisfez por meio do seu desterro á divida que contrahiu na conceição, não só foi egual á mesma divida, mas a excedeu milhares e milhares de vezes, e com excesso de preço, que nem o mesmo Deus o póde reduzir a numero, porque foi infinitamente maior.

Competiu a Senhora nesta satisfação com seu Filho, não só em lhe pagar anticipadamente a graça recebida na conceição, que foi de preço, posto que singular finito: mas pagando-lhe o preço da mesma graça, que verdadeiramente foi infinito, porque foi o sangue derramado na cruz, com que especialmente a remiu. Como se dissera a Senhora: Vós, meu Filho, para me remir do peccado original comprastes-me aquella graça com o preço infinito de vosso sangue e da vossa morte: pois eu hei-vos de pagar esta fineza com

preço tambem infinito, que é o de vosso mesmo sangue, que quiz derramar Herodes, e da vossa mesma vida, que eu vos livrei e salvei da tyrannia de suas mãos. Vós destes o preço, e eu guardei-o, que não foi menos que dar-vol-o; porque se eu o não guardára, não o podereis vós dar quando o déstes. E tão infinito foi quando o déstes por mim na minha conceição, como quando eu vol-o guardei com o meu desterro. Feche-nos todo este discurso Hugo Cardeal em proprio e verdadeiro sentido, posto que com palavras menos elegantes. Falla do preço de nossa Redempção, á qual David chama copiosa: *Copiosa apud eum redemptio*, [1] e diz assim: *Copiosa dicitur redemptio, quia pretium sufficiens fuit ad redemptionem mille millium mundorum. Cum enim sit Christus pretium nostrum, qui est verus Deus, et verus homo, in infinitum excedit rem redemptam.* Chama David copiosa a Redempção, porque o preço della foi sufficiente a remir mil milhares de mundos. E a razão desta sufficencia sem numero, nem medida, é, por que o preço da mesma redempção foi a vida de Deus humanado, que excede ininfinitamente todas as coisas remidas. E como esta mesma vida de Deus foi a que a Senhora remiu e salvou das mãos de Herodes por meio do seu desterro, bem provado e demonstrado fica, que a divida contrahida, na Conceição, em que seu Filho a remiu do peccado, não só a pagou a Mãe superabundantemente, quanto ao beneficio da graça recebida, mas tambem infinitamente quanto ao preço della, pois o preço foi a vida do mesmo Christo, agora remida, para depois ser redemptora.

V

A segunda difficuldade que repugna, ou a segunda repugnancia que difficulta ser a paga da Mãe no desterro egual á divida do Filho na conceição, parece tão manifesta e palpavel, que se vê com os olhos e se toca com as mãos; porque Christo remiu a sua Mãe do peccado original morrendo na cruz por ella, e a Senhora remiu e salvou a seu Filho da espada de He-

[1] *Psalm.* CXXIX, 7.

rodes, não morrendo, senão desterrando-se sómente. Logo tanto faltou á paga para ser egual á divida, quanto falta ao desterro para ser morte. Concedo que assim é, mas digo que para o desterro ser morte, nenhuma coisa lhe falta. O desterrar-se é enterrar-se; e se ha alguma differença entre a morte e o desterro, é que o desterro não só é morte, senão morte e sepultura. A morte mata, mas não sepulta: e sendo assim, que para ser morto e sepultado não basta só a morte, para ser morto e sepultado basta só o desterro. Não póde negar esta egualdade, ou este excesso da paga o mesmo acredor da divida da Conceição, que é Christo, porque tudo quanto tenho dito do desterro são palavras tiradas da sua propria bocca em quanto Deus. Ouvi a maior e mais litteral prova deste que parece e não é encarecimento.

Levou Deus ao Propheta Ezechiel a um campo coberto todo de ossos mirrados e seccos, e era o campo tão grande, que não chegando a esphera dos olhos aonde sua largueza se estendia, foi necessario que o mesmo Deus lh'o fosse mostrando por partes: *Et circumduxit me per ea in gyro: erant autem multa valde:* [1] Sabes, Ezechiel, diz o Senhor, para que te mostrei esta multidão de ossos? E' para que lhes prégues como prégador, e lhes annuncies como Propheta o que ainda hão de ser. Fel-o assim o prégador Propheta, dizendo, ou bradando a todos desta maneira: *Ossa arida audite verbum Domini. Hæc dicit Dominus Deus ossibus his: Ecce ego intromittam in vos spiritum, et vivetis:* Ossos sêccos, ouvi a palavra de Deus. A todos estes ossos me manda dizer Deus, que lhe ha de introduzir outra vez o espirito, e que todos hão de viver. Prégado isto em geral, não pouco admirado Ezechiel do que dizia e não entendia, passou a referir em particular o que Deus, parte por parte, lhe tinha ordenado, e ao compasso das palavras se ia seguindo subitamente com maior admiração o effeito dellas. A primeira coisa que se viu e ouviu naquelle immenso auditorio, foi um grande reboliço, movendo-se todos os ossos, e indo cada um buscar a juntura dos outros do mesmo corpo: depois de juntos appareceram os nervos, que os ataram: depois de atados

[1] *Ezech.*, XXXVII, 2 e seg.

seguiu-se a carne, que os encheu: e depois de cheios estendeu-se por cima a pelle, que os vestiu. Mas posto que as estatuas dos corpos por fóra formadas em todos os membros, e por dentro organisadas com tudo o que pedia a harmonia de cada qual, estavam perfeitas, ellas comtudo, como verdadeiramente mortas e insensiveis, de nenhum modo se moviam. Então disse Deus ao Propheta, que de todas as quatro partes do mundo chamasse o espirito, para que se introduzisse, e animasse aquelles cadaveres; e no mesmo tempo em que o espirito se introduziu nelles, todos se ergueram vivos e se puzeram em pé, fazendo um exercito innumeravel: *Et ingressus est in ea spiritus, et vixerunt, steteruntque; super pedes suos exercitus grandes nimis valde.* Isto é o que viu Ezechiel, não sabendo se o que significava aquella tão extraordinaria visão, era coisa passada, ou futura: e verdadeiramente ainda era mais, porque continha o passado, o futuro, e tambem o presente.

Emfim, depois de todo aquelle apparato de circumstancias tão varias e portentosas, declarou Deus a Ezechiel o que significavam, e disse: *Hæc ossa universa domus Israel est:* Estes ossos são todos os filhos de Israël, que hoje estão desterrados em Babylonia comtigo. Admiravel caso, e se o mesmo Deus o não dissera, incrivel! Os filhos de Israël em Babylonia estavam vivos. Pois se estavam vivos, como os representa Deus ao Propheta em ossos descarnados e seccos? Se estavam vivos, como ainda depois de vestidos de carne e pelle, lhes chama o mesmo Deus mortos, *Insufla super interfectos istos?* Os mesmos homens mortos e vivos juntamente? Sim. Porque naquelle tempo e naquelle logar os filhos de Israël estavam desterrados, e o desterro e a morte, posto que aos olhos humanos pareçam coisas diversas, no juizo e estimação de Deus são a mesma coisa. O desterro é como a morte, e a morte é como o desterro: e se algum excede ao outro na miseria, não é a morte ao desterro, senão o desterro á morte; porque se o desterrar-se da patria é morrer, o viver no deserto é enterrar-se. Por isso o Oraculo divino uma vez lhes chamou cadaveres, e outra vez ossos seccos: cadaveres como mortos, e ossos seccos como sepultados. Não é commento meu, ou de algum expositor humano, senão declaração do mesmo Deus, fallando com os mesmos desterrados: *Ecce ego*

aperiam tumulos vestros, et educam vos de sepulchris vestris populus meus, et inducam vos in terram Israel: Consolae-vos, povo meu, filhos de Israël (diz Deus), porque ainda que neste desterro de Babylonia estaes mortos e sepultados, eu abrirei os vossos tumulos, e vos desenterrarei das vossas sepulturas, e vos restituirei á vossa patria resuscitados e vivos: *Cum dedero spiritum meum in vobis, et vixeritis.*

De maneira, que por testemunho irrefragavel, e oraculo infallivel da Suprema Verdade, o perder a patria é morrer, o morrer no desterro é sepultura, e o tornar para a patria resurreição. Ninguem argua logo, nem se atreva a affirmar, que na circumstancia de morrer não foi a paga da Senhora egual á divida; antes, segundo o rigor da palavra divina, devemos todos confessar, que foi muito avantajada na duração; porque a sepultura do Filho morto, escassamente chegou a tres dias; e a sepultura da Mãe tambem morta, porque desterrada, durou sete annos inteiros; verificando-se no seu desterro do Egypto, o que Deus disse aos desterrados de Babylonia: *Aperiam tumulos vestros, et educam vos de sepulchris vestris.*

VI

Parece-me que ninguem haverá tão incredulo, que depois de ouvir o que até os ossos sêccos ouviram, duvide a egualdade da correspondencia com que a Mãe, livrando ao Filho da morte por meio do seu desterro, pagou o que devia ao mesmo Filho em o preservar, e livrar por meio tambem da morte na sua conceição. Mas desta mesma egualdade assim provada e concedida, resulta outra nova objecção, a que podemos chamar a terceira difficuldade, e parece que tem muito difficultosa resposta. Quando o Filho morreu na cruz, para salvar e livrar a Mãe do peccado original, morreu elle só, e a Mãe não: quando a mesma Mãe se desterrou ao Egypto, para salvar e livrar o Filho da tyrannia de Herodes, não só se desterrou a Mãe, senão tambem o Filho: logo em um e outro modo de salvar houve grande differença: porque o preço da cruz todo foi á custa do Filho, e não da Mãe, e o preço do desterro, não só foi á custa da Mãe, senão da Mãe, e jun-

tamente do Filho. Assim parece, mas não foi assim. A vantagem do custo, se a houve, toda foi da parte da Mãe e do desterro, e não da parte do Filho e da cruz.

A primeira razão desta resposta é, por que muito mais acompanhou a Mãe ao Filho nas dôres da cruz, do que o Filho á Mãe nos sentimentos do desterro. Quem poderá negar, que muito mais padeceu a Senhora ao pé da cruz a morte do Filho, do que podia padecer o Filho nos braços da Mãe o desterro de ambos? Estando em pé junto á cruz, tudo o que padecia o Filho no corpo, padecia a Mãe na alma. E deixados os encarecimentos não só da conformidade reciproca, mas da identidade deste padecer, que consideram e celebram os Santos; o que não admitte duvida é a fé do que prophetisou Simeão, *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius:* e se os fios da mesma espada trespassavam o coração de ambos, vêde se o preço da Redempção se pagou só á custa do Filho! Por isso a theologia á bocca cheia não duvida conceder á Mãe o titulo de Co-Redemptora. Mas passemos do Calvario ao desterro. Christo Redemptor nosso, como por amôr de nós não só se quiz fazer homem, senão tambem menino, na edade da infancia em que succedeu o desterro, só tinha o conhecimento, e sentimento das coisas que costumam ter os meninos naquella edade. [1] Isto se entende não das sciencias sobrenaturaes com que conhecia tudo, mas da sciencia natural acquisita, que é a que naturalmente influe nos actos do sentimento. E d'aqui se segue, que o soberano Menino não sentiu o seu desterro, nem o da Mãe, porque o não conhecia. Ambos sahiam de Nazareth, e perdiam a patria; mas o Menino nem conhecia a patria, nem a perda. E porque o conhecimento dos males é a medida do sentimento delles, esta foi a manifesta e summa differença da Mãe no sentimento das penas do Calvario. E já póde ser que este fosse o mysterio, com que a Senhora junto á cruz se chama Mãe e mulher, e o Menino no desterro só se chama Menino, e não Filho. A Senhora, junto á cruz, Mãe e mulher: *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus: Mulier, ecce filius tuus:* e o Menino, no desterro, só Menino e não Filho: *Tolle*

[1] D. Th. 3. p. q. 9. art. 4. Vas. in 3 p. q. t. 1. disp. 55.

puerum, et Matrem ejus. E porque? Porque a Senhora na cruz sentiu as penas do Filho, como Mãe, pelo affecto do sangue; e como mulher, pelo conhecimento e reflexões da edade: porém o Menino no desterro, nem como Filho sentia a peregrinação da Mãe, nem como Menino a sua, porque nem uma, nem outra conhecia. Esta é a primeira razão, ou resposta da nossa duvida, não menos qualificada que com a auctoridade do sapientissimo Abulense.

Agora direi eu a minha. Digo que o preço da Redempção, com que a Senhora, por meio do seu desterro, remiu e salvou o Filho das mãos de Herodes, todo foi á custa da mesma Mãe, e nada do Filho, porque só a Mãe foi a desterrada, e o Filho não. Mas como póde isto ser, se a mesma Mãe, partindo e caminhando para o desterro, levou o Filho em seus braços? Por isso mesmo. A Senhora, sahindo de Nazareth, desterrou-se, porque Nazareth era a sua terra, e a sua patria; porém o Filho, sendo levado nos braços da Senhora, não se desterrou, porque a terra e patria do Filho de Deus, e da Virgem, é a mesma Virgem de quem nasceu. Haverá quem nos diga e prove isto? Sim, e não menos que o pae ou avô de ambos, David. *Benedixisti Domine terram tuam.* [1] Vós, Senhor, (diz David fallando com Deus) fizestes bemdita a vossa terra. Toda esta terra em que vivemos, é de Deus, mas depois do peccado de Adão não é terra bemdita, senão maldita: *Maledicta terra in opere tuo.* Que terra logo é esta bemdita, a quem David chama terra de Deus? E' aquella a quem disse o Anjo: *Benedicta tu in mulieribus;* [2] e a quem disse Isabel: *Benedicta tu inter mulieres, et benedictus fructus ventris tui.* E por que razão a bemdita entre todas as mulheres, que é a Virgem Maria, se chama terra de Deus, *Terram tuam?* Porque depois que Deus nasceu nella, e della, ella é a sua terra e a sua patria. *Terram tuam, id est beatam Virginem,* diz Hugo de Santo Charo. E como a bemdita e bemditissima Virgem era a terra e patria de seu filho, nesta jornada ao Egypto a Mãe foi a desterrada, e o Filho não. A Mãe a desterrada, por que deixou a sua terra, que era Nazareth: mas o Filho

[1] *Psalm* LXXXIV. 1.
[2] *Luc.*, I, 28 e 42.

de nenhum modo desterrado, porque levava a sua terra comsigo, ou a sua terra o levava a elle. *Terram tuam.*

Não sei se reparastes bem em uma coisa, que cada dia repetimos, e é, chamar-nos a Igreja *Exules filii Evæ:* os desterrados filhos de Eva. Nós não só somos filhos de Eva, senão de Eva, e de Adão: e não só Eva foi desterrada do Paraiso, senão tambem Adão, e juntamente com ella. Pois se o pae e a mãe ambos foram desterrados, nós que somos filhos de ambos, porque havemos de ser os desterrados filhos de Eva, e não os desterrados filhos de Adão? Porque fallaria muito errada, e muito impropriamente quem de outro modo nos chamasse. E' verdade que Adão e Eva ambos foram lançados do Paraiso, mas a desterrada só foi Eva, Adão não. E porque? Porque Eva foi creada no Paraiso, Adão não, senão fóra delle. E como Eva foi creada no Paraiso, quando Deus a lançou do Paraiso, então verdadeiramente foi desterrada, e por isso nós propriamente somos os desterrados filhos de Eva. Pelo contrario, Adão quando foi lançado do Paraiso, tão fóra esteve de ser desterrado, que então é que tornou para a sua terra, como o mesmo Deus lhe disse: *Revertatur in terram de qua sumptus est:* Torne para a terra de que foi formado. Não póde haver historia nem prophecia mais propria do nosso caso. A terra de que foi formada a humanidade do segundo Adão Christo, foi a terra bemdita e virginal da sempre Virgem Maria: *Terra de qua sumptus est.* Pois assim como sendo lançados do Paraiso Adão e Eva, Eva só foi a desterrada, porque sahiu da sua patria, e Adão não foi desterrado, porque indo para a terra de que fôra formado, foi para a sua terra; assim na jornada do Egypto, a Mãe e o Filho ambos sahiram de Nazareth, mas só a Mãe como segunda Eva foi desterrada, e o Filho como segundo Adão não: porque a Mãe deixou a terra em que tinha nascido, e o Filho levava comsigo, ou era levado da terra d'onde nascêra: *Terram de qua sumptus est.*

VII

Respondidas por este modo as difficuldades, e não só satisfeitas e desfeitas as objecções, mas convertidas todas em vantagens, bem provada parece que fica a

verdade do nosso assumpto, e quão comprida, e superabundantemente pagou a Virgem Senhora nossa, por meio do seu desterro, as finezas que devia ao Filho no singular privilegio da sua purissima Conceição. E se dermos um passo adiante sobre este mesmo fundamento, com verdade não menos evidente podemos inferir, que não só ficou a divida, de que era acredor o Filho, paga e satisfeita, mas o mesmo Filho novamente endividado, e dobradamente devedor á Mãe. Com elegante apostrophe disse S. Methodio á Virgem Maria, que devendo todos a Deus tudo quanto teem, só ella tem sempre por devedor ao mesmo Deus: *Euge, quæ Deum debitorem semper habes.* A razão natural deste dito é fundada naquella certa philosophia, com que disse Aristoteles, que aos paes ninguem póde pagar o que deve, porque lhes devemos o ser e a vida. E d'aqui se segue, que pelo beneficio e effeito do desterro sobre o da Encarnação, ficou o Filho de Deus e da Virgem duas vezes obrigado a sua Mãe, e dobradamente devedor seu, como dizia: porque o ser e a vida que uma vez lhe tinha dado pela Encarnação, livrando-o por meio do seu desterro das mãos de Herodes, lh'a tornou a dar outra vez, como se outra vez o gerára.

Prove o Pae o que dizemos da Mãe. Fallando o Eterno Padre com o mesmo Filho seu e da Virgem, no Psalmo segundo diz, que é seu Filho, e que o gerou hoje: *Filius meus es tu, ego hodie genui te.* A palavra *hoje* significa dia determinado, e não ha duvida que falla do dia da Encarnação, porque o mesmo Verbo que o Padre tinha gerado *ab eterno* em quanto Deus, naquelle dia o gerou temporalmente em quanto homem. E isto se confirma claramente de tudo o que o Padre continua a dizer no mesmo Psalmo. Mas não pára aqui a significação da mesma palavra *hoje*, porque S. Ambrosio, S. Hilario, S. João Chrysostomo, e outros graves Expositores, dizem que não só significa determinadamente o dia da Encarnação, senão tambem o da Resurreição. Têm por si o Texto do Apostolo S. Paulo, o qual depois de inferir as mesmas palavras, *Ego hodie genui te*, accrescenta, que quando Deus tornou a introduzir a seu Filho no mundo, mandou a todos os Anjos, que o adorassem: *Cum iterum introducit primogenitum in orbem terræ, dicit: Et adorent eum*

omnes Angeli ejus. [1] De sorte que duas vezes introduziu o Eterno Padre a seu Filho neste mundo: a primeira vez no dia da Encarnação, em que lhe deu o ser e vida de homem, e outra vez no dia da Resurreição, em que depois de morto lhe tornou a dar o mesmo ser, e a mesma vida. E em ambos, e cada um destes dois dias diz o mesmo Padre, que gerou a seu Filho: *Ego hodie genui te:* porque o livral-o da morte no dia da Resurreição, foi como se outra vez o gerara. Isto é o que o Padre diz de si, e isto mesmo o que eu digo da Mãe. O Pae, quando livrou a seu Filho da morte por meio da Resurreição, diz que o gerou outra vez, e se o Padre gerou outra vez a seu Filho, quando o livrou da morte por meio da Resurreição; quem negará que tambem a Mãe gerou outra vez ao mesmo Filho, quando o livrou da morte por meio do seu desterro? Não ha duvida, que, assim o Pae, como a Mãe, geraram segunda vez ao mesmo Filho; porém a Mãe com maior propriedade, e maior vantagem, porque não só o livrou como Mãe, mas como Mãe anticipadamente preservada do original pelo mesmo Filho. O Pae livrou-o da morte depois de morto, a Mãe livrou-o anticipadamente para que não morresse. Assim havia de ser para que a paga do desterro se ajustasse em tudo á divida da Conceição.

Logo não só Christo ficou pago, senão devedor, como eu inferia, e dobradamente devedor. Uma vez devedor do ser e da vida que lhe deu a Mãe pela Encarnação, e outra vez devedor da mesma vida, que lhe salvou e remiu pelo desterro. S. Bernardo, considerando que Deus o creou, e que Deus o remiu, confessa que duas vezes se deve a si mesmo, e duas vezes todo a Deus: *Si totum me debeo pro me facto, quid addam jam pro me refecto?* [2] Já o tinha dito antes S. Ambrosio, convencido da mesma consideração, com que tambem nos convence: *Ergo redemptus à Domino, servus es, qui creatus es, servus es, qui redemptus es: Et quasi domino servitutem debes, et quasi Redemptori.* [3] Creado e remido por Deus, sois de Deus, porque vos creou, e sois de Deus, porque vos remiu: e por estes dois titulos

---

[1] *Ad Hebr.*, 1, 6.
[2] S. Bernard. Tract. de diligendo Deo.
[3] Ambr. lib. de Isaac, Cap. 3.º

vos deveis duas vezes a Deus, uma vez como Creador, e outra como Redemptor. O' Virgem gloriosissima do Desterro, sempre gloriosa acredora de vosso Filho, mas dobradamente quando desterrada. Tudo o que os homens somos obrigados a confessar que devemos a Deus, é obrigado o mesmo Deus a confessar que vos deve a vós: na Encarnação devedor vosso, porque o creastes; no desterro outra vez devedor vosso, porque o remistes: na Encarnação Mãe do Creador; no desterro Redemptora do Redemptor.

VIII

Assim endividou a Mãe de Deus a seu Filho, quando lhe pagou com o desterro, o que lhe devia na Conceição. Mas não só o endividou a elle, senão tambem a todos nós. E porque? Porque quando por meio do seu desterro foi Redemptora do Redemptor, foi tambem Redemptora de todo o genero humano. Funda-se esta proposição em uma theologia certa, que melhor que todos declarou S. Pedro Chrysologo: *Christus totam causam nostræ salutis occiderat, si se parvulum permisisset occidi.* Que se Christo morrêra nesta edade em que Herodes o queria matar, juntamente pereceria a redempção do mundo, e a salvação do genero humano. Assim é, ou assim seria; porque ainda que a morte do Filho de Deus em qualquer tempo, e em qualquer edade, era preço mais que abundantissimo para a redempção do genero humano; comtudo como a Santissima Trindade tinha decretado de não acceitar em seu resgate senão a morte de cruz, e tudo o mais que o Senhor padeceu, sendo os decretos de Deus immudaveis, qualquer destas condições que faltasse ficava a redempção do mundo frustrada. E que fez a Virgem Maria por meio do seu desterro? No effeito salvou a vida do Filho, e na causa salvou a de todos: no effeito salvou o Redemptor, e na causa salvou a Redempção, a qual pereceria, se elle então morresse: *Totam causam nostræ salutis occiderat.* D'onde se segue, que assim como o Filho lhe deveu a sua redempção, assim nós lhe devemos a nossa: e assim como pelo seu desterro foi a Senhora Redemptora do Redemptor, assim pelo mesmo acto foi Redemptora tambem de todo o genero humano.

No mesmo Egypto, para onde a Senhora foi desterrada, temos a prova. Quando José declarou a El-rei Pharaõ o mysterio dos sonhos, e não só ensinou, mas executou o remedio com que nos sete annos da fartura se havia de fazer a prevenção para os outros sete annos da fome, mudou-lhe o mesmo Pharaõ o nome, e mandou que d'alli por diante fosse chamado na lingua egypciaca, salvador do mundo: *Vertit nomen ejus, et vocavit eum lingua egyptiaca salvatorem mundi.* Não reparo na mudança do nome, mas na grandeza delle sim, porque ainda que a acção e industria o merecia grande, parece que não se estendia a tanto. Se livrou da fome ao Egypto, chame-se salvador do Egypto, mas salvador do mundo todo; porque? A Escriptura o declara logo, e é a razão tão cabal como admiravel ao nosso proposito: *Omnes provinciæ veniebant ad Egyptum, ut emerent escas, et malum inopiæ temperarent:* Foi a fome tão universal em todo o mundo, que todas as provincias vinham ao Egypto buscar o remedio da vida: e como a prevenção de José, não só proveu do mantimento ao Egypto, senão a todas as provincias do mundo, por isso com muita razão se chama, não só salvador do Egypto, senão do mundo todo. Em quanto livrou da fome ao Egypto, salvador do Egypto, e em quanto o Egypto livrou da fome ao mundo, salvador do mundo. E' tão similhante a consequencia de caso a caso, que quasi não tem necessidade de applicação. Em quanto a Virgem Maria, por meio do seu desterro, salvou a vida do Salvador, foi Salvadora do Salvador. Mas em quanto da vida do mesmo Salvador naquella edade, dependia como de causa o salvar-se ou não o genero humano: *Totam causam nostræ salutis occiderat, si se parvulum permisisset occidi;* não só foi Salvadora do Salvador, senão Salvadora tambem de todo o genero humano. E assim como o Filho deveu ao seu desterro a vida, assim o genero humano, que somos nós, lhe devemos tambem a salvação.

IX

Supposto pois o conhecimento (que para muitos será novo) desta grande e universal mercê, de que somos devedores á Senhora do Desterro, ou ao dester-

ro da Senhora, resta por fim (para darmos bom e proveitoso fim ao sermão) saber o modo com que poderemos pagar, ou quando menos agradecer uma divida, que tão particularmente toca a cada um como a todos. É porque o melhor e mais agradavel obsequio que podemos fazer á Mãe de Deus, e a melhor e mais verdadeira devoção com que podemos venerar seus sagrados mysterios, é a imitação do que obrou nelles; digo que o que devemos offerecer á Senhora desterrada, em memoria do seu desterro, é fazermos tambem deste mundo o nosso Egypto e o nosso desterro, e vivermos nelle como desterrados.

Até os Gentios souberam dizer que para o homem de valor todo o mundo é patria: *Omne solum forti patria est.* [1] e se ha nação no mundo, para a qual o mesmo mundo seja patria, somos nós. O primeiro fundador de Portugal, e pae de todos os portuguezes foi Tubal, que quer dizer *Mundanus*, homem de todo o mundo, e tal foi a benção ou herança que deixou a todos seus filhos: uns na Europa, outros na Africa, outros na Asia, outros nesta America, emfim, todos divididos nas quatro partes do mundo, como cidadãos do universo: para que nenhum portuguez cuide que basta para satisfazer á obrigação, e devoção que digo, só com estar fóra e longe de Portugal; pois em qualquer parte do mundo está na sua patria. Que remedio logo para pagarmos á Senhora do Desterro o que devemos ao seu com o nosso? Disse discretissimamente Seneca, que quem tem todo o mundo por patria, não póde ser desterrado; porque para qualquer parte do mundo que o levem, sempre vae para a sua patria: *Patriam meam transire non possum. Una omnium est, extra hanc nemo projici potest. In quamcumque terram venio, in meam venio. Nulla exilium est, sed altera patria est.* [2] E como todo o mundo para nós é patria, como poderemos pagar á Senhora do Desterro tambem com o nosso desterro o beneficio e mercê tão grande que nos fez com o seu?

Respondo que sim, podemos, não já tendo o mundo todo por patria, senão por desterro. Quem mais sabia e elegantemente que todos definiu e dividiu este pon-

---

[1] Ovid. lib. 1 de Ponto.
[2] Seneca, de remedio fortunæ.

to, foi o maior juizo do seu seculo, Hugo Victorino, o qual diz assim: *Delicatus ille est adhuc, cui patria dulcis est: fortis jam, cui omne solum patria est: perfectus, cui mundus totus exilium est. Ille mundo amorem infixit, iste sparsit, hic extinguit.* Quer dizer: O homem mimoso e fraco só ama e tem por patria a terra em que nasceu: o forte e valoroso todo o mundo tem por patria: o perfeito e christão todo o mundo tem por desterro. Cada um destes tres applicaram variamente ao mundo o seu amôr: o primeiro fixou-o, o segundo espalhou-o, o terceiro extinguiu-o. O primeiro fixou-o, porque o poz em um só logar, que é a terra onde nasceu: o segundo espalhou-o, porque o estendeu a qualquer parte do mundo: o terceiro extinguiu-o, porque nem alguma parte, nem todo o mundo teve por patria, mas todo e qualquer parte delle reputou por desterro. Este é o perfeito, e não estoico, mas heroico modo de viver o homem neste mundo, sempre e em qualquer parte delle como desterrado. E este é tambem o obsequio e correspondencia, com que, imitando a Senhora do Desterro, desterrada no Egypto, podemos, senão pagar, ao menos agradecer com o nosso desterro o inestimavel beneficio da salvação do genero humano, que nos assegurou com o seu.

O' que venturosa romaria seria esta do Desterro hoje, e que bem remunerados tornariamos deste ermo, se todos levassemos uma firme resolução de viver d'aqui por diante como desterrados, conhecendo com viva fé, que tudo o que é terra, é desterro, e só o céu nossa verdadeira patria! Oiçamos a S. Paulo, o qual arrebatado ao céu, foi o unico homem que viu a patria antes de ser morador della: *Non habemus hic civitatem permanentem, sed futuram inquirimus:* Nenhum de nós tem, ou póde ter na terra cidade ou patria certa e permanente; porque todos imos caminhando para a futura, que é a patria do céu. E S. Basilio, ameaçando-o com o desterro um governador do imperador Valente, enganas-te (respondeu) se cuidas que me pódes desterrar. Porque eu não reconheço outra patria, senão a do céu, e este logar onde agora estou, e qualquer outro deste mundo, todos para mim são desterro. Assim o refere S. Gregorio Nazianzeno por estas palavras: *Ab omni exilii metu liber sum: unam omnium agnoscens esse patriam paradisum: terram enim quasi omnium commune aspicimus naturæ exi-*

lium: pro patria vero carens, terra nullo loco circunscribor. O mesmo nome de patria nos está ensinando, que só o céu o póde ser. E porque? Porque o nome de patria é derivado do Pae, e não da mãe: a terra em que nascemos, é a mãe que nos cria; o céu para que somos creados, é o logar do Pae que nos dá o ser: e se a patria se derivára da terra, que é a mãe que nos cria; havia-se de chamar matria, mas chama-se patria, porque se deriva do Pae que nos deu o ser, e está no céu. E se para sermos filhos de tal Pae é necessario que só o céu tenhamos por patria; assim para sermos dignos servos da Mãe deste mesmo Pae, é necessario que tenhamos toda a terra por Egypto, e por desterro.

O' que mal entendida é a nossa vida, que mal entendidos os nossos cuidados, e que mal entendida a nossa pouca fé, e o nosso pouco entendimento! A terra, que é um desterro cheio de tantos trabalhos, de tantas miserias, de tantas desgraças, de tantos desgostos, onde não ha um dia, nem uma hora, isenta de afflicções e molestias, essa nos leva todo o amôr, e todos os pensamentos, como se fôra a verdadeira patria. E o céu, que é a patria de todos os bens, de todas as felicidades, de todas as delicias, de toda a bemaventurança, onde não ha, nem póde haver sombra de mal, ou de pena, em vez de ser a nossa perpetua saudade, e o nosso continuo cuidado, não só vivemos tão esquecidos della, e tão pouco desejosos, antes temerosos do dia em que havemos de ser chamados, como se fôra para o mais triste desterro. A Virgem desterrada, a cuja presença, quando entrou no Egypto, cahiram todos os idolos, se sirva de desterrar de nossos corações esta falsa e cega idolatria, com que o mundo nos traz enganados, para que o adoremos, e com um raio de viva fé allumie a cegueira e ignorancia de nossos entendimentos, para que conheçamos, que tudo o que é terra, é desterro, e só o céu, para que fomos creados, a nossa verdadeira e bemaventurada patria: *Ad quam nos perducat Dominus Jesus.* Amen.

MARIA
ROSA MYSTICA *

Excellencias, poderes e maravilhas do seu Rosario

COMPENDIADAS EM 30 SERMÕES ASCETICOS E PANEGYRICOS
SOBRE OS DOIS EVANGELHOS DESTA SOLEMNIDADE NOVO E ANTIGO

SERMÃO PRIMEIRO, COM O SS. EXPOSTO

Loquente Jesu ad turbas, extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. At ille dixit: Quinimò, beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud. [1]

I

Prégando Christo Redemptor nosso a uma grande multidão de bons e maus ouvintes, depois de ter convencido com força de evidentes razões a rebeldia dos maus, levantou a voz uma boa mulher, dizendo: *Bea-*

---

* Seguem-se agora 30 Sermões seguidos sobre o mysterio do Rosario da Virgem, nos quaes se revela a espantosa fecundidade do genio oratorio de Vieira, da sua energia creadora em todos os ramos da eloquencia sagrada. Todos estes Sermões com serem tão numerosos, todos elles são cheios de novidade e vigor. E' esta aquella fecundidade oratoria de Vieira que Carel se não cançava de admirar, declarando que " de todas as qualidades oratoriaes de Vieira é esta a mais extraordinaria ". Os dois primeiros d'esta serie de Sermões do Rosario, tão cheios de clareza e de sublimidade, são uma explicação do Padre Nosso e da Ave-Maria e não têm nada que invejar o quanto sobre esta materia escreveram os mais eloquentes expositores. A publicação d'estes Sermões do Rosario foi feita por Vieira, como elle mesmo declara, em cumprimento d'um voto feito e repetido em grandes perigos da vida, de que pela immensa benignidade da Rosa Mystica, Nossa Senhora do Rosario, e sua poderosissima intercessão sempre sahiu livre.

[1] *Luc.*, II.

tus venter, qui te portavit, et ubera quæ suxisti: [1] Bemaventurado o ventre que trouxe dentro em si tal Filho, e bemaventurados os peitos a que foi creado. Não negou o Senhor o que disse a devota mulher, porque eram dignos louvores da bemdita entre todas as mulheres; mas porque no rompimento daquellas vozes mostrava bem o inteiro juizo que fizera do que tinha ouvido, respondeu o Divino Mestre: *Quinimò, beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud:* Antes te digo, que bemaventurados são, como tu fizeste, os que ouvem a palavra de Deus, e a guardam. Isto é pontualmente, e lettra por lettra, tudo o que nos refere O Evangelista S. Lucas no Texto que propuz, largo para thema, mas breve para Evangelho, e mais em dia de tão grande solemnidade.

O que nelle noto, e me admira muito, é que em tal tempo e em tal concurso, esta mulher fallasse com Christo, e Christo lhe respondesse. Não é ponderação minha, senão do mesmo Evangelista: *Factum est autem, cum hæc diceret, extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi.* Aquelle termo, *factum est autem*, é uma prefação, em que mostra o Evangelista, que passa a dizer um caso raro, notavel, novo, que de nenhum modo se podia esperar, nem presumir. E assim foi. Que no meio da prégação falle uma mulher, não é novidade: mas que levante a voz: *Extollens vocem;* e que falle, não com outrem, senão com o mesmo Prégador: *Dixit illi?* Caso foi muito notavel. Porém que o Prégador sendo Christo, no meio e no fim da prégação, *Cum hæc diceret*, não só dê ouvidos á mulher, mas lhe responda, e pelos mesmos termos: *Beatus venter, Beati qui audiunt?* Maior caso, e mais notavel ainda. Mas assim havia de ser, e assim importava que fosse. Porque, ou para que? Para que os prégadores que nos mysterios e solemnidades da Virgem Senhora nossa temos tanto trabalho em accommodar os Evangelhos, tivessemos um Evangelho muito proprio, muito proporcionado, muito natural, e muito facil, com que prégar do seu Rosario. E esta é a razão porque a Igreja Catholica, allumiada pelo Espirito Santo, instituindo novo Officio, e nova Missa do Rosario, mandou cantar nella, não outro, senão o Evangelho que ouvis-

[1] *Luc.*, II, 27.

tes, e eu referi todo. Assim que este Evangelho é o mais proprio e accommodado; e este, na sua mesma brevidade, o mais capaz de se poder prégar nelle a devoção santissima do Rosario, e se declararem por elle a essencia e excellencias de tão soberana oração.

S. João Chrysostomo, e S. Gregorio Nisseno, dois grandes lumes da Igreja, e seus interpretes, definiram a perfeita oração desta maneira. S. Chrysostomo fallando da oração em commum no livro primeiro, *De orando Deum*, diz que a perfeita oração é um colloquio do homem com Deus: *Colloquium animæ cum Deo.* E S. Gregorio Nisseno, commentando particularmente a oração do Padre Nosso, que é a primeira e principal do Rosario, diz que a oração perpetua é uma pratica e conversação com Deus: *Est conversatio, sermocinatioque cum Deo.* E qué fundamento tiveram estes grandes Doutores, a quem seguem Santo Thomaz, e todos os Theologos, para definir a oração com nome de colloquio, de conversação, e pratica com Deus? O fundamento que ambos tiveram, foi porque o colloquio, a pratica, e a conversação, não só é fallar, senão fallar e ouvir: é dizer de uma parte, e responder da outra: e nesta communicação reciproca consiste a essencia e excellencia da perfeita oração. Na oração menos perfeita falla o homem com Deus, na perfeita e perfeitissima falla o homem com Deus, e Deus com o homem. E isto é o que reciprocamente exercita o Rosario, como oração perfeitissima, nas duas partes de que é composto. O Rosario compõe-se de oração vocal, e mental; vocal nas orações que reza, mental nos mysterios que medita: em quanto rezamos, fallamos com Deus; em quanto meditamos, falla Deus comnosco. O nosso rezar são vozes, o nosso meditar é silencio: mas neste silencio ouvimos melhor do que somos ouvidos nas vozes; porque nas vozes ouve-nos Deus a nós, no silencio ouvimos nós a Deus.

Tal é o colloquio da oração perfeita, tal a pratica do Rosario, e tal, com toda a propriedade, o dialogo do nosso Evangelho. A mulher fallou com Christo, e Christo respondeu á mulher: a mulher disse da sua parte: *Dixit illi;* e Christo tambem disse da sua: *At illi dixit:* ella disse bem, porque disse: *Beatus venter:* o Senhor disse melhor, porque disse: *Quinimò, beati.* E porque na parte vocal ouve Deus, e na mental ouve o homem; ella levantou a voz, para que o Senhor ouvis-

se as suas palavras: *Extollens vocem:* e o Senhor louvou os ouvidos, com que ella tinha ouvido as palavras de Deus: *Qui audiunt verbum Dei.*

Supposto pois que no caso do presente Evangelho temos historiado o Rosario, e resumida, com tanta propriedade, a idéa de sua admiravel composição, assim como Deus primeiro formou o corpo de Adão, e depois lhe infundiu a alma; o mesmo farei eu. A parte mental, que é a alma do Rosario, ficará para outro discurso; neste tratarei só da vocal, que é o corpo: queira Deus que me caiba nelle. O assumpto não ha de ser meu, senão de quem levantou a voz: *Extollens vocem.* A mesma que levantou a voz, levantou o assumpto. Assim que o que determino mostrar, e havemos de vêr hoje, será: que a oração vocal do Rosario, em quanto vocal, é a mais alta e levantada de todas: *Extollens vocem.* Para que a Senhora nos assista com sua graça, offereçamos-lhe agora uma vez o que tantas repetimos no Rosario: *Ave Maria.*

II

Extollens vocem.

Para comprehender a excellencia e alteza de qualquer oração vocal; nas mesmas vozes ou palavras de que é composta, se devem considerar tres respeitos, ou tres partes essenciaes. O que se pede, a quem se pede, e por quem se pede: o que, a quem, e por quem. Esta mesma distincção observou a mulher do Evangelho. A sua oração foi panegyrica e laudatoria, e na voz que levantou, *Extollens vocem*, tocou os mesmos tres pontos, e os mais altos, a que podia chegar o mais levantado espirito. O que louvou foi o mysterio altissimo da Encarnação; a quem louvou foi a pessoa do mesmo Verbo encarnado; e por quem o louvou, foi pela Mãe que o concebeu em suas entranhas, e o creou a seus peitos: *Beatus venter qui te portavit.* Não poderamos desejar, nem melhor Texto para dividir o nosso discurso, nem melhor guia para o seguir. A oração vocal do Rosario só se distingue desta do Evangelho pelo fim: porque o fim desta oração, como pa-

negyrica, foi louvar; e a do Rosario, como deprecatoria, é pedir. Aquella voz foi altissima na consideração do que louvou, a quem louvou, e por quem louvou: e do mesmo modo é altissima a voz do Rosario na consideração do que pede, a quem pede, e por quem pede. E estas serão as tres partes do nosso discurso. Alta e altissima a oração vocal do Rosario pela alteza das petições que nella fazemos: *Extollens vocem:* alta e altissima pela alteza da Magestade, a quem as presentamos: *Extollens vocem:* e alta finalmente, e altissima pela alteza da intercessão, de que nos valemos: *Extollens vocem.* Oiçam agora com attenção os devotos do Rosario, e com inveja e arrependimento os que o não forem.

III

Considerando pois em primeiro logar a alteza da Magestade, a que presentamos nossas petições, e começando (para maior clareza) por onde começa o Rosario: qual é a sua primeira voz? A primeira voz do Rosario é: *Pater noster, qui es in cœlis:* [1] Padre nosso, que estás em os céus. E voz que chega da terra ao céu, e ao céu onde está Deus, vêde se é alta e altissima: *Extollens vocem?*

Nós não reparamos nesta que parece vulgaridade; mas o maior mestre de orar, que foi David, faz grande reparo nella: *Voce mea ad Dominum clamavi, et exaudivit me de monte sancto suo.* [2] David era grande contemplativo, mas nesta occasião (que foi quando fugia de seu filho) orou vocalmente. Isso quer dizer, *Voce mea*, oração vocal. E o que muito pondera, é que esta sua voz sahindo do valle de Cedron, por onde caminhava, fosse ouvida no Monte Thabôr da gloria, onde Deus tem o throno de sua Magestade: *De cœlo, et sublimi throno gloriæ suæ*, commenta Santo Athanasio. O céu, onde Deus tem o throno de sua Magestade, não é algum dos céus que vemos, senão outro céu sobre estes quasi infinitamente mais levantado e sublime: por isso não dizemos: *Qui es in cœlo*, senão,

[1] *Math.*, VI, 9.
[2] *Psalm.* III, 5.

Qui es in cœlis. Da mesma phrase usou Christo, quando disse, que os Anjos que assistem na terra em nossa guarda sempre vêem a Deus, que está, não no céu, senão nos céus: *Semper vident faciem Patris, qui in cœlis est.* [1] E combinando um Texto com outro, é prerogativa verdadeiramente admiravel, que onde chegam os Anjos com a vista, cheguem os homens com a voz. A esphera da voz é sem comparação mais limitada que a da vista. Mas isto se entende da voz com que fallamos, e não da voz com que oramos. A voz com que fallamos mal se estende a toda esta Igreja, e a vista tem tanto maior e mais alta esphera, que chega ao firmamento, onde vemos as estrellas. Porém, a voz com que oramos, não só chega ao firmamento que vemos que é o céu das estrellas, mas ao mesmo empyreo, que não vemos, que é o céu de Deus. O céu que vemos, é o céu da terra; o céu onde está Deus, é o céu do céu: *Cœlum cœli Domino.* [2] E isto é o que ponderava e admirava David na voz da sua oração: *Voce mea ad Dominum clamavi, et exaudivit me de monte sancto suo.*

Mas d'aqui mesmo se vê, que a alteza desta voz, ainda é mais maravilhosa nos que rezam o Rosario. David diz que clamou e bradou com a sua voz: *Voce mea ad Dominum clamavi;* e no Rosario não é necessario clamar, nem ainda soar. Anna, mãe de Samuel, foi uma excellente figura dos que rezam o Rosario. Della diz o Texto sagrado, que multiplicando as preces, sómente se lhe viam mover os beiços, mas a voz de nenhum modo se ouvia: *Cum multiplicaret preces coram Domino, tantum labia illius movebantur, et vox penitus non audiebatur.* [3] O mesmo passa cá pontualmente. Anna multiplicava as suas preces: e quem resa o Rosario, tambem as multiplica, porque repete muitas vezes a mesma oração. A Anna só se lhe viam os movimentos da bocca, porém a voz não se ouvia: e vós rezaes o vosso Rosario com uma voz tão interior (e por isso mais devota) que nem os que estão muito perto vos ouvem, nem vós mesmos vos ouvis. E quando vós não ouvis a vossa mesma voz, é ella tão alta, e

[1] *Math.*, XVIII, 10.
[2] *Psalm.* CXIII, 16.
[3] *1.° Livr. dos Reis,* XII, 13.

sobe tão alto, *Extollens vocem*, que chega onde está Deus: *Qui es in cœlis.*

Não faltará porém quem diga, que esta circumstancia de orarmos a Deus, em quanto está no céu, parece uma cerimonia superflua, e não só não necessaria, mas nem ainda conveniente. Commentando Santo Agostinho estas palavras, que em seu tempo ainda não eram do Rosario, mas eram as mesmas, diz assim: *Non dicimus Pater noster, qui es ubique, cum et hoc verum sit, sed Pater noster, qui es in cœlis.* Deus, por sua immensidade, está em toda a parte, e não só comnosco, senão em nós, em qualquer logar onde estivermos. Logo não é necessario invocar a Deus em quanto está no céu, pois tambem o temos na terra; quanto mais que invocal-o no céu, parece que é afastarmos a Deus de nós, e orar de longe, quando fôra mais conveniente e mais conforme ao affecto da devoção fazel-o de perto. Não é mais conveniente fallarmos com Deus, onde elle está, e nós estamos, que onde elle está, e nós não? O mesmo David, tão grande mestre desta arte, pedia a Deus que a sua oração chegasse muito perto do seu divino acatamento: *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo.* [1] E o Rosario, antes de as Ave Marias convertidas em rosas lhe darem este nome, chamava-se o Psalterio da Virgem; porque o de David se compõe de cento e cincoenta Psalmos, e o da Senhora de outro tanto numero de saudações angelicas. Pois se David, no seu Psalterio, pede a Deus que a sua oração chegue muito perto delle, *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo;* como nós, no Psalterio da Virgem, nos pomos tão longe de Deus, ou a Deus tão longe de nós, quanto vae da terra ao céu: *Qui es in cœlis?*

Digo que não é differente o nosso dictame, senão o mesmo que o de David. E porque? Porque quanto o que ora se põe mais longe de Deus, tanto a sua oração chega mais perto delle. Põe-se a oração, e o que ora, diante de Deus, como em duas balanças: e quanto o que ora mais se abate e fica mais longe, tanto a oração mais sobe, e chega mais perto: elle mais longe por reverencia, e ella mais perto por acceitação. Foram dois homens ao Templo a orar, diz Christo, um Pha-

[1] *Psalm.* CXVIII, 169.

riseu, e outro Publicano. O Phariseu, como Religioso que era daquelle tempo, chegou-se muito perto do altar e do Sancta Sanctorum, e alli representava a Deus suas boas obras. O Publicano, pelo contrario, pôz-se lá muito longe, *Stans à longe;* [1] e sem se atrever a levantar os olhos ao céu, batia nos peitos, e pedia perdão dos seus peccados. Esta foi a differença dos oradores, e das orações: e qual foi o successo? *Descendit hic justificatus ab illo.* [2] O que se chegou muito perto do altar e de Deus, ficou a sua oração muito longe, porque foi reprovada; e o que se poz muito longe, *Stans à longe*, chegou a sua oração muito perto de Deus, porque foi acceita. Elle longe por respeito, e a sua oração perto por agrado: elle longe por reverencia, e ella perto por acceitação: *Non audebat appropinquare, ut Deus ad eum appropinquaret:* diz o veneravel Béda. E isto é o que nós fazemos logo no principio do Rosario. Ainda que Deus está em toda a parte, não o invocamos de perto, em quanto assiste na terra por immensidade, senão de longe, e tão longe, em quanto preside no céu por Magestade: *Qui es in cœlis:* e quanto nós, como é razão, mais nos abatemos, tanto a voz da nossa oração mais se levanta: *Extollens vocem.*

E' verdade, como ponderava Santo Agostinho, que para a efficacia da nossa oração bastava orar a Deus na terra, mas para a dignidade não. Porque Deus na terra está só por presença como immenso, no céu está por Magestade como Altissimo. Esta foi a differença que considerou e distinguiu o Prodigo na sua oração: *Peccavi in cœlum, et coram te:* [3] Pequei contra o céu, e na vossa presença. E porque fez aquelle moço, já bem entendido, esta differença de logar a logar, e de Deus a Deus? Porque na terra reconhecia a sua presença, e no céu considerava a sua Magestade. No *coram te*, confessava a presença offendida; no *peccavi in cœlum*, a Magestade leza. E como Deus na terra está só por presença como immenso, e no céu por Magestade como Altissimo: *Tu solus Altissimus in omni terra:* [4] por isso o divino Auctor desta divina oração,

[1] *Luc.*, XVIII, 13.
[2] *Ibid.*, 14.
[3] *Luc.*, XV, 18.
[4] *Psalm.* LXXXII, 19.

para que conhecessemos o modo de orar altissimo, que nos ensinava, nos mandou que orassemos a Deus, não em quanto está por presença em todo logar, mas em quanto está por Magestade no céu dos céus: *In cœlis.* O Publicano que orou bem, mas a modo da Lei velha, diz o Evangelista, que nem os olhos se atrevia a levantar ao céu: *Nolebat nec oculos ad cœlum levare:* [1] porém o Mestre Divino da Lei da graça, não só quer que levantemos os olhos e as mãos ao céu, mas que logo no principio da nossa oração a presentemos no céu dos céus diante do Divino acatamento, e que onde Deus assiste por Magestade como Altissimo, lá entre confiadamente a nossa oração, e lá suba e se levante a nossa voz: *Extollens vocem.*

IV

E se esta voz ou esta oração vocal do Rosario se levanta tanto, e é tão alta, quando dizemos: *Qui es in cœlis:* quem poderá bastantemente declarar a alteza, não só inaccessivel, mas tremenda, aonde se levanta e remonta a mesma voz, quando com ella se atreve a lingua mortal a pronunciar *Pater noster?* O grande S. Pedro Chrysologo, cujas palavras, por antonomasia, foram chamadas de oiro, subindo um dia ao pulpito de Ravenna, onde, como Arcebispo seu, era visto frequentemnte, começou desta maneira: *Hodie quod audituri estis, stupent Angeli, miratur cœlum, pavet terra, caro non fert, auditus non capit, non attingit mens, tota non potest sustinere creatura, ego dicere non audeo, tacere non possum.* [2] O que trago hoje para prégar, e o que haveis de ouvir (diz Chrysologo) é um caso de que pasmam os Anjos, de que se assombra o céu, de que tem medo a terra, de que se estremecem as carnes: é um caso que não cabe nos ouvidos, que não alcançam os entendimentos, que não tem hombros para o supportar toda a machina das creaturas, e que eu me não atrevo a dizer, nem posso callar: *Dicere non audeo, tacere non possum.* Tende mão, Demosthenes divino. E que exordio é este tão desusado? Que caso tão

---

[1] *Luc.*, XVIII, 13.
[2] Petr. Chrysol. Serm. 72 in Orationem Dominicam.

novo, tão inaudito; tão tremendo para a terra, tão espantoso para o céu, e para homens, e Anjos tão estupendo? Ainda é maior do que tenho representado, e maior que quanto se póde encarecer, nem imaginar. E qual é? E' (conclue o grande Theologo e eloquentissimo orador) é que se póde atrever a lingua humana a dizer a Deus: *Pater noster.* Pois dizer a Deus, Padre nosso, esta voz tão breve, este nome tão amoroso, é aquelle trovão que faz estremecer o céu e a terra, o pasmo dos Anjos, o assombro dos homens, o horror de todas as creaturas? Sim. E se nós tivessemos entendimento para comprehender o mesmo que dizemos, quando olhassemos para as alturas, aonde se levanta a nossa voz, *Extollens vocem;* antes haviamos de emmudecer, que pronuncial-a, e dizer como Chrysologo: *Dicere non audeo.*

Ainda depois de Christo nos mandar orar por estes termos, ainda depois de sua Magestade nos dar esta licença, e seu amôr esta confiança; vêde o tento, a submissão, o recato e o sagrado horror, com que o faz a Igreja Catholica: *Præceptis salutaribus moniti, et divina institutione formati, audemus dicere, Pater noster.* Obrigados, Senhor, do vosso preceito, admoestados da vossa doutrina, e instruidos na fórma da vossa divina instituição, ousamos a vos dizer: que? *Pater noster.* De sorte que invocar a Deus com o nome de nosso Pae, é uma coisa tão alta, tão sublime, tão superior a toda a capacidade humana, que ainda depois de instruidos, e admoestados, e obrigados com preceito a orar por estes termos, e a invocar a Deus, com este nome, lhe chama a Igreja ousadia: *Audemus dicere.* Tão grande ousadia, que se não fôra preceito, era a maior arrogancia; e se não fôra fé, a maior soberba. Assim o entendeu Santo Agostinho, quando disse: *Non ergo hic arrogantia est, sed fides; non superbia, sed devotio.* Invocarmos a Deus com o nome de Pae nosso, é graça e doutrina de seu proprio Filho: logo não é arrogancia, senão fé: logo não é soberba, senão devoção. Mas fé e devoção tão alta, que a soberba de Lucifer se precipitou do céu, só porque entendeu que havia de haver um homem que chamasse a Deus Pae. E esta altura, de que elle cahiu, é a mesma a que nós subimos; muito alta, quando dizemos: *Qui es in cœlis:* mas immensa e infinitamente mais alta, quando dizemos: *Pater noster.*

E porque? A differença é manifesta. Porque quando dizemos, *Qui es in cœlis*, sóbe a nossa oração no céu até o throno de Deus; mas quando dizemos, *Pater noster*, sóbe a mesma oração em Deus até o seio do Padre. O seio do Padre é o logar de seu Unigenito Filho: *Unigenitus qui est in sinu Patris:* [1] e onde o Filho tem o assento por natureza, quiz que nós tivessemos o accesso por graça; e que ao mesmo Pae, de quem elle é Filho, dissessemos nós com verdade: *Pater noster*. Assim o ensina com toda esta especialidade, não menos que o Apostolo S. Paulo: *Non enim accepistis spiritum servitutis iterum in timore, sed accepistis spiritum adoptionis filiorum in quo clamamus: Abbà, Pater.* [2] Exhorta-nos o Apostolo a que vivamos conforme a dignidade do nosso estado, não com espirito de temor e servil, como os da Lei velha, mas com espirito de amôr e filial, como nascidos na Lei da graça: advertindo (diz) que vos levantou Deus ao logar de seu proprio Filho adoptando-vos por taes, como bem se mostra na confiança com que as nossas vozes dizem, ou nós dizemos a vozes, Padre nosso: *In quo clamamus: Abbà, Pater.* Primeiro que tudo notae o *Pater*, e o *Clamamus:* o *clamamus*, que é proprio da oração vocal, e o *Pater*, que é a primeira voz do Rosario. Mas se Moysés, Josuë, David, Elias, Eliseu, e os mais tambem oravam, e oravam ao mesmo Deus que nós invocamos, em que consiste esta differença ou excellencia da nossa oração, que S. Paulo tanto encarece em comparação da sua? Consiste, como declara o mesmo Apostolo, em que na nossa oração chamamos a Deus Pae: *In quo clamamus: Abbà, Pater.* Na Lei velha, nem em Deus era conhecido o nome de Padre, nem o Padre tinha communicado aos homens a adopção de filhos. Uma e outra coisa fez Christo. Deu a conhecer o nome do Padre: *Pater, ego manifestavi nomen tuum hominibus:* [3] e deu aos homens a graça de poderem ser filhos do mesmo Padre: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri:* [4] e por isso os da Lei velha, como servos, oravam a Deus como Deus, e os da Lei da graça, como filhos, oramos a Deus como Pae.

---

[1] *Joan*, I, 18.
[2] *Rom.*, VIII, 15.
[3] *Joan.*, XVII, 1 e 6.
[4] *Ibid.*, I, 12.

Grande Texto na mesma Pessoa do Filho, e com intelligencia pouco observada, e por ventura não sabida. Quatro vezes orou Christo na sua Paixão, mas não pelos mesmos termos. Tres vezes orou a Deus como Pae, e uma vez como Deus. No Horto como Pae: *Pater, si possibile est:* [1] quando o pregavam na cruz como Pae: *Pater, dimitte illis:* [2] quando finalmente espirou, como Pae: *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum.* [3] Porém quando se lamentou de se vêr desamparado e deixado, não chamou a Deus Pae, senão Deus, e Deus repetidamente: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* [4] Pois se Christo, se o Filho do Eterno Padre em tantas outras occasiões o invocou com o nome de Pae, como agora lhe não chama Pae, senão Deus? Maior duvida ainda, e mais nova. As outras orações em que Christo usou do nome de Pae, todas refere o Texto sagrado, assim grego, como latino, na mesma lingua vulgar; e só esta, em que o Senhor usou do nome de Deus, lê o Evangelho na lingua hebraica: *Eli, Eli, Lamma sabacthani.* [5] Qual é logo a razão de uma e outra differença, ambas tão particulares, e tão notaveis? A primeira (torno a dizer) porque só nesta oração chama Christo ao Padre Deus? A segunda, porque só esta oração se escreve na lingua hebraica? Direi. Christo Redemptor nosso na cruz, como quem actualmente estava pagando pelos peccados de todo o genero humano, representava em sua Pessoa os dois povos, de que o mesmo genero humano se compunha — o judaico, e o gentilico. E como Deus naquella hora deixava e lançava de si o povo judaico, por isso Christo, em quanto representava o mesmo povo, se lamentava de se vêr deixado: *Ut quid dereliquisti me?* Assim expõe este Texto Theophilato, e creio entenderão todos os doutos, que é o sentido mais proprio e mais litteral delle: *Ut quid dereliquisti me, id est, meum genus, meum populum, qui secundum carnem mihi cognati sunt.* E d'aqui ficam finalmente respondidas ambas as nossas questões. A de se referir só este

---

[1] *Math.*, XXVI, 39.
[2] *Luc.*, XXIII, 34.
[3] *Ibid.*, 46.
[4] *Math.*, XXVII, 46.
[5] *Ibid.*

Texto na lingua hebrea; porque Christo naquella occasião representava o povo judaico deixado e em seu nome se lamentava. E a de orar então a Deus como Deus, e não como Pae; porque os do mesmo povo, por mais santos e favorecidos que fossem, não fallavam a Deus como Pae, senão como Deus. E' pontualmente tudo o que dizia S. Paulo. Elles porque viviam á lei de servos, *In spiritu servitutis*, oravam a Deus como Deus; nós que vivemos em fôro de filhos, *In spiritum adoptionis filiorum*, oramos a Deus como Pae: *In quo clamamus: Abbà, Pater.* E notae outra vez a palavra *clamamus:* que não só significa voz, senão voz muito alta e levantada. Porque aquella grande altura, aonde nunca poderam chegar as orações e vozes dos maiores Patriarchas, por essa começamos nós hoje com a primeira oração, e a primeira voz do Rosario: *Extollens vocem.*

V

Passando á segunda parte do nosso discurso, vejamos agora como a mesma voz ou oração vocal do Rosario, não é menos alta e altissima pela alteza das petições que nella fazemos. As do Padre nosso, antes de chegar a Ave Maria (em que fazemos uma só) são sete; e as tres por onde começamos (para que as ponderemos por junto) muito notaveis. A primeira, *sanctificetur nomen tuum*, em que pedimos a Deus a sanctificação de seu nome: a segunda, *adveniat regnum tuum*, em que pedimos a propagação universal do seu reino: a terceira, *fiat voluntas tua, sicut in cœlo, et in terra*, em que pedimos a execução da sua vontade tão inteiramente na terra, como no céu. Mas estas petições se bem se consideram, parece que o não são. Quem pede a Deus (como bem argue aqui S. Gregorio Nisseno) ou pede o remedio de suas necessidades, ou o soccorro de seus trabalhos, ou o augmento e conservação de seus bens, ou outra coisa sua, e para si. Mas nestas petições nada é nosso, nem nos pertence a nós: tudo é do mesmo Deus, a quem pedimos: *Nomen tuum*, o teu nome: *regnum tuum*, o teu reino: *voluntas tua*, a tua vontade. Pois se tudo isto é seu, e não nosso, se tudo pertence a Deus, e não a nós; porque lh'o pedimos a elle? Porque esta é a alteza altissima

da oração vocal do Rosario: *Extollens vocem.* O mais alto ponto a que se póde levantar e subir a oração humana, não é pedir a Deus para nós, é pedir a Deus para Deus.

Quando Christo Senhor nosso ajuntou ao numero dos Apostolos o dos setenta e dois Discipulos, disse-lhes assim: *Messis quidem multa, operarii autem pauci: rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam.* [1] A seara que vos mando cultivar é muita; mas os operarios ou lavradores são poucos: pelo que rogae ao Senhor da seara, que mande mais operarios á sua seara, ou á seara sua: *In messem suam.* Este *suam*, e aquelle *ergo*, parece que não fazem boa consequencia. Se Christo é o Senhor da seara, *Dominum messis;* se a seara é sua, *In messem suam*, como nos manda a nós que lhe roguemos e peçamos a elle que mande operarios? Não é o mesmo Senhor aquelle vigilante Pae de familias que madrugou muito cedo, e em todas as horas do dia sahiu em pessoa á praça a chamar e alugar operarios para a vinha, não por outra razão, senão porque era sua: *Ite et vos in vineam meam?* [2] Pois se a cultura e a colheita da sua seara está á conta da sua providencia e do seu cuidado, porque a encommenda ás nossas orações: *Rogate Dominum messis?* Se a seara fôra nossa, então nos incumbia a nós rogar e pedir a Deus nos désse os meios para ella: mas que sendo a seara de Deus nós hajamos de rogar ao mesmo Deus, que se lembre da cultura da sua seara, *Ut mittat operarios in messem suam?* Bem se mostra que o mesmo Auctor do Padre nosso é o Mestre desta doutrina. Manda, que sendo a seara de Deus, e não nossa, sejamos nós os que roguemos por ella: porque a oração perfeita e perfeitissima não é pedirmos nós para nós, é pedirmos a Deus para Deus. Pedirmos nós para nós, é procurar os nossos interesses; pedirmos a Deus para Deus, é sollicitar a sua gloria. E isto é o que fazemos nas primeiras tres petições do Rosario. Se dizemos *sanctificetur;* para gloria de Deus *nomen tuum:* se dizemos *adveniat;* para gloria de Deus outra vez, *regnum tuum:* se dizemos *fiat;* para gloria de Deus do mesmo modo, *voluntas tua.*

---

[1] *Luc.*, x, 2.
[2] *Math.*, xx, 4.

Um rei houve no mundo tão soberbo, e tão louco, que tudo isto quiz para si. Quiz a exaltação de seu nome, fazendo-se chamar Deus; quiz a dilatação de seu reino, tratando de o estender por todo o mundo, quiz a execução universal da sua vontade, mandando que ella só e nenhuma outra fosse obedecida. Já sabeis que fallo de Nabucodonosor, mais que bruto, quando entrou neste pensamento, que quando pastava no campo. Tinha cercado a cidade de Bethulia, mais apertada já da sêde, que do mesmo sitio: orou Judith a Deus: mas como orou? Lastima é que o não fizesse com um Rosario nas mãos. Mas por isso disse S. Paulo, que tudo o que se fazia na Lei velha, era figura da nova: *Omnia in figura contingebant illis.* [1] A oração que fez depois de allegar as maravilhas de Deus em favor e defeza do seu povo, foi nesta fórma: *Erige brachium tuum sicut ab initio, et allide virtutem illorum in virtute tua, cadat virtus eorum in iracundia tua.* [2] Levantae, Senhor, vosso omnipotente braço como antigamente, quebrantae o poder de nossos inimigos com a força do vosso, e sinta a soberba e violencia dos seus exercitos o justo rigor da vossa ira. Isto é o que pede a oração de Judith: agora se seguem os motivos que allega a Deus: *Qui promittunt se violare sancta tua, et polluere tabernaculum nominis tui, et dejicere gladio suo cornu altaris tui:* [3] Porque vêm promettendo e ameaçando, que hão de violar o sagrado de vosso sanctuario, que hão de profanar o tabernaculo de vosso santissimo nome, que com o ferro das suas armas hão de destruir e arrasar os vossos altares. Pois, Senhora, isto é o que só allegaes a Deus? Muito mais é o que promette, muito mais o que ameaça o inimigo, de que está cercada e tão apertada Bethulia. Ameaça que ha de assaltar a cidade, e leval-a á viva força: ameaça que a quantos a quizeram defender não ha de perdoar a vida, mas serem passados todos ao fio da espada: ameaça que o sacco e despojos hão de ser a rica preza de seus soldados, em que a vossa casa terá mais que roubar: ameaça que os poucos que escaparem da primeira furia, grandes, pequenos, homens, mulheres, meninos, hão de ficar capti-

---

[1] *1.ª ad Corinth.*, x, 11.
[2] *Judith.*, ix, 11.
[3] *Ibid.*

vos (ou não hão de ficar) porque todos serão levados em cadêas ao desterro remotissimo da terra dos Assyrios. Pois se isto, e muito mais, é o que ameaça o exercito de Holofernes, e a fama e terror de seu nome; como vós só allegaes a Deus os sacrilegios do seu Sanctuario, as injurias do seu Tabernaculo, a desolação dos seus altares? Eis aqui porque na oração de Judith, e nestas tres allegações que faz a Deus, se representaram as tres petições do Rosario. Nada teme e nada pede a Deus para si, tudo teme e tudo pede a Deus para Deus. Assim como nós dizemos: *Nomen tuum, regnum tuum, voluntas tua:* assim Judith não diz, nem representa outra coisa a Deus, senão: *Sancta tua, tabernaculum nominis tui, cornu altaris tui.*

E se alguem me disser que somos humanos, e não divinos; de carne, e não espiritos; que padecemos trabalhos, necessidades, miserias; e que assim como pedimos a Deus para Deus, devemos tambem pedir a Deus para nós; respondo, que assim é verdade, e que nem por isso devemos perder a devoção ao Rosario, nem a piedade ao Padre nosso. Deixada a quarta petição para melhor logar, assim como nas tres primeiras só pedimos para Deus, assim nas tres ultimas só pedimos para nós. Nas tres primeiras tudo para Deus: *Nomen tuum, regnum tuum, voluntas tua:* nas tres ultimas tudo para nós: *Dimitte nobis, ne nos inducas, libera nos.* Mas em que se vê a ordem e differença de umas a outras petições, dignissima da sabedoria do seu divino Auctor? Vê-se (como bem notaram Santo Thomaz, e S. Boaventura) vê-se em que as que nos pertencem a nós, vão em segundo logar, e as que pertencem a Deus no primeiro. Oh se guardassemos esta ordem, como seriam acceitas nossas orações! Mas muitos rezam o Rosario, e o Padre nosso ás avessas. E queira Deus que não haja alguns que todo seu emprego ponham na quarta petição mal interpretada, e só tratem do *panem nostrum*, quando não seja do alheio. Deixados porém estes; os que rezam o Padre nosso ás avessas, são os que poem em primeiro logar o que lhes toca a elles, e no ultimo o que pertence a Deus. Na mesma Bethulia, e sem sahir das linhas do sitio, temos o exemplo. Já ouvimos a oração de Judith, oiçamos agora a dos outros cercados, e não só guiados pelo seu dictame, senão pelo dos mesmos sacerdotes, que é o que mais me escandalisa. Cobriram os

sacerdotes os altares de luto e de cilicio, e fizeram a sua oração desta maneira: *Clamaverunt ad Dominum unanimiter, ne darentur in prædam infantes eorum, et uxores eorum in divisionem, et civitates eorum in exterminium, et sancta eorum in pollutionem.* Vêde por onde acabam, e por onde começaram. Clamaram a Deus, diz o Texto, pedindo que seus filhos não ficassem captivos, que suas mulheres não fossem divididas delles e desterradas, que suas cidades e casas não fossem destruidas, e que as coisas sagradas não fossem profanadas. Pois agora? Sim: agora. O sagrado e o de Deus no ultimo logar, nós e o nosso no primeiro. Oram os homens, como vivem. Os interesses e conveniencias temporaes diante de tudo, como se faz na vida; o de Deus, o da consciencia, o da alma lá para o fim, como se faz na morte. E esta ordem ou desordem tão encontrada com a disposição das petições de Christo, não é de quem reza quinze vezes no Rosario a oração do Padre nosso, nem de quem sabe o que pede, ou como o ha de pedir.

VI

Mas vamos ás tres ultimas petições tambem por junto, porque não soffre outra coisa a brevidade, e veremos que ainda que em todas ellas tratamos de nós, nem por isso a voz de cada uma é menos alta e levantada: *Extollens vocem.* A primeira é altissima na confiança, a segunda altissima na generosidade, a terceira altissima no juizo, e todas tres altissimas na importancia. *Dimitte nobis* (diz a primeira) *sicut et nos dimittimus debitoribus nostris:* perdoae-nos as nossas dividas, assim como perdoamos aos nossos devedores. Quem ha de dizer que falla com Deus quem assim falla? Ha tal modo de pedir? Ha tal resolução? Ha tal confiança? Isto é pormo-nos nós a Deus por exemplo, isto é dizermos a Deus que nos imite a nós, e que faça o mesmo que nós fazemos. Assim o nota em proprios termos S. Gregorio Nisseno: *Ut Deus facta nostra imitetur: ut dicas, ego feci, Domine fac; solvi, solve: dimisi, dimitte.* Não se poderá arguir nem encarecer melhor. Mas não diz isto o santo e doutissimo Padre para estranhar a confiança da petição, senão

para declarar a alteza a que Deus nos levanta, mandando-nos orar em tal fórma. Quando Christo nos manda que lhe peçamos perdão, allegando juntamente que nós tambem temos perdoado, cuidava eu que era o mesmo que fazer a petição com folha corrida. Porém os Santos que o entendem melhor, não querem que seja tão pouco.

S. Pedro Chrysologo escrevendo sobre esta mesma petição, diz que quando perdoamos as offensas que nos fazem nossos inimigos, nós mesmos nos damos o perdão das offensas que temos feito a Deus: *Homo, intellige, quia remittendo aliis, tu tibi veniam dedisti.* Com razão disse o Santo: *Homo intellige:* Homem, entende: porque isto parece que se não póde entender. Dar perdão de peccados é jurisdição, ou regalia sómente de Deus: *Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus?* [1] Logo como me posso eu dar a mim mesmo o perdão de meus peccados? *Tu tibi veniam dedisti?* Funda-se esta sentença naquella promessa de Christo: *Dimittite et dimittemini:* [2] perdoae, e sereis perdoados, E como esta promessa é condicional, e a condição depende de mim; quando eu cumpro a condição, eu sou o que me perdòo. Deus não me póde perdoar as suas offensas, sem que eu perdoe as minhas; e se eu perdòo as minhas, não póde Deus deixar de me perdoar as suas. D'aqui vem que o perdão mais depende de mim, que de Deus; porque Deus está obrigado á sua promessa, e eu não estou obrigado á condição. Deus não póde faltar ao perdão, ainda que quizesse, e eu não posso perdoar, se quizer. Tanto assim, que não duvidou Hugo Cardeal de proferir uma proposição, que não sei como coube no juizo de um theologo tão douto, e tão insigne.

Diz que ao homem que perdòa, o faz Deus seu Senhor. As palavras são estas: *Jubet remittere, ut conscientiam purget: promittit veniam, ut statuat in spe: et te facit Dominum suum.* Manda-te Deus perdoar, para te purgar a consciencia; promette-te o perdão, para te confirmar na esperança: *Et te facit Dominum suum:* e te faz Deus seu senhor. Mas como se póde entender, ou defender, que Deus neste caso faça ao

---

[1] *Luc.*, v, 21.
[2] *Ibid.*, vi, 37.

homem seu senhor? A razão ou subtileza deste pensamento é: que como Deus se poz a si mesmo aquella lei de perdoar a quem perdôa; o homem fica livre, e Deus obrigado; o homem fica senhor da lei, e Deus sujeito a ella. E quando o homem é senhor da lei, e Deus não, fica o homem por este modo senhor do mesmo Deus: *Te facit Dominum suum.* Explica Hugo o seu dito, accrescentando em nome de Deus: *Sicut decreveris de eo, et ego de te decernam:* assim como tu julgares de quem te offendeu, assim julgarei eu de ti. Parece-se este privilegio com o das chaves de S. Pedro: mas S. Pedro julgava como Vigario, e o que perdôa como senhor, e como senhor neste caso, não de outrem, senão do mesmo Deus: *Te facit Dominum suum.* Isto é, em uma palavra, fazel-o Deus senhor do seu poder, o qual se não distingue delle. E como os que rezam o Rosario, dizendo tantas vezes: *Sicut et nos dimittimus;* demittem de si o senhorio que teem sobre aquella lei, e por este modo sobre o mesmo Deus, vêde se é alto e altissimo o ponto a que sóbe e se levanta a voz desta petição: *Extollens vocem.*

VII

E se esta é altissima pela confiança do que diz, e do que suppõe pedindo, a que se segue não é menos alta pela generosidade do que pede e do que não pede: *Et ne nos inducas in tentationem:* e não nos deixes cahir em tentação. Notae o que pedimos, e o que não pedimos. Não pedimos a Deus que nos tire ou nos livre das tentações; pedimos que nos não deixe cahir nellas. Nenhuma versão traduziu melhor o *ne nos inducas*, que a nossa portugueza. *Cahir* dizemos, e não *derrubar;* porque o derrubar é força e impulso alheio: o cahir, fraqueza ou descuido proprio. Quem diz não nos deixes cahir, de si se teme mais que do inimigo, contra si pede o soccorro que pede para si. Mas se na tentação está o perigo, não seria mais conveniente e mais seguro pedirmos a Deus que nos livrasse de ser tentados? Não. O mal não está em ser tentado, está em ser vencido. Se fôra melhor não ser tentado, como bem discorre

[1] Cassiano. Collat. 24, Cap. 25.

Cassiano, não permittira Deus as tentações: mas quer que haja batalhas, porque nos tem apparelhada a corôa. O soldado generoso estima a guerra, porque deseja a victoria; e não recusa o combate, porque aspira ao triumpho. Por isso diz Santiago (e é a primeira coisa que diz) que não devemos receber as tentações com horror e tristeza, senão com alvoroço e alegria: *Omne gaudium existimate cum in tentationes varias incideritis.* [1] O cavallo generoso (como se descreve no Livro de Job, com maior elegancia do que o podera pintar Homero) [2] em ouvindo o signal da guerra, fita as orelhas, quebra as soltas, bate a terra, enche de relinchos o ar, não lhe cabem os espiritos pelas ventas, treme todo de fogo e de coragem com o alvoroço e brios de sahir á batalha. Este é o instincto da generosidade, ainda onde falta a razão; e esta é a razão que nós temos pera pedir a Deus, não que nos não deixe tentar, mas que nos não deixe cahir.

Se Deus nos deixára tentar mais do que podem as nossas forças, então tinhamos justa causa de recusar as tentações: ouvi porém o seguro que nos dá S. Paulo: *Fidelis Deus est, qui non patietur vos tentari, supra id quod potestis:* [3] Deus é fiel, o qual não consentirá jámais que sejaes tentados, sobre o que podeis resistir. E diz nomeadamente o Apostolo neste caso, que Deus é fiel: *Fidelis Deus est;* porque o contrario seria especie de engano, o metter-nos Deus na cilada para cahirmos nella. E' verdade, como nota o mesmo S. Paulo, que a nossa lucta nas tentações não é de homem a homem, senão de homens de carne e sangue contra o poder e astucia dos espiritos das trevas: *Non est nobis colluctatio adversus carnem, et sanguinem, sed adversus principes, et potestates tenebrarum harum contra spiritualia nequitiæ.* [4] Mas para que possamos sahir vencedores em uma lucta tão desegual, vêde como eguala Deus os partidos, e lhes modera a elles o excesso das forças, e as mede com as nossas.

Luctou com Jacob aquelle Anjo, o qual Origenes e outros querem que fosse Anjo mau; mas pelo que toca ás tentações, tanto importa ser Anjo, como demonio,

---

[1] *Jacob.*, I, 2.
[2] *Job.*, XXXIX, 19.
[3] *1.ª ad Corint.*, X, 13.
[4] *Ephes.*, VI, 12.

porque não são os mais feios os que mais tentam. O que faz ao nosso caso, é que sendo Jacob homem, e o Anjo com quem luctava, espirito; como póde ser, que lhe podesse resistir e prevalecer contra elle? Muitos mil homens não teem parelha nas forças com um só Anjo, como se viu no exercito dos Assyrios, em que só um Anjo em uma noite matou mais de cento e oitenta mil homens. Pois se as forças de Jacob eram tão inferiores ás do Anjo, como luctou com elle tão forte e porfiadamente, e o apertou de tal sorte, que finalmente o venceu? A razão é porque não permittiu Deus ao Anjo que uzasse de todas as forças naturaes que tinha, mas sómente em tal medida e proporção, que Jacob com as suas lhe podesse resistir e prevalecer. Isto mesmo é o que diz S. Paulo: *Non patietur vos tentari, supra id quod potestis.* E isto, e pelo mesmo modo, é o que Deus faz em todas as tentações, não permittindo jámais que sejam tão fortes e poderosas, que as nossas forças ajudadas da sua graça (com que nunca falta) as não possam resistir, e sahir com victoria. E como desta parte estamos seguros, não quer Deus que lhe peçamos nos livre das tentações como timidos e fracos, senão sómente que nos não deixe cahir nellas: e que como valentes e generosos soldados, nos ponhamos em campo por seu serviço, em defeza de sua lei, e para gloria de seu nome. Aos homens, ou os tenta Deus para os provar, ou os tenta o demonio para os perder, ou os tentam os outros homens para os opprimir. Se Deus não tentára a Abrahão, como seria a sua obediencia tão celebrada? Se o demonio não tentára a Job, como seria a sua paciencia tão gloriosa? Se Saül não tentára a David, como seria a sua caridade tão heroica, e a sua humildade tão exaltada? Por isso não pedimos a Deus, nem Christo quer que lhe peçamos, que nos livre de tentações, senão sómente, que nos não deixe cahir: reconhecendo porém, e confessando a nossa fraqueza: para que sobre o baixo deste fundamento suba mais seguramente ao alto a voz de nossa oração: *Extollens vocem.*

VIII

Finalmente, a terceira e ultima petição é altissima no juizo. E porque? Porque entendemos, julgamos, e declaramos, que todo o mal é o peccado, e que

entre todos os que vulgarmente se chamam males, só o peccado verdadeiramente é mal: e deste mal pedimos a Deus que nos livre, quando dizemos: *Sed libera nos à malo.* Oh se os homens acabassem de se persuadir, e penetrassem inteiramente, ou se deixassem penetrar desta grande verdade! Com quão differente affecto fariam a Deus esta petição, e desejariam o que nella se pede! Todas as infelicidades do mundo, d'onde cuidaes que têm a sua primeira raiz? Todas nascem da equivocação de dois nomes: todas nascem daquelle engano e erro geral, com que anda equivocado em todas as linguas o nome do mal, e o do bem. Por isso se lamentava e bradava Isaias: *Væ qui dicitis malum bonum, et bonum malum:* [1] Ai de vós os que chamaes mal ao bem! Não ha outro bem neste mundo, que seja verdadeiramente bem, senão a graça de Deus; nem outro mal que seja verdadeiramente mal, senão o peccado. Por estes dois artigos de fé se ata o fim do Padre nosso com o principio da Ave Maria. Como começa a Ave Maria? *Ave gratia plena, Dominus tecum.* [2] Pois, Anjo tão bem entendido como bemaventurado, não tendes outro titulo mais alto, não tendes outro nome de maior magestade, com que saudar a vossa Rainha? Não. Porque na graça de que está cheia, se inclue todo o bem, assim como no peccado, a que nunca esteve sujeita, foi livre de todo mal. A graça não póde estar junta com o peccado; e como Maria, desde o instante de sua Conceição, sempre foi cheia de graça, nesta graça e nesta isenção de peccado consiste toda a soberania da sua grandeza, ainda maior que a de ser Mãe de Deus, que eu lhe venho annunciar. Tão grande bem é a graça, tão grande mal é o peccado!

E para que ninguem duvide que este mal de que pedimos a Deus nos livre é todo o mal, e não ha outro; oiçamos ao mesmo Mestre, que assim nos ensinou a pedir, e cerrou todas as outras petições com esta, como a chave, e mais importante de todas. Naquella mysteriosa oração que Christo fez a seu Eterno Padre sobre a ultima Cêa, recommendando muito debaixo de sua divina protecção os Discipulos, de quem se apar-

[1] *Isai.*, v, 20.
[2] *Luc.*, i, 28.

tava, a clausula, com que rematou a recommendação, cruz; o de que só o livrou foi do peccado, dando á hu-*serves eos á malo:* [1] Não vos peço, Pae meu, que os tireis do mundo, para cuja conversão são necessarios; mas o que muito vos rogo, é que os guardeis e livreis de mal. Esta foi a oração, e parece verdadeiramente, que não foi ouvida. Que pobrezas, que fomes, que sêdes: que perseguições, que carceres, que desterros: que affrontas, que desprezos, que ignominias: que calumnias, que accusações, que injustiças: que açoites, que tormentos, que martyrios, não padeceram aquelles mesmos Apostolos em todas as partes do mundo, e em todos os dias e horas da vida, até finalmente a perderem cruel e affrontosamente, uns crucificados como Pedro, outros aspados como André, outros esfollados como Bartholomeu, e todos, sem excepção de um só, tão barbara e deshumanamente atormentados, quanta era a impiedade e odio infernal dos tyrannos? Pois se todos os trabalhos, miserias, desgraças, afflicções, penas, deshonras; em fim, se todos os males do mundo se uniram e conjuraram contra estes homens, e se empregaram e apuraram nelles, sem que Deus o impedisse, nem os livrasse, deixando-os padecer e morrer; como se cumpriu (pois não podia deixar de ser ouvida) a verdade da oração de Christo: *Ut serves eos à malo?* Elles padeceram todos os males, e o Padre livrou-os de todo o mal? Sim. Porque confirmando-os em graça, livrou-os do peccado, e todos os que o mundo chama males, não são males, só o peccado é mal: *Non dicit, ut serves eos à tribulationibus, ab odiis, à persecutionibus, sed à malo, hoc est à peccato, quod simpliciter est malum:* diz o Cardeal Caetano: e não era necessario que nem elle nem outro algum o dissesse.

Este é o mal de que pedimos a Deus nos livre, e esta a corôa em que Christo rematou a sua oração, para que dissesse o fim com o principio. No principio disse: *Pater noster:* no fim diz: *Sed libera nos à malo:* e este foi unicamente o mal de que o Eterno Padre, como Pae, livrou unicamente a seu Filho. Não o livrou das pobrezas, nem dos trabalhos, nem das perseguições, nem dos desterros, nem dos odios, nem das in-

[1] *Joan.*, XVII, 17.

jurias, nem dos açoites, nem da morte, e morte de cruz; o de que só o livrou foi do peccado dando á humanidade de Christo a união hypostatica, com que a fez impeccavel. E como o altissimo juizo desta ultima petição, mette debaixo dos pés todo aquelle mundo de horrores, a que o mesmo mundo chama males, e dizendo: *Libera nos à malo;* só reconhece por mal o peccado, por ser offensa de Deus; nem na terra, nem no céu, nem dentro do mesmo Deus póde haver conceito mais levantado, que o deste juizo, nem voz mais alta que a desta petição: *Extollens vocem.*

IX

Voltando agora atraz, e pondo-nos na quarta petição, que para este logar reservámos; o que ella diz, é o que se não podia entender, quando se disse. O que se entendeu então, foi que o Senhor fallava só do pão ordinario e usual, com que se sustenta o corpo; mas depois que o tomou em suas sagradas mãos, e o consagrou, então se manifestou que fallava principalmente de seu proprio corpo, o qual nos deu debaixo das especies de pão para sustento da alma. Por isso S. Lucas lhe chamou pão quotidiano com o nome commum, e S. Matheus com vocabulo novo e proprio daquelle mysterio, pão supersubstancial: *Panem nostrum supersubstantialem da nobis.* [1] Chama-lhe sobresubstancial e nosso, sendo que não cáe, nem diz bem o nome de nosso na mesma petição, em que o pedimos. Mas por essa mesma razão é nosso, porque é sobresubstancial. E' tão sobresubstancial, porque os accidentes que vêmos, são de pão; mas a substancia não é de pão, senão do corpo de Christo, que é substancia sobre toda a substancia. E porque esse pão é Christo, por essa mesma razão é pão nosso; porque o mesmo Christo já era nosso antes que fosse pão. Foi pão depois do Sacramento, e já d'antes era nosso desde o nascimento: *Parvulus natus est nobis, et Filius datus est nobis.* [2]

[1] *Math.*, VI, 11.
[2] *Isai.*, IX, 6.

Mas este mesmo pão sobresubstancial e nosso que pedimos, porque razão o pôz Christo na quarta petição, ou com que proporção e mysterio lhe deu este logar, quando parece que por todos os titulos lhe era devido o primeiro? Hugo Cardeal, nesta observação mais que nunca eminentissimo, notou que entre as sete petições do Padre nosso a quarta é a do meio, e diz com singular pensamento, que signalou o Senhor este logar áquelle sagrado pão, para que posto no meio como na raia e horisonte de dois hemispherios, os allumiasse a ambos, e confinando por este modo assim com as petições que vão dirigidas ao céu e a Deus, como com as que pertencem a esta vida, e a nós, em umas e outras nos confortasse egualmente com sua divina virtude: *Media petitio, scilicet panem nostrum da nobis, est communis, et quasi confinium utrarumque confortans, et dirigens transeuntem de vita temporali ad æternam.* Nas tres primeiras petições só tratamos do céu e de Deus, pedindo a santificação de seu nome, a dilatação de seu reino, e a execução de sua vontade: nas tres segundas ou ultimas, tratamos desta vida e de nós, pedindo que nos perdoe nossas dividas, que nos não deixe cahir nas tentações, e que nos livre do peccado: e para tudo isto nos fortalece, posto em meio, o Divinissimo Sacramento: *Hic panis datur de cœlo, et comeditur in terra:* Este pão (continúa o mesmo auctor) dá-se do céu, e come-se na terra. Em quanto se dá do céu, eleva-nos a Deus; em quanto se come na terra, conforta-nos a nós: a Deus, para que sobretudo procuremos sua gloria: a nós, para que contra tudo evitemos suas offensas. E este é o unico e duplicado fim porque pedimos o Santissimo Sacramento no quarto logar, e no meio de umas petições e das outras.

Vejamos com os olhos a admiravel proporção de ser este logar entre sete o quarto. Creou Deus o sol, e não o poz no primeiro, nem no segundo, ou terceiro, senão no quarto céu. Pois o sol, rei dos planetas, pae e fonte de toda a luz, no quarto logar? Sim: diz excellentemente Philo, como quem trouxe a philosophia no nome: *Cum planetarum quisque plus splendoris habeant, lucidissimos ad terram usque mittunt radios, sed præcipue Sol eorum medius. Nec male conjicere mihi videntur, qui Soli medium locum tribuunt, tres supra eum, totidem infra locando.* Os planetas,

como todos sabem, são sete; e por isso (diz Philo) poz o Auctor da natureza o sol no quarto logar, e no quarto céu, para que ficando-lhe tres planetas acima, e tres abaixo, e elle no meio, d'alli os allumiasse melhor a todos, e lhes communicasse egualmente os effeitos e influencias da sua luz. Nem mais nem menos Christo nas sete petições do Padre nosso. Poz no quarto logar, e no meio dellas a petição do Santissimo Sacramento: *Panem nostrum supersubstantialem da nobis:* para que d'alli allumiasse egualmente a todas, e lhes influisse a virtude de sua luz; e tanto as tres de cima, como as tres de baixo: *Tres supra eum, et totidem infra.* As tres petições de cima, são as primeiras que sobem a Deus: *Sanctificetur nomen tuum: Adveniat regnum tuum: Fiat voluntas tua:* as tres de baixo são as ultimas que descem a nós: *Dimitte nobis debita nostra: Ne nos inducas in tentationem: Libera nos à malo:* e assim como para as primeiras nos eleva como pão transubstancial, assim para as ultimas nos conforta como pão nosso. Ainda tem mais similhança com o sol no quarto céu. Porque do mesmo modo que o sol allumia uns e outros planetas, não só de dia, senão de noite; nem só quando está descoberto a nós, senão quando eclipsado e coberto de nuvens; assim Christo no Divino Sacramento eclipsado, e encoberto debaixo da nuvem dos accidentes, e na noite deste mundo e escuridade da fé, tanto nos fortalece os affectos no que pedimos a Deus para Deus; como nos communica, e estabelece os effeitos no que pedimos a Deus para nós.

Esta foi a primeira imagem deste mysterio que Deus pintou no céu, que é o seu Templo; e esta foi tambem a segunda, que collocou no desenho da sua Igreja, que é o nosso. No Templo de Salomão, e antes delle no Tabernaculo de Moysés, mandou fabricar Deus aquelle famoso candelabro, que defronte dos Pães da Proposição allumiava o *Sancta Sanctorum.* A materia era de oiro purissimo, a fórma como de uma arvore artificial, de cujo tropheu em egual proporção sahiam de uma e outra parte, tres ramos meio arqueados, no remate dos quaes, como tambem no do tronco, que era direito, ardiam sete lumes. Este candelabro pois, diz S. Prospero, [1] que significava o Santissimo Sacramento,

[1] D. Prosp. Libr. 2.º de Promission. Cap. 2.º

e o mesmo sentido e argumento seguiu e entendeu modernamente com summa erudição Theophilo Raynaudo. [1] Nota porém este diligentissimo Auctor, que sendo miudissima a Escriptura em descrever todo o artificio e partes do candelabro, e ainda os instrumentos exteriores que a elle pertenciam, só da base não faz menção: *Prætertit Scriptura basim candelabri, ita ut, tametsi adeo solicite reliquas. Candelabri partes quasi dissimilares expresserit, basis tamen nusquam meminerit.* Pois se esta famosa obra da architectura divina, traçada e mandada lavrar pelo mesmo Deus, se descreve parte por parte tão exacta e acuradamente; da base porque se não faz menção, sendo muitos os logares da Historia Sagrada, e não menos de vinte, os que fallam neste candelabro? Tornielo, Saliano, Cornelio, e os demais, suppoem que o candelabro tinha base, cançando-se muito em adivinhar a figura de que era formada. E eu não posso deixar de estranhar, e ainda de me doer, de que Theophilo faça o mesmo, privando-se de uma grande prova, e da mais elegante confirmação do seu argumento.

Digo, pois, que a Escriptura não faz menção da base do candelabro, porque o candelabro não tinha base: e digo que a não tinha, assim como Melchisedech não teve pae nem mãe. De Melchisedech diz S. Paulo, que não teve pae nem mãe, não porque os não tivesse, mas porque a Escriptura não faz menção delles. [2] E porque não faz a Escriptura menção do pae e mãe de Melchisedech? Porque Melchisedech era figura de Christo, o qual no céu não tem Mãe, e na terra não tem Pae. Da mesma maneira no nosso caso. O candelabro tinha base, mas não faz menção della a Escriptura, como se a não tivera. Porque? Porque o candelabro era figura do Sacramento. E como no Sacramento estarem os accidentes sem sujeito é a mesma maravilha, que sustentar-se o candelabro sem base, por isso calla a Escriptura, e não faz menção da base do candelabro, como se a não tivera, para que a figura se parecesse com o figurado.

Provada pois esta excellente figura, e a grande si-

---

[1] Theophilus Ray. De Eucharistia. Sect. 1. Cap. 6.º

[2] *Hebr.*, VII, 3.

milhança daquelle soberano mysterio do altar com o candelabro do Templo, quem não vê nos sete lumes delle o que o divino Sacramento obra nas sete petições do Padre nosso? Assim como no candelabro os tres lumes de uma parte, e os tres lumes da outra, todos sahiam do mesmo tronco, onde estava o lume do meio: assim as tres primeiras petições do Padre nosso, para serem acceitas a Deus, e as tres ultimas, para que sejam proveitosas a nós, toda a sua luz e calor, todo o seu valor e efficacia recebem do pão sobresubstancial que pedimos no meio dellas. As primeiras, em que pedimos para Deus, nascem d'aquelle sacrosanto mysterio, em quanto sacrificio, cujo fim é o culto divino: e as ultimas, em que pedimos para nós, nascem do mesmo mysterio, em quanto Sacramento, cujo fim é o nosso remedio.

E para que não faltasse á mesma figura a mais particular e não imaginada propriedade, assim o tronco como os ramos do candelabro em que se sustentavam os lumes, qual vos parece que seria o lavor de que estavam ornados? Era um lavor torneado em contas, e esculpido em rosas: *Sphærulæ per singulos, et lilia.* [1] Em logar de *lil'a*, Vilhalpando, e Lipomano leem *rosas*, e em logar de *sphærulæ* vertem outros com maior expressão, *globuli*, que é o proprio nome das contas por onde rezamos. Para que na mesma figura do candelabro, nem as contas, nem as rosas faltassem á primeira e principal oração do Rosario, como nem o numero mysterioso de suas petições á proporção e consonancia altissima de suas vozes: *Extollens vocem.*

X

Resta a terceira e ultima parte do nosso discurso, a que sinto muito chegar tão tarde: mas a minha brevidade, e a vossa devoção, farão toleravel este defeito. Prometti provar neste ultimo ponto, quão alta e altissima é a oração vocal do Rosario pela alteza da intercessão, de que nos valemos: e esta valia e intercessão é a da Virgem Santissima Senhora nossa, cujo pode-

[1] *Exod.*, XXV, 34.

rosissimo patrocinio tantas vezes imploramos, quantas são as Ave Marias no Rosario, repetindo no mesmo dia cento e cincoenta vezes: *Sancta Maria Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus.* O tribunal, diante do qual intercede a Rainha dos Anjos, é o supremo consistorio da mesma Magestade divina, a quem presentamos nossas petições, e a quem na primeira palavra do Rosario invocamos com o nome de Pae, como proprio da piedade e misericordia, em que como peccadores temos posta toda a confiança. Os titulos, finalmente, em que se funda a efficacia da intercessão que pedimos, como se vê da mesma supplica, são tres: Santa Maria Mãe de Deus, roga por nós: que rogue por nós como Santa, que rogue por nós como Maria, que rogue por nós como Mãe de Deus. Todos estes titulos declarou o Anjo na sua embaixada com a mesma distincção, e pela mesma ordem: primeiro o de Santa: *Gratia plena:* depois o de Maria: *Ne timeas Maria:* ultimamente o de Mãe de Deus: *Paries Filium, et Filius Altissimi vocabitur.* E nas mesmas tres palavras, se bem notardes, se inclue inteiramente toda a oração da Ave Maria, resumida cada clausula a uma só palavra: porque ao *Ave Maria* responde Maria: ao *Gratia plena* responde Santa: e ao *Benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui,* responde Mãe de Deus.

Com razão dizemos logo, que a oração vocal do Rosario, tambem por esta intercessão, de que nos valemos, é alta e altissima: *Extollens vocem;* porque sendo altissimo na Senhora o titulo de Santa, altissimo o de Maria, e altissimo o de Mãe de Deus, todos juntos, e uns sobre os outros, que altura farão? Agora tomára eu tempo para os combinar, e comparar entre si, e excitar sobre elles outras tantas questões: Se é mais forte para interceder, o titulo de santa, ou o de Maria? Se é mais suave para obrigar, o nome de Maria, ou o de Mãe de Deus? Se é mais poderoso para conseguir, o respeito de Mãe de Deus, ou o de santa? Mas seja resolução o que podéra ser disputa. E digo, que cada titulo em seu genero comprehende, em gráu altissimo, as perfeições de todos. O de santa; porque a santidade de Maria, depois da santidade de Deus, é a maior santidade: o de Maria; porque o nome de Maria, depois do nome de Deus, é o maior nome: o de Mãe de Deus; porque a dignidade de Maria, depois da dignidade de Deus, é a maior dignidade. Intercedendo pois por nós,

posto que peccadores, a maior santidade, o maior nome, e a maior dignidade, como poderá resistir a Divina Justiça, nem negar-se sua misericordia a uma tão forte, tão suave, e tão poderosa intercessão?

A intercessão, como o significa o mesmo nome, é um meio entre dois extremos: e para ser poderosa e efficaz, ha de tocar a ambos: áquelle com quem intercede, que neste caso é Deus, e áquelles por quem intercede, que são os peccadores. E a Senhora, posta entre Deus, e os peccadores, quão chegada é a um e outro extremo? E' tão chegada a Deus, com quem intercede, que só lhe falta o ser Deus; e tão chegada aos peccadores, por quem intercede, que só lhe falta o peccado. S. Matheus, tecendo a genealogia da Virgem Maria, fel-o com tal artificio, que poz a Senhora entre Deus e os peccadores, fazendo-a filha de peccadores, e Mãe de Deus, como verdadeiramente é. E' filha de peccadores por natureza, e Mãe de Deus por graça; mas por tal modo de graça, que a mesma natureza que recebeu dos peccadores para ser sua filha, foi a segunda natureza que deu a Deus para ser sua Mãe. E sendo intercessora e medianeira entre Deus, de quem é Mãe, e entre os peccadores, de quem é filha, vêde que graça se poderá negar a uma intercessão tão estreita por natureza? Essa foi a ventura de um ladrão, e a desgraça do outro no Calvario. Christo estava no meio de ambos: mas em meio da cruz de Christo, e da cruz do Bom Ladrão estava a Senhora; em meio da mesma cruz de Christo, e da cruz do Máu Ladrão, não estava. E onde entre o peccador e Deus mediou a Mãe de Deus, salvou-se o peccador; onde não mediou, não se salvou. E esta é a força da mediação, de que nos valemos, esta a intercessão altissima, que pedimos, quando dizemos: *Sancta Maria Mater Dei ora pro nobis peccatoribus.*

Não posso porém deixar de reparar muito, que neste caso invoquemos a intercessão e patrocinio da Senhora com nome de Mãe de Deus, e não de Mãe nossa. Assim como já atamos o fim do Padre nosso com o principio da Ave Maria; atemos agora o fim da Ave Maria com o principio do Padre nosso. Se quando invocamos a Deus, dizemos: *Pater noster:* quando invocamos a Senhora, porque não dizemos tambem, *Mater nostra*, senão, *Mater Dei?* Temos ousadia, como dissemos, para chamar a Deus nosso Pae,

e não temos confiança para chamar á Senhora, nossa Mãe? Sim, temos. Não é falta de confiança, é fineza de saber allegar e pedir. Muito mais adiantamos, e encarecemos a intercessão que pedimos, invocando a Senhora como Mãe de Deus, que como Mãe nossa. Porque se intercedera por nós como Mãe nossa, empenhara-se por nós como filhos seus: mas intercedendo por nós como Mãe de Deus empenha-se por nós como por filhos de seu Filho, que é muito mais. Quando nós dizemos, *Pater noster*, quem é nosso Pae, e de quem somos filhos? Somos filhos do mesmo Deus, de quem a Senhora é Mãe: logo muito maior empenho é o do seu amôr intercedendo por nós, em quanto filhos de seu Filho, que em quanto filhos seus.

Quando Jacob lançou a benção a todos seus filhos, applicou a benção de cada um á pessoa do mesmo filho: a de Ruben á pessoa de Ruben, a de Simeão á pessoa de Simeão, a de Levi á pessoa de Levi, e assim nos demais; mas quando chegou a José, não lhe applicou a benção a elle, senão aos filhos do mesmo José, Manassés, e Efraïm. Pois se aos outros os abendiçoou em si mesmos, em José porque mudou de estylo, e em vez de lhe applicar e dar a benção a elle, a dá e applica a seus filhos? Porque a José amava mais que a todos os outros: e maior empenho e demonstração foi do seu amôr, o dar a benção a Manassés e Efraïm, que eram filhos de seu filho, do que se a dera ao mesmo José que era filho seu. Dando a benção a José, satisfazia só ao seu amôr, mas dando-a aos filhos de José, satisfazia ao seu amôr e mais ao amôr do mesmo José: porque não só mostrava amar muito ao filho, senão aos filhos do filho. No nosso caso ainda é maior a razão, e infinitamente maior. A Senhora, ainda que còmo Mãe nossa nos ama muito, como Mãe de Deus ama infinitamente muito mais a Deus: logo muito mais segura fica a sua intercessão, e muito mais poderosa e efficaz, intercedendo por nós como filhos de seu Filho, que como filhos seus; porque não só intercede por nós com o grande amôr com que nos ama a nós, senão com todo o amôr com que ama a Deus.

Sendo isto verdadeiramente assim, e da parte da mesma Mãe de Deus, e Mãe nossa, com maior certeza e affecto, do que se póde encarecer nem imaginar; o que só resta, é que todos nos valhamos do altissimo e poderosissimo patrocinio de tão soberana Interces-

sora, com aquella confiança que nos assegura a grandeza de sua piedade, e com aquella efficacia e instancia que requer a grandeza da nossa pretenção. O que em summa pretendemos em tantas e tão varias petições, é o reino do céu: *Adveniat regnum tuum.* De conseguir ou não conseguir esta pretenção, não é menos o que depende, que a felicidade ou infelicidade eterna. Vêde se é grande a importancia, e qual deve ser o nosso cuidado. E posto que o supremo Senhor, diante de quem requeremos, seja Pae, e invocado como Pae: *Pater noster, qui es in cœlis;* se nos faltar a intercessão da Mãe, muito podemos temer que nos não valha, nem baste o nome de filhos. Dois filhos tinha David pretensores ambos ao mesmo reino, Adonias, e Salomão: e qual levou a corôa? Adonias que tinha de sua parte a prerogativa de primogenito, perdeu-a; e Salomão foi o herdeiro do reino, não com outra razão de preferencia mais que a intercessão de sua Mãe: *Egredimini, filiæ Sion, et videte regem Salomonem in diademate, quo coronavit eum mater sua.* [1] Assim o deixou escripto, para eterna memoria do caso, o mesmo Salomão: Sahi, filhas de Jérusalem e vêde a El-rei Salomão triumphante com a corôa com que o coroou sua mãe. Lêa-se a historia dos Reis de Israël, e achar-se-ha que o mesmo David, pae de Salomão, foi o que o nomeou por rei, e o mandou coroar. Pois se consta da Escriptura que o pae coroou a Salomão, como diz o mesmo Salomão que o coroou a mãe? Porque se não fôra a intercessão da mãe, não havia elle de herdar o reino. E entendeu Salomão, como tão sabio, que mais devia a corôa á intercessão da mãe, que á graça e nomeação do pae. E que foi tudo isto senão uma representação no theatro da terra, do que passa e nos ha de acontecer no reino do céu? E' verdade, como crê e confessa a nossa fé, que o reino do céu que pedimos, não se alcança senão por graça de Deus, que é o Pae; mas quer o mesmo Deus que entendamos, que só por intercessão de sua Mãe se alcança essa graça nesta vida, e a corôa da Gloria na outra.

---

[1] *Cant.*, III, 11.

SERMÃO SEGUNDO

Extollens vocem quædam mulier. [1]

I

Bem temia eu (como logo disse) que as primeiras excellencias do Rosario, ou o alto e altissimo delle, em quanto oração vocal, me não havia de caber em um só discurso. Mas nem por isso a faz menos nobre a necessidade de outro. O não caber é argumento da grandeza das coisas: assim succede ás notavelmente grandes. Aquella machina grega, portento da industria do nosso Ulysses, porque não cabia pelas portas de Troya, foi necessario que se lhe rompessem os muros. O mesmo Christo, quando entrou pelo céu como homem, coube pelas portas: *Attollite portas, principes, vestras:* [2] mas quando desceu como Deus, foi necessario que os céu se rompessem: *Utinam dirumperes cœlos, et descenderes.* [3] Coube pelas portas em quanto homem, em quanto Deus não coube. Não fôra a Arca do Testamento figura da Mãe de Deus, se coubera no Tabernaculo de Moysés: por isso accrescentou Deus á primeira idéa a segunda, e mandou edificar o Templo de Salomão. Acolá estava estreitada a sua grandeza, aqui dignamente ostentosa a sua Magestade.

Mas se ambas as idéas eram de Deus, por que foi necessario accrescentar a segunda sobre a primeira? Porque até o entendimento e a mão divina o faz as-

---

[1] *Luc.*, II.
[2] *Psalm.* XXIII, 7.
[3] *Isai.*, LXIV, 1.

sim nas grandes obras suas. Mostrou Deus a José as grandes fortunas, para que o tinha destinado, e não em um só desenho, senão em dois: um na eira, outro no firmamento. [1] A primeira vez adorado nas paveias, que elle atava com os irmãos; a segunda, no sol, na lua, e nas estrellas, que egualmente o adoravam. A grandeza do imperio de seu filho, mostrada já sobre a estatua dos quatro metaes, tambem a tornou a mostrar Deus segunda vez nas quatro feras ou monstros que representavam as quatro monarchias do mundo. [2] Pois se o mesmo mundo o creou Deus, e fez de uma vez estoutras obras suas, porque as não mostra em uma só visão ou figura, senão em duas? [3] Porque no fazer, obra Deus segundo as medidas da sua omnipotencia; no mostrar e dar a conhecer, segundo a capacidade da nossa vista. Porque nós não somos capazes de vêr tudo de uma vez, suppre Deus na segunda idéa o que faltou na primeira. Na primeira adoração de José mostrou a baixa condição dos adoradores: na segunda, a alteza e lustre do adorado. No primeiro abatimento dos quatro mezes da estatua mostrou a riqueza de umas monarchias, e a fortaleza das outras: no segundo dos quatro monstros, não mortos como os metaes, senão vivos e feros; na vida mostrou-lhe a duração, e na fereza a tyrannia.

Parece-me, senhores, que me tenho declarado. Para não caberem as excellencias do Rosario vocal em um só discurso, bastava a insufficiencia do prégador: mas não foi essa a principal causa, senão a eminencia da materia, e sua grandeza. Quando o principe dos prégadores, S. Paulo, debaixo do nome de Deus desconhecido, que os Athenienses adoravam, lhes deu a conhecer a divindade e humanidade do Deus verdadeiro, disseram no Areopago aquelles que eram reputados pelos mais sabios homens do mundo: *Audiemus te de hoc iterum:* [4] outra vez vos ouviremos sobre isto mesmo. E como as coisas com excesso grandes, nem em Athenas se podem ouvir bastantemente de uma só vez; outra vez tambem me haveis de ouvir sobre o mesmo

---

[1] *Gen.*, XXXVII, 5 e 9.
[2] *Dan.*, II, 29.
[3] *Ibid.*, VII, 3.
[4] *Act.*, XVII, 32.

ponto, que não será em tudo dissimilhante ao de S. Paulo. Aquella devoção dos Athenienses era tão commum, e tão vulgar, que o mesmo Apostolo lhes disse, que passando por uma rua da sua cidade, vira o altar do Deus desconhecido com o titulo por cima: *Ignoto Deo:* [1] Tão commum e tão vulgar é entre nós o Rosario! Mas hoje acabaremos de vêr, que não está ainda bem conhecido na nossa Athenas: e que lhe quadra em grande parte (posto que seja tão divino) o titulo de ignoto: *Ave Maria.*

II

Extollens vocem.

Na oração vocal do Rosario, ou no Rosario em quanto oração vocal, considerámos, se bem nos lembra, a alteza de sua perfeição, já por parte das petições que nella fazemos, já por parte das Magestades a que as representamos, já por parte da intercessão de que nos valemos: e nestas tres considerações, em que toda se comprehende, a mostrámos, não só alta, senão altissimamente levantada: *extollens vocem.* E esta alteza altissima póde-se ainda altear, e tem mais por onde subir? Sim. Porque no discurso passado ponderámos só o que diz o Rosario; hoje havemos de examinar o modo com que o diz: *Consummatæ sapientiæ est, quid quo insequaris modo.* [2] A sabedoria perfeita e consummada (diz Santo Agostinho), não so consiste nas coisas que se dizem, senão no modo com que se dizem: não só no *quid*, senão no *quomodo.* Este foi um dos maiores privilegios (senão foi o maior) que Christo concedeu aos seus Apostolos. Quando fordes levados a juizo, diante dos principes e tribunaes do mundo em defeza da minha fé, e da vossa doutrina, não vos canceis, diz o Senhor, em meditar nem estudar o que haveis de dizer, nem o modo com que o haveis de dizer, porque naquella hora vos será dado: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini, dabitur enim vobis in illa hora.* [3] Notae o *quid*, e o *quomodo*, e pri-

[1] *Act.*, XVII, 23.
[2] *Math.*, X, 19.
[3] August. Epist. ad Demetrium.

meiro o *quomodo* que o *quid*. Pois não bastava que Deus infundisse naquella hora aos Apostolos a sciencia das coisas que haviam de dizer, senão tambem o modo com que as haviam de dizer? Não bastava. Porque não só a intelligencia, senão a mesma grandeza e energia das coisas que se dizem, depende muito do modo com que se dizem. A razão deu em outro logar o mesmo Santo Agostinho, tão douta e bem assentada como sua: *Parum, et nimium duo sunt inter se contraria: parum est quod minus est quam oportet: nimium est quod plus est quam oportet: horum in medio modus est.* [1] Quer dizer: o defeito e o excesso no dizer são dois contrarios. O defeito diz menos do que convem, o excesso diz mais do que convem: e no meio destes dois extremos está o modo, o qual emenda o defeito, para que não diga menos, e modera o excesso, para que não diga mais.

Sendo esta pois a inteireza e perfeição do modo, não ha duas coisas em que o mesmo modo seja mais difficultoso de se guardar, e em que tenha maior perigo de se perder ou perverter, que no louvar e no pedir. No louvar, por menos; porque de nenhuma coisa são mais avarentos os homens, que do louvor: e no pedir, por mais; porque de nenhuma são mais prodigos, que do desejo de receber. E como os dois fins e intentos do Rosario vocal são louvar a Deus, e á Mãe de Deus, e pedir mercês a ambos; este é o segundo ponto que pede novo discurso, e novo exame. No primeiro ponderámos a alteza das vozes do Rosario no que dizem: agora examinaremos o fino ou afinado dellas no modo com que o dizem. A muitos parecerá que em parte dizem mais, e em parte menos, que são os dois extremos, entre os quaes consiste o Modo, e a Scylla, e Carybdes, em que é difficil acertar com o meio: e a todos satisfaremos. Christo Senhor nosso para dizer mais do que disse ou exclamou a Oradora do Evangelho, replicou sobre o que ella tinha dito, accrescentando ao *Beatus venter* o *Quinimo Beati:* e o mesmo farei eu. Sobre todas as tres considerações do discurso passado, arguirei e replicarei o que parece excesso: e assim como já vimos a alteza da oração vocal do Rosario, no que dizem as suas vozes, assim

[1] August. in Psalm. 118.

a veremos agora no modo com que o dizem. No que dizem, alta e altissima sobre todas: no modo com que o dizem, alta e altissima sobre si mesma. Em summa, que a mesma voz do Evangelho, que já ouvimos, é a que tornaremos hoje a ouvir, mas em diverso tom, porque será um ponto mais levantada: *Extollens vocem.*

III

Começando pois pela Magestade a que presentamos nossas petições (que foi a primeira consideração do discurso passado) a primeira coisa tambem em que se póde reparar, é o modo tão nu e secco com que no Rosario invocamos a Deus, dizendo sómente, *Pater noster*, sem outra prefacção nem apparato de exordio. No exordio das outras orações sempre a Igreja costuma allegar a Deus, ou os seus attributos, ou os seus beneficios, ou as nossas necessidades, ou talvez o nosso merecimento. Mas orar a Deus, e pedir-lhe mercês, sem da sua nem da nossa parte allegar motivo algum com que conciliemos a sua benevolencia, e façamos propicia a sua graça? Bem mostra nisto a primeira oração do Rosario ser dictada pelo Filho de Deus, e idéa soberana de seu entendimento. Quando nos ensina a invocar a Deus, calla o nome de Deus, e o de Senhor (que é o principio ordinario das outras orações) calla os attributos da misericordia, e da bondade, calla os titulos de Creador, Redemptor, Justificador, e tantos outros, de que nos poderamos valer, e só quer que lhe chamemos Pae. Porque? Porque esta allegação tão breve, tão simples, e ao parecer tão nua e desarmada, é a que mais significa, a que mais move, a que mais enternece o coração de Deus, e a que não póde resistir todo seu poder. Todas as outras allegações juntas não chegam a comprehender nem exprimir o que diz esta palavra *Pae*.

Desenganado o Prodigo, e cançado de servir o mundo com o pago que elle costuma dar, o que disse dentro em si, depois que tornou em si, foi: *Surgam, et ibo ad Patrem meum:* [1] tempo é já de me levantar da miseria em que estou cahido, quero-me ir para meu Pae? Para meu Pae? Toma-lhe a palavra da bocca

[1] *Luc.*, xv, 18.

S. Pedro Chrysologo, e argue contra elle assim: *Ad Patrem meum? Qua spe? Qua fiducia? Qua confidentia?* A teu Pae dizes, filho ingrato, descomedido, perdido? A teu Pae dizes, a quem quizestes herdar antes da morte? A teu Pae, a quem deixaste, e de quem fugiste, como se fôra inimigo? A teu Pae, a quem affrontaste com tantas vilezas tão indignas da nobreza de teu nascimento? *Qua spe:* como esperas que te ha de reconhecer? *Qua fiducia:* como crês que te ha de admittir? *Qua confidentia:* como confias que te não ha de lançar de si? *Ea qua Pater est:* responde o Santo. A esperança com que isto crê, a confiança com que isto confia, não é outra, senão o ser Pae: *Ea qua Pater est.* E' Pae? Pois ainda que o Prodigo não traga similhança do que d'antes era, ha-o de reconhecer. E' Pae? Pois ainda que seja indigno de entrar em sua casa, ha-o de recolher. E' Pae? Pois ainda que tenha faltado ás obrigações do nascimento, e do sangue, ha-o de metter nas entranhas. E' Pae? Pois ainda que tenha deixado de ser filho, elle não ha de deixar de ser Pae: *Ego perdidi quod erat filii, tu quod Patris est, non amisisti.* E uma causa tão contingente, tão improvavel, tão desesperada, quem a ha de vencer? Um advogado (diz Chrysologo) não estranho, nem de fóra, senão tão natural, e tão de dentro, que o mesmo Pae o tem no peito: *Apud Patrèm non intercedit extraneus: intus est in Patris pectore ipse, qui intervenit, et exorat affectus.* E' um advogado mudo, mas mais eloquente que Tullio, nem Demosthenes: um advogado, que sem fallar, ora; que sem arrazoar, persuade; que sem allegar, convence; que sem interceder, consegue; que sem rogar, manda; que sem julgar, sentencêa, e sempre absolve. E quem é, ou como se chama este advogado? Amôr de Pae: *Intus, intus est in Patris pectore, ipse qui intervenit, et exorat affectus.*

Mas d'onde concebeu aquelle moço esta fé, e d'onde fundou em materia tão duvidosa uma tão firme esperança? Fundou-a nas experiencias passadas do mesmo amôr, o qual em quem é Pae não passa, nem se muda, nem enfraquece, sempre é o mesmo. Pedira elle ao Pae, que o herdasse em sua vida, e lhe désse a parte dos bens que lhe pertencia, ou havia de pertencer. E que fez o Pae? Deu-lhe o que verdadeiramente não devia, e fez, segundo parece, o que não devera. Porque a um moço tão inimigo da sujeição, tão

appetitoso da liberdade, e de tão pouco juizo, e tão verde, que não levando em paciencia a larga vida do Pae, não soube dissimular a impiedade deste desejo, e porque lhe não podia apressar a morte, quiz anticipar a herança; que outra coisa era metter-lhe nas mãos a fazenda, senão armal-o contra a virtude, e contra a honra, dar-lhe poder e materia para os vicios, e pol-o na carreira da perdição? Pois se todas estas razões tinha o Pae para lhe negar o que pedia, porque lhe fez a vontade em tudo? Porque era Pae, diz o mesmo Santo: *Patris est non negare.* O amôr não sabe negar. E porque o amôr de Pae é o maior amôr, nem soube, nem pôde, nem teve coração para negar ao filho o que lhe pediu. E como elle tinha experimentado no amôr do Pae, que não bastaram tantas razões para lhe negar o que então pedira, por isso tambem agora teve confiança, que não seriam necessarias razões para lhe conceder o que esperava. Quem tendo razões para negar, não negou; para não negar e conceder não ha mister razões. Como se dissera o moço, já sizudo e entendido: muita razão tem meu Pae para me não admittir em sua casa, muita razão tem para me não vêr, nem consentir em sua presença, muita razão tem para me não conhecer, antes para me negar de filho: razão pelas minhas ingratidões, razão pelas minhas loucuras, razão pelas minhas vilezas, razão pelas minhas intemperanças; mas sobre todas estas razões está a razão de Pae. Contra esta razão não ha razão. E esta é a que me anima, esta a que me dá confiança: *Ibo, ibo, ad Patrem meum.*

Agora nos digam todos os Padres e Expositores, este Pae e este filho quem são? O Pae é Deus, o filho somos nós. E para que nós entendessemos que a mais alta prefação e o mais sublime exordio com que podemos invocar a Deus, e o mais efficaz motivo que lhe podemos allegar, e o mais amoroso titulo com que lhe podemos conciliar a graça, e render o coração, é o titulo, o motivo, e a razão de Pae: por isso na primeira palavra do Rosario o invocamos com o nome de Pae, e não como nas outras orações com os soberanos titulos de Deus, ou Senhor. Deus como Deus é misericordioso e justo; mas como Pae é misericordioso sem justiça; Deus como Senhor é poderoso para perdoar, e para castigar; mas como Pae, poderoso para o perdão, e não para o castigo: como Deus, e como Senhor, em

fim, póde negar, e póde conceder; mas como Pae só sabe conceder, não sabe negar: *Patris est non negare*. Sendo pois tantas e tão grandes as petições que no Rosario presentamos ao Consistorio Divino, acertado e acertadissimo é o modo com que as fazemos, não debaixo dos titulos da Magestade, senão do nome do amôr, não como a Deus e Senhor, senão como a Pae: *Pater noster*. E para que saibamos a confiança com que devemos pedir a este soberano Pae, e o desejo que elle tem de lhe pedirmos, oiçamos ao mesmo Pae a maior coisa que se póde imaginar nesta materia.

Falla Deus com seu proprio Filho, o Verbo Eterno feito Homem, e diz assim: *Filius meus es tu, ego hodie genui te: postula à me, et dabo tibi gentes hæreditatem tuam:* [1] Sois meu Filho, porque vos gerei hoje: pedi-me a vossa herança, que são todas as gentes do mundo, e eu vol-a darei. Tres coisas, quando menos, dignas de grande reparo contém estas profundas palavras. Se Deus gerou seu Filho *ab æterno*, como diz que o gerou hoje: *Ego hodie genui te?* Se diz que a herança é sua: *hæreditatem tuam:* como quer que elle lh'a peça: *Postula à me?* E se diz que lh'a dará: *Et dabo tibi;* porque lh'a não dá sem a pedir? Tudo são demonstrações de quanto Deus, como Pae, deseja dar. Muito deseja dar quem pede que lhe peçam. Nós somos requerentes de Deus, para que nos dê, e Deus é requerente nosso, para que lhe peçamos. Mas isto só o faz como Pae a filhos. O Filho que o Padre gerou *ab æterno*, era Filho a quem não podia dar, nem elle podia pedir, porque era Deus. Mas fez que esse Filho se fizesse Homem: Para que? Para ter um Filho, que como Homem lhe podesse pedir, e a quem elle como Pae podesse dar. A elle deu-lhe a herança como a Primogenito, e a nós tambem nol-a quer dar como a filhos segundos, mas com a mesma condição de que a peçamos. E não fôra maior liberalidade dar sem esta condição, e sem esperar que pedissemos primeiro? Não. Porque quer dar de tal modo, que não só satisfaça a sua vontade, senão tambem o nosso desejo. Quem me dá o que não peço, mede a dadiva pela sua vontade: quem me dá o que peço, mede-a pela minha. Mais faz Deus. Mede pela minha vontade a sua, que

[1] *Psalm.* II, 7 e 8.

é medida sem medida, porque quer, e se obriga a querer quanto eu pedir. Por isso quiz o soberano Pae que pedissemos, e por isso nos ensinou o Filho neste modo de pedir a seu Pae.

El-rei Assuero offereceu á rainha Esther que pedisse o que quizesse, mas esta largueza, ou de liberalidade, ou de amôr, quando cuidou que a estendia, então a limitou, porque dizendo: *Quid vis:* accrescentou: *Etiam si dimidiam partem regni petieris, dabitur tibi:* [1] que ainda que pedisse ametade do seu reino, lh'o daria. Pouco dá, e pouco quer, quem do que tem e do que póde, offerece só ametade. Não assim o Pae a quem pedimos, porque uma só partida do que quer que lhe peçamos nesta mesma oração do Padre nosso, não é ametade do seu reino, senão todo: *Adveniat regnum tuum.* [2] Assuero era rei e esposo: em quanto rei, fallou nelle a liberalidade, em quanto esposo o amôr: e é tanto maior em Deus a liberalidade e amôr de Pae, que quando a liberalidade de rei, e o amôr de esposo não chega mais que a prometter ametade do reino, a liberalidade e amôr deste soberano Pae não dá menos que todo. E notae, que quando lhe pedimos o reino, não dizemos que nos dê o seu reino, senão que o seu reino venha a nós. Porque? Porque pedimos como filhos a Pae, e o reino do Pae vem aos filhos. Esta é a razão porque diz o Pae que dará a sua herança ao Filho: *Dabo tibi hæreditatem tuam.* A herança vem aos filhos, não lh'a dão os paes: pois porque diz este Pae que dará ao Filho a sua herança? Porque é Pae immortal. Quando os paes são mortaes, a herança é pura herança, e vem por morte dos paes aos filhos. Mas quando o Pae é immortal como Deus, a herança dos filhos é herança com propriedade de doação *inter vivos*, e a doação do Pae é doação com propriedade de herança. Com propriedade de herança, porque de direito vem aos filhos, e com propriedade de doação, porque verdadeiramente a dá o Pae: *Dabo tibi hæreditatem tuam.*

Só resta dentro no mesmo Padre nosso uma objecção que parece desfaz claramente o que atégora dissemos. Dissemos que não allegamos a Deus outro titulo, nem

---

[1] *Esth.*, v, 3.
[2] *Math.*, vi, 10.

outro motivo, nem outra razão da sua ou da nossa parte, senão sómente o ser Pae: e na mesma oração do Padre nosso pedimos a Deus que nos perdoe, assim como nós perdoamos: logo ainda que da parte de Deus só lhe representamos o ser Pae, da nossa parte allegamos o perdão dos inimigos, que não é pequeno, nem facil merecimento. Tão fóra está isto de ser objecção, que antes é maior confirmação do que digo. Suppor o perdão dos inimigos, não é allegação, é justificação. Ora vêde. Para pedir aos principes da terra, não é necessario justificar primeiro o que na petição se allega? Sim. Pois do mesmo modo para pedir a Deus, a quem só allegamos o ser Pae, é necessario justificar tambem que elle verdadeiramente é Pae nosso, e vós filhos seus. E esta justificação só se prova com o perdão e amôr dos inimigos. O mesmo Christo o disse: *Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos; ut sitis filii Patris vestri, qui in cœlis est:* [1] Amae a vossos inimigos, e fazei bem aos que vos querem mal, para que sejaes filhos do vosso Pae que está no céu. De vosso Pae que está nos céus, diz, assim como nós dizemos: *Pater noster qui es in cœlis.* E esta é a razão porque em toda a oração do Padre nosso, e em todo o Rosario, nenhuma outra coisa ou acção nossa deduzimos ou suppomos senão o perdão dos inimigos sómente: *Sicut et nos dimittimus debitoribus nostris;* porque o nosso intento não é allegar algum titulo de merecimento da nossa parte, senão só justificar que Deus, a quem invocamos como Pae, verdadeiramente é Pae nosso: para que as petições que debaixo deste nome se seguem fiquem correntes, e não sáiam escusadas. Oh que boa advertencia esta para todos os que rezam o Rosario! Quando começam dizendo: *Pater noster:* supponham que o primeiro despacho é: = *Justifique* =: e se justificarem com o perdão e amôr dos inimigos, que estão em estado de filhos, então esperem confiadamente, que o Pae do céu que invocam, lhes concederá tudo o que pedem.

IV

Esta é a primeira parte do modo com que presentamos nossas petições á Magestade Divina, não como

[1] *Math.*, v, 44 e 45.

a Deus, nem como a Senhor, senão como a Pae. A segunda parte, e não menos excellente, é que lh'as não presentamos só como a Pae, senão como Pae nosso: *Pater noster.* O em que aqui reparo, é em dizermos *nosso*, e não *meu.* Funda-se a duvida não menos que nas palavras do mesmo Christo, quando ensinou o Padre nosso, que são estas: *Tu autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum, et clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito, et Pater tuus, qui videt in abscondito, reddet tibi.* [1] Tu, quando orares, entra no aposento mais secreto da tua casa, e com a porta fechada ora a teu Padre: e teu Padre, para cuja vista não ha logar occulto nem escondido, te dará o que lhe pedires. Pois se o mesmo Christo uma e outra vez chama ao Padre, não *nosso*, senão *meu: Patrem tuum* e *Pater tuus;* por que razão continuando o mesmo Texto, e dando o modo e a fórma com que havemos de orar, diz que oremos, dizendo: Padre nosso: *Sic ergo vos orabitis: Pater noster, qui es in cœlis?* [2] Deus é Pae nosso e de todos, porque é Pae de cada um: pois se é Pae de cada um, porque não dirá cada um quando ora, *Pae meu*, senão *Pae nosso?* Que digamos *Pae nosso* quando oramos em commum, assim pede a mesma communidade que seja; mas quando ora um só em particular, porque não ha de dizer *Pae meu?* Porque Deus, que assim o mandou, quer que oremos deste modo. Quer que em commum e em particular digamos sempre *Pae nosso:* para que em commum e em particular nos lembremos sempre que todos somos filhos do mesmo Pae: *Ut nemo applaudat sibi de notabilitate generis; omnes enim filii Dei sumus:* commenta Hugo Cardeal. Quer e manda Christo que nos lembremos, quando oramos, que somos filhos do mesmo Pae Deus, porque não haja algum tão ignorante ou tão desvanecido, que pela chamada nobreza de sua geração cuide que é melhor, ou mais honrado que os outros. Oh que altissimo ponto este, e mais para os vossos pontos! Dizei-me, senhores, os que vos tendes por taes: quando tomaes o Rosario na mão, e trazeis entre os dedos esta primeira conta, dizendo Padre nosso, fazeis a conta que Deus

[1] *Math.*, VI, 6.
[2] *Ibid.*, 9.

quer que façaes, sem differença de vós a qualquer outro homem?

Dir-me-heis que Deus não vos manda desconhecer a vossa qualidade, nem negar a vossa nobreza: e que se todos somos eguaes em ter a Deus por Pae, vós tendes de mais a nobreza dos paes de que nascestes, e que esta vos distingue e deseguala dos outros homens, e vos faz de melhor e muito superior condição. A resposta é muito propria do vosso entendimento, mas não muito digna da nossa fé. E esses paes ainda que fossem reis e imperadores, podem entrar em consideração para fazer differença, com quem tem a Deus por Pae? Quizera chamar a isto gentilidade, mas nem a resposta merece tão pequena censura, nem os gentios tamanha affronta. Gentio era Alexandre Magno, e soberbo com os successos daquella sua grande fortuna, querendo ter sido e adorado por Deus, que fez? Intitulou-se filho de Jupiter, e mandou que ninguem d'alli por diante o nomeasse por filho de Filippe. E este Filippe quem era? Não só era rei de Macedonia, mas o mais insigne rei que os Macedonios nunca haviam tido: grande amplificador do seu imperio, famoso conquistador de muitos reinos e provincias, e tão celebrado por seus heroicos feitos em armas, que o mesmo Alexandre invejava suas victorias, e as festejava com lagrimas. Pois de um rei tão grande, tão poderoso, tão temido, e respeitado na Grecia, tão famoso e celebrado em todo o mundo, se despreza Alexandre de ser filho, e não quer ser conhecido nem nomeado por tal? Sim. E obrára muito contra a razão, se assim o não fizera quando se intitulava filho de Jupiter. Quem se chama filho de Jupiter, e tem a Jupiter por pae, todos os outros titulos que por qualquer via lhe compitam, por maiores e mais reaes que sejam, mais são para o desprezo, que para a estimação, mais para o esquecimento, que para a memoria, mais para o silencio, que para a jactancia. Até entre os gentios, e no gentio mais soberbo, quem tem a Deus por Pae não toma na bocca outros paes. E se isto era conforme á razão, onde o Deus pae era tão falso pae, como falso Deus, que será onde o verdadeiro Deus é o verdadeiro Pae? Não só é falta de fé, senão de entendimento e juizo.

Mas vamos á fé, e oiçamos o que ensina sobre este ponto o mesmo Mestre Divino, Auctor do Padre nosso, e Commentador delle: *Patrem nolite vocare vobis super*

terram: unus est enim Pater vester, qui in cœlis est. [1] Não queiraes (diz Christo) chamar paes aos da terra, porque só tendes um Pae que está no céu. Grande e admiravel sentença, e que, parece, diz mais do que diz, dizendo muito mais do que parece. Christo, que isto ensina, não é o mesmo Deus que nos manda honrar os paes? Sim: Pois se os manda honrar, como diz que lhe não chamemos paes? Havemos de lhe dar a honra, e tirar-lhe o nome? Assim o mostra a razão que o mesmo Senhor accrescenta: *Unus est enim Pater vester, qui in cœlis est:* não chameis paes aos da terra, porque só o do céu é vosso Pae. Logo se só o do céu é nosso Pae, a elle só devemos dar o nome de Pae, e a nenhum outro. E senão pergunto: Muitos que poderam ser paes, e o desejam ser, porque o não são? Porque Deus, como respondeu Jacob a Rachel, é o que dá os filhos: e tambem para que esses mesmos que não são paes conheçam que o ser que teem o não devem a seus paes, senão a Deus. Que vêm logo a ser os que chamamos paes, pois não são elles, senão Deus o que nos dá o ser? Vem a ser uma estrada geral ordenada pelo mesmo Auctor da natureza, por onde passa o ser que elle nos dá. Profunda e elegantemente S. João Chrysostomo: *Non initium vitæ habemus à parentibus, sed transitus vitæ per eos accipimus.* O principio do ser que temos não sáe nem vem dos paes, porque todo o recebemos de Deus, passado sómente por elles: *Sed transitus vitæ per eos accipimus.* Vem a ser propriamente o nosso ser como as aguas que enchem e fazem os rios. O Nilo ou o Téjo não devem as suas correntes ás Terras por onde passam, senão á fonte d'onde nasceram. Assim nós entramos neste mundo passados pelos paes da terra, ou pela terra dos paes: a fonte porém d'onde trazemos o ser, é só Pae do céu: *Unus est enim Pater vester, qui in cœlis est.* Oh que alto nascimento, e que grande obrigação, mas que mal guardada! Por isso em vez de sabermos á fonte, sabemos á terra.

Ainda sondou este pégo, e lhe achou maior fundo o Propheta Isaias. Falla em nome do povo de Israël, e pede a Deus que use com elle de suas antigas misericordias, de que parece estava esquecido; e allega

[1] *Math.*, XXIII, 9.

desta maneira: *Tu enim Pater noster, et Abraham nescivit nos, et Israel ignoravit nos.* [1] Porque vós, Senhor, sois nosso Pae, e Abrahão e Jacob não nos conheceram. Todo aquelle povo de nenhuma coisa mais se presava que de serem filhos de Abrahão e Jacob: pois como agora dizem que só Deus é seu Pae, e não Abrahão nem Jacob; e a razão com que o provam, é que nem Abrahão nem Jacob os conheceram: *Abraham nescivit nos, et Israel ignoravit nos?* Fallou Isaias altissimamente, e allegou a maior e mais interior differença que ha entre o Pae Deus, e os paes homens. Deus conhece aquelles a quem dá o ser, os homens ainda que lh'o dessem não os conhecem. Conhecem os filhos depois de nascidos, mas antes de gerados não: e quem me faz o beneficio sem me conhecer, não m'o faz a mim: pouco lhe devo: não foi eleição, foi caso. Tanto assim, que por isso nascem a muitos paes taes filhos, que antes tomaram que não fossem seus. E como Abrahão e Jacob não conheciam os filhos que delles nasceram, e Deus sim; essa é a differença altissima porque allega Isaias que só Deus é seu Pae, e não Abrahão, nem Jacob. Logo do mesmo modo tambem nós só devemos reconhecer por pae ao Pae do céu, que nos deu o ser e nos conheceu, e não chamar paes aos da terra, que nem nol-o deram, nem nos conheceram: e isto é o que soam as palavras de Christo: *Patrem nolite vocare vobis super terram: unus est enim Pater vester, qui in cœlis est.*

Por isso eu disse que esta sentença parecia que diz mais do que diz, dizendo mais do que parece, como agora veremos. Não diz Christo Senhor nosso, nem quer dizer, que neguemos aos que nos geraram, o nome de paes; só diz, e só quer dizer, que esses paes não os tragamos sempre na bocca, como muitos fazem, prezando-se e jactando-se delles, e cuidando que por este accidente, que não é da natureza, senão da fortuna, são melhores e mais honrados que os outros homens. A demonstração com que o Senhor convence a vaidade deste pensamento é manifesta: *Unus est enim Pater vester, qui in cœlis est:* Não vos jacteis dos paes da terra, porque o vosso Pae do céu é um só. São tres razões em tres palavras. Por ser Pae, por ser do céu,

[1] *Isai.*, LXIII, 16.

por ser um. Se é Pae, que verdadeiramente vos deu o ser, porque vos haveis de presar dos que chamaes paes, e vol-o não deram? Se é do céu, e é Deus, porque vos não haveis de gloriar mais de ser seus filhos, que dos paes da terra, que são homens? E se é um só Pae de todos, porque vos não haveis de estimar e honrar todos com amôr e egualdade de irmãos? Esta ultima é a principal consequencia que o Senhor pretendeu persuadir; porque a inferiu tendo dito: *Omnes autem vos fratres estis.* [1] Pois se todos somos irmãos e filhos do mesmo Pae, e tal Pae; que fundamento tem ou póde ter a soberba, para um christão desprezar a outro christão, e se reputar ou inchar de mais bem nascido? Responde a mesma soberba, que se o Pae do céu é um, os paes da terra são muitos, e de mui differentes fortunas: como se Christo que disse, *Unus est Pater vester*, não soubera esta distincção. Mas nenhum caso fez della, porque todas essas fortunas, nem por altas nem por baixas, podem accrescentar ou diminuir nobreza em quem é filho de Deus. Ponde em uma balança de uma parte a Deus só e da outra a Deus e todo o mundo; e perguntae a Santo Thomaz qual peza mais? Tanto peza uma como outra; porque todo o mundo e mil mundos juntos a Deus, em respeito de Deus só, nem accrescentam pezo, nem fazem maioria. O mesmo passa no nosso caso. Tanta nobreza é ser filho de Deus sómente, como ser filho de Deus e do maior monarcha do mundo. Tão nobre é João filho de Deus e de um pescador, como o imperador Arcadio filho de Deus e de Constantino Magno. Cuidar alguem o contrario, não só é ignorancia e loucura, mas falta ou desprezo da fé.

Oiçam a S. Paschasio estes idolatras da vaidade: *Si vera fide hæc paternitas veneraretur, et amaretur, nunquam fraternitas, carnis amplius valeret apud aliquos, sed præferrent nobilitatem ex Deo, darentque operam, ne degeneres existerent, et tanto parente indigni propter vetustatem carnis.* [2] Se os christãos crêram com verdadeira fé, e estimaram como devem o que é ter a Deus por Pae, de nenhum modo desprezariam aos que por este soberano parentesco são seus irmãos: mas

[1] *Math.*, XXIII, 8.
[2] Pasch. in Exposit. Orat. Dominic.

porque muito se prezam mais da geração dos paes da terra; por isso são e se fazem indignos de ser filhos do Pae do céu. De sorte que desses que vós desprezaes é Deus Pae, e vós porque os desprezaes, deixaes de ser filhos. E' Pae seu, mas não é Pae vosso. Então ouvir a estes rezadores cegos com o Rosario na mão, *Pater noster, qui es in cœlis*, desprezando elles no mesmo tempo aos filhos do mesmo Pae! Isto não é rezar o Padre nosso, é blazonar os padres vossos. E' offender, é injuriar, é affrontar o Pae do céu, pois vos prezaes mais dos paes da terra. Se o fim porque Christo nos ensinou a dizer, *Pater noster*, foi para que todos, como filhos do mesmo Pae, nos estimassemos e honrassemos como irmãos: os que os não tratam nem estimam como taes, como podem dizer Padre nosso? Não podem. E vêde se o provo. Morto Jacob, vieram a José seus irmãos, e disseram-lhe desta maneira: *Pater tuus præcepit nobis, antequam moreretur, ut hæc tibi verbis illius diceremus: obsecro, ut obliviscaris sceleris fratrum tuorum, et peccati, atque malitiæ, quam exercuerunt in te:* [1] Vosso pae, antes de morrer, nos mandou dissessemos em seu nome, que elle vos rogava muito vos não lembrasseis do mal que vos tinham tratado vossos irmãos, e lhes perdoasseis. Reparae, se já não tendes reparado na palavra *Pater tuus*, vosso Pae. Jacob egualmente era pae de José, e de todos os outros irmãos, que lhe davam o recado em seu nome: pois se era pae de José, e tambem pae seu delles; porque não dizem *nosso pae*, senão *vosso pae: Pater tuus?* Porque estes mesmos irmãos tinham tratado a José tão indignamente, como sabemos: e irmãos que não estimam, nem honram a seus irmãos como devem, ainda que sejam filhos do mesmo, não podem chamar a esse pae, *Pae nosso*. Por isso não disseram, *Pater noster*, senão, *Pater tuus*.

Oh soberba! Oh pouca christandade! Oh falta grande de fé! Oh ignorancia intoleravel da lei e verdade que professamos! Os grandes, que se estimam por mais nobres que os pequenos, os senhores, que se teem por mais honrados que os seus escravos, os mesmos reis, que cuidam que são melhores que o menor de seus vassallos, guardem-se de dizer a Deus *Padre nosso*. Se querem que Deus se não offenda e os oiça,

[1] *Gen.*, L, 16 e 17.

desçam-se primeiro desse pensamento, que na maior alteza é altivo, reconheçam a todos por irmãos, e por seus eguaes na nobreza como filhos do mesmo Pae: porque este é o fôro em que Christo nos egualou a todos, quando a todos sem differença nos mandou dizer: *Pater noster.* E porque não pareça que ao menos os reis, pela soberania do seu estado, podem ser excepção desta regra, oiçam o que prégava S. João Chrysostomo aos imperadores em Constantinopla, explicando-lhes o Padre nosso, e ensinando-os como o haviam de rezar: *Unam regis cum paupere æqualitatem honoris ostendit; cunctis enim unam, atque eamdem nobilitatem donavit Deus, cum dignatus est Pater omnium vocari.* [1] Quando Deus nos concedeu a todos que egualmente o invocassemos com nome de Pae nosso, juntamente nos deu tal egualdade de honra e de nobreza a todos, sem differença alguma, que tão nobre e tão honrado é o pobre que pede esmola pelas portas, como o rei que está assentado no throno e com a corôa na cabeça: *Unam regis cum paupere æqualitatem honoris ostendit: unam, eamdemque nobilitatem cunctis donavit.* Para que finalmente se veja se foi altissimo modo de orar o com que Christo ajuntou o *noster* ao *Pater*, pois sem abater a alteza dos principes soberanos, á que o mundo chama baixeza, levantou e sublimou a mesma baixeza á egualdade dos mesmos principes: e tudo isto com uma só palavra: *Noster: Extollens vocem.*

V

Passando á segunda consideração, que é das petições que fazemos a Deus; nellas mais claramente ainda parece que excedemos o equilibrio, ou o meio proporcionado e justo em que consiste o modo; porque em umas pedimos muito mais, e em outras muito menos do que devemos pedir.

Quanto ás primeiras, seja exemplo aquella que comprehende a todas, na qual pedimos a Deus que seja feita a sua vontade, assim na terra como no céu: e este modo de pedir quem não vê que é fóra de todo o modo? Se disseramos sómente, *Fiat voluntas tua*, e pararamos alli, entender-se-hia que desejavamos e pediamos a Deus que se fizesse a sua vontade na ter-

[1] D. Crysosth. in Exposit. Orat. Dom.

ra, segundo a fraqueza da terra, de que somos compostos, e segundo o estado da terra em que vivemos, ou em que luctamos dentro e fóra de nós, com as miserias da mesma vida; porém dizer e accrescentar que seja feita a vontade de Deus, *Sicut in cœlo, et in terra*, [1] assim na terra como no céu, é pedir o que se não póde pedir, nem desejar, nem póde ser. O céu não só é incapaz de peccado, mas nem ainda da menor imperfeição: todos lá fazem a vontade de Deus perfeitissimamente, vendo ao mesmo Deus, e revendo-se na mesma vontade; e esta é a melhor parte da sua mesma bemaventurança. Pelo contrario na terra, nem ainda os maiores Santos, e confirmados em graça, estão livres de imperfeições, e de alguns peccados leves proprios da fragilidade humana, por onde disse S. João, sendo elle o que mais amou, e o mais amado de Christo: *Si dixerimus quoniam peccatum non habemus, ipsi nos seducimus, et veritas in nobis non est.* [2] A razão desta differença é porque Deus no céu é amado por vista, na terra é amado por fé: e a vista necessita a vontade, a fé deixa livre o alvedrio. Logo se na terra nem se faz nem se póde fazer a vontade de Deus, como no céu; pedir que se faça na terra como no céu, é pedir o impossivel.

A esta objecção só póde satisfazer o mesmo Mestre Divino, que nos ensinou a dizer, *Sicut in cœlo, et in terra;* e responderá a um *sicut* com outro *sicut*. Exhortando-nos Christo Senhor nosso á perfeição que deseja nos observadores da sua Lei, diz que sejamos perfeitos assim como o Padre Celestial é perfeito: *Estote ergo perfecti, sicut et Pater vester cœlestis perfectus est.* [3] Já vêdes como um *sicut* responde ao outro. Mas se a perfeição do Eterno Padre é infinita e immensa, e a nossa, ainda que fossemos Anjos, por mais alta e excellente que seja, sempre é de creaturas, e por isso finita e limitada, como nos propõe o Senhor por exemplar de nossas acções, não outra perfeição menor, senão a do mesmo Padre, e diz que sejamos perfeitos, como elle é perfeito? Por ventura houve jámais, ou é possivel haver creatura que possa chegar, nem de muito longe, não digo á egualdade, mas nem ainda á

---

[1] *Math.*, VI, 10.
[2] *1.ª ad Joan.*, I,
[3] *Math.*, V, 48.

similhança de tão inaccessivel perfeição? Claro está que é impossivel: mas propõe-nos Christo um exemplar impossivel, quando nos exhorta á imitação delle, para que aspirando ao impossivel, venhamos a conseguir o possivel. Bem sabe o soberano Artifice que nos fez, o que podemos com sua graça, e por isso nos exhorta ao que não podemos, para que cheguemos ao que podemos. E se isto tem logar na comparação do homem a Deus, *Sicut Pater vester*, quanto mais na comparação da terra ao céu, *Sicut in cœlis, et in terra?* O que importa, é que nós digamos devéras: *Fiat voluntas tua.*

Não falta porém quem argua esta petição ao menos de superflua e ociosa. Deus, assim no céu, como na terra sempre fez, e faz, e ha de fazer o que quer: *Omnia quæcumque voluit Dominus, fecit in cœlo, et in terra*: [1] logo superflua coisa é, inutil e ociosa, pedir a Deus que faça a sua vontade, pois elle a ha de fazer sempre, ainda que nós não queiramos, nem lhe peçamos que a faça. Muito me admira que tenha grandes Auctores esta replica, e tão grandes, que por sua auctoridade os não nomeio. Nós não pedimos a Deus que faça a sua vontade: pedimos-lhe que seja feita: *Fiat voluntas tua.* E que mais tem ser feita a vontade de Deus, que fazer Deus a sua vontade? Muito mais. Porque o que não póde fazer a vontade de Deus fazendo, fez sendo feita. E' pensamento profundissimo de S. Bernardo; e o prova com a creação e bemaventurança dos Anjos: *Voluntas Domini, quæ prius angelos creavit, faciens eosdem, postmodum in eis facta beavit.* [2] A vontade de Deus, que fazendo os Anjos, os faz Anjos, sendo feita nelles, os fez bemaventurados. De sorte que a vontade de Deus fazendo, póde fazer Anjos; mas fazel-os bemaventurados, não o póde fazer fazendo, senão sendo feita: *Faciens creavit angelos, facta beavit.* A razão é porque para uma creatura racional ser, é necessario que a vontade de Deus a faça; mas para ser bemaventurada, é necessario que ella faça a vontade de Deus. Creou Deus no céu a Lucifer, e creou a Miguel, que foram as duas obras da mão divina as mais nobres, as mais excellentes, as mais

[1] *Psalm.* XIII, 4 e 6.
[2] D. Bern. Serm. 6.º in Quadrag.

parecidas com seu proprio Artifice, e as mais enriquecidas de todos os dotes e graças da natureza, que no theatro das gerarchias se estremaram sobre todas. Isto fez a vontade de Deus fazendo. E sendo feita, ou não feita, que fez? Não sendo feita, fez que Lucifer que havia de ser bemaventurado, fosse o maior demonio: e sendo feita, fez que Miguel, que tambem podéra ser demonio, fosse o maior bemaventurado. Por isso pedimos a Deus, que não faça a sua vontade, senão que seja feita: *Fiat voluntas tua.*

E em que ha de ser feita, ou em que pedimos que seja feita a vontade de Deus? Este é o ponto mais subido desta altissima petição. Pedimos que seja feita a vontade de Deus em tudo quanto Deus quer, ou póde querer, sem excepção, sem limite, sem replica. No particular e no commum; no proprio e no alheio; no prospero e no adverso; no presente e no futuro; no temporal e no eterno. S. Paulo distingue na vontade de Deus tres vontades: uma boa, outra melhor, outra perfeita; *Quæ sit voluntas Dei, bona et beneplacens, et perfecta.* [1] Com a vontade boa quer Deus o que manda, com a vontade melhor quer o que aconselha, com a vontade perfeita quer o que nem aconselha, nem manda, mas ou o executa por si, ou o permitte por outros: e a todas estas vontades se sujeita, e com todas se conforma quem diz: *Fiat voluntas tua.*

Na Lei velha só um homem achou Deus que fizesse todas as suas vontades, que foi David: *Inveni virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas.* [2] Na Lei da graça quer Deus que todas as suas vontades as façamos todos. Todos e todas por arduas, por difficultosas, por encontradas que sejam. Uma vez quer Deus o gosto, outra o desgosto: uma vez quer a riqueza, outra a pobreza: uma vez a honra, outra a affronta: uma vez o applauso, outra a perseguição: uma vez a bonança, outra a tempestade: uma vez a fortuna, outra a fome: uma vez a saude, outra a doença; uma vez a vida, outra a morte. E assim como todos estes encontros se conciliam na vontade de Deus, d'onde sáem, assim quer se recebam sem repugnan-

---

[1] *Rom.*, XII, 2.
[2] *Act.*, XIII, 22.

cia na nossa, onde todos se acceitam. Se sois pae, e quer Deus tirar-vos o filho mais amado, como Isaac a Abrahão, *Fiat voluntas tua:* Se sois esposo, e vos quer Deus levar a companhia mais estimada, e a prenda mais querida, como Rachel a Jacob, *Fiat voluntas tua:* Se sois rei, e vos quer Deus privar da propria corôa, e pelo instrumento mais injusto e mais ingrato, como a David por Absalão: *Fiat voluntas tua:* Se sois valente, e famoso nas armas, antes o milagre da valentia, e vos quer Deus entregar fraco, manietado, e affrontado nas mãos de vossos inimigos, como Samsão: *Fiat voluntas tua:* Se sois finalmente homem, e muito grande no mundo, e não só vos quer Deus tirar o poder, a grandeza, e a magestade, senão a mesma figura humana, e uso della, e que pasteis entre os brutos, como Nabuchodonosor: *Fiat voluntas tua.*

Póde Deus ainda querer mais? Sim, póde. Póde querer que todos esses trabalhos, todas essas penas, todas essas dôres, que divididas atormentariam mortalmente muito homens, se ajuntem todas em vós: e padecendo essa vida peor que a morte, ou vivendo essa morte bastante a tirar mil vidas: que haveis de fazer ou dizer? *Fiat voluntas tua.* Outros creio se contentariam com isto, e parariam aqui: mas para mim ainda entre as vontades de Deus ha uma, que mais fere e mais penetra o coração, mais rigorosa e mais aspera é de soffrer, e de mais difficultosa conformidade. E qual é? A que Judas Macchabeu antepôz á vida, e julgou por mais dura de tolerar que a morte: *Melius est nos mori in bello, quam videre mala gentis nostræ:* [1] Melhor é, disse aos companheiros, morrer na guerra, que viver, e ter vida nem vista para vêr os males e calamidades da patria, e as affrontas e abatimentos da nossa nação. Oh animo verdadeiramente leal, fiel, generoso, heroico! Mas se succeder, e Deus quizer que a Patria se abraze como Troya, que se confunda como Babylonia, que se subverta como Ninive, que não fique nella pedra sobre pedra como Jérusalem, e que se sepulte uma, duas e tres vezes debaixo de suas ruinas como Roma? Ainda no tal caso, responde o generoso Macchabeu, não desmaiará, nem cahirá o meu cora-

[1] *1.º Livr. dos Mach.*, III, 59.

ção, porque ficará em pé a vontade divina: *Sicut autem fuerit voluntas in cœlo, sic fiat.* [1]

Tanto como isto quer dizer, e tanto como isto dizemos no Padre nosso, quando dizemos: *Fiat voluntas tua.* Mas ainda não chegámos mais que á metade da petição. E bastará que todos estes males, todas estas calamidades particulares e publicas, nossas e de todos, as levemos com paciencia, as soffremos com constancia, as acceitemos com conformidade na vontade de Deus? Não basta: porque ainda quer e diz mais o mesmo Deus: *Sicut in cœlo, et in terra:* a minha vontade se ha de fazer ou ser feita na terra, assim como se faz e é feita no céu. Como se veem desde o céu, e como se recebem e acceitam lá todas essas calamidades do mundo? Não só com perfeitissima conformidade, senão com summa alegria. Rebellou-se Lucifer no céu, e levou comsigo ao inferno toda a sua parcialidade dos espiritos apostatas. E que sentimento causou nos outros Anjos a infelicidade de tão estranha e universal ruina? Todas as tres Gerarchias ficaram desfeitas, e todos os nove Coros diminuidos, não menos que na terceira parte: mas na gloria e alegria dos Anjos obedientes á vontade divina, nenhuma diminuição nem mudança houve: tão gloriosos e tão alegres continuaram a cantar os louvores de Deus, como agora o fazem, e farão eternamente. Como Eva, peccou Adão, e foram ambos lançados do Paraiso da terra, creado para restauração das cadeiras do céu: e os Anjos da guarda particularmente do mesmo Adão e da mesma Eva, que demonstração fizeram por aquella desgraça? Se elles não foram os mesmos Cherubins, que com montantes de fogo lhes prohibiam a entrada do Paraiso, tanta foi a alegria em que perseveraram na perda dos seus recommendados, como se elles se tiveram conservado na felicidade em que lhes foram entregues. Todos os reinos e imperios, como consta do Propheta Daniel, teem seus Anjos tutelares que os assistem, governam e defendem. [2] Passou pois o imperio dos Assyrios aos Persas; e que fez o Anjo tutelar dos Assyrios? Passou o imperio dos Persas aos Gregos: e que fez o Anjo dos Persas? Passou o

[1] *1.º Livr. dos Mach.*, III, 60.
[2] *Dan.*, X, 13.

imperio dos Gregos aos Romanos: e que fez o Anjo dos Gregos? Passa finalmente o imperio dos Romanos (que ainda se não sabe para onde) não apparecendo já delle mais que a sombra, nem se ouvindo mais que o nome: e que fez o Anjo dos Romanos? Todos se alegram egualmente nestas ruinas, como se alegravam no maior auge de suas felicidades, porque na vontade de Deus, a quem estão vendo, vêem tambem todo o motivo da sua perpetua alegria. Maior caso ainda. Todas as especies de creaturas que nascem, ou vivem, ou se movem, ou se não movem na terra, teem seus Anjos particulares, a quem incumbe o cuidado de sua conservação. Mandou Deus sobre o mundo o diluvio universal, em que todos os homens pereceram, e todas essas creaturas se destruiram: e quando parece que só os Anjos da guarda de Noé e seus filhos haviam de ficar triumphantes e alegres, e todos os mais desconsolados e tristes; tão universal foi a alegria em todos os Anjos, como o castigo em todos os homens. Não vos parece muito tudo isto, e mais que muito? Pois nada tenho dito atégora. Padece Christo os maiores tormentos e affrontas, morre finalmente pregado em uma cruz; e posto que o céu por esta parte inferior se cobriu de luto, eclipsando-se o sol na parte de cima, que é a do Empyreo; que sentimento fizeram os Anjos vendo morrer a seu Deus? Oh assombro! Oh prodigio nunca imaginado da conformidade com a vontade divina! Morre Deus, e sendo os Anjos as creaturas que melhor entendem, e mais o amam, nem por um só momento cessaram então as festas e cantares dos mesmos Anjos, tão alegres na morte de seu Creador, como no seu nascimento; tão alegres no seu enterro, como na sua resurreição

Isto é, nem mais nem menos, o que significa no Padre nosso sobre a primeira parte da petição, *fiat voluntas tua*, a segunda e mais sublime, *sicut in cœlo, et in terra*. Se tudo quanto acontece ou póde acontecer no mundo por adverso, por terrivel, por lastimoso e triste que seja, nenhum abalo faz no céu e não só se acceita lá sem dôr, senão com egual e constante alegria; o mesmo professamos nós, e para o mesmo nos offerecemos a Deus, se com verdade lhe dizemos, que seja feita a sua vontade, assim na terra como no céu. Tanto assim, diz S. João Chrysostomo, que por força destas palavras nos manda Christo que antes de irmos

ao céu tragamos o céu a nós, e façamos da terra céu: *Antequam ad cœlum perveniatur, ipsam terram jussit fieri cœlum, per hoc quod dicit, fiat voluntas tua, sicut in cœlo, et in terra.* [1] E porque não pareça este pensamento demasiadamente encarecido, ainda tenho em prova delle outro melhor auctor, e outro melhor João, que Chrysostomo. S. João Evangelista no seu Apocalypse diz, que viu um céu novo, e uma terra nova, e que a cidade do céu descia á terra: *Vidi cœlum novum, et terram novam et sanctam civitatem Jerusalem novam descendentem de cœlo.* [2] Mas como póde isto ser? Ha Deus de mudar a architectura e fabrica do céu e da terra, e trocar-lhes os logares? Não, dizem todos os Expositores, e o poderam provar do mesmo Texto; porque quando S. João viu descer o céu á terra, não lhe chama céu, senão cidade: *Vidi civitatem:* para mostrar que havia de descer, não localmente, senão civilmente. Não localmente, porque o céu não havia de mudar de logar passando á terra: mas civilmente, porque a terra havia de mudar de costumes, vivendo-se na terra como no céu. E esta similhança civil da terra com o céu em que consiste? O mesmo Evangelista o declarou: *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum: et mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* [3] Nesta cidade descida do céu á terra, ainda que haja trabalhos, miserias, enfermidades, mortes, haver-se-hão comtudo nella os homens, como se nada disto lhes tocára, porque não haverá dôr, nem queixa, nem tristeza, nem lagrimas. E terra onde todas as causas de dôr se recebem sem dôr, e todas as causas de tristeza com alegria, já não é terra como terra, senão terra como céu: *Sicut in cœlo, et in terra.* Tanta é a virtude da vontade de Deus, quando a nossa se conforma com a sua: *Fiat voluntas tua.*

Agora perguntára eu aos devotos do Rosario, ou aos que cuidam que o são, como rezam o Padre nosso, e como dizem a Deus: *Fiat voluntas tua, sicut in cœlo, et in terra?* Primeiramente se dizem isto os que não fazem a vontade de Deus, nem guardam sua lei, é falsidade, é hypocrisia, é mentira. Tão longe estão de

[1] D. Crysosth. Hom. 20 in Math.
[2] *Apoc.*, XXI, 1 e 2.
[3] *Ibid.*, 4.

fazer a vontade de Deus como se faz no céu, que nem a fazem como se faz no inferno. No inferno tambem se faz a vontade de Deus, não por vontade, mas por força. E quantos ha que nem por vontade nem por força fazem a vontade de Deus na terra? Estes, se fallaram verdade, haviam de dizer a Deus: Faça-se a minha vontade, e não a vossa. Mas ainda aos timoratos, e que vivem christãmente, fizera eu a mesma pergunta. Vós, os que fazeis na terra a vontade de Deus, como a fazeis? Como a fazeis, digo, porque o que Christo principalmente nos ensinou no *Padre nosso*, não é só fazer a sua vontade, senão o modo de a fazer: *Sicut*. Se a fazeis por temor da pena, e por não ir ao inferno, isso não é fazer a vontade de Deus, *Sicut in cœlo, et in terra;* porque no céu não ha temor do inferno. Se a fazeis pela esperança do premio, tambem não é fazer a vontade de Deus: *Sicut in cœlo, et in terra;* porque no céu não se espera o premio, já se possue. Se a fazeis, finalmente, só por vêr a Deus, que parece acto mais puro, nem esse chega a fazer a vontade de Deus como se faz no céu; porque lá todos vêem a Deus, e com segurança de o vêr eternamente. Pois como havemos de fazer a vontade de Deus, para que seja feita assim na terra como no céu? Havemol-a de fazer assim como diz David que a fazem os Anjos: *Benedicite Domino omnes Angeli ejus, potentes virtute, facientes verbum illius ad audiendam vocem sermonum ejus.* [1] Os Anjos no céu fazem a vontade de Deus só por fazer a vontade de Deus: sem outro fim, sem outro motivo, sem outro interesse. E porque este modo de fazer a vontade divina não é impossivel á vontade humana perfeitamente deliberada; por isso o mesmo David pedia a Deus o ensinasse a fazer a sua vontade deste modo: *Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es:* [2] Ensinae-me, Senhor, a fazer a vossa vontade, só porque vós sois Deus meu; e porque a vossa vontade é vossa. E este é o modo altissimo com que Christo nos ensinou a dizer: *Fiat voluntas tua, sicut in cœlo, et in terra:* não pedindo mais do que devemos pedir, mas levantando a voz da nossa oração ao ponto mais subido onde póde chegar: ***Extollens vocem.***

---

[1] *Psal.* CII, 20
[2] *Ibid.*, CXLII, 10.

VI

Desta maneira se contém as pensões que fazemos a Deus no Rosario, dentro dos limites do modo, sem o exceder por pedir mais. Agora vejamos como tambem se não desviam delle em o não egualar por pedir menos. A petição que logo se segue é: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie:* [1] O pão nosso de cada dia nos dá hoje. Mas assim da parte de Deus, a quem pedimos, como da nossa, para quem pedimos, ninguem haverá que não julgue que diz esta petição muito menos do que devêra. Pedir a Deus o pão de um só dia, e no mesmo dia, antes parece que é affrontar a sua liberalidade, que accudir á nossa necessidade. A um Deus tão grande, tão poderoso, tão magnifico; a um Deus que se chama Deus, porque a sua natureza é dar; não é presumir indignamente de sua liberalidade e grandeza, pedir-lhe tão pouco? Assim pede um mendigo ás portas de um lavrador: mas tão baixa e tão escassa petição jámais a fez a seu rei o vassallo mais pobre. Se a nossa necessidade, como suppomos e dizemos, é de cada dia, e por isso chamamos quotidiano ao pão que pedimos: que remedio ou que soccorro é o que lhe procuramos, pedindo só para hoje, e não para mais dias? Anoitecer hoje sem pão, porque se acabou o pedido, e amanhecer ámanhã sem pão, porque se ha de tornar a pedir, mais é viver da necessidade, que sustentar a vida. Até á ordem da caridade parece que faltamos nesta e nas outras petições do Padre nosso. A caridade bem ordenada começa de si mesmo; e em tudo quanto pedimos ninguem pede para si, senão para todos: *Panem nostrum, debita nostra, da nobis, dimitte nobis, ne nos inducas, libera nos.* [2] Isto é enervar a efficacia da oração, porque quem pretende para si, procura com o affecto com que se ama a si: e a ninguem lhe doe tanto a dôr de todos como a sua. Finalmente, para vêr quanto menos pedimos, do que deveramos, consultemos as petições sem numero de que estão importunados os

[1] *Luc.*, XI, 3.
[2] *Math.*, VI, 11.

altares, os tribunaes, os principes, e todos os que podem dar; das quaes todas no *Padre nosso*, não se diz, nem se houve uma só palavra. Logo é coisa evidente, e sem duvida, que muito menos pedimos a Deus nesta sua oração, do que fóra della havemos mister, e sollicitamos por outras vias.

Comtudo é sentença commum de todos os Doutores e Santos Padres, que nenhuma coisa ha que se possa pedir, nem desejar, a qual se não contenha nas petições do Padre nosso: *Sapientissimè in ea oratione collecta sunt omnia, quæ petenda, et appetenda sunt*, [1] diz Abulense, aquelle doutissimo e eminentissimo Expositor das Escripturas, em cujos immensos escriptos se não acha jámais exaggeração, senão o sentido proprio e litteral dos Textos sagrados. O mesmo dizem Santo Thomaz e S. Boaventura, laureados ambos com o caracter de Doutores da Igreja: e o mesmo disseram muitos seculos antes delles S. Gregorio Nisseno, S. Cypriano, S. Pedro Chrysologo, Santo Agostinho, e antes do mesmo Agostinho, com toda a severidade do seu juizo, o grande Tertulliano. Mas perguntára eu a estes Doutores (que por isso alleguei tantos, e todos da primeira Gerarchia) se nas petições do *Padre nosso* se contém tudo o que se póde pedir e appetecer: onde estão no mesmo *Padre nosso* todas as outras coisas que os homens com tanto ardor appetecem, com tanto desvello sollicitam, e com tanta instancia e importunação pedem a Deus e aos homens? Não appetecem honras? Não appetecem riquezas? Não appetecem dignidades seculares e ecclesiasticas? Não appetecem a saude, a vida, a successão, a posteridade, e tudo o que faz a vida deleitosa, e a morte toleravel? E para alcançarem destas coisas, ou as que só póde dar Deus, ou as que podem dar Deus e os homens, não mettem por intercessores os Santos que ajudem as orações com que pedem, e os mesmos Sacrificios do corpo de Christo, que a esse fim offerecem? Em que parte logo do *Padre nosso* se contém as petições destas coisas, que são as que mais oradores e mais devotos teem em todo o mundo?

Quem mais agudamente que todos apertou e resolveu este ponto, foi Santo Agostinho, o qual respondeu,

---

[1] Abul. in Math. VI, 11.

que se oramos, ou rezamos, como convém, todas estas coisas, que tanto appetecemos e pedimos, pertencem á ultima petição do Padre nosso: *Sed libera nos à malo.* Onde pedimos a Deus que nos livre de todo o mal, alli oramos a Deus por todas estas coisas. Oiçamos ao Lume da Igreja por suas proprias palavras: *Qui dicit in oratione, Domine, multiplica divitias meas, aut da mihi tantas, quantas illi, aut illi dedisti, aut honores meos auge, et fac me in hoc sæculo præpotentem, atque clarentem, etc. puto eum non invenire in Oratione Dominica, quò possit hæc vota coaptare:* Aquelle que pede na oração riquezas, honras, dignidades, mandos, e outras similhantes vaidades, que o mundo estima, e tem por lustrosas, entendendo, diz Santo Agostinho, que em toda a oração do Padre nosso não achará logar em que possa accommodar e introduzir estes seus desejos e petições: mas eu lh'o darei, diz o Santo. E qual é? *Quam ob rem pudeat saltem petere quæ non pudet cupere: aut si hoc pudet, et cupiditate vincit; quanto melius hoc petitur, ut etiam ab hoc cupiditatis malo liberet, cui dicimus, libera nos à malo.* A primeira coisa que aconselho, diz Agostinho, aos que taes coisas pedem, é que pois se não envergonham de as desejar, ao menos se envergonhem de as pedir. Mas se vencidos da cubiça e ambição as querem pedir comtudo; appliquem ás suas mesmas petições a ultima do Padre nosso, *sed libera nos à malo*, e peçam a Deus que os livre desse mal.

Oh que mal conhecem os homens o mal, e quão erradamente o entendem! Pedem honras; e a honra foi a que enganou e destruiu o primeiro homem, e nelle a todos: *Homo cùm in honore esset, non intellexit, comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis.* [1] Pedem riquezas: e quem perdeu ao Filho Prodigo pela prodigalidade, e ao rico avarento pela avareza, e a todos pelo abuso dellas? Por isso de todos sem excepção disse Christo: *Væ vobis divitibus:* [2] Ai de vós ricos. Pedem dignidades seculares e ecclesiasticas, das quaes só pelas pedir são indignos. E quem foram os que condemnaram e crucificaram ao mesmo Christo, senão os que tinham as duas maiores

[1] *Psal.*, XLVIII, 21.
[2] *Luc.*, VI, 24.

dignidades ecclesiasticas de Jérusalem, Annaz e Caiphaz, e as duas maiores seculares, Herodes e Pilatos? Pedem saude, sem advertirem, que a chamada saude é a mais perigosa enfermidade: e não sabem que o remedio com que Deus a cura, são as doenças, segundo o aforismo do mesmo Medico divino declarado na receita de Jesabel: *Non vult pœnitere à fornicatione sua: ecce mittam eam in lectum.* [1] Pedem vida, sem reparar em que a felicidade da vida não está em ser larga, senão em ser boa, e que a vida é, e não a morte, a que leva os homens ao inferno: devendo entender que a morte anticipada é signal da predestinação, e que costuma Deus encurtar aos que ama, a vida temporal, porque lhe quer segurar a eterna: *Raptus est, ne malitia mutaret intellectum ejus: placita enim erat Deo anima illius: propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum.* [2] Pedem finalmente filhos e successão: e não se lembram que o primeiro filho de Adão foi Caïn, e o primeiro de Jacob Ruben, e ambos a primeira causa de seus maiores desgostos. E para que vejam quão mal segura deixam a posteridade nestes refens; Absalão e Roboão foram os dois maiores inimigos que tiveram seus paes; porque um tirou a corôa a David, e outro destruiu a casa de Salomão.

Assim que se não devem admirar os que rezam o Rosario, de que Deus muitas vezes lhe não conceda o que pedem; porque cuidando que pedem bem, pedem mal. E' sentença expressa de fé, ensinada e publicada ao mundo pelo Apostolo Santiago: *Petitis, et non accipitis, eo quod malè petatis.* [3] Sabeis porque não alcançaes o que pedis a Deus? Porque vós pedis mal, e Deus não vos quer dar senão bem. E esta é a razão porque o mesmo Senhor no Padre nosso nos não ensinou a pedir nenhuma dessas coisas que vós appeteceis e pedis. Ainda que muitas dellas sejam indifferentes; pedidas porém com o fim para que ordinariamente se pedem, verdadeiramente são mal: e não era razão que pedissemos a Deus o mal, e muito menos na mesma oração em que lhe pedimos nos livre do mal. Por isso nos concede o que pedimos na sua oração, e nos nega o que pedimos nas nossas. Se no Padre nosso

---

[1] *Apoc.*, II, 21 e 22.
[2] *Sap.*, IV, 11 e 14.
[3] *Jacob*, IV, 3.

pedimos que nos livre do mal, e fóra do Padre nosso pedimos o que verdadeiramente é mal, e nos está mal, quem podia duvidar, que como o Pae nos ha de conceder o que pedimos por seu conselho, e não o que pedimos por nosso appetite? Peçamos pois o que elle nos manda pedir sómente; e não cuide ninguem que pede menos do que deve pedir, pois pede o que só lhe convem.

VII

Em pedir o pão de hoje sómente, posto que seja ou pareça tão pouco, tambem não pedimos menos do que requer a necessidade de quem o ha mister, nem a grandeza e liberalidade de quem o ha de dar. Isto é pedirmos nós como filhos, e a Deus como Pae. Ao sustento do filho pertence o presente, á providencia do pae o futuro. Mais nos dá Deus no pão de cada dia, que se nol-o déra para muitos dias: porque dando-nos o sustento de hoje, nos livra do cuidado de ámanhã. Não é pensamento meu, senão advertencia que nos fez o mesmo Christo: *Nolite solliciti esse in crastinum:* [1] Se vos mando pedir só o pão de hoje, não vos dê cuidado o de ámanhã, porque esse corre por minha conta. O pão e o cuidado são duas coisas muito encontradas. O pão sustenta a vida: os cuidados a affligem, a diminuem, a tiram. E que partido póde estar melhor ao homem, que dar-lhe Deus a elle o pão, e tomar para si o cuidado? *Jacta super Dominum curam tuam, et ipse te enutriet.* [2] Quer Deus que o pão nos saiba a pão; porque o que se come com cuidados, tem outro sabor, e causa muito differentes humores. Na parabola do semeador compára Christo as espinhas aos cuidados, e diz que as espinhas que nasceram juntamente com o trigo o afogaram: *Et simul exortæ spinæ suffocaverunt illud.* [3] O que aconteceu aqui ao trigo, lhe succede tambem depois que é pão: porque a terra e o homem ambos são terra. O pão cria sangue, e as espinhas tiram-no; e o peor é que o não deixam criar.

---

[1] *Math.*, VI, 34.
[2] *Psal.* LIV, 23.
[3] *Luc.*, VIII, 7.

Assim como ao pão semeado o afogam as espinhas, assim ao pão comido o não deixam digerir os cuidados. Por isso nos tira Christo o cuidado quando nos dá o pão, não só para que o comamos, senão tambem para que nos preste. A causa natural de se nutrirem melhor, e terem menos doenças os animaes, é porque comem sem cuidado. Assim o notou Plinio: o qual diz no mesmo Capitulo, que é coisa ridicula cuidarem os homens que sendo Deus summamente superior, tenha cuidado delles: *Irridendum verò agere curam rerum humanarum illud quidquid est summum.* [1] Fallou como gentio sem fé. Mas em nós que a temos, e crêmos o contrario, quem não terá por verdadeiramente ridiculo o cuidado com que fiamos mais do nosso que do de Deus? O sol nasce cada dia, e ninguem desconfiou de que a sua luz se acabe hoje, porque sabe que ha de tornar ámanhã. Pois assim como nos deitamos seguros á noite, sem que nos tire o somno este cuidado, assim nol-o não deve tirar o anoitecer sem pão; porque o mesmo Deus que cada dia nos dá o sol, nos dará o pão cada dia.

Eu não nego que o mesmo nome de cada dia mais parece significar dieta, que fartura. Mas quando os sugeitos são tão enfermos como nós, não seria divina a Providencia que nos dá o pão, se nol-o não medira ou receitára com tal regra, que juntamente fosse alimento, e mais medicamento. Quando choveu o Manná do céu, mandou Deus por Moysés a todo o povo, que ninguem o recolhesse senão para aquelle dia sómente, nem o deixasse para o outro: *Nullus relinquat ex eo in mane.* [2] Parece que é propriedade do pão do céu, ser pão de hoje. Houve comtudo alguns desobedientes que o guardaram para o dia seguinte, e diz o Texto sagrado que todo o guardado se corrompeu logo, e se converteu em bichos: *Dimiserunt quidam ex eis usque manè et scatére cœpit vermibus, atque computruit.* [3] O Manná de sua natureza não era corruptivel, ao menos tão depressa. Prova-se do que guardou o mesmo Moysés na Arca do Testamento, o qual durou muitos seculos, e não se sabe se dura e persevera ainda com a mesma Arca. Pois porque ordenou Deus que o Man-

---

[1] Plin. Hist. Nat. Livr. 1.º Cap. 7.º
[2] *Exod.*, XVI, 19.
[3] *Ibid.*, 20.

ná contra sua propria natureza se corrompesse milagrosamente, e não durasse mais que doze horas, nem se podesse guardar de um dia para o outro? Porque a gente a quem se dava era incredula, avarenta, e ingrata; e todos estes vicios quiz Deus curar nella com lhes dar o pão para um só dia. Se sois incredulos, crêde que quem vos deu o pão hoje, tambem vol-o dará ámanhã. Se sois avarentos, e vos parece pouco, e quereis mais do que podeis comer; contentae-vos com o que basta. E se sois ingratos, e não reconheceis a mão de que recebeis o beneficio; a mesma necessidade e dependencia vos obrigará a que a beijeis muitas vezes, e por força ou por vontade vos mostreis agradecidos.

D'aqui tirou Santo Ambrosio um excellente documento para os principes, que prezando-se de liberaes desprezam a sua mesma liberalidade, impossibilitando-se com ella para a continuar: *Modus liberalitatis tenendus est, ut quod benefacis, quotidie facere possis, ne subtrahas necessitati, quod indulseris effusioni.* [1] Não hão de dar os reis tão prodigamente hoje, que lhes não fique que dar ámanhã. Como ha de dar todos os dias, quem dá tudo em um dia? Cuidam que dando tudo, ganham a muitos, e perdem a todos: porque não ha fé sem esperança, nem firmeza sem dependencia, nem ainda amôr tão cego, que não abra os olhos para o futuro. Por isso Deus, que é Senhor de tudo, dá com reserva, e para freio da nossa sujeição nos põe a taxa na bocca. Dá-nos o necessario, e não o superfluo, porque nos quer bem mantidos, mas não enfastiados. Até o demonio nunca farta aos que tenta, porque os tem mais seguros na fome, que no fastio. A fome é desejo, o fastio desprezo: e isto compra com o superfluo quem dá mais do necessario. E' bem verdade que não dando Deus no Manná mais que o necessario para cada dia, os que o comiam comtudo se enfastiaram delle: *Nauseat anima nostra super cibo isto.* [2] Mas aquelle fastio não foi da natureza, foi da enfermidade. O doente até do necessario se enfastia. E em prova de ser doença e doença mortal, de tres milhões de homens que sahiram do Egypto, e comeram o Manná, só tres chegaram vivos á Terra de Promissão.

Oh se os homens medissem o pão com a vida, como

[1] D. Ambros. Livr. 2.º Officior. Cap. 16.
[2] *Num.* 21, 5.

é certo que lhes não pareceria pouco o pão de hoje! Seneca tem por infelizes os que não medem a sua fome com o seu estomago: *Infelices qui non intelligitis vos maiorem famem habere, quam ventrem.* E mais infelizes são ainda, e menos entendidos, os que não medem o seu pão com a sua vida. O pão de hoje prometteu Deus a todos os que lh'o pedirem, a vida de hoje a ninguem a prometteu: *De manè usque ad vesperam finies me*, dizia El-rei Ezechias. [1] E se as vidas mais bem guardadas, e mais bem mantidas, podem acabar antes da noite, tambem do pão de hoje lhes póde sobejar o da cêa. Esta foi a ignorancia daquelle nescio, que porque se achava com muitos moios de pão, os media com muitos annos de vida: *Anima mea, habes multa bona in annos plurimos: comede, bibe, epulare.* [2] O pão seria para muitos annos, mas a vida era para tão poucos dias, que da noite que isto sonhava, não chegou a vêr a manhã: *Stulte, hac nocte repetunt animam tuam à te.* [3] Disse S. Gregorio Nisseno com tão discreta phrase, como profundo juizo, que este nescio mettera no mesmo celeiro o pão e mais os annos: *Longos annorum ambitus spei vanitate in horreis simul concludens.* [4] Se os annos, os dias, as horas não estão no palacio do sol, senão nos thesouros de Deus; que importa que nos celeiros do homem se guarde mais pão que o de hoje? Não debalde, senão com grande mysterio, este mesmo instituto de que fallamos, se chama Rosario. Toda a vida ou edade da rosa não é mais que um dia: *Quam longa una dies ætas tam longa rosarum.* [5] A aurora lhe dá o berço, nascida e fresca; a noite a sepultura, murcha e secca. De sorte que quando no Padre nosso repetidamente, e por partes, pedimos o pão de hoje, todo o Rosario nos está prégando, que de hoje ámanhã se póde acabar a vida. Logo para a vida que é de hoje, e esse hoje ainda incerto, bem lhe basta o pão de hoje.

Altissimamente exhortava S. Paulo aos christãos primitivos, que se aproveitassem da vida, em quanto tinham o sobrenome de hoje: *Donec hodie cognominatur, ut non obduretur quis ex vobis.* [6] E porque cha-

---

[1] *Isai.*, XXXVIII, 13.
[2] *Luc.*, XII, 9.
[3] *Ibid.*
[4] Gregorius Nissenus de Orat. Dom. Orat. 4.ª
[5] *Virgilio*
[6] *Hebr.*, III, 13.

mou S. Paulo ao hoje sobrenome do homem: *Donec hodiè cognominatur?* Porque o nome do homem é mortal, e nenhum mortal quando vive póde ter outro sobrenome. O sobrenome de Dias até no Cyde foi improprio, porque contra a morte não ha valor. Todos os outros appellidos são falsos, só o de hoje é verdadeiro. Hoje somos, ámanhã póde ser que não: *Sera dies nimis est crastina, vive hodie*, [1] disse mais christãmente do que nós o entendemos, o Poeta gentio. Ha homens de hoje, homens de ámanhã, e homens de nunca. E quaes são os de nunca? Os de ámanhã? E' subtilissima advertencia de Santo Agostinho. Porque quando chega o dia de ámanhã, já não é ámanhã, é hoje. E se os que somos, ou nos prezamos de ser homens, devemos ser homens de hoje; porque nos não contentaremos com o pão de hoje: e porque cuidaremos que pedimos menos do que devemos pedir, quando dizemos a Deus: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie?*

Mas esta petição (dirão os ricos) é só para os pobres, e não para nós, que temos pão para muitos dias, e para todos: e não só para uma vida, senão para muitas, para a nossa, e para a de nossos descendentes. Só lhes falta dizer, que Christo não advertiu nisto, quando ensinou a todos o pedir o pão de hoje. Esse mesmo pão que tendes, ou cuidaes que tendes, se Deus vol-o não der hoje, não o tereis. Em um dia perdeu Dario a monarchia dos Persas: em uma noite perdeu Balthasar a dos Assyrios: e em uma hora perdeu Job os gados, os escravos, as searas, a casa, os filhos: e sendo o mais rico entre todos os do Oriente, ficou tão pobre, não como outro, senão como o mesmo Job, exemplo não só da maior pobreza, mas da ultima miseria. E se Deus em cada hora deste mesmo dia vos póde tirar quanto tendes, justiça tem para vos mandar, que lhe peçaes o pão de hoje. Por isso lhe pedimos que nos dê o pão nosso: *Panem nostrum*. Pois se é nosso, e elle nol-o deu já, porque lh'o havemos de tornar a pedir? Porque não só o pão que não tendes, senão o que tendes, não o tereis, nem será vosso, se elle vol-o não der hoje. Assim como Deus em todos os momentos nos está dando o ser, assim em todos nos

[1] Martialis.

está dando o comer: e é excesso de favor e liberalidade, contentar-se que lhe peçamos para todo o dia o que elle nos está dando, e nós lhe devemos pedir todos os momentos. Não pedimos logo menos do que deviamos, senão muito mais do que devemos.

Só resta a objecção de pedirmos para todos, e não cada um para si. Mas este é o mais sublime modo de pedir, e o mais certo de alcançar. Ninguem pede melhor para si, que quem pede para todos. Entrou o sacerdote Zacharias no Templo a orar, e offerecer o incenso á hora costumada, quando lhe appareceu á mão direita do altar o Anjo Gabriel, e lhe disse da parte de Deus que a sua oração fôra ouvida, e lhe nasceria um filho, que foi o Baptista: *Exaudita est deprecatio tua, et uxor tua Elisabeth pariet tibi filium.* [1] Não ha Santo antigo, nem Expositor moderno, que não repare na coherencia deste Texto. A oração que naquella hora fez Zacharias, não era particular, senão publica, pelo bem commum de todo o povo, o qual tambem acompanhava a mesma oração com as suas: *Et omnis multitudo populi erat orans foris.* [2] Pois se Zacharias nesta oração não orava por si, senão por todos, e não pedia para si filho, senão para todo o povo o bem universal delle; como lhe diz o Anjo, que fôra ouvida a sua petição, promettendo-lhe aquillo que não tinha pedido? Respondem graves Auctores, que posto que Zacharias quando agora orou, não pedisse a Deus successão (da qual pela sua velhice, e pela esterilidade de sua mulher estava tão desesperado, que ainda depois de promettida ficou incredulo, e em pena da incredulidade mudo); com tudo que antigamente quando ambos estavam em edade de ter filhos então o pedira a Deus, e esta antiga oração é a que agora foi ouvida. Mas se esta mesma oração (torna a duvida com maior força) se esta mesma oração não foi ouvida, nem despachada então, porque foi ouvida e outhorgada agora? Porque agora orava Zacharias para todos, então orava para si: e o que não conseguiu nem mereceu quando orava para si, agora o mereceu e alcançou porque pedia para todos. Onde se deve notar e reparar muito, que o que agora alçancou, não

[1] *Luc.*, I, 13.
[2] *Ibid.*, 10.

o pediu agora. De sorte que quando orava para si, não mereceu alcançar o que pedia, e quando orava para todos, mereceu alcançar o que não pedia: porque então pedia filho, e agora não. Tanto melhor e mais efficaz oração é, como Christo nos ensina, o pedirmos para todos, que cada um para si.

Mais digo. Monta tanto diante de Deus o pedir para todos, que ainda quando Deus nos nega o que pedimos, para todos nos concede o que não pedimos para nós. Pede Abrahão a Deus, não com uma, nem com duas, senão com muitas e importantes instancias, que perdoe ás cinco cidades de Sodoma e Gomorra, mas não o conseguiu. Chove fogo do céu, abrazam-se as cidades: e que fizeram os Anjos executores desta justiça? Tomam pela mão a Loth, sobrinho de Abrahão, e assim a elle como a toda a sua familia, o livraram do incendio. E Abrahão por ventura tinha orado por Loth? Não se lê tal oração na Escriptura, referindo-se miudissimamente todas as outras. Pois se Deus não livra as cidades pelas quaes intercedeu e orou Abrahão; porque livra o sobrinho de Abrahão, pelo qual não orou nem intercedeu? Porque ainda quando Deus nos nega o que pedimos para todos, nos concede no mesmo caso o que não pedimos para nós. Advertidamente Oleastro: *Non legimus Abraham pro nepote orasse, et legimus Deum ejus gratia illum ab incendio liberasse.* [1] Foi tão agradavel e tão acceita a Deus a oração que Abrahão fez por todos, que ainda quando negou á sua oração o que pediu para todos, lhe concedeu sem oração o que não pediu para si. Altissimo é logo, assim nesta petição como nas outras, este modo de pedir, e altissima em todas as do Rosario, a voz com que sempre assim pedimos: *Extollens vocem.*

VIII

Sempre chego tarde á terceira e ultima consideração do discurso. Mas como a materia é tão grande, mais queixosa a imagino do muito que deixei de dizer, e podéra, que da largueza do que disse, poupando sempre palavras, quanto me foi possivel. Consi-

[1] Oleastr. in Gen., Cap. XIX.

dera esta terceira parte a intercessão de que nos valemos, que é a da Virgem Senhora nossa, cujo poderosissimo patrocinio tantas vezes imploramos, quantas repetimos no Rosario, Ave Maria. Mas se na oração do Padre nosso pareceu que excedemos o modo de pedir, ou pedindo mais ou menos do que deviamos; na da Ave Maria, que é tão diversa, quem não dirá, que totalmente perdemos, ou encontramos o mesmo modo, pois nenhuma coisa pedimos? O que só dizemos na Ave Maria á Mãe de Deus, é que rogue por nós: *Sancta Maria Mater Dei, ora pro nobis.* Pedimos-lhe que peça, mas não dizemos o que ha de pedir: logo não pedimos nada.

Primeiramente respondo, que não ha mais nobre nem mais alto modo de pedir, que não pedindo. Martha e Maria amavam muito a Lazaro, e desejavam muito de o tornar a vêr vivo, e criam que Christo o podia resuscitar: pois porque não pediram ao Senhor que o resuscitasse? Porque sabiam como nobres e illustres que eram, que o mais cortez modo de pedir é não pedindo. Assim responde por ellas S. Bernardo, depois de as arguir: *Si fratrem vestrum amatis, cur ejus misericordiam non flagitatis, de cujus potentia dubitare, pietate diffidere non potestis? Respondent: sic melius tanquam non orantes oramus:* [1] Se amaes a vosso irmão, e não podeis duvidar do poder, nem desconfiar do amôr de Christo, porque não pedis por elle? Mas a isto respondem (diz o Santo) que assim pedem, e pelo melhor modo; porque pedir não pedindo é o melhor modo de pedir: *Si melius, tanquam non orantes, oramus.* Assim oraram então as duas mais bem ensinadas discipulas de Christo: e assim oramos nós tambem no Rosario, que a escola de sua Mãe é a mesma. Repetindo tantas vezes a Ave Maria, nenhuma coisa representamos á Virgem Santissima, nem de necessidade, nem de remedio, nem de favor, ou que nós peçamos, ou que a mesma Senhora haja de pedir por nós: mas quando assim oramos sem pedir, então oramos melhor, porque não pedimos: *Sic melius, tanquam non orantes, oramus.*

A razão é porque orando assim, oramos á Mãe de Deus, pelo mesmo modo com que devemos orar a

[1] D. Bern. De Gradibus humilit.

Deus. A Deus (dizia o oraculo da philosophia Socrates) não se ha de pedir coisa alguma determinadamente, porque elle sabe melhor o que ha de dar, do que nós o que devemos pedir: *Te totum cœlestium arbitrio permitte, quia qui tribuere bona ex facili solent, etiam eligere aptissime possunt.* Não só ha de ser de Deus o dar, senão tambem o eleger. Em esperar delle a mercê, suppomos a sua liberalidade: em a deixar na sua eleição, honramos a sua sabedoria. E assim fazemos quando oramos á Mãe de Deus. Pedimos que peça, mas não dizemos o que ha de pedir, para que assim como a intercessão ha de ser sua, seja tambem sua a eleição. Desejava entrar no ordem de S. Domingos, Reginaldo, deão da cathedral de Orleans e famoso cathedratico da universidade de Pariz, quando cahiu mortalmente enfermo. Não cessava porém o Santo Patriarcha, e toda a Ordem, de rezar o Rosario por esta tenção; quando na ultima desconfiança da enfermidade appareceu a soberana Rainha dos Anjos no mesmo aposento do enfermo, e disse a Reginaldo, que pedisse o que quizesse, porque alli estava em Pessoa, e tudo lhe seria concedido. Suspenso, tanto da visão, como da promessa, ficou atalhado o grande Doutor, não se sabendo resolver no que pediria: porém Santa Cecilia, e Santa Catharina, que de um e outro lado acompanhavam a Senhora, aconselharam ao enfermo que nenhuma coisa pedisse, e que todo se pozesse em suas mãos. Fel-o assim Reginaldo, dizendo: Soberana Rainha do céu, o que Vossa Magestade fôr servida de mim, isso é o que só quero, e nas mãos de vossa bondade e clemencia, com toda a reverencia e humildade me ponho todo. Então as duas Virgens, que não só como as prudentes do Evangelho deram o conselho, senão tambem o oleo, presentaram de joelhos á Senhora duas redomas em que o traziam, e a piedosissima Mãe de Deus, ungindo o enfermo com as mesmas mãos em que elle se tinha posto, não só o livrou da morte, que aguardava por instantes, mas no mesmo momento o restituiu á inteira saude e forças, que é o que naquelle estado podéra desejar e pedir, mas não pedira. Não foi excellente modo este de pedir não pedindo? Pois isto é o que tantas vezes fazemos no Rosario em cada Ave Maria que rezamos.

Pedir por este primoroso modo, não só é pedir sem pedir, mas é pedir, e juntamente dar. E' pedir, porque

pedimos a intercessão; e é dar, porque damos a eleição. Na intercessão que pedimos, reconhecemos na Mãe de Deus a sua dignidade, na eleição que demittimos de nós, renunciamos na mesma Senhora a nossa vontade. No Padre nosso pedimos a Deus o que elle quer que peçamos; na Ave Maria pedimos á Mãe de Deus o que ella quizer pedir. E este é o maior primor, a maior cortezia, e a maior delicadeza e perfeição de orar. E porque? Ensinou-o maravilhosamente meu Santo Patriarcha Ignacio naquella sua famosa epistola aos portuguezes, que em genero de espirito é uma das maiores coisas que se tem escripto na Igreja. A razão é (diz o Santo) porque quem pede o que quer, prefere-se por uma parte, ainda que se sujeita por outra. Em pedir, sujeita-se; porque o pedir é acto de sujeitção, mas em declarar o que quer prefere-se; porque o proprio querer é acto de liberdade e de preferencia. Tanto assim (diz profundamente S. Bernardo allegado pelo mesmo Santo) que quando o subdito consegue do prelado o que quer, não é o subdito o que obedece ao prelado, senão o prelado o que obedece ao subdito: *Nec enim in ea re ipse Prælato, sed magis ei Prælatus obedit.* Em pedir, sujeita-se elle ao prelado; mas em pedir o que quer, quer que o prelado se sujeite a elle, e assim o consegue. De sorte que o mesmo pedir por tal modo, é pedir e mandar juntamente. D'aqui se entenderá a propriedade com que falla a Escriptura, quando diz que obedeceu Deus á voz de Josuë: *Obediente Domino voci hominis.* [1] Obediencia suppõe mandado de uma parte, e sujeição da outra: pois como podia ser que Deus obedecesse a um homem? Porque Josuë, como consta do Texto, pediu e mandou juntamente: *Loquutus est Josué Domino, dixitque: sol contra Gabaon ne movearis.* [2] E como Josuë pediu mandando: em quanto pediu, concedeu-lhe Deus o que pedia; em quanto mandou, obedeceu ao que mandava. Isto é o que faz quem não só pede, mas pede o que quer. Logo para pedir com a maior cortezia, com o maior primor, e com a maior perfeição, não se ha de declarar em nada a propria vontade, mas sujeitar-se em tudo, e por tudo a quem pede, e á sua disposição e arbitrio, como nós fazemos ao da Mãe de Deus.

---

[1] *Josuë*, x, 14.
[2] *Ibid.*, 12.

Excellente logar de David: *Subditus esto Domino. et ora eum:* [1] Fazei-vos subdito de Deus, e então orae. Pois quem ora e pede a Deus, não se sujeita a elle? Distingo. Se pede o que quer, sujeita-se em parte, e no tal caso não é perfeito subdito, porque usa da sua liberdade: porém se pede, e não diz o que quer, então se sujeita inteiramente, e se faz perfeito subdito de Deus, porque renuncia nelle a sua vontade. O mesmo Texto o declara com bem advertido reparo de Hugo Victorino. *Propterea non dixit tibi, ora eum hoc, vel illud, sed tantum ora eum.* Notae o que diz e o que não diz o Propheta. Não diz que oremos e peçamos a Deus isto ou aquillo; mas só diz que oremos, e que peçamos, porque este é só o modo de orar, e pedir como subdito: *Subditus esto Domino, et ora eum.* E que mais? A consequencia é digna de tão grande Auctor, e em proprios termos a nossa: *Cum ergo oras, quem petas potius, quam quid petas cogitare tibi dulce sit.* Logo todo o nosso cuidado quando oramos ha de ser pôr os olhos em a quem pedimos, e não no que pedimos: *Quem petas potius, quam quid petas.* E isto é o que faz a nossa oração todas as vezes que repete no Rosario: *Mater Dei ora pro nobis.* Olha só para a soberana intercessora, a quem pede; mas não tem olhos para vêr o que ha de pedir, porque seria grande desprimor nosso, e menos reverencia da suprema magestade da Mãe de Deus, não deixar tudo á sua providencia, e ao seu arbitrio. Por isso pedimos que peça por nós, e não o que ha de pedir.

Mas em dizermos que peça, parece que tambem trocamos um modo por outro, e deixamos o de maior dignidade pelo menos digno. A dignidade da Mãe de Deus é tão soberana, que ainda em respeito do mesmo Deus, como Mãe a Filho, não só póde alcançar quanto pedir, senão mandar o que quizer. Assim o pronunciam expressamente muitos dos Santos Padres, e é já tão vulgar esta grande supposição entre os Doutores, que não necessita de auctoridades a prova della. Pois se a soberania da Mãe de Deus é tão poderosa que póde mandar, porque lhe não pedimos que mande, senão que peça e rogue: roga por nós? Tambem esta circumstancia de orar é novo methodo de primor, com

[1] *Psalm.* XXXVI, 7.

que mais nos empenhamos a estimar toda a mercê e força, que por intercessão da mesma Senhora alcançarmos. Toda a mercê pedida por quem a póde dar, ainda que tenha egual preço dada, merece maior estimação por pedida. Já vimos o primeiro primor de Martha e Maria, em não quererem pedir a resurreição de Lazaro. Accrescentou porém Martha, que ella sabia muito bem, que tudo o que Christo pedisse a Deus, lh'o havia de conceder: *Et nunc scio, quia quæcumque poposceris à Deo, dabit tibi Deus.* [1] E como o Senhor replicasse, que elle era a vida e a resurreição, e lhe perguntasse se o cria assim: *Credis hoc?* Respondeu Martha, que tempo havia que tinha crido que o mesmo Christo era Filho de Deus: *Utique Domine, ego credidi, quia tu es Christus Filius Dei vivi.* [2] Pois se Martha sabia que Christo era Deus, e como Deus podia dar a vida a seu irmão, porque não allega que lh'a podia dar como Deus, senão que a podia pedir a Deus como homem? Porque era muito maior favor neste caso o pedir, que o dar: e ficava muito mais auctorisada a mesma resurreição como pedida, que como dada. Assim o fez o Senhor. Primeiro orou publicamente (o que não tinha feito, nas outras resurreições), e depois resuscitou a Lazaro; porque como o amava tanto, que lhe tinha custado lagrimas, quiz que fosse dobradamente auctorisada a sua resurreição, não só como dada por elle, mas como pedida: *In speciem precantis compositus rebus ipsis authoritatem manifestat,* [3] diz S. Basilio de Seleucia.

Esta é a primeira razão porque no Rosario pedimos á Mãe de Deus, não que dê, senão que peça; e não que mande, senão que rogue, para lhe devermos mais a estimação desta circumstancia. A segunda ainda é muito mais alta, e de maior fundo. Pedimos á Senhora que rogue quando lhe chamamos Mãe de Deus: Santa Maria Mãe de Deus, roga por nós; porque se Maria, gerando a Christo, deu a Deus o ser humano; rogando-o, dá-lhe o divino, quanto póde dar a creatura. Ora notae. Se ha coisa que de algum modo possa dar divindade, não é outra, senão o rogar. Quiz Nabucho-

---

[1] *Joan.*, XI, 22.
[2] *Ibid.*, 27.
[3] Basil. de Seleuc. *Orat.* 42.

donosor ser Deus de todo o mundo, e que não houvesse outro Deus senão elle; e o meio que tomou para estabelecer a sua divindade, foi mandar por um decreto universal que só a elle podessem rogar os homens, e a nenhum outro: *Nunquid non constituisti, ut omnis homo, qui rogaret quemquam de Diis, et hominibus, nisi te, rex, mitteretur in lacum leonum?* [1] Assim o mandou aquelle potente rei, e assim lh'o aconselharam os maiores sabios de sua monarchia: entendendo uns e outros, que só o ser rogado lhe podia conciliar o ser Deus. Queria ser Deus, e só: para ser Deus, roguem-no todos; para ser só, ninguem rogue a outro: *Ut non rogaret quemquam, nisi te, rex.* Este foi o pensamento (e póde ser que tomado d'aqui) com que disse discretamente o Poeta, que os deuses não os faz quem lhes fabríca as imagens, ou lhes levanta os altares, senão quem os roga: *Non facit ille Deos, qui rogat ille facit.* [2] Os deuses dos gentios eram de pau, ou de pedra, ou de metal, obras das mãos dos homens, como diz o Propheta: e quem os fazia deuses? Não os faziam deuses os esculptores, senão os rogadores. Quando esculpidos, quando lavrados, quando formados, ainda eram paus e pedras; mas quando rogados, então começavam a ser deuses: *Deos qui rogat ille facite.*

Grande logar de Minucio Feliz naquella famosa Apologia sua em nome de Octavio: *Ecce funditur, fabricatur, sculpitur: nondum Deus est; ecce plumbatur, construitur, erigitur: nec adhuc Deus est. Ecce ornatur, consecratur, oratur: tunc postremo Deus est.* Toma o esculptor o metal nas mãos, derrete-o, funde-o, lança-o nos moldes, dá-lhe fórma: é já Deus? Ainda não: *Nondum Deus est.* Tira-o fóra já formado, compõe-lhe os membros, distingue-lhe as feições com toda a arte: e limado, e polido, e chumbado, para que se tenha em pé, erguido, e direito: é já Deus? *Nec adhuc Deus est.* Orna-o, consagra-o, faz-lhe oração: é já Deus? Agora sim. *Oratur: tunc postremo Deus est.* Quando é orado e rogado, então é Deus. Dae-me licença, Virgem Santissima do Rosario, para que destas estatuas sem ser, vos forme e levante uma. Posto que vosso benditissimo Filho sempre foi Deus verdadeiro,

[1] *Dan.*, VI, 12.
[2] *Ovidio.*

em todos os mysterios do Rosario póde parecer só homem; mas quando vós chegaes a lhe rogar por nós, ninguem póde negar que é Deus. Humanado Christo, nascido, presentado, perdido, e achado no Templo, poderá dizer quem o não conhece: *Nondum Deus est.* Suando sangue, atado á columna, coroado de espinhos, carregado com a sua cruz, e pregado nella; e tambem resuscitado e subido ao céu, ainda poderá persistir no mesmo: *Nec adhuc Deus est.* Porém, vendo que vós, Senhora, sendo quem sois, o rogaes; assim como até-gora lhe confessava o ser humano, já lhe não póde negar o divino. Fallo com toda a Côrte do céu.

Acclamava a Christo toda a Côrte do céu, Anjos e Santos, em figura de Cordeiro: e ouviu S. João no seu Apocalypse, que todos a uma voz diziam assim: *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, et divinitatem.* [1] Digno é o Cordeiro que se sacrificou pelo genero humano, de receber o poder e a divindade. Parece que não concorda esta theologia do céu com a nossa. Christo, que é o Cordeiro desde o instante de sua Encarnação, recebeu a divindade; porque sempre foi Deus: nem então se póde dizer que foi digno de receber a mesma divindade; porque a união da humanidade ao Verbo, nem a mereceu, nem a pôde merecer. Pois se já tinha, e sempre teve a divindade, e sem merecimento proprio; porque diz agora a uma voz todo o céu, que é digno de a receber: *Dignus est Agnus accipere divinitatem?* E se a recebeu outra vez depois de já recebida, que novo modo de receber a divindade foi este? Respondem todos os Theologos e Expositores, que o modo de a receber outra vez, foi o reconhecimento, o conceito, e a voz universal de todos os homens e Anjos, que com aquelles applausos o confessavam. Logo muito mais e muito melhor recebe Christo a divindade sendo rogado só de sua Mãe, que sendo conhecido e acclamado de toda a Côrte do céu. E' consequencia manifesta. Porque a maior Magestade, e a maior soberania que ha no céu e na terra, abaixo de Deus, é a Pessoa de Maria: Logo aquelle a quem Maria roga, não póde ser senão Deus. E se o ser Christo reconhecido e acclamado como Deus pelos obsequios e applausos de toda a Côrte do céu, é novo

[1] *Apoc.*, v, 12.

modo de receber a divindade: *Accipere divinitatem:* muito mais alta e magestosamente recebe Christo a mesma divindade, quando é rogado por Maria; porque Maria e a sua auctoridade excede muito a de toda a Côrte do céu. E d'aqui se fica concluindo com a mesma evidencia o que eu dizia: que se gerado Christo por Maria recebeu della, em quanto Mãe sua, a humanidade; tambem rogado por Maria recebe della, em quanto intercessora nossa, a divindade. Em quanto Mãe, porque o gerou; em quanto intercessora, porque o roga. Vêde agora, e julguem todos, se é alto e mais que altissimo este modo de pedir: e quanto se levanta neste ponto sobre si mesma a voz altissima do Rosario: *Extollens vocem.*

IX

Tenho acabado o meu discurso, e por ultima recommendação do que fica dito, só peço aos devotos da Senhora do Rosario, não deixem de advertir nelle quão necessaria nos é a todos a intercessão da mesma Senhora. Basta que nos seja tão necessaria como o pão para a bocca? Pois advirtam que ainda é maior a necessidade que della temos: e nós mesmos o confessamos em uma e outra oração do Rosario, por ventura sem o advertir. No Padre nosso pedimos o pão para cada dia: *Panem nostrum quotidianum:* na Ave Maria pedimos a intercessão da Senhora para cada hora, e para cada instante: *Nunc, et in hora mortis nostræ.* O *nunc* significa instante, a hora da morte é e póde ser cada hora. E se o pão o pedimos para cada dia, e a intercessão da Senhora para cada hora, e para cada instante; não haja hora nem instante no dia, em que não digamos de todo o coração á poderosissima Mãe de Deus e nossa: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc, et in hora mortis nostræ. Amen.*

SERMÃO TERCEIRO

COM O SS. SACRAMENTO EXPOSTO

Quinimò, beati qui audiunt verbum Dei. [1]

I

Quanta é a differença que tem (posto que estejam tão juntos) na rosa, o cheiro e a virtude: na arvore, a folha e o fructo: no mar, a concha e a perola: no céu, a aurora e o dia: no homem, o corpo e a alma: e para que digamos por seus proprios termos: quanta é a vantagem que faz o entendimento á voz, tanta é a que tem (posto que irmãs entre si) a oração mental sombra a vocal. A vocal é o exterior da oração, a mental o interior: a vocal é a parte sensivel, a mental a que não se sente: a vocal é um corpo formado no ar, a mental o espirito que a informa, e lhe dá vida. A vocal recita preces, a mental contempla mysterios: a vocal falla, a mental medita: a vocal lê, a mental imprime: a vocal pede, a mental convence. A vocal póde ser forçada, a mental sempre é voluntaria: a vocal póde não sahir do coração, a mental entra nelle, e o penetra; e se é duro, o abranda. A vocal exercita a memoria, a mental discorre com o entendimento, e move a vontade: a vocal caminha pela estrada aberta, a mental cava no campo, e não só cultiva a terra, mas descobre thesouros.

No Templo de Solomão havia dois altares, um interior junto ao *Sancta Sanctorum*, em que se queimavam timiamas, outro exterior no atrio, em que se ma-

---

[1] *Luc.*, II.

tavam rezes. Os que oram mentalmente, diz Origenes, sacrificam no altar de dentro: os que oram com vozes, no de fóra: *Cum corde oravero, ad altare interius ingredior: cum autem quis clara voce, et verbis cum sono prolatis; offerre videtur hostiam in altari, quod foris est.* Apenas ha figura no Testamento Velho, em que se não veja retratada esta grande differença. A oração vocal é a voz do Precursor no deserto, a mental é o conceito da mesma voz, que reconhece o Messias, e lhe manda seguir os passos: a vocal é a bocca do leão de Samsão, a mental são as abelhas, que nella fabricam os favos, mais doces pelo mysterio, que pelo mel: a vocal é o estalo da funda de David, a mental é a pedra que rompeu a testa ao Gigante, e porque lhe penetrou o cerebro, o deitou em terra: a vocal são as trombetas de Jericó, que batem os muros, a mental é a espada de Josuë, que degola os inimigos, e sacrifica os despojos: a vocal é o pregão de Saül, a mental é a guerra apregoada; a que debella os Amonitas, que liberta Jabés, e descaptiva os cercados. Em fim, da vocal sobem ao céu vapores, da mental se accendem lá relampagos, e descem raios, que allumiam os olhos, que ferem os peitos, que amortecem as paixões, e desfazem em cinza os vicios.

Estes são os effeitos da oração do Rosario que não só devemos celebrar, mas distinguir em quanto vocal e mental. Em quanto vocal, é maior no numero, em quanto mental, no pezo: em quanto vocal, reza muitas vezes duas orações; em quanto mental, contempla e medita quinze mysterios: em quanto vocal, falla e sollicita o cuidado de Christo com Martha, em quanto mental está sem nenhum outro cuidado aos pés de Christo, e ouve com Maria. Uma orava com a bocca, e outra orava com os ouvidos. E isto é o que determino dizer, e declarar hoje. Já vimos quão alta é a oração vocal do Rosario, hoje veremos quão profunda é a mental. Marcella disse: *Beatus venter:* Christo respondeu: *Beati qui audiunt:* Marcella levantou a voz para que Christo a ouvisse; e o Senhor abriu-lhe os ouvidos para que ella aprendesse. Aquelle notavel *quinimò* bem mostrou que a lição era nova, e mais subida; e assim o será tambem a do nosso discurso. No passado vimos como se reza o Rosario com a bocca: *Extollens vocem:* neste veremos como se ha de rezar o mesmo Rosario pelos ouvidos: *Beati qui audiunt:* Para

que nos oiça a Virgem Santissima (cuja é a obra e o invento), e nos assista com sua graça, digamos: *Ave Maria.*

II

Beati qui audiunt verbum Dei

Rezar o Rosario pelos ouvidos, como prometti, é o assumpto deste sermão, mais novo pelo desuso ou abuso, que pela novidade da materia. Este foi o fim principal para que se instituiu a devoção do Rosario, de poucos bem rezado, e de quasi todos mal entendido. Não foi instituido só para fallarmos com Deus, e Deus nos ouvir a nós, senão para que Deus falle comnosco, e nós oiçamos o que nos diz Deus: *Qui audiunt verbum Dei.* Para restituir pois o Rosario á sua primitiva perfeição, ou para persuadir esta novidade aos que a tiverem por tal; e para fallar em materia de si não muito clara com toda a clareza, dividirei o discurso em tres partes. Na primeira, mostrarei que o Rosario se póde rezar pelos ouvidos: na segunda, que se deve rezar pelos ouvidos: na terceira, como se ha de rezar pelos ouvidos: *Beati qui audiunt.*

Começando pela possibilidade, no primeiro mysterio do mesmo Rosario, e na soberana Instituidora delle, temos o maior e mais perfeito exemplar da grande parte que nesta altissima obra têm os ouvidos. De dois modos concebeu a Virgem Maria o Verbo Divino, que tambem de dois modos é palavra de Deus: *Verbum Dei.* Concebeu-o no ventre, e concebeu-o na mente. Concebeu-o no ventre sacratissimo com privilegio singular a nenhuma outra creatura concedido: *Beatus venter qui te portavit:* e concebeu-o na mente, com aquella eminentissima perfeição, a que nenhuma outra alma póde chegar nem aspirar, posto que todas sejam capazes de conceber o mesmo Verbo mentalmente. E para que vejamos quanta parte tiveram os ouvidos em uma e outra conceição, oiçamos a S. Bernardo: *Missus est coluber tortuosus à diabolo, ut venenum per aures mulieris in ejus mentem transfunderet:* [1] no principio do mundo foi mandada a serpente

[1] D. Bern. Serm. 2.º de Pentec.

pelo demonio, para que pelos ouvidos da mulher lhe infundisse na mente o veneno. E depois? vêde a elegancia da contraposição): *Missus est Gabriel angelus à Deo, ut Verbum Patris per aurem Virginis in ventrem, et mentem ipsius eructaret:* E depois foi mandado o Anjo Gabriel por Deus, para que pelos ouvidos da Virgem, assim no ventre como na mente, se introduzisse o Verbo do Padre. E a razão, proporção e correspondencia porque a divina sabedoria o traçou e dispoz assim, foi: *Ut eadem via et antidotum intraret, qua venenum intraverat:* para que pelo mesmo sentido do ouvir, por onde entrára a peçonha, entrasse tambem a triaga. Eva ouviu, Maria ouviu: Eva ao demonio, Maria ao Anjo: Eva recebeu na mente o engano, e no ventre o fructo maldito: Maria concebeu na mente a verdade, e no ventre o fructo bemdito: *Benedictus fructus ventris tui:* e com esta admiravel contraposição de demonio a Anjo, de mulher a Virgem, de fructo a fructo, de corpo a corpo, e de mente a mente; assim como pelos ouvidos da primeira mulher entrou no mundo o veneno, e a morte, assim pelos ouvidos da segunda (e sem segunda) veio ao mesmo mundo o remedio e a vida.

E se além da proporção e correspondencia quizermos especular e apurar mais, com que propriedade e energia ordenou Deus, que os ouvidos da Senhora tivessem tanta parte neste primeiro mysterio, d'onde manaram todos os outros do Rosario; da natureza e officio do mesmo sentido de ouvir, tirou a resposta S. Bruno, philosophando excellentemente, e fallando com a Virgem desta maneira: *Suscipe Verbum in corde, et in utero, ó Virgo, quia per aurem ingredietur in te, quod nascetur ex te: Verbum enim est, et via verbi auris est.* [1] Ouvi, ó Virgem, o Anjo: recebei o que vos diz e annuncia na mente e nas entranhas; e não duvideis que o Filho que ha de nascer de vós, haja de entrar pelos ouvidos em vós. Porque? Porque esse Filho que ha de ser vosso, é a Palavra do Padre; e a porta e o caminho por onde entra a palavra, são os ouvidos: *Verbum enim est, et via verbi auris est.*

Deste modo rezam o Rosario pelos ouvidos, aquelles que o exercitam todo, e não de meias: isto é, aquel-

[1] D. Brun. Serm. 4.º de Annunt.

les que não se contentam só com repetir de bocca as orações vocaes; mas consideram e meditam attentamente os mysterios, e ouvem com a mesma attenção o que nelles inspira e falla Deus. A Senhora primeiro considerou o mysterio: *Cogitabat qualis esset ista salutatio:* [1] e depois pelos ouvidos concebeu o Verbo: *Fiat mihi secundum verbum tuum:* [2] e nós da mesma maneira considerando primeiro mentalmente aquelle mysterio, e os outros do Rosario, concebemos pelos ouvidos o mesmo, e não outro Verbo; porque ouvimos o que por meio da meditação dos mesmos mysterios falla Deus comnosco.

Succede na nossa meditação, em admiravel prova do que dizemos, o mesmo que ao Eterno Padre na producção do Verbo Divino. O Verbo Divino, que é a eterna Palavra de Deus, de que modo vos parece que sáe da bocca do Padre: *Ego ex ore Altissimi prodivi?* [3] Não póde haver similhança nem propriedade mais propria. Contempla o Eterno Padre dentro em si mesmo a essencia, os attributos, as perfeições, e todos os outros mysterios da divindade, que só elle comprehende; e desta contemplação comprehensiva com que Deus cuida em si, e se conhece, e vê a si, nasce o Verbo Divino, que é a Palavra de Deus, e todo o seu dizer: *Dicere Deo est cogitando intueri, in quantum, scilicet, intuitu cogitationis divinæ concipitur Verbum Dei,* [4] diz Santo Thomaz. Pois assim como da comprehensão com que Deus contempla intuitivamente os mysterios da divindade, se produz e nasce o Verbo; assim da meditação com que nós na parte mental do Rosario contemplamos os mysterios da Humanidade, unida á mesma Divindade, nasce o Verbo e Palavra de Deus, com que interiormente nos falla, e nós interiormente concebemos, e mentalmente ouvimos: *Qui audiunt verbum Dei.*

Altamente está dito: mas quem nos confirmará esta tão sublime verdade? Seja o maior e mais experimentado espirito em uma e outra oração: *Auditam fac mihi manè misericordiam tuam:* [5] Fazei, Senhor (diz

---

[1] *Luc.*, I, 29.
[2] *Ibid.*, 38.
[3] *Eccles.*, XXIV, 5.
[4] D. Thom. I, pag. 34, art. I, ad 2.
[5] *Psalm.* CXLII, ∞.

David), que eu de manhã oiça a vossa misericordia. Dois grandes reparos encerram estas quatro palavras. Todos, quando oram, pedem a Deus que, por sua misericordia, os oiça: porém David não diz, que a misericordia de Deus o oiça a elle, senão que elle oiça a misericordia de Deus: *Auditam fac mihi misericordiam tuam:* Fazei que a vossa misericordia seja ouvida de mim. De sorte que a misericordia de Deus é a que ha de fallar, e David o que ha de ouvir. A razão deste extraordinario modo de pedir, ou dizer, depende do segundo reparo: *Auditam fac mihi manè:* Fazei que eu oiça a vossa misericordia pela manhã. E que mais tem para este requerimento a hora da manhã, que as outras? David orava pela manhã, ao meio dia, e á tarde: *Vesperè, et manè, et meridie narrabo.* [1] David orava sete vezes no dia: *Septies in die laudem dixi tibi.* [2] Pois se David orava tantas vezes, e em tão differentes horas do dia, porque não pede nem requer, ou porque não presume nem espera que Deus lhe falle a elle e elle oiça a Deus, senão na hora de pela manhã: *Auditam fac mihi manè misericordiam tuam?* O mesmo David o disse, e com tanta razão como nós o temos dito. Este santo rei orava de varios modos, já vocalmente resando Psalmos, já mentalmente meditando: e a hora que particularmente tinha dedicado á meditação, era a hora da manhã: *In matutinis meditabor in te:* [3] e como pela manhã é que meditava, pela manhã é que esperava que Deus lhe havia de fallar a elle, e elle havia de ouvir a Deus: *Auditam fac mihi manè misericordiam tuam.* Tão certo é, que com os que meditam falla Deus, e porque meditam, e quando meditam, o ouvem.

III

D'aqui se segue, que quando forem mais altos os mysterios que meditarem, tanto mais altas serão tambem as illustrações com que Deus lhe fallará aos ouvidos. Qual era a materia das meditações de David na-

[1] *Psalm.*, LIV, 18.
[2] *Ibid.*, CXVIII, 164.
[3] *Ibid.*, LXII, 7.

quelle tempo: *Meditatus sum in omnibus operibus tuis: in factis manuum tuarum meditabar.* [1] Meditava nas obras universaes da omnipotencia, com que Deus creára e sustentava o mundo, e nas particulares da providencia, com que escolhera, defendia, e conservava o seu povo, que era o que Deus até então mais maravilhosamente tinha obrado. E se a meditação destas obras, posto que grandes, tão inferiores, merecia que o mesmo Deus respondesse a ella, e fosse ouvido de quem as meditava; que juizo se deve fazer das inspirações, dos impulsos, e das fallas interiores, com que Deus penetrará os corações, e baterá suavemente os ouvidos dos que attentamente meditarem os altissimos mysterios da Encarnação, do Nascimento, da vida, da morte, da Resurreição do Filho de Deus, que são os de que se compõe o Rosario? Se as obras da creação que só custaram a Deus uma palavra, faltavam, e eram com tanta admiração ouvidas de quem as meditava; as obras da Redempção que custaram á mesma Palavra de Deus o sangue, do qual sangue, diz S. Paulo, que falla melhor que o de Abel: *Melius loquentem quam Abel:* [2] que vozes serão as suas na attenta e profunda meditação dellas, e quanto mais se farão ouvir? O mesmo Propheta que antevia os futuros, que não chegou a vêr, o disse: *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam, et salutare tuum da nobis: audiam quid loquatur in me Dominus Deus.* [3] Acabae, Senhor, de mostrar aos homens até onde chegam os extremos de vossa misericordia: acabae de nos dar e mandar ao mundo o nosso ou o vosso Salvador, pois é vosso Filho: *Salutare tuum da nobis.* E então quando elle vier (se vier David em vossos dias) e nascer e morrer, e obrar todos os outros mysterios da Redempção, que é o que esperaes da sua vinda, e da sua vista e consideração desses mesmos mysterios? O que principalmente espero, e sobretudo desejo, é o que hei de ouvir interiormente quando elle dentro em mim me fallar: *Audiam quid loquatur in me Dominus Deus.* Notae o que diz David, e o que não diz. Não diz que suspirava com tantas ancias pela vinda do Messias,

[1] *Psalm.* CXLII, 5.
[2] *Hebr.*, XII, 24.
[3] *Psalm.* LXXXIV, 8 e 9.

para ouvir o que elle havia de prégar exteriormente ouvido; senão para lhe ouvir o que lhe havia de fallar interiormente meditado: *Audiam quid loquatur in me.* Como se dissera: não me alvoroça o que ha de dizer a todos, senão o que me ha de dizer a mim: nem tanto o que me ha de dizer a mim, quanto o que me ha de dizer em mim: *In me.* A Moysés fallou-lhe Deus da sarça; a Job fallou-lhe de uma nuvem; ao Summo Sacerdote fallava-lhe do Propiciatorio; ao que medita não lhe falla Deus de outra parte, nem de fóra, senão dentro nelle, *In me;* porque dentro delle está a meditação, por meio da qual lhe falla. Combinae o *loquatur in me* com o ***meditabor in te:*** eu meditarei nelle, e elle fallará em mim: eu com o silencio, e elle com a voz: eu callando, e elle fallando: elle dizendo, e eu ouvindo: *Audiam quid loquatur in me.*

Isto é o que considerava aquelle tão grande rei como Propheta: o qual porém não chegou a ter a ventura de vêr e ouvir o porque tanto suspirava. Por isso aos Apostolos, que a tiveram, disse o Senhor: *Dico vobis, quod multi prophetæ, et reges voluerunt videre quæ vos videtis, et non viderunt: et audire quæ auditis, et non audierunt.* [1] Para que conheçaes e estimeis o bem de que gozaes, vos digo que muitos Prophetas e reis desejaram vêr o que vós vêdes, e não o viram: e ouvir o que vós ouvis, e não o ouviram. Um destes reis, e um destes Prophetas, e o principal de todos elles, foi David, de quem o mesmo Christo era e se chamou Filho: e esta ventura que tanto desejou, e não alcançou o rei mais mimoso, e o Propheta mais allumiado de Deus, é a que gosam os professores da devoção do Rosario, se se applicam a ella tão inteiramente como devem. David desejava vêr os mysterios de Christo, e ouvir o que interiormente lhe dizia: *Audiam quid loquatur in me:* e todos os que attentamente meditam os mysterios do Rosario, por meio da mesma meditação vêem e ouvem a Christo, porque meditando seus mysterios, o fazem presente: e ouvem a Christo; porque os mesmos mysterios meditados fallam: e se alguem não ouve o que o Senhor lhe diz por elles, é que os **não medita.**

---

[1] *Luc.*, x, 24.

Dirá porém algum dos que se teem por exercitados nesta meditação, que elle medita, mas não ouve. E para escusar este silencio, ou falta de ouvir, dirá tambem que os mysterios do Rosario todos são obras de Christo, e não palavras, e que a meditação póde representar e vêr o que elle fez, mas não póde representar nem ouvir o que elle não disse. A este argumento que não parece totalmente sophistico, responde Santo Agostinho, e com tanta agudeza como sua. Quem é Christo? E' o Verbo de Deus, e a Palavra do Padre: logo ninguem póde considerar suas obras, nem meditar seus mysterios que o não oiça. E porque? Porque a palavra não póde obrar senão fallando; e como todas as obras da palavra fallam, todas se ouvem: *Quia ipse Christus Verbum Dei est, etiam factum verbi verbum nobis est.* Porque Christo é palavra de Deus, tambem as obras dessa palavra são palavras, porque a palavra não póde obrar senão fallando. E se essas obras que são palavras, alguem as não ouve, é porque lhes não entende a lingua: *Habent enim, si intelligantur linguam suam.* Reparae na excepção de Agostinho, com que ficam excluidos os que dizem que meditam e não ouvem. Essas obras e esses mysterios de Christo, *Si intelligantur*, se se entendem, fallam: se se não entendem, são mudos. As palavras que sómente são palavras, podem-se ouvir, ainda que se não entendam; as obras que são palavras, se não se entendem, não se ouvem. Por isso vós não ouvis, porque não entendeis; e a causa porque não entendeis, é porque não meditaes. Meditae e observae bem o que se vos representa em cada mysterio, e logo ouvireis. A mesma Palavra divina o diz assim: *Beatus homo qui audit me:* [1] Bemaventurado o homem que me ouve. E que ha de fazer o homem, Palavra divina, para vos ouvir? Duas coisas: Vigiar e observar ás minhas portas: *Qui vigilat ad fores meas et observat ad postes ostii mei.* [2] A palavra tem duas portas, uma por onde sae, e outra por onde entra: a porta por onde sae, é a bocca, e no nosso caso o mysterio: a porta por onde entra, é o ouvido, e no nosso caso a meditação. Se vós não meditaes, como quereis ouvir? Meditae e observae vigilante e at-

[1] *Prov.*, VIII, 34.
[2] *Ibid.*

tentamente o mysterio, e logo entendereis e ouvireis o que Deus vos diz nelle: *Qui vigilat: qui observat: qui audit.* E ouvindo desta maneira sereis dobradamente bemaventurado por testemunho de ambas as Escripturas: *Beatus homo qui audit me: Beati qui audiunt verbum Dei.*

IV

Temos declarado a theorica do Rosario resado pelos ouvidos. Mas antes que passemos á praxe, para que a recebamos e acceitemos melhor, será bem que vejamos as razões, porque deve ser praticado por este modo, não só vocal, senão mentalmente: não só resando, senão meditando; nem só fallando, senão ouvindo. Digo pois que se deve resar o Rosario pelos ouvidos, não só por ser mais conveniente e mais util, mas por ser totalmente necessario. Mais conveniente da parte de Deus; porque lhe é mais agradavel: mais util da parte nossa: porque assim nos é mais proveitoso: e totalmente necessario, da parte do Rosario: porque fallando só, e não ouvindo, não será Rosario.

Prova esta ultima proposição (pela qual é bem comecemos, como fundamento das demais) aquelle antiquissimo philosopho Sophar, um dos tres amigos de Job, e distingue e aperta o ponto com tal energia, que ninguem em toda a Escriptura o fez melhor: *Nunquid qui multa loquitur, non audiet? Aut vir verbosus justificabitur? Utinam Deus loqueretur tecum, et aperiret labia sua tibi!* [1] E' possivel que tu, que fallas muito, não queres ouvir? E cuidas que o teu muito fallar te ha de fazer justo? Oh se Deus abrira a bocca e fallára comtigo! Cada palavra desta sentença é uma declarada censura contra o abuso geral, com que se resa o Rosario. O instituto santissimo e prudentissimo desta soberana devoção dividiu-a em orações e mysterios, para que nós como compostos de corpo e alma, ora fallassemos vocalmente com Deus, ora o ouvissemos mentalmente. E seria bem fallarmos nós tudo, e não ouvirmos nada: *Nunquid qui multa loquitur, non audiet?* Pois isto é o que fazem ou desfazem os que

[1] *Job.*, XI, 2 e 3.

só fallam, e não meditam; os que só rezam com a bocca, e não pelos ouvidos. Toda a oração, como já a definimos com S. Gregorio Nisseno, é um colloquio e conversação do homem com Deus; e a lei da boa e cortez conversação é fallar e ouvir. E se a personagem que nos admitte á pratica, fôr muito superior, que ensina a cortezia e a reverencia? Fallar pouco, e ouvir muito. Notavel coisa é, que goste Deus de conversar com os simples: *Cum simplicibus sermocinatio ejus!* [1] Não é muito mais aprazivel a conversação dos doutos, dos eruditos, dos discretos? Para Deus, não. Esses fallam muito, e ouvem pouco; os simples fallam pouco, e ouvem muito. Esses ouvem-se a si, e Deus quer quem o oiça a elle. Por isso gosta da conversação dos simples.

O homem que mais cortezmente soube fallar com Deus, foi Abrahão: *Loquar ad Dominum, cum sim pulvis, et cinis:* [2] e vêde como fallava, e como ouvia. A primeira vez que Deus appareceu a Abrahão, foi em Haran; e diz o Texto: *Dixit autem Dominus ad Abram:* [3] disse o Senhor a Abrahão. A segunda vez appareceu-lhe em Sichem, e diz o Texto: *Apparuit autem Dominus Abram, et dixit ei:* [4] Appareceu o Senhor a Abrahão, e disse-lhe. A terceira vez appareceu-lhe em Canaan, e diz o Texto: *Dixitque Dominus ad Abram.* [5] e disse o Senhor a Abrahão. A quarta vez appareceu-lhe na mesma terra, e diz o Texto: *Factus est sermo Domini ad Abram dicens: dixitque Abram: Domine Deus:* [6] Disse Deus a Abrahão, e Abrahão disse a Deus. Não sei se reparaes nestas quatro apparições, e se achaes nellas alguma differença? Eu confesso que tenho lido estes Textos algumas vezes, e nunca adverti o que advertiu Caetano, e pede a todos que advirtam: *Considera, prudens Lector, quod in præteritis tribus visionibus semper Abraham fuit auditor tantùm, in hac autem quarta, et audit, et respondet.* Considere o prudente leitor, diz Caetano, que Abrahão nas primeiras

---

[1] *Prov.*, III, 32.
[2] *Gen.*, XVIII, 27.
[3] *Ibid.*, XII, 1.
[4] *Ibid.*, 7.
[5] *Ibid.*, XIII, 14.
[6] *Ibid.*, XV, 1 e 2.

tres apparições de Deus, ouviu e não fallou palavra, e só nesta quarta ouviu, e fallou. Pois se fallou nesta, porque não fallou tambem nas outras? Porque fallava com Deus. Quem falla com Deus, ha de ouvir muito, e fallar pouco: para fallar uma vez, ha de ouvir quatro. E quem tanto ouve, e tão pouco falla, merece que Deus lhe appareça muitas vezes. Ide agora, e fallae o Rosario inteiro sem pausa, sem aguardar compasso, sem dar logar a Deus, a que tambem elle vos diga alguma coisa: e se vós fallaes tudo, e Deus não falla, como o haveis de ouvir?

Vae por diante Sophar: *Aut vir verbosus justificabitur?* Por ventura cuidaes que essa verbosidade, e esse muito fallar vos ha de fazer justo? Não. O justo não o faz o muito que falla, senão o fallar o muito que medita: *Os justi meditabitur sapientiam et lingua ejus loquetur judicium.* [1] Encontrada como parece attribuir a meditação á bocca, e o juizo á lingua: o juizo é o que medita, a bocca, e a lingua a que falla. Mas o justo de tal maneira ajunta a meditação com a oração, e o mental do juizo com o vocal das palavras, que ainda com a lingua medita; e não porque falla muito, senão porque medita muito, é justo. Não justo, porque falla muito: *Nunquid vir verbosus justificabitur:* mas justo porque medita muito: *Os justi meditabitur sapientiam.* Mas para que é ir buscar a prova nas Escripturas, se a temos mais perto na experiencia? Contae os que rezam o Rosario, e contae os justos. São tantos os justos como os que rezam o Rosario? E' certo (ainda mal) que por cada cento que rezam o Rosario me não dareis um justo. E d'onde vem esta desegualdade tão grande, tão enorme, e tão indigna? E' porque *Vir verbosus non justificabitur.* Rezam e não meditam, e o rezar sem meditar, não é orar, é fallar; em vez de ser oração, é verbosidade. O que se reza sem meditação sae da bocca; o que primeiro se medita sae do coração; e ainda que seja uma só palavra, é offerta que se póde dedicar a Deus: *Eructavit cor meum verbum bonum, dico opera mea regi.* [2] Então cuidam os que isto fazem, que a devoção do Rosario está em o rezar ou fallar todo inteiro. Os que

[1] *Psalm.* XXXVI, 30.
[2] *Ibid.*, XLIV, 2.

assim o rezam sem meditar, falsamente se arrogam o nome de devotos da Senhora e do seu Rosario. O Rosario que a Senhora instituiu não é esse: logo não são devotos do Rosario. Pois que são? Quando muito são rezadores; e por isso, ou cegos, ou mercieiros; mas justos não. Lembrem-se daquella sentença: *Cum oratis, nolite multum loqui:* [1] Quando oraes não falleis muito. E de quem é esta sentença? E' do mesmo Christo, que diz: *Oportet semper orare:* [2] Importa orar sempre: e o mesmo Senhor, que nos manda orar sempre, manda que quando oramos não fallemos muito, porque o fallar não é orar. Por isso, nem elle nos ouve, nem nós o ouvimos.

Oh se ouviramos alguma vez a Deus! Isto é o que desejava, e exclamava Sophar: *Utinam Deus loqueretur tecum et aperiret labia sua tibi!* Oh se Deus abrira uma vez a bocca e fallára comtigo! E qual era a razão deste seu desejo? Porque fallava com os que fallam muito e não querem ouvir: e sabia que tanto que ouvissem a Deus, mais haviam de querer ouvir que fallar. Com ser Deus Auctor da natureza, no fallar e no ouvir tem mui differentes effeitos. Todo o mudo naturalmente é surdo, e todo o que ouve a Deus, naturalmente emmudece. A natureza, aos que privou do fallar, tira-lhes o ouvir; e Deus, aos que concedeu o ouvir, tira-lhes o fallar. Quando Deus appareceu a Moysés na sarça, e o mandou com a embaixada a Pharaó, escusou-se Moysés com que não sabia fallar: *Non sum eloquens ab heri, et nudius tertius.* [3] Mas contra isto está o que se refere nos Actos dos Apostolos, que Moysés tinha estudado todas as sciencias dos Egypcios, e era nellas e na sua lingua poderosamente eloquente: *Eruditus est Moyses omni sapientia Ægyptiorum, et erat potens in verbis.* [4] Pois se Moysés era tão sabiamente eloquente, e tão eloquentemente sabio, como diz agora que não sabe fallar? Elle mesmo deu a razão: *Ex quo loquutus es ad servum tuum, impeditioris, et tardioris linguæ sum.* [5] E' ver-

---

[1] *Math.*, VI, 7.
[2] *Luc.*, XVIII, 1.
[3] *Exod.*, IV, 10.
[4] *Act.*, VII, 22.
[5] *Exod.*, IV, 10.

dade, Senhor, que eu antes deste dia fallava expeditamente; mas depois que vós vos dignastes de me fallar, e eu vos ouvi, no mesmo ponto se me tolheu a falla e atou a lingua. E porque Sophar sabia os segredos desta philosophia, por isso desejava que fallasse Deus uma vez aos que só fallam e não ouvem: *Nunquid qui multa loquitur non audit? Utinam Deus loquatur tecum!* A Virgem Senhora nossa não instituiu o seu Rosario, só para fallarmos rezando, senão para ouvirmos meditando: e o Rosario que é só de bocca, e não de ouvidos, é tão diminuto e imperfeito, que não merece o nome de Rosario, porque não meditando os mysterios, falta a parte principal e essencial delle. Antes quero a terça parte do teu Rosario meditado, disse a Senhora a um seu devoto, e ainda menos da terceira parte, que todo elle inteiro sem meditação. E este conselho não só devem tomar todos, mas é necessario que o tomem, sob pena de o seu Rosario não ser Rosario.

Podem-me dizer comtudo alguns dos que rezam, e não meditam, que rezando o Rosario sem meditar os mysterios, sentem comtudo grandes affectos em seu espirito, assim de compunção para com Deus, como de piedade e confiança para com sua Santissima Mãe. Oh como vos enganaes comvosco mesmos, mas venturosamente! Pergunto: E esse cuidar em Deus e na Virgem Maria, não é parte de meditação, posto que breve? Assim o prova e convence a Santa Madre Thereza contra os mesmos que em seu tempo rezavam vocalmente, e tinham medo da oração mental. Os affectos de devoção e piedade que sentem quando assim rezam, tambem são effeitos da meditação, posto que imperfeita, e vozes ou sonidos breves e subtilissimos com que Deus então lhes falla ou passa pelos ouvidos. Por isso no livro de Job se chamam estas fallas de Deus, não vozes, senão susurros, e esses que se ouvem furtivamente: *Et quasi furtivè suscepit auris mea venas susurri ejus.* [1] Assim que, quando sentis esses affectos, já, sem o entender, começaes a resar pelos ouvidos: que por isso diz: *Suscepit auris mea:* e são uns como furtos, que faz a oração vocal á mental, sahindo-se da sua esphera: que por isso diz:

[1] *Job.*, IV, 12.

Quasi furtivè: e são as veias do sonido que ainda não chegam a ser voz dearticulada: que por isso diz: *Venas susurri ejus.* Mas d'ahi mesmo se colhe que se tão doce é o que se chupa nas veias, que será o beber na fonte? E se tanto obram na alma só os susurros, as vozes declaradas que farão? Necessario é logo á essencia do Rosario, que perfeita e inteiramente se reze pelos ouvidos, para ser verdadeiro Rosario.

V

E se da parte do Rosario é totalmente necessario rezar-se pelos ouvidos, da parte de Deus não é menos conveniente, porque só rezado assim lhe agrada, e é acceito. Nenhuma coisa Christo Senhor nosso mais deseja de nós, que a justa estimação e ponderação do muito que fez e padeceu por nós: *Utinam appenderentur peccata mea, quibus iram merui, et calamitas, quam patior in statêra. Quasi arena maris hæc gravior appareret.* [1] Oh quem me dera, que as penas que padeço, e os peccados porque padeço, se pozeram em fiel balança! E se veria claramente que excede tanto o pezo das penas ao dos peccados, quantas são as areias do mar! Isto disse Job em nome de Christo, ou Christo por bocca de Job; porque só em Christo se verifica, e em Job de nenhum modo. Em Job não; porque qualquer mal de culpa, ainda que seja venial, excede sem comparação a todo o mal de pena, quanto é possivel. E em Christo sim; porque a minima acção de Christo, por ser de preço infinito, excede infinitamente a todos os peccados do mundo, pelos quaes padeceu e pagou. E como bastando a minima acção de Christo para remir mil mundos, foi tal o seu amôr para com os homens, que quiz nascer e morrer, e obrar todos os outros mysterios de humildade, paciencia e caridade que no Rosario se representam e consideram; a meditação attenta, a justa ponderação de todos elles, é o que mais deseja de nós o Soberano Redemtpor, e para isso nos pede os pezemos em fiel balança; *Utinam appenderetur in statêra!*

---

[1] *Job.*, VI, 32.

Mas que parte tem, ou podem ter nesta balança os ouvidos? Muito grande. Assim o declaram as mesmas palavras, na lingua em que fallou Job; e é uma philosophia tão admiravel, como natural. Onde a vossa versão lê, *in statêra*, o Texto original tem, *in bilancibus, in auribus. Bilances*, são os dois escudos da balança, em que as coisas se pezam: *Aures* são as orelhas, instrumentos dos ouvidos. E porque se comparam ou declaram os dois ouvidos pelos dois escudos da balança? Porque este é o officio que lhes deu a natureza, e a fórma e o logar, em que os collocou. Como a natureza poz a razão e o juizo, que é o fiel da balança, na cabeça, poz-lhe tambem de uma e da outra parte os ouvidos como dois escudos da mesma balança, e como dois assessores do mesmo juizo. Mas antes que fechemos o passo, oiçamos o grande commentador de Job, o doutissimo Pinéda: *Cum trutinam requirit certè æquum auditorem et incorruptum aurium judicium requirit: est enim inter aures veluti inter duas lances media trutina rationis, et judicii, quod in capite residet. Ergo duæ aures, ut quæ audiuntur, diligenti mentis trutinâ expedenda sint homini concessæ sunt.* Quer dizer: Deu o Auctor da natureza ao homem dois ouvidos, e pôl-os de uma e outra parte da cabeça; porque na cabeça tem seu assento a razão e o juizo; e assim o juizo posto no meio, e os ouvidos de uma e outra parte, veem a fazer uma balança natural, em que as coisas se pezam fielmente. Esta é pois a razão porque o benignissimo Redemptor, que tomou sobre si a satisfação de nossos peccados, e pagou tanto mais do que devia, e padeceu tanto mais do que era necessario, e obrou em todos os mysterios de nossa Redempção tantos excessos, quantos só podia inventar o seu amôr para mais obrigar o nosso; esta é a razão porque tanto deseja que na attenta meditação os pezemos, e porque com o nome de balanças nos pede os ouvidos, para que como em justas balanças ponderemos mysterios e como por attentos ouvidos oiçamos o que elles nos dizem: *Utinam appenderentur in bilancibus, in auribus.*

E para que vejamos em proprios termos, quanto Christo Senhor nosso mais deseja e estima no Rosario esta ponderação dos ouvidos, que a reza sómente vocal do mesmo Rosario, assim como já ouvimos por bocca de Job o seu desejo, oiçamol-o agora por bocca

de Salomão. Trata altamente Salomão esta differença no primeiro Capitulo dos Cantares: e como as suas comparações alli são tão extraordinarias, a que parece que compararia uma alma devota do Rosario, das que só o rezam vocalmente? Comparou-a a uma rola com o Rosario ao pescoço: *Genæ tuæ sicut turturis:* [1] Eis ahi a rola: *Collum tuum sicut monilia:* Eis ahi o Rosario. E porque não pareça, que dar nome de Rosario ao que alli se chama collar, é interpretação alheia do Texto; o original hebreu, em que escreveu Salomão, diz que era feito de perolas furadas e enfiadas. *Margaritas perforatas, et filo copulatas*, treslada Sanctes Pagnino, doutissimo naquella lingua. Assim que, nem o Rosario podia ser mais proprio nem mais precioso. Era tambem rezado com grande piedade e devoção; que por isso quem o trazia ao pescoço, é comparada á rola, cujos arrulhos são piedosos, e mais gemidos que vozes: *Sicut turturis.*

Isto é o que disse o Esposo, que é Christo, á Esposa que é a alma; mas o que logo se segue e accrescentou o mesmo Esposo, é digno de grande consideração e reparo: *Murenulas aureas faciemus tibi vermiculatas argento:* [1] O que agora vos hei de fazer, Esposa minha, são umas arrecadas para as orelhas, e essas hão de ser de oiro, esmaltadas de prata. Não reparo em Christo sobrepratear o oiro, como nós sobredoiramos a prata, posto que isto tenha o mysterio que logo veremos. Mas o que primeiro faz o nosso caso, é a consequencia destas palavras sobre as que acabamos de referir. Se o Esposo acaba de louvar as perolas do collar, e os gemidos da rola: se o collar é o Rosario, e os gemidos a oração vocal, piedosa e devota, como explicam S. Gregorio, S. Basilio Theodoreto, e todos os Padres commummente; porque se não dá por satisfeito disto o Esposo, e querendo ornar e enriquecer a esposa com novas joias, as que trata de lhe fazer não são outras, senão as arrecadas? Porque as arrecadas, diz S. Bernardo, são joias e ornato dos ouvidos. E como pelos ouvidos entram á alma as fallas interiores de Deus na meditação, ainda que o Rosario que a Esposa traz ao pescoço seja de perolas, e a voz

[1] *Cant.*, XI, 9.
[2] *Ibid.*, XI, 10.

com que reza, de rola piedosa e enternecida, não se satisfaz inteiramente de que o reze só de bocca, senão tambem pelos ouvidos. De bocca sim, repetindo devotamente as orações vocaes em que a alma falla com Deus; mas muito mais pelos ouvidos, meditando attentamente os mysterios em que Deus falla com a alma, e ella ouve o que lhe diz.

E para que se veja que estes mysterios não são outros, senão os do Rosario, todos de Deus em quanto homem, por isso as arrecadas eram de oiro sobreprateado: *Aureas vermiculatas argento.* O oiro é a divindade, a prata a humanidade: e está o oiro debaixo da prata, porque debaixo da humanidade de Christo está encoberta a divindade. Mas porque a mesma divindade, em quanto o Senhor viveu neste mundo, de tal maneira andava encoberta debaixo da humanidade, que não deixava de reluzir nas obras da Omnipotencia, essa é tambem a propriedade e elegancia com que o prateado não era todo continuo, senão aberto a partes, a modo só de esmalte, ou filigrana, que isto quer dizer *vermiculatas.* Maior advertencia ainda, e maior propriedade. Onde a Vulgata lê *vermiculatas*, diz a versão chamada — *Quinta Editio — cum distinctionibus argenti:* Com distincções de prata. De sorte que nas joias com que de novo se ornaram os ouvidos da Epsosa, havia distincções: e essas distincções estavam na prata, e não no oiro. Porque? Excellentemente. Porque na divindade, que é substancia simplicissima, não ha distincção, e na humanidade e seus mysterios sim; e mais nos do Rosario, de que propriamente fallava: uns gososos, outros dolorosos, outros gloriosos, e em cada uma destas distincções outros cinco mysterios tambem distinctos: *Cum distinctionibus argenti.* Em summa: que assim como em todos estes mysterios, por meio da meditação, falla Deus distinctamente á alma; assim para todos, e cada um delles lhes quer ter bem dispostos e preparados os ouvidos; e não só ornados, mas subornados: *Murenulas aureas faciemus tibi.* Atéqui o Esposo.

Agora falla a Esposa; e diga ella tambem o que o Esposo lhe diz, quando lhe falla aos ouvidos: *Vox dilecti mei pulsantis: Aperi mihi soror mea, amica mea, columba mea, immaculata mea.* [1] Falla a voz de Chris-

[1] *Cant.*, v, 2.

to, e bate ás portas da alma, que são os ouvidos: *Vox dilecti mei pulsantis:* o que lhe pede é que lhe abra: *Aperi mihi:* e os motivos ou titulos que lhe allega para a persuadir, é chamar-lhe irmã, *Soror mea:* Amiga, *Amica mea:* Pomba e immaculada, *columba mea, immuculata mea.* E porque allega Christo estes titulos, e não outros, quando bate com a voz aos ouvidos da alma? E' coisa verdadeiramente maravilhosa. Allega-lhe estes titulos, e não outros, porque nelles se contêm distincta e nomeadamente todos os mysterios do Rosario: no primeiro titulo os Gososos, no segundo os Dolorosos, no terceiro os Gloriosos. Assim o notou, muito antes de haver Rosario, Justo Orgelitano, e o declarou tão succinta como elegantemente: *Soror, quia de sanguine ejus: amica, quia per mortem ejus reconciliata: columba, quia de Spirictu Sancto immaculata.* Chama-lhe irmã, porque na Encarnação unindo a si o Verbo a nossa humanidade, se fez irmão nosso: *Soror, quia de sanguine ejus.* E estes são os primeiros mysterios do Rosario. Chama-lhe amiga, porque por meio da morte e Paixão de Christo se reconciliou a natureza humana com Deus: *Amica, quia per mortem ejus reconciliata.* E estes são os segundos mysterios. Chama-lhe, finalmente, pomba e immaculada, porque por meio da vinda e graça do Espirito Santo se lhe tiraram as manchas do peccado: *Columba, quia de Spiritu Sancto immaculata.* E estes são os terceiros mysterios. Com estes titulos e motivos de seu amôr bateu o Esposo ás portas da alma, para que lh'as abrisse; e com estes sómente, e nenhuns outros; porque não tem Christo outra machina, nem outra bateria mais forte para render nossas almas, que os mysterios do Rosario. Os nossos ouvidos são os batidos, e a sua voz é a que bate: *Vox dilecti mei pulsantis.*

Mas porque a Esposa nesta occasião se mostrou menos diligente em accudir á voz do Esposo, e lhe abrir as portas; que faria o Amante Divino para proseguir e conseguir a empreza, em que tão empenhado estava o seu amôr? Caso sobre todo o encarecimento notavel, e no mesmo Deus estupendo! Torna o Senhor a instar no mesmo requerimento, e os motivos que de novo allega não são outros, senão os mesmos mysterios do Rosario mais vivamente representados: *Quia caput meum plenum est rore, et cincinni mei guttis*

noctium. [1] Compadecei-vos de mim (diz), Esposa minha, porque trago a cabeça coberta de orvalho, e me estão correndo pelos cabellos em fio as gottas das noites. E que orvalho, e que gottas, não da noite, senão das noites, são estas? O orvalho, diz Philo Carpacio, é o da madrugada gloriosa, em que Christo resuscitou: *Caput Christi plenum est rore in Resurrectione, quæ mane facta est, cum ros in terram descendit.* As gottas das noites não hão mister commentador, porque bem se está vendo, que são as gottas das lagrimas na noite do Nascimento, e as gottas do sangue na noite do Horto: *Et factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis decurrentis in terra.* [2] De maneira que nas lagrimas do Presepio acompanhadas de musicas de Anjos, lhe allegou os mysterios Gososos: nas gottas do sangue espremidas da dôr, da afflicção, e da agonia no Horto, os mysterios Dolorosos; e no orvalho da madrugada da Resurreição, alegre e triumphante, os Gloriosos. E não allegou nem disse mais o Esposo; porque para penetrar os nossos ouvidos, e render os nossos corações, em chegando a nos representar, e repetir uma e outra vez os mysterios do Rosario, não tem Christo mais que allegar nem mais que dizer. Ainda desta segunda vez se escusou comtudo a Esposa, e não abriu; mas tanto que considerou e meditou o que tinha ouvido, não só abriu a porta, mas sahindo de casa, e como fóra si, pelas ruas, sendo de noite, e pelas portas da cidade, estando cercadas de guardas, roubada, e, sobre roubada, ferida, assim foi buscar o Esposo, até que o achou. E se tanto caso faz Deus, e tanto consegue de nós pelos mysterios do Rosario, ouvidos e meditados; que muito é que estime mais, e lhe seja mais acceito o Rosario por este modo, que resado só vocalmente.

VI

Finalmente, que da nossa parte nos seja mais util esta mesma meditação dos mysterios, e ouvir o que Deus nos diz por ella: só o podéra duvidar, quem ignore o que todos sabem, que por falta de conside-

[1] *Cant.*, v, 2.
[2] *Luc.*, XXII, 44.

ração se perde o mundo. Já dissemos, ou já nos disse David, que na sua meditação lhe fallava Deus. E se lhe perguntarmos quaes eram os effeitos que experimentava neste meditar, e neste ouvir; elle mesmo nol-o dirá, e não sem grande confusão dos que rezam o Rosario, e o perdem, porque o não meditam: *Concaluit cor meum intra me, et in meditationem ea exardescet ignis.* [1] Meditei (diz David), e por meio da meditação se me accendeu no peito tal fogo que o meu coração dentro em mim ardia. Nota aqui advertidamente o Cardeal Hugo, e repara muito em dizer David que o seu coração ardia dentro nelle: *Cor mem intra me:* O meu coração dentro em mim. Pois onde havia de estar o vosso coração, David, senão dentro em vós? Podia estar lá por onde elle andou n'outro tempo, quando eu não meditava: podia estar lá por onde andam tambem os corações de muitos que rezam o Rosario sem meditatação, no mesmo tempo em que o resam: *Multi enim sunt, qui non habent cor intra se, sed extra, ad temporalia, et mundana quæcumque, nec possunt calefieri.* [2] Diz David, que o seu coração quando meditava, ardia dentro nelle; porque muitos não teem o seu coração dentro em si, senão fóra de si, e muito longe. Fóra de si, porque não cuidam em si: e muito longe de si, porque todos seus cuidados andam só attentos e applicados ás coisas temporaes e mundanas que amam. D'onde vem, que assim divertidos e esquecidos do que só importa, não podem conceber o fogo divino, que de frios os aquente, de duros os abrande, e de cegos os allumie: que são os dois effeitos da meditação. O primeiro, tirar e trazer o coração de lá por onde anda distraido e perdido, e mettel-o dentro em nós: *Cor meum intra me:* o segundo, de frio, duro e cego, pegar nelle o fogo do amôr divino, allumial-o, accendel-o, e abrazal-o: *Et in meditatione mea exardescet ignis.*

Isto é o que faz a meditação, e nenhuma mais propria e efficazmente que a dos mysterios do Rosario. Nos primeiros, e gososos da infancia de Christo, como não se accenderá o fogo nas palhas do Presepio? Nos segundos, e dolorosos da Paixão, como não se ateará

---

[1] *Psalm.* XXXVIII, 4.
[2] Hugo Cardeal.

com muito mais força nos espinhos e lenhos da Cruz? Nos terceiros, e gloriosos da Resurreição e Ascensão, como não subirão as chammas até o céu, d'onde desçam por reflexão, como desceram em linguas de fogo? Coisa digna de grande reparo, é que descendo o Espirito Santo, viesse em fórma de fogo, e em figura de linguas. Mas assim havia de ser para obrar o a que vinha. Em fogo, porque vinha accender os nossos corações; e em linguas, porque para accender os corações, ha de entrar pelos ouvidos. Onde porém acharei eu algum meio que convença a verdade desta conclusão, e a persuada efficazmente a todos os que rezam o Rosario?

Muito ha, Senhor, que parece me esqueço, de que estaes presente, pois não recorro aos auxilios de vossa divina sabedoria, para dar a maior auctoridade a quanto tem dito o meu discurso. Mas advertidamente me fui dilatando até este ponto, que é mais particularmente vosso. Encarnado e Sacramentado, sempre sois Verbo, e posto que no silencio desse *Sancta Sanctorum* parece que não fallaes, tambem ahi quereis ser ouvido. E como o intento de vosso amôr nessa esphera de fogo, posto que coberta de neve, é accender nossos corações; dae-me licença para que prégue a este auditorio, que mais quereis ser ouvido, que commungado. Se mais vos agrada o Rosario dos ouvidos, que o da bocca, porque não direi eu o mesmo desse Sacramento? Assim o digo, fieis, e assim o provo, ou assim vos explico e declaro, o que tão provado está em nós, quanto não devêra: *Ignem veni mittere in terram, et quid volo, nisi ut accendatur.* [1] Diz Christo que veiu lançar fogo á terra, e que nenhuma outra coisa quer, senão que se accenda. Pois se este fogo divino está todo naquella sarça, e multiplicado em todas as partes da terra, como se não accende a terra? *Nunquid potest homo abscondere ignem in sinu, ut vestimenta illius non ardeant?* [2] Por ventura, diz o Espirito Santo, póde um homem esconder o fogo no seio, sem que se lhe abrazem as vestiduras? Pois como recebemos nós tantas vezes, e mettemos dentro no peito aquelle fogo, sem que o mesmo peito se abraze?

---

[1] *Luc.*, XII, 49.
[2] *Prov.*, VI, 27.

A razão deste lastimoso milagre, é porque não ouvimos a quem commungamos. Commungamos a Christo, mas não ouvimos a Christo; e Christo, para accender corações, mais efficacia tem ouvido, que commungado. Vêde-o claramente.

Caminhava Christo para Emaüs tambem disfarçado, como alli está, até que os dois Discipulos fizeram alto para passar a noite. Deixou-se o Senhor convidar, assentou-se á meza, consagrou o pão, partiu-o entre ambos e conhecido desappareceu. Tudo isto encerra grandes mysterios; mas o que eu considero, ainda espera pela segunda parte da historia. Voltam os dois Discipulos para Jérusalem, já não tristes, mas cheios de alegria e alvoroço, já não fracos na esperança, mas confirmados na fé, e conferindo o que lhes tinha succedido, diziam entre si: *Nonne cor nostrum ardens erat in nobis dum loqueretur in via?* [1] Não vistes como nos ardia o coração, quando nos fallava pelo caminho? Tende mão: aqui reparo e arguo os mesmos Discipulos. Duas coisas tinha Christo feito, uma no caminho, outra na meza, e esta ainda maior, porque no caminho praticava com elles, na meza deu-lhes seu proprio Corpo sacramentado. Pois se dizem que lhes ardia o coração quando o Senhor lhes fallava; porque não dizem que lhes ardia quando commungaram seu corpo? Quando commungaram estava Christo mais perto do seu coração, quando lhes fallava, estava mais longe: quando commungaram, estava dentro n'elles; quando lhes fallava, ia sómente com elles: *Ibat cum illis.* [2] Pois se lhes não ardia o coração quando commungaram, porque lhes ardia quando sómente o ouviam? Por isso mesmo: porque o ouviam. E para accender e abrazar corações, parece tem mais efficacia Christo ouvido, que Christo commungado. Commungado desce ao peito, ouvido accende o coração. E se ouvido em um só mysterio do Rosario, que era o da sua Resurreição, causa tão prodigiosos effeitos, que será em todos os mysterios? Oiçamos a Christo no Rosario, e oiçamol-o no Sacramento; e para ouvirmos o que nos diz, meditemos aquelles mysterios, e meditemos este, que ainda que parece mudo, todo é vozes.

---

[1] *Luc.*, XXIV, 32.
[2] *Ibid.*, 15.

Ouvi agora o que muitas vezes ouvistes, e reparae no que nunca reparastes. E' o Psalmo 28.°: *Afferte Domino Filii Dei afferte Domino filios arietum. Afferte Domino gloriam, et honorem, afferte Domino gloriam nomini ejus, adorate Dominum in atrio sancto ejus.* [1] Offerecei ao Senhor, filhos de Deus, offerecei ao Senhor cordeiros, offerecei-lhe honra e gloria, e adorae-o no seu santo Templo. Dizem commummente os Expositores, que exhortava aqui o Propheta á frequencia dos Sacrificios do seu tempo. Mas eu digo que nem fallava com os homens do seu tempo, nem dos sacrificios do seu tempo, senão do nosso; e provo uma e outra coisa. Não fallava com os homens do seu tempo, porque lhes chama filhos de Deus: *Afferte Domino, filii Dei:* e o ser filhos de Deus é proprio dos Christãos, e da Lei da Graça, como diz S. João: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri.* [2] Nem fallava dos sacrificios da Lei Velha; porque faz menção de um só sacrificio, e esse de cordeiro, que é o de que tambem disse o outro S. João: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccati mundi.* [3] E não encontra a propriedade desta significação o fallar em plural; porque essa é uma das maravilhas deste Sacrificio, e deste Cordeiro, ser um só, e estar multiplicado em toda a parte, como se foram muitos. Isto posto, lêde agora o resto de todo o Psalmo, e vereis que em todo elle não faz outra coisa o mesmo Propheta que encarecer-vos a voz, e as muitas vozes do Senhor: *Vox Domini super aquas: vox Domini in virtute: voz Domini in magnificentia: vox Domini cofringentis cedros: vox Domini intercidentis flammam ignis: vox Domini præparantis cervos.* [4] Pois se o thema e o assumpto do Propheta é o Sacrificio e Sacramento do altar, como todo o seu discurso nem é da verdade e realidade do mysterio, nem do amôr, nem da fineza, nem das maravilhas e infinitos milagres que nelle se encerram, senão das suas vozes e mais vozes, sete vezes repetidas? Que tem que vêr o Sacramento com as vozes, ou as vozes com o Sacramento? Esta mesma admiração mos-

[1] *Psal.*, XXVIII, 1.
[2] *Joan.*, I, 12.
[3] *Ibid.*, 29.
[4] *Psal.* XXVIII, 3 e seg.

tra bem o mal que entendemos no Divinissimo Sacramento, o que primeiro que tudo, e mais que tudo deveramos entender. Cuidamos que Christo no Sacramento está mudo, e sua presença alli toda é vozes. Cuidamos que satisfazemos á nossa obrigação com sacrificar, com adorar, com commungar, sem tratarmos de ouvir, e isto é o que o Senhor mais deseja e espera de nós. Por isso o Propheta deixando tudo o mais que podéra dizer de suas excellencias, só nos prégа e apregoa as suas vozes, como eu tambem faço agora, porque esta é a doutrina e o aviso mais importante á nossa desattenção e o despertador mais necessario aos nossos ouvidos. Muito estima Christo no Sacramento o ser adorado, o ser venerado, o ser servido e festejado, e sobretudo o ser commungado; mas o ser ouvido, muito mais.

Mais que isto parece que dizem outras palavras do mesmo David; mas não dizem mais que isto; e o provam admiravelmente: *Sacrificium, et oblationem noluisti, aures autem perfecisti mihi.* [1] Vós, Senhor (diz David) não quizestes oblações nem sacrificios; mas aperfeiçoastes-me os ouvidos. Quando Deus, em phrase da Escriptura, diz, que quer uma coisa, e não quer outra, não quer dizer, que não quer totalmente esta segunda, senão que antes quer, e mais quer a primeira. Assim diz: *Misericordiam volo, et non sacrificium:* não porque Deus não queira o sacrificio; mas porque quer mais que o sacrificio a misericordia. E do mesmo modo se ha de entender a sentença proposta de David: *Sacrificium, et oblationem noluisti, aures autem perfecisti mihi.* [2] Quer dizer: Vós, Senhor, mais quizestes a perfeição dos meus ouvidos, que a oblação dos vossos sacrificios. De sorte que sendo o Sacrificio e Sacramento do altar a maior coisa que Deus póde receber de nós, emquanto Sacrificio, e a maior que nós podemos receber de Deus, em quanto Sacramento, diz comtudo Deus, que mais quer os nossos ouvidos, e que por isso nol-os aperfeiçôa: *Aures autem perficisti mihi.* Vêde se tive eu fundamento para dizer que mais quer Christo de nós o ser ouvido,

[1] *Psalm.* XXXIX, 7.
[2] *Math.*, IX, 13.

que o ser commungado. Mas qual é ou póde ser a razão? Commungar a Christo, é receber o que Christo é; ouvir a Christo, é perceber o que Christo diz. Como póde logo ser melhor ouvir o que diz, que receber o que é? A instancia é forte; mas a solução, facil e verdadeira, está nas mesmas palavras: *Aures autem perfecisti mihi.* Ha ouvir com ouvidos perfeitos, e ouvir com ouvidos imperfeitos: ouvir com ouvidos imperfeitos, é ouvir sómente sem obrar; ouvir com ouvidos perfeitos, é ouvir e effectuar o que se ouve. E quando se ouve desta maneira, melhor é ouvir a Christo, que commungar e receber a Christo. O mesmo Christo o disse. A mulher do Evangelho louvou a Senhora por trazer dentro em si a Christo: *Beatus venter qui te portavit:* e o Senhor replicou, dizendo: *Quinimò beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud:* Que melhor era ouvir a palavra de Deus, e guardal-a. Logo melhor é ouvir a Christo, guardando o que diz, que commungar a Christo, recebendo em si o que elle é.

E d'aqui ficam convencidos todos os que rezam o Rosario, quanto mais util e importante lhes é rezal-o pelos ouvidos. Que comparação tem o Rosario sómente rezado com a bocca, com o mesmo Christo, e todo Christo, não só tomado na bocca, mas passado ao peito, e recebido e entranhado dentro em nós? Pois se Christo no Sacramento antes quer ser ouvido que commungado, como não quererá e estimará mais no Rosario o ser ouvido, que ouvil-o rezar? E se a razão desta differença é ter mais efficacia Christo ouvido para penetrar e accender nossos corações: que coração haverá tão frio, tão duro, tão cego, que não queira receber pelos ouvidos este divino incendio? O que importa logo a todos os que rezam o Rosario, é applicar os ouvidos meditando, e aperfeiçoal-os executando o que ouvirem: *Aures autem perfecisti mihi;* porque deste modo se farão dignos de ouvir da bocca de Christo: *Beati qui audiunt verbum Dei.*

VII

Parece-me que, supposta a evidencia destes tres motivos, da parte nossa, cujo proveito devemos procurar, tão util; da parte de Deus, a quem queremos

agradar, tão conveniente; e da parte do mesmo Rosario, cuja devoção professamos, tão necessario; nenhum entendimento haverá que se não deixe convencer, e nenhuma vontade que não esteja affeiçoada ao inteiro e perfeito exercicio do mesmo Rosario, não só rezando as orações, mas meditando os mysterios; nem só fallando vocalmente com Deus, mas ouvindo mentalmente o que elle nos diz.

Vindo pois á praxe desta grande obra (grande, mas nem por isso difficultosa) quem melhor e mais claramente a praticou, foi o Propheta Habacuc, o qual no Cap. 2.º, e no Texto original, diz desta maneira: *Super speculam meam stabo, et figam gradum super gyrum, et contemplabor, ut videam quod dicatur mihi, et quid respondeam ad arguentem me.* [1] Subirei (diz o Propheta) á minha atalaya: assim chama ao logar da oração; porque ella é alta, e esta vida milicia: e como da vigilancia da sentinella depende a segurança da cidade, sem oração, e vigilante oração, não está a alma segura: *Super speculam meam stabo.* A palavra *speculam*, d'onde tomou o nome a especulação, declara o genero da oração de que falla; e que não falla da oração vocal, senão da mental, cujo officio é especular, considerar, meditar. Suppõe que esta atalaya da oração, a que sóbe, é formada em um circulo (como se tratára propriamente do Rosario), e diz que não ha de rodear, e correr o circulo, senão parar, e fixar o pé nelle: *Figam gradum super gyrum;* porque os que rezam só vocalmente, vão dando volta ao circulo do Rosario sem parar; porém os que meditam e especulam, param com a consideração a cada mysterio. Assim parado pois, diz que ha de contemplar, *contemplabor*, e que o fim de toda a sua contemplação, será ouvir o que Deus lhe falla, *Ut videam quid loquatur mihi;* e saber o que ha de responder quando o mesmo Deus o arguir: *Et quid respondeam ad arguentem me.*

Isto é o que diz, e o que fazia o Propheta, e isto o que sem dizer nem fallar, ha de fazer quem meditar os mysterios do Rosario. Parar a cada um meditando-o, e ouvir o que Deus lhe diz, e o que lhe argue: *Quid loquatur mihi, et arguentem me.* Ponhamos o exemplo desta praxe nos primeiros mysterios. No mysterio da Encarnação diz-me Deus, que se fez

[1] *Habac.*, II, 1.

homem por amôr de mim, e para me fazer filho de Deus. E de que me argue? De que fazendo por mim o que não fez pelos Anjos, e devendo eu, como filho de Deus, viver uma vida divina, nem vivo como filho de Deus, nem vivo como Anjo, nem vivo como homem, senão talvez como bruto. No mysterio da Visitação o que me diz, é que no mesmo instante em que se viu feito homem, partiu logo ás montanhas a santificar o Baptista, e livral-o do peccado original. E de que me argue? De que indo elle antes de nascer a tirar do peccado um homem que ainda não era nascido, eu tenha tão pouco horror ao peccado, não alheio, senão proprio; não original, senão actual; e, o que é peor ainda, habitual, que me deixe estar, e continuar nelle, sem temor, sem cuidado, sem pena; antes alegre e contente, como se alegrou o Baptista. No mystrio do Nascimento o que me diz, é que nasceu em um portal por não ter casa, e esteve reclinado em uma mangedoura por não ter berço. E de que me argue? De que eu me não contente com a commodidade natural, e com o necessario para a vida, senão com a superfluidade, com o luxo, com os excessos, esquecido de que nasci para a alma morar no céu, e o corpo na sepultura: não fallando na ambição dos que edificam palacios soberbos, nem na inveja dos que os não podem edificar. No mysterio da Presentação no Templo diz-me que obedeceu á Lei sem ser obrigado a ella, e que aos quarenta dias de nascido se consagrou todo a Deus. E de que me argue? De que comparados aquelles quarenta dias com os meus quarenta annos, e com os meus cincoenta, e ainda mais; eu me lembre tão pouco do que prometti quando me disseram: *Ingredere in Sanctam Ecclesiam:* e que havendo renunciado a Satanaz, e a todas suas pompas, essas são as que mais professo; não se sabendo em que lei vivo, ou se tenho alguma lei, e se o Templo e altar que adoro é o de Deus, ou do idolo. No mysterio em fim do Menino bem perdido, e melhor achado, o que me diz, é que deixou sua propria Mãe (e tal Mãe) por tratar só de Deus, e defender sua causa. E de que me argue? De que quem o perdeu sem culpa, o buscasse com tanta dôr, e que não tenha eu dôr de o ter perdido tantas vezes, e por tão graves culpas, e tão repetidas: que o perca por muito meu gosto, e podendo-o achar tão facilmente, o não busque! e sobretudo,

que ame tanto minha propria perdição, que buscando-me elle por tantas vias, eu me não deixe achar.

E se tão sentidamente falla, e tão penetrantemente argue a infancia de um Deus-Menino, que só neste ultimo mysterio fallou, e nos primeiros ainda não tinha lingua para fallar; que será nos outros mysterios, em que bradam as prizões, os açoites, os espinhos, os cravos, a cruz, o sangue! E que vozes levantarão até o céu as chagas conservadas no corpo glorioso, e levadas ao Empyreo, para de lá tornarem a apparecer no dia do Juizo? O pasmo que todas estas coisas causam em quem profundamente as medita, e o horror com que estes espantosos brados se sentem tinir nos ouvidos: *Ut tinniant ambæ aures ejus:* [1] só o mesmo Propheta o soube declarar dignamente, e o faz no Capitulo seguinte.

A este Capitulo, que é singularmente notavel (e para que todos o notassem) como estylo nunca usado, nem do mesmo, nem de outro Propheta, poz elle por titulo, *oratio*, oração: e diz assim: *Domine audivi auditionem tuam, et timui; consideravi opera tua, et expavi:* [2] Senhor, eu ouvi a vossa audição (digamol-o assim, pois a nossa lingua não tem outra palavra com que explicar a do Propheta), Senhor, eu ouvi a vossa audição, e temi: considerei as vossas obras, e fiquei mudo de pavor, e de pasmo. Elle pasmou, e o Texto de todo o Capitulo é muito para nós pasmarmos. Primeiramente se o Propheta lhe tinha posto por titulo oração, porque não diz que Deus o ouviu a elle, senão que elle ouviu a Deus? Porque não diz: Senhor, vós ouvistes a minha oração, senão, Senhor, eu ouvi a vossa audição: *Audivi auditionem tuam?* Aqui vereis como o mesmo Propheta, que pouco antes disse que contemplava, o seu modo de orar era pelos ouvidos. Orava sim, mas não fallava: Deus era o que fallava, e elle sómente ouvia: e por isso a sua oração era audição: *Audivi auditionem tuam, et timui.*

Mas se o seu temor e o seu horror era causado do que ouvia a Deus; e o que Deus lhe dizia, era tirado do que elle meditava, e o que meditava eram as obras de Deus: *Consideravi opera tua, et expavi;* que obras eram estas tão temerosas e espantosas, que o assom-

---

[1] *4.º Livr. dos Reis*, XXI, 12.
[2] *Habac.*, III, 1.

bravam e enchiam de horror? Por ventura crear o céu e a terra, e tudo quanto nella vemos, com uma palavra; e lançar do Paraiso ao primeiro homem, e todos seus descendentes pelo fructo só de uma maçã? Por ventura alagar o mesmo mundo com o diluvio universal, matando tudo quanto nelle vivia, e salval-o todo dentro em uma Arca? Por ventura abrir o mar Vermelho com o golpe de uma vara, para que o seu povo o passasse a pé enxuto, e afogar nelle todo o poder dos exercitos de Pharaö, e seus carros? Nenhuma destas coisas, nem infinitas coisas que Deus obrou do mesmo genero, eram as que assombravam o Propheta. Pois quaes eram? Se elle o não dissera, ninguem o podéra entender, nem ainda imaginar. Eram sómente as obras de Deus, de que se compõe o Rosario e meditamos nos seus mysterios.

Eram os mysterios da Encarnação, em que Deus, para reparar o homem, não só se fez homem, mas menino, e creança, que foi infinitamente mais que crear com uma palavra o mundo: *In medio annorum notum facies; in medio duorum animalium cognosceris.* [1] Deus, nascido e reclinado nas palhas em meio de dois animaes, e ahi reconhecido de Anjos, de Pastores, de Reis. Eram os mysterios da Paixão, e da Cruz, em que destruiu o peccado, a morte, e o demonio; e salvou o genero humano, que foi mais que afogar o mundo com o diluvio, e salval-o em uma arca: *Cornua in manibus ejus, ibi abscondita est fortitudo ejus. Ante faciem ejus ibit mors, et egredietur diabolus ante pedes ejus.* [2] Deus, com os braços pregados em um madeiro, mas alli com a morte e o demonio manietado, e prostrados a seus pés. Eram os mysterios da Resurreição, em que, como Deus, sahiu da sepultura vivo, immortal e glorioso e como triumphador do inferno, rico de despojos, que foi muito mais que abrir o mar Vermelho, sepultar nelle os carros de Pharaö, e levar tantos milhares de captivos libertados no seu triumpho: *Suscitans suscitabis arcum tuum, juramenta tribubus quæ locutus es: ascendens super equos tuos, et quadrigæ tuæ salvatio.* [3] Deus, resusci-

---

[1] *Habac.*, III, 1.
[2] *Ibid.*, 4 e 5.
[3] *Ibid.*, 8 e 9.

tando a sua humanidade, que foi o arco com que pelejou; e resuscitando-a como tinha promettido ás mesmas tribus que o crucificaram, e trazendo apoz si em carroças triumphaes os que tinha libertado dos carceres do Limbo.

Estas eram as obras mais maravilhosas de Deus, estes os mysterios do mesmo Deus feito homem, gozosos, dolorosos, e gloriosos, que o Propheta contemplava e meditava, pasmado e mudo: estas eram as vozes que ouvia, nascidas da consideração dos mesmos mysterios (que são todos os do Rosario), e a este modo de meditar e ouvir, chamou elle por excellencia oração, *oratio;* porque o mais excellente modo de orar não é vocalmente, e com a bocca, senão mentalmente, e pelos ouvidos: *Audivi auditionem tuam.*

VIII

Agora parece que se seguia exhortar a esta mesma praxe de rezar o Rosario, não só rezando, senão meditando e ouvindo. Mas porque eu não quero desacreditar, nem a devoção, nem o juizo dos que atégora o não exercitaram assim, os quaes supponho persuadidos; sómente satisfarei a duas difficuldades (quando não sejam tentações do demonio) que são as que só se podem offerecer para impedir tão santo e tão importante exercicio. Quem as aponta não é menos que o Espirito Santo, por bocca do mesmo Propheta que acabamos de allegar, e no mesmo Capitulo. Já disse que este Capitulo tinha por titulo, *oratio*, oração. E diz mais alguma coisa? Duas, e ambas notaveis. Uma no Texto latino: *Oratio pro ignorantiis:* Oração para as ignorancias: e outra do Texto hebreu: *Oratio pro occupationibus:* Oração para as occupações. Pois esta oração em que se reza o Rosario pelos ouvidos, e este titulo extraordinario que lhe poz em cima o Propheta, só traz o sobrescripto para as ignorancias, e para as occupações, e só para ellas foi particularmente composto? Sim. Porque estas são as duas escusas, porque os mysterios do Rosario se não meditam. Uns dizem que não meditam, porque não sabem meditar: *Pro ignorantiis:* outros dizem que não meditam, porque teem muitas occupações, e não podem: *Pro occupationibus;* e eu não quero outra peroração, senão

mostrar a estes ignorantes, e a estes occupados, que uns e outros se enganam, e se mentem a si mesmos.

Enganam-se os que dizem que não meditam, porque não sabem: *Pro ignorantiis;* e é engano ou illusão manifesta. Meditar não é outra coisa que cuidar um homem no que lhe importa ou deseja, e nenhum ha que não medite. O pleiteante medita na sua demanda; o requerente medita no seu despacho; o mercador medita nos seus commercios; o estudante medita nos seus estudos; o pae de familias medita no sustento de sua casa; o official, o marinheiro, o lavrador, o soldado, todos meditam. De sorte que para meditar não é necessario ser anacoreta, nem santo. Os muito viciosos tambem meditam nos seus mesmos vicios; os vãos meditam na vaidade: *Meditati sunt inania:* [1] Os falsos meditam nos enganos: *Dolos tota die meditabantur:* [2] o inimigo medita nos odios: *Meditatur discordias:* [3] o ladrão medita nos roubos: *Rapinas meditatur:* [4] e todo o máu de qualquer genero medita na sua maldade: *Iniquitatem meditatus est in cubili suo.* [5] Tão facil como isto é meditar os mysterios do Rosario. Cuidae e considerae nelles, e meditastes. Nem importa ou faz differença que aquelles mysterios sejam obras e acções de Christo, e não vossas: porque todas as fez nossas o seu amôr: e quando fossem alheias, nem por isso difficultariam a meditação. Não discorreis vós, e ajuizaes sobre as acções do rei, do general, do prelado, do ministro, do prégador, e sobre todas quantas vêdes no vosso visinho? Pois olhae do mesmo modo para as acções de Christo, considerae com attenção quem é, o que faz, o que diz, o que padece, e por amôr de quem; e os sentimentos e affectos que esta mesma consideração vos excitar no entendimento, ou na vontade, estas são as vozes interiores com que Deus vos falla, e se vós as ouvis como deveis, fizestes uma prefeita meditação.

Assim que, só é engano dizerdes que não sabeis meditar; mas antes vos digo que muitas vezes medi-

---

[1] *Psal.* II, 1.
[2] *Ibid.*, XXXVII, 13.
[3] *Prov.*, XVII, 19.
[4] *Ibid.*, XXIV, 2.
[5] *Psal.* XXXV, 5.

taes sem o saber. Dizei-me: quando pelo Natal visitaes um presepio, não vos enternece aquella pobreza, aquella humildade, aquelle desamparo? Quando pela Quaresma vêdes uma procissão dos Passos, aquella temerosa e lastimosa figura de Christo com a cruz ás costas, não vos move a piedade e compunção? E quando no dia da Ascenção assistis á Hora, a subida daquelle Senhor ao céu não vos faz saudades e desejos de outra hora, em que vades tambem estar com elle? Pois tudo isto é meditar, e em todas as tres differenças dos mysterios do Rosario. Mas succede-vos o mesmo que a Samuel nos seus principios. Tres vezes fallou Deus a Samuel chamando-o por seu nome, e elle cuidou que era Heli, e não Deus; porque ainda lhe não conhecia a falla, diz o Texto sagrado: *Porrò Samuel nec dum sciebat Domìnum, neque revelatus fuerat ei sermo Domini.* [1] Assim vos falla Deus, e o ouvis; e meditando cuidaes que não sabeis meditar, porque tendes mettido no conceito que a meditação e a oração mental é uma coisa muito difficultosa. Fazei isto mesmo sempre, e com mais vagar, e maior attenção em todos os mysterios, e quando tomardes o Rosario na mão, dizei sómente a Deus o que Heli ensinou a Samuel que dissesse: *Loquere Domine, quia audit servus tuus:* [2] Fallae, Senhor, porque vosso servo ouve.

A escusa das occupações, *Pro occupationibus*, ainda tem menos fundamento, e de que se ha dar mais estreita conta a Deus. Lembra-me a este proposito, que no dia da famosa batalha de Vitemberga, em que perdeu a liberdade, e o vão nome de imperador, o Eleitor de Saxonia, tendo durado o conflicto nove horas, correu fama que o sol estivera parado por algum espaço: e perguntando El-rei de França ao duque de Alva, que fôra o general do exercito Cesareo, se era verdade o que se dizia do sol, respondeu: Sire, eu nesse dia tive tanto que fazer na terra, que me não ficou logar de olhar para o céu. Assim o cuidam (posto que o não digam tão discretamente) os que se escusam de não meditar por muito occupados. E' certo que as occupações que impedem o olhar para o céu, não devem de ser muito accommodadas para ir ao céu. A

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, III, 7.
[2] *Ibid.*, 10.

Josuë, que governou maiores exercitos que quem isto disse, e que ganhou mais victorias que seu amo Carlos, e de quem se não duvida que fez parar o sol; o que Deus lhe encommendou sobretudo, foi que de dia e de noite meditasse na sua Lei: *Non recedat volumen legis hujus ab ore tuo, sed meditaberis in eo diebus, ac noctibus.* [1] E a razão que o mesmo Deus lhe deu, é muito para ser advertida dos que teem grandes occupações: *Ut intelligas cuncta quæ agis:* [2] para que entendas tudo o que houveres de fazer. Por isso não é de maravilhar que se vejam tantas coisas feitas sem entendimento, e contra todo o entendimento, pois os que se occupam, ou são occupados nellas, não meditam no que devem. E se Josuë, que conquistou trinta e tres reinos na Terra de Promissão, e a repartiu a seiscentas mil familias das doze Tribus, no meio de tantas e tão graves occupações militares, politicas, e economicas, tinha tempo de dia e tempo de noite para meditar, bem se deixa vêr quão falso e quão affectado é o pretexto dos que se escusam da meditação com a occupação.

Examinem-se as occupações dos mais occupados, e achar-se-ha que deixam tempo para o jogo, e tempo para a comedia, e tempo para a conversação, e tempo para outros divertimentos que levam mais o cuidado, e só para a meditação dos mysterios, e da vida do Filho de Deus, e de sua Mãe, com que reformar a nossa, não deixam tempo. Se no meio das maiores occupações sobrevem a doença, não se trata da cura? Se no meio das maiores occupações bate o inimigo ás portas, não se tomam as armas? Sendo pois a meditação o remedio mais efficaz de todas as enfermidades do espirito, e a arma mais de prova contra todos os combates com que nos faz guerra o demonio; quem será tão inimigo de si mesmo, que deixe a meditação pela occupação? A hora de comer, e as horas de dormir, nenhuma occupação as impede; e qual é o sustento e somno da alma, senão a meditação interior e quieta das coisas divinas? Nas mesmas occupações temporaes, se concorrem ambas juntas, não se deixam as que menos importam, para accudir á de maior

---

[1] *Jos.*, 1, 8.
[2] *Ibid.*, 7.

importancia? Porque hão logo de impedir as occupações do mundo, a que não importa menos que a propria salvação? Será bem, diz Tertulliano, que viva só para os outros, quem ha de morrer para si? *Nemo aliis nascitur moriturus sibi.* [1] A maior occupação que ha, nem póde haver no mundo, é a do Pastor universal de toda a Igreja. E vêde o que escreve S. Bernardo ao Papa Eugenio nos livros da Consideração: *En quo trahere te habent occupationes istæ maledictæ, si tamen pergis ita dare te totum illis, nihil tui tibi relinquens:* Se Vossa Santidade continua a se dar todo ás occupações sem deixar nada de si para si, essas malditas occupações o levarão aonde vão os malditos. E se este nome merecem as occupações do governo ecclesiastico, santo, e santissimo, quando por demasiada applicação a ellas chegam a impedir a meditação e consideração do que toca á alma propria, escusae-vos lá de meditar com as vossas occupações em tudo temporaes, e do mundo!

Supposto pois que nem a occupação, nem a ignorancia podem servir de escusa para não meditar; importa que todos os devotos do Rosario se occupem e empreguem na meditação e consideração de seus soberanos mysterios, e que em tudo sigam o exemplo e praxe do Propheta, que dizia: *Contemplabor ut videam quid dicatur mihi:* [2] Meditarei e contemplarei para vêr e ouvir com evidencia o que Deus me diz. E para que ninguem cuide que só com rezar as orações satisfaz ás obrigações do Rosario, oiçam todos o que na mesma Missa agora instituida para a solemnidade propria do Rosario, diz e pede a Deus a Igreja. Na primeira oração publica diz assim: *Ita ipsius Rosarii sacra mysteria contemplamur in terris, ut post hujus vitæ cursum eorum fructus percipere mereamur.* E na ultima tambem publica: *Concede per hæc sancta Rosarii Genetricis tuæ mysteria, ut continuè eadem contemplantes, perpetuæ nobis fiant causa lætitiæ.* E na oração secreta: *Sanctissimæ Matris tuæ Rosarii solemnia recolentes, interiori Spiritus Sancti invocatione sanctifica.* De sorte que em toda a Missa do Rosario, não fazendo menção alguma a Igreja das orações vocaes e exteriores, só pede graça e favor a Deus para

[1] Tertull. Livr. de Pallio.
[2] *Habac.*, II, 1.

a meditação interior, e contemplação dos mysterios: *Mysteria contemplemur: mysteria contemplantes: interiori Spiritus Sancti invocatione sanctifica.* Porque na meditação, consideração, e contemplação dos mysterios do Rosario, consiste a parte principal, substancial, e essencial desta soberana devoção: e esta parte mental e interior é a que dá vigor e efficacia á parte exterior e vocal, como a alma ao corpo. A razão é, porque Deus não costuma ouvir senão a quem o ouve. Assim o mostrou o milagroso Crucifixo, que despregando as mãos, tapou os ouvidos, dizendo ao que lhe pedia perdão, e não tinha perdoado: *Non audiam te, quia non audisti me.* E como nós na parte mental meditando, ouvimos a Deus, tambem Deus nos ouve a nós na vocal. Tanto depende a impetração das orações do Rosario da meditação dos mysterios, ou tanto depende o Rosario rezado pela bocca do Rosario rezado pelos ouvidos.

IX

O que só resta, é que abramos os ouvidos, e os appliquemos com grande attenção e devoção ao que Christo Senhor nosso nos diz em todos os quinze mysterios do Rosario, que são os principaes passos de sua vida, morte e resurreição gloriosa. E posto que em alguns delles, assim antes, como depois de nascido, parece que o Senhor está mudo, e não falla, todos os mesmos passos fallam, e todos teem voz, e nos dão vozes. Depois de peccarem os primeiros paes, diz o Texto sagrado, que ouviram a voz de Deus que passeava pelo Paraiso: *Cum audissent vocem Dei deambulantis in paradiso:* [1] qual fosse esta voz não o declara o Texto: mas a exposição mais litteral é que era o som dos mesmos passos com que o Senhor, em figura humana, vinha buscar o homem perdido: esta foi a voz que elles ouviram, e os obrigou a se esconderem. Em nenhum passo esteve Christo mais mudo, que no do Nascimento, e por isso os Anjos disseram aos Pastores, que achariam no Presepio um Menino, que não fallava: *Invenietis Infantem.* [2] Mas neste mes-

[1] *Gen.*, III, 8.
[2] *Luc.*, II, 12.

mo passo, ou mysterio do Rosario, vêde como o Infante que não fallava, fallou, e de quanta importancia foi o que disse.

Offereceram os reis tres differentes dons, em que eram significados os mysterios do Rosario, no oiro os Gozosos, na myrrha os Dolorosos, no incenso os Gloriosos. E que é o que ouviram, e a quem? *Responso accepto in somnis, ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* [1] A quem ouviram (como nota S. Jeronymo) foi ao mesmo Christo, que mudo no exterior, lhes fallou interiormente aos ouvidos da alma, e por isso, *in somnis*, na maior abstracção e silencio de todos os sentidos do corpo. E o que ouviram foi que não tornassem a Herodes, de cuja tyrannia se podiam justamente temer, e que por outro caminho voltassem seguros para a sua patria, como fizeram: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* Isto é o que ouviram na meditação de um só mysterio do Rosario aquelles tres reis sabios. E digo na meditação, porque não lêmos no Evangelho que fallassem alli vocalmente uma só palavra, e só lêmos as que ouviram. Ouviram o que lhes importava á vida, e ouviram o que lhes importava á alma. Vieram gentios, adoraram fieis, e tornaram santos. Oh quantas vezes tem obrado a meditação do Rosario esta mesma maravilha! Quantos que andavam muito desviados do caminho do céu, que é a nossa patria, depois que meditaram aquelles sagrados mysterios, conheceram a differença e erro de seus caminhos, e tomaram a verdadeira estrada da salvação! O fim para que o Filho de Deus veiu ao mundo, foi para nos ensinar o caminho do céu: e isto é o que nos ensinam todos os passos de sua vida. Não oiçamos as vozes destes passos de Deus para fugir e nos esconder, como fez Adão, que por isso perdeu o Paraiso. Oiçamol-as para imitar e seguir os mesmos passos, e emendar os nossos, como fazia David: *Cogitavi vias meas, et converti pedes meos in testimonia tua:* [2] porque este é só o caminho certo e seguro por onde se consegue a bemaventurança, que o mesmo Senhor só promette aos que ouvem e observam suas palavras: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.*

[1] *Math.*, II, 12.
[2] *Psal.* CXVIII, 59.

SERMÃO QUARTO

Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. [1]

I

Não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande. Por isso os ditos que allegamos se chamam auctoridades, porque o auctor é o que lhes dá o credito, e lhes concilia o respeito. As proposições philosophicas, para serem axiomas, hão de ser de Aristoteles: as medicas, para serem aphorismos, hão de ser os Hypocrates: as geometricas, para serem theoremas, hão de ser de Euclides. Tanto depende o que se diz da auctoridade de quem o diz. Dizer-se que a pintura é de Apelles, ou a estatua de Phidias, basta para que a estatua seja immortal, e a pintura não tenha preço. Mas esse valor e essa immortalidade a quem se deve? Mais ao nome que ao pincel de Apelles; mais á fama, que á lima de Phidias. E o mesmo que succede ao pincel, e á lima, é o que experimentam egualmente a voz e a penna. Se o que diz é Demosthenes, tudo é eloquencia: se o que escreve é Tacito, tudo é politica: se o que discorre é Seneca, tudo é sentença. Talvez acertou a dizer o rustico, o que tinha dito Salomão; mas no rustico não merece ouvidos, em Salomão é oraculo. De sorte, como dizia, que não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz é pequeno. Ellas hão de

[1] *Luc.*, II.

ser grandes, e o auctor tambem grande. E isto é o que temos no Evangelho com uma e outra differença, ambas notaveis.

O mais alto pregão com que se publicaram jámais os louvores de Christo, e sua Mãe, foi aquella animosa sentença: *Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti.* E é coisa digna de admiração o muito caso e o pouco caso, que então e depois se fez destas mesmas palavras. Ouviram-nas os Escribas e Phariseus, de quem o Senhor estava cercado; e nem como emulos se indignaram, nem como inimigos as reprehenderam, nem como zeladores da lei as castigaram. Pois assim se soffre ás portas de Jérusalem, e diante dos mesmos ministros ecclesiasticos, que uma mulherzinha canonize publicamente um homem, e um homem criminado naquella mesma acção, de que tinha trato com o demonio? Sim: e por isso mesmo. Porque era uma mulherzinha sem nome a que isto disse: *Mulier quædam.* Se fôra Nicodemus ou Gamaliel o que dissesse o mesmo, ou muito menos, então se puxaria logo pela proposição: mas como a proferente era um sugeito tão humilde, nenhum caso se fez daquella voz. Quanto a voz se levantou no que disse, tanto se abateu na bocca de quem o disse. Era muito pequena bocca para palavras tão grandes.

Pelo contrario fez tanto caso dellas o Evangelista S. Lucas, que não só as notou e escreveu com as mesmas clausulas, mas como parte gloriosa do seu Evangelho as consagrou á eternidade nelle. E a Igreja Catholica as celebra com tanto applauso, que com ellas não uma só vez, senão repetidamente nas maiores solemnidades da Mãe de Deus nos ensina a levantar do mesmo modo a voz, e cantar ao mesmo compasso o ineffavel de seus louvores. Mais fez a Igreja. Porque commentando e declarando o mesmo Texto, o torna a cantar e inculcar commentado: e seguindo com o seu contraponto os assentos da mesma voz, entoa em outra mais alta: *Beata viscera Mariæ Virginis, quæ portaverunt æterni Patris Filium, et beata ubera quæ lactaverunt Christum Dominum.* Pois se estas palavras foram ditas por uma mulher sem nome, ou com o nome só de mulher, que ainda é menos, *Mulier quædam:* se o sugeito que pronunciou tal sentença era tão humilde e rasteiro, e de tão pouca ou nenhuma auctoridade; como a Igreja, mestra da fé, e da doutrina

christã; como os Evangelhos, que são os livros sagrados por onde ella nos ensina a mesma doutrina; como fazem tanto caso e estimação, e veneram e reverenceiam tanto este mesmo dito? Porque nem o Evangelista, nem a Igreja olharam nelle para quem as disse. Quem as pronunciou foi uma mulher sem nome: quem as ditou a essa mulher, e as disse por sua bocca, foi o Espirito Santo. E' o que tinha promettido Christo aos defensores de sua fé, para similhantes conflictos: *Non enim vos estis qui loquimini, sed spiritus Patris vestri, qui loquitur in vobis.* [1] De maneira, que na bocca da mesma mulher que levantou aquella voz, a voz era uma, e as fallas eram duas: uma que fallava nella, que era a do Espirito Santo, e outra com que ella fallava, que era a sua. A sua, de pouca ou nenhuma auctoridade, e por isso desprezada dos ministros da Synagoga: a do Espirito Santo, de summa e infinita auctoridade, e por isso tão estimada e venerada dos Evangelistas e da Igreja. Assim que, a grandeza das coisas que se dizem, ou cresce ou diminue segundo a dignidade de quem as diz.

Isto supposto, qual vos parece, senhores, que será a dignidade do Rosario, do qual atégora fallei sem o nomear? Muitas vezes, e por muitos modos tenho mostrado nas orações de que se compõe o Rosario, quão grandes são as coisas que nellas se dizem. Hoje veremos que se são grandes pelo que dizem, ainda são maiores por quem as disse: e não maiores de qualquer modo, senão infinitamente maiores. Tão grande e tão alto como isto é o assumpto: *Extollens vocem*, Para que a mesma Senhora do Rosario me ajude com sua graça a o saber declarar, digamos: *Ave Maria.*

II

Salviano, aquelle forte e zelosissimo espirito, tão grande defensor da christandade, como perseguidor dos abusos introduzidos nella, queixava-se em seu tempo, de que tinham chegado a tal corrupção os juizos dos homens, ou que os homens de tal modo tinham

[1] *Math.*, x, 20.

perdido o juizo, que na lição dos livros importantes á salvação, em vez de considerarem o que liam, só consideravam cujo era o que liam: *Tam imbecilla sunt judicia hujus temporis, et penè jam nulla, ut hi, qui legunt, non tam considerent quid legant, sed cujus legant.* E sendo a lição e oração duas irmãs e companheiras inseparaveis, a maior queixa pelo contrario que eu tenho dos juizos do nosso tempo, é que na eleição das orações com que se encommendam a Deus, não considerem nem attendam a cujas são: e nas que ensinou e ditou o mesmo Deus, não lhes valha o serem suas, para que as não deixem por outras. Este é o abuso ou ignorancia que no presente discurso determino convencer. E se Deus me ajudar em um ponto tão importante, espero que do verdadeiro conhecimento delle resulte hoje uma tal mudança nas devoções e orações que cada um costuma rezar (não por obrigação, mas por eleição propria), que todas se troquem, e se convertam em Rosarios.

III

Para intelligencia desta verdade, e fundamento de tudo o que hei de dizer, se deve suppôr como certo e de fé, que o Auctor das orações de que se compõe o Rosario é Deus. Deus é o Auctor do Padre nosso, e Deus o Auctor da Ave Maria. E como a obra era tão grande (posto que aos ignorantes o não pareça), de tal maneira se empenhou nella todo Deus, que todas as Pessoas da Santissima Trindade a repartiram entre si. A Pessoa do Filho fez inteiramente o Padre nosso pronunciado por sua propria bocca: A Pessoa do Padre começou a Ave Maria pronunciada por bocca do Anjo; e a Pessoa do Espirito Santo a continuou por bocca de Santa Isabel, e a acabou por bocca da Igreja. Assim foi, e assim havia de ser, para que não fossem menos privilegiadas nesta parte as orações que se rezam no Rosario, que os mysterios que nelle se meditam. Os mysterios que se meditam no Rosario, todos pertencem á vida, morte, e resurreição de Christo: e comtudo os Gozosos particularmente se attribuem ao Padre, que pela Encarnação nos deu a seu Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum da-*

ret: [1] os Dolorosos particularmente se attribuem ao Filho, que pela Paixão nos deu seu sangue, e com elle nos remiu: *Et tradidit semetipsum pro nobis:* [2] e os Gloriosos particularmente se attribuem ao Espirito Santo, que para nossa justificação se nos deu a si mesmo, descendo do céu: *Spiritu Sancto misso de cœlo.* [3] E como em todas as obras da Providencia e Sabedoria Divina, o que mais resplandece e manifesta a soberania de seu Auctor, é a admiravel proporção em que se correspondem; justo era e não só conveniente, mas ainda necessario, que assim como toda a Trindade se tinha empenhado na parte mental do Rosario, assim se empregasse tambem toda na parte vocal.

D'aqui se entenderão duas notaveis revelações ou visões, uma da mesma Santissima Trindade, outra de Christo, ambas a Santa Gertrudes. Em dia da Assumpção da Virgem Senhora nossa foi levada ao céu Santa Gertrudes, para vêr como lá se celebrava aquella grande solemnidade: e que viu? Viu que toda a côrte do céu, os Anjos, e os Santos, prostrados diante do throno da sua Rainha, cantavam aquelle Responsorio tirado das palavras do nosso thema: *Beata es Virgo Maria, quæ omnium portasti creatorem:* e logo que toda a Santissima Trindade a tres vozes unidas em uma, dizia á mesma Senhora: *Ave Maria gratia plena, Dominus tecum: Benedicta tu in mulieribus.* Póde haver ou imaginar-se coisa mais digna de assombro e pasmo? Não póde. Mas assim se lê no Livro quarto das Revelações da mesma Santa, capitulo quarenta e nove, para que ninguem duvide de tão irrefragavel testemunho. De sorte que assim como a Santissima Trindade foi a Auctora das orações do Rosario; assim as repete no céu como obra sua, louvando Deus a sua Mãe uma e muitas vezes com ellas. E se me perguntaes porque repetiu a Santissima Trindade estas palavras sómente, e não as demais? A razão é muito clara; porque as outras foram feitas sómente para nós, e não tem logar em Deus. Havia de dizer a Santissima Trindade: *Ora pro nobis peccatoribus?* Havia de dizer: *Dimitte nobis debita nostra:* Havia de dizer:

---

[1] *Joan.*, III, 16.
[2] *Eph.*, V, 2.
[3] *1.º Petr.*, I, 12.

Panem nostrum quotidianum da nobis, ou *Libera nos à malo?* As palavras em que pedimos, são só para nós; as que louvam a Virgem Senhora nossa, são para nós, e tambem para Deus, que como Filho louva a sua Mãe com ellas. E por isso deixou tambem as que pertencem ao mesmo Filho. Vêde agora quanto se comprazerá de que nós o acompanhemos nos mesmos louvores, e que responda o côro dos devotos do Rosario ao que canta no céu a mesma Trindade.

A visão de Christo, foi que appareceu de gala com um collar de pedras de inestimavel valor, dizendo que nunca jámais o apartaria do peito por ser prenda do amôr de Gertrudes: *In signum amoris, quo sponsam meam Getrudem prosequor, continuo hoc monile gestabo.* E qual era o artificio deste collar? *Monile hoc erat triangulum instar trifolii:* era de fórma triangular composto de rosas de tres folhas. Não se [illegible]ra melhor pintar ou entalhar o Rosario, nem escrever ou esculpir melhor o nome de seu Auctor. Era composto de rosas de tres folhas engrazadas, ou encadeadas entre si, porque o Rosario consta de tres partes, como de tres folhas, cada uma de differentes pedras, e differentes côres, correspondentes aos tres mysterios: os Gozosos de esmeraldas, os Dolorosos de rubis, os Gloriosos de diamantes. E toda a fórma era triangular: *Monile hoc erat triangulum:* porque era obra, não de outro artifice, senão da mesma Trindade.

Notam todos os Theologos com S. Dyonisio Areopagita, e Santo Agostinho, que assim como os famosos artifices em todas as suas obras escrevem o seu nome, assim Deus em todas as suas imprimiu o caracter da sua Trindade. Da maior obra de Deus, que foi o composto ineffavel de Christo, diz S. João que o mesmo Deus o sigillou com o seu caracter: *Hunc enim Pater signavit Deus.* [1] E este caracter, como altamente notou S. Bernardo, é o corpo, a alma, e a divindade do mesmo composto, com que Deus o fez Trino e Uno: *Summa illa Trinitas hanc nobis exhibuit Trinitatem, opus singulare inter omnia, et super omnia opera sua: Verbum enim, anima, et caro in unam convenere Personam: et hæc tria unum, et hoc unum tria.* [2] O

[1] *Joan.*, VI, 27.
[2] Bern. Serm. 5.º De Vigil. Nativit.

mesmo caracter da Trindade imprimiu Deus nos Anjos, distinguindo-os em tres Gerarchias, e cada Gerarchia em tres Coros. O mesmo na alma do homem com as tres potencias de memoria, entendimento, e vontade; e por isso feito á sua imagem e similhança. O mesmo em todos os viventes do mundo, uns vegetativos, outros sensitivos, outros racionaes. Finalmente, a todas as creaturas, ou a todos os entes (sem excepção de algum) marcou Deus com a mesma divisa nas tres propriedades universaes de *unum*, *verum*, *bonum*, que são unidade, verdade e bondade, respondendo, como diz Santo Agostinho, a unidade ao Padre, a verdade ao Filho, e a bondade ao Espirito Santo. E até na mesma bondade, ou no mesmo bem, que se divide em honesto, util e deleitavel, não faltou a expressão do mesmo caracter. E como a figura da Trindade é a firma e sello real, com que Deus assignala por suas todas as suas obras; para que ninguem podesse pôr duvida a ser obra sua o collar do Rosario com que Christo appareceu, e prometteu trazer sempre sobre o peito; por isso estava formado em figura tringular: *Monile hoc erat triangulum*. Em summa: que as rosas que o compunham, eram de tres folhas: *Instar trifolii:* para denotar o Rosario e seus mysterios; e a fórma era triangular, *triangulum;* para declarar que o Auctor da obra, como caracter particular de todas as suas, era a mesma Trindade.

IV

Tendo pois o Rosario por Auctor a Deus, e a todo Deus em todas as Pessoas divinas, que o ditaram; que devoção, que fé, ou que entendimento christão haverá de tão errado juizo, que anteponha quaesquer outras orações ás do Rosario, por mais approvadas e qualificadas que pareçam debaixo de qualquer outro nome? Os auctores de ess'outras orações todas e todos (que a nenhuma exceptuo) não nego que seriam, e foram muito pios, e muito santos; mas que comparação tem ou póde ter o que elles ensinaram com o que ensinou o mesmo Deus? Ouvi a mais admiravel coisa que disse Christo: *Mea doctrina non est mea, sed ejus qui misit me:* [1] A minha doutrina não é mi-

[1] *Joan.*, VII, 16.

nha, senão do Eterno Padre que me mandou ao mundo. Senhor, reparae no que dizeis (e perdoae-me): reparae no que dizeis, e a quem o dizeis. Aos homens que tanto creem, veneram e adoram a vossa doutrina, dizeis vós que não é vossa? A vossa doutrina não é a mais alta, a mais pura, a mais verdadeira, a mais santa? Não a tendes confirmado, e confirmaes cada dia com a saude dos enfermos, com a falla dos mudos, com a vista dos cegos, com a resurreição dos mortos, com o terror e obediencia dos demonios, e infinitos outros milagres? Pois porque dizeis que essa doutrina tão qualificada não é vossa, senão do Padre: *Sed ejus qui misit me?* Porque Christo (responde mais litteralmente que todos S. Cyrillo) naquelle tempo ainda não estava conhecido por Deus, senão por Homem santo sómente: e por mais santos, por mais milagrosos, por mais canonisados que sejam os homens, vae tanto do que elles ensinam ao que ensina Deus, quanto vae de Deus aos mesmos homens. A auctoridade dos homens por maior que seja, sempre é humana e limitada; a de Deus é divina, e de dignidade infinita: e porque esta na opinião do mundo ainda faltava á doutrina de Christo, por isso o Senhor a nega de sua, e diz que é do Padre: *Non est mea, sed ejus qui misit me:* Coisa maravilhosa é, que para Christo acreditar a sua doutrina, diga que não é sua: sendo que bastava ser sua, ainda que não fôra Deus, para exceder com dignidade incomparavel a de todos os homens, e de todos os Anjos. Mas a differença de ser ditada e ensinada por Deus levantava a tal excesso de auctoridade infinita essa mesma doutrina, que com tanto que fosse de Deus, ganhava infinito credito em não ser sua. Tanto importa á dignidade do que se diz ser Deus o que o diz!

E agora entendereis quanto é mais o que hoje digo, de quanto tenho dito atégora. Tenho dito que as orações do Rosario, pelos louvores que nellas damos a Deus, e a sua Mãe, são as mais altas: tenho dito, que pela exaltação e gloria que nellas desejamos ao mesmo Deus, são as mais santas: tenho dito, que pelos bens, ou temporaes ou eternos, que nellas pedimos para nós, são as mais espirituaes, e mais puras: tenho dito que pelas extraordinarias e portentosas mercês sobre todas as leis da natureza e da graça que por seu meio alcançamos, são as mais milagrosas. Mas toda esta alteza, toda esta santidade, toda esta pu-

reza e perfeição, e todos estes effeitos tão prodigiosos e estupendos, comparados com o Auctor das mesmas orações, ou com as mesmas orações em quanto obra sua, são de tão inferior e desegual dignidade, quanto vae do ser a não ser como *Doctrina mea non est mea:* e isto é o que hoje digo. Oh se os homens nestas mesmas palavras sacrosantas, que tão indignamente trocam por outras, conhecessem o immenso da auctoridade, e o infinito do valor que lhes accresce só pela divina origem de seu nascimento! Como é certo que não só se arrependeriam da indignidade de tal eleição; mas infinitamente se envergonhariam de ter apparecido diante de Deus com outras petições, e lhe ter fallado com outra linguagem! Se todos os Prophetas em seus oraculos, para lhes conciliar auctoridade, lhes cortam o fio e os interrompem a cada passo com repetir: *Dicit Dominus, dicit Dominus:* isto diz Deus, isto diz Deus: e se o mesmo Deus em quanto homem, e não conhecido por Deus, para credito de sua doutrina, dizia que não era sua, senão do Padre: *Non mea, sed ejus qui misit me;* que orações póde haver ditadas de qualqur outro entendimento, e debaixo de qualquer outro nome, que possam, não digo antepôr-se, nem comparar-se; mas escrever-se, nem ouvir-se onde estão e se pronunciam as do Rosario, feitas em cada uma de suas partes por alguma Pessoa divina, e em todas por toda a Trindade?

V

Digo que nem escrever-se, nem ouvir-se; e vêde se o provo. Conta o Evangelista S. Lucas que sahindo Christo um dia da oração, lhe pediram os Discipulos que os ensinasse a orar, dizendo: *Domine, doce nos orare, sicut docuit in Joannes discipulos suos:* [1] Senhor, ensinae-nos a orar, como tambem o Baptista ensinou a orar a seus discipulos. Satisfez o divino Mestre a este piedoso desejo, posto que parecia mais nascido da emulação das escolas, que de verdadeiro espirito de devoção: e a oração que lhes ensinou, foi o Padre nos-

[1] *Luc.*, II, 1.

so, e accrescentando, que o haviam de rezar não só uma, senão muitas vezes. Mas o que na relação deste caso fez reparar muito, e com muita razão, a Tertulliano, é que o mesmo S. Lucas, e tambem S. Matheus, escreveram muito por extenso a oração que ensinou Christo; e nenhum delles, nem algum outro Evangelista, ou memoria sagrada, dá noticia de qual fosse a oração, ou modo de orar, que o Baptista ensinava. Pois se a oração do Baptista foi a que deu occasião dos Discipulos de Christo a que allegassem a seu Mestre, e lhe pedissem outra similhante postilla: e a oração que Christo ensinou, a referem os Evangelistas uma e outra vez tão acuradamente, e com todas as suas clausulas; a do Baptista porque a callam e passam totalmente em silencio? Para se conhecer a differença de um e outro modo de orar, era necessario que se escrevesse uma e outra oração. Pois porque se escreve só a de Christo, e a do Baptista não? Porque a oração de Christo era feita e ensinada por Deus: e onde ha oração feita por Deus, nenhuma outra é digna de se escrever, ainda que a fizesse um santo tão grande, como S. João Baptista. Altamente como sempre o mesmo Tertulliano: *Idèo nec extat in quæ verba docuerit Joannes orare, quod terrena cœlestibus cesserint?* [1] Sabeis porque se calla e passa em silencio a oração que ensinou o Baptista a seus Discipulos, quando se escreve a que ensinou Christo aos seus? A razão é, porque a oração de Christo era divina, a do Baptista humana: a de Christo era do céu, a do Baptista da terra; e era justo que a oração da terra cedesse, e não tivesse logar onde se escrevia a do céu: *Quòd terrena cœlestibus cesserint.*

Isto é o que responde aquelle grande Auctor, e o prova com um Texto do mesmo Baptista: *Qui est de terra, de terra est, et de terra loquitur: qui de cœlo venit, super omnes est: et quod vidit, et audivit, hoc testatur.* [2] Sentiam muito os Discipulos do Baptista, que a fama de Christo crescesse, e a de seu Mestre diminuisse: e como lhe significassem este seu sentimento: que respondeu o grande Baptista? Não fôra grande senão respondêra ingenuamente o que era.

[1] Tertull. Livr. 6.º De Orat. Cap. 1.
[2] *Joan.*, III, 31 e 32.

Como Mestre que estimava mais a verdade da doutrina, que a opinião de quem a ensinava, respondeu: que elle era da terra, e fallava como quem era da terra: *Qui est de terra, de terra est et de terra loquitur:* porém Christo, que viera do céu, era sobre todos, e por isso fallava do céu como quem de lá viera: *Qui de cœlo venit, super omnes est, et quod vidit, et audivit, hoc testatur.* Logo justo é (conclue Tertulliano com o testemunho da mesma parte) que quando se escreve a oração de Christo, que é do céu, se calle e se sepulte em silencio a oração do Baptista, que é da terra: *Nec extat in quæ verba docuerit Joannes orare, quod terrena cœlestibus cesserint.*

Eis aqui quanto excedem Padre Nossos, e Ave Marias, e as orações do Rosario a quaesquer outras orações, e de quem quer que sejam. Quanto vae do céu á terra, e do celestial ao terreno! Mas porque não cuide alguem que dissimulo a replica que póde ter esta supposição, eu mesmo quero instar contra ella. A oração do Baptista era como do seu auctor, e o seu auctor era mandado do céu por Deus: *Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Joannes:* [1] logo a oração do Baptista tambem era do céu, e tudo o que nella dizia era celestial? Assim é. Quanto dizia a oração que ensinava o Baptista, qualquer que ella fosse, não ha duvida que era celestial e santo. E comtudo o mesmo Baptista não só diz que elle era da terra, senão que tambem era da terra quanto dizia: *Qui est de terra, de terra est, et de terra loquitur.* Pois se tudo o que ensinava o Baptista era celestial e do céu; como affirma e ensina elle mesmo que tudo era da terra? Porque fallava de si em comparação de Christo: e quanto dizem os filhos de Adão, comparado com o que diz o Filho de Deus, por mais santo, e mais alto, e mais celestial que seja, tudo é terra e da terra: *Qui de terra est, de terra loquitur.*

Sendo pois nesta comparação, o que ensinava a orar o Baptista, oração da terra, e de terra, bem fizeram os Evangelistas em a sepultar e lhe lançar terra em cima, para que não apparecesse, nem se lesse, quando escreviam a que ensinou Christo. E senão levantemos ao mesmo Baptista da terra, e ponhamol-o

[1] *Joan.*, 1, 6.

no céu. Assim como o Baptista na terra era o Precursor de Christo, assim no céu era o luzeiro do sol que sae diante delle. E assim como o luzeiro é maior que todas as estrellas, assim o Baptista é maior que todos os nascidos. Mas assim como a luz do luzeiro em apparecendo a luz do sol desapparece e se esconde, assim os Evangelistas esconderam a oração do Baptista, e não quizeram que apparecesse, porque escreviam e sahiam á luz com a oração de Christo. E se á vista da oração de Christo não tem logar a do maior de todos os Santos; como o terão as de outros, por pias e devotas que sejam, em comparação das orações do Rosario dictadas pelo mesmo Filho de Deus, e pelo Padre, e pelo Espirito Santo? Eu não condemno nem posso condemnar os que isto fazem; mas não póde deixar de me parecer melhor christandade a que segue o exemplo dos Evangelistas.

VI

Os Evangelistas julgaram que se não deviam escrever outras orações: vejamos agora (como dizia) os que entenderam que se não devem ouvir. E de silencio a silencio este segundo por todas suas circumstancias é mais admiravel. Os Serafins, que entre todas as Gerarchias, e coros dos Anjos, excedem aos que mais sabem, e são os que mais amam, e teem o supremo logar junto ao throno da Magestade divina, o que fazem continuamente, é estar louvando a Deus, cantando, e repetindo sem jámais cessar: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.* [1] Assim os viu e ouviu Isaias, assim Ezechiel, e assim S. João no seu Apocalypse, onde conta uma coisa muito particular, e de não facil intelligencia. Diz que esta unica musica dos Serafins parou, e fez pausa, ficando todo o céu em silencio por espaço de meia hora: *Et facta est silentium in cœlo quasi media hora:* [2] e que neste tempo appareceu um Anjo, o qual trazia nas mãos um thuribulo de oiro, e lhe foram dados muitos incensos, para que das orações dos Santos offerecesse no altar que está diante do throno de Deus, e assim se fez. *Et alius angelus venit ha-*

---

[1] *Isai.*, VI, 3.
[2] *Apoc.*, VIII, 1.

bens thuribulum aureum, et data sunt illi incensa multa, ut daret de orationibus sanctorum omnium super altare aureum, quod est ante thronum Dei. Et ascendit fumus incensorum, etc. [3] Até qui a visão, em que ha muito que reparar.

Primeiramente, porque cessam as musicas dos Serafins quando se offerecem as orações dos homens? Não se podiam ouvir umas, em quanto se offereciam as outras: principalmente offerecendo-se em thuribulo e em exhalações de fumo e incenso? O que pede a Igreja por grande favor de Deus, é que as nossas orações sejam admittidas entre as vozes dos Anjos: *Cum quibus et nostras voces ut admitti jubeas, deprecamur.* Qual é logo a razão porque cessam as vozes dos Anjos, quando as nossas se offerecem a Deus? Respondem muitos Expositores, principalmente modernos, que são tão agradaveis a Deus as orações que os homens lhe fazem na terra, que para as ouvir só a ellas, manda callar a musica do céu: Boa resposta, e de grande consolação para os devotos; mas por ser muito geral, não satisfaz a todas as circumstancias do Texto. O Texto não falla geralmente de todas as orações, senão de algumas: isso quer dizer: *Ut daret orationibus.* E se este favor e privilegio se concede, não a todas as orações, senão a algumas sómente, que orações são estas? Digo que são as orações do Rosario, e o provo do mesmo Texto, e de suas circumstancias. Primeira, porque são orações multiplicadas e da mesma especie: *Incensa multa:* o que só nas do Rosario se acha. Segunda, porque o silencio do céu foi de meia hora: *Silentium quasi media hora:* e esse é o tempo que commummente se gasta no Rosario: d'onde se segue que se não póde entender de outras orações mais dilatadas, nem das mais breves. Terceira, e maior de todas, porque um respeito e reverencia tão notavel só a podem guardar os Serafins ás orações do Rosario por serem feitas pela Santissima Trindade.

Tudo o que cantam os Serafins no céu, é em louvor unicamente da Santissima Trindade, que por isso sem mudar ou alterar a lettra, repetem sempre e tres vezes: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Assim o confessam

[3] *Apoc.*, VIII, 1.

concordemente ambas as Igrejas, a Latina com Agostinho, e a Grega com Nazianzeno. Mas como as orações do Rosario são obra e composição da mesma Trindade; com muita razão emmudecem as vozes dos Anjos, quando no céu se ouvem as do Rosario; entendendo os Espiritos seraficos, que muito mais louvam a mesma Trindade emmudecendo, que cantando: porque? Porque o que dizem cantando, é seu; e o que ouvem emmudecendo, é de Deus: e com o mesmo humilde e reverente silencio, assim como adoram a alteza infinita das palavras divinas, assim reconhecem a desegualdade das suas. E se quando se escrevem, ou se ouvem as vozes do Rosario, no céu emmudecem as dos Serafins, e na terra as do Baptista; a que outras orações não porão silencio estes dois tão notaveis silencios? Se as outras orações de qualquer espirito, e de qualquer santidade que sejam, querem agradar e louvar a Deus; louvem-no emmudecendo e convertendo-se em Rosarios.

Eu bem sei que os que são affeiçoados a outras orações, ou cuidam que ha nellas maior energia de palavras, ou maior expressão de affectos, ou maior empenho de offerecimentos e finezas com Deus. Sendo mais ordinario e mais certo nestas eleições que o appetite da novidade, o fastio de repetir muitas vezes o mesmo, e a imaginação de que fallando pouco não podem dizer muito, é o que desaffeiçôa do Rosario aos que querem ser ou parecer mais devotos. Mas com que se convence e póde emendar este engano? Com o mesmo que temos dito, e nada mais. Considerem que o Auctor do Rosario é Deus, e logo conhecerão seu engano. Pergunto: sobre o que disse e ensinou Deus, póde alguem accrescentar e dizer melhor? Claro está que não póde. E porque razão? Uma e outra coisa disse Tertulliano forte e doutamente: *Porrò non amplius invenire licet quàm quod à Deo discitur: quod autem à Deo discitur totum est.* [1] Onde o que ensina é Deus, ninguem póde inventar ou dizer mais; porque quando Deus ensina, diz tudo. Notae muito aquelle *totum*, e aquelle *invenire*. Por mais que os homens queiram inventar sobre o que Deus ensinou, não podem: e a razão é porque quando Deus

[1] Tertull. De Anima, Cap. 2.º.

ensina, diz tudo, e sobre o tudo não ha nada. Depois que Deus inventou o Padre Nosso, e a Ave Maria, inventem novas orações os Ambrosios, os Anselmos, os Boaventuras, as Brigidas, e quaesquer outros Santos e Santas, que, por mais pias e devotas que sejam, não podem os inventos ou invenções humanas ter similhança com as divinas. Vêde se aconselha David o que eu prégo: *Confitemini Domino, et invocate nomen ejus: notas facite in populis adinventiones ejus:* [1] louvae a Deus, e invocae seu nome na oração, e prégae ao povo as invenções de Deus. Pois quando David exhorta a que oremos a Deus, manda juntamente que prégue-mos as suas invenções? Sim; porque ha orações que são inventadas por Deus; e estas são as que se hão de prégar.

VII

E para que a prégação não seja esteril, e sem fructo; de tudo o que fica dito tiro duas consequencias. Fica dito que as orações do Rosario, por serem inventadas e ensinadas por Deus, teem infinita dignidade sobre todas as dos homens e Anjos. E d'aqui se seguem dois privilegios singulares e proprios das mesmas orações, os quaes se não acham, nem podem achar em alguma outra. E que privilegios são estes? O primeiro, que nem os que rezam o Rosario podem errar no que pedem a Deus: o segundo que nem Deus lhes póde negar o que pedem. Ora reparae bem em uma e outra parte desta conclusão; e se qualquer dellas fôr verdadeira, e muito mais ambas, ninguem haverá, se espera em Deus, e espera delle, que se queira privar de uma graça que dois tão grandes bens encerra em sí. Mas vamos á prova.

S. Paulo, cujas palavras são de Fé, diz absolutamente, que nenhum homem quando ora sabe o que lhe convem pedir a Deus: *Quid oremus, sicut oportet, nescimus.* [2] E' sentença notavel; mas, como bem advertiu sobre ella Santo Agostinho, o que é util ao doente, melhor o sabe o medico, que o enfermo: *Quid enim infirmo utile sit, magis novit medicus, quam ægrotus.* [3]

---

[1] *1.º dos Paral.*, XVI, 8.
[2] *Rom.*, VIII, 26.
[3] August. in Sent. 212.

E como os homens não sabem o que lhes convem pedir quando oram, d'aqui vem que oram e erram. Assim erraram os filhos de Israël no deserto, quando pediram carne, e no povoado quando pediram rei: Deus os castigou com lhes dar o que pediam. A razão fundamental deste erro é a essencia da mesma oração, a qual define S. João Damasceno: *Est petitio decentium à Deo:* [1] que é petição feita a Deus de coisas decentes. Oh se ouvissemos as orações que, assim homens, como mulheres, fazem a Deus em secreto; quantas indecencias ouviriamos! Discorrei, por todos os estados, e por todos os desejos, e não é necessario que eu o diga, porque tambem seria indecencia. Até os gentios, sendo tão falsas as suas orações como os seus deuses, conheceram este erro. Atenodoro dizia: *Tunc scito esse te omnibus cupiditatibus solutum, cum eo perveneris, ut nihil Deum roges, nisi quod rogare possis pallam:* [2] Então entendei que tendes compostos, e bem ordenados vossos desejos, quando chegardes a não pedir a Deus em secreto, senão o que podereis pedir em publico. Na mesma seita de Epicuro, que era o menos espiritual, ou o mais carnal de todos os philosophos, havia preceito, que ninguem podesse orar a Deus senão em voz alta. E porque, ou para que? Para que os professores della, como refere Clemente Alexandrino, pedissem a Deus taes coisas, que nenhum se envergonhasse de se saber o que pedia. E d'aqui tirou Seneca aquella sua famosa sentença: *Sic vive cum hominibus, tanquam Deus videat; sic loquere cum Deo, tanquam homines audiant:* [3] de tal maneira vivei com os homens, como se vos vira Deus, e de tal maneira fallae com Deus, como se vos ouviram os homens. Tão certo é, ainda sem lume da fé, é só por razão natural, que a oração que se faz a Deus só deve ser de coisas decentes: *petitio dicentium!*

Mas porque esta decencia, ou se póde considerar da parte de Deus, ou da nossa; digo que ha de ser de ambas. Assim o resolve o doutissimo Salmeirão, commentando a mesma definição de Damasceno: *Est autem orare, ut Damascenus ait, petere à Deo quæ*

---

[1] Damasc. De Fide Orthodoxa, Cap. 28.
[2] Relatus á Seneca, Livr. 1.º, Epist. 10.
[3] Clemente Alex. Libr. 4.º, Stromat.

illum decet dare, et nos accipere [1] orar é pedir taes coisas a Deus, que a elle seja decente o dal-as, e a nós o recebel-as. Ouvi um exemplo que excellentemente declara estas duas decencias. A El-rei Antigono pediu um philosopho cynico que lhe fizesse mercê de lhe mandar dar um talento, que da nossa moeda são dois mil cruzados: respondeu o rei, que a um philosopho que professava pobreza, não era decente ter tanto. Pois, senhor, replicou o philosopho, mande-me vossa magestade dar um dinheiro, que são dois reales de prata: e respondeu outra vez Antigono: a um rei não é decente dar tão pouco. Assim refere todo o caso, ainda com mais breves palavras Seneca: *Ab Antigono Cinicus petiit talentum. Respondit plus esse quam Cinicus petere deberet. Repulsus petit denarium. Respondit minus esse quam regem deceret dare.* [2] De maneira que o philosopho uma vez pediu muito, e outra vez pediu pouco, e nem o muito nem o pouco alcançou do rei, porque nem ao philosopho era decente receber tanto, nem ao rei dar tão pouco. Uma vez perdeu o que pedia, porque pediu mais, outra vez porque pediu menos, e ambas indecentemente. O mesmo nos succede com Deus no que lhe pedimos, e ainda mais na indecencia das materias, que das quantidades. Erramos no que devemos pedir, e por isso não alcançamos o que pedimos.

Pediram os filhos de Zebedeu as duas cadeiras do reino a Christo; e porque lh'as não concedeu o Senhor, sendo os mais parentes, e os mais validos? Porque de uma e de outra parte, assim da sua, como da de Christo, era a petição indecente. Que maior indecencia da parte delles, que pedirem dois pescadores as primeiras cadeiras do reino? E que maior indecencia da parte de Christo, que haver de dar cadeiras temporaes a dois Apostolos, a quem tinha promettido as do reino eterno? Nem a Christo era decente o dar, nem a elles era decente o receber o que pediam: e por isso a negativa da petição a fundou o Senhor nelles, e mais em si: nelles: *Nescitis quid petatis:* em si: *Non est meum dare vobis.* [3] E porque erraram tanto

[1] *Salmeirão*, Tom. 7.º, Tract. 45.
[2] *Senec.*, Livr. 1.º, Epist. 10.
[3] *Math.*, XXVI, 22 e 23.

estes dois Discipulos no que pediram, sendo elles, de tres que eram os mais sabios, os dois? Porque não pediram o que o Mestre Divino lhes tinha ensinado a pedir. Quando toda a escola de Christo lhe pediu que os ensinasse a orar, respondeu o Senhor: *Sic ergo orabitis: Pater noster qui es in cœlis:* [1] o modo com que haveis de orar, é dizer a Deus: Padre Nosso que estaes em o céu, etc.: e nas sete petições do Padre Nosso ha alguma em que se peçam cadeiras, em que se peçam dignidades e mandos, em que se peçam pompas, grandezas e ambições do mundo, ou alguma temporalidade mais que o sustento necessario á vida? Não. Pois porque elles pediram fóra do Padre Nosso, erraram como nescios, e por isso nem souberam pedir, nem alcançaram o que pediram. A prova que agora darei desta verdade, nem póde ser mais natural, nem mais fina; mas o pensamento não é meu, senão de Santo Agostinho.

Repara o doutissimo e agudissimo Padre em dizer S. Paulo, como já referimos, que nenhum homem quando ora a Deus sabe pedir o que lhe convem, mettendo-se o mesmo Apostolo nesta conta: *Quid oremus sicut oportet, nescimus:* e argue assim Agostinho: *Adhuc quæras cur Apostolus dixerit: quid enim oremus sicut oportet, nescimus: neque enim ullo modo credendum est, vel ipsum, vel quibus ista dicebat Dominicam nescisse orationem.* Nem de S. Paulo, nem daquelles a quem elle escrevia, que eram os christãos de Roma, se póde crêr ou imaginar que não soubessem a oração do Padre Nosso: pois se na oração do Padre Nosso nos ensina o mesmo Deus o que nos convem, e lhe devemos pedir; como diz S. Paulo que nem elle nem nós sabemos o que nos convem pedir a Deus? Responde o Grande Padre, que fallou S. Paulo de todos como de si e que se metteu na conta dos que ignoram o que hão de pedir a Deus como convem; porque elle tambem cahiu nesta ignorancia: *Ab hac ignorantia nec se ipsum Apostolus ostendit alienum.* [2] E quando cahiu nesta ignorancia o Apostolo, ou d'onde consta? Consta das tres vezes que pediu a Christo que o livrasse das molestias do demonio; o que o Se-

[1] *Math.*, VI, 9.
[2] *2.° ad Cor.*, XII, 7.

nhor lhe não quiz conceder, porque era mais conveniente á sua perfeição que as padecesse, como elle mesmo lhe revelou. E porque então pediu o Apostolo o que cuidava que lhe convinha, sendo verdadeiramente o contrario; este foi o caso (conclue Agostinho) em que a sua oração errou, e elle não soube o que pedia: *Utique sicut oportet, nesciens quid oraret.* E' verdade que por outra via bem sabia S. Paulo na oração do Padre Nosso o que lhe convinha pedir: mas como esta vez orou fóra della, e pediu por seu parecer outra coisa; por isso sendo S. Paulo, errou no que pediu, e sendo a S. Paulo, lhe negou Deus o que pedia.

E poderá succeder o mesmo aos que rezam o Rosario? De nenhum modo. Porque estes são os privilegios singulares concedidos unicamente ás suas orações, e a nenhuma outra. Nem podem errar no que pedem, porque pedem o que lhes ensinou Deus, nem Deus lhes póde negar o que pedirem, porque pedem o que o mesmo Deus lhes prometteu. Pedi, e recebereis, diz Christo, empenhando nesta promessa não só sua palavra, mas sua palavra, e mais sua Pessoa: *Et ego dico vobis: petite, et accipietis.* [1] E estendendo a mesma promessa universalmente a todos, accrescenta o mesmo Senhor: *Omnis enim qui petit, accipit;* porque todos os que pedem, recebem. Mas com muita razão parece se póde aqui instar e dizer, que as palavras são mais largas, e a promessa mais clara que a experiencia; porque muitos pedem a Deus muitas coisas, e muitas vezes, e experimentam que não recebem o que pediram. Pois se pedem, e não recebem; como promette Christo que se pedirem, receberão: *Petite et accipietis?* E como affirma (o que é mais) que todos os que pedem, recebem: *Omnis enim qui petit, accipit?* O reparo desta que parece contradição, não é totalmente novo: mas o que muito me admira, é que ninguem a desfizesse alégora com a limitação litteral que traz comsigo a universalidade do mesmo Texto. Lêa-se todo o Texto (que é o Cap. 11.° de S. Lucas), é vêr-se-ha claramente que Christo Senhor nosso não fez esta promessa a toda a oração e petições que se lhe fizessem, senão áquella oração e áquellas petições

[1] *Luc.*, XI, 9.

de que actualmente fallava. E quaes eram estas? Tinha acabado o Senhor de ensinar a oração do Padre Nosso, e de exhortar a frequencia della com varios exemplos: e aos que pedissem o que se pede na oração do Padre Nosso, e o pedissem não só uma vez, senão muitas, e como importunando a Deus (que é o que se faz no Rosario), a esses prometteu sómente que receberiam o que pedissem. Tinha dito com particular advertencia: *Sic autem orabitis:* orareis assim: e aos que oram assim, e não de outra maneira, a esses prometteu sómente, que alcançariam sem duvida o que pedissem, e não a outros. Que muito logo que o que se pede em outras orações se não alcance, se á do Padre Nosso sómente foi concedido este privilegio? Logo assim como não póde errar quem pede nella, porque pede o que Deus ensinou, assim Deus lhe não póde negar o que pedir, porque pede o que Deus lhe prometteu. E' consequencia do mesmo Santo Agostinho em outro logar: *Si enim id postulat quod Deus præcepit, et promittit; fiet omnino quod poscit:* [1] quem pede o que Deus manda, e o que Deus promette, impossivel é que não alcance o que pede.

VIII

Mas quando Deus não tivera empenhado sua palavra, e não se tivera obrigado a nos conceder o que lhe pedissemos; nós o obrigariamos a isso infallivelmente, só com lhe fazermos as nossas petições pelas mesmas palavras que elle nos dictou por sua propria bocca, e com que elle nos fez o memorial. Pergunto: se requerendo diante de um rei, e pedindo-lhe mercês, elle mesmo nos dictasse, e fizesse a petição com tudo o que haviamos de allegar e pedir, podia deixar o rei de nos despachar? Claro está que de nenhum modo. Pois isso é o que fez o Filho de Deus, quando nos ensinou a oração do Padre Nosso; e isso é o que fez o Padre, e o Espirito Santo, quando nos ensinaram a da Ave Maria. Pelo contrario (voltae agora) e se esse que pede mercês ao rei, fosse tão ignorante e descomedido, que lendo a petição que o mesmo rei lhe tinha dictado, se não contentasse della, e se fosse ter com um lettrado, para que lhe fizesse outra mais

[1] August. in Sentent. Sent. 212.

larga, e ao seu parecer mais elegante, com outras allegações, e outro Pede, quando o rei a lêsse, e visse que não era a sua, parece-vos que a despacharia bem? Vós o julgae. Pois isso é o que succede e succederá aos que deixam de fazer a Deus as orações que elle mesmo nos fez, e lhe fallam, e o querem persuadir com outras que fizeram os homens, por mais sabios, por mais pios, e por mais santos que sejam.

E se esta razão tão natural e tão evidente não basta para que todas as outras orações e devoções se convertam em Rosarios, como eu prometti, porque assim o esperava; oiçamos a resolução da mesma Senhora do Rosario sobre esta mesma questão, e neste mesmo caso. Prégava em Roma o grande Patriarcha S. Domingos, sendo o principal assumpto dos seus sermões em qualquer dia que fosse (que assim prégam os Santos) a devoção do Rosario. E posto que não só no povo e nobreza, mas tambem nos principes ecclesiasticos e seculares fosse recebida com egual piedade e applauso; houve comtudo uma matrona romana de vida exemplar, tão empenhada em outras, que nunca o Santo a pôde persuadir a que se affeiçoasse a esta. Até nas materias da virtude ha espiritos teimosos, que não querem ir ao céu senão pelo seu caminho, nem fazer a vontade a Deus, senão pelos dictames ou appetites da sua. E como esta Senhora era de tanta auctoridade, que podia fazer opinião entre as da sua esphera, desconsolado o Santo de a não poder reduzir ao seu partido, a quem se iria queixar? Prostrou-se por terra diante de uma imagem da Virgem, e banhado em lagrimas lhe disse desta maneira: Em fim, Virgem Santissima, que já o vosso Rosario é tido em pouca conta. A culpa é toda minha, pois não tenho talento nem efficacia para o saber persuadir: nem podia succeder menos, pois escolhestes por ministro e prégador delle um sugeito de tão pouco espirito. Peza-me muito de vos servir tão mal, e tão inutilmente no que me mandastes; vós Senhora o remediae, que só podeis. Assim orou Domingos desconsolado, mas não tardou muito a consolação e o remedio. Sahiu a dizer Missa o Santo, depois de ter prégado, e no mesmo tempo a matrona romana que se achava presente, arrebatada e fóra de si, foi levada a juizo ante o tribunal divino. Viu-a Deus com aspecto irado e tremendo: reprehendeu-a severamente da sua indevoção e

contumacia, e mandou aos demonios que logo a castigassem como merecia.

Verdadeiramente que se não podéra recear tão rigorosa sentença a uma mulher, não só de boa vida, mas tão exemplar como já disse, e agora veremos. As razões ou pretextos com que ella se escusava de rezar o Rosario, era dizer que jejuava muitos dias, que vestia lã á raiz da carne, e andava cingida de cadêas de ferro, que visitava frequentemente as sete Igrejas, e corria as Estações para ganhar as Indulgencias, e que as orações muitas e largas que rezava, posto que fossem outras, tambem eram pias, devotas e santas, com que lhe parecia que não agradava menos a Deus. Vejam agora lá os que não rezam o Rosario, se terão similhantes escusas com que se desculpar. Mas se esta matrona sendo grande senhora, era tão alheia de todas as vaidades e regalos do mundo; tão penitente, tão austera, e tão dada a todas as obras de piedade e devoção, como no juizo divino é reprehendida tão asperamente, e entregue aos mesmos demonios, para que a castiguem? Porque o demonio não só tenta com os vicios, senão tambem com as virtudes: e talvez não é menor tentação deixar o bem pelo mal, que por não deixar o bom, desprezar o melhor. Por isso dizia S. Paulo: *Æmulamini charismata meliora.* [1] Boas eram todas aquellas penitencias, e todas aquellas devoções; mas era contumacia digna de grave reprehensão, e de grave castigo, antepol-as ao Rosario, e deixal-o por ellas.

Vendo-se em tão grande aperto a pobre mulher, e não menos que entregue aos demonios para a castigarem, desenganada já e reconhecida de seu erro, deu um grande grito, dizendo: Valei-me, Virgem do Rosario! Suspenderam-se os demonios, ouvindo o soberano nome: e a Senhora, como Mãe de misericordia, que faria? Posto que tão offendida, appareceu logo no mesmo juizo com rosto, não de rigor, mas de benignidade e agrado: e não só lhe alcançou perdão do castigo, mas para que acabasse de conhecer a differença que faz o Rosario meditado e rezado como convem, a todas as outras devoções: passando-a daquelle logar temeroso a outro cheio de luz, de alegria, e de

[1] *1.ª ad Cor.*, XII, 31.

gloria, que era o Paraiso; alli lhe mostrou dois coros de almas bemaventuradas, que coroadas de rosas, com alegres e suavissimas vozes estavam cantando o Rosario. Pasmada pois a boa mulher do que via, e nunca imaginára, e muito mais mudada e arrependida que d'antes, então lhe disse a Senhora estas palavras: Vês, filha, todos estes que com corôas de tanta formosura e gloria estão cantando louvores á Santissima Trindade, a meu Filho, e a mim? Pois estes são os que na vida foram devotos do meu Rosario. E para que acabes de entender o merecimento que tiveram na terra, e o logar que teem no céu; sabe que assim como eu na gloria excedo a todos os Santos, assim a devoção do meu Rosario excede a todas. Disse a Senhora; e eu tambem tenho dito. Levae nos ouvidos e no coração estas palavras da Rainha dos Anjos, pois nenhuma póde haver, nem de mais consolação para os devotos do Rosario, nem de melhor exhortação para os que o não forem.

SERMÃO QUINTO

Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud. [1]

I

Aquelle supremo Senhor, que quando poz o homem no Paraiso, poz ao homem o preceito; esse mesmo nos diz hoje que se guardarmos seus preceitos, nos dará a bemaventurança do Paraiso. O fim para que Deus poz a Adão no Paraiso, foi para que o guardasse: *Ut operaretur, et custodiret illum.* [2] E porque o não guardou Adão? Não guardou o Paraiso, porque não guardou o preceito. Essa foi a astucia da serpente: *Cur præcepit vobis Deus?* [3] Fez o tiro ao preceito, para abrir a brecha no Paraiso. Se o preceito, que era o muro do Paraiso, se não rompera; nem o demonio entrára, nem Adão sahira. Mas porque elle não guardou o preceito, nem se guardou de o quebrar, o mesmo foi quebrar o preceito, que perder o Paraiso. Grande e lastimosa desgraça em um homem tão venturoso, e não sei se maior ainda em tantos homens, que antes de ter ser, tiveram parte na mesma desgraça, e nella continuaram quatro mil annos. Hoje, porém, depois que a segunda Eva com o bemdito fructo de seu ventre desfez a maldição daquelle primeiro fructo: *Beatus venter qui te portavit;* as mesmas portas do Paraiso que fechou a justiça á culpa,

---

[1] *Luc.*, II.
[2] *Gen.*, II, 15.
[3] *Ibid.*, III, 1.

abriu a misericordia á graça; mas debaixo das mesmas condições e da mesma lei. Se Adão perdeu o paraiso da terra, porque ouviu a serpente, e não guardou o preceito de Deus; eu, diz Christo, vos prometto o Paraiso e bemaventurança do céu, se ouvirdes as palavras de Deus, e guardardes seus preceitos: *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.*

Esta foi a segunda lei, e lei da graça, com que a benignidade e misericordia divina reparou as desgraças daquella primeira, e as quebras della. Mas não sei se é menos perigosa e difficultosa hoje, e tanto mais arriscada a se quebrar muitas vezes, quantos mais são os preceitos, e mais os homens? Se o primeiro homem creado em justiça original, e com os appetites sujeitos ao imperio da razão, não guardou um só preceito; como guardaremos nós tantos, e tão repugnantes á natureza corrupta que delle herdámos tão viciada? Se Adão cahiu no Paraiso; em um mundo tão cheio de laços, de occasiões, de tropeços, quem se sustentará em pé? Se elle não resistiu a uma tentação tão leve; como resistiremos nós a tantas, e tão pezadas? Se o demonio ainda bizonho o venceu no primeiro combate; depois de tão exercitado na guerra, quem escapará de suas astucias? Se na maior abundancia de tudo não pôde soffrer um homem que lhe fosse vedada uma fructa; quem haverá que respeite a prohibição das leis na falta de tudo, contra a durissima lei da necessidade? Se onde não havia meu e teu, e ambos eram meeiros nos mesmos bens, sem pleito, sem emulação, sem discordia, ambos se privaram delles; quem se poderá conservar na sua fortuna contra a inveja, contra o poder, contra a injustiça? E se de todos estes males foi causa o amôr, e amôr licito; que fará o illicito, o profano, o cego: ou o odio, a ira, a impaciencia, a vingança? Se a companheira que Deus deu ao homem para o ajudar, o ajudou a perder; das que são o maior incentivo da perdição, quem viverá seguro? Se ella o ensinou a quebrar o preceito, e não obedecer a Deus a quem viam, e com quem fallavam; nós que não vemos a Deus, e só temos diante dos olhos os exemplos dos homens, tão perniciosos como infinitos; qual se não deixará levar do impeto da multidão, correndo com as demais ao precipicio? Finalmente, no estado da natureza corrupta, de que nos não isentou a lei da graça, sendo

fracos, miseraveis, inconstantes, e combatidos de dentro com a rebeldia das proprias paixões; como poderemos guardar tantos preceitos, e em toda a vida, quando Adão em tão poucas horas não teve forças nem valor para guardar um só?

Taes são as difficuldades, muitas e grandes, que poderosamente encontram em nós a observancia dos preceitos divinos. E posto que outros prégadores trabalham em vão, ou pelas dissimular sendo tão manifestas, ou pelas enfraquecer sendo tão fortes, eu porém as supponho, confesso, e concedo facilmente, porque vos venho inculcar o prompto remedio dellas. Tudo o que fez ou desfez Eva, restituiu e refez a sempre Virgem Maria Mãe de Deus e Senhora nossa: *Mater generis nostri pœnam intulit mundo, genetrix Domini nostri salutem attulit mundo. Autrix peccati Eva, autrix meriti Maria: Eva occidendo obfuit, Maria vivificando profuit: illa percussit, ista sanavit; pro inobedientia enim obedientia commutatur.* A mãe do genero humano metteu na mundo a pena e o peccado; a Mãe do Redemptor do mundo, trouxe a elle o merecimento e a graça. Eva feriu, Maria sarou: Eva foi causa da enfermidade, Maria da saude: Eva da morte, Maria da vida. E a razão total desta differença é, diz Santo Agostinho, porque Eva inventou a desobediencia dos preceitos divinos, e Maria ensinou a obediencia: *Pro inobedientia enim obedientia commutatur.* Que fez Eva pela desobediencia? Fez que a terra maldita produzisse espinhas: e que fez Maria pela obediencia? Fez que dessas mesmas espinhas nascessem rosas. Taes são, e provados com muitos exemplos, os mysterios da Vida, Morte, e Resurreição do Filho de Deus, que se essas espinhas não foram, não seria Filho de Maria. Destas rosas, pois, como flôr sempre medicinal, inventou a Senhora uma composição de tal virtude para fortalecer a nossa, que assim como Adão sem este remedio, ou não pôde, ou não soube guardar um só preceito de Deus; assim os filhos de Adão por meio delle cobram taes forças, que podem sustentar todo o pezo de sua lei, e guardar todos seus preceitos.

Este é (devotos, e não devotos desta solemnidade) o novo argumento que pretendo provar hoje, e não só um dos mais illustres effeitos do Rosario, senão o mais importante de todos. Christo Senhor nosso diz:

Será bemaventurado quem guardar os preceitos de Deus: e a Mãe do mesmo Christo accrescenta: guardará os preceitos de Deus quem rezar o meu Rosario. De sorte que a devoção do Rosario é o meio mais efficaz para guardarmos os preceitos de Deus, e para conseguirmos a bemaventurança promettida aos que os guardam: *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.* Só quem não desejar ser bemaventurado, não ouvirá com grande alvoroço e attenção os fundamentos desta proposta. A' mesma Senhora, cuja é, peçamos a graça: *Ave Maria.*

II

Benè novit vivere, qui benè novit orare. E' proverbio nascido na lingua de S. Chrysostomo, e confirmado na penna de Santo Agostinho, a lingua e a penna ambas de oiro. Quer dizer: Quem sabe bem orar, sabe bem viver. Nem poderá viver bem, quem não orar bem. E qual é a razão de uma sentença tão universal, e tão absoluta? A razão, e a razão das razões, tudo deu David, a quem com maior propriedade podemos chamar o Propheta orador, que o Propheta rei. Falla pois David da oração, como commummente o entendem os Santos Padres, e diz assim: *Os meum aperui, et attraxi spiritum, quia mandata tua desiderabam:* [1] abri a bocca para tomar respiração, porque desejei guardar os mandamentos de Deus. Notavel consequencia! Primeiramente compara a oração á respiração: e porque? Porque assim como ninguem póde viver sem respirar, assim não póde viver bem sem orar. A vida e a boa vida ambas dependem do espirito que se attrahe pela bocca: a vida, respirando: a boa vida, orando. Esta é a razão. E a razão da razão qual é? *Quia mandata tua desiderabam:* porque desejei guardar os mandamentos de Deus. Pois porque David deseja guardar os mandamentos de Deus, por isso julga que lhe é tão necessaria a oração, como a respiração? Sim. Porque o viver bem consiste em guardar os mandamentos de Deus: logo se para viver

[1] *Psalm.*, CXVIII, 131.

bem é tão necessario o orar, como para viver o respirar, ninguem póde guardar os mandamentos de Deus, em que consiste o viver bem, senão por meio da oração. A oração é a respiração do viver bem: logo tão impossivel será guardar os mandamentos de Deus sem orar, como viver sem respirar. E esta é a consequencia formalissima com que David dá por causa da sua frequente oração o desejo que tinha de guardar os mandamentos de Deus: *Os meum aperui, et attraxi spiritum, quia mandata tua desiderabam.*

A fonte d'onde David bebeu propheticamente esta doutrina, foi a divindade de Christo, como o mesmo Senhor declarou depois por bocca de sua sagrada Humanidade: *Oportet semper orare, et non deficere:* [1] é necesario orar sempre, e não faltar. Sempre, e não faltar? Parece apertado preceito. Mas não é muito que pareça apertado um preceito, do qual depende a observancia de todos. E' necessario orar sempre: *Oportet semper orare;* porque assim como para viver sempre, é necessario respirar sempre; assim para viver bem sempre, é necessario orar sempre. E é necessario não faltar: *Et non deficere;* porque assim como faltando a respiração, não póde continuar a vida; assim faltando a oração, não póde perseverar a boa vida. Não quero o commento de S. Chrysostomo, nem de Santo Agostinho; porque o tenho de S. Paulo: *Sine intermissione orate:* [2] orae sem intermissão. Declara o Apostolo, e chama ao orar sempre, orar sem intermissão; porque o orar com intermissão, ou a oração intermittente, é como a respiração intermittente. Vêde-o em Lazaro. Em quanto Lazaro respirava, vivia; quando tornou a respirar, tornou a viver, porque resuscitou. E em quanto a respiração esteve intermittente; como esteve Lazaro? Esteve morto. Pois assim como a vida não admitte intermissão no respirar, assim a boa vida não consente intermissão no orar. E este é o *porque* da doutrina de Christo em nos mandar que oremos sempre. E o *porque* deste *porque* qual é? E' porque a boa vida, ou o viver bem, como diziamos, consiste em guardar os mandamentos de Deus: e como os mandamentos de Deus obrigam sempre; para guardar os mandamentos de Deus sempre é necessario orar

[1] *Luc.*, XVIII, 1.
[2] *1.º Thessal.*, V, 17.

sempre: *Oportet semper orare.* Tanta é a connexão que teem entre si a oração e os mandamentos; e tanta é a dependencia que tem a guarda dos mandamentos, do exercicio da oração.

E se quem houver de guardar os mandamentos de Deus, ha de orar, e orar sempre; quem não orar sempre, ou nunca orar, que lhe acontecerá com os mandamentos? O que lhe aconteceu a Adão, para que o vejamos não em outro, senão no mesmo exemplo. Estupendo caso é, que um homem creado no Paraiso, tão entendido, tão sabio, e tão obrigado, não gaurdasse um só preceito que Deus lhe poz! E qual foi naquelle entendimento, e naquella vontade o defeito original de uma desgraça tão cega? Não sei se o tendes já advertido; mas verdadeiramente é notavel, e tão digno de admiração, como de temor. Nenhum homem houve que mais occasiões tivesse, nem mais apertadas e urgentes de orar a Deus que Adão. E comtudo em toda a sua historia, e em tantos casos tão notaveis della, nem uma só vez se lê que fizesse algum modo de oração. Creou-o Deus, e formou-o com suas proprias mãos, deu-lhe o dominio dos animaes, e o imperio do mundo, deu-lhe a companhia de Eva, que era o que só lhe faltava, e o que elle estimou sobre tudo: mas por tantos, e tão repetidos, e tão portentosos beneficios, nunca lhe occorreu a Adão dar graças a Deus. Peccou, e não se compungiu, nem bateu nos peitos: estranhou-lhe Deus pessoalmente o peccado, e não se lançou a seus pés, nem lhe pediu perdão: sentenceou-o, executou-o, lançou-o do Paraiso, e em tantos actos lastimosos, em que se podéra valer como réo, e como infeliz, da sua propria misericordia, não soube intrepôr uma supplica, nem appellar da divina justiça para sua misericordia. E homem tão alheio de todos os modos de orar a Deus, como havia de guardar o preceito de Deus? Em o não guardar, fez como quem era, e em não orar, nem antes, nem depois, nem em um, nem em outro estado, mostrou o que era. Era um homem totalmente sem oração, e por isso já então similhante aos brutos, sem uso de razão, nem entendimento: *Homo cum in honore esset* (eis aqui o já então) *non intellexit: comparatus est jumentis, et similis factus est illis.* [1] E um bruto que não sabia orar,

[1] *Psalm.* XLVIII, 21.

como havia de saber viver? Por isso ouviu a palavra de Deus, e não a guardou: e porque a ouviu, e a não guardou, por isso perdeu a felicidade de que só gozam os que a ouvem e a guardam: *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.*

III

Esta foi sempre a virtude universal da oração, provada com todas as Escripturas, inculcada por todos os Santos, e confirmada com infinitos exemplos. Porém depois que a Virgem Santissima no instituto e fórma do seu Rosario, lhe ajuntou todas as outras propriedades especiaes de que se compõe a oração perfeitissima; então foi muito maior a efficacia, energia, e proporção connatural que tem a mesma oração para influir e conservar nos corações e acções humanas o respeito, o temor, a obediencia, e a perfeita e inviolavel guarda dos preceitos divinos. Este é o nosso ponto, e esta a mais gloriosa excellencia do Rosario. Para inteiro e radical entendimento della, havemos de suppôr não só como theologia certa, mas como principio de fé definido em muitos Concilios, que para guardar qualquer preceito divino grave (e muito mais todos), são necessarios dois concursos, um da parte de Deus, outro da parte do homem: da parte de Deus o concurso e influxo de sua graça, e da parte do homem o concurso e consenso do nosso livre alvedrio. De sorte que nem a graça de Deus em nós sem o nosso alvedrio, nem o nosso alvedrio sem a graça de Deus é poderoso, ainda que quizessemos, para guardar os seus preceitos. Ouvi o que dizia David fallando com Deus: *Justificationes tuas custodiam: non me derelinquas usquequaque:* [1] Eu, Senhor, quero guardar os vossos mandamentos, e o que vos peço para o poder fazer, é que vós me não deixeis por nenhum modo. Fallou como Mestre de Santo Agostinho, e de Santo Thomaz. Porque se Deus de qualquer modo nos deixar, e nos não assistir com sua graça, ainda que nós quizessemos guardar seus mandamentos, de nenhum

[1] *Psalm.* CXVIII, 8.

modo os poderemos guardar. E a razão é, porque a guarda dos mandamentos de Deus, e meritoria da vida eterna, é obra sobrenatural. E ainda que o alvedrio concorra com todas as forças da natureza, é necessario que a sobrenaturalidade venha de cima, e lh'a dê a graça.

Agora entendereis a propriedade com que Christo Senhor nosso chamou á sua lei jugo: *Jugum meum suave est:* [1] diz que é suave, mas jugo. Porém se esta lei a ha de tomar cada um de nós sobre si, e cada um ha de guardar os preceitos e mandamentos della, como póde ser jugo? O jugo chama-se assim, porque o levam dois juntamente: pois se eu só levo a lei, como póde ser jugo para commigo? Porque ajunta Deus em mim a sua graça com o meu alvedrio, e o alvedrio e a graça juntos são os que levam o jugo da lei. O melhor exemplo que nenhum theologo jámais achou para declarar esta theologia, foi uma famosa representação com que a Virgem Senhora nossa não só a ensinou mas a fez visivel. Cantava-se em Roma aquella Epistola, em que se contém a historia do Apostolo S. Filippe, quando converteu o ennucho da rainha Candaces, e assistia á Missa outro Filippe, que depois foi tambem apostolico, e hoje se chama S. Filippe Benisi. Chegando pois a historia áquellas palavras que o Anjo disse ao Apostolo: *Accede, et adjunge te ad currum istum:* [2] Filippe, chega, e ajunta-te a esta carroça (que era a em que caminhava o ennucho); arrebatado em espirito o segundo Filippe, viu a Virgem Senhora nossa como triumphante em uma carroça doirada, pela qual tiravam uma ovelha, e um leão: *In aureo curru, quem ovis, et leo trahebant, Sanctissimam Dei Genitricem insidentem vidit.* O intento e significado da visão era que Filippe se fizesse servo da Senhora na Religião daquella mesma Igreja que se intitula dos Servos da Virgem Maria.

Mas a circumstancia que faz mais admiravel e mysterioso o apparato da representação, são os tiradores da carroça triumphante da Mãe de Deus. Admiravel por serem só dois, admiravel por serem de differente especie, e mais admiravel por ser uma ovelha, e um leão: *Ovis, et leo.* Ao menos não seria a ovelha cor-

[1] *Math.*, XI, 30.
[2] *Act.*, VIII, 29.

deiro, ou o leão leôa, para que a similhança do sexo os sujeitasse mais facilmente, e os unisse ao jugo? Não. A carroça em que Deus e a Mãe de Deus triumpham dos homens, e os sujeitam a ser servos seus (como naquelle caso) é a obediencia de seus preceitos, e os que tiram por esta carroça e a levam, não são mais que dois, e esses de differente especie: a ovelha, que é a graça; e o leão, que é o alvedrio humano. O leão mais soberbo, mais féro, mais indomito, e mais imperioso, creado e coroado entre os monstros da Libia, é o alvedrio do homem: tão soberbo e tão senhor, que até ao mesmo Deus, como Pharaö, póde dizer, não quero; mas esta soberba quem a humilha, esta fereza quem a domestica, este senhorio quem o sujeita? A companhia da graça. A graça, como ovelha mansa, lhe tempera a furia; a graça, como ovelha humilde, lhe modéra os brios; a graça, como ovelha sujeita, lhe abate os espiritos; a graça, como ovelha obediente, o faz obedecer, e tomar o jugo. Que era Saulo, senão um leão desatado, colerico, furioso, que só com o seu bramido mettia terror a todo o rebanho de Christo: *Saulus adhuc spirans minarum in discipulos Domini?* [1] E este soberbissimo leão quem o rendeu, quem lhe quebrantou a furia, quem o trocou e fez tão outro, e o atou ao jugo, quando tanto resistia, e recalcitrava? Elle mesmo o diz: *Non ego, sed gratia Dei mecum:* [2] não eu só, senão a graça de Deus commigo. E tanto que a efficacia da graça se ajuntou á liberdade do alvedrio, logo se domou o indomito, logo se sujeitou o rebelde; e da ovelha e do leão se fez uma parelha tão egual, qual a podia escolher a Mãe de Deus para ella e seu Filho triumpharem dos homens.

Tomae agora o Rosario na mão, ou olhae para elle; e dizei-me a que se vos afigura? David dizia a Deus: *In camo, et fræno maxillas eorum constringe, qui non approximant ad te:* [3] aquelles, Senhor, que se afastam de vós. e não querem tomar o jugo de vossa lei, mettei-lhe um freio na bocca, e apertae-lhe as redeas, que por mais que sejam rebeldes, e de dura cer-

[1] *Act.*, IX, 1.
[2] *1.ª ad Cor.*, XV, 10.
[3] *Psalm.* XXXI, 9.

viz, logo a dobrarão. E quem faz este effeito senão o Rosario? O mesmo Deus o diz por bocca de Isaias: *Laude mea infrænabo te, ne intereas:* [1] vejo que o teu alvedrio livre, rebelde e furioso, mais como leão, que como cavallo desbocado, te vae precipitando á perdição; mas eu te metterei um freio na bocca, para que te não despenhes, nem pereças; e este não será outro, senão o de meus louvores: *Laude mea infrænabo te.* Verás o que fiz por ti, conhecerás as obrigações que me deves, louvar-me-has uma e muitas vezes por tão soberanos e divinos beneficios; e como trouxeres na bocca estes meus louvores (que é o que fazemos no Rosario) elles te refrearão, para que me não offendas, e para que encaminhes todos teus passos pela carreira de meus mandamentos: *Frænum legis, et religionis meæ tibi injiciam, cogamque te ad mei cultum, ut more solito me laudes*, commenta Santo Thomaz. Assim que, os louvores divinos entoados no Rosario são os que suave e fortemente dominam a liberdade, e domam a fereza do alvedrio, e a sujeição á Lei de Deus.

E a graça, sem a qual elle não póde caminhar direito, nem soffrer o jugo, d'onde lhe ha de vir? Do mesmo Rosario. Chama-se a Virgem Senhora nossa nos Cantares: *Puteus aquarum viventium:* [2] poço das aguas vivas, que são as da graça. Mas este poço é muito alto, e muito profundo, e nós (dirá alguem) que não temos com que tirar a agua, como dizia a Samaritana a Christo: *Neque in quo haurias habes, et puteus altus est.* [3] Assim disse ella em quanto não conhecia com quem fallava, e em parte disse bem; porque o Rosario até então era curto, e não tinha mais que o primeiro terço; porém depois que o mesmo Christo obrou todos os outros mysterios, e a Senhora compoz e aperfeiçoou de todos o seu Rosario (vède se é muito propria a figura), o mesmo Rosario assim como ides dando volta ás contas, e dizendo *Ave gratia plena*, ellas são os alcatruzes com que do poço altissimo se vae tirando acima a agua da graça. No Egypto se conserva ainda hoje uma fonte, a qual se chama a fonte de Jesus, porque della bebiam, quando lá esti-

[1] *Isai.*, XLVIII, 19.
[2] *Cant.*, IV, 15.
[3] *Joan.*, IV, 11.

veram desterrados, o Menino Jesus, a Senhora, e S. José: e diz Andrichomio com outros Auctores desta tradição, que por estar a agua muito funda, se tira com uma roda: *Aquam extrahunt per rotam.* O mesmo fazemos nós por meio do Rosario: com que elle vem a ser um instrumento artificiosissimo de dois uzos os mais importantes: para domar o alvedrio, freio; e para attrahir a graça, roda.

IV

Tornando pois ao fundamento do que significam ou declaram estas duas similhanças exteriores; como para os homens se sujeitarem a Deus, e a seu serviço, e á observancia de seus mandamentos, são precisamente necessarios aquelles dois concursos que diziamos; da parte de Deus o da graça divina, e da parte do homem o do alvedrio humano: este foi o altissimo e sapientissimo conselho com que a Virgem Senhora nossa ordenou que a oração do seu Rosario fosse vocal e mental, e não só oração de qualquer modo, senão oração e meditação juntamente; para que orando e pedindo impetrassemos de Deus a graça, e meditando e considerando, nos persuadissemos e convencessemos a nós, e conseguissemos de nós mesmos a sujeição do nosso proprio alvedrio. Os hereges, como em nossos tempos o impio Calvino, porque não querem guardar os mandamentos de Deus, dizem que são impossiveis. Mas já antigamente os convenceu Santo Agostinho com as mesmas palavras com que depois os anathematisou o Concilio Tridentino: *Deus impossibilia non jubet, sed jubendo monet, et facere quod possis, et petere quod non possis.* Deus em seus preceitos não manda coisas impossiveis; mas quando manda as que são ou parecem difficultosas, tambem nos ensina os meios com que as havemos de facilitar e guardar. E quaes são: *Et facere quod possis, et petere quod non possis:* fazer o que podeis, e pedir o que não podeis. Fazer o que podeis, obrando com as forças naturaes, que são as do alvedrio: e pedindo o que não podeis, sollicitando as forças sobrenaturaes, que são as da graça. E estes são os dois meios efficacissimos que a Virgem Senhora nossa uniu no

seu Rosario, ajuntando ás preces da oração vocal as meditações da mental.

A materia das meditações do Rosario compõe-se de quinze mysterios. E por que razão de quinze, nem mais, nem menos? Porque os mediu a Senhora pelo numero dos mandamentos, a cuja observancia se ordenam. David, fallando com os justos, que são os que guardam os mandamentos, exhorta-os a que louvem a Deus, e que o modo de o louvar seja cantando seus louvores ao som do Psalterio de dez cordas: *Exultate justi in Domino, rectos decet collaudatio: in psalterio decem chordarum psallite illi.* [1] Já dissemos que o Rosario chamado desde seu principio Psalterio da Virgem, foi composto á similhança do Psalterio de David. Pois se David fez o seu Psalterio de dez cordas, a Senhora porque accrescentou ao seu mais cinco, e fez o seu Psalterio de quinze? Porque, assim o de David, como o da Senhora, foram ordenados á guarda dos mandamentos: e os mandamentos no tempo de David eram só dez, no tempo em que a Virgem instituiu o Rosario, já eram quinze. Eram dez do Decalogo, que são os dez mandamentos da Lei de Deus, e eram cinco do Quincalogo, que são os cinco mandamentos da Santa Madre Igreja. E como os mandamentos hoje são quinze; por isso a Senhora, proporcionando o numero com o numero, e os mysterios com os mandamentos, compoz o seu Rosario em tal fórma, que a cada mandamento correspondesse um mysterio. E para que? Para que em cada um dos mesmos mysterios, como em um espelho clarissimo, se visse o homem a si, e visse as suas obrigações, e nenhum houvesse tão cego, tão ingrato, tão atrevido, que ousasse quebrantar os mandamentos contrarios.

Não é o pensamento meu, senão do mesmo David, fallando do seu tempo como santo, e do futuro como Propheta: *Tu mandasti mandata tua custodiri nimis:* [2] vós, Senhor, mandastes que os vossos mandamentos sejam guardados com grande pontualidade, e tão grande e tão exacta, que pareça nimia: *Utinam dirigantur viæ meæ ad custodiendas justificationes tuas?* Oh que ditoso seria eu, e quão singular mercê

[1] *Psalm.* XXXII, 1 e 2.
[2] *Ibid.*, CXVIII, 4.

receberia de vossa divina mão, se todas as minhas intenções e acções fossem dirigidas á perfeita guarda de todos vossos mandamentos. Porém o meio efficaz com que isto se ha de conseguir, não é para agora, está reservado para outro tempo: *Tunc non confundar, cum perspexero in omnibus mandatis tuis:* Eu agora (diz David) desejo guardar vossos mandamentos; mas muitas vezes tenho occasião de me confundir, porque os não guardo. Porém quando vier aquelle ditoso tempo, *tunc*, em que todos os vossos mandamentos tenham diante e defronte de si outros tantos espelhos, em que se veja quem os houver de guardar, *Cum perspexero in omnibus mandatis tuis*, então cessará essa confusão, *Tunc non confundar:* porque ninguem haverá tão descomedido, tão precipitado, tão cego, que olhando para aquelles espelhos, e vendo-se em cada um a si, e em todos a todos os vossos mandamentos, se atreva a quebrar o menor delles. E em que fundou David a esperança desta grande promessa, não menos difficultosa de executar que de entender? Fundou-a na efficacia de uma proposta que elle mesmo tinha feito a Deus, não sei se bem advertida, mas muito digna de se notar: *Exurge Domine in præcepto quod mandasti, et synagoga populorum circumdabit te:* [1] levantae-vos, Senhor, do throno de vossa Magestade, onde estaes assentado desde o principio do mundo, e resolvei-vos a fazer e executar por vossa propria Pessoa os preceitos que impondes aos homens: *Exurge in præcepto quod mandasti:* e logo os mesmos homens, á vista deste exemplo, não terão que replicar á prompta obediencia de todos vossos mandamentos: antes todos de tropel, e á porfia vos seguirão e acompanharão nelles: *Et synagoga populorum circumdabit te.*

Isto é o que David prophetisando representava a Deus: isto é o que Deus executou fazendo-se homem, e obedecendo a todos os preceitos divinos: e isto é o que a Mãe do mesmo Deus reduziu á pratica na fórma e disposição com que ordenou o seu Rosario. Antes de Deus se fazer homem, mandando sómente, e não obedecendo, quasi dava occasião aos homens de murmurarem dentro em si, e dizerem: Deus manda tudo o que lhe parece: e posto que tudo seja justo, e muito

[1] *Psalm.* VII, 8.

bem mandado, mandar lá do céu, onde elle está, é muito facil. Elle está em perpetuo descanço, e manda que nós trabalhemos: elle é impassivel, e quer que nós padeçamos: elle sobeja-lhe tudo, e quer que nos abstenhamos na falta do que havemos mister: elle está ouvindo musicas de Anjos, e quer que nós soffremos as injurias que nos dizem e fazem os homens: elle em fim escreve preceitos com o dedo, e quer que nós os executemos com todo o corpo, e com toda a alma. E porque isto é tão difficultoso, quanto vae de mandar a ser mandado, e de não fazer a fazer; por isso tem tão poucos que guardem seus mandamentos. Assim diziam ou podiam dizer os homens antigamente: porém depois que Deus se fez homem, e se sujeitou a padecer trabalhos, pobrezas, injurias, e nenhuma coisa das que tinha mandado antes, ou das que mandou depois, deixou elle de obedecer e executar por sua propria pessoa; nem a razão, nem a sem razão humana tem pretexto algum de se não sujeitar a todos os mandamentos de Deus. E isto é o que a Mãe do mesmo Deus nos põe diante dos olhos em tantos mysterios, quantos são os mandamentos, e em tantos espelhos quantos são os mysterios: *Cùm perspexero in omnibus mandatis tuis.*

No monte Sinay escreveu Deus as Taboas da Lei, e no mesmo monte delineou o modelo e exemplar do Tabernaculo: *Fac secundum exemplar, quod tibi in monte monstratum est.* [1] Mas que successo teve uma e outra obra? O exemplar delineado no monte executou-se, as leis escriptas no monte quebraram-se. Para lavrar e accommodar madeiros que não teem sentimento nem alvedrio, bastam exemplares mortos pintados no monte; mas para amoldar e compôr homens que teem entendimento e liberdade, não basta que as leis se pintem e se escrevam no monte; é necessario que o legislador desça do monte, e que os exemplares do que manda fazer sejam vivos e animados com as suas proprias acções. Assim o fez Deus. E porque experimentou que tem pouca força as leis para a obediencia, onde faltam os exemplos para a imitação, por isso desceu do céu á terra, como em soccorro dos seus mandamentos: para que obrando o mesmo que

[1] *Exod.*, XXV, 40.

tinha mandado, assim como nos exemplos fosse imitado, fosse tambem nos mandamentos obedecido. Pondo pois o Rosario os exemplos de Deus á vista dos mandamentos do mesmo Deus, não já como Senhor que os manda, senão como subdito e companheiro que os obedece; que alvedrio haverá tão livre, tão irracional e tão rebelde, que meditando nelles, em Deus e em si, se não sujeite voluntario e agradecido á obediencia dos mesmos mandamentos?

V

Mas porque não basta que o alvedrio convencido pela meditação esteja rendido, se a graça sobrenaturalmente o não elevar aonde elle com as forças naturaes não póde subir; aqui entra o *Petere quod non possis.* E para pedir e impetrar de Deus a mesma graça, se ordenam as orações tão repetidas e multiplicadas, de que egualmente se compõe o Rosario. Digo tão repetidas e multiplicadas; porque assim como a Senhora a cada mandamento contrapoz um mysterio, assim parece que bastava ajuntar a cada mysterio uma oração. Mas a cada mysterio e a cada mandamento um Padre Nosso, e sobre elle uma decada, ou um decalogo de Ave Marias? Reparo é este, em que já no tempo de Lactancio, ha mais de mil e quatro centos annos, toparam os gentios, chamando-lhe superstição dos christãos; porque ou o seu Deus os ouve, ou não: se os ouve, basta que digam uma vez o que pedem: e se os não ouve, superflua e ociosa coisa é repetirem tantas vezes o mesmo. Quem isto cuida não sabe que o vigor da oração é a perseverança, e que gosta Deus de que lhe peçam muitas vezes, porque quer dar muito. Pedir e tornar a pedir uma vez e muitas, chama-se entre os homens importunação: mas é proprio da liberalidade de Deus, sendo liberalissimo, querer-se importunado.

Pediram os Discipulos a Christo, que os ensinasse a orar, e fel-o o Senhor com uma notavel parabola. Veiu, diz, um homem á meia noite bater á porta dé um seu amigo, e pediu-lhe que lhe emprestasse tres pães, porque áquella hora lhe tinha chegado a casa um hospede, e não tinha com que o agasalhar. O

amigo parece que era mais amigo do seu descanço e da sua commodidade; e respondeu que estava já recolhido com toda sua familia, que não eram aquillo horas de a inquietar, que se fosse embora. Bastante occasião era esta, para que o que pedia os pães desconfiasse, e se fosse, e se acabasse tambem a amizade; mas não o fez assim; signal de que eram verdadeiramente amigos. Tornou a bater e instar, uma e outra vez, até que o de dentro, diz Christo, não tanto por amigo, quanto por importunado, lhe deu o que pedia: e assim haveis de fazer vós quando orardes, e pedirdes o que vos fôr necessario a Deus; *Et ego dico vobis: petite et dabitur vobis: quærite et invenietis: pulsate et aperietur vobis.* [1] Se esta parabola não fôra da Sabedoria Divina, haviamos de dizer, que não era accommodada. Para Deus não ha noite: *Sicut tenebræ ejus, ita et lumen ejus:* [2] Deus não dorme: *Non dormitabit, neque dormiet quo custodit Israel:* [3] as portas de Deus sempre estão abertas: *Aperientur portæ tuæ jugiter: die ac nocte non claudentur:* [4] na casa de Deus não póde haver inquietação: *Factus est in pace locus ejus et habitatio ejus:* [5] Pois se todas as difficuldades que se suppoem nesta parabola não teem logar em Deus, e Deus é o amigo que nella se introduz, a quem se pediu o soccorro; como diz o mesmo Christo, que finalmente o veiu a dar depois de tanto bater, depois de tanto pedir, depois de tanto instar, e que ainda então o não fez tanto por amigo, quanto por importunado: *Si non dabit illi surgens, eo quòd amicus ejus sit, propter improbitatem tamen ejus surget et dabit?* [6] Aqui vereis como Deus gosta de ser importunado, e quão bem lhe sabia a condição quem instituiu o Rosario, como quem o tinha creado a seus peitos. Póde haver maior importunação, que pedir a mesma coisa e pelas mesmas palavras todos os dias, e cento e cincoenta vezes no dia? Pois isso é o que fazemos no Rosario, isso é o que nos mandou fazer a Mãe

---

[1] *Luc.*, XI, 9.
[2] *Psalm.* CXXXVIII, 12.
[3] *Ibid.*, CXX, 4.
[4] *Isai.*, LX, 11.
[5] *Psalm.* LXXV, 3.
[6] *Luc.*, XI, 8.

de Deus, e isso é o de que sobre tudo gosta seu Filho, não por pouco liberal, senão por muito desejoso de não dar pouco.

Este é o sentido litteral da parabola, como a entendem todos os Padres: falle por todos S. Jeronymo: *Hujus amici ostium incessanter pulsare debemus et horis eum inquietare nocturnis, et usque adèo molesti esse, ut importuni etiam videamur.* A este amigo, que é Deus, devemos-lhe bater ás portas sem cessar, e inquietal-o a todas as horas, não de dia só, senão tambem de noite, e ser-lhe por este modo tão molestos, que cheguemos a ser julgados por importunos: *Sed non hujus importunitatis vereamur offensam, quia hæc apud Dominum importunitas opportuna est:* não receemos porém, que nesta nossa importunação Deus se haja de offender, porque o que entre os homens se chama importunidade, para com Deus é opportunidade. Opportunidade de pedir, opportunidade de alcançar; opportunidade de ser melhor e mais gratamente ouvido. E a razão porque Deus se agrada tanto de ser assim importunado, é porque a importunação no pedir, é perseverança no orar; e na oração, como em todas as outras virtudes, nenhuma coisa mais agrada a Deus que a perseverança. E senão vêde-o (diz Jeronymo) nesta mesma parabola, em que a perseverança foi mais amiga que o amigo; porque o que a amizade não alcançou, a perseverança o conseguiu; e o que o amigo não deu por amigo, deu por importunado: *Magna perseverantia, quæ quandiu importuna est, plus amica est quàm amicus. Ecce enim quod amico negatur, perseverantia promeretur.* E d'aqui se segue (infere o Santo) que se deve continuar e repetir muitas vezes a mesma oração, como nós fazemos no Rosario. Porque? Porque a oração que vae diante tem a sua perseverança na oração que se segue atraz: e se esta se não seguir, nem se fizer, perde todo o seu preço e valor a que já está feita: *Semper igitur petendum est, ne precatio ante acta nihil prosit, si non ad finem eodem, quo cœpit, tenere pervenerit.*

Altissimo pensamento! De maneira, que a segunda Ave Maria é, a que dá o valor á primeira, e a terceira á segunda, e assim as demais successivamente; porque ainda que qualquer dellas por si mesma seja oração, não por si só, senão pela que se segue depois, é oração perseverante. São as contas do Rosario como

as cifras, que as que vão adiante, accrescentam o valor das que ficam atraz: ou são as Ave Marias que por ellas se rezam como as ondas do mar, que o pezo das que veem atraz accrescenta maior impulso ás que vão adiante. E este foi o divino conselho com que a Senhora ordenou que as mesmas orações se repetissem tantas vezes no seu Rosario: e que sendo quinze os mysterios, o numero das orações fosse dez e onze vezes quinze. Para que na multiplicação das mesmas orações umas sobre outras se segurasse a perseverança dellas; e Deus, tantas vezes importunado, nos não podesse negar o concurso e assistencia de sua graça, tão necessaria á guarda dos seus mandamentos.

Tambem isto disse David, e o commentou com os mesmos termos S. Gregorio Papa. *Clamavi ad te salvum me fac, ut custodiam mandata tua:* [1] Eu, Senhor, clamei a vós, diz David, e pedi-vos que me deis vossa graça para guardar vossos mandamentos: *Notandum quòd non ait, clamo, sed clamavi.* Notae (diz S. Gregorio) que não diz o Propheta, eu clamo, senão eu clamei; nem diz, eu peço, senão, eu pedi. Pois se David actualmente estava clamando e pedindo, porque não allega o clamor e oração presente, senão os clamores e orações passadas? Porque sabia que a oração, para ser efficaz, ha de ser perseverante, e que Deus, para conceder o que se lhe pede, quer ser importunado: e como a perseverança e a importunação não consiste em um só clamor e uma só oração, senão em muitas, umas sobre outras; por isso quando pede, allega que tem pedido: e quando clama, allega que tem clamado: *Clamavi ad te.* Em proprios termos o grande Pontifice: *Habes in hoc perseverantiæ documentum, ut ab oratione non deficias, sed precibus, et clamori insistas. Vult enim Deus rogari, vult cogi, vult quadam importunitate vinci.* Consistindo pois a perseverança da oração em se repetirem muitas vezes as mesmas preces, e consistindo o importunar a Deus em se lhe tornar a pedir muitas vezes, o que já se lhe tem pedido; bem se segue, que sendo as orações que fazemos no Rosario, tão perseverantes por multiplicadas, e tão importunas por repetidas; não poderá Deus negar aos que o rezam, o que David lhe pedia e elles

[1] *Psalm.* CXVIII, 146.

lhe pedem, que é a graça necessaria para guardar seus mandamentos: *Clamavi ad te, ut custodiam mandata tua: Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.*

VI

Parece-me que tenho mostrado com o testemunho das Escripturas, com a doutrina dos Santos, e com a evidencia das razões, quão propria e singular virtude é a da devoção do Rosario para conseguirmos nesta vida a guarda e observancia dos preceitos divinos, da qual precisamente depende a bemaventurança da outra, para que fômos creados todos, e tantos perdem por sua culpa. Mas a prova mais legal e demonstrativa deste glorioso argumento, não quiz a Virgem Santissima que ficasse ao discurso dos prégadores, nem á piedade dos seus devotos, nem á cortezia ou fé dos que o não fossem, senão que a mesma Senhora, como auctora e fundadora de um instituto tão propriamente seu, a tomou por sua conta. E em quem mostrou a providencia soberana da Mãe de Deus a verdade e efficacia destes poderosos effeitos do seu Rosario? E' a prova tão universal e tão particular, que só poderá ser sua. Mostrou esta virtude do seu Rosario nas pessoas que o rezam, mostrou-a nas familias, mostrou-a nas Communidades, e mostrou-a finalmente, no mundo todo reformado, emendado, e sujeito á obediencia e observancia das leis divinas por esta milagrosissima devoção. Comecemos pelo mundo, para que acabemos por nós.

Fazendo oração S. Domingos na Igreja de S. Pedro em Roma, viu a Christo em throno de estranha e temerosa magestade, que com semblante severo e irado, e com tres lanças de fogo, que tinha na mão direita, queria fulminar o mundo e abrazal-o. Tambem entendeu o Santo quaes eram as causas: e claro está que haviam de ser aquelles tres vicios entre os capitaes capitalissimos, soberba, cubiça, sensualidade: *Ut uno eorum superbos, avaros altero, tertio libidinosos deleret.* Já antigamente parece que tinha Deus ensaiado este castigo em Absalão, tão soberbo, que tirou a corôa da cabeça a seu pae; tão cubiçoso, que lhe roubou o reino; e tão sensual, que lhe não perdoou ao

thalamo; e por isso morto por mão de Joab, e trespassado pelo coração com tres lanças. Mas quem acudiria e intercederia pelo mundo, e quem poria embargos a uma tão terrivel sentença, senão aquella poderosissima Senhora, por cujo respeito o mesmo mundo foi creado, e por cujas orações se conserva e se sustenta? Não quero allegar para isto Santos ou Auctores catholicos, que assim o dizem, senão a tradição dos Rabinos, antes do Messias vir ao mundo. Ouvi a Rabbi Onkelos: *Non solum amore Virginis conditus est mundus, sed etiam sustentatur. Ob scelera enim innumera, quæ mundani committunt, nullo pacto consistere posset, nisi ipsum gloriosa Virgo cum sua misericordia et clementia pro nobis orando sustineret.* [1]

Prostrada pois a Mãe de misericordia diante da Magestade justissimamente irada de seu bemdito Filho, para que revogasse a sentença, lhe representou sómente dois motivos: o primeiro e mais enternecido, foi o do sangue que de suas entranhas tinha recebido, como se dissera: *Projice tela manu sanguis meus:* o segundo, que se as causas de tão merecido castigo eram os peccados e maldades do mundo, e a offensa e desprezo das leis divinas, que a mesma Senhora tomava por sua conta a reforma e emenda do mesmo mundo, porque tinha um servo fidelissimo (apontando para S. Domingos), o qual com uma nova devoção, que lhe ensinaria do seu Rosario, de tão vicioso e depravado como estava o mundo, o faria christão e religioso; de soberbo humilde, de cubiçoso esmoler, de libidinoso casto, e de rebelde e desobediente aos preceitos e mandamentos de Deus, temeroso, sujeito, e muito observante de todos. Acabou a Senhora de dizer. E não é necessario que nós digamos qual foi a resposta do benignissimo Filho, sendo aquelle bom Senhor, que ainda quando mais irado e offendido: *Non vult mortem peccatoris, sed ut magis convertatur et vivat.* Diz S. Paulo, que Christo Senhor nosso, assentado á dextra do Padre, está purgando o mundo de seus peccados: *Purgationem peccatorum faciens sedet ad dexteram majestatis in excelsis.* [2] Quando pois Christo purga o mundo com castigos, purga-o como a prata com fogo: *Argentum igne examinatum purgatum se-*

[1] Rabbi Onkelos apud Galatinum.
[2] *Hebr.*, I, 3.

ptuplum: [1] e assim o queria agora purgar com os raios daquellas tres lanças. Mas como a sua inclinação é de perdoar, quando elle queria purgar o mundo com fogo, vêde se gostaria muito de que sua Mãe o purgasse com rosas? Acceitou de muito boa vontade o partido, e o effeito foi tão conforme e tão egual á promessa, como a mesma Virgem Maria o referiu.

Foi descahindo com o tempo, como acontece a todas as coisas boas, a devoção do Rosario, e tomando a Senhora por restaurador e reformador della ao Santo Frei Alano de Rupe, depois de lhe lançar ao pescoço um Rosario de pedras preciosas, e lhe fazer outros maiores favores, disse-lhe desta maneira: Quando meu servo Domingos começou a prégar o meu Rosario em Italia, França, Hespanha e outras partes, foi tal a mudança do mundo, que parecia, haverem-se trocado os homens de carne em espiritos angelicos, ou que os Anjos tinham descido do céu a morar na terra. Os hereges se convertiam a milhares: os catholicos desejavam ardentissimamente o martyrio em defeza da fé: os grandes peccadores confessavam com publica detestação suas culpas, e com entranhavel dôr, e infinitas lagrimas se reduziam á vida reformada e santa: até os meninos e donzellas de tenra edade faziam rigorosissimas penitencias. Desprezava-se a riqueza, o regalo, a liberdade e povoavam-se as Religiões: faziam-se muitas esmolas, levantavam-se templos, edificavam-se hospitaes. A guarda da Lei de Deus, a auctoridade do Pontifice, a justiça dos principes, a paz dos povos, o honesto trato das familias, tudo florescia com taes exemplos de virtude e christandade, que se não póde encarecer o ponto em que esteve, não se tendo por christão, quem em reverencia minha, e culto de meu sagrado Filho não rezasse devotamente o Rosario, nem havendo lavrador, que pegasse no arado, nem official, que puzesse a mão no trabalho de que sustentavam a vida, antes de me offerecer este tributo, e a Deus este sacrificio, a sua Divina Magestade tão agradavel.

Isto, e muito mais, é o que referiu a mesma Virgem Maria ao novo e grande restaurador de seu Rosario, Alano, como o mesmo Santo deixou escripto e

[1] *Psalm.* XI, 7.

firmado de sua mão. Mas ainda o mesmo Auctor e outros muitos contam outra maravilha, que eu reputo por maior, e creio que tambem a terão por tal todos os que souberem o que são Communidades. Uma communidade de Religiosas (das quaes só se diz que eram claustraes, sem se nomear a Religião) estava tão relaxada e esquecida de seus institutos, que por nenhum meio, nem suave, nem violento poderam acabar os Prelados que admittissem reformação. Viu porém um delles, que de uma das cellas do mesmo convento sahiam grandes resplandores, dos quaes fugiam muitos demonios, e sem resistencia entravam pelas outras. Morava nesta cella uma freira de poucos annos, a quem as demais chamavam hypocrita, e como tal a desprezavam e perseguiam: e as suas hypocrisias eram rezar todos os dias o Rosario da Virgem Santissima com muita devoção, e conservar quanto lhe era possivel a observancia do instituto. Informado pois o Prelado da causa dos resplandores que vira, mandou vir grande quantidade de Rosarios curiosamente guarnecidos, metteu-os na manga, e estando junta a Communidade, disse a todas as Religiosas, que elle com consulta e conselho dos Padres da Provincia, tinha resoluto de não tratar mais da reforma daquelle convento, pois ellas tanto a repugnavam: e que sómente em logar dos antigos institutos da Ordem, a que se não queriam sujeitar, lhes rogava quizessem acceitar, como por concerto, uma pensão tão leve, como rezar todos os dias o Rosario da Senhora. Acceitaram ellas facilmente a condição, muito satisfeitas de se verem alliviadas para sempre das instancias ou perseguição da reforma: e então tirou o Prelado os Rosarios, que pela curiosidade do asseio, mais que pela devoção, foram muito bem vistos; e repartidos entre todas, se despediu. Mas, ó potencia, ó virtude, ó graça do Santissimo Rosario, mais admiravel no que aqui succedeu, que na conversão de todo o mundo! Poucos mezes havia que se rezava o Rosario no convento, quando todas as freiras, já verdadeiramente Religiosas, de commum consentimento, sem haver alguma que discrepasse, com grande submissão e humildade mandaram pedir ao Prelado que logo quizesse vir fazer a reforma; porque todas estavam não só dispostas, senão muito desejosas de se conformar com o primitivo espirito da Ordem, e observar pontualmente todas suas regras e institutos.

Assim se fez com grande edificação e applauso. E eu torno a dizer, que foi maior maravilha do Rosario a reforma desta communidade, que a do mundo tão perdido. Porque da perdição á conversão, como affirma S. Gregorio, não é muito difficultosa a passagem; porém da relaxação á perfeição, é totalmente desesperada, e quasi impossivel: *Frigus ante teporem sub spe est: tepor autem post frigus in desperatione.* [1] Allude o grande Pontifice ao recado que Christo Senhor nosso no Apocalypse mandou ao Bispo de Laodicéa, dizendo-lhe, que, porque não era frio nem quente, senão tibio, o lançaria ou vomitaria de si: *Utinam frigidus esses, aut calidus, sed quia tepidus es, incipiam te evomere.* [2] Nesta sentença da summa verdade é mais facil topar com a experiencia, que achar a razão. Porque estando o tibio mais perto do quente, e o frio mais longe, parece que passar do tibio ao quente ha de ser mais facil que do frio. E comtudo na virtude mostra a experiencia o contrario; porque mais facilmente se passa de um extremo ao outro, que do meio ao extermo. E' o meio nas materias da perfeição, como nas da politica, em que as resoluções meias são as peores, porque não atam nem desatam. Tambem a neutralidade é meio; e peor é a profissão de neutral, que a de inimigo declarado, como disse o mesmo Christo: *Qui non est mecum, contra me est.* [3] Tal vem a ser o estado da Religião relaxada, que nem totalmente é mundo, nem totalmente Religião, e professando o serviço de Deus, e o desprezo do mundo, mais é do mundo, que de Deus. Oiçamos a Cassiano, o maior e mais experimentado mestre dos bens e males das Religiões: *Frequenter videmus de sæcularibus ac paganis, ad spiritualem pervenire fervorem, de tepidis atque animalibus omnino non videmus:* [4] frequentemente vemos que homens seculares, e ainda gentios, passam a ser perfeitos Religiosos; mas que Religiosos tibios e imperfeitos passem a ser perfeitos, nunca tal vimos: logo maior milagre foi do Rosario reformar uma Communidade relaxada que converter e emendar o mundo, quando estava tão perdido.

---

[1] *Apoc.*, III, 15 e 16.
[2] D. Greg. 3 p. Pastor.
[3] *Luc.*, XI, 23.
[4] Cassian. Collat. 4.ª, Cap. 19.

Na reformação das familias, reduzindo a economia dellas á observancia da Lei de Deus, não mostra menos nos seus grandes poderes a devoção do Rosario. Em França, onde os animos são tão orgulhosos e bravos (e por isso parece que quiz a Senhora que nascesse o seu Rosario naquella terra) havia duas familias das mais principaes, cujas cabeças se perseguiam e infestavam com immortaes odios, sendo gravissimos os damnos que se tinham feito, e maior ainda o perigo dos que se temiam. Por esta causa trabalhou muito a caridade de S. Domingos por reconciliar estes dois inimigos; mas como eram illustres, poderosos e offendidos, nunca houve remedio. Finalmente, determinou-se o Santo a os render por força, recorrendo ás suas armas, e sem fallar a um no outro, nem trazer á memoria a questão, affeiçoou e persuadiu a cada um em particular, que fossem devotos do Rosario.

Nos odios de Esaü com Jacob, como Esaü era mais poderoso, diz o Texto sagrado, que Jacob dividiu o seu poder e a sua gente em tres terços. Porém S. Domingos, como os dois inimigos que queria sujeitar com as suas armas, eram egualmente fortes, e ambos resistiam tão obstinadamente, que nenhum se queria render, contra ambos ordenou tambem, e dispoz os seus terços, que eram os do Rosario, e não pouco parecidos aos de Jacob. No primeiro ia Bala e Zelpha, uma e outra escrava, e representava o primeiro terço do Rosario, que é o dos mysterios da Encarnação, em que a Senhora concebeu o Verbo Eterno, dizendo: *Ecce ancilla Domini.* [1] No segundo seguia-se Lia, singular na fecundidade, e representava o segundo terço do Rosario, que é o dos mysterios da Paixão, em que a Senhora ao pé da cruz, debaixo do nome de João, foi constituida Mãe de todo o genero humano: *Mulier, ecce filius tuus.* [2] O terceiro por fim rematava-se na formosa, e sobre todas amada Rachel; e representava o terceiro terço do Rosario, que é o dos mysterios da Resurreição, e da gloria, em que a Senhora foi preferida na graça, e no amôr com excesso infinito a todas as creaturas; e como tal collocada jun-

[1] *Luc.*, I, 38.
[2] *Joan.*, XIX, 26.

to á Pessoa do mesmo Christo, como Rachel á de Jacob: *Astitit Regina à dextris tuis.* [1] Estes eram os terços com que de uma e outra parte invisivelmente, e sem entender o que faziam, nem o pretender fazer, se combatiam com armas eguaes os dois inimigos, observando o fim da batalha só quem os tinha mettido em tão nova e occulta guerra. E qual foi o successo? A batalha era occulta, mas o successo foi muito publico, e caso verdadeiramente prodigioso.

Depois que um e outro inimigo continuaram em rezar o Rosario, succedeu que vindo de partes oppostas, se encontraram ambos em uma rua, e quando os que os viram e conheceram, tiveram por certo que naquelle encontro se acabavam de destruir e matar; eis que ambos levados do mesmo impulso interior, não com as espadas nas mãos, senão com os braços abertos, se foram um para o outro, e se abraçaram estreitissimamente, mais como irmãos, que como amigos, e se deram e imprimiram no rosto os mais amorosos signaes da paz: bem assim como Esaü a Jacob, de quem diz a Escriptura: *Currens itaque Esau obviam fratri suo amplexatus est eum, stringensque collum ejus, et osculans, flevit.* [2] As palavras formaes com que S. Domingos os tinha exhortado a rezar o Rosario, foram que aquella tão facil devoção, e que tão pouco tempo occupava, lhes aproveitaria grandemente para cumprir com as Leis de Deus, e de cavalleiros christãos. E esta foi a razão que elles mesmos se deram, dizendo que era bem se acabassem entre ambos os odios, pois a Lei de Christo mandava que se amassem os inimigos. Logo não só se perdoaram de parte a parte os aggravos, mas sem pleito nem controversia se restituiram damnos de uma e outra familia: nas quaes se perpetuou egualmente a amizade, e a devoção a que a deviam.

Nas pessoas particulares, assim como são mais frequentes as quebras dos preceitos divinos, assim o são tambem os effeitos maravilhosos do Rosario na emenda e mudança das vidas. Um só exemplo referirei succedido não muito longe da nossa terra. Havia na cidade de Saragoça um fidalgo poderoso, chamado

[1] *Psalm.* XLIV, 10.
[2] *Gen.*, XXXIII, 4.

Dom Pedro, de costumes tão escandalosamente depravados, como o costumam ser aquelles em que o vicio se ajunta com o poder. Ainda não tinha perdido a fé, porque cria que havia inferno: nem tinha perdido o entendimento, porque conhecia o estado de sua vida: mas totalmente tinha perdido a esperança, porque estava resoluto e tinha assentado comsigo, que sem duvida se havia de condemnar, e por isso em quanto não vinha a morte, era daquelles que dizem a seus appetites: *Coronemus nos rosis antequam marcescant.* [1] Mas contra estas rosas, que verdadeiramente são espinhas, tem Deus outras espinhas que produzem rosas. Entrou Dom Pedro em uma Igreja, levado, não da devoção, mas da curiosidade, pela fama com que alli prégava S. Domingos. Tratava o Santo actualmente, e ponderava com grande energia e força de espirito aquelle Texto do Evangelho: *Qui facit peccatum, servus est peccati:* [2] quem commette o peccado, é escravo do peccado: e como eram tantos os peccados deste novo ouvinte, outras tantas foram as cadèas com que o Santo em feissima figura o viu atado, tiradas todas por demonios, que em grande multidão o cercavam. Succedeu isto duas vezes; e para que o miseravel homem se conhecesse, e os demais cobrassem horror ao peccado, pediu o zelosissimo prégador a Deus, que vissem todos o que elle via.

Oh se succedesse o mesmo neste auditorio, quantos escravos e escravas do peccado, quantas cadèas forjadas no inferno, e quantos demonios se veriam? Foi tal o assombro, a confusão, o tumulto, com a vista daquelle horrendo espectaculo, que todos não cabendo pelas portas, fugiam da Igreja dando gritos. Fugiam do miseravel os estranhos, fugiam os amigos, fugiam os criados, e até a triste mulher, que tambem se achava presente, fugiu. Só elle que não se via, attonito e pasmado, quizera tambem fugir de si mesmo, mas queria Deus que entrasse em si, e para isso lhe mandou S. Domingos por seu companheiro um Rosario, com o qual lançado ao pescoço se foi lançar aos pés do Santo, chorando e confessando seus peccados com a dôr, contrição, e lagrimas, que pedia o caso. Consultada a Virgem Senhora nossa sobre a penitencia que se lhe

[1] *Sapient.*, II, 8.
[2] *Joan.*, III, 34.

havia de dar, ordenou que rezasse o Rosario por toda a sua vida, e que para satisfazer ao escandalo publico, fizesse na mesma Igreja outras penitencias tambem publicas, as quaes elle acceitou e executou com grande submissão e humildade, pedindo perdão a toda a cidade do mau exemplo que lhe tinha dado. Continuou a rezar e meditar todos os dias o Rosario com grande attenção e devoção; e foi tal a mudança de sua vida com esta nova cadèa, a que se atou, e tal o fervor de espirito e perfeição de santidade, que a Senhora lhe communicou por meio della, que aquelle mesmo Dom Pedró, que tão grande peccador tinha sido, obrava depois coisas milagrosas. E em testemunho da graça a que Deus o tinha sublimado naquella mesma Igreja, em que o tinham visto prezo pelos demonios, estando em oração um dia solemne, viu todo o mesmo povo que desciam Anjos do céu, e lhe punham uma corôa de rosas sobre a cabeça. Taes são, Virgem Santissima, as mudanças que faz, ainda nos maiores desprezadores das leis divinas, a devoção e virtude do vosso santissimo Rosario.

VII

A mesma mudança, christãos (se queremos acabar de o ser), obrará em hós este soberano remedio, tão poderoso, e tão provado. Prometteu o Propheta Samuel a Saül, que o espirito de Deus entraria nelle, e elle seria mudado em outro homem: *Insiliet in te spiritus Domini, et mutaberis in virum alium.* [1] Não póde haver maior mudança, que aquella em que o mesmo homem é mudado e trocado em outro. E quando ou porque meios havia de succeder a Saül, e em Saül esta tão prodigiosa mudança? O mesmo Propheta o diz, e não são menos prodigiosas para o nosso caso as circumstancias com que elle o refere, e os signaes que lhe dá por isso: *Venies in collem Dei, obvium habebis gregem prophetarum descendentium de excelso, et ante eos psalterium, et tympanum, et tibiam, et citharam, ipsosque prophetantes. Et insiliet in te spiritus Domini, et mutaberis in virum alium:* [2]

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, x, 6.
[2] *Ibid.*, 5.

Ireis ao monte de Deus, encontrareis os Prophetas que veem de fazer oração no mesmo monte, cantando ao som do Psalterio, que trarão diante de si, acompanhado de uma cithara, de um tambor, e de uma flauta, e então entrará em vós o Espirito do Senhor, e sereis trocado em outro homem. Que monte de Deus, que oração, que Prophetas, que Psalterio, e que tres instrumentos são estes de que se compõe a sua harmonia, e com que se ha de seguir em Saül uma tão notavel mudança? Caso raro! O monte de Deus, como declara o Chaldeu, era naquelle tempo o logar onde estava e era venerada a Arca do Testamento, bem conhecida imagem da Virgem Senhora nossa: *In collem, in quo erat Arca Domini.* Os Prophetas eram os Religiosos do mesmo tempo, em que foram significados os da Lei da graça, e particularmente os do espirito dominicano, que este é o que se prometteu a Saül: *Insiliet in te spiritus Domini:* a oração que tinham feito, e vinham continuando, bem se segue que era o Rosario da Senhora, que desde o seu principio se chamou Psalterio da Virgem: *Et ante eos Psalterium:* os tres instrumentos que acompanhavam e compunham a harmonia, eram as tres differenças dos mysterios do Rosario: os Gososos significados na suavidade da cithara, os Dolorosos nos golpes e bater do tympano, e os Gloriosos na tibia, que é uma trombeta flautada, dizendo David: *Ascendit Deus in jubilatione, et Dominus in voce tubæ.* [1] E finalmente, a razão porque se seguiu em Saül uma tão notavel mudança, o mesmo Texto o diz expressamente: e não foi outra a razão ou a causa, senão porque Saül se ajuntou a rezar ou cantar com os demais a mesma devoção e orações que elles vinham cantando: *Insiluit super eum spiritus Domini, et prophetavit in medio eorum.* [2]

Sabeis, senhores, porque se experimenta tão pouca mudança nas vidas, e se vê entre os catholicos tão pouca observancia da Lei e mandamentos de Deus, é porque falta a devoção do Rosario. A mesma Senhora (para que ninguem duvide desta conclusão) se dignou de o manifestar assim, accudindo pelo cre-

[1] *Psalm.*, XLVI, 6.
[2] *1.º Liv. dos Reis.* X, 10.

dito de um instituto tão propriamente seu. Quando o Rosario se começou a propagar pelo mundo com tanta fama e honra de seus milagrosos effeitos, como vimos, houve comtudo uma mulher (que sempre as Evas foram instrumentos do demonio) a qual sendo affeiçoada a outras devoções, não só não recebia nem estimava esta, antes lhe fazia publica guerra, persuadindo, como dogmatista, o mesmo erro a outras de tão leve juizo como o seu. Castigou-a a Virgem Santissima com uma larga e perigosa enfermidade; mas como este açoite não bastasse para desistir ou sarar de tamanha loucura, a Senhora, como Mãe de misericordai, depois de lhe mostrar em uma visão a gloria que gosam no céu os devotos do Rosario, e os males que incorrem nesta vida os que o não são; para mais a desenganar e confundir com a propria experiencia, discorrendo pelos mandamentos, lhe foi mostrando particularmente todos os peccados que tinha commettido por não rezar o Rosario. Tão certa é a virtude desta soberana devoção, e tão propria a efficacia que lhe deu para a guarda de sua divina Lei, e observancia de seus mandamentos!

Quando Moysés recebeu a Lei de Deus no monte Sinay, deteve-se alli quarenta dias. E porque razão tão largo tempo, sendo a Lei tão breve? S. Methodio suppõe como coisa certa, recebida, ou por tradição, ou por revelação, que a causa de tão larga detença foi, porque naquelles dias esteve Deus declarando a Moysés as figuras difficultosas de entender, que pertenciam á Virgem Maria: *Nonne Moyses ille magnus propter figuras intellectu difficiles, quæ te, Virgo, tangebant diutius in monte commoratus?* A principal figura pois, que consta da Escriptura, foi revelada a Moysés naquelle monte, é a Arca do Testamento, chamada assim, porque nella se guardaram as Taboas da Lei. E como nesta Arca se encerravam todos os mysterios, e nesta figura todas as figuras da vida da Mãe de Deus, e de seu Filho feito homem; por isso Deus se deteve tantos dias em declarar as mesmas figuras a Moysés. E chamam-se estas figuras que pertenciam á Virgem, difficultosas de entender, *Figuras intellectu difficiles;* porque taes eram em commum e em particular. Em commum, porque aquellas figuras representavam os mysterios da Encarnação, Vida, Morte, Resurreição, e Ascensão do Filho de Deus, que feito

homem havia de vir remir o mundo; e de uma Virgem que havia de ser sua Mãe (que são os mesmos mysterios do Rosario), todos altissimos, profundissimos, e nunca até áquelle tempo imaginados dos homens. E em particular; porque o que Deus particularmente fazia no monte Sinay, era dar leis aos homens, e desenhar a traça da Arca, em que as mesmas leis se haviam de guardar com summa veneração. E posto que facilmente se entendia como as leis materiaes se podiam guardar em uma Arca; era porém muito difficultoso de entender, que as figuras dos mysterios representados na mesma Arca, houvessem de ter virtude, para que moralmente se guardassem as mesmas leis. Isto foi pois o que Deus declarou a Moysés no monte, e não só com palavras, senão com a experiencia, e com o successo das mesmas leis, e da mesma Arca. As leis fel-as Deus, e escreveu-as duas vezes por sua propria mão naquelle mesmo logar: e que successo tiveram umas e outras tambem em figura? As primeiras quebrou-as Moysés, as segundas conservou-as a Arca. E então se acabou de entender a virtude que tinha a Arca, e os mysterios nella figurados, para por meio della e delles se guardarem as Leis de Deus, e seus mandamentos.

Só resta contra tudo o que temos dito uma duvida, e não pequena. A experiencia mostra, que muitos rezam o Rosario, e nem por isso guardam as Leis de Deus, antes vemos que assim como todos os dias o rezam, assim todos os dias as quebram, e muito gravemente: logo não tem o Rosario a virtude que delle prégamos? Sim, tem. E quem nos ha de responder a este argumento não é menos Auctor que a mesma Virgem Santissima, que melhor que todos conhece a virtude do seu Rosario, e os defeitos dos que o rezam. Quando a Senhora referiu ao Santo Frei Alano a grande reformação que tinha feito no mundo a devoção do Rosario, accrescentou, que eram tão reformados na vida e costumes todos os que o rezavam, que se acaso se via algum catholico menos observante das obrigações de Christo, e distrahido em vicios, logo se dizia como em proverbio: aquelle ou não reza o Rosario, ou o não reza com a attenção que deve. Rezar o Rosario não é passar contas: é orar com attenção aos mysterios que nelle se consideram, e com advertencia ao que se diz, e com affecto ao que se pede a Deus,

e a sua Mãe. Um Religioso Cartuxo rezava o Rosario muito apressadamente, e muito divertido, porque tinha um officio de grande occupação, e ouviu uma voz do céu, que dizia: Essas rosas são muito seccas e murchas, não se acceitam cá. E se a pouca advertencia de um monge, occupado por obediencia, impedia o fructo do Rosario, que serão os divertimentos vãos, os pensamentos ociosos, e os cuidados, affectos e intenções, não só differentes e alheios da graça de Deus, que se pede, senão totalmente contrarios?

Não mostrámos no primeiro fundamento deste discurso, que os mysterios do Rosario foram instituidos para nos vermos nelles como em espelhos, e com a consideração de tão altos e poderosos exemplos moderarmos nossas paixões, e refrearmos a rebeldia do alvedrio livre e depravado? Não mostrámos que as orações vocaes com que se acompanha a meditação dos mysterios, tão multiplicadas e repetidas, são para pedir, rogar e importunar a Deus, que por intercessão de sua Santissima Mãe nos conceda a graça, sem a qual não podemos guardar seus mandamentos? Pois se os mysterios se não meditam, e nas orações não oramos, nem ainda fallamos, porque o pensamento e o affecto está n'outra parte: se a chamada devoção da Senhora não é devoção, nem o Rosario Rosario: e se os mandamentos de Deus, que por meio delle haviamos de guardar, nós mesmos (e muitas vezes no mesmo tempo, em que passamos as contas), estamos cuidando o modo com que os havemos de quebrar; como queremos que faça o Rosario em nós os effeitos que nós mesmos estamos encontrando, e não querendo? Reze-se o Rosario como a Virgem Santissima ordenou que se rezasse: e se somos peccadores, seja com desejo de o não ser, pedindo com verdadeira confusão de nossa miseria, e detestação dos mesmos peccados, que Deus nos livre delles como de todo o mal, e nos dê forças e espirito para resistir ás tentações: e deste modo sendo o Rosario Rosario, os seus effeitos serão tambem os seus: e se verá em nós tal mudança de vida, que por meio da observancia dos preceitos de Deus gozemos a bemaventurança promettida aos que os guardam: *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.*

St. Ignatius' Church,
3220-43rd St. S.E.
Portland, Oregon

INDICE

PAG

Sermão de Nossa Senhora da Graça 5
Sermão de Nossa Senhora de Penha de França 37
Sermão do Santissimo Nome de Maria 63
Sermão da Conceição Immaculada da Virgem Maria N. S. 109
Sermão da Conceição da Virgem Senhora Nossa . . . 137
Sermão de Nossa Senhora da Graça 155
Sormão de Nossa Senhora do Ó 189
Sermão de Nossa Senhora da Conceição 217

Sermões do Rozario

Sermão 1.º 239
Sermão 2.º 271
Sermão 3.º 315
Sermão 4.º 353
Sermão 5.º 377